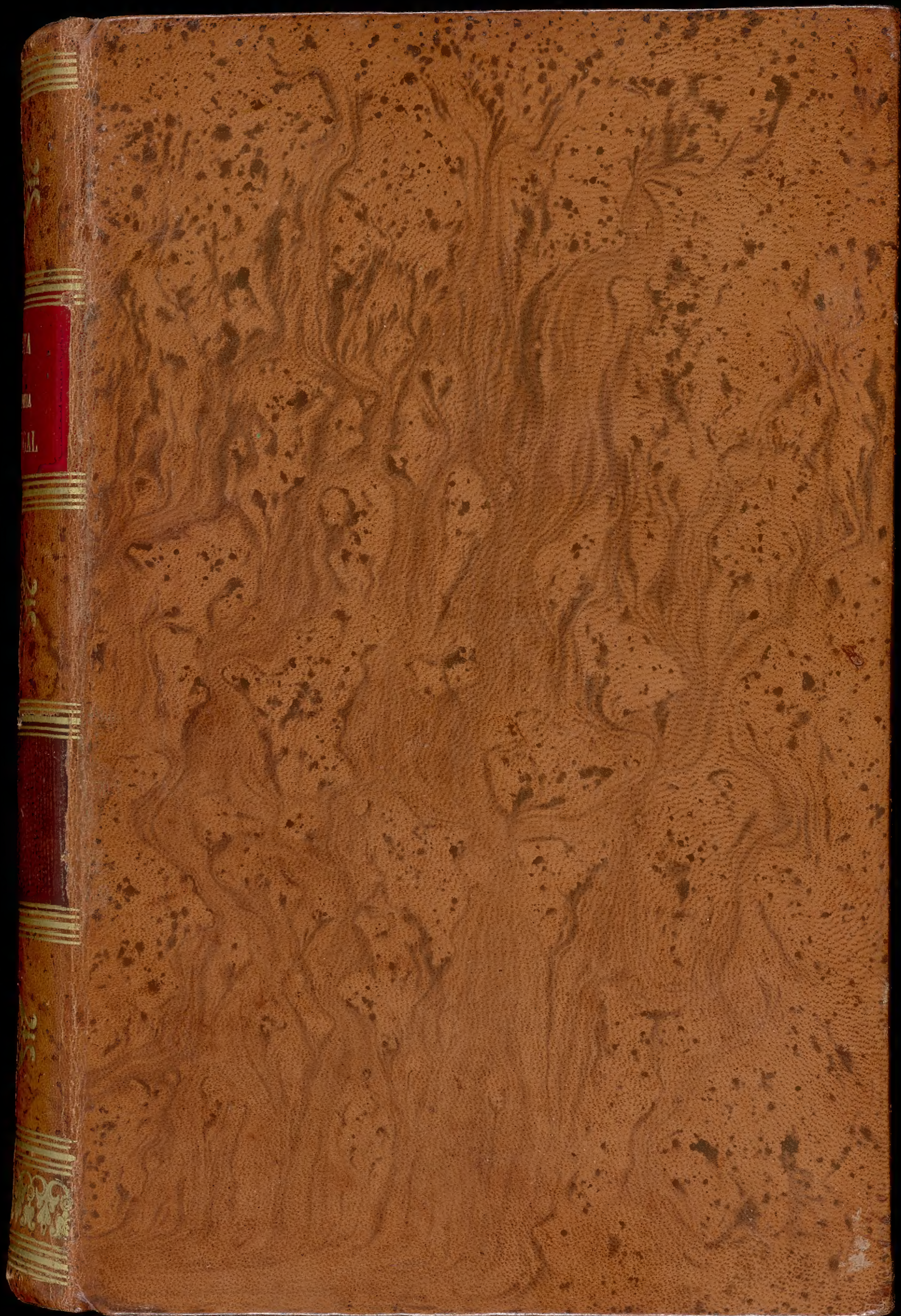
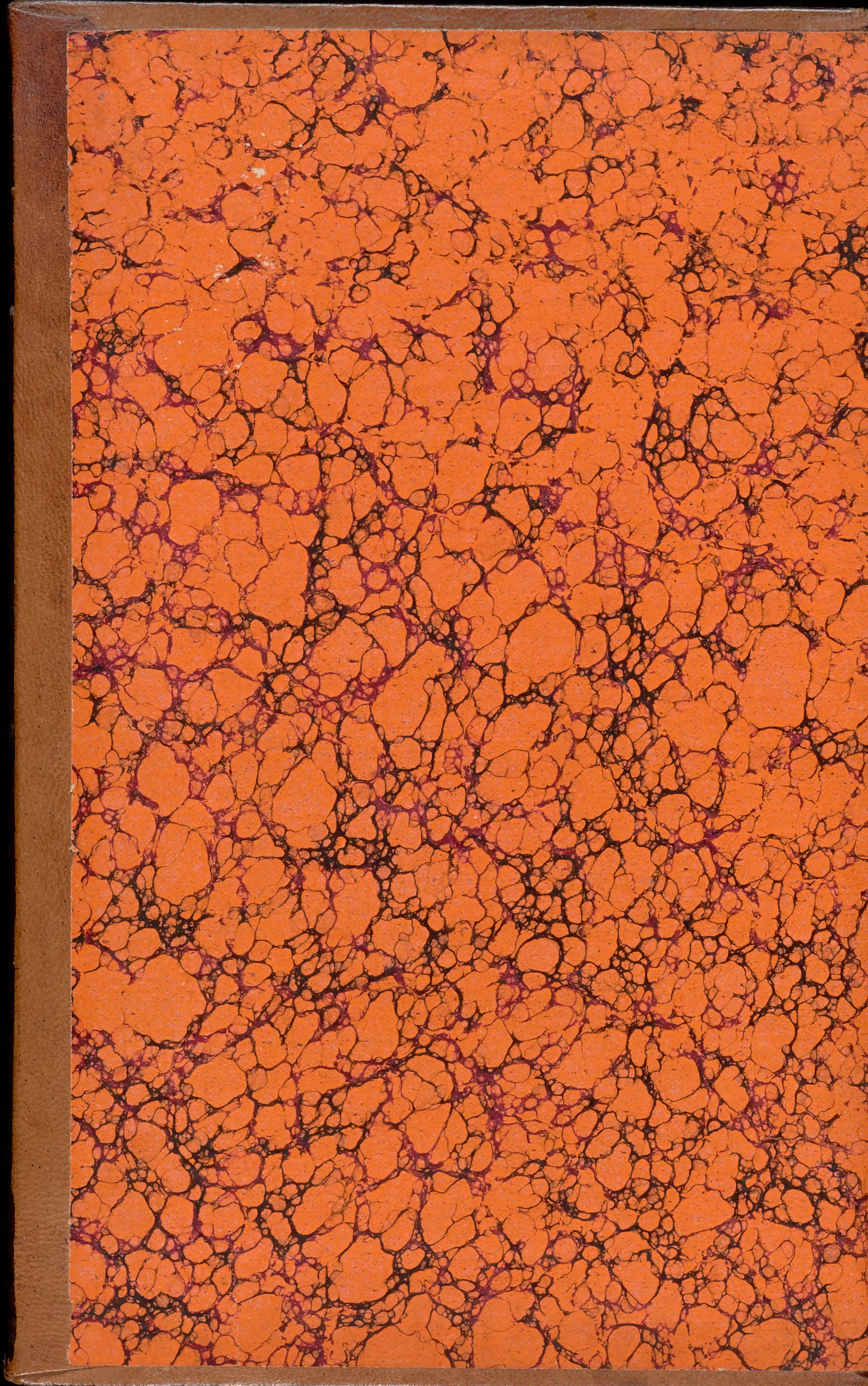






CHOROGRAPHIA MODERNA

DO

REINO DE PORTUGAL

CHOROGRAPHIA MODERNA

DO

REINO DE PORTUGAL

POR

JOÃO MARIA BAPTISTA

CORONEL DE ARTILHERIA REFORMADO

COADJUVADO POR SEU FILHO

JOÃO JUSTINO BAPTISTA DE OLIVEIRA

OBRA PREMIADA NO CONGRESSO INTERNACIONAL DE GEOGRAPHIA E ESTATISTICA

REUNIDO EM PARIS EM 1875

VOLUME IV

LISBOA

TYPOGRAPHIA DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS

1876

PROVINCIA

DA

EXTREMADURA

DISTRICTO ADMINISTRATIVO

DE

LEIRIA

(K)

CONCELHO DE ALCOBAÇA

(a)

PATRIARCHADO

COMARCA DE ALCOBAÇA

ALCOBAÇA

(1)

Ant.ª V.ª de Alcobaça na ant.ª com. de Leiria.

Era cab.ª dos coutos de Alcobaça pertencentes ao conv.º de S.ta Maria de Alcobaça, da ordem de S. Bernardo, os quaes coutos comprehendiam 13 V.as

Hoje é cab.ª do actual conc.º e da actual com. de Alcobaça.

Está sit.ª em logar baixo, relativamente ás serras que lhe ficam proximas, 12k a E. do Oceano, na estr.ª real de Leiria para as Caldas da Rainha. Dista de Leiria 6l para S. O.

Tem uma só F. da inv. do Santissimo Sacramento, vig.ª da ap. do conv.º de S.ta Maria de Alcobaça. Hoje é prior.º

Compr.e esta F., além da V.ª, o L. de Palmeira e a q.ta da Ponte de Elias.

P...	C..........	600	
	A..........	340	
	E. P.......	300...............	1400
	E. C..........................		1458

Tem casa de misericordia e hospital.

A egreja parochial da V.ª é hoje a do ext.º conv.º

Não cabe nos limites d'esta obra o transcrever quanto encontrámos nos differentes auctores relativamente ao grandioso monumento de S.ta Maria de Alcobaça: resumiremos com tudo o mais notavel para que o leitor curioso procure o restante nas proprias origens, e o viajante instruido encontre as belezas d'arte que simplesmente se lhe apontam.

Foi este conv.º fundado por el-rei D. Affonso Henriques em 1148, em cumprimento de um voto feito por occasião da tomada de Santarem, de que *doaria aos monges de S. Bernardo todas as terras que se avistavam do alto da serra de Albardos, caso se verificasse a conquista da dita V.ª*

Alguns soberanos, successores d'este nosso primeiro rei, acrescentaram e aformosearam este protentoso edificio. O côro e sachristia são obra d'el-rei D. Manuel, o refeitorio do cardeal infante D. Affonso que foi abb.e do conv.º: os cinco claustros e sete dormitorios foram construidos por diversos monarchas e alguns á custa da ordem. A famosa e riquissima livraria tambem á custa da ordem; assim como a cosinha, cujo pavimento era lavado por um rio, e a chaminé de fórma pyramidal descançava sobre oito columnas de ferro: n'esta cosinha se guardava a celebre caldeira de cobre tomada ao rei de Castella na batalha de Aljubarrota e da qual fez presente ao conv.º el-rei D. João I. Desappareceu em 1834, segundo diz J. A. de Almeida no *D. C.*

Tudo isto era digno de ser admirado depois do magestoso templo, de soberbo frontespicio gothico, e differentes capellas com diversas ordens de architectura, segundo os tempos em que foram construidas: dos tumulos de D. Affonso II, D. Affonso III, D. Pedro I e sua esposa D. Ignez de Castro, e de outras rainhas e infantes que ali jazem.

Este celebre conv.º da ordem de S. Bernardo e cabeça de todos os da mesma ordem, foi invadido pelos arabes em 1195, incendiado pelos francezes em 1810, e extincto em 1834: e não obstante um decreto da senhora D. Maria II, de sempre saudosa memoria, que mandou conservar o edi-

ficio como um monumento historico, tem progredido a obra da destruição, com excepção sómente da egreja que, pelo contrario, em 1868 se estava reparando e aformoseando.

Ainda se podem ir ver e admirar os preciosos tumulos de D. Pedro I e d'aquella que *depois de morta foi rainha*, que excedem em bordados e relevos aos proprios da Batalha, segundo diz o *D. C.*, o que não podemos affirmar ou negar por não termos visto detidamente uns e outros.

O leitor que se não contentar com esta resumida noticia do conv.º, e quizer além d'isso saber a grandeza, riquezas e privilegios d'esta insigne cabeça da ant.ª ordem de Cister e bem assim os titulos, honras e cargos que exerciam seus abb.es, consulte os nossos antigos auctores de historia e chorographia e especificadamente, por melhor nos lembrarem e os termos á mão, a *Geographia Historica* de Lima, a *Chorographia* de Carvalho, a *Monarchia Lusitana* de fr. Bernardo de Brito, as *Chronicas de Cister*, o *Mappa de Portugal* de J. B. de Castro e finalmente entre os modernos o *D. C.* de J. A. de Almeida vol. I, pag. 24 e seguintes, o appenso vol. III. pag. 13 e 14, e o *D. G.* do sr. P. L. no artigo Alcobaça.

Teve esta V.ª castello de que hoje só existem ruinas.

É abundante de todos os frutos, de gado e de caça: as suas frutas tem um sabor especial, chegando a todo o reino a fama dos bellos peros e camoezas e que os seus delicados pecegos egualmente merecem.

As aguas são excellentes e em grande abundancia.

O clima é saudavel e ameno.

Finalmente esta terra, é uma das melhores da Extremadura e seguramente a melhor das V.as d'esta provincia.

Graciosa, fresca, regada pelos seus dois rios, farta de frutas e de sombras, é na primavera e verão um ameno jardim que merece ser visitado e apreciado pelos que podem, hoje tão commodamente, gosar as suas bellezas campestres, a par de uma sociedade escolhida, e no centro de uma população geralmente affavel e obsequiadora.

N'esta V.ª houve antigamente uma fabrica de tecidos de

algodão, e eram conhecidos em todo o reino os seus celebrados lenços, chamados de *Alcobaça*. O *D. C.* diz ter sido esta fabrica incendiada durante a guerra peninsular, mas tenho idéa de ouvir dizer na propria localidade que trabalhara (essa ou outra) ainda depois, o que não affirmo.

Hoje, diz o mesmo *D. C.*, só existe uma fabrica de meias.

Tem feiras annuaes em 20 de agosto e 30 de novembro: mercado semanal nos domingos e mensal nos dias 25.

Segundo a *Geographia Commercial e Industrial* do sr. João Felix, ha n'este conc.º 67 caldeiras ou alambiques de distillação, 5 colmeias, uma fabrica de chapeos ordinarios, duas de cortumes, uma de papel, 19 fornos de cal, 1 de cal hydraulica, 14 de telha e tijollo, 40 lagares de azeite, 163 de vinho, duas machinas de distillação de aguardente, uma mina de asphalto, 277 moinhos, 3 officinas de arcos de pipas, uma de fogo de artificio, duas de phosphoros, 4 ollarias, 1 tear de lã, 17 de linho.

Tem estação telegraphica.

Tem este concelho:

Superficie, em hectares	45224
População, habitantes	26796
Freguezias, segundo a *E. C.*	18
Predios, inscriptos na matriz	27183

Deu-lhe foral, ao que parece, el-rei D. Affonso Henriques em 1148, e novo foral el-rei D. Manuel em 1513, ou 1814 conforme o *D. G.* do sr. P. L.

Parece que o nome d'esta V.ª é derivado dos dois rios Alcôa e Baça.

ALFEIZIRÃO

(2)

Ant.ª V.ª de Alfeizirão na ant.ª com. de Leiria, de que eram don.os os abb.es de Alcobaça, por ser couto do conv.º

Em 1840 pertencia esta V.ª ao conc.º de S. Martinho do Porto, ext.º pelo decreto de 24 de outubro de 1855, pelo qual passou ao de Alcobaça.

Está sit.ª a O. da serra de Alfeizirão, em campo largo,

sendo o terreno para o lado mar cheio de paues: uma legua a E. do Oceano. Tem estr.ª real para S. Martinho do Porto e outra para a estr.ª real de Leiria ás Caldas da Rainha.

Dista de Alcobaça 3^1 para O. S. O.

Tem uma só F. da inv. de S. João Baptista, vig.ª que era da ap. do conv.º de Alcobaça.

(O vig.º da F. de S. João Baptista de Alfeizirão, era em 1708 conjunctamente prior da F. da V.ª de S. Martinho.)

Compr.^{e} esta F., além da V.ª, os log.^{es} de Val de Maceira, Vallado=Macalhona, Sapeiros, Val da Palha, Val da Cella, Sapateira, Casaes do Norte, Casal do Pardo, Casal Velho, Casal do Padre Antonio, Casalinho, Xarnaes; as q.^{tas} de S. José, de José Bento; e as H. I. de Valle, Aguiar, Mosqueiros, Val das Astias ou Val das Hastes, Val da Palha, Moinhos da Fonte, Figueira.

Vem mencionados em Carv.º, os log.^{es} de Val de Maceira, Vallado, Macalhona, Casal Velho, Casalinho, Mosqueiros.

P...	C...........	160 (V.ª e termo)	
	A...........	400	
	E. P.........	411..............	2116
	E. C...........................		1842

Tem casa de misericordia e duas ermidas.

Tem castello ant.º (hoje em ruinas) cujo alcaide mór era nomeação dos abb.^{es} de Alcobaça.

É abundante de trigo, centeio e milho; e recolhe algum vinho.

É abundante de aguas e tem um bom chafariz.

Tem feira, de 3 dias, começando em 15 de janeiro.

Deu-lhe foral o D. abb.^{e} de Alcobaça em 1422, e novo foral el-rei D. Manuel em 1513, ou 1514 segundo o *D. G.* do sr. P. L.

Pretendem alguns auctores que no sitio da Ramalheira, a E. de Alfeizirão, estivesse sit.ª a ant.ª povoação romana de *Eburobritium*, que outros collocam em Evora de Alcobaça.

Tambem no mesmo sitio, segundo consta de algumas inscripções romanas ali descobertas, erigiu o consul Decio

Junio Bruto um templo a Neptuno, pela victoria alcançada sobre os lusitanos, no anno 136 antes da era vulgar. D'este templo ainda restam vestigios e ali se edificou a egreja de S. Gião.

Perto havia uma torre que servia de pharol para os navegantes.

ALJUBARROTA

(3)

(BISPADO DE LEIRIA)

Ant.ª V.ª de Aljubarrota na ant.ª com. de Leiria, de que eram don.os os abb.es de Alcobaça.

Está sit.ª na estr.ª real de Leiria para as Caldas da Rainha, na aba da serra de Porto de Moz para a parte do poente. Dista de Alcobaça uma legua para E. N. E.

Tinha e tem ainda esta V.ª duas FF. que são as ant.as seguintes:

Nossa Senhora dos Prazeres, vig.ª que era da ap. do conv.º de Alcobaça, a qual compr.e, além da parte respectiva da V.ª, os log.es de Pedreira, Covões, Lagoa do Cão, Carrascal, Xequeda ou Chiqueda (de Baixo e de Cima), Boa Vista, Carvalhal, Lameira; os casaes do Rei, da Eva ou da Era, da Ponte de Ouro ou da Fonte do Ouro, dos Ganilhos; e as q.tas dos Inglezes, de Joaquim Pereira, e do Sarmento.

Vem mencionados em Carv.º, os log.es de Carrascal com duas ermidas de S. Pedro e S.to Amaro, e Carvalhal com uma de S. Romão.

P...	C..........	450 (as duas FF.)	
	A..........	314	
	E. P.......	333	1600
	E. C. (as duas FF.)..............		2707

S. Vicente, cur.º annual da ap. alt.ª das collegiadas de S. Pedro e S.ta Maria da V.ª de Porto de Moz. Hoje é vig.ª

Compr.e esta F., além da parte respectiva da V.ª, os log.es de Chão, Comreira (?) de Baixo, Ataija de Cima, Ataija de

Baixo; os casaes do Vazão, do Rei, de Sta Tereza, do Cadouço; e a q.^{ta} de S. João.

P... { C. ....
A. 234
E. P. 247 1120
E. C. .... }

Tem casa de misericordia e algumas ermidas.

É abundante de trigo, milho, centeio, vinho, azeite, excellentes frutas, gado e caça.

Aljubarrota significa em lingua arabe campina aberta, e pelas inscripções e moedas que se tem encontrado, consta ter sido povoação romana com o nome de Aruncia.

Deu-lhe foral o D. Abb.^{e} de Alcobaça em 1316 e novo foral el-rei D. Manuel em 1514.

O brazão d'armas d'esta V.^{a} é um escudo tendo em campo branco a figura da celebre padeira com a pá do forno; porém alguns auctores dizem ter sómente a pá, no meio do escudo.

Não vem no livro dos brazões da Torre do Tombo.

Junto d'esta povoação teve logar a celebre batalha de Aljubarrota, em que D. João I de Portugal derrotou D. João I de Castella.

N'esta batalha foi tomada aos castelhanos a grande caldeira de cobre de que já fallámos na descripção de Alcobaça, e lembrando-se a Filippe II de Hespanha o fazer d'ella um sino, respondeu um fidalgo da côrte do mesmo rei: «No señor; dexen-la estar asi, que se tanto suena siendo caldera, qué será si llegare a ser campana.»

Foi a dita caldeira encontrada na bagagem do rei castelhano por Gonçalo Rodrigues, que desde então tomou o appellido de Caldeira.

A memoravel pá, que manejou tão desastradamente para os castelhanos a historica padeira Brites de Almeida, ainda se conserva (segundo diz o *D. C.*) na casa da camara, é de ferro e quadrada, e saía em uma procissão que se costumava fazer no dia anniversario da batalha.

Esteve durante os 60 annos do dominio hespanhol es-

condida em um vão de parede, coberta de alvenaria e d'ali saíu triumphante em 1640.

O que podemos affirmar ter visto em Aljubarrota é a pá insculpida em pedra na casa onde dizem morára a dita padeira.

A respeito de antiguidades romanas diz o *D. C.* ter-se encontrado em uma pedra entre as ruinas da antiquissima egreja de S.[ta] Marinha, uma inscripção pela qual se provou a existencia da povoação romana no local que hoje occupa Aljubarrota (ou muito proximo) com o nome de *Aruncia.*

Comtudo devemos observar que o dr. Hübner não falla em especial d'esta inscripção, o que era muito natural vista a sua importancia. *Veja-se o que das Noticias Archeologicas d'este auctor transcrevemos na descripção de Evora de Alcobaça.*

Falla tambem o citado *D. C.* em uma imagem da Virgem que se encontrou haverá 240 annos no laço de uma vara ou aboiz, a qual imagem se venera na egreja matriz com o titulo de Nossa Senhora do Laço.

ALPEDRIZ

(4)

(BISPADO DE LEIRIA)

Ant.[a] V.[a] de Alpedriz na ant.[a] com. de Leiria.

Está sit.[a] em vistosa planicie junto ao rio Abbadia, 11[k] a E. do Oceano. Dista de Alcobaça 12[k] para o N.

Tem uma só F. da inv. de Nossa Senhora da Esperança, prior.[o] que era da ap. do cabido da sé de Leiria, segundo Carv.[o] e *D. G. M.*, do padr.[o] real segundo a *E. P.*

Compr.[e] esta F., além da V.[a], os log.[es] de Montes, Ribeira de Pereiro, Casaes de D. Braz, Ribeira do Picamilho (Picanilho no mappa topographico), compondo-se este L. dos seguintes casaes: Moinhos de Cabreiro, Moinho da Azenha, Moinho do Coelho, Moinho do Ventura, Pisão do Mourato, casal chamado Quinta do Pica-milho, Casal de Aguas For-

mosas: compr.^{e} mais os seguintes casaes, do Moinho da Boticaria, do Moinho da Ferraria, do Moinho, da Ponte do Olival, do Rebotim.

Vem mencionados em Carv.^{o} os log.^{es} de Montes, com uma ermida de S. Vicente, Ribeira com uma ermida de Nossa Senhora da Consolação.

P...	C...........	250	
	A...........	206	
	E. P.........	196...............	784
	E. C...........................		898

Tem casa de misericordia e hospital.

É abundante de trigo, milho, centeio, vinho, azeite, frutas, gado e caça.

Tem muitas fontes de boas aguas.

O *D. C.* chama-lhe V.^{a} ext.^{a}

Parece ser esta V.^{a} fundação dos arabes, aos quaes a tomou D. Affonso Henriques em 1147, dando-lhe foral em 1150, e novo foral el-rei D. Manuel em 1515.

Segundo o *D. G.* do sr. P. L. pertencia esta V.^{a} á ordem de Aviz.

BENEDICTA

(5)

Ant.^{a} F. de Nossa Senhora da Encarnação no L. de Benedicta, cur.^{o} da ap. dos freguezes, e da confirmação do abb.^{e} de Alcobaça, no T. da V.^{a} de Sta Catharina.

Era couto do conv.^{o} de Alcobaça.

Está sit.^{o} o L. de *Benedicta* proximo á serra dos Candieiros ou dos Molianos. Dista de Alcobaça 16^{k} para o S.

Compr.^{e} mais esta F. os log.^{es} de Riba-Fria, Bairro da Figueira, Frei Domingos, Ninho d'Aguia, Pinheiro, Rapozeira, Matta de Cima, Taveiro, Candieiros, Freires, Pedra Rodeira ou Pedra Redonda, Chamisso, Cabecinha, Charcas ou Charcos, da Beiça ou do Beição; os casaes da Boa Vista, Machados, Fonte Quente, Algarão, Oliveira da Cruz, S. Bernardo, Fundeira, Azambujeira, Mouta do Gavião, Venda da Réga, dos Carvalhos, da Pequena, Charneca, do Gregorio,

do Guerra, da Estrada, da Lagôa de Frei João, do Leirião, da Bica, da Lagoa; e a q.^{ta} do retiro.

Vem mencionados no *D. G. M.* os log.^{es} de Bairro da Figueira, Candieiros, Freires.

P...	C..........		
	A...........	299	
	E. P........	336..............	1675
	E. C..........................		1572

É abundante de trigo, milho, centeio, vinho e frutas.

CELLA

(6)

Ant.^{a} V.^{a} de Cella (Cella Nova na *E. P.*) na ant.^{a} com. de Leiria, de que eram don.^{os} os abb.^{es} de Alcobaça por ser couto do conv.^{o}

Está sit.^{a} em logar alto na serra de Alfeizirão, $1\,{}^1/_2{}^l$ a E. do Oceano. Dista de Alcobaça 6^k para O. S. O.

Tem uma só F. da inv. de S.^{to} André, vig.^{a} que era da ap. do conv.^{o} de Alcobaça.

Compr.^{e} mais esta F. os log.^{es} de Monte de Bois, ou Monte de Boi, Bica, Casal dos Ramos, Junqueira, Carrascas, Murteira; os casaes de Maceda, Arieira, Cella Velha, Barrada, Mattas, Val Bom, Junceira, Carreira, Pedralhos, Rebellos, Féteira, Panasqueira, Genrinhas, Pousada, Melgaço, do Jorge Dias; e as q.^{tas} ou H. I. de Val Bom, Ribeiras, Correas ou Val de Correias, Carneireiros (ou Carneiros?), Boa Vista.

P...	C..........	390	
	A..........	485	
	E. P.......	502..............	2160
	E. C..........................		2449

Tem casa de misericordia, hospital (ou albergaria segundo o *D. G.* do sr. P. L.) e 3 ermidas segundo J. B. de Castro.

Recolhe trigo, centeio, milho, vinho e muitas frutas.

Deu-lhe foral el-rei D. Manuel em 1514 e o titulo de V.^{a}, com o nome de Cella Nova, segundo diz o *D. G.* do sr. P. L.

COZ

(7)

Ant.ª V.ª de Coz, segundo Carv.º, Cós segundo a *E. P.* e *D. C.*, na ant.ª com. de Leiria, de que eram don.os os abb.es de Alcobaça.

Está sit.ª em ameno valle, junto a um cabeço alto, cercada de arvoredos, pomares, vinhas, e olivaes: passa-lhe pelo meio a ribeira da Areia, que mais abaixo se junta ao rio Abbadia; duas leguas a E. do Oceano e V.ª da Pederneira. Dista de Alcobaça 9k para N. N. E.

Tem uma só F. da inv. de S.ta Eufemia que era prior.º da ap. do conv.º de Alcobaça.

Compr.e esta F., além da V.ª, os log.es da Povoa, onde ha uma origem d'agua thermal, levemente ferruginosa, da qual nos dá noticia o *D. C.*, Castanheira, Casalinho, Varatojo, Casal das Freiras.

Vem mais no mappa topographico os log.es de Alqucidão e Pomarinho os quaes parece devem pertencer a esta F.

Vem mencionados em Carv.º os log.es de Povoa e Castanheira, onde ha uma ermida de S.ta Martha.

P...	C...........	250	
	A...........	195	
	E. P........	216...............	956
	C. E...........................		893

A egreja parochial estava em 1708 fóra da V.ª, e na egreja da misericordia o sacrario para a administração dos sacramentos.

Tem casa de misericordia, duas ermidas na V.ª e 7 no T. segundo J. B. de Castro, e um most.º da ordem de S. Bernardo, com a inv. de S.ta Maria, onde só com as rendas que lhe cedeu o conv.º de Alcobaça e 10:000 maravedis que lhe deixou D. Sancho I, se sustentavam 115 freiras.

Este most.º foi fundado por D. Fernando, um dos primeiros abb.es de Alcobaça, testamenteiro de D. Sancho I.

Dentro da cerca está um monte a que chamam Monser-

rate com uma ermida de Nossa Senhora da mesma inv. de Monserrate, tendo ao redor muitas capellinhas, sitio muito alegre e vistoso, segundo diz Carv.º

É abundante de trigo, cevada, centeio, milho grosso, vinho, azeite e muita caça miuda nos grandes pinhaes que ficam ao N. da V.ª e para o lado da costa no sitio chamado Camarsão.

Tem muitas fontes de excellentes aguas e uma thermal no L. da Povoa, como já dissemos. Tambem a chamada Fonte Santa dizem ter virtudes medicinaes, é no sitio da Senhora da Luz.

Nas ribeiras proximas tem muitos lagares de azeite e moinhos.

Era couto do conv.º de Alcobaça.

Segundo o *D. G. M.* deu-lhe foral D. fr. Pedro Gonçalves, geral de Alcobaça, porém o *D. G.* do sr. P. L. não menciona este foral e sómente o de D. Manuel de 1513.

«No castello de Leiria, diz o dr. Hübner, e nas povoações que ficam proximas de Val de Maceira e Coz, tem apparecido varias lapidas sepulchraes.»

Tem feira annual a 28 de outubro, e outra em 16 de novembro, no sitio de Nossa Senhora da Luz.

EVORA

(8)

Ant.ª V.ª de Evora (Evora de Alcobaça na *E. P.*, e *D. C.*) na ant.ª com. de Leiria, de que eram don.^{os} os abb.^{es} de Alcobaça.

Está sit.ª $^1/_2{}^k$ a O. da m. e. do rio Baça, 2^k a S. E. da estr.ª real de Leiria ás Caldas da Rainha. Dista de Alcobaça 4^k para o S.

Tem uma só F. da inv. de Sant'Iago, vig.ª que era da ap. do conv.º de Alcobaça.

Compr.^{e} esta F., além da V.ª, os log.^{es} de Mendalvo, Arieiro, Ribeira de Maceira, Cortiçada ou Cortiçadas, Azambujeira ou Zambujeira, Carris, Fonte Santa, Fonte Quente,

Molianos, Pedreira, Acípreste ou Ciprestes, Barrada; os casaes de Murteiras, Abegão, Pinheiro, Fragosas ou Fragosa, Sete Lenços, Ortiga, Pereiro; e as q.tas da Ortiga e da Preta.

P...	C.	250		
	A.	400		
	E. P.	451	....	1669
	E. C.			2104

Tem casa de misericordia e tres ermidas, segundo J. B. de Castro.

É abundante de trigo, milho, centeio, vinho, azeite, frutas, gado e caça.

Segundo o *D. G. M.* deu-lhe foral D. fr. Martinho II, geral de Alcobaça.

O *D. G.* do sr. P. L. não menciona este foral, mas sim um de D. Sancho I de 1210, e novo foral d'el-rei D. Manuel, de 1514.

Era couto e uma das V.as do conv.o de Alcobaça.

Diogo Mendes de Vasconcellos e Gaspar Barreiros pretendem que n'este local estivesse sit.a a ant.a *Eburobritium* e J. B. de Castro parece com elles se conforma; outros porém a situam em Alfeizirão ou proximo, como já dissemos na descripção da dita V.a

«Na fertil região da costa entre Peniche e Leiria, diz o dr. Hübner, se encontram numerosos vestigios de colonias romanas. Nos log.es de Vallado, Alfeizirão, Serra de Minde, Aljubarrota e Alcobaça se tem descoberto varias inscripções, o que deu occasião a situar a *Eburobritium de Plinio* em Evora de Alcobaça.»

FAMALICÃO

(9)

Ant.a F. de Nossa Senhora da Victoria no L. de Famalicão, que foi constituida com parte dos habitantes da F. da Pederneira. Segundo o *D. G. M.* era vig.a da ap. do conv.o de Alcobaça. Hoje é prior.o

Em 1840 pertencia esta F. ao conc.o da Pederneira, ext.o

pelo decreto de 24 de outubro de 1855 pelo qual passou ao de Alcobaça.

Está sit.ª a egreja parochial (ha dois log.^{es} de Famalicão Famalicão de Baixo e Famalicão de Cima[1], ignoramos em qual d'elles está a egreja) $3\,{}^1/_2{}^k$ a E. do Oceano, $3\,{}^1/_2{}^k$ ao N. da estr.ª real de Leiria ás Caldas da Rainha. Dista de Alcobaça 12^k para O.

Compr.^{e} esta F., além dos dois log.^{es} de Famalicão de Baixo e Famalicão de Cima, os log.^{es} de Rebolo, Macarca, Raposos, Matta da Torre, Casaes de Baixo, Casal do Motta, Serra da Pescaria; os casaes de Val da Rica, Mattos, Ladeira, Pias, Salgado ou Salgados, do Bispo, Outeiro, Boa Vista; e as q.^{tas} de S. Julião, Castello, Campinho.

Vem mencionados em Carv.º os dois log.^{es} de Famalicão, parte de um d'elles (não diz qual) pertencia ao T. da V.ª de Alfeizirão e á F. da dita V.ª; tambem menciona o casal do Rebolo.

P.	C.		
	A.	314	
	E. P.	323	1107
	E. C.		1332

MAIORGA

(10)

Ant.ª V.ª de Maiorga na ant.ª com. de Leiria, de que eram don.^{os} os abb.^{es} de Alcobaça.

Está sit.ª em uma chã na m. d. da ribeira Valla, $1\,{}^1/_2{}^l$ a E. S. E. do Oceano e da V.ª da Pederneira. Dista de Alcobaça uma legua para o N.

Tem uma só F. da inv. de S. Lourenço, vig.ª que era da ap. do conv.º de Alcobaça.

Compr.^{e} esta F., além da V.ª, os log.^{es} de Bemposta, Palmeira; os casaes de Baixo, Fervença, Cruz, Valles, Boa

[1] Isto segundo a *E. P.*, mas no mappa topographico vem um só L. de Famalicão.

Vista, Chussas ou Chuça, Cazalinho, Casal Novo; e as q.^{tas} das Cidreiras, da Gandra ou da Granja, do Casal do Bento, do Pinheiro, das Pias, do Aguilhão.

Vem mencionados em Carv.^{o} o L. da Bemposta com 30 fogos e uma ermida de S.^{to} Antonio: a q.^{ta} das Cidreiras, junto á V.^{a} em um alto para o nascente; a q.^{ta} da Granja, junto ao caminho que vae para Alcobaça; a q.^{ta} dos Pinheiros para o poente, com uma ermida de Nossa Senhora do Rosario.

P...	C...........	140	
	A...........	194	
	E. P.........	206...............	768
	E. C............................		946

Tem casa de misericordia, e segundo J. B. de Castro 3 ermidas na V.^{a}, e 5 no T.

Tem um campo muito grande e fertilissimo entre os rios Abbadia e Valla, e pelo meio lhe passam dois rios mais pequenos, e em roda muitas q.^{tas} e hortas, muitos lagares de vinho e azeite; o que tudo faz esta V.^{a} muito abundante de trigo, milho, legumes, vinho, azeite, castanhas e frutas.

Tem muitas fontes de excellente agua.

Deu-lhe foral el-rei D. Manuel em 1513, ou 1514 segundo o *D. G.* do sr. P. L.

PATAIAS

(11)

(BISPADO DE LEIRIA)

Ant.^{a} F. de Nossa Senhora da Esperança no L. de Pataias, cur.^{o} da ap. da Mitra no T. da cid.^{e} de Leiria.

Está sit.^{o} o L. de *Pataias* na estr.^{a} da Pederneira para Leiria, 6^{k} a E. do Oceano. Dista de Alcobaça 18^{k} para N. N. O.

Compr.^{e} mais esta F. os log.^{es} de Borinhosa, ou Brunhosa, Moita, Martingança, Melroa, ou Melva, Pisões, Boubã ou Vouban, Ferraria, Beiramar; e os casaes da Legoa,

do Val do Pardo, Felgueira ou Val de Feligueira, Val Furado ou Val de Belfurado, Val de Paredes.

Vem mencionados em Carv.º os log.^{es} de Mouta com uma ermida de S. Silvestre e Paredes com uma ermida de Nossa Senhora da Victoria[1].

P...	C..........	170	
	A..........	436	
	E. P.......	450...............	2372
	E. C.........................		2120

PEDERNEIRA

(12)

Ant.ª V.ª da Pederneira na ant.ª com. de Leiria, de que eram don.^{os} os abb.^{es} de Alcobaça.

Em 1840 pertencia esta V.ª ao conc.º da Pederneira, ext.º pelo decreto de 24 de outubro de 1855, pelo qual passou ao de Alcobaça.

Está sit.ª junto do Oceano. Dista de Alcobaça 12^{k} para O. N. O.

Tem uma só F. com a inv. de Nossa Senhora das Areias que era vig.ª da ap. do conv.º de Alcobaça.

A esta F. tambem dão o nome de Praia da Nazareth ou simplesmente Nazareth.

Compr.^{e}, além da V.ª da Pederneira, os log.^{es} da Praia da Nazareth, Fanhaes e o sitio da Nazareth.

Vem mencionado em Carv.º o L. de Fanhaes com 20 fogos.

P...	C..........	250	
	A..........	832	
	E. P........	796...............	3584
	E. C.........................		3209

A egreja parochial da V.ª da Pederneira esteve primitivamente no sitio da Praia, como parochia da ant.ª V.ª de

[1] No mappa topographico vê-se indicada a ermida que talvez esteja no local da antiga e abandonada V.ª de Paredes.

Paredes; porém vendo-se os habitantes da d.ª V.ª obrigados a abandonar suas casas, que as areias, impellidas pelo vento, iam cobrindo, se retiraram para o local da V.ª actual da Pederneira que fica em alto, e edificaram nova egreja com a inv. de S.to André: alguns comtudo ficaram no antigo sitio e erigiram tambem sua egreja com a inv. de S. Pedro (d'onde se collige que a primitiva egreja se havia arruinado ou submergido com a alluvião das areias), porém a maior parte d'estes mesmos habitantes abandonaram tambem depois esse mesmo local e foram procurar abrigo em a nova V.ª deixando sómente ali para memoria (diz Carv.º) uma ermida de Nossa Senhora da Victoria, a casa do ermitão e um moinho.

Parece que mais tarde foram estabelecer-se n'aquelle mesmo sitio da Praia mais alguns habitantes, constituindo o L. da Praia, que vemos mencionado na *E. P.* mas que não existia ainda no tempo de Carv.º (1708) pois que d'elle não falla, descrevendo miudamente todos os outros do antigo T. da Pederneira.

Voltando á egreja parochial da V.ª da Pederneira, diz o mesmo auctor que tempos depois edificaram os habitantes novo templo com a inv. de Nossa Senhora das Areias, que hoje conserva.

Segundo J. B. de Castro tem a V.ª da Pederneira 3 ermidas e outras tres o seu antigo termo.

As da V.ª mencionadas na *Chorographia* de Carv.º são a de S.to André, ant.ª matriz (que hoje se existe deve estar muito arruinada) a de Nossa Senhora dos Anjos e a de S. Bartholomeu no monte Seano, que não é verdadeiramente na V.ª mas 1k para E. S. E.

As ermidas do ant.º T. da Pederneira são a de Nossa Senhora da Victoria no L. da Praia: a de S. Julião na serra da Pescaria 4k ao S. da V.ª, que segundo o mesmo Carv.º é de remota antiguidade, do tempo dos romanos e godos, tendo servido de mesquita no dominio dos arabes. Diz tambem que se veem insculpidos na d.ª ermida varios letreitos em lettras gothicas, incentivo para os curiosos de ar-

cheologia visitarem estes sitios, dignos de observação por muitos outros motivos.

Finalmente a ermida de Nossa Senhora da Nazareth, que segundo diz Carv.º foi primitivamente obra de um monge que trouxe comsigo a imagem (conforme a primeira parte da lenda que omittimos), a qual ermida era em grande parte natural, no reconcavo de um rochedo, com o amparo de parede tosca; porém depois D. Fuas Roupinho, o cavalleiro que andando á caça e prestes a precipitar-se com o cavallo d'aquella immensa rocha sobre o mar foi (como diz a segunda parte da dita lenda) salvo pela invocação da Santissima Virgem, lhe construiu mais decente capella no proprio sitio, e que ainda lá existe.

Não soffrendo a piedade de nossos soberanos que tão milagrosa imagem fosse venerada em tão humilde recinto, D. Fernando fundou nova ermida em melhor local, a rainha D. Leonor a acrescentou e el-rei D. Manuel a engrandeceu com portico, escadarias e alpendres.

Todos sabem que esta imagem é de grande devoção e de muitas romarias, sendo obrigadas e annuaes as de 13 confrarias que constituem por seu turno o cirio chamado da Nazareth.

Tem esta V.ª uma fortaleza (hoje arruinada) obra do reinado de D. Sebastião, concluida no tempo de Manuel Gomes Pereira seu primeiro governador.

Tem abundancia de boas aguas em diversas fontes na V.ª e arredores, e na povoação tinha, segundo Carv.º, o chafariz que já n'esse tempo chamavam *velho*, obra d'el-rei D. Manuel, e fóra outro do reinado de D. Sebastião.

Foi fundada esta V.ª proxima das ruinas da ant.ª V.ª de Paredes, a qual mandou povoar el-rei D. Diniz em 1286, e foi em augmento até ao reinado de D. Manuel, em que succedeu a alluvião de areias em que já fallámos, época em que se transferiu para o local em que se acha, tomando então o nome de V.ª da Pederneira, de um marco redondo encontrado n'aquelle local, que era de pederneira até a altura de 5 palmos.

Deu-lhe foral ou reformou outro mais antigo el-rei D. Manuel em 1513.

S. MARTINHO

(13)

Ant.ª V.ª de S. Martinho (S. Martinho do Porto na *E. P.* e *D. C.*) na ant.ª com. de Leiria, de que eram don.os os abb.es de Alcobaça.

Em 1840 pertencia esta V.ª ao conc.º de S. Martinho do Porto, ext.º pelo decreto de 24 de outubro de 1855, pelo qual passou ao de Alcobaça.

Está sit.ª em logar alto, junto a uma barra, a qual fica entre duas serras de grandes rochedos, por onde entra um braço de mar formando enseada, que em 1708 tinha de circuito meia legua, segundo diz Carv.º, e hoje segundo o *D. C.* 1 ½k de diametro, (1200m no mappa topographico), sendo, segundo o d.º *D. C.*, a largura da barra de 100 a 150 braças (220 a 230m); mas pelo mappa vê-se que pouco mais tem de 100m.

A profundidade porém é hoje tão pequena que não excede na barra mesmo a 4 ½m, mal podendo abrigar hiates dentro da enseada; pois, além do pouco fundo, tem um banco produzido pelo deslastramento dos navios; e eis o estado a que se acha reduzido um porto outr'ora importante, onde chegaram a estar fundeados 80 navios e se construiram naus de 60 peças, e ainda no principio do seculo XVIII duas fragatas de 30 peças cada uma, de que tudo ha documentos authenticos que vem citados no referido *D. C.* vol. II, pag. 135.

A V.ª de S. Martinho fica pois ao N. E. d'esta enseada, defronte da V.ª de Salir do Porto, que está da parte do S. O. Tem estr.ª que vae entrar na estr.ª real de Leiria ás Caldas da Rainha, passando em Alfeizirão, estr.ª para as Caldas, por Salir do Porto, e um caminho de ferro para a Marinha Grande. Dista de Alcobaça 18k para O. S. O.

Tem uma só F. da inv. de S. Martinho, que era prior.º,

segundo Carv.º, cur.º, segundo o *D. G. M.*, da ap. do conv.º de Alcobaça. Hoje é prior.º

Compr.º esta F., além da V.ª, o L. da serra das Mangas ou Mangues, o casal da Venda Nova e os casaes de Val Paraiso.

Vem mencionados em Carv.º o casal da Venda Nova e o casal de Val Paraiso.

P...	C..........	150	
	A..........	277	
	E. P.......	268...............	1000
	E. C.............................		1234

Segundo J. B. de Castro tinha esta V.ª 3 ermidas e uma o seu antigo T.

As da V.ª eram Espirito Santo, Nossa Senhora do Livramento e S.to Antonio no alto da serra, com bella vista de mar; esta não era verdadeiramente da V.ª, mas não encontramos outra mencionada em Carv.º

A do T. era da inv. do Bom Jesus, no casal do mesmo nome a meia legua ant.ª da V.ª Este casal não vem mencionado na *E. P.*

É abundante de trigo, centeio, milho, vinho e tem muita pescaria.

Tem estação telegraphica.

Deu-lhe foral D. fr. Estevão Martins, geral de Alcobaça.

«Tem um chafariz na ribeira, diz Carv.º, onde se fabricam as embarcações, assím d'el-rei como de particulares.»

TURQUEL

(14)

Ant.ª V.ª de Turquel na ant.ª com. de Leiria, de que eram don.os os abb.es de Alcobaça.

Está sit.ª na aba da serra dos Molianos ou dos Candieiros pela parte do poente.

Dista de Alcobaça 13k para o S.

Tem uma só F. da inv. de Nossa Senhora da Conceição vig.ª que era da ap. do conv.º de Alcobaça.

Compr.^{e} esta F., além da V.^{a}, os log.^{es} de Chão do Gallego, Alagoa das Tallas, Carvalhal, Moita do Poço, Orjo, Silval, Casaes, Eiras, Cabeça d'Alagoa, Casaes das Tintas, Varginha, Lombo, Casal do Alvaro, Cancella, Mózinha, Alagoa, Moniz, Frazões, Loučões, Cabeço do Seixo, Gaiteiros, Azenhas, Ardido, Porto Velho, Cabeça Feitosa, Portella da Serra, Pinheiro; e as q.^{tas} de Gandra ou Granja e Val de Ventos.

P...	C..........	200	
	A..........	259	
	E. P.......	264...............	1299
	E. C............................		1369

É abundante de trigo, centeio, milho, vinho e frutas.
Deu-lhe foral el-rei D. Affonso Henriques.

VALLADO

(15)

Ant.^{a} F. de S. Sebastião de Vallado, da ap. do conv.^{o} de Alcobaça. Não diz a *E. P.* o titulo ant.^{o} ou actual do parocho.

Em 1840 pertencia esta F. ao conc.^{o} da Pederneira, ext.^{o} pelo decreto de 24 de outubro de 1855, pelo qual passou ao de Alcobaça.

Esta F. foi instituida posteriormente a 1708 pois n'esse tempo era Vallado simples L. do T. da V.^{a} da Pederneira, e pertencente á F. da mesma V.^{a}, com quanto já tivesse 80 fogos e uma ermida da mesma inv. de S. Sebastião.

Tambem parece não era ainda F. em 1758, pois não o encontramos como tal no *D. G. M.*

Está sit.^{o} o L. de *Vallado* 4^{k} a E. S. E. do Oceano e da V.^{a} da Pederneira. Dista de Alcobaça 7^{k} para N. O.

Compr.^{e} esta F., além do dito L. de Vallado, o da Moita, o casal das Aguas Bellas e a q.^{ta} do Campo.

P...	C..........	80	
	A..........	194	
	E. P.......	214...............	1087
	E. C............................		1038

VESTIARÍA

(16)

Ant.[a] F. de Nossa Senhora d'Ajuda no L. de Vestiaría, vig.[a] da ap. do conv.[o] de Alcobaça, no T. da dita V.[a]

Está sit.[o] o L. da *Vestiaria* 1 $^1/_2$[k] para O. N. O. de Alcobaça.

Compr.[e] mais esta F. os casaes dos Caniços, de S.[ta] Martha, de S.[to] Antonio, da Fonte, dos Mattos.

P...	C..........		
	A..........	57	
	E. P.......	184..............	700
	E. C.........................		738

Antes da extincção das ordens religiosas em Portugal havia n'esta F. um conv.[o] de Arrabidos, da inv. de S.[ta] Maria Magdalena, fundado em 1566 pelo cardeal D. Henrique.

Parece que n'esta F. proximo á q.[ta] da Vestiaria e na raiz de um monte fronteiro á q.[ta] da Piedade, segundo o *D. C.*, nascem quatro olhos d'agua thermal, a que o mesmo *D. C.* chama *salina simples*, muito aproveitavel para banhos e para ser usada em bebida.

VIMEIRO

(17)

Ant.[a] F. de S. Sebastião vig.[a] da ap. do conv.[o] de Alcobaça, no T. da dita V.[a] Era couto do referido conv.[o]

Está sit.[o] o L. de *Vimeiro* (ou segundo alguns Vimieiro) na quebrada de um monte, uma legua ao S. da estr.[a] real de Leiria ás Caldas. Dista de Alcobaça 12[k] para S. S. O.

Compr.[e] mais esta F. os log.[es] de Gaiteiros, Pedras, Gaio, Ribeira ou Ribeira do Marote, Certã, Carros ou Canos; e os casaes, d'Além, do Marquez, do Outeiro, da Rapozeira, de Serafins, do Vigia; e as q.[tas] de Vimeiro, Matta, Ruiva.

P...	C..........		
	A..........	170	
	E. P........	187...............	815
	E. C.........................		917

N'este L. de Vimeiro se deu em 21 de agosto de 1808 a batalha d'este nome, em a qual o exercito francez commandado por Junot foi completamente derrotado pelo exercito anglo-luso, commandado por lord Wellington.

Por esta brilhante victoria foi cumprimentado o dito lord Wellington pelos habitantes d'esta povoação em uma interessante carta que lhe dirigiram, a qual transcrevemos do *D. C.* vol. III, pag. 256.

«Illmo e ex.^{mo} sr.—Depois que v. ex.ª fez ir de *escantilhão* para França o *fanfarrão* Junot, tendo-o posto em *papos de aranha* nos campos do Vimeiro; depois que v. ex.ª fez saír com *vento debaixo* o *ladino* Soult, da cidade do Porto, fazendo-o *fazer vispere* e ir *com as calças na mão* para Castella: depois que v. ex.ª disse ao *zanaga* Massena, *alto lá sr. S. Macario;* e *jogando o jogo dos sisudos* lhe mostrou as *linhas com que se cosia,* fazendo-o *dar ás trancas e apanhar pés de burro* por ter dado *com as ventas n'um sedeiro:* depois que v. ex.ª fez ir *de catrambias* a Berrier, da cidade Rodrigo, e ao *caxóla* Fillipon *limpar a mão á parede* em Badajoz, como quem diz *passa que me não viu,* e tendo-o *tem-te Maria não caias:* depois que v. ex.ª finalmente nos campos de Arapiles *zás trás nó cego, desancou o macambusio* Marmont e o obrigou a contar a sua derrota *p-a pá Santa Justa* e *tim tim por tim tim;* foi então ex.^{mo} sr. que nós os *pés de boi,* portuguezes velhos, dissemos—este não é general de *cá, ca, rá, cá, tem amoras,* não faz *cancaborradas,* não deixa fazer o *ninho atraz da orelha;* e como prudente umas vezes accommete e outras *põe-se de conserva.* Agora podemos *dormir a somno solto*; o nosso mêdo *está nas malvas;* a vinda do inimigo será *dia de S. Nunca, á tarde.* Por tanto só resta agradecer a v. ex.ª a *visita* que nos fez, que desejamos não seja *de medico,* nem *com o pé no estribo,* devendo saber v. ex.ª, que estes de-

sejos não são *embofias*, nem *parólas* que leve o vento, mas sim ingenuos votos de corações agradecidos e leaes, com os quaes tem v. ex.ª erguido com tanta justiça um throno de amor e respeito.»

«Sobre as duas margens da ribeira que corre junto d'esta povoação e do L. da Maceira, que lhe fica visinho, se acham (diz o *D. C.*) os banhos chamados da *agua santa*, que tem sido frequentados até com enthusiasmo para enfermidades de pelle.

Ficam as origens de uma e outra parte do rio, e tambem de um e outro lado ficam os edificios dos banhos.

Os da parte do S. são tres e pertenciam ao conv.º de Penafirme, de eremitas de S.^{to} Agostinho: um de abobada e dois com paredes de pedra e tecto de madeira.

O da parte do N. é de madeira com tanque de pedra e pertence a pessoa particular.

Nota-se uma circumstancia curiosa na agua d'estes banhos, que é variar em quantidade nas differentes horas do dia, o que alguns attribuem á influencia das marés, posto fique o mar a meia legua de distancia.»

Segundo a descripção das aguas mineraes do reino, dos srs. dr. Lourenço e Schiappa de Azevedo, é a temperatura d'estas aguas de 24 graus centigrados, sendo a do ar exterior de 22.

CONCELHO DE ALVAIAZERE

(b)

BISPADO DE COIMBRA

COMARCA DE FIGUEIRÓ DOS VINHOS

ALMOSTER

(1)

Ant.ª F. do Salvador de Almoster, cur.º annual da ap. do most.º de Lorvão, no T. da V.ª de Abiul. Hoje é vig.ª

Está sit.ª a egreja parochial...

Não encontramos nos mappas, nem mesmo no topographico, o L. de Almoster, ou do Salvador, e em nenhum dos logares que constam do dito mappa, que são quasi todos os mencionados na E. P., vemos signal indicativo de séde de parochia.

Dista de Alvaiazere o L. de Val de Couda, Val de Côda ou Val de Gôda, que é o principal da F. (segundo o mappa topographico) 6^k para O. N. O.

Compr.ᵉ mais esta F. os log.ᵉˢ e casaes de Azenha, Venda da Gaita, Casal Velho, Fojo, Macieira, Outeiro, Sarzeda, Covada, Barreira, Gramatinhos, Casal Frias, Casal d'Além, Casal Mouco, Ariques, Casal de Sant'Iago, Casal da Rainha, Boucinhas, Donas, Candal, Castelejo, Fonte do Bandalho; e as q.ᵗᵃˢ ou H. I. de Pulga, Bemposta, Galiota, Pontes (ou Ponte Velha?), Moita, Pexins.

P...	C.		
	A.	293	
	E. P.	291	1200
	E. C.		1273

ALVAIAZERE

(2)

Ant.ª V.ª de Alvaiazere na ant.ª com. de Coimbra, de que eram don.^{os} os D. de Cadaval.

Hoje é cab.ª do actual conc.º de Alvaiazere.

Está sit.ª perto da serra de Alvaiazere em uma varzea, d'onde é tradição se deriva o seu nome *Alva-Varzea*, em campo aprazivel, de muitas oliveiras, e outras arvores: corre por este campo uma ribeira que tendo principio no L. da Porta, d'elle toma o nome; no fim do campo mette-se por baixo da terra e vae sair d'ali duas leguas, entrando depois no rio Arneiro (Nabão). Fica a V.ª 9^k a O. da m. d. do Zezere. Tem estr.^{as} para Maçans de D. Maria, Figueiró e Pedrogão Grande, para Ancião, Pombal, Rabaçal, etc. e para Thomar. Dista de Leiria 9^l para E. N. E.

Tem uma só F. da inv. de Sta Maria Magdalena, arciprestado e prior.º que era da ordem de Christo.

Compr.^{e} esta F., além da V.ª, os log.^{es} de Seisseira ou Asseiceira, Rominha, Carrasqueiras, Zambujal, Sobral Chão, Boca da Matta, Matta, Pé da Serra, Gamenhos ou Gamanhos, Porta, Marzugueira ou Marzogueira, Vendas (Venda de Baixo e Venda de Cima no mappa), Pomares, Laranjeiras, Pedra Branca, Couto, Tornado, Venda do Barqueiro, Pombaria ou Pombarias, Traz-do-Monte; os casaes de Couto, Val de Ouvado, Covões, Bernardos, Carregal, Casal de Marco, Casal Novo, Casaes Furtados, da Bella, do Almeida, da Horta; e as q.^{tas} ou H. I. de Regueira, Egreja Velha.

P. . .	C.	400	
	A.	385	
	E. P.	422.	1848
	E. C.		1708

Os arredores d'esta V.ª, segundo diz Carv.º, para a parte do S. e de E. são abundantes de agua, faltos de frutos e de carnes pouco saborosas, e pelo contrario para a parte de O. faltos d'agua, abundantes de frutos e de saborosas carnes.

Segundo a *Geographia Commercial e Industrial* do sr. João Felix, ha n'este conc.º 72 caldeiras ou alambiques de distillação, 8 fornos de cal, um de telha e tijollo, 45 lagares de azeite, 40 de vinho, duas machinas de distillação de aguardente, 44 moinhos, uma ollaria, 20 teares de lã, 44 de linho.

Tem este concelho:

Superficie, em hectares	14691
População, habitantes	7300
Freguezias, segundo a *E. C.*	6
Predios, inscriptos na matriz	18663

«Ha n'esta V.ª ruinas de antiquissimo castello, e na serra proxima vestigios de fortificações, uma grande cerca murada que chamam *Carreiro de Cavallos*, uma espaçosa gruta com uma fonte; e pelo testemunho de auctores antigos parece ter ali havido exploração de minas de ouro.

«Foi fundada ou reedificada por D. Sancho I, em 1200; D. João I, lhe deu foral e titulo de V.ª em 1388.

«Tem um pequeno hospital e 9 ermidas, 3 na V.ª e 6 fóra: soffrivel casa de camara e cadeia.

«É abundante em cereaes, frutas e bom azeite.» (*D. G.* do sr. P. L.)

MAÇANS DE CAMINHO

(3)

Ant.ª V.ª de Maçans de Caminho, na ant.ª com. de Thomar.

Está sit.º o L. de Maçanicas (nome com que vem indicada no mappa topographico esta V.ª que o *D. C.* considera ext.ª) 3^{k} ao N. de Alvaiazere.

Tem uma só F. da inv. de Nossa Senhora da Graça, vig.ª que era da ordem de Christo, da ap. da mesa da Consciencia.

Compr.e esta F., além da V.ª, os log.es de Barqueiro, Cabeça de Boi, Carregal, Eira da Pedra, Mosqueiro, Pedra Branca, Relvas Cimeiras, Relvas do Moinho, Relvas Fundeiras, Val Bom; os casaes da Azenha, Amarella, Carvalhal

da Egreja, Loureira; e a q.^{ta} de S. Gens, a qual já vem mencionada em Carv.^{o}, com uma ermida do mesmo santo.

P...	C...........	40	
	A...........	96	
	E. P.........	100................	453
	E. C............................		510

PELMÁ

(4)

Ant.^{a} F. de S. João Baptista no L. do Pellemá, á qual chama Carv.^{o} e o *D. G. M.*, prior.^{o} de S. João da Boa Vista, da ap. dos C. d'Atouguia (passou depois para o padr.^{o} real) no T. da V.^{a} de Alvaiazere.

Está sit.^{o} o L. de *Pelmá* $^1/_2{}^k$ a E. da m. e. do rio Arneiro (Nabão). Dista de Alvaiazere duas leguas para S. O.

Compr.^{e} mais esta F. os log.^{es} de Besteiro ou Besteiros, Bofinho, Aldeia do Bofinho, Paradellas, Melrinho, Banhosa, Casal do Rei ou Casaes do Rei, Serra, Ameixieira, Cheira, Hortas, Sobral Chão, Matta, Marques, Lumiar, Avanteira, Botelha, Mattos, Barreiros, Rocha; os casaes do Bento, Casalinhos; e as q.^{tas} ou H. I. de Cortiçada, Mertoldos.

Vem mencionados em Carv.^{o} Pellemá com uma ermida de Nossa Senhora do Ó, Aldeia da Serra com uma de S. Pedro, Banhosa com uma de S. Domingos, Bofinho com uma de S.^{to} Antonio, Bésteiro com uma de S. Miguel, Marques com uma de S. Bento, Lomear com uma de S. Sebastião.

P...	C...........	250	
	A...........	255	
	E. P.........	258..............	1089
	E. C...........................		1139

Esta F. é em grande parte montuosa, mas abundante de todos os frutos.

PUSSOS

(5)

Ant.ª V.ª chamada V.ª N. de Pussos na ant.ª com. de Thomar.

Está sit.º o L. de *Pussos*, onde vem o signal indicativo de parochia no mappa topographico, 6^k a O. da m. d. do Zezere.

Dista de Alvaiazere 3^k para S. E.

Tem uma só F. da inv. de S.^{to} Estevão, vig.ª que era da ordem de Christo, da ap. da mesa da Consciencia.

Compr.^{e} esta F., além do dito L. de Pussos, os log.^{es} de Cabaços, V.ª Nova (não sabemos se a este L. ou ao de Pussos, é que dão o nome de V.ª, que o *D. C.* considera ext.ª) Sobreiral, Farroeira, Cazalinhos, Feteira, Féteira d'Além, Ladeira Loureira, Jordões, Ardeira, Carvalhal, Bispos, Alqueidão; os casaes chamados Novo do Pussos, Fonte, Piedade, Val Cipote, Portella dos Casalinhos, Portella das Féteiras, Picanças; e as q.^{tas} ou H. I. do Outeirinho, Salgueira, Val de Avelleira.

Vem mencionados em Carv.º, V.ª N. de Pussos com uma ermida de S.^{to} Antonio (além da egreja parochial), Loureira com uma ermida de Sta Clara, Féteiras com uma de S. João Evangelista, casal da Piedade com uma ermida de Nossa Senhora da Piedade, Carvalhal com uma de Nossa Senhora do Rozario.

P.	C.	150	
	A.	293	
	E. P.	302	1241
	E. C.		1330

Recolhe muito trigo, centeio, cevada, vinho, azeite, tudo bom, e tem abundancia de gados.

REGO DA MURTA

(6)

Ant.ª F. de S. Pedro (*ad vincula* no *D. G. M.*) do Rego da Murta, prior.º da ap. do ordin.º e collegio da Sapiencia de Coimbra, no T. da V.ª de Alvaiazere, o qual era dividido do T. da V.ª de Pias (em 1708) pela ribeira da Murta.

Está sit.ª a egreja parochial (isolada dos log.^{es} da F.) junto á estr.ª de Coimbra a Thomar, 6^{k} a O. da m. d. do Zezere. Dista de Alvaiazere 8^{k} para S. E.

Compr.^{e} esta F. os log.^{es} de Corte d'Ordem, S. Jordão, Val do Mendo, Outeiro, Hortas, Charneca, Carvalhal de S. Bento, Gandra ou Granja, Portella do Braz, Cabaço (ou Cabaços), Mosqueiro, Murtal, Sandoeira, Cabeça da Gallinha, Ramalhal, Relvas, Cortiça, Cepo, Matta do Cepo, Barroquiquinhas, Carvarvalhas, Ribeira de Val Cipote, S. Matheus, Cancella; e as q.^{tas} ou H. I. de Sobreira do Bairro, Bogalheira, Outeirinho, Serrada, Ribeira do Val Cipote, Cartaxa, Troviscal.

Vem mencionados em Carv.º os log.^{es} de Cabaço com uma ermida de Sant'Iago, Carvalhal com uma de S. Bento, Sandoeira com uma de S. Matheus, S. Jordão, estes todos na mesma F. de Rego da Murta e tambem menciona mas como pertencentes á F. de V.ª N. de Pussos os log.^{es} de Ramalhal com uma ermida do Espirito Santo, Relvas com uma de Sta Martha, Cortiça com uma de Nossa Senhora da Conceição.

P. . .	C..........	100	
	A..........	Não vem no *D. C.*	
	E. P.......	252...............	1164
	E. C..........................		1339

Ha n'esta F. uns subterraneos naturaes por onde se póde caminhar a cavallo o espaço de um quarto de legua.

Junto á ribeira da Murta estava em tempo de Carv.º a ermida de Nossa Senhora da Graça, tambem chamada de S. Domingos por ter ali havido conv.º d'esta ordem.

CONCELHO DE ANCIÃO

(c)

BISPADO DE COIMBRA

COMARCA DE POMBAL

ALVORGE

(1)

Ant.ª F. de Nossa Senhora da Conceição no L. de Alvorge, vig.ª da ap. da Universidade, no T. da cid.ᵉ de Coimbra.

Em 1840 pertencia esta F. ao conc.º do Rabaçal (D. A. de Coimbra), ext.º pelo decreto de 31 de dezembro de 1853, pelo qual passou ao de Soure; e depois ao de Ancião (decreto de 24 de outubro de 1855).

Ha um decreto de 27 de julho de 1853 que transfere esta F. (assim como a do Rabaçal de que já tratámos no conc.º de Penella D. A. de Coimbra) do conc.º de Condeixa para o de Penella. Não podemos harmonisar esta parte da legislação com o resto, talvez por culpa nossa; mas não sem termos procedido a repetidas confrontações e havermos encontrado muitos erros.

Está sit.º o L. de *Alvorge* em terreno alto. Dista de Ancião duas leguas para N. N. O.

Compr.ᵉ mais esta F. os log.ᵉˢ de V.ª Nova, Aljazede, Atianha, Bemposta, Traz de Figueiró, Junqueira, Gallega, Outeiro, Moita Santa (de Baixo ou de Cima? pois são dois log.ᵉˢ no mappa, um d'esta F. e outro de Sant'Iago da Guar-

da), Matta de Cima, Matta de Baixo, Val de Gallego, Chardinheiro, Urjariça, Serra, Val Florido, Alcalamoque, Rabarrabos, Tamazinhos; os casaes de Machadas, Sobral, Matta de Castello Ventoso, de S. Pedro, Castello Ventoso, Confraria, Ribeira, Portella, Besteiro; e as q.^{tas} (ou H. I.) de Ladeira, Abegoaria, Pizoaria, Curral Novo, Vendas do Porto.

P. . .	C.	100	
	A	482	
	E. P.	500	1886
	E. C.		2323

Recolhe trigo, milho, cevada, vinho, azeite e muita lande.

Está hoje annexa a esta F., segundo a *E. P.*, a F. de S. Martinho de Ateanha, que já o estava em 1840 segundo o *M. E.*

O *D. C.* menciona à F. de Alvorge com o orago S. João; a razão d'este erro procede de que a F. de Alvorge teve effectivamente o dito orago até ao anno de 1646, em que foi reedificada, tomando então o de Nossa Senhora da Conceição.

ANCIÃO

(2)

Ant.^{a} V.^{a} de Ancião na ant.^{a} com. de Coimbra, de que eram don.^{os} os C. da Ericeira.

Hoje é cab.^{a} do actual conc.^{o} de Ancião.

Está sit.^{a} em um valle por onde passa a ribeira de Ancião, onde ha ponte na estr.^{a} para o Rabaçal, a qual estr.^{a} fica proxima e ao S. da m. e. da dita ribeira. Dista de Leiria 9 $^{1}/_{2}{}^{l}$ para E. N. E.

Tem uma só F. da inv. de Nossa Senhora da Conceição, cur.^{o} que era da ap. do conv.^{o} de Sta Cruz de Coimbra.

Compr.^{e} esta F., além da V.^{a}, os log.^{es} de Moinhos das Moutas, Além da Ponte, Moinhos de João da Serra, Pinheiro, Casal da Pedra, Louzal, Sarzedello, Lagôas, Ariosa, Constantino, Nettos, Loureiro, Ribeira do Açôr, Machial, Fonte Gallega, Empiados, Mattos, Escampado do Belchior, Escampado de Sta Martha, Escampado da Lagôa, Escampado de

S. Miguel, Bairro de S.to Antonio; e os casaes das Souzas, de S. Braz, do Viegas, das Peras.

Vem mencionados em Carv.o o L. de Mattos com 30 fogos, e 1/2[1] ao N. d'elle uma ermida de Nossa Senhora da Paz, em um areial com boa fonte de cantaria de excellente agua.

P...	C.	130	
	A.	464	
	E. P.	458	1688
	E. C.		2529

Tem casa de misericordia.

Recolhe muito trigo, milho, centeio, frutas, e tem abundancia de gado e de caça.

Tem abundancia de boas aguas.

Segundo a *Geographia Commercial e Industrial* do sr João Felix, ha n'este conc.o 32 caldeiras ou alambiques de distillação, um forno de cal, 42 lagares de azeite, 45 de vinho, 72 moinhos, uma ollaria, 55 teares de linho.

Tem este concelho:

Superficie, em hectares	18907
População, habitantes	8689
Freguezias, segundo a *E. C.*	5
Predios inscriptos na matriz	21058

Deu-lhe foral D. Affonso VI em 1663[1] e o titulo de V.a, doando-a a D. Luiz de Menezes, C. da Ericeira, em premio dos serviços que prestou na batalha do Ameixial, sendo general de artilheria, como consta de uma inscripção latina gravada no pelourinho.

GUARDA (SANT'IAGO DA)

(3)

Ant.a F. de Sant'Iago da Guarda, cur.o annual Annexo á F. de Nossa Senhora das Neves de Abiul, da ap. do most.o

[1] Segundo o *D. G.* do sr. P. L. já tinha outro foral dado por el-rei D. Manuel em 1514.

de Lorvão, no T. da dita V.^{a} de Abiul. Hoje é F. independente com o titulo de vig.^{a}

Está sit.^{o} o L. de *Sant'Iago* proximo a uma ribeira aff.^{e} da ribeira de Ancião. Dista de Ancião 7^{k} para N. O.

Compr.^{e} mais esta F. os log.^{es} de Casal do Louco, Mattos, Mattos de Sta Barbara, Estrada, Casal dos Valentes, Graminhal, Val de Boi, Casal de João Funé, Pinheiro, Tarouca, Sta Anna, Noguim, Marquinhas ou Mariquinhas, Val da Pia, Boa Vista, S. Vicente, Carvalhosa, Alqueidão, Cabeça, Castello, Lourenceiros, Val de Armada, Mogadouro, Lapa, Junqueira, Lagôa Posada ou Lagôa Parada, Alho, Casal de André Braz ou de Antonio Braz, Pia-Trevada ou Pia-Furada, Melrissa ou Melriço, Poço dos Cães, Mouta Negra, Mouta Santa, Charneca, Carvalhal, Casal de Arouca, Guarda, Granja, Fazenda, Casaes, Varzea, Venda do Basilio ou Venda do Brasil.

P...	C..........	130	
	A..........	527	
	E. P.......	530...............	2030
	E. C..........................		2326

LAGARTEIRA

(4)

Ant.^{a} F. de S. Domingos no L. da Lagarteira, cur.^{o} Annexo ao prior.^{o} de S. Miguel de Penella e da ap. do prior no T. da dita V.^{a}

Está sit.^{o} o L. da *Egreja* 1^{k} ao N. da ribeira de Ancião. Dista de Ancião 7^{k} para N. E.

Compr.^{e} mais esta F. os log.^{es} de Portella, Mouta, Carrascos, Ao Nascente, Val da Figueira, Coelhosa, Povoa, Outeiro, Val da Sancada, Lagarteira de Cima, Lagarteira de Baixo, Val de Pião, Pião, Maxial, Barrosos, Correal de S. Bento; e o casal de Callegos.

Vem mencionados em Carv.^{o}, Lagarteira (então séde da egreja parochial com 45 fogos), Lagarteira de Baixo, Pião.

P...	C.........	235	
	A..........	170	
	E. P.......	181...............	715
	E. C.........................		754

TORRE DE VAL DE TODOS

(5)

Ant.ª F. de Nossa Senhora da Graça, no L. da Torre de Val de Todos, cur.º da ap. do cabido da sé de Coimbra, cab.ª do couto de Val de Todos, no T. da dita cid.ᵉ, segundo Carv.º; porém segundo o *D. G. M.* era do T. da V.ª do Rabaçal.

Está sit.º o L. da *Torre* 7ᵏ ao N. de Ancião.

Compr.ᵉ mais esta F. os log.ᵉˢ de Casal de João Bom ou Jambão, Freixo, Figueiras Podres, Corcealinho (Curcial no mappa topographico), Casalinho, Lindos, S. Jorge, Estrada da Pragosa, Pragosa, Barreira, Val de Todos, Castello, Rua d'Além; e os casaes de Zambujal, Sobreiro.

Todos vem mencionados no *D. G. M.* e n'esse tempo (1758) eram os principaes Torre e Val de Todos.

P...	C...		
	A..........	178	
	E. P........	203...............	800
	E. C..........................		757

CONCELHO DA BATALHA
(d)

BISPADO DE LEIRIA

COMARCA DE PORTO DE MOZ

BATALHA
(1)

Ant.ª V.ª da Batalha na ant.ª com. de Leiria.

Hoje é cab.ª do actual conc.º da Batalha.

Está sit.ª em logar baixo $^1/_2{}^k$ a O. da m. e. do rio Lena, proxima á estr.ª real de Leiria ás Caldas da Rainha. Dista de Leiria duas leguas para o S.

Tem uma só F. da inv. de S.ta Cruz (Exaltação da S.ta Cruz), vig.ª da ap. da mitra.

Compr.e esta F., além da V.ª, os log.es de Rebolaria, Brancas de Baixo, Brancas de Cima, Golpilheira, Calvario, Cella de Baixo, Cella do Meio, Cella de Cima, Forneiros, Quinta do Sobrado, Palmeiros, Faniqueira=Furnaria, Piedosas, Golfeiros (Golifeiro no mappa) de Cima, Golfeiros de Baixo, Picoto, Adrões, Pinheiros, Casal do Marra, Casaes dos Ledos, Mouratos, Casal da Faniqueira, Choupico, Casa de Matto, Cividade, Bico Sachos ou Bico do Sacho, Casal do Alho, Casal Novo, Outeiro das Brancas, Carvalhal da Quinta do Sobrado, Casal da Boa Vida, Jardoeira; os casaes de Sá, Fonte, Paiva, Moinho do Muro, Moinho da V.ª, Casal das Hortas, S. Sebastião, Arquinho ou Arqueiro, Além, Moinho do Cadete, V.ª Facaia, Paço da Golpilheira, Paço das

Alcanadas, do Mil Homens, Carvalhal da Quinta do Sobrado, Carvalhal do Picoto, Canoeira, Casalinho, Catraia das Brancas, Outeiro, do Baptista, do Rei, Carvalhas, das Centas ou Centras, Chaveiro, Carvalhas junto aos Golfeiros, Penedo, Arteiros, Lagar do Loureiro; e as q.^{tas} de Varzea, S. João, Ribeira.

Vem mencionados em Carv.^{o} os log.^{es} seguintes, cada um com sua ermida:

Canoeira, com a ermida de Nossa Senhora da Esperança; Faniqueira, com a de S.^{to} Antão; Jardoeira, com a de Sta Maria Magdalena; Brancas, com a de Nossa Senhora da Conceição; Robolaria, com a de S.^{to} Antonio; Ribeira (dos Saxos), com a de Nossa Senhora do Ó; Cividade, com a de S. Bento.

O L. da Canoeira julgo era um dos existentes (talvez o mais importante) ao tempo da edificação do conv.^{o} de Sta Maria da Batalha, por isso que fr. Luiz de Souza diz que o primeiro nome que el-rei (D. João I) deu ao conv.^{o} quanto ao sitio foi de *a par da Canoeira.*

P...	C.	570	
	A.	634	
	E. P.	702	2818
	E. C.		3054

Tem casa de misericordia e hospital.

A ermida de S. Jorge, que ainda existe pois vem indicada no mappa topographico, dizem ter sido fundada pelo proprio condestavel no local em que teve principio a batalha. Por certo ha de ter sido reedificada.

Proximo á estr.^{a} real de Lisboa a Leiria, entre Aljubarrota e a dita cid.^{e} de Leiria, um pouco á direita e inferior ao plano da estr.^{a} se descobre o monumento principal das glorias religiosas, civis, marciaes e artisticas dos portuguezes.

Brazão de gloria religiosa, pois se deve á piedade do nosso rei D. João I, o de boa memoria, que o consagrou á Santissima Virgem com a inv. de Sta Maria da Victoria, em agradecimento da que alcançou sobre os castelhanos nos plainos de Aljubarrota: de gloria civil ou patriotica,

pois é documento irrefragavel de que poucos podem vencer muitos, quando esses *poucos* tem fé e patriotismo no coração; de gloria marcial porque se obraram n'essa batalha acções de valor que mereceram ficar registadas na grande epopéa nacional.

«Como da gente illustre portugueza
Ha de haver quem refuse o patrio marte?
Como, d'esta provincia, que princeza
Foi das gentes na guerra em toda parte,
Ha de sair quem negue ter defeza,
Quem negue a fé, o amor, o esforço, e arte
De portuguez, e por nenhum respeito
O proprio reino queira ver sugeito?

(*Lus.*, canto IV, oit. XV.)

Quanto a gloria artistica podemos afoutamente dizer *quem não viu a Batalha desconhece o que ha de mais rico em primores da arte em Portugal.*

A descripção do conv.º da Batalha não cabe nos limites d'este trabalho, nem desconhecemos a tal ponto a nossa pequenez litteraria, que pretendamos resumir em mal limada phrase o que tão elegantemente descreveu fr. Luiz de Souza.

Veja-se a *Historia da ordem de S. Domingos*, parte I, pag. 326 a 339.

A nova ponte da Batalha, construida em 1845, no reinado da senhora D. Maria II, de saudosa memoria, é uma completa obra n'aquelle genero e de mui agradavel apparencia.

É continuação da estr.ª real e atravessa o rio Lena.

Esta V.ª é abundante de pão, vinho, azeite, excellentes frutas, gado e caça, e tinha d'antes mina de azeviche de que faziam muitas galanterias.

João Baptista de Castro ainda falla d'esta mina como existente no seu tempo.

Tem abundancia de boas aguas na V.ª e duas fontes co-

piosas e excellentes em qualidade nos log.^{es} de Jardoeira e Faniqueira.

Segundo a *Geographia Commercial e Industrial* do sr. João Felix, ha n'este conc.^{o} 10 caldeiras ou alambiques de distillação, 12 fabricas de cortumes, 2 fornos de cal, 15 lagares de azeite, 90 de vinho, 5 machinas de distillação de aguardente, 38 moinhos, 1 tear de lã, 34 de linho.

Tem estação telegraphica.

Tem 15 dias de feira franca, principiando em 15 de agosto segundo J. B. de Castro, mas o *D. C.*, diz ser de 3 dias.

Tem este concelho:

Superficie, em hectares	7154
População, habitantes	5082
Freguezias, segundo a *E. C.*	2
Predios, inscriptos na matriz	10800

A fundação d'esta V.^{a} data da fundação do conv.^{o}, que parece teve principio em 1387 ou 1388; a agglomeração dos trabalhadores constituiu o primeiro nucleo da povoação, depois o soberano aforou terrenos a particulares com obrigação de levantarem casas; foi crescendo á sombra d'aquelle grandioso monumento e em 1504 lhe concedeu foral el-rei D. Manuel.

O *D. G.* do sr. P. L., diz que nunca teve foral: effectivamente não o encontramos no archivo nacional da Torre do Tombo, e nem mesmo noticia de se lhe haver passado em tempo algum.

REGUENGO

(2)

Ant.^{a} F. de Nossa Senhora dos Remedios no L. do Reguengo do Fétal, que assim lhe chama a *E. P.*, cur.^{o} da ap. dos freguezes, no T. da cid.^{e} de Leiria.

Em 1840 pertencia esta F. ao conc.^{o} de Leiria. Passou ao de Alcobaça pelo decreto de 24 de outubro de 1855.

Está sit.^{o} o L. de *Reguengo*, na aba da serra do Caramulo da parte de S. O. Dista da Batalha 7^{k} para E. S. E.

Compr.^{e} mais esta F. os log.^{es} de Arangões, Prulhal, Guarrunhas ou Garrunchas, Rio Seco, Alcaidaria, Torrinhas, Piqueiral, Torre da Magueixa, Chainça (Chainça e Chainça do Meio no mappa topographico), Prulheira, Val da Setta, Covão da Carvalha, Val d'Ourem, Milhariça ou Milhariças, Mouta do Murtinho ou Mouta do Martinho, Casal Velho, S. Mamede, Crespos, Pecegueiro, Mouta d'Ero ou Mouta d'Ergo, Val das Barreiras ou Val da Barreira, Casal do Vieira, Lagôa Ruiva, Barreiro Grande, Val do Sobreiro, Pia d'Urso, Mó ou Adimó, Barreira d'Agua, Pero Garcia, Lapa Furada, Val da Quebrada.

Vem mencionados em Carv.^{o}, Reguengo (L.) com uma ermida de Nossa Senhora do Fétal, Torre de Magueixa com uma de Sta Eiria, Torrinhas com uma de Sta Maria Magdalena, Serra com uma de S. Mamede.

P...	C.	400	
	A.	482	
	E. P.	481	1660
	E. C.		2028

NB. Não se deve confundir a serra do Caramulo d'esta F. com a outra do mesmo nome na provincia da Beira.

CONCELHO DAS CALDAS DA RAINHA

(e)

PATRIARCHADO

COMARCA DAS CALDAS

ALVORNINHA

(1)

Ant.ª V.ª de Alvorninha na ant.ª com. de Leiria, de que eram don.os os abb.es de Alcobaça, por ser couto do conv.º

Está sit.ª em logar alto, bem lavado do N. e sadio, entre duas pequenas ribeiras. Tem estr.as para as Caldas e para diversas FF. convesinhas. Dista das Caldas duas leguas para E. S. E.

Tem uma só F. da inv. de Nossa Senhora da Visitação, prior.º que era da ap. do conv.º de Alcobaça.

Compr.e esta F., além da (V.ª que o *D. C.* chama V.ª ext.ª) os log.es de Outeiro, V.ª Nova, Trabalhia, Malasia, Moita, Zambujal, Bouzias, Antas, Val Serrão, Laranjeira, Lobeiros, Ribeira dos Amiaes, Maios, Carril, Baixinhos, Ramalhosa, Pedreira e Portella, Calvello, Raposeira, Pégo, Almofala, Calçada, Forninhos, Comeira (ou Couceira?) de S. Clemente, Boa Vista, Salgueiral e Gesteira, Comeira (ou Couceira) da Cruz, Chãos (Chões de Baixo e Chões de Cima, no mappa topographico); os casaes de Souto, do Alqueidão, do Freixo, do Norte, do Cabeço Branco, do Chiote, do Penhaço, Casal Velho da Moita dos Carvalhos, do Gil, do Paraiso, da Loirosa, Casal Velho da Ramalhosa, do Frade;

e as q.^{tas} de Paço, Cruz, Val Formoso, Almofalla, Quebradas, Feteira, S. Gonçalo.

Vem mencionados em Carv.^{o} os log.^{es} de Almofalla com a bella q.^{ta} dos Pinheiros, pela qual passam duas pequenas ribeiras; Outeiro com 15 fogos e uma fonte de boa agua; Ribeira com 8 fogos; Trabalhia dos Vinhos com 12, uma ermida de Nossa Senhora da Esperança e uma fonte de boa agua; Malasia com 27 fogos e uma fonte; Féteira com 7 fogos, uma ermida de S. Pedro e uma fonte; Azambujal com 10 fogos e uma ermida de S. Sebastião, Bouzias com 12 fogos; Laranjeira com 13; o casal do Frade com 16, uma ermida de Nossa Senhora da Gloria e uma fonte de excellente agua; o casal do Gil com 5 fogos; as q.^{tas} de Val Formoso com uma capella de Nossa Senhora; da Cruz; das Quebradas, tambem chamada de Nossa Senhora da Conceição pela boa ermida da mesma inv.; finalmente a q.^{ta} do Paço, a mais ant.^{a} de todas, onde habitava um fidalgo seu proprietario que indo ver todos os dias uma formosa senhora de muita virtude, que morava no L. que é hoje a V.^{a} de Alvorninha, lhe dizia sua mulher (provavelmente a bem, em vista das boas qualidades da tal dama) *a ver la ninha?* d'onde proveiu o nome á V.^{a}

P. . .	C.	80	
	A.	479	
	E. P.	512	2058
	E. C.		2206

Tem casa de Misericordia e hospital.

É abundante de trigo, milho, centeio, vinho, azeite, hortaliças, legumes e gostosas frutas dos lindos pomares que a rodeiam.

Tem abundancia de excellentes aguas.

Deu-lhe foral el-rei D. Manuel em 1513 (ou 1514 segundo o *D. G.* do sr. P. L.)

CALDAS DA RAINHA

(2)

Ant.ª V.ª das Caldas na ant.ª com. de Alemquer, que pertencia á casa das rainhas.

Hoje é cab.ª do actual conc.º e da actual com. das Caldas da Rainha.

Está sit.ª em alegre planicie, 4^k a E. do braço oriental da lagôa d'Obidos, chamado o braço da Barrosa, na estr.ª real do Porto a Lisboa. Tem estr.ª real para Obidos. Dista de Leiria 11^l para S. O.

Tem uma só F. da inv. de Nossa Senhora do Populo, vig.ª que era da ap. do provedor do hospital da V.ª

Compr.^{e} esta F., além da V.ª, os log.^{es} de Avenal (Arenal e Arenalinho no mappa topographico), Lagôa Parceira, Moinhos da Ribeira, Casaes do Sande, Tranqueirão, Rapozeira; os casaes do Cuco ou dos Cucos, Imaginario, Croxa, Belver, S. Jacinto; e a q.^{ta} da Palhagueira.

NB. No mappa topographico vê-se tambem a q.^{ta} da Boneca, a qual parece deve pertencer a esta F.

P...	C..........	230	
	A..........	521	
	E. P........	528.............	2205
	E. C..........................		2268

Tem esta V.ª o famoso hospital que lhe dá o nome, fundação da rainha D. Leonor, mulher d'el-rei D. João II, ainda que parece pela provisão regia e pelo breve do papa Alexandre VI concedendo graças e indulgencias ao dito hospital, que já ali existiam ruínas de estabelecimento mais antigo. Tiveram principio as obras do edificio em 1485 e concluiram-se em 1488; porém tem tido reparações e augmentos em diversas épocas, sobretudo em 1747 em que D. João V o fez reedificar desde os alicerces, dando-lhe a fórma e grandeza que hoje tem, como consta da inscripção entalhada em pedra na casa da *copa,* entre as portas das enfermarias, tendo por cima o escudo das armas do reino.

«O mesmo soberano, diz o *D. G.* do sr. P. L., tambem mandou reconstruir a egreja parochial da V.ª, obra egualmente da rainha D. Leonor, e do mesmo tempo, e reedificar 4 ermidas que eram ant.ªˢ, Nossa Senhora da Graça, Nossa Senhora do Rozario, S. Sebastião e S. Bartholomeu.»

Das virtudes d'estes banhos, os mais acreditados e conhecidos de Portugal e das aguas thermaes sulfureas que os fornecem, tem fallado muitos auctores antigos e modernos, nem é materia que tenhamos competencia para tratar.

Segundo a descripção das aguas mineraes do reino, dos srs. dr. Lourenço e Schiappa de Azevedo, provém estas aguas thermaes de um abundante manancial, capaz de alimentar um estabelecimento dez vezes maior, e rebentam do solo em grossos borbotões, acompanhadas de azote e acido carbonico, no mesmo logar onde estão construidos 3 grandes tanques. São limpidas e transparentes na fonte, levemente salobras, com gosto e cheiro bem pronunciado de aguas sulfureas. Recolhidas com cuidado em frascos hermeticamente fechados conservam as suas propriedades durante muito tempo.

A temperatura observada em todos os 3 tanques foi de 33°,8 centigrados sendo a do ar exterior de 26 graus.

A fonte chamada das *Aguas Santas* fica a 2ᵏ da V.ª e são aproveitadas n'um pequeno edificio que a camara municipal mandou construir. Brotam estas aguas em terreno areento. São limpidas e transparentes, sem gosto nem cheiro, muito leves e potaveis, apresentando vestigios duvidosos de acido sulfydrico. São frias, e marcaram 20°,4 centigrados de temperatura, sendo a do ar ambiente, á sombra, de 22 gráos.

As casas dos banhos, da V.ª, são todas de grossa abobada de cantaria e o pavimento de areia finissima. Ha duas para banhos de mulheres e duas para homens, com as dimensões entre 40 a 50 palmos de comprimento e 12 a 15 de largura: e tal é a abundancia da agua, que sóbe um tanque a 4 palmos de altura em 15 ou 20 minutos.

Entre os banhos dos homens e os das mulheres, em

frente da entrada principal, está a casa da *copa*, onde é o *pocinho* ou manancial da agua thermal para bebida: proximo á casa da copa e no topo estão as portas das enfermarias para homens e para mulheres, e ao norte a cosinha do hospital.

Tambem inteiramente separados ha banhos para leprosos e sarnosos, e um especial para os animaes.

É digno de ver-se o *Passeio Novo* a O. do caminho que vae para Obidos, obra do dr. Antonio Gomes da Silva Pinheiro, administrador em 1799.

A egreja do hospital é de marmore e porfido riquissimo, mas tem tido reparações que muito desdizem da grandesa primitiva.

Tem esta V.ª boas praças e ruas, casas modernas e de bella aparencia e varios chafarizes de abundante e excellente agua.

O terreno nos arredores da V.ª com quanto ameno e bem arborisado não é em geral muito productivo; porém não deixa por isso de ser abundantissima de todos os generos, que ali concorrem das povoações visinhas e das cercanias de Alcobaça: cereaes, hortaliças, legumes, frutas, aves, carnes, caça (especialmente perdizes), peixe da Nazareth e de Peniche, de tudo ha fartura e de optima qualidade.

É bem conhecida em todo o reino a louça chamada das Caldas, e as muitas galanterias (algumas delicadissimas) que com o mesmo barro fabricam.

Tem feira annual, de 3 dias, com principio em 14 de agosto: (mercado diario e feira de gado nos ultimos domingos de cada mez segundo nos informa o *D. G.* do sr. P. L.)

Segundo a *Geographia Commercial e Industrial* do sr. João Felix, ha n'este conc.º 81 caldeiras ou alambiques de distillação, 10 fabricas de louça ordinaria, 5 de louça de barro vidrada, uma fabrica de tecidos de algodão, 7 fornos de cal, 11 de telha e tijolo, 24 lagares de azeite, 217 de vinho, 6 machinas de distillação de aguardente, 135 moinhos, duas officinas de fogo de artificio, duas de phosphoros, 8 ollarias, 33 teares de linho.

Tem estação telegraphica.

Tem este concelho:

Superficie, em hectares	21079
População, habitantes	11725
Freguezias, segundo a *E. C.*	10
Predios, inscriptos na matriz	17117

A fundação d'esta V.ª data do estabelecimento dos seus banhos, visto que el-rei D. Manuel concedeu, em uma especie de foral, grandes privilegios a 30 moradores que ali foram estabelecer-se. Depois cresceu e povoou-se na proporção do tempo e do concurso e frequencia dos mesmos banhos: concurso e frequencia tal que sendo em 1560 o numero dos doentes curados de 600 a 700 era em 1799 de 1600 a 1700.

O brazão d'armas d'esta V.ª segundo o descreve o sr. P. L. no seu *D. G.* é o seguinte:

Escudo de purpura: no centro dois escudetes parallelos brancos, com 5 escudetes azues, pequenos, em cruz, e tendo cada um d'estes escudetes 5 bezantes em aspa (como os das armas de Portugal mas duplicados): e sobre o escudo 12 castellos de ouro, em 3 linhas perpendiculares de 4 cada uma, ficando os quatro do centro no intervallo (de purpura) que divide os escudetes brancos. Este escudo é mettido em outro branco e de um lado d'aquelle tem uma rede e do outro um pelicano, sustentando os filhos com seu sangue. O escudo branco tem sobre elle uma corôa aberta como a dos duques.

Todos sabem que a rede e o pelicano são divisas que tomou a rainha D. Leonor para as suas V.as depois da morte de seu filho o principe D. Affonso.

A rede em memoria d'aquella em que levaram o mesmo principe para a cabana do pescador onde falleceu; e o pelicano divisa especial de seu esposo, o rei D. João II.

Segundo os quadros anonymos, coloridos, dos brazões de todas as cid.es e V.as de Portugal: é o seu brazão o escudo real de D. João II, com as *pallas* grelhadas da rainha D. Leonor; á direita um escudete branco com o pelicano sus-

tentando os filhos, e á esquerda outro escudete branco com uma rede de pescador suspensa á parte superior do escudete por 3 prizões.

No livro dos brazões da Torre do Tombo não se encontra o d'esta V.ª

CARVALHAL BEM FEITO

(3)

Ant.ª F. de Nossa Senhora das Mercês de Carvalhal Bemfeito, vig.ª da ap. do abb.^{e} de Alcobaça segundo Carv.º, do Most.º de Cós segundo a *E. P.*, no T. da V.ª de Sta Catharina.

Está sit.º o L. de *Carvalhal Bemfeito* em gracioso valle, sobre uma pequena ribeira. Dista das Caldas 2^{l} para E. N. E.

Compr.^{e} mais esta F. os log.^{es} de Barrocas, Antas, Cabeça Alta, Cruzes, Mestras, Val da Vaca, Ousseira; os casaes de Luiz Annes, Charneca, Azenha, Vallinho, Eiras, Fialho, Pinheiro, Carvalhos, Cuvas, Oliveirinha, Hortas, Malta; e uma q.^{ta} que pertence ao ex.^{mo} sr. D. Gastão, de Lisboa.

P...	C..........		
	A..........	149	
	E. P........	145...............	652
	E. C.........................		722

COTTO

(4)

Ant.ª F. de Nossa Senhora dos Anjos, cur.º da ap.[1] do cabido de Sta Maria de Obidos, no T. d'esta V.ª.

Está sit.º o L. de *Cotto* (*Couto* no mappa topographico) $1\,{}^{1}/_{2}{}^{k}$ a E. da estr.ª real de Leiria ás Caldas. Dista das Caldas 3^{k} para N. N. E.

[1] Esta ap. é do *D. G.* do sr. P. L. Cotto segundo o mesmo *D. G.* significa pequeno outeiro ou cabeça.

Compr.[e] mais esta F. os log.[es] de Casaes, Valle; os casaes de Carrascos, do Costa, da Botica, do Salles: e as q.[tas] das Laranjas, do Valle.

P...	C.			
	A.	521		
	E. P.	105	....	414
	E. C.		....	433

SALIR DOS MATTOS

(5)

Ant.[a] V.[a] de Salir do Matto, segundo Carv.[o], Selir de Mattos na *E. P.*, na ant.[a] com. de Leiria, de que eram don.[os] os abb.[es] de Alcobaça.

Está sit.[a] em charneca 3[k] a E. da estr.[a] real de Leiria ás Caldas da Rainha. Tem estr.[a] para as Caldas da qual V.[a] dista 1[l] para N. E..

Tem uma só F. da inv. de S.[to] Antonio, vig.[a] da ap. do conv.[o] de Alcobaça. Hoje é cur.[o] segundo a *E. P.*

Compr.[e] esta F., além da V.[a], que o *D. C.* chama V.[a] ext.[a], os log.[es] de Guisado, Teixeira, Barrantes, S. Domingos, Venda, Cruzes, Cabreiros, Trabalhias, Infantes, Formigal, Torre, Vimeira; os casaes de Avenal, Charneca, Outeiro, Cosinheiro, Ramalheira, Cabana, Areia, Ponte, Novo, Almoinhas, Verissimo, Trabalhias, Val do Sul, Val da Quinta, Cabaço, Ambrosio, Azenha, Fonte.

Vem mencionados em Carv.[o] os log.[es] da Torre, Infantes, Trabalias, Cruzes, Carrasqueira, Barrancos, S. Domingos com uma ermida d'este santo, Formigal com uma de Nossa Senhora da Piedade.

P...	C.	150		
	A.	261		
	E. P.	248	....	1151
	E. C.		....	1377

Segundo J. B. de Castro deu foral a esta V.[a] D. fr. Martinho III, geral de Alcobaça.

SALIR DO PORTO

(6)

Ant.ª V.ª de Salir do Porto, segundo Carv.º, Selir do Porto, na *E. P.*, na ant.ª com. de Alemquer.

Em 1840 pertencia esta V.ª ao conc.º de S. Martinho do Porto, ext.º pelo decreto de 24 de outubro de 1855, pelo qual passou ao conc.º das Caldas da Rainha.

Está sit.ª 1^{k} a S. O. da enseada da V.ª de S. Martinho, fronteira á dita V.ª e $1^{1}/_{2}{}^{k}$ a S. O. da barra: chama-se a esta barra de *Salir do Porto* por ser esta V.ª mais ant.ª (posto mais pequena) do que a de S. Martinho.

Tem estr.ª para as Caldas e para o L. da Foz. Dista das Caldas 12^{k} para o N.

Tem uma só F. da inv. de Nossa Senhora da Conceição, cur.º annual da ap. do prior de S. Pedro da V.ª de Obidos.

Compr.^{e} esta F., além da V.ª, que o *D. C.* chama V.ª ext.ª, os casaes de Seixal, Boa Vista, José Aleixo, a q.^{ta} do Tal-vae; e algumas H. I. chamadas Casaes da Fonte.

NB. No mappa topographico vem mais 3 casaes que parece devem pertencer a esta F., são os de Pedro, Vicente e Russo.

P...	C.	120	
	A.	80	
	E. P.	100	390
	E. C.		409

Recolhe algum trigo, centeio e milho: tem algum gado, alguma caça e muita abundancia de peixe.

Deu-lhe foral el-rei D. Affonso Henriques.

SANTA CATHARINA

(7)

Ant.ª V.ª de Sta Catharina na ant.ª com. de Leiria, de que eram donatarios os abb.^{es} de Alcobaça.

Era uma das 13 V.^{as} dos coutos de Alcobaça.

Está sit.^{a} em um outeiro, sobre uma ribeira que deslisa em sua fertil veiga. Dista das Caldas 13^{k} para E. N. E.

Tem uma só F. da inv. de Sta Catharina, cur.^{o} que era da ap. dos freguezes (e não o conv.^{o} de Alcobaça como diz a *E. P.*)

P...	C.	80	
	A.	270	
	E. P.	261	1080
	E. C.		1409

Tem casa de misericordia e hospital.

Recolhe muito trigo, centeio, milho excellentes frutas e vinho.

Tem abundancia de boas e frescas aguas.

É muito lavada do N. e muito sadia.

Tem feira annual em 25 de novembro.

Deu-lhe foral el-rei D. Manuel em 1518.

«A F. de Sta Catharina, diz o *D. G.* do sr. P. L., tambem chamada Sta Catharina da Serra ou simplesmente F. da Serra, teve antigamente o nome (de Senhora Benedicta e tambem pertencia á V.^{a} a F. do Carvalhal Bemfeito.»

SERRA DO BOURO

(8)

Ant.^{a} F. de Nossa Senhora dos Prazeres, segundo Carv.^{o}, Nossa Senhora dos Martires na *E. P.*, da Serra do Bouro, cur.^{o} da ap. dos freguezes, segundo Carv.^{o}, da ap. do prior de Sant'Iago d'Obidos segundo a *E. P.*, no T. da V.^{a} de Obidos.

Em 1840 pertencia esta F. ao conc.^{o} de S. Martinho do Porto, ext.^{o} pelo decreto de 24 de outubro de 1855, pelo qual passou ao conc.^{o} das Caldas da Rainha.

Está sit.^{a} a egreja parochial (o L. da Granja onde está a egreja segundo o mappa topographico) $^{1}/_{2}{}^{l}$ a E. S. E. do Oceano. Tem estr.^{a} para as Caldas. Dista das Caldas 8^{k} para N. O.

Compr.[e] esta F. os log.[es] de Foz do Arelho, Logar da Cidade; os casaes de Sellão, dos Antunes, Cabeço da V.[a] (ou Cabeço da Véla) Casaes da Espinheira e Zambujeiro, Casaes da Boavista (no mappa topographico vem os casaes de Toribio, Quaresma, Capitaes, Maia, Agostinho e Thomaz) e a q.[ta] da Gandra ou da Granja.

Vem mencionado em Carv.[o] o L. da Foz com uma ermida de S.[to] Antonio.

P...	C..........	100	
	A..........	167	
	E. P........	175..............	598
	E. C...........................		785

TORNADA

(9)

Ant.[a] F. de Nossa Senhora d'Annunciação no L. de Tornada, cur.[o] da ap. do prior e beneficiados da F. de Sant'Iago da V.[a] de Obidos, no T. da mesma V.[a]

Está sit.[o] o L. de *Tornada* junto á estr.[a] real das Caldas a Leiria.

Dista das Caldas uma legua para o N.

Compr.[e] mais esta F. os log.[es] de Chão da Parada, Mouraria, Reguengo, Campo, Casal do Morgado, Casal do Crutello.

Vem mencionado em Carv.[o] o L. de Chão da Parada.

P...	C..........	70	
	A..........	219	
	E. P........	226..............	904
	E. C...........................		1128

A *E. P.* chama a esta F., Sant'Iago de Tornada.

VIDAES

(10)

Ant.[a] F. de Nossa Senhora da Piedade no L. dos Vidaes, cur.[o] da ap. do cabido da sé de Lisboa, segundo Carv.[o],

do patriarcha no *D. G. M.*, da collegiada de Sta Maria da V.^{a} de Obidos, segundo a *E. P.*, no T. da d.^{a} V.^{a}

Está sit.^{o} o L. dos *Vidaes* em valle aprazivel, ao meio do qual corre uma ribeira. Dista das Caldas duas leguas para E. S. E.

Compr.^{e} mais esta F. os log.^{es} de Cortem ou Cotem, Mosteiros ou Mosteiro, Mathueira, Crastos, Ribeira, Rabaceira, Casaes, Carrasqueira, Maias, Carrascal, Sta Maria, Casal da Egreja, Casal do Rei, Casal dos Grilos, Casaes da Boa Vista: e as q.^{tas} de Val-Verde, Pinheiro, Matta, Cazabér ou Casével, Bogalhos, Sande, Talvez.

Em Carv.^{o} vem mencionado na mesma F. o L. dos Vidaes com uma ermida do Sacramento; porém no T. da V.^{a} de Alvorninha menciona uma q.^{ta} á qual só dá o nome de q.^{ta} do L. dos Vidaes, da qual era senhor, em 1708, Belchior Botelho de Sequeira, com boas casas, muitas vinhas, e grandes olivaes, com muita creação de gados e grandes mattos, uma boa fonte e um ribeiro que passa ao meio da quinta.

No *D. G. M.* vem mencionados os log.^{es} de Cotem, Casal do Rio, Rabaceira, Crastos, Mattoeira, todos no T. de Obidos e pertencentes ás terras da Rainha; Ribeira, Vidaes e Mosteiros, do T. de Alvorninha e pertencentes aos coutos de Alcobaça.

P...	C..........	132	
	A	209	
	E. P.......	210................	900
	E. C...........................		988

CONCELHO DE FIGUEIRÓ DOS VINHOS

(f)

BISPADO DE COIMBRA

COMARCA DE FIGUEIRÓ DOS VINHOS

AGUDA

(1)

Ant.ª V.ª de Aguda na ant.ª com. de Ourem, segundo Carv.º (de Thomar segundo J. B. de Castro), de que eram don.^{os} os C. de Vianna (a casa do inf.º segundo o *D. G. M.*)

Em 1840 pertencia esta V.ª ao conc.º de Maçans de D. Maria, ext.º pelo decreto de 24 de outubro de 1855, pelo qual passou ao de Figueiró dos Vinhos.

Está sit.ª sobre um pequeno outeiro da serra de Aguda. Dista de Figueiró dos Vinhos 7^{k} para O.

Tem uma só F. da inv. de Nossa Senhora da Graça, vig.ª que era do padr.º real com um prestimonio da casa do inf.º segundo o *D. G. M.*, da ap. dos D. de Lafões segundo a *E. P.*

Compr.^{e} esta F., além da V.ª, que o *D. C.* considera ext.ª e bem assim a *E. P.*, os log.^{es} seguintes: (de 10 a 40 fogos) Casal do Pedro, Almofalla de Cima, Casal do Castello, Almofalla de Baixo, Olival, Coelheira, Moninhos Cimeiros, Moninhos Fundeiros, Salgueiro da Lomba, Cercal, Lomba da Casa, Abrunheira, Salgueiro da Ribeira, Casal de S. Simão, Ponte de S. Simão,=(até 10 fogos) Casal do Ruivo, Ribeira d'Alge, Casal de S. Pedro, Saonda, Pena, Além da Ribeira, Azeitão, Casal Velho, Ximpeles, Fato, Sigoeira,

Rego, Ponte de Braz Curado, Casaes, Fonte d'Aguda, Martim Gago, Rego Fundeiro, Porto da Soanda; e as q.tas da Fonte, e da Ribeira.

No L. de Almofalla de Cima ha uma casa nobre dos Mellos Freires, sobrinhos do respeitavel jurisconsulto Pascoal José de Mello.

P...	C............	145	
	A............	371	
	E. P..........	411............	1559
	E. C..........................		1680

Recolhe algum milho, trigo, castanhas, vinho e azeite.

D. Pedro I fez doação do L. de Aguda a D. João Affonso, 1.º conde de Vianna.

As FF. de Chão de Couce, Avellar, Pousa Flores, Maçans de D. Maria e Aguda formaram até 1836 (diz a *Topographia Medica* das 5 V.as e Arega do sr. dr. A. A. da Costa Simões) a comarca das 5 V.as

Da V.a de Aguda falla M. L. de Andrade na *Miscellanea* onde diz: «D. Sancho II lhe tirou (ao T. de Pedrogão Grande) uma grande nesga ao longo do rio Algia, até ao Zenzere, dando alguns pedaços ás V.as de Miranda, Aguda, Maçans e ao Avelar, pelo d.º rio Algia acima; e para baixo mais a Figueiroo, fazendo-o V.a... pelos annos de 1212 ....»

D'onde se conclue que n'essa época já Aguda era V.a

«A comarca das 5 V.as (continúa o sr. dr. Costa Simões na *Topographia Medica*) com a F. de Arega, muitos povos da F. de Chão de Couce que pertenciam a Penella, e menos algumas povoações da F. de Pousa Flores que ficaram ao conc.º de Ancião, constituiram em 1836 os dois conc.os de Chão de Couce e Maçans de D. Maria, e depois este foi encorporado áquelle pelo que se levantou o povo.»

Finalmente entraram todos na formação do actual conc.º de Figueiró dos Vinhos.

Ás 5 V.as de Aguda, Chão de Couce, Maçans de D. Maria, Avellar e Pousa Flores deu foral (segundo a d.a *Topographia*) el-rei D. Manuel em 1514.

ARÉGA

(2)

Ant.ª V.ª de Aréga na ant.ª com. de Ourem, segundo Carv.º (de Thomar segundo o *D. G. M.*) de que eram don.^{os} os D. de Cadaval.

Em 1840 pertencia esta V.ª ao conc.º de Maçans de D. Maria, ext.º pelo decreto de 24 de outubro de 1855, pelo qual passou ao de Figueiró dos Vinhos.

Está sit.ª em alto monte, 2^{k} a O. da ribeira d'Alge, aff.^{e} do Zezere, que é caudalosa e arrebatada. Dista de Figueiró dos Vinhos 9^{k} para S. O.

Tem uma só F. da inv. de Nossa Senhora da Conceição, prior.º que era da ap. do B. de Coimbra, segundo Carv.º, da ap. do Collegio Novo dos Cruzios de Coimbra, segundo a *E. P.*

Compr.^{e} esta F., além da V.ª, que o *D. C.* considera ext.ª e egualmente a *E. P.*, os log.^{es} de Castanheira, Quinta da Gaga, Casas, Casalinho, Jarda, Brunhal ou Abrunhal, Bréjos ou Bréjo, Braçaes, Carreira, Pegúdas, Val do Prado, Foz d'Alge, Caboucos, Val Bom, Casalinho de Sant'Anna, Ribeira do Braz, Lameirão, Janalvo; os casaes de Ingil, Mansa, Poeiro: e uma H. I. chamada a Venda do Henrique.

Vem mencionado em Carv.º o L. da Foz d'Alge, onde havia n'esse tempo (1708) uma fabrica de fundição de artilheria de que adiante ainda trataremos.

Tinha o d.º L. uma ermida de S. João Baptista, proxima ao rio Zezere.

Vem tambem mencionado no mesmo auctor o L. de Casalinho de Sant'Anna, egualmente proximo ao rio, com uma ermida da inv. da mesma Sta

Na V.ª havia duas ermidas S. Pedro e S.^{to} Ant.º

P...	C..........	226 (V.ª 23 T. 203)	
	A.........	340	
	E. P.......	361................	1255
	E. C...........................		1509

Recolhe centeio, milho grosso, algum trigo, feijão, vinho, azeite, poucas frutas, linho e mel.

É terra pobre, mas de gente mui laboriosa e mesmo industriosa.

O clima é saudavel e grande numero chega ali aos noventa annos com perfeita saude e robustez.

«Da fabrica da Foz d'Alge (diz a *Memoria Topographica* já citada) chamada Engenho da Machuca, falla Carv.°; e consta por tradição que em 1760, por ordem do M. de Pombal, em uma noite, a um signal dado por foguetes, foram presos e mandados para o Ultramar 7 mestres fabricantes, escapando José Lavaxe por ser estrangeiro; dizem que o fim era ensinarem a fabricação do ferro no Ultramar; as familias receberam uma pensão de 300 réis diarios até ao fallecimento dos mesmos, excepto a de um que fugiu do degredo: quanto a este o governo suspendeu a pensão á familia, mas não procedeu contra elle, signal de que não tinham commetido crime.

«José Lavaxe estabeleceu-se em Vendas de Maria na estr.ª de Cabaços, F. de Maçans de D. Maria.

«A fabrica ainda se conservou montada com todas as machinas e apparelhos por mais de 30 annos, como ainda a viram Julião Simões e Manuel Simões, octogenarios, do L. de Moninhos Fundeiros, com quem fallei em 1848.

«Hoje (1860) apenas restam paredes arruinadas, signaes dos fornos, e a valla do escoamento das aguas.

«Ainda havia outra fabrica menor que produzia artigos de ferro, fundido e forjado: esta foi fechada em 1834.

«A mina de ferro para esta fabrica era a das Barrancas proxima da povoação d'este nome e do Alqueidão de Maçans que ficam na F. de Maçans de D. Maria.»

Segundo J. B. de Castro confirmou o ant.° foral d'esta V.ª el-rei D. Manuel em 1513.

O *D. G.* do sr. P. L. diz que lhe deu foral D. Pedro Affonso, irmão de D. Affonso Henriques, em 1201, e que não se chegou a expedir o novo foral d'el-rei D. Manuel.

AVELLAR

(3)

Ant.ª V.ª do Avellar na ant.ª com. de Ourem, segundo Carv.º (de Thomar segundo o *D. G. M.*), de que era don.º a casa do inf.º

Em 1840 pertencia esta F. ao conc.º de Chão de Couce ext.º pelo decreto de 24 de outubro de 1855, pelo qual passou ao de Figueiró dos Vinhos.

Está sit.ª em logar plano proxima á serra de Aguda. Dista de Figueiró dos Vinhos duas leguas para O. N. O.

Tem uma só F. da inv. do Espirito Santo, cur.º que era da ap. dos freguezes, segundo Carv.º, do vig.º de Aguda, segundo o *D. G. M.* e *E. P.* Hoje é vig.ª

Compr.^{e} esta F., além da V.ª, que o *D. C.* considera ext.ª, os log.^{es} de Castedo, Rapoula, Casalinho, Togeira, Rascôa, Ribeira do Olheiro (Ribeira do Cheiro no mappa topographico), Casal de S.^{to} Antonio, Varzea, Moinho da Rapoula; e a H. I. da Venda.

P...	C..........	245 (V.ª 45, T. 200)	
	A..........	180	
	E. P........	205...............	804
	E. C...........................		828

A esta F. pertencia no tempo de Carv.º a fabrica pequena de que fallámos na descripção da V.ª de Aréga e onde se faziam pregos e outras peças para a artilheria e armadas reaes.

Esta V.ª pertenceu em tempos anteriores a Carv.º á F. da V.ª de Aguda, da qual foi depois desannexada.

N'esta F. menciona a *Memoria Topographica* do sr. dr. Costa Simões a notavel festividade do *bolo*, de que trataremos na descripção da V.ª de Abiul.

Segundo o *D. G.* do sr. P. L., deu-lhe foral el-rei D. Manuel em 1514.

Das *cinco villas* diz a *Memoria* do sr. dr. Costa Simões, é a do Avellar a que mais tem progredido em edificações e outros melhoramentos.

CAMPELLO

(4)

Ant.ª F. de Nossa Senhora da Graça no L. de Campello, vig.ª Annexa á F. do Salvador da V.ª de Miranda do Corvo, no T. da dita V.ª

Está sit.º o L. de *Campello* sobre a ribeira d'Alge. Dista de Figueiró dos Vinhos 14^{k} para o N.

Compr.^{e} mais esta F. os log.^{es} de Alje, Singral ou Cingral Cimeiro, Ribeira Velha, Fontão Fundeiro, Vendas de Pedro ou V.^{as} de Pedro, Aldeia Fundeira=Campellinho, Molhas, Searas, Singral ou Cingral Fundeiro, Pé de Janeiro, Eiras, Peral-covo, Trogal, Fontão Cimeiro, Povoa, Couto, Casas Velhas, Casal, Castello, Val de Vicente; os casaes de Trespostos ou Trepostes, Ponte Fundeira, Pé de Ingote, Porto de Oliveira, Val da Lameira ou Val de Lameiras.

P...	C.........		
	A.........	412	
	E. P.......	412...............	1613
	E. C............................		1766

CHÃO DE COUCE

(5)

Ant.ª V.ª de Chão de Couce na ant.ª com. de Ourem, segundo Carv.º (de Thomar segundo J. B. de Castro), de que era don.º a casa do inf.º

Em 1840 pertencia esta V.ª ao conc.º de Chão de Couce, ext.º pelo decreto de 24 de outubro de 1855, pelo qual passou ao de Figueiró dos Vinhos.

Está sit.ª em terreno plano e muito ameno, 1^{k} a O. da estr.ª de Coimbra a Thomar, 4^{k} a O. da m. d. da ribeira de Alje. Dista de Figueiró dos Vinhos duas leguas para O. S. O.

Tem uma só F. da inv. de Nossa Senhora da Consolação, vig.ª que era da ap. do prior da V.ª de Penella.

Foi cab.ª da com. das 5 V.^{as} e ali assistiam os senhores

d'ellas, e havia uma bella q.^{ta} com jardim, pomares, tapada e matta de castanheiros bravos e carvalheiras.

Compr.^{e} esta F., além da V.^{a}, os log.^{es} de Ramalha, Traz da Vinha, Outeiro da Mó, Serra, Furadouro, Salgueiral, Moutas, V.^{a} Pouca, Fonte, Ladeira, Lameirão, Corga-Lomba, Tojeira, Comaros, Lameiras, Bufarda, Matta de S. Jorge, Casal de Baixo, Pedra do Ouro, Pinheiro, Relvas, Cabecinho, Amieira, Serra do Mouro, Casal Soeiro, Ribeirinho, Ameixieira, Alagôa ou Lagôa, Empiados (de Baixo e de Cima, no mappa topographico), Alqueidão, Maxial, Carrasqueiras; os casaes de Montinhos, Pontão, Portalanos, Forno da Cal; e as q.^{tas} da Mouta Bella, de Baixo, de Cima, da Cerca.

P...	C..........	90 (V.^{a} 30, T. 60)	
	A..........	293	
	E. P.........	400..............	1526
	E. C..........................		1376

Chão de Couce, antigamente *Quinta de Cima*[1] diz a *memoria* do sr. dr. Costa Simões, teve por primeiros don.^{os} os M. de V.^{a} Real, depois passou para a corôa no reinado de D. Affonso III, mais tarde foi doada aos C. de Barcellos, dos quaes passou para o conv.^{o} de S.^{to} Thyrso e por troca, no reinado de D. Diniz, outra vez para a corôa; voltou á casa de V.^{a} Real por doação que fez D. Affonso V da q.^{ta} de Chão de Couce, Pousa Flores, Rapoula e Avellar ao C. de V.^{a} Real em 4 de junho de 1451, e n'esta casa se conservou até 1641 em que reverteu á corôa que a doou á casa do inf.^{o}

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

(6)

Ant.^{a} V.^{a} de Figueiró dos Vinhos, na ant.^{a} com. de Thomar, de que eram donatarios os C. de Redondo.

Hoje é cabeça do actual conc.^{o} e da actual com. de Figueiró dos Vinhos.

[1] Differente da actual quinta de cima que menciona a *E. P.*

5*

Está sit.^{a} em logar plano, 4^{k} a E. da m. e. da ribeira de Alje, 7^{k} ao N. da m. d. do Zezere. Tem estr.^{as} para Pedrogão Grande, para Maçans de D. Maria, Aréga etc. Dista de Leiria 12^{l} para E. N. E.

Tem uma só F. da inv. de S. João Baptista, prior.^{o} que era da ap. do conv.^{o} dé Sta Cruz de Coimbra.

Compr.^{e} esta F., além da V.^{a}, os log.^{es} de Aldeia de Anna d'Aviz, Aldeia Cimeira da Bairrada, Agria, Aldeia da Cruz, Agua d'Alta, Aldeia Fundeira, Bairrão, Cabeças, Castanheira, Carapinhal, Chá-velho, (Chavelho no mappa topographico), Chãos de Cima, Chãos de Baixo, Coutada ou Costada, Colmeal, Corisco, Douro, Enche-cannas, Ervideira, Lavandeira, Laranjeira, Marvilla, Milhariça, Portella, Salgueiro, Telhada, Val do Rio, Varzea Redonda; os casaes de Ferreiros da Ribeira, Ferreiros de Baixo, Ferreiros de Santarem, Ferreiros da Bairrada, (casaes de Ferreiros no mappa topographico), Fontes, Vicentes, S.^{to} Antonio, d'Alge, Fontainha; e as q.^{tas} de Fonte do Cordeiro, Moxão, Azenha, Bolléo, Carmelleiro, Caldeireiro, Fabrica da Foz d'Alge, Porto do Douro, Ribeiro Travêsso, Ribeiro Godinho, Val de Joannes, ou Val de Joanna, Val do Fernando, e Val das Zebras.

P...	C..........	500	
	A..........	707	
	E. P.......	730...............	2923
	E. C............................		3085

Tem casa de misericordia, hospital, e 5 ermidas segundo Carv.^{o} e J. B. de Castro.

Tinha um conv.^{o} de Carmelitas descalços com a inv. de Nossa Senhora do Carmo, fundado em 1600; e tem um most.^{o} da ordem de S. Francisco, com a inv. de Nossa Senhora da Consolação, fundado em 1549.

É abundante de trigo, milho, centeio, hortaliças, legumes, excellentes ervilhas, boas frutas, famoso vinho, e azeite: tem egualmente abundancia de gados, de caça, e de peixe dos rios Zezere e Pera.

Segundo a *Geographia Commercial e Industrial* do sr.

João Felix, ha n'este conc.º 177 caldeiras ou alambiques de distillação, uma fabrica de chapeos ordinarios, dois fornos de cal, 9 fornos publicos de cozer pão, 5 de telha e tijolo, 35 lagares de azeite, 54 de vinho, 151 moinhos, 10 teares de lã, 49 de linho.

Tem 3 dias de feira franca a começar em 27 de julho.

Tem este concelho:

Superficie, em hectares....................	18141
População, habitantes	14030
Freguezias, segundo a *E. C.*...............	8
Predios inscriptos na matriz	39261

Começou a povoar-se, segundo diz Carv.º, em 1174 com a protecção de D. Pedro Affonso filho natural de D. Affonso Henriques.

Destruida pouco depois (provavelmente em resultado das guerras com os Arabes) foi reedificada por D. Sancho I que lhe deu o titulo de V.ª em 1187.

M. L. de Andrade diz que «D. Sancho II fez V.ª o L. de Figueiroo pelos annos de 1212»; porém n'esse anno reinava D. Affonso II.

Quanto ao nome d'esta V.ª deriva-o Carv.º das muitas figueiras e vinhas que a cercam: e Miguel Leitão pretende que se chamasse primeiro Figueiral e que só depois da acção arrojada de Goesto Ansur, resgatando as 6 donzellas christãs que iam para Cordova e eram parte do vergonhoso tributo que o rei Mauregato pagava aos mouros, mudasse o nome para Figueiró: sustentando o dito Miguel Leitão, com razões que parecem plausiveis que este acontecimento teve logar n'estes sitios e não em Figueiredo das Donas como querem outros.

(*Miscell.* dialogo I pag. 21.)

Tem por brazão as 5 folhas de figueira (armas dos Figueiredos) e em orla a legenda:

PRO DEO ET PRO PATRIA

MAÇANS DE D. MARIA

(7)

Ant.ª V.ª de Maçans de D. Maria na ant.ª com. de Ourem.

Em 1840 pertencia esta V.ª ao conc.º de Maçans de D. Maria, ext.º pelo decreto de 24 de outubro de 1855, pelo qual passou ao de Figueiró dos Vinhos.

Está sit.ª no alto da serra de Sta Helena 1^{k} a O. da ribeira d'Alge. Dista de Figueiró dos Vinhos 8^{k} para O. S. O.

Tem uma só F. da inv. de S. Paulo, que era comm.ª da Ordem de Christo, da casa dos C. de V.ª Flor e vig.ª da ap. alt.ª do Pontifice e conv.º de Sta Cruz de Coimbra, segundo Carv.º, do conv.º de Grijó segundo a *E. P.*

Compr.^{e} esta F., além da V.ª, os log.^{es} de Comeada, Charneca, Amieiras, Val do Mendo, Pipa, Caneiro, Curraes, Soutinho, Salgueira, Tapado, Cabeças, Val da Porca, Sigueiro, Cunhal, Relvas, Outeiro, Val de Taboas, Casal Novo, Casal dos Serralheiros, Porto de S. Simão, Corgo, Ferrarias, Mouta, Venda Nova, Vendas de Maria, Tojeira, Nixebra, Campino, Palheiros, Carvalhal, Pardinheiro, ou Pardinheira, Ribeira Velha, Lombo, ou Lomba do Barqueiro, Barqueiro, Melgaz, Alqueidão, Varzea dos Amarellos, Vella (Bella no mappa topographico), Cabaços, Redouças, Cazaes, Mattos, Valle do Paio, Lagos, Fonte Gallega, Casal de Agostinho Alves; os casaes de Sellada Verde, Costa, Amarellos, Pena da Castelhana, Fonte dos Curraes; as q.^{tas} de Boa vista, Serrada, Cabreira, e as H. I. de Mogo, Minhoteira.

P...	C..........	390 (V.ª 40 T. 350)	
	A..........	510	
	E. P.......	608..............	3690
	E. C...........................		2502

N'esta V.ª segundo diz Carv.º se costumavam fazer as eleições da ant.ª com. das 5 V.^{as}

«Na V.ª ha uma casa nobre com capella e brazão d'ar-

mas, que é dos Pimenteis Teixeiras, descendentes do conde de Benevente, irmão de D. Affonso II».

(*Memoria topographica* do sr. dr. Costa Simões.)

POUSA-FLORES

(8)

Ant.ª V.ª de Pousa-flores na ant.ª com. de Ourem, segundo Carv.º e J. B. de Castro, na de Thomar segundo o *D. G. M.* Don.º a casa do inf.º

Em 1840 pertencia esta V.ª ao conc.º de Chão de Couce, ext.º pelo decreto de 24 de outubro de 1855, pelo qual passou ao de Figueiró dos Vinhos.

Está sit.ª na serra de Ariques, 7^k a O da m. e. da ribeira d'Alge.

Dista de Figueiró dos Vinhos 3^l para O. S. O.

Tem uma só F. da inv. de Nossa Senhora das Neves, vig.ª que era da ap. da casa do inf.º, segundo Carv.º e *E. P.*, da ap. do grão prior do Crato segundo o *D. G. M.*

Compr.º esta F., além da V.ª, os log.^{es} de Pinheiro, Cabeça de Boi, Lameira, Pereiro de Baixo, Pereiro de Cima, Ribeira, Mouta Redonda, Lisboinha, S. José, Lisboinha de Além, Povoral, Portella de S. Caetano, Portella de S. Lourenço, Venda do Negro, Gramatinha, Barreira, Martim Vaqueiro, Sarzeda, Albarrol, Deserto, Vallinhos, Outeiro, Pereira, Val da Vide, Macieira, Bairrada, Pecegueiro, Murtal, Charneca; os casaes dos Maduros, de Frias, d'Além; e a q.^{ta} do Cipreste.

P...	C..........	304 (T. 304)	
	A	356	
	E. P.	356................	1393
	E. C............................		1284

Esta V.ª que já em tempo de Carv.º não tinha um só morador, assim tem permanecido, pois a *Memoria* a que por tantas vezes nos temos referido diz que em 1848 *não tinha folgo vivo*. Não obstante, pelo que se póde colligir da confrontação dos auctores e series de documentos, a egreja

ainda existe isolada no local da ant.ª V.ª, fazendo-lhe silenciosa companhia a casa da camara, o pelourinho e as ruinas de uma outra casa que foi residencia do parocho.

As 5 V.as em geral (diz finalmente a citada *Memoria*) não correspondem ao titulo mas sim ao de aldeias.

CONCELHO DE LEIRIA

(g)

BISPADO DE LEIRIA

COMARCA DE LEIRIA

AMOR

(1)

Ant.^{a} F. de S. Paulo, segundo Carv.^{o} e *D. C.*, de S. Pedro e S. Paulo segundo a *E. P.*, no L. de Amor, cur.^{o} da ap, do B. de Leiria, no T. da dita cid.^{e}

Está sit.^{o} o L. de *Amor* sobre uma pequena ribeira aff.^{e} do rio Liz, $1\ {}^{1}/_{2}{}^{k}$ a O. da m. e. d'este rio, $2\ {}^{1}/_{2}{}^{l}$ a E. do Oceano. Dista de Leiria 2^{l} para N. O.

Compr.^{e} mais esta F. os log.^{es} de Barreiros, Casal dos Claros, Coucinheira, Bico do Bréjo, Escoura; os casaes de Arrueira, Fazendeiro, Fagundo, Azinheira, Barqueiro, Resteva, Maia, Moinho do Campo, Ribeira do Magro.

P...	C.	227	
	A.	251	
	E. P.	290	1166
	E. C.		1128

ARRABAL (SANTA MARGARIDA DO)

(2)

Ant.^{a} F. de Sta Margarida do Arrabal, cur.^{o} da ap. do B. de Leiria, no T. da dita cid.^{e}.

Está sit.º o L. do *Arrabal* 1^{l} a E. da m. d. do Liz. Dista de Leiria 11^{k} para E. S. E.

Compr.^{e} mais esta F. os log.^{es} de Cabeças, Lagôa, Casal dos Ferreiros, Cardosos, Parracheira, Seixo, Freixial, Martinel, Boucinhas, Carrascal, Porqueira, Souto Cico e Casal da Corvachia.

P...	C.	250	
	A.	223	
	E. P.	250	1093
	E. C.		1137

Vem mencionados em Carv.º Freixial com uma ermida de S. Bento, Cardosos com uma de S. Bartholomeu, e Souto Sico com uma de S. João.

Recolhe milho, pouco trigo, vinho e azeite.

AZOIA

(3)

Ant.ª F. de Sta Catharina de Azoia, cur.º da ap. do B. de Leiria, no T. da dita cid.^{e}

Esta F. foi instituida entre 1708 e 1758 [1].

Está sit.º o L. de *Azoia* em chã elevada, mui lavada d'ares e sadia, $^{1}/_{2}$^{k} a O. da m. e. do Lena, na estr.ª real de Leiria ás Caldas da Rainha. Dista de Leiria 1^{l} para S. S. O.

Compr.^{e} mais esta F. os log.^{es} de Codeceira, Alcogulhe, Val do Horto, Cabeças, Val Gracioso; e as q.^{tas} de Matto Grosso, Vieiro, Serrada.

Vem mencionado em Carv.º Azoia, como simples L. com uma ermida de Sta Catharina, Alcogulhe, com uma de S.^{to} Antonio.

P...	C.		
	A.	149	
	E. P.	152	703
	E. C.		739

[1] Em 1713 diz o *D. G.* do sr. P. L., e segundo o mesmo *D. G.* tem foral dado por D. Affonso III em 1255.

BAROZA

(4)

Ant.ª F. de S. Matheus no L. de Baroza, cur.º da ap. dos freguezes, segundo o *D. G. M.*, da ap. do B. de Leiria segundo a *E. P.*, no T. da dita cid.^{e}.

Esta F. foi instituida entre 1708 e 1758.

Está sit.º o L. de *Baroza* (Barrosa no mappa topographico) em uma encosta, um pouco sobranceira aos bellos campos de Leiria; proximo se juntam aos dois rios Liz e Lena, os quaes correndo já unidos por espaço de 4 leguas se alegram com a vista de muitos povos: para a esquerda, *que é o lado do coração* (diz o parocho no seu relatorio que achamos terno de mais para um ecclesiastico) lhe fica a bella F. do Amor. Dista de Leiria 3^{k} para O. N. O.

Compr.^{e} mais esta F. os log.^{es} de Moinhos, Val de Frade, Pixeleiro; e as q.^{tas} ou H. I. de Morgados, Casal do Meio, Fagundo, Val de Arnede.

Vem mencionados em Carv.º Baroza, simples L. com uma ermida de S. Mathias, Moinhos, com uma ermida de Nossa Senhora da Guia.

P...	C..........		
	A..........	140	
	E. P........	120...............	390
	E. C............................		472

BARREIRA

(5)

Ant.ª F. do Salvador no L. de Barreira, cur.º da ap. dos freguezes, no T. da cid.^{e} de Leiria.

Foi instituida esta F. entre 1708 e 1758.

Está sit.º o L. de *Barreira* em alto, entre os rios Liz e Lena, (1^{k} a O. da m. e. do Liz e 3^{k} a E. da m. d. do Lena). Dista de Leiria 6^{k} para S. S. E.

Compr.^{e} mais esta F. os log.^{es} de Andreas ou Andreus,

Casal do Pinheiro, Sobral, Casal das Hortas, Cumieira, Marvilla ou Marvilha, Casal (ou q.ta) da Cortiça, Telheiro, Pinhal Verde.

Vem mencionados em Carv.º Barreira, simples L. com uma ermida de S. Matheus, Sobral, com uma dita de S.ta Barbara.

P...	C..........		
	A..........	187	
	E. P.......	192..............	645
	E. C........................		722

«Tem esta F., diz o *D. G.* do sr. P. L. pedreiras de pedra calcarea e boa argilla para louça, d'onde lhe provém o nome.»

CARANGUEJEIRA

(6)

Ant.ª F. de S. Christovão da Caranguejeira, cur.º da ap. do B. de Leiria, no T. da dita cid.e

Está sit.º o L. da *Caranguejeira* em campina que vae subindo para E. Dista de Leiria 11k para E.

Compr.e mais esta F. os log.es de Palmeiria, Val de Lama, Grinde, Longra, Leão, Lagôa da Pedra, Val da Catharina, Val do Sobreiro, Caldellas, Canaes, Pereiras, Outeiro de Caldellas, Opêa, Tuberal, Souto de Cima, Souto do Meio, Souto de Baixo, Casal Vermelho.

Vem mencionados em Carv.º, além de Caranguejeira, Caldellas com uma ermida de S. João, Souto (não diz qual) com uma ermida de S.ta Martha.

P...	C..........	270	
	A..........	354	
	E. P.......	362..............	1164
	E. C........................		1615

«Segundo o *D. G.* do sr. P. L. é terra muito fertil, tem optima fruta e muita caça: ali passa o rio Caranguejeira que vae ao Liz; e ha dois olhos d'agua mui proximos, dos quaes um, chamado *olho da fonte*, lança agua quente e o outro chamado *olho do seixo*, lança agua fria. Quanto ao

nome da F. diz ser proveniente das ameixas caranguejeiras de que ha grande abundancia.

«O L. de Canaes é tão saudavel que se passam 20 annos e mais sem ali morrer nem adoecer pessoa alguma.»

CARVIDE

(7)

Ant.ª F. de S. Lourenço de Carvide, cur.º da ap. do B. de Leiria, no T. da dita cid.^{e}

Está sit.º o L. de *Carvide* (Carride no mappa topographico e não tem signal de parochia) a S. O. da m. e. do Liz, $1\ ^{1}/_{2}{}^{l}$ a E. do Oceano.

Dista de Leiria 17^{k} para N. O.

Compr.º mais esta F. os log.^{es} de Bréjo, Gandara (de Baixo e de Cima no mappa topographico), Outeiro da Fonte, Moinhos, Lameiro.

Vem mencionados em Carv.º, além de Carvide, com a egreja parochial e uma ermida de Nossa Senhora dos Milagres, o L. de Moinhos com uma ermida de Nossa Senhora da Graça.

P...	C.	400	
	A.	108	
	E. P.	313	1048
	E. C.		1326

COIMBRÃO

(8)

Ant.ª F. de S. Miguel de Coimbrão, tambem chamada, diz a *E. P.*, S. Miguel das Areias, cur.º da ap. *ad nutum* do B. de Leiria, no T. da dita cid.^{e}

Está sit.º o L. de *Coimbrão* 3^{k} ao N. da m. d. do Liz. Dista de Leiria 22^{k} para N. N. O.

Compr.^{e} mais esta F. os log.^{es} de Ervedeira, Murganissa ou Morganiças, Casal dos Gadinhos, Fontainhas, Salgueiro: e uma H. I. em Pedrogão.

Vem mencionado em Carv.º, além de Coimbrão, o L. de Ervedeira com uma ermida de Sant'Iago.

P...	C...........	220	
	A...........	371	
	E. P........	375..............	1290
	E. C.........................		1526

COLMEIAS

(9)

Ant.ª F. de S. Miguel das Colmeias, cur.º da ap. do B. de Leiria, no T. da dita cid.^{e}

Está sit.ª a egreja parochial na aba da serra da Caranguejeira, 3^{k} a E. da estr.ª real de Leiria a Coimbra. Dista de Leiria 12^{k} para N. E.

Compr.^{e} esta F. os log.^{es} de Colmeias, Rapozeiras, Casal do Monte, Lameiria, Bouça, Godim ou Agodim, Confraria, Estrada, Crasto=Camões, Tallas ou Tallos, Portella, Outeiro, Gracios, Crasto d'Além, Louraes, Barreiro, Ruge-agua, Memoria, Zaborreira, Toco, Sta Margarida, Branco, Chumbaria, Farraposa, Larangeira, Chã, Eira Velha, Bregieira, Alfaiates, Barrocão, Monte, Boa Vista, Machados, Casal, Val do Grou, Arneiro; e a q.^{ta} da Egreja Velha.

NB. Entre os log.^{es} de Portella e Memoria vem o signal indicativo da egreja parochial no mappa topographico.

Vem mencionados em Carv.º, Gondim com uma ermida de Sta Maria Magdalena, Chumbaria com uma ermida de Sta Margarida, Portella com uma ermida de Nossa Senhora da Memoria, Casal com uma de S. Bartholomeu.

P...	C...........	470	
	A...........	450	
	E. P........	432..............	2120
	E. C.........................		2189

CÓRTES

(10)

Ant.^{a} F. de Nossa Senhora da Gaiola, no L. de Córtes, cur.^{o} da ap. do B. de Leiria, no T. da dita cid.^{e}

Está sit.^{o} o L. de *Córtes* em encosta, na m. d. do rio Liz. Dista Leiria 6^{k} para S. S. E.

Compr.^{e} mais esta F. os log.^{es}, casaes, q.^{tas} e H. I. seguintes (pois não vem separados na *E. P.*):

Quinta do Conego Lemos, Casal do Branco, Moinho Novo, Alqueidão, Moinho do Ronco, Moinho do Ourives, Moinho do Pombal, Casal de Val do Pereiro, Galhetas, Casal da Matta, Amoreira, Amoreira Velha, Reixida, Fontes, Val da Matta, Pé da Serra, Abbadia, Murões ou Mourões, Calvario, Vedigal do Zambujo, Ponte do Cavalleiro, Casal da Verissima, Famalicão.

Vem mencionados em Carv.^{o}, além do L. de Córtes com a egreja parochial e duas ermidas (Nossa Senhora do Rozario e Nossa Senhora do Monte), Reixida com uma ermida de Sta Martha e Moreira com uma de Sta Barbara.

P.	C.	250	
	A.	234	
	E. P.	253	808
	E. C.		1163

LEIRIA

(11)

Ant.^{a} cid.^{e} de Leiria, cab.^{a} da ant.^{a} com. de Leiria. Hoje é capital do D. A. e cab.^{a} do actual conc.^{o} e da actual com. de Leiria.

Está sit.^{a} em ameno e delicioso valle, entre os rios Liz e Lena, passando este 1^{k} a O. e aquelle junto á cid.^{e} a E. Tem estr.^{as} reaes para Coimbra e Porto, para as Caldas e Lisboa, e estr.^{as} para a estação do C. de ferro do N. em Chão de Maçans, seguindo depois para Thomar, e para a

Marinha Grande e Pederneira. Dista da estação do C. de ferro do N. em Albergaria 5^1 para O. S. O. Dista de Lisboa 27^1 para o N.

Tem uma só F. da inv. de Nossa Senhora d'Assumpção, que era cur.º da ap. do B. e hoje tem um conego víg.º, o qual faz parte do cabido da sé.

Compr.^{e} esta F., além da cid.^{e}, os casaes de Fontainhas, do Viseu; as q.^{tas} de S.^{to} Amaro, Porto Moniz, Lagar d'El-Rei, S. Venancio, Val de Lobos, S. José, Paraiso, Fagundo, Pateiro, Vieiro; e os sitios de Nossa Senhora da Encarnação, Rego Travesso, Cabeço d'El-Rei. Compr.^{e} mais o L. do Arrabalde que por decreto de 20 de maio de 1871, foi transferido da F. de Marrazes d'este conc.º

P...	C.	900	
	A.	622	
	E. P	603	2799
	E. C.		2627

A sé cathedral (que é a F. de Nossa Senhora da Assumpção) está sit.ª no monte do Castello, no local em que D. Affonso Henriques mandou edificar a ant.ª egreja de Nossa Senhora da Penha, que entregou a S. Theotonio, prior de Sta Cruz de Coimbra, edificando tambem ao mesmo tempo um conv.º que os mouros depois queimaram quando tomaram a cid.^{e} O pontifice Paulo III a erigiu em bisp.º no anno 1545, a instancias de D. João III, deixando então de pertencer á ordem dos conegos regrantes de S.^{to} Agostinho.

Tinha o cabido, em 1708, 5 dignidades, deão, chantre, thesoureiro, mestre-escola e arcediago, 10 conezias, 4 meias conezias e 17 quartanarias.

O templo é sumptuoso e de 3 naves.

Em 1708 havia, além d'esta, duas outras FF., S. Pedro dentro de muros, mas com todos os freguezes no T., e a de Sant'Iago no Arrabalde da Ponte: tinha tambem n'essa época as ermidas do Espirito Santo em um monte fronteiro ao do Castello, e quasi de egual altura, a de Nossa Senhora da Encarnação de muita veneração e romarias, a

de Nossa Senhora da Graça com um hospicio para passageiros pobres, a do Senhor Jesus, a de Nossa Senhora dos Anjos, de S. Miguel, de S. João, de S.^{to} Estevão, de S. Bartholomeu.

J. B. de Castro ainda traz o numero de 10 ermidas na cid.^{e} e 84 no T., no anno em que escreveu (1763).

Antes da extincção das ordens religiosas em Portugal tinha um conv.^{o} da ordem de S. Francisco, com a inv. do mesmo santo, fundado em 1234 segundo J. B. de Castro, o que julgo erro, pois Carv.^{o} diz ser fundação de D. João I em 1384: um conv.^{o} de Arrabidos, da inv. de S.^{to} Antonio, fundado em 1652, por D. Pedro Vieira da Silva, antes de ser B. de Leiria: um conv.^{o} de eremitas de S.^{to} Agostinho, da inv. do mesmo santo, fundado em 1576.

Tem um most.^{o} da ordem de S. Domingos com a inv. de Sant'Anna, fundado em 1498 por D. Catharina de Castro, filha de D. Fernando, 2.º D. de Bragança, a qual lhe deixou todos os seus bens.

Tem casa de misericordia e hospital, um recolhimento para educação de meninas, e um bom seminario.

O seu castello, em sitio elevado a O. da cid.^{e}, é obra de el-rei D. Affonso Henriques e egualmente as muralhas, hoje em ruinas.

O paço episcopal é sumptuoso edificio.

As ruas são pela maior parte estreitas e tortuosas como as de todas as cid.^{es} ant.^{as}; porém entre a cid.^{e} e o rio ha um bello campo ou rocio, bem sombreado de arvoredo, para recreio dos habitantes, o socegado Liz passa ao meio d'este rocio e o torna encantador. Sobre o rio tem algumas pontes mas nenhuma notavel.

É Leiria abundante de todos os generos; porém do seu T. recolhe com especialidade muito trigo, milho, centeio, azeite, vinho e frutas.

É egualmente abundante de excellentes aguas de diversas fontes e entre estas cita Carv.^{o} a que chama *olhos de Pedro* que saindo da mesma penha um é de agua quente (tepida provavelmente) e outro fria.

Parece-nos esta a occasião propria para fallarmos do pinheiral conhecido pelo *Pinhal de Leiria*, mandado plantar por el-rei D. Diniz na extensão de 4[1].

O maximo comprimento, segundo o mappa, é de 17^{k} e a minima largura de 7 $^{1}/_{2}$^{k}, formando quasi um rectangulo comprehendido entre o mar e as FF. de Marinha Grande, Vieira e Carvide, estas da parte do N. e aquella da parte do S.

Do *Diario de Noticias*, de Lisboa, de 13 de abril de 1874, extraimos os seguintes esclarecimentos tirados do relatorio da administração geral das mattas do reino.

A receita do anno 1873 foi de réis 52:555$702 e a despeza de réis 38:874$593, havendo por tanto um saldo de réis 13:681$109. Nesse anno fizeram-se sementeiras n'uma superficie total de 156:750 hectares, por onde se conhece não ir descurado este importante estabelecimento não só pelo que rende á fazenda publica, como tambem pela sua influencia na agricultura e commercio do paiz.

Houve n'esta cid.^{e} (segundo o *D. C.*) uma fabrica de branqueamento de tecidos que chegou a ser importante.

Segundo a *Geographia Commercial e Industrial* do sr. João Felix, ha n'este conc.^{o} 16 caldeiras ou alambiques de distillação, 8 fabricas de cortumes, uma de cremor tartaro, uma de crystal e vidraça, uma de louça branca ordinaria, uma de productos resinosos, 25 fornos de cal, 17 de telha e tijollo, 47 lagares de azeite, 303 de vinho, 4 machinas de distillação de aguardente, uma mina de cimento romano, uma de gesso, 220 moinhos, uma officina de sabão, 21 olarias, 100 teares de linho.

Tem feiras annuaes em 29 de março e 10 de agosto e mercado mensal nos dias 8.

Tem estação telegraphica.

Tem este concelho:

Superficie, em hectares	70263
População, habitantes	38307
Freguezias, segundo a *E. C.*	23
Predios, inscriptos na matriz	63426

Tem o D. A. de Leiria:

Superficie, em hectares	349015
População, habitantes	179705
Concelhos	12
Freguezias, segundo a *E. C.*	117
Predios, inscriptos na matriz	356396

Segundo a opinião de quasi todos os nossos auctores antigos esteve sit.ª no local da cid.ᵉ de Leiria a cid.ᵉ e municipio romano chamado *Collipo*.

O dr. Hübner diz a este respeito o seguinte:

«Mais certa parece a situação da *Collipo*, de Plinio, nas visinhanças da moderna Leiria.

«O unico testemunho que d'isto havia em uma inscripção, está hoje confirmado por novos achados, como se póde ver nas noticias sobre Leiria e seu termo remettidas no anno 1721 á Academia Real de Historia Portugueza.

«Diz o citado manuscripto que em S. Sebastião, logar proximo, se achou tambem uma inscripção com o nome da cidade COLLIP.

«Modernamente se descobrío no mesmo logar de S. Sebastião um lindo pavimento de mosaico onde está representado Orpheu amansando as féras, e que tem a seguinte inscripção:

ALBONIVS
TARGELL (i)
SATVRNINO
MILITANTE
S. V. I.

conforme o artigo do inglez John Martin, inserto no *Archivo Pittoresco*, de Lisboa, vol. I pag. 125.»

Almeida, no *D. C.*, completa a noticia do illustre prussiano; o sitio chama-se Arnal[1], pouco mais de uma legua antiga a N. O. de Leiria, aonde se suppõe que teve assento a *Collipo* dos romanos; o pavimento constitue o solho de

[1] Parece ser o L. de Arnal que encontramos na F. de Maceira.

uma casa, dividida em varios quartos, cujas paredes tanto divisorias como externas, ainda se conservam na altura de pé e meio; todos os quartos, á excepção de um, são assoalhados de mosaico: o edificio a que pertencia se não era a residencia do proprio proconsul talvez seria a de algum superintendente dos trabalhos de mineração, pois aquelles terrenos são abundantissimos de carvão mineral e de minerio de ferro, de que os romanos não deixariam de tirar proveito como costumavam, e mesmo ha vestigios de estabelecimentos metallurgicos d'esses tempos em varios pontos d'aquelles contornos; muito mais n'este sitio do Arnal mui vistoso, e saudavel. Não se conseguiu porém ainda descobrir todo o edificio nem a sua entrada principal.

Estes esclarecimentos que apresentamos em resumo, parece ter extraído Almeida pela maior parte de uma noticia do padre Patricio B. Russel, dr. em theologia e reitor do collegio do Corpo Santo, e tambem alguma coisa transcreveu do *Archivo Pittoresco* vol. I pag. 123, relativo á descripção do inglez John Martin; mas parece impossivel ter guardado silencio sobre o resto que vem a pag. 125, egualmente importante.

Quanto á Leiria actual dizem foi fundação de alguns habitantes da V.ª de Liria do reino de Valencia, expulsos da sua terra natal por Sertorio; porém digam o que quizerem os que apresentam estas opiniões sem bases solidas que as sustentem, não se nos póde tirar da idéa uma confusa semelhança de sons que encontramos entre a pronuncia dos rios Lena e Liz e o nome da cidade.

El-rei D. Affonso Henriques lhe fez castello, cercou de muralhas e edificou egreja como dissemos.

Tomada e retomada pelos arabes, foi finalmente restaurada por D. Sancho I que lhe deu foral em 1195.

N'esta cid.ᵉ se celebraram côrtes em 1254, 1376 e 1437. Algumas vezes foi residencia dos nossos soberanos, mas o que por mais vezes a honrou com sua presença foi el-rei D. Diniz e sua santa esposa, senhora de Leiria, por doação do mesmo rei, de 4 de julho de 1300, o qual muito

accrescentou e melhorou o castello e o antigo templo de Nossa Senhora da Penha.

Por fallecimento da santa rainha, teve como don.^{os} a D. Leonor, mulher d'el-rei D. Fernando, e a um irmão d'ella, e por fim reverteu para a corôa.

Foram alcaides móres do seu castello os M. de V.^{a} Real.

D. João III a elevou á cathegoria de cid.^{e} em 1545, anno em que foi tambem creada a sua séde episcopal pelo pontifice Paulo III.

Tem por brazão, segundo diz Carv.^{o}, um corvo sobre um pinheiro, e consta pela tradição que este brazão provém de que sendo cercada pelos nossos, e achando-se o arraial do rei em uma das alturas proximas á cid.^{e}, chamada depois *Cabeço de Rei*, ali no alto de um pinheiro veiu pousar um corvo, o qual na occasião em que o soberano á testa dos seus valentes atacava o castello que os mouros defendiam, batia as azas e gritava como contente, o que foi olhado pelos soldados como bom agouro.

Nos quadros anonymos dos brazões das cid.^{es} e V.^{as} de Portugal é o de Leiria um escudo coroado, n'elle ao centro um castello sobre chão verde, de cada lado um pinheiro com um corvo em cima, e na parte superior do escudo duas estrellas de ouro, tudo em campo branco; porém no livro dos brazões da Torre do Tombo é simplesmente uma arvore verde em campo de prata.

MACEIRA

(12)

Ant.^{a} F. de Nossa Senhora da Luz no L. de Maceira, cur.^{o} annual da ap. dos Galvões Lacerdas, no T. da cid.^{e} de Leiria.

Está sit.^{o} o L. de *Maceira*, sobre uma pequena ribeira aff.^{e} do Lena. Dista de Leiria 11^{k} para S. O.

Compr.^{e} mais esta F. os log.^{es} de Arnal, Arneiro, Val do Salgueiro, Val Verde, Costa (sua Costa no mappa topographico) de Cima, Costa de Baixo, Moinhos da Ribeira, Porto

do Carro, Gaios, Morena, Maceirinha, Barbas, Telhados, Pretos, Venda, Val da Gunha ou Guinha, Fonte do Rei, Mangas, Pocariça, Cavallinhos, Alcogulhe, (Alcogulhe de Cima, no mappa topographico.)

Vem mencionados em Carv.^{o}, além de Masseira, com a egreja parochial, os log.^{es} de Arnal com uma ermida da inv. do Sacramento, Sacosta còm uma dita de S. José, Barbas com uma dita de Sant'Iago, Cavallinhos com uma dita de S. Mamede, Porto do Carro, com uma dita de Sta Maria Magdalena.

Este L. de Arnal parece ser aquelle onde se encontrou o pavimento de mosaico de que fallámos na descripção de Leiria.

P...	C..........	362	
	A..........	537	
	E. P.......	540...............	1090
	E. C............................		2320

MARINHA GRANDE

(13)

Ant.^{a} F. de Nossa Senhora do Rosario da Marinha Grande, cur.^{o} annual da ap. do B. de Leiria, no T. da dita cid.^{e}.

Está sit.^{o} o L. da *Marinha Grande* em campo d'onde se descobrem muitas serras; 9^{k} a E. do Oceano. Tem estr.^{a} real para Leiria e C. de ferro para S. Martinho do Porto. Dista de Leiria 12^{k} para O.

Compr.^{e} mais esta F. os log.^{es} de Engenho, Garcia, Escoura, Pilado, Carregueiras, Rego, Bico, Figueira, Casal Gallego, Embra, Trutas, Mattos Verdes, Amieira, Pero-neto, Marinha Pequena, Fagundo, Albergaria, Moinho de Cima, Pedrulheira, Pica-sinos, Tojeira, Comeira ou Cumeira, Ordem, Amieirinha, S. Pedro de Muel.

Vem mencionados em Carv.^{o}, além do L. da Marinha, com a egreja parochial, os log.^{es} de Garcia com uma ermida de Sta Barbara, e o de S. Pedro de Muel, junto ao mar, com uma da inv. do mesmo S.^{to}

P...	C.	180	
	A.	733	
	E. P.	757	2424
	E. C.		3125

N'este L. da Marinha ha uma das melhores fabricas de vidros do reino; e tambem uma productiva e florescente fabrica de ferro. (Veja-se o appenso ao *D. C.* de J. A. de Almeida vol. III pag. 134 e o artigo Marinha Grande do *D. G.* do sr. P. L. vol. V pag. 74 e seguintes).

Tem estação telegraphica.

MARRAZES

(14)

Ant.ª F. de Sant'Iago no Arrabalde da Ponte, segundo Carv.º, de Marrazes ou Arrabalde da Ponte, na *E. P.*, cur.º, da ap. do B. de Leiria, no T. da dita cid.ᵉ.

Está sit.º o L. de *Marrazes* 2ᵏ ao N. de Leiria.

Compr.ᵉ mais esta F. os log.ᵉˢ de Marinheiros, Gandra, Arrabalde, Barrocas, Janardo, Pinheiros, Sesmaria; e a q.ᵗᵃ do Amparo.

Por decreto de 20 de maio de 1871 passou o L. de Arrabalde para a F. da Sé da cid.ᵉ de Leiria.

P...	C.		
	A.	430	
	E. P.	450	1800
	E. C.		1996

Esta F. vem em Carv.º mencionada como pertencendo á cid.ᵉ, posto esteja nos suburbios.

«O *D. G.* do sr. P. L. diz que havia n'esta F. uma casa que chamavam hospital dos *sequiosos* e *fatigados* onde se dava cama e agua aos viandantes que ali quizessem pernoitar, o que ainda se cumpria, como encargo testamentario, em 1750.»

MILAGRES

(15)

Ant.ª F. de Nossa Senhora dos Milagres, reit.ª da ap. do B. de Leiria, no T. da dita cid.^{e}.

Está sit.º o L. dos *Milagres* 4^{k} a E. da m. d. do Liz. Dista de Leiria 6^{k} para N. N. E.

Compr.^{e} mais esta F. os log.^{es} de Alcaidaria, Amieira, Matta, Figueiras, Casal da Quinta, Bidueira de Baixo, Bidueira de Cima, Matta da Bidueira.

P. . .	C.		
	A.	302	
	E. P.	332	1137
	E. C.		1444

MONTE REAL

(16)

Ant.ª F. de S. João Baptista de Monte Real, cur.º da ap. dos freguezes, no T. da cid.^{e} de Leiria.

Está sit.º o L. de *Monte Real* na m. e. do Liz, 11^{k} a E. do Oceano.

Dista de Leiria 3^{l} para N. N. O.

Compr.^{e} mais esta F. os log.^{es} de Gandra, Bréjo, Segodim, Charneca, Serra do Porto de Urso; e a q.^{ta} dos Pinhaes.

Vem mencionado em Carv.º o L. de Monte Real com a egreja parochial e uma ermida de Sta Izabel.

Foi este L. de Monte Real residencia por algum tempo d'el-rei D. Diniz e de Sta Izabel quando foram á cid.^{e} de Leiria (em 1292?), d'ahi lhe proveiu o sobre nome, e tambem o titulo de V.ª que hoje se considera ext.ª, tanto que não vem como tal mencionada em Carv.º, *D. G. M.* ou *E. P.*

P...	C..........	200	
	A..........	232	
	E. P........	218................	640
	E. C...........................		896

«Quasi um quarto de legoa a N. O. d'esta F. (diz o *D. C.*) no sitio dos Covões, junto á raiz de um pequeno monte, nasce da rocha uma fonte de agua mineral, que é sulfurea, hepatica, salina, fria...

«Parece que esta fonte fôra conhecida no tempo dos Romanos, e apesar de que na segunda excavação, no anno de 1807 (pois a primeira foi feita em 1806 por mandado do Bispo para a construcção de duas pequenas casas de madeira para banhos) o monumento de pedra e as medalhas, que se acharam espalhadas na terra, junto ao local da fonte, não mostram inscripção alguma relativa á mesma fonte, não se póde julgar obra do acaso este deposito de medalhas e o dito monumento de pedra.

«As medalhas pela maior parte são de cobre... O monumento é de marmore e achou-se enterrado na altura de 3 palmos, com inscripção na sua face, cujas letras parte estão apagadas e das outras será necessario adivinhar o que querem dizer: são como se segue:

F. S.
FRONY
NIVSA
VITVS
AI [1]

«Estava junto a um penedo cobrindo com um dos lados as ditas medalhas, depositadas, segundo pareceu então, na

[1] Esta inscripção vem mais exacta no *D. G.* do sr. P. L.

F. S.
..........................FRONTO-
NIVS ....A-
VITVS ....
..............A. L...............

cavidade de outra pedra de marmore no mesmo sitio onde nasce a agua mineral.

«Das medalhas legiveis, uma da parte da effigie diz: Imp Alexander Pius Aug.

«No reverso tem uma figura de corpo inteiro, e em volta a legenda: Providentia Aug. E aos pés da dita figura tem de uma parte S. e da outra C.

«Em outra medalha sómente se póde ler Aurelius.

«Appareceu outra que tem Philippus Cesar.

Outra medalha emfim da qual sómente se póde ler.... ....INA

«Em Monte Real (diz o dr. Hübner) duas leguas a N. E. de Leiria achou-se em 1807 um pequeno altar portatil, de uns 20 centimetros de altura, que se conserva no gabinete de Numismatica da Bibliotheca Nacional de Lisboa.»

MONTE REDONDO

(17)

Ant.ª F. de Nossa Senhora da Piedade de Monte Redondo, cur.º da ap. do B. de Leiria, no T. da dita cid.ᵉ

Está sit.º o L. de *Monte Redondo* ao N. de uma pequena ribeira que logo abaixo entra no Liz, e 11 ^{k} a E. do Oceano. Dista de Leiria 4 ^{l} para N. N. O.

Compr.ᵉ mais esta F. os log.ᵉˢ de Leziria e Montijos, Mattos e Bréjo, Levegadas (de Cima e de Baixo no mappa topographico), Pinheiro, Graveto, Lage, Casal Novo, Bouças, Bajouca (Beijouca de Baixo e de Cima no mappa topographico), Agua Formosa, Mattas e Engenho (Marinha do Engenho no mappa), Ribeira da Bajouca ou Beijouca, Braçal e S.ᵗᵒ Aleixo, Paço e Paul, Covadas, Casas, Fonte Cova, Porto Longo, Aroeira, Carvalheiras, Porto do Junco, Termos, Sesmaria e Vibora, Fontainhas, Grou; e as H. I. do Montal.

Vem mencionados em Carv.º, além de Monte Redondo com a egreja parochial, os log.ᵉˢ de Paço com uma ermida de S.ᵗᵒ Aleixo, e Sismaria com uma dita de Nossa Senhora do Amparo.

P... { C........... 246
A........... 513
E. P......... 486............. 2046
E. C......................... 2174 }

PARCEIROS

(18)

Ant.ª F. de Nossa Senhora do Rosario no L. de Parceiros, cur.º da ap. dos freguezes, segundo o *D. G. M.*, da ap. do B. de Leiria segundo a *E. P.*, no T. da dita cid.ᵉ

Esta F. foi instituida entre 1708 e 1758.

Está sit.º o L. de *Parceiros* em planicie na estr.ª de Leiria para a Pederneira. Dista de Leiria $^1/_2{}^1$ para S. O.

Compr.ᵉ mais esta F. os log.ᵉˢ de Brougal, Pernelhas, Monratos; os casaes de Pé do Banco, Pernelhas; e as q.ᵗᵃˢ de Carrascal, Cypriano, Pisão, Carvalha, S.ᵗᵃ Clara, S.ᵗᵃ Maria.

Vem mencionado em Carv.º Praceiros simples L. nos suburbios da cid.ᵉ com uma ermida de Nossa Senhora do Rosario: os outros log.ᵉˢ vem mencionados no *D. G. M.*

P... { C..........
A.......... 122
E. P........ 154............... 544
E. C.......................... 572 }

POUZOS

(19)

Ant.ª F. de Nossa Senhora do Desterro no L. de Pouzos, cur.º da ap. do B. de Leiria, no T. da dita cid.ᵉ

Está sit.º o L. de *Pouzos* na estr.ª de Leiria para Chão de Maçans. Dista de Leiria 3^k para E.

Compr.ᵉ mais esta F. os log.ᵉˢ de Vidigal, (de Baixo e e de Cima no mappa), Touria, Padrão, Casal da Ladeira, Val da Garcia, Apparicios, Ferreiros, Campo do Amarello, Azabuxo ou Zabucho, Caxieira, Bregieira, Figueira do Ou-

teiro. Fonte do Olleiro, Boavista, Alqueidão, Quintas de Sirol, Andrinos, Casal dos Mattos, Casal do Bispo, Quinta de S. Romão.

Vem mencionado em Carv.º o L. dos Pouzos com uma ermida de Nossa Senhora do Desterro, por onde se collige não ser ainda F. em 1708; *na divisão da parte dos Pouzos*, diz este auctor *havia um cur.º que pertencia á egreja parochial do S. Pedro* (da qual fallámos na descripção de Leiria); mas não declara o L. que era séde da egreja d'esse curato.

Em 1758 já era F. pois assim vem no *D. G. M.*

Vem tambem mencionado em Carv.º o L. de Vidigal com uma ermida de Nossa Senhora da Conceição, e o de Sirol com uma dita de Sta Eufemia.

Todos os outros log.^{es} vem mencionados no *D. G. M.*

P...	C..........		
	A..........	512	
	E. P........	556..............	2163
	E. C..........................		2103

REGUEIRA DE PONTES

(20)

Ant.ª F. de S. Sebastião de Regueira de Pontes, cur.º da ap. do B. de Leiria, no T. da d.ª cid.^{e}

Foi instituida esta F. posteriormente a 1708.

Está sit.º o L. de *Regueira de Pontes*[1] 1^{k} a O. da m. d. do Liz. Dista de Leiria 8^{k} para N. N. O.

Compr.^{e} mais esta F. os log.^{es} de Carril, Mathueira, Casaes, Amieira, Chans.

Vem mencionado em Carv.º Regueira de Pontes como simples L. da F. de Sant'Iago do Arrabalde da Ponte, nos suburbios de Leiria, com uma ermida de S. Sebastião, e

[1] No mappa, topographico vem Figueira de Pontes que por certo é erro: mais alguns se encontram; d'aquelles que conhecemos advert os o leitor.

tambem menciona o L. de Chans com uma ermida de Sant'Anna.

P...	C...........		
	A...........	210	
	E. P........	217...............	753
	E. C..........................		956

SERRA (SANTA CATHARINA DA)

(21)

Ant.[a] F. de S.[ta] Catharina da Serra, cur.[o] da ap. dos freguezes, no T. da cid.[e] de Leiria.

Está sit.[o] o L. de *Pinheiria* (no mappa topographico vê-se o L. de S.[ta] Catharina, que mostra ser pequeno; porém n'este e não no de Pinheiria está o signal indicativo da egreja parochial) $2^1/_2{}^1$ a E. S. E. de Leiria.

Compr.[e] mais esta F. os log.[es] de Donairia, Barreiria, Gordaria, ou Gordoaria, Casal das Figueiras, Q.[ta] do Salgueiro, Cercal, Val do Sumo, Cova Alta, Casal da Estortiga, Sobral, Casal Novo, Val Tacão, Siroes, ou Ciraes, Ulmeiro, Magueigia, Pedrome, Covão Grande, Loureira, Chainça, Val Maior.

Vem mencionados em Carv.[o], além de S.[ta] Catharina da Serra com a egreja parochial, os log.[es] de Val de Sumo com uma ermida de S. Miguel, Pedrome com uma d.[a] de S. Guilherme, Loureira com uma d.[a] de S.[ta] Martha.

P...	C..........	230	
	A.........	293	
	E. P.......	306...............	1268
	E. C.........................		1372

SOUTO DA CARPALHOSA

(22)

Ant.[a] F. do Salvador do Souto (Souto da Carpalhosa na *E. P.* e *D. C*), vig.[a] da ap. do B. de Leiria, no T. da d.[a] cid.[e]

Está sit.º o L. de *Souto* sobre uma pequena ribeira aff.^{e} do Liz. Dista de Leiria 3^{l} para o N. N. O.

Compr.^{e} mais esta F. os log.^{es} de Varzeas, Casal, Lagôa, Ruivaqueira, Ameixieira, Ortigosa, Riba d'Aves, Lameira, Mont'Agudo, Conqueiros, Mouta da Roda, S. Miguel, Chã (ou Chão) da Laranjeira, Azenha, Camarneira, S. Bento, João da Rua, Marinha, Levegadas, Sargaçal, Casal Telheiro, Carpalhosa, Penedo, Arroteia, Picoto, Carreira de Baixo, Carreira de Cima.

Vem mencionados em Carv.º os log.^{es} do Souto, séde da egreja parochial, Casal com uma ermida de S. Bento, Ortigosa com uma d.ª de S.^{to} Amaro, Riba d'Aves com uma d.ª de Nossa Senhora da Victoria, Conqueiros com uma d.ª de S.^{to} Ildefonso, Arroteia com duas ermidas S.^{to} Antonio e Nossa Senhora dos Remedios.

No *D. G. M.* vem mencionados Souto de Cima, Souto de Baixo (e n'este a séde da egreja parochial) Carpalhosa e todos os mais acima indicados).

P...	C.	517	
	A.	700	
	E. P.	740	3062
	E. C.		3194

VIEIRA

(23)

Ant.ª F. de Nossa Senhora dos Milagres, no L. de Vieira, cur.º da ap. do B. de Leiria, no T. da d.ª cid.^{e}

Esta F. foi instituida entre 1708 e 1758.

Está sit.º o L. de *Vieira* em campina, 2^{k} ao S. da m. e. do Liz, 4^{k} a E. do Oceano. Tem estr.ª para a Marinha Grande. Dista de Leiria $4^{1}/_{2}{}^{l}$ para N. O.

Compr.^{e} mais esta F. os log.^{es} ou casaes das Raposas, dos Lobos, d'Anja, Passagem, Bóco; a q.^{ta} da Galeota e duas H. I. no mesmo sitio da Galeota.

No mappa topographico vem mais a q.^{ta} da Areia que parece deve pertencer a esta F.

Vem mencionada em Carv.º uma ermida de Nossa Senhora dos Milagres da Vieira, na F. de S. Lourenço de Carvide, d'onde se collige não ser ainda séde de egreja parochial.

Vem tambem mencionado o L. da Passagem com uma ermida de Nossa Senhora da Ajuda.

No *D. G. M.* vem já o L. de Vieira como séde da egreja parochial, menciona tambem o L. da Passagem e o casal d'Anja.

P...	C...........		
	A...........	560	
	E. P.........	670..............	1900
	E. C.........................		2930

CONCELHO DE OBIDOS

(h)

PATRIARCHADO

COMARCA DAS CALDAS DA RAINHA

AMOREIRA

(1)

Ant.ª F. de Nossa Senhora d'Aboboris da Moreira, cur.º da ap. dos freguezes, segundo Carv.º F. de Amoreira, orago Nossa Senhora de Aboboris, cur.º da ap. da collegiada de S. Pedro de Obidos, segundo a *E. P.*

Está sit.º o L. de *Amoreira* 1^k a O. da m. e. do rio Real na estr.ª d'Obidos para Atouguia. Dista de Obidos 1^l para O. S. O.

Compr.ᵉ mais esta F. os log.ᵉˢ de Olho Marinho, Rego Travesso; os casaes de Val Bemfeito, Arruda, Lameiro, Outeiro, Estalagem, Sidoura ou Cidoira, Pantaleão, Moinho do Pagador, Moinho da Relva, Moinho do Traquelhas, Moinho da Tufeira; as q.ᵗᵃˢ da Ferraria, do Furadouro; e as H. I. dos ditos casaes de Val Bemfeito.

Vem mencionados em Carv.º o L. de Nossa Senhora de Aboboris da Moreira com uma ermida da inv. do Espirito Santo, o L. de Olho Marinho com duas ermidas, uma de S.ᵗᵃ Iria e outra de Nossa Senhora do Amparo: e a Ribeira de Val Bemfeito onde estava o convento de Nossa Senhora da Conceição de frades jeronimos, fundado primeiro nas Berlengas, onde se conservou 22 annos, e foi d'ali transferido

para o dito sitio, por causa dos insultos que soffria dos corsarios. Parece que a transferencia foi em 1548 ou pouco antes.

P...	C...........	260	
	A...........	307	
	E. P........	340..............	1300
	C. E...........................		1403

Segundo o *D. G.* do sr. P. L. foi V.ª e tem foral dado por el-rei D. Manuel em 1512.

BOMBARRAL

(2)

Ant.ª F. do Salvador do Bombarral, cur.º da ap. do cabido da sé de Lisboa, no T. da V.ª d'Obidos.

Em 1840 pertencia esta F. ao conc.º do Cadaval (D. A. de Lisboa). Passou ao conc.º d'Obidos pelo decreto de 24 de outubro de 1855.

Está sit.º o L. do *Bombarral* na m. e. do rio Real, na estr.ª da Lourinhã para o Cadaval. Dista d'Obidos 2^1 para o S.

Compr.e mais esta F. os log.es de Famões e Casaes de Valcovo; e os casaes de Valle, Silveira, Ulmal, Gamellas, Pegas, Sobreiras, ou Sobreiral, Varzea da Pedra, Val de Pato, Barreiras, Rosario, Clergueira, Moita-Boa, Casalinho, Boa Vista, Camarão, Estorninho, Retiro, Portella.

Vem mencionados em Carv.º o L. do Salvador do Bombarral com a egreja parochial e as ermidas de S. Braz, S.ta Maria Magdalena, S. João, Madre de Deus e Espirito Santo, da casa da misericordia que tinha hospital. Menciona egualmente o L. Famões.

P...	C..........	220	
	A..........	249	
	E. P.......	254................	1061
	E. C..........................		1250

CARVALHAL

(3)

Ant.ª F. de S. Pedro, segundo Carv.º, Senhor Jesus e S. Pedro na *E. P.*, Senhor Jesus no *D. C.*, cur.º da ap. do prior e beneficiados de Nossa Senhora d'Assumpção da V.ª de Obidos, no T. da dita V.ª

Em 1840 pertencia esta F. ao conc.º do Cadaval (D. A. de Lisboa). Passou ao conc.º de Obidos pelo decreto de 24 de outubro de 1855.

Está sit.º o L. de *Carvalhal* sobre uma ribeira aff.ᵉ da m. d. do rio Real. Dista de Obidos 2[1] para S. S. E.

Compr.ᵉ mais esta F. os log.ᵉˢ de A dos Ruivos, Barrocalvo, Salgueiro, Sobral, Sanguinhal; os casaes de Aniceto, Felizardo, Chocolateiro, Novo de Baixo, Novo de Cima, Commenda, Casalinho, Lavadeira, Centieiro, Val do Touro, Bacello, Casaes do Queijo, Avenal, Casaes do Cigano, Eira da Pedra, Casaes do Barrinho, Lagôa, Frade, Freixo. Val de Arcos, Val de Arcos de Baixo, Crutos, Crutos de Cima, Alecrim, Casaes do Bemvento, Casaes da Estrada, Estrada de Baixo, Terra Boa, Pinhal, Eixião, Casaes do Bairro do Lobo, das Souzas; e as q.ᵗᵃˢ de Loridos, Granja.

Loridos é uma bella propriedade que mereceu ser celebrada em um recente folhetim do sr. Julio Cesar Machado (*Diario de Noticias* n.º 3068 do anno de 1874).

Vem mencionados em Carv.º o L. de Carvalhal com a egreja parochial que no seu tempo tinha a inv. de S. Pedro e na capella mór uma imagem do Senhor Jesus de muita devoção e milagres; pelo que provavelmente em occasião de reedificação da egreja se mudou a inv. para o Senhor Jesus, conforme vem no *D. C.* O parocho no seu relatorio da *E. P.* referiu o orago antigo e o moderno. Ainda se póde admittir outra hypothese: ser o verdadeiro orago S. Pedro e o povo dar-lhe em razão da dita imagem a inv. do Senhor Jesus.

No tempo do referido Carv.º, ficava a egreja parochial

distante do L. do Carvalhal, entre vinhas e campos, e por isso havia no mesmo L. a capella do Sacramento; e havia ainda outra de Nossa Senhora do Soccorro.

Egualmente vem mencionados os log.^{es} de A dos Ruivos com uma ermida do Espirito Santo, e outra de Sta Catharina, Barrucalvo com uma dita de Nossa Senhora dos Prazeres, Sobral do Perilhão com uma dita de Sant'Anna, Salgueiro com uma dita de S. João Baptista, Sanguinhal com uma dita de S.^{to} Antonio.

P...	C.	370	
	A.	316	
	E. P.	356.	1420
	E. C.		1611

DOS FRANCOS

(4)

Ant.^{a} F. de S. Silvestre de A dos Francos, segundo Carv.^{o}, S.^{to} Antonio de A dos Francos, orago de S. Silvestre, na *E. P.*; cur.^{o} da ap. do cabido da sé de Lisboa, no T. da V.^{a} de Obidos.

Está sit.^{o} o L. de *Santo Antonio* (Franco de Cima no mappa topographico) sobre a ribeira da Vargem da Rainha ou rio Arnoia, 2^{k} a E. da estr.^{a} real das Caldas ao Carregado. Dista de Obidos 12^{k} para E. S. E.

Compr.^{e} mais esta F. os log.^{es} do Espirito Santo, Bica, V.^{a} Verde; os casaes de Sta Helena, Broeiras, Alecrim, Saragoça do Sobreiro, Carreiras, Casaes de Aramenha (q.^{ta} de Aramenha no mappa), Pinheiro, Carrasqueiro: e as q.^{tas} de V.^{a} Verde e Gloria.

P...	C.	140	
	A.	131	
	E. P	135.	624
	E. C.		621

DOS NEGROS

(5)

Ant.^{a} F. de Sta Maria Magdalena do L. de A dos Negros, cur.^{o} da ap. dos freguezes, no T. da V.^{a} de Obidos.

Está sit.^{o} o L. de *A dos Negros*[1] $1\,{}^1/_2{}^{k}$ ao S. da m. e. do rio Arnoia. Dista de Obidos 1^{l} para E. S. E.

Compr.^{e} mais esta F. os log.^{es} de Sanchoeira Grande, Sanchoeira Pequena; os casaes d'Areia, Rebimba, Camarnaes, Mesquita, Arenal, Matta-rica, Miranda, do Gregorio, do Simão, do Felix; e as q.^{tas} do Rolim, do Botelheiro, do Cabeço, da Monteira, do Carvalhedo, e da Aresta.

Vem mencionados em Carv.^{o} Sanchoeira Grande e Sanchoeira Pequena.

P. . .	C.	100	
	A.	147	
	E. P.	159	682
	E. C.		720

FANADIA (S. GREGORIO DA)

(6)

Ant.^{a} F. de S. Gregorio no L. da Fanadia, cur.^{o} da ap. do prior e beneficiados de S. Pedro da V.^{a} de Obidos, no T. da dita V.^{a}

Está sit.^{o} o L. de *S. Gregorio* (com 109 fogos) $1\,{}^1/_2{}^{k}$ a E. N. E. da m. d. do rio Arnoia.

Dista de Obidos 2^{l} para E.

Compr.^{e} mais esta F. o L. da Fanadia; os casaes de Boaventura, Fontainhas: e a q.^{ta} do Paul.

Vem mencionados em Carv.^{o} os log.^{es} de S. Gregorio com a egreja parochial e uma ermida, e o de Fanadia com uma ermida de S. Sebastião.

[1] Segundo o mappa topographico a egreja está fóra do L. á distancia de 1^{k}.

P...	C..........	110	
	A..........	151	
	E. P........	158...............	560
	E. C..........................		613

Parece que algum tempo esteve annexa a esta F. a de A dos Negros.

LANDAL

(7)

Ant.ª F. de Sta Suzana do Landal, segundo Carv.º, F. do Landal, orago Espirito Santo segundo a *E. P.* e *D. C.*, vig.ª da ordem de Malta da ap. do bailio de Leça, no T. da V.ª de Obidos.

Está sit.º o L. de *Landal* 4^{k} a E. da estr.ª real das Caldas ao Carregado. Dista de Obidos 3^{1} para E. S. E.

Compr.^{e} mais esta F. os log.^{es} de Amiaes, Serra, Rastos ou Rôstos; os casaes de Bairradas, Commenda, Sta Suzana, Peralva, Grangeiros, Freixo, do Neves, da Clara, Marmeleira, Pedreira, Casal Novo, Poço; e as q.^{tas} da Palmeira, Granja e Quinta Nova.

P...	C..........	60	
	A..........	126	
	E. P........	133...............	631
	E. C..........................		632

Tem esta F. feira annual em 10 de agosto.

OBIDOS

(8)

Ant.ª V.ª de Obidos na ant.ª com. de Alemquer. Hoje é cab.ª do actual conc.º de Obidos.

Está sit.ª no declive de um monte, banhada pelo rio Arnoia, na estr.ª real das Caldas da Rainha para Torres Vedras. Tem estradas para Atouguia, para Lourinhã e para o Cadaval. Dista de Leiria 12^{1} para S. O.

Tinha antigamente 4 FF. que eram Nossa Senhora d'As-

sumpção (matriz) prior.º da ap. da casa da rainha, segundo Carv.º, dos principaes da patriarchal segundo o *D. G. M.*, com 8 beneficiados.

S. Pedro, prior.º da ap. da casa da rainha, segundo Carv.º, *D. G. M.* e *E. P.*, com 7 beneficiados.

Sant'Iago, prior.º da ap. do conv.º de Val Bemfeito, por troca entre o dito conv.º e o C. d'Atouguia que era o antigo apresentante, segundo Carv.º e o *D. G. M.* O prior titular era o proprio abb.e do conv.º que na egreja, apresentava um cura e 7 beneficiados.

S. João Baptista de Moncharro ou Mocharro, vig.ª da ap. do cabido da sé de Lisboa, segundo Carv.º, da ap. do patriarcha segundo o *D. G. M.* (que diz que ficava esta egreja extra-muros) com 4 beneficiados.

No *M. E.* de 1840 ainda vem mencionadas estas 4 FF.

Hoje só tem duas que são:

S.ta Maria ou Nossa Senhora d'Assumpção, matriz, cur.º em 1862, segundo a *E. P.*

Compr.e esta F., além da parte da V.ª e arrabalde, os log.es de Da Gorda, Gaeiras de S. Marcos, Bairro, Carregal, Arelho; os casaes do Alemtejo e do Fraldeu, e as q.tas da Navalha e dos Cucos. Vem mencionados em Carv.º os log.es da Gorda com uma ermida de S.to Antonio e Gaeiras de Cá, com uma ermida de S. Marcos, Arelho (da ant.ª F. de S. João de Moncharro) com uma ermida de S.to André, Bairro (da mesma F. de Moncharro) com uma ermida de Nossa Senhora da Luz, Carregal (da mesma F. de Moncharro).

P.	C.	700 (as 4 FF. ant.as)	
	A.	379	
	E. P.	366	1297
	E. C.	(as 2 FF. actuaes)	3185

S. Pedro, prior.º Compr.e esta F., além da maior parte da V.ª, os log.es de Ousseira, Pinhal, Traz d'Outeiro, Gaeiras, Nada de Ouro ou Nadadoiro; os casaes de Boavista, Estrada, Relva da Cruz, Moxo, S.ta Iria, Reguengo, Freixo, Brogueira, Negrelho, Ribeira das Caldas, Sant'Iago, Figueiras, Capucho, Zambujeiro, Cruzes, Ramalheira, Pinheiro,

S.^{to} Antonio ou S.^{to} Antão, Camernaes, Gracieira, Alvito, S. Bento, Laranjeira, Carqueja, Calçada, Feno, Novo, Souto; as q.^{tas} de Galiota, Barrosa, Janellas ou Val de Flores, Charneca, Oratorio, Jardim, Penha, Pegada, Crucifixo, Queimada, Nova, Gonçalo, Cotelões ou Catelão; e os moinhos de Canastras, Galope, Torre Vedra, do Logar.

Vem mencionados em Carv.^{o} os log.^{es} de Osseira, com uma ermida de Sta Luzia, Camarnais e Pinhal, Reguengo, que era n'esse tempo séde de um cur.^{o}, Azambujeira, e Sta Iria, onde hoje ha feira annual em 20 de outubro.

Proximo ao L. das Gaeiras e um pouco a O. fica a q.^{ta} do mesmo nome, tambem chamada das Janellas (ou Val de Flores segundo a *E. P.*; porém o *D. C.* faz menção de uma q.^{ta} das Flores em separado) que pertence hoje, assim como o ext.^{o} conv.^{o} de S. Miguel das Gaeiras, aos herdeiros do par do reino, Faustino da Gama. N'esta q.^{ta} falleceu o infante D. Francisco filho de D. Pedro II. Possue boas aguas thermaes sulfureas que tem as mesmas propriedades da das Caldas da Rainha: na cerca do conv.^{o} tambem ha outra fonte da mesma natureza com pouco menor grau de calor.

Com quanto haja na localidade uma soffrivel casa para banhos, construida de abobada e com dois banhos separados, como faltem muitas commodidades que se gosam nas Caldas, pouca gente de fóra concorre a estas aguas.

Segundo a já citada descripção das aguas mineraes do reino, dos srs. dr. Lourenço e Schiappa de Azevedo, brotam estas aguas de Gaeiras de uma piscina construida dentro de uma casa abobadada. Estão inteiramente abandonadas, ainda que dignas de melhor sorte. A sua especie é a mesma que a das Caldas da Rainha. Tem as mesmas propriedades physicas e quasi a mesma composição.

A temperatura da agua na fonte foi de 32°,8 centigrados sendo a do ar ambiente de 23 graus.

As aguas que a dita descripção chama *salino-sulfureas de Obidos*, para as distinguir das aguas da Fonte dos Arrabidos que lhe está proxima, brotam em duas fontes en-

tre o antigo convento dos Arrabidos das Gaeiras e a egreja da V.ª de Obidos. Formam a pequena distancia uma especie de lago e parecem provir do mesmo manancial. São pouco aproveitadas e correm, uma d'ellas para um ribeiro visinho por uma calleira a céo aberto, e a outra por um canal subterraneo.

A fonte dos Arrabidos está mais proxima do conv.º, do qual dista aproximadamente 1 ^{k}.

Estas aguas deixam na sua passagem um deposito alvacento e amarellado de enxofre precipitado. São limpidas e transparentes, levemente salobras e com gosto e cheiro proprio ás aguas sulfureas. A sua temperatura é de 29º,2 centigrados, sendo a do ar ambiente de 24 graus.

A agua da *Fonte de Obidos* brota em grande abundancia na margem do rio, e deixa no seu trajecto um grande precipitado de enxofre. Dista pouco mais ou menos 2 ^{k} da egreja de Obidos, outro tanto da Quinta das Janellas, e 200 ^{m} da fonte precedente, com a agua da qual tem grande analogia nas suas propriedades e composição chimica.

A sua temperatura é de 27º,4 centigrados, sendo a do ar ambiente 23 graus.

A esta q.ta das Gaeiras, das Janellas, ou de Val de Flores tambem chamaram q.ta dos Freires, por ter pertencido aos d'este appellido (Freires de Andrade) como se mostra no seu brazão collocado ainda sobre o portão da quinta.

No *D. C.* descreve Almeida mui circumstanciadamente a ant.ª *festa dos cavalleiros em Obidos*, que era uma cavalgata ao dito conv.º de S. Miguel de Gaeiras, na vespera e dia de S. João; por falta de espaço citamos ao leitor curioso a pag. 338 do II vol. do dito *D. C.* onde se encontra.

P...	C..........		
	A..........	410	
	E. P........	435............	1935
	E. C.......................		

Quanto ás duas FF. ant.as de Sant'Iago e S. João Baptista de Moncharro, entendemos que foram supprimidas

passando os seus habitantes para as outras duas hoje existentes, visto a *E. P.* não fazer d'ellas menção alguma, nem mesmo como annexas.

Tinha esta V.ª diversas ermidas no tempo em que escreveu Carv.º, e hoje tem as de Nossa Senhora de Monserrate pertencente á ordem terceira, S. Martinho, e S. Vicente.

Vem tambem mencionada no *D. C.* a ermida do Senhor Jesus da Pedra, que diz, póde chamar-se templo sumptuoso, começado em 1740 e ainda não concluido (em 1866).

Está sit.ª no L. que chamavam d'antes Arieiros e tambem Casal da Pedra, junto á estrada que vae para as Caldas.

Em architectura é uma das melhores obras do seculo passado, pertencendo a diversas ordens, mas de perfeita simetria e regularidade, com bella cupula em pyramide exagonal, guarnecida de telhas refulgentes, grande globo e alta cruz em remate.

O risco do edificio é em circulo com 4 quadrados adjuntos.

Tem dois grandes sinos, casa de romagem, chafariz, etc.

Pela *E. P.* não podémos conhecer a qual das FF. de Obidos pertence este templo; mas pelo mappa denota pertencer á de S. Pedro.

Tem casa de misericordia e hospital.

Antes da extincção das ordens religiosas em Portugal tinha o conv.º de Arrabidos chamado S. Miguel das Gaeiras, de que já fallámos, fundado em 1569 pelo cardeal infante D. Henrique e transferido para o novo edificio n'aquelle local em 1602.

Obidos tem cerca de muralhas e castello que dizem obra dos mouros, mas que tiveram reparação no reinado de D. Diniz. Egualmente tiveram reparações no de D. Fernando.

A cerca de muros (diz o *D. C.*) tem a fórma de um ferro de engommar cujo bico voltado ao S. é defendido por um torreão, chamado Torre Vedra.

São 4 as suas portas, da V.ª, do Valle, da Cerca, do Telhal, e tem mais dois postigos *de Cima* e *de Baixo*.

As ruas principaes são 5 e tem uma praça com chafariz cuja agua vem do L. da Osseira por um aqueducto, mandado construir pela rainha D. Catharina mulher de D. João III, e em compensação lhe cedeu o povo um baldio que se ficou chamando Varzea da Rainha.

Recolhe abundancia de cereaes, muitas frutas excellentes, algum vinho e azeite.

Tem boas aguas em muitas fontes e as aguas thermaes em que já fallámos.

A lagôa de Obidos tem uma figura irregular, o seu comprimento de N. a S. é de 3 $^1/_2{}^k$, a sua maior largura (não incluindo as pequenas reintrancias que faz nas terras para E., S. O. e O.) é de 2^k de E. a O.: communica-se com o Oceano por um pequeno braço de mar de 2 $^1/_2{}^k$ de comprimento e direcção O. N. O., o qual apresenta variada largura por comprehender entre dois canaes duas pequenas ilhotas; a largura de qualquer dos ditos canaes varía entre 100 e 200^m. Na extremidade, junto ao Oceano, ha um só canal de 100^m de largura.

A reintrancia da lagôa da parte oriental, dista da V.ª das Caldas 4^k para O.: a parte meridional do corpo principal da lagôa dista da V.ª d'Obidos uma legua para N. O.; a extremidade da reintrancia do lado de S. O. dista da V.ª d'Atouguia duas leguas para E. N. E.; e a distancia ao Oceano quanto ao corpo principal da lagôa é de meia legua na parte septentrional e uma legua na parte meridional.

Ao braço ou reintrancia de E. chama o *D. C.* (e o mappa topographico) braço da Barrosa, e ao de S. O. do Bom Successo ou d'Atouguia.

Ainda nos apresentam os mappas duas outras reintrancias, uma para S. S. O. que não é indicada por nome especial e a de O. que é a menos consideravel e vem indicada com o nome de caneiro de Maria Garcia.

A lagôa d'Obidos é cercada de pequenas elevações do terreno (e não de altos montes como diz o *D. C.*) com alguns valles, pelos quaes abrem passagem os rios que entram na mesma lagôa, sendo os principaes o do Cabo, Rela

e Arnoia ou da Varzea da Rainha; o mais são mui pequenas ribeiras.

Para o lado do Oceano ha uma abertura plana, communicando-se o mar com a lagôa como já dissemos. Comtudo no verão pela diminuição do volume das aguas dos rios e ribeiras, as areias obstruem a foz e o braço da communicação por modo tal que ficam estagnadas as aguas com grave prejuiso da saude publica, como bem observa o *D. C.*; tornando-se indispensavel remover as ditas areias á força de braços, trabalho superintendido pela camara municipal da V.ª

É mui rica esta lagôa (continúa o mesmo *D. C.*) de variadas especies de mariscos e de pescado, que dão emprego a numerosos braços, e que durante todo o anno abastecem, não sómente a V.ª, mas tambem muitas outras terras da Extremadura. As pescarias d'esta lagôa constituem um importante ramo de commercio.

«Não é menos abundante de caça de arribação no inverno. N'esta quadra do anno apresentam as suas margens o mais animado e pittoresco aspecto que se póde imaginar.

«Para todos os lados que os olhos relanceiem vêem-se centenares de caçadores de todas as classes da sociedade e de trajes multicores, attraídos ali, não só das terras visinhas, mas de muitos pontos distantes da provincia e da propria capital: uns levados do desejo da diversão, outros da necessidade de ganhar para a vida...

«Costuma dizer-se que a lagôa d'Obidos dá pão, carne e peixe: pão, porque todos os annos se tiram d'ella milhares de carradas de limo com que se adubam as terras circumvisinhas; carne, pela immensidade espantosa de adens, galeirões, maçaricos reaes e outras aves qne ali arribam em setembro: e peixe pela grande quantidade de linguados, douradas, tainhas, safios, roballos, solhas, eirós e enguias que n'ella se pescam; bem como o marisco, que é muito procurado; e entre elle tem especial estimação o polvo, o chóco, a ostra e o mexilhão, de que se faz conserva e vae muita em bilhas para Lisboa.

«Nos restos de uma alameda, nas margens d'esta lagôa se vêem padrões, que attestam haverem ali jantado os nossos reis D. João IV, D. João V e D. José, por occasião do divertimento de caça e pesca...

«El-rei o sr. D. Pedro V, de sempre saudosa memoria, um anno antes de sua sentida morte foi fazer uma grande caçada n'esta lagôa, visitando por essa occasião a V.ª d'Obidos.»

Tem feira franca de 3 dias começando em 13 de setembro e outra tambem de tres dias começando em 20 de outubro.

Segundo a *Geographia Commercial e Industrial* do sr. João Felix, ha n'este conc.º 21 caldeiras ou alambiques de distillação, 4 fabricas de cortumes, 7 fornos de telha e tijollo, 23 lagares de azeite, 26 de vinho, 10 machinas de distillação de aguardente, 110 moinhos, uma ollaria, 22 teares de linho.

Tem este concelho:

Superficie, em hectares	26444
População, habitantes....................	12762
Freguezias, segundo a *E. C*...............	12
Predios, inscriptos na matriz..............	12100

Segundo Carv.º foi esta V.ª fundação de turdulos e celtas 308 annos antes da era vulgar, entrando muitos seculos depois no dominio dos arabes foi conquistada a estes por el-rei D. Affonso Henriques, em 1148, o qual reparou seus muros e castello.

Mais tarde sustentou-se lealmente por D. Sancho II, imitando Coimbra e Celorico, e o proprio D. Affonso III, quando depois se viu senhor pacifico de todo o reino, recompensou este exemplo de fidelidade dando a Obidos o titulo de *sempre leal* que juntou ao de notavel V.ª de Obidos, que já tinha.

El-rei D. Diniz a doou á rainha S.ta Isabel sua esposa, e ficou sempre pertencendo á casa das rainhas até 1833, em que foi ext.ª a dita casa.

A rainha D. Leonor ali passou algum tempo em recolhi-

mento e exercicio de devoções depois da infausta morte do infante D. Affonso seu unico filho.

Em 1634 foi elevada a titulo de condado por Filippe IV de Castella, sendo seu primeiro conde D. Vasco de Mascarenhas, alcaide mór de Obidos, mercê que depois confirmou D. Affonso VI em seus descendentes.

Em 1808 um combate proximo d'esta V.ª foi o preludio da grande batalha da Roliça, em que o exercito anglo-luso derrotou o francez.

Derivam alguns o nome d'esta V.ª dos monossylabos latinos *Ob id os* em allusão á boca ou entrada do braço de mar que em tempos mui remotos vinha ter á V.ª

Os que se não contentarem com esta etymologia escusam procurar outra mais bem fundada, pois de certo não a encontram.

O brazão d'esta V.ª, segundo o livro dos brazões que se guarda no archivo da Torre do Tombo, é em campo verde uma torre de prata sobre rochedos e com uma bandeira fluctuante.

Diz o *D. C.* que por tradição consta ter tido outro brazão dado pela rainha D. Leonor; escudo de prata e no meio uma rede de arrastar, em allusão á rede em que uns pescadores do Riba-Tejo conduziram o infeliz principe seu filho até uma pobre casa onde expirou nos braços de sua mãe e de sua esposa.

ROLIÇA

(9)

Ant.ª F. de Nossa Senhora da Purificação no L. da Roriça, segundo Carv.º, Roliça no *D. G. M.*, *E. P.* e *D. C.*, cur.º da ap. do prior e beneficiados de S. Pedro de Obidos, no T. da dita V.ª

Está sit.º o L. da *Roliça* na m. e. do rio Real, na estr.ª real d'Obidos para Torres Vedras. Dista de Obidos 6ᵏ para S. S. O.

Compr.ᵉ mais esta F. os log.ᵉˢ de S. Mamede, Delgada,

Braçaes, Azambujeira (Zambujeira dos Carros no mappa topographico), Columbeira, Pó, Casaes da Lamarosa, Casaes da Victoria; e os casaes do Braz, do Norte, das Figueiras, da Boa Vista, de Cabecinhos, de Val do Grou, do Abreu, do Merca; a q.^{ta} da Freiria; e uma H. I. chamada moinho do Rolão.

Vem mencionados em Carv.^{o}, além de Roriça, séde da egreja parochial, os log.^{es} de Corumbeira com uma ermida de S.^{to} Antonio, Pó com uma ermida de Sta Catharina, Baraçaes com uma ermida de S. Miguel, Delgada com uma ermida de S. Martinho, S. Mamede com uma ermida d'este santo.

P. . .	C.	300	
	A.	388	
	E. P.	400	1400
	E. C.		1869

N'este L. se deu a celebre batalha da Roliça onde o exercito francez foi completamente derrotado pelo anglo-luso.

SOBRAL DA LAGÔA

(10)

F. de S. Sebastião instituida em 1837, no L. de Sobral da Lagôa, cur.^{o} amovivel em 1862, segundo a *E. P.*, no conc.^{o} de Obidos.

Está sit.^{o} o L. do *Sobral da Lagôa* $^{1}/_{2}{}^{k}$ a E. da m. d. do rio Real. Tem estr.^{as} para Obidos e para Peniche e Athouguia. Dista de Obidos 3^{k} para O.

Compr.^{e} mais esta F. 2 casaes da Charneca e 2 da Calçada ou, o que é mais provavel, dois casaes em cada um dos sitios assim chamados: compr.^{e} mais a q.^{ta} da Cumeira.

Vem mencionado em Carv.^{o} Sobral da Lagôa, como simples L. da F. de S. João de Moncharro da V.^{a} d'Obidos, no T. da mesma V.^{a}, no qual já havia uma ermida com a inv. de S. Sebastião.

P...	C..........		
	A..........	123	
	E. P........	130.............	512
	E. C..........................		520

VAU

(11)

Ant.ª F. de Nossa Senhora da Piedade no L. de Vau, cur.º da ap. dos freguezes, no T. da V.ª de Obidos.

Está sit.º o L. de *Vau* 1k a O. da m. e. do rio Real, onde tem ponte, na estr.ª para Obidos. Dista de Obidos uma legua para O.

Compr.e mais esta F. os casaes de Lapinha de Baixo, Poço da Salgueira ou Poço Salgueiro, Adegas ou Adega de El-rei, Ferraria, Bom Successo ou Nossa Senhora do Bom Successo, Amial, Coelheira, Moinho de Vento, Eira; e a q.ta da Luz.

Vem mencionado em Carv.º, Vao, simples L. da F. de Nossa Senhora de Aboboris da Moreira, com uma ermida de Nossa Senhora do Ó.

P...	C..........		
	A..........	71	
	E. P........	61...............	280
	E. C..........................		338

O *D. C.*, menciona a q.ta do Bom Successo (e não casal) com frondosos arvoredos, boa casa em situação pittoresca e alegres vistas dos arredores da V.ª

CONCELHO DE PEDROGÃO GRANDE

(i)

BISPADO DE COIMBRA

COMARCA DE FIGUEIRÓ DOS VINHOS

CASTANHEIRA

(1)

Ant.ª F. de S. Domingos da Castanheira, cur.º da ap. do cabido da sé de Coimbra, no T. de Pedrogão Grande. Hoje é reit.ª

Está sit.º o L. da *Castanheira* em um valle na m. d. da ribeira de Pera. Tem estr.ª para Pedrogão Grande. Dista de Pedrogão Grande 12k para N. O.

Compr.e mais esta F. os log.es de Val das Figueiras, Souto do Val, Amial, Moredo, Gestosa Fundeira, Gestosa Cimeira, Torgal ou Tragal, Sapateira, Villar, Casalinho, Corga, Bollo, Palheira, Botelhas, Pera, Pisões do Baeta, Pisões da Teresa, Sarnadas, Pedra Quebrada, Fontão, Anchas, Troviscal, Carregal Fundeiro, Carregal Cimeiro, Mouta, Feteira, Vermelho, Sarzedas (ou Sarzetas) de S. Pedro, Balsa, Sarzedas de Vasco ou Sarzetas de Baixo.

P...	C..........		
	A..........	791	
	E. P.......	803...............	3334
	E. C...........................		3413

Parece-nos ser esta a F. á qual chama Carv.º, S. Domingos da ribeira de Pera.

COENTRAL

(2)

Ant.ª F. de Nossa Senhora da Nazareth, no L. de Coentral Grande, cur.º da ap. do cabido da sé de Coimbra.

Está sit.º o L. de *Coentral Grande* na aba da serra da Louzã para a parte do S., na estr.ª da Louzã para Pedrogão Grande. Dista de Pedrogão Grande 3^l para N. N. O.

Compr.^{e} mais esta F. os log.^{es} de Coentral da Cruz, Coentral das Barreiras, Coentral do Fojo, Camello.

P...	C..........		
	A..........	129	
	E. P.......	118...............	601
	E. C.......	....	559

GRAÇA

(3)

Ant.ª F. de Nossa Senhora da Graça, cur.º da ap. do cabido da sé de Coimbra, no T. de Pedrogão Grande.

Está sit.º o L. da *Graça* $3\,^1/_2{}^k$ a N. O. da m. d. do Zezere. Dista de Pedrogão Grande 8^k para O. S. O.

Compr.^{e} mais esta F. os log.^{es} de Nodeirinhos, Adéga, Figueiras, Outão, Pinheiro do Bordalo, Soalheira, Carvalheira Grande, Carvalheira Pequena, Altardo, Covaes, Pereira, Marinha, Lapa, Casal dos Ferreiros, Casal da Francisca, Atalaia Cimeira, Atalaia Fundeira; e os casaes de Pinheiro da Piedade, Mattos, Cotelaio, Val da Neta, Bouçã e um chamado sómente—o Casal.

P...	C..........		
	A..........	327	
	E. P.......	312...............	1523
	E. C.......	....	1541

PEDROGÃO GRANDE

(4)

Ant.ª V.ª de Pedrogão Grande na ant.ª com. de Thomar, de que eram don.^{os} os C. de Redondo.

Hoje é cab.ª do actual conc.º de Pedrogão Grande.

Está sit.ª na chã de uma serra banhada pelos rios Zezere e Pera, $^1/_2{}^k$ a O. da m. d. do Zezere. Tem estr.^{as} para Alvares, Louzã e Coimbra, para Figueiró dos Vinhos, Maçans de D. Maria, etc. e para Pedrogão Pequeno, Certã e Proença a Nova. Dista de Leiria 14 $^1/_2{}^l$ para E. N. E.

Tem uma só F. da inv. de Nossa Senhora d'Assumpção, vig.ª que era da ap. do cabido da sé de Coimbra.

Compr.^{e} esta F., além da V.ª, os log.^{es} de Val de Goes, Val de Barco, Vallongo, Pesos Cimeiros, Pesos Fundeiros, Ouzenda, Louriceira, Mega, Couço, Cunhal, Ervideira, Picha, Derriada Cimeira, Derriada Fundeira, Argueirão, Regadas Cimeiras, Regadas Fundeiras, Escallos Cimeiros, Escallos do Meio, Escallos Fundeiros, Mosteiro, Gravito, Troviscaes Cimeiros, Troviscaes Fundeiros, Val do Calvo, Ribeira, Mingacho, Sobreiro, Agria, Romão, Mó Grande, Mó Pequena, Casalinho, Marroquil, Carreira, Torneira; os casaes de Conceição, Venda, Pisão, Terras, Araes, Pai Soeiro, Maranhoa; e a H. I. da Pena.

P...	C.	400	
	A.	662	
	E. P.	689	2850
	E. C.		3261

Tinha em 1629 segundo diz M. L. de Andrade, as seguintes ermidas: de S. Sebastião, no começo de uma larga carreira, Nossa Senhora da Conceição, com uma fonte proxima, de excellente agua; S. Dionizio, á entrada da V.ª; S. Pedro, tambem á entrada pelo mesmo lado; S. Vicente, mais afastada, além da ribeira de Pera; Nossa Senhora dos Milagres, sobre um outeiro redondo, alto, coberto de frondoso arvoredo, *mui a pique dependurado sobre o rio Zezere,*

e sobre o mesmo outeiro vestigios de muralhas antiquissimas.

Antes da extincção das ordens religiosas em Portugal, tinha um conv.º da ordem de S. Domingos com a inv. de Nossa Senhora da Luz, fundado segundo J. B. de Castro, em 1476; porém esta data póde ser a da fundação da vig.ª com um vig.º, outro padre e dois leigos, pois a do conv.º é muito posterior e deve andar pelos annos de 1560 ou mesmo depois, como se collige do que diz M. L. de Andrade, que foram seus antepassados os fundadores d'aquella vig.ª, a qual passou a conv.º sendo elle de tenra edade.

Na *Miscellanea* descreve o dito auctor com elegancia a situação d'este conv.º e o seu lindo pomar que mereceu ser louvado e engrandecido por Camões em uma das suas canções; falla tambem da sua grande cerca, de suas fontes de crystallinas aguas, de sua extensa matta, tudo em linguagem tão amena e correcta que não tem inveja á de Bernardes.

Tem esta V.ª casa de misericordia e hospital.

Já em 1629 tinha Pedrogão muitas ruas de que as principaes eram cinco, e além d'isso muitas travessas e becos: um grande rocio chamado a Devesa (bella saída da V.ª) e outra praça menor com um cruzeiro de pedra no meio.

Recolhe abundancia de trigo, centeio, milho, legumes, hortaliças, castanhas, frutas, azeite e vinho: tem bons gados, excellente caça e abundancia de peixe de rio, trutas, escallos e bogas, dos rios Zezere e Pera.

Os arredores são deliciosos pela frescura dos arvoredos e abundancia de excellentes aguas que brotam de numerosas fontes.

O clima é sadio e vivia ali a gente muitos annos, pois menciona Miguel Leitão o facto de ter encontrado na V.ª seis testemunhas todos centenarios para um certificado ou instrumento de nobreza que lhe foi necessario para obter o habito de Christo.

Diz tambem que as mulheres são em geral formosas e mui honestas, pela pouca concorreucia de gentes de fóra e porque o *estragamento de costumes chega ali de vagar.*

Segundo a *Geographia Commercial e Industrial* do sr. João Felix, ha n'este conc.º 16 caldeiras ou alambiques de distillação, uma fabrica de lanificios, um forno de telha e tijolo, 21 lagares de azeite, 10 de vinho, 78 moinhos, 5 pisões de lã, 13 teares de lã, 78 de linho.

Tem este concelho:

Superficie, em hectares	23506
População, habitantes	10202
Freguezias, segundo a *E. C.*	5
Predios, inscriptos na matriz	34002

«É esta V.ª antiquissima povoação do tempo dos romanos e se acham d'isso vestigios, diz Miguel Leitão... no anno de 1620, se achou uma pedra com o letreiro seguinte

VI. C.A.S.
P.R.A. LIDIA. SCRIPTVM. MANV.
VALGIRII. IVSCI»

Esta inscripção, ainda mesmo que hoje não exista, tem todos os caracteres de veracidade, por ter sido encontrada no tempo do auctor que a cita e que é provavel a visse por ter sido creado n'esses sitios.

Quanto porém ao que diz Carv.º e os mais que o seguem de ter sido fundada pelos Petronios romanos, parece-nos que esses auctores não descriminaram a parte historica da fabulosa na *Miscellanea* do dito Miguel Leitão, quando elle proprio assim a qualifica[1] sendo na parte fabulosa que vem o conto dos Petronios e outros muitos para entretenimento, á maneira dos romances modernos.

Achava-se arruinada no tempo de D. Affonso Henriques quando este soberano a fez reedificar e se começou de novo a povoar, dando-lhe foral seu filho natural D. Pedro Affonso, foral que lhe confirmou depois el-rei D. Affonso III.

[1] «... e d'ahi deverão nascer as fabulas que se contam d'esse logar e de alguns outros...» (*Misc.* dial. XIII, pag. 346.)

As armas ou brazão d'esta V.ª conforme vem na *Miscellanea* são uma aguia, com os pés sobre dois rochedos (entre os quaes passa o Zezere) e fitando o sol; e na orla do escudo a divisa

GRANDE. SOO. DE. PEDRO. GUESES.

VILLA FACAIA

(5)

Ant.ª F. de Sta Catharina de V.ª Faquay, segundo Carv.º, V.ª Facaia no *D. G. M.*, cur.º da ap. do cabido da sé de Coimbra, no T. de Pedrogão Grande.

Está sit.º o L. de *Villa Facaia* na m. e. de uma ribeira aff.^{e} do Zezere. Tem estr.^{as} para Pedrogão Grande e para a Certã. Dista de Pedrogão Grande 8^{k} para O. N. O.

Compr.^{e} mais esta F. os log.^{es} de Salaborda, Varzeas, Pé da Lomba, Cume, Ramalho, Pinheiro de Bollin, Lameira Cimeira, Lameira Fundeira, Aldeia dos Freires ou das Freiras, Gravito, Rabigordo, Val da Nogueira, Campellos, Salaborda Velha, Alagôa, Pobraes, Molleiros; o casal d'Além; e a q.^{ta} ou H. I. de Sabrosa.

Vem todos mencionados no *D. G. M.* á excepção de Alagôa e a q.^{ta} ou H. I. de Sabrosa.

P...	C..........		
	A..........	307	
	E. P........	302..............	1367
	E. C.........................		1428

CONCELHO DE PENICHE

(j)

PATRIARCHADO

COMARCA DAS CALDAS

ATOUGUIA DA BALEIA

(1)

Ant.ª V.ª d'Atouguia na ant.ª com. de Leiria, de que foram don.os os C. d'Atouguia, dos quaes passou para a corôa em 1759.

Está sit.ª em uma especie de planicie um pouco inclinada, 3k a O. e 4k ao S. da costa do Oceano, na estr.ª d'Obidos para Peniche. Tem estr.ª para a Lourinhã. Dista de Peniche uma legua para E. S. E.

Tem uma só F. da inv. de S. Leonardo, padroeiro da V.ª, que era vig.ª perpetua da ap. do geral da congregação dos conegos regulares de S. João Evangelista (Loios), com 8 beneficiados. Hoje é prior.º

Compr.e esta F., além da V.ª, os log.es de Ferrel, Mestre Mendo (casaes de Mestre Mendes no mappa), Casaes Brancos, Reinaldos, Coimbrã, Bufarda, Bolhos, Riba Fria, Paço, Carnide, Giraldos, Estrada (bom L. na estr.ª de Peniche á Lourinhã); os casaes de Alagoeira, S.ta Luzia, Novo, da Ordem, Novo da Ordem, Barreira Vermelha, Bom Successo, Boa Vista de Reinaldos, Boa Vista de Val de Medo, Boa Vista de Ferrel, Carqueija, Condes, Figueiras, Junqueira ou Junceira, S. Francisco, S.ta Barbara, Granja, Lagôa, La-

meda, Mal Medra, Moinho, Rei, Salgueiro, Valla, Val Grou, Outeiro, Covas, Pinhal, Misericordia, Misseu, Carrasqueira; as q.^{tas} de Barradas, Carôxo, Carrapato, Neta, Valles, Val Verde, Penteado, Caveiras, Preto; as azenhas de Penteado, Penedo, Pimpolho; e os sitios de Baleal, S. Bernardino, Consolação.

Vem mencionados em Carv.^{o} todos os log.^{es}

P...	C...........	500	
	A	562	
	E. P.........	600...............	2587
	E. C..........................		2718

Segundo o *D. C.* tem esta V.^{a} boa egreja parochial, um outro templo de Nossa Senhora da Conceição muito concorrido de romarias e algumas ermidas.

Antes da extincção das ordens religiosas em Portugal tinha um conv.^{o} de Franciscanos da provincia dos Algarves (Xabreganos), com a inv. de S. Bernardino, fundado em 1451. Dista da V.^{a} 3^{k} para S. S. E. e fica proximo á costa.

Tambem segundo o *D. C.* houve ali em tempos mais antigos um most.^{o} ou conv.^{o} da ordem de S.^{to} Agostinho, que ainda em mais remota época havia sido templo de Neptuno, como o provam diversas inscripções latinas, especialmente uma que está nas costas da capella mór, que em portuguez diz assim:

«Templo consagrado a Neptuno por Decio Junio Bruto, pela felicidade com que acabou a guerra contra os moradores de *Eburobritium,* e por lhe ficarem salvos todos os seus soldados.»

Tem casa de misericordia e hospital.

Tinha um ant.^{o} castello hoje em ruinas.

Recolhe trigo, cevada, milho, algum vinho e frutas; tem creação de alguns gados e muita caça de arribação das margens da lagôa. A costa visinha lhe fornece abundancia de peixe.

Tem feira em 6 de novembro.

Foi fundada em 1165 por Guilherme Lacorni fidalgo francez, um dos que ajudou D. Affonso Henriques na tomada

de Lisboa, e deu-lhe foral o mesmo fidalgo (ou antes D. Affonso Henriques em 1167 conforme o *D. G.* do sr. P. L.) e depois novo foral el-rei D. Manuel em 1510, segundo o *D. G. M.;* porém Carv.º, J. B. de Castro e o *D. C.*, concordam em ser o primeiro foral de D. Sancho I.

«Parece que tambem teve foral de D. Sancho I mas sem data, diz o sr. P. L.»

Pretendem alguns auctores que a V.ª d'Atouguia se chamasse antigamente da *Touria,* pelos muitos touros que pastavam em seus campos, e pertenciam ás manadas da corôa, quando D. Pedro I residiu no L. ainda hoje chamado Serra d'El-rei: outros querem que o nome de Touria só fosse dado ao castello.

Fundam-se os primeiros no brazão que se vê no livro dos brazões da Torre do Tombo, que é um escudo, com um touro de ouro em campo de purpura e sustentando um castello em cada uma das pontas. Este mesmo brazão se acha insculpido na porta da casa da camara.

Quanto ao sobrenome foi-lhe dado por causa de uma enorme baleia que ali deu á costa em 1526.

PENICHE

(2)

Ant.ª V.ª de Peniche na ant.ª com. de Leiria, de que eram don.ºs os C. d'Atouguia, dos quaes passou á coroa em 1759.

Hoje é cab.ª do actual conc.º de Peniche.

Em 1840 pertencia este conc.º ao D. A. de Lisboa. Passou depois para o D. A. de Leiria.

Está sit.ª em uma especie de peninsula na costa do Oceano, em prea-mar, quasi separada do continente, e d'esta situação lhe provém o nome, corrompido pela errada pronuncia. Tem estr.as para Obidos e para a Lourinhã. Dista de Leiria 16[1] para S. O.

Tinha e tem ainda 3 FF. que todas eram curatos da ap.

da congregação dos conegos seculares de S. João Evangelista (Loios).

Nossa Senhora da Ajuda.

Compr.^{e} a parte da V.ª que se chama Peniche de Cima.

P...	C...........	900 (as 3 FF.)	
	A...........	324	
	E. P........	333...............	1135
	E. C. (as 3 FF.)................		2963

Fica sit.ª a egreja parochial de Nossa Senhora d'Ajuda ao N. da V.ª junto a Peniche de Cima, d'onde se avista Atouguia e muitos logares. A imagem da Senhora diz-se ter sido achada em uma rocha no sitio chamado a Papôa.

No districto d'esta F. estão as ermidas de S. Vicente, e Calvario. Junto á rocha e adiante do ext.º conv.º da ordem de S. Francisco está a ermida de Nossa Senhora do Abalo, e tambem junto á rocha para a parte de O. a de Nossa Senhora dos Remedios, cuja imagem, segundo diz o *D. G. M.* é de muita devoção e milagres e appareceu ali mesmo em uma lapa.

S. Pedro.

Compr.^{e} parte da V.ª

P...	C...........		
	A...........	206	
	E. P........	230...............	689
	E. C...........................		

A egreja parochial foi primeiramente da inv. do Espirito Santo, mas tendo sido reedificada em 1698 (fim da obra) tomou por orago S. Pedro.

No districto d'esta F. estão as ermidas de S.^{to} Antonio, Sant'Anna, que fica fóra da V.ª, e Nossa Senhora da Victoria, que fica junto á rocha para o lado de O. onde chamam o cabo Carvoeiro.

S. Sebastião.

Compr.^{e} parte da V.ª

P...	C...........		
	A...........	225	
	E. P........	223...............	900
	E. C...........................		

Foi primitivamente uma ermida com a mesma invocação de S. Sebastião, chamada S. Sebastião das Arieiras pela visinhança de uma estrada de muitas areias.

Foi esta F. instituida em 1604, e a devoção do povo pela Mãe de Deus obrigou a collocar logo no altar mór a imagem de Nossa Senhora da Conceição, d'onde veiu chamarse assim, como effectivamente lhe chama o *D. C.*, sem fallar no orago S. Sebastião, cuja imagem está ao lado da Senhora da parte do Evangelho e a de S. Roque da parte da Epistola.

No districto d'esta F. estão as ermidas de S. Marcos e Senhora da Salvação, a casa da misericordia, o hospital, paços do concelho e cadeia publica.

O ext.° conv.° da ordem de S. Francisco, em que já fallámos, era da provincia dos Algarves (Xabreganos) da inv. do Bom Jesus, e julga-se ter sido fundado em 1452.

«Peniche como praça de guerra de 1.ª classe, é tão orgulhosa de si, diz o sr. general Sobral na memoria que publicou em 1871, que trocando o *álerta* com Santarem e Abrantes, como sentinellas avançadas nos extremos da linha de defensa da capital, estão ahi a provocar o invasor a que avance pelo centro.

«A linha magistral da sua fortificação mede 2250^{m} (segundo a supradita memoria) sendo a parte correspondente ao isthmo uma curva de 140^{m} de flexa com a parte concava para fóra, e as extremidades sobre as rochas do mar ao N. e ao S. do isthmo, abrangendo uma extensão de 1250^{m}: dos extremos da curva ainda segue a fortificação para o lado do N. 550^{m}, e para o lado do S. 440^{m} acompanhando a parte correspondente da costa.»

Segundo a descripção da praça de Peniche do sr. general reformado F. J. Maria de Azevedo, que vem no *D. C.* e no jornal o *Portuguez* n.° 677 de 1855, tem a dita linha de fortificação seis espaçosos meios baluartes, chamados vulgarmente baluartes; porém segundo a planta que temos á vista, pertencente á referida *Memoria* do sr. general Sobral, combinando com o mappa topographico, são

apenas dois grandes e bem abertos baluartes, no meio d'estes um outro baluarte menor, e nas extremidades da fortificação, junto á rocha, dois meios baluartes, tudo fortificação irregular. Tem mais na extremidade S. da dita linha fortificada um forte quadrado de 4 pequenos baluartes e reducto, chamado o forte das Cabanas, e um pouco distante da extremidade do N. outro forte da mesma configuração, chamado o forte de Nossa Senhora da Luz. No interior, a pequena distancia do forte das Cabanas, tem a cidadela, que offerece para a parte da povoação uma pequena frente abaluartada composta de dois meios baluartes extremos e um baluarte no centro, e para o lado do mar sobre alcantilada rocha, dois pequenos meios baluartes unidos por um redente.

Como obra avançada só tem na costa, para o lado do S. e já fóra da peninsula o forte da Consolação, que tambem é um quadrado fortificado, com os lados exteriores um pouco maiores do que os dos outros fortes de que já fallámos, e tendo no centro um bom reducto. Fica em linha recta, e por mar, $3^1/_2{}^k$ a S. S. E. do forte das Cabanas, que é como já dissémos a extremidade S. da linha fortificada da praça.

Estas fortificações foram começadas, sogundo diz a *Revista Militar* n.º 16 de 1858, em 1557, reinando D. João III, e nomeado inspector d'ellas o conde d'Atouguia D. Luiz de Athaide; concluidos em 1645, no reinado de D. João IV, sob a inspecção de outro conde d'Atouguia, D. Jeronymo de Athaide.

Na porta do Redondo (nome que dão a um dos cavalleiros da cidadella) existe uma lapida com inscripção que mui claramente prova ter sido a fortificação começada por D. João III, e concluida por D. João IV.

Esta noticia do *D. C.* parece que tira toda a duvida; não obstante devemos registar que na *Chorographia* de Carvalho se menciona a fortificação como sendo obra do reinado de Filippe II de Castella.

Junot mandou addicionar algumas obras ás antigas forti-

ficações, lord Wellington fez acrescentar outras, e ainda mais algumas se fizeram em 1830, no meio das nossas desgraçadas luctas politicas.

O solo d'esta peninsula (continua a *Revista Militar*) é em geral composto de uma camada de terra vegetal mui delgada, misturada de areia, assente sobre leito de rocha muito dura e em partes *salão*, para a extremidade N. Comtudo produz trigo, cevada, milho, batatas, legumes e bastante vinho.

De agua potavel ha grande falta e por isso quasi todas as casas tem cisternas.

Em pescaria é abundantissima e são notaveis especialmente pela grandeza os congros e pelo sabor os roballos.

Os moradores de Peniche que não se dão á industria da pescaria, são proprietarios, empregados publicos ou commerciantes: as mulheres occupam-se quasi exclusivamente no mal retribuido trabalho da renda, que é exportada para diversos pontos do paiz.

Segundo a *Geographia Commercial e Industrial* do sr. João Felix, ha n'este conc.º 8 caldeiras ou alambiques de distillação, uma fabrica de loiça de barro vidrada, dois fornos de cal, 7 de telha e tijolo, 12 lagares de vinho, uma machina de distillação de aguardente, 34 moinhos, duas ollarias, 16 teares de linho.

Tem estação telegraphica.

Tem este concelho:

Superficie, em hectares....................	8687
População, habitantes......................	7324
Freguezias, segundo a *E. C.*...............	5
Predios, inscriptos na matriz..............	7439

Sobre a fundação da povoação concorda a maioria dos auctores antigos que tendo-se acoutado a esta localidade grande porção de lusitanos, que preferiam conbater a soffrer o jugo romano, foram por fim vencidos pelas tropas de Julio Cesar e tratados depois com clemencia, dando-se-lhes o terreno para o cultivarem e povoarem.

Parece que o sitio primeiramente povoado foi a parte do S. do isthmo, vivendo os seus moradores em pobres choupanas ou cabanas, d'onde se derivou o nome do forte n'esse mesmo local muito depois construido.

Além da inscripção lapidar de que falla o *D. C.* não temos noticia de que em Peniche haja outras antiguidades de importancia, mais do que alguns tristes monumentos que recordam naufragios.

Tem por brazão de armas um barco sobre ondas verdes, á proa S. Pedro e á popa S. Paulo.

SERRA D'EL-REI

(3)

Ant.ª F. de S. Sebastiã ono L. da Serra d'El-rei, cur.º da ap. dos freguezes, no T. da V.ª d'Athouguia.

Esta F. foi instituida entre os annos 1708 e 1758.

Está sit.º o L. da *Serra d'El-rei* em pequena altura na aba da dita serra para a parte do N. O., na estr.ª de Atouguia para Obidos. Dista de Peniche duas leguas para E. S. E.

Compr.^{e} mais esta F. os log.^{es} de Junqueiro e Sant'Anna.

P...	C.........		
	A.........	150	
	E. P.......	153................	622
	E. C...........................		643

CONCELHO DO POMBAL
(k)

BISPADO DE COIMBRA

COMARCA DE POMBAL

ABIUL
(1)

Ant.ª V.ª de Abiul na ant.ª com. de Thomar, de que foram don.os os D. de Aveiro dos quaes passou para a corôa em 1759.

Está sit.ª em um valle ou concavidade de uns montes que a cercam, e tão desegual é o seu terreno que se torna desagradavel passeio de dia e intransitavel de noite, especialmente de inverno em occasião de cheias: proximo corre a pequena ribeira de Val-mar.

Fica esta V.ª 12k a E. N. E. da estação de Vermoil (C. de ferro do N.) Dista de Pombal 11k para E. S. E.

Tem uma só F. da inv. de Nossa Senhora das Neves, vig.ª que era da ap. do most.º de Lorvão.

Compr.e esta F., além da V.ª (que o *D. C.* chama ext.ª) os log.es de Ramalhaes de Cima, Ramalhaes de Baixo, Brinços ou Brissos, Maçãns (Maça no mappa topographico), Lagoa, Portella, Val das Velhas, Chão de Urmeiro, Venda, Serodio, Carrascal, Val do Milho, Val de Perneto, Ribeira de Ancião, Aroeira, Crujeira, Arraiva, Val do Rodrigo, Lameirinha, Outeirinho, Fontainhas, Pregueira, Abelheira, Milhariças, Gaiteiro, Rebolo, Gesteira, Fonte da Gota, Ami-

eira, Val da Figueira, Lagôa de Sta Catharina, Azenha, Valdeira, Cazaes Novos, Palheiro, Tojal, Loureira, Val da Caza; os casaes dos Marques, S. Vicente, Entrudo, Sobreira, Brebalga, Aldeia do Rio, Ventoso, Barreiro, Bréjos, Carvalhão, Tissoaria ou Pissoaria, da Quinta da Graça, dos Silvas, da Q.^{ta} do Bispo, Baiças (ou Boiças?).

Vem mencionados em Carv.^{o} os log.^{es} de Ramalhaes com uma ermida de Nossa Senhora da Conceição (mas não diz se é Ramalhaes de Cima ou de Baixo d'onde se collige era n'esse tempo um só L. d'esse nome), Brinços com uma ermida de Sta Luzia, Val das Velhas com uma dita de S. Vicente, Val do Rodrigo, com uma ermida de Nossa Senhora Senhora da Piedade, Fontainhas com uma dita de S. Domingos, Gesteira com uma dita de S. Sebastião, Amieira com uma dita de S. Jorge.

P. . .	C.	400 (V.^{a} 40)	
	A.	484	
	E. P.	530	2470
	E. C.		2410

Tem casa de misericordia e hospital.

Recolhe muito milho grosso, muito azeite e algum trigo.

Tem a V.^{a} uma só fonte mas de muita abundancia d'agua.

Houve ali antigamente um bom palacio dos D. de Aveiro, hoje em ruinas.

Descreve o *D. C.* a festa do *Bolo* (3.º vol., Appenso, *Abiul*, pag. 3) instituida, por occasião de um contagio que assolou a V.^{a} em 1562, por uma das pessoas principaes; e pela extincção d'esta familia tomou a camara o encargo do cumprimento do voto (porque esta V.^{a} foi cab.^{a} de conc.^{o} hoje ext.^{o}) que se faz no 1.º domingo de agosto.

El-rei D. Manuel indo ali com o D. de Aveiro, naturalmente em occasião da mesma festa, acrescentaram a egreja, e foi então, diz o mesmo *D. C.*, que este soberano deu foral á V.^{a}; porém J. B. de Castro diz que el-rei D. Manuel lhe reformou o seu foral em 1515.

Havia antigamente feira na occasião da festa: a feira hoje já se não faz, ignoramos se o mesmo acontece á festa.

«No primeiro domingo de agosto, diz Carv.º, em que ha feira n'esta V.ª, ou na sexta feira antecedente, faz Nossa Senhora das Neves, orago da egreja parochial, um milagre evidente todos os annos, entrando um homem, depois de confessado e commungado, dentro em um forno, onde se queiraram 6 ou 7 carradas de lenha e mette dentro um bolo de 10 ou 12 alqueires de trigo, em tempo que está o forno tão quente que applicando-se-lhe uma carqueja por fóra esta se accende; e o homem sem lesão alguma sae para fóra, tudo á vista da imagem da Senhora, a qual conduzida em procissão pára defronte do forno em quanto succede o milagre e depois volta para a egreja com grande prazer dos circunstantes, e ali ha sermão de que o mesmo milagre é assumpto.

«Por esta occasião se fazem muitas festas de danças, touros, justas e canas, as quaes começam na sexta feira e acabam no domingo por todo o dia.»

Uma semelhante descripção d'este festejo e commemoração singular vem com pequenas variantes do mesmo auctor tratando da V.ª do Pombal. N'esta o titulo da Senhora é o de Nossa Senhora do Cardal e o motivo do voto uma praga de gafanhotos e lagartas; a origem da entrada do homem no forno é porque ficando *tortos* ao lançar para o forno os dois grandes bolos da offerta, um creado da senhora que havia tomado a seu cargo cumprir a expensas suas o voto de todos, a qual D. Maria Fogaça se chamava, o creado digo invocando Nossa Senhora do Cardal entrou no forno concertou os bolos e saíu sem lesão alguma.

Pela época e circumstancias que a acompanham parece que estas descripções são de uma só festividade; porém o que mais admira é encontrar-se na *Memoria* já citada do sr. dr. Costa Simões, relativa ás 5 V.ªs e Arega, quando trata da V.ª do Avellar, uma discripção muito analoga.

«No Avellar (diz a *Memoria*) ha a capella da Senhora da Guia, fundada em 1767. Tem romaria no primeiro domingo de setembro, onde concorrem muitos milhares de romeiros attraidos pela festividade da Senhora; e ainda mais para

verem o que ha de realidade em tudo quanto as crenças populares tem espalhado sobre a entrada de um homem dentro de um forno, com sufficiente calor para cozer em seguida um bolo de meio alqueire ou maior ainda.

«Na sexta feira começam a affluir tendeiros, limonadeiras etc.: no sabbado é o maior auge, á hora da procissão, onde vae o bolo n'um andor, já preparado para entrar no forno, e depois de tirado do forno, no domingo, é repartido pelos devotos e desapparece a multidão a cada momento.»

Tambem parece esta ainda a mesma historia com variantes diversas, mas como o Avellar fica tão distante de Abiul ha alguma difficuldade em admittir que tudo se refira a uma só procissão e a uma só festa.

Como quer que seja não occupariamos tanto tempo com este assumpto se não vissemos que um homem illustrado como o sr. dr. Costa Simões d'elle tratou na referida *memoria* dirigida á primeira associação scientifica e litteraria do paiz.

Ainda no anno de 1873 se fizeram estas festas de Nossa Senhora do Cardal na V.ª do Pombal, como nos informou o *Diario de Noticias* de Lisboa. Foram muito aparatosas; houve a procissão do costume com o *bolo* que se deitou no forno, entrando em seguida um homem que o concerta, voltando depois a procissão para a egreja do convento onde houve festa e sermão. Illuminaram-se á noite as ruas Direita, Corredoura, e das Cannas, que tinham arcos, balões, bandeiras, etc., percorrendo-as a philarmonica da terra, não faltando os foguetes do estilo e o fogo preso.

ALMAGREIRA

(2)

Ant.ª F. de Nossa Senhora da Graça no L. de Almagreira, vig.ª da Ordem de Christo, no T. da V.ª de Soure.

Está sit.º o L. de *Almagreira* 1 $^1/_2$^{k} a O. da m. e. do Arunca 9^k a S. S. E. da estr.ª de Soure (C. de ferro do N.). Dista de Pombal 2^l para N. N. O.

Compr.e mais esta F. os log.es de Barbas Novas, Paço, Bo-

nitos, Azenha, Val de Nabal, Reguengo, Espinheiros, Baixos, Sazes, Gregorios, Carrascos, Vascos ou Vasques, Lagares, Chans ou Chã, Netos, Meias Vides, Pingarelhos, Penedos, Reis, Portella, Ribeira de S. João ou S. João da Ribeira.

P...	C..........	400		
	A..........	376		
	E. P.......	414	....	1990
	E. C............................			1731

LITEM

SANT'IAGO

(3)

Ant.ª F. de Sant'Iago na Ribeira de Litem, vig.ª da ordem de Christo, da ap. da Mesa da Consciencia, no T. da V.ª de Pombal.

Está sit.º o L. de *Sant'Iago de Litem* proximo e ao N. do rio Arunca e do C. de ferro do N., 6^k a E. S. E. da est.ª de Vermoil, 6^k a N. N. O. da estr.ª de Albergaria. Dista de Pombal 2^l para S. S. E.

Compr.^{e} mais esta F. os log.^{es} de Centiaes.=Catellaria ou Catellavia, Alqueidão, Boldrarias ou Baldarias, S. Vicente, Covões, Punhete, Pizão, Arneiro, Roques, Serra de Bonha, Cançaria, Tojeira, Andrés, Vallada, Boiça, Parouvello, Outão, Pedras, Soirão, Farrobal, Mortas, Remena, Barregueira, Casal da Rosa, Maçoeira, Infesta, Sant'Anna, Arieira, Mouta, Casal da Mouca, Casal das Freiras, Grilos, Junceira, Ribeira, Portella, Gaia, Cubo, Avellar; os casaes de Gatios, Seixieira, Lapa, Casal Novo do Parouvello, Aldeia, Carreira, Lameirinha, Cruz, Outeiro da Cruz, Junqueira, Palhaes, Moinho das Ferrarias, Moinho dos Freires, Cacinheira, Val do Féto, Casal Novo do Cubo; e a q.^{ta} de S. Lourenço.

P...	C...........			
	A...........	358		
	E. P........	391	....	1649
	E. C..........................			1823

LITEM

S. SIMÃO

(4)

(BISPADO DE LEIRIA)

Ant.ª F. de S. Simão da Ribeira de Litem, cur.º da ap. do B. de Leiria, no T. da dita cid.^{e}

Está sit.º o L. de *S. Simão* proximo e ao S. do rio Arunca e do C. de ferro do N., uma legua a E. S. E. da estação de Vermoil, uma legua a N. O. da estação de Albergaria. Dista de Pombal 12^{k} para S. S. E.

Compr.^{e} mais esta F. os log.^{es} de Cabeço, Amiaes, Bréjo, Viuveiro, Matta, Ladeira, Gracieira, Marra, Barroza, Cadavaes, Roçadas, Palhaça, V.ª Pouca, Pomares, Casal=Casal do Gaio, Roubã, Aldeias, Chão de Gaia, Val de Pomares, Poços, Albergaria, Eguins (ou Azeguins?), Morzelleira, Castello, Fetil, Bica, Arnal, V.ª Verde, Carvalhal, V.ª Gallega, Casaes, Quintas, Ferrarias.

Vem mencionados em Carv.º os log.^{es} de Albergaria com uma ermida de Nossa Senhora da Apresentação, Ferrarias com uma ermida de S. João, Arnal com uma ermida de S.^{to} Amaro.

P...	C.	250	
	A.		
	E. P.	416.	1871
	E. C.		1968

No *D. C.* não vem mencionado S. Simão de Litem como F. independente, julga, ao que parece, este L. como pertencendo á F. de Sant'Iago de Litem, e diz que n'elle existe a capella de S. João Baptista da casa e q.^{ta} das Ferrarias, do V. de Almeidinha, João Carlos do Amaral Ozorio e Souza, par do reino, filho do fallecido barão de Almeidinha: que na dita capella ha uma sepultura com brazão, que é de Balthazar de Barros, seu instituidor.

A estação do C. de ferro do N. chamada de Albergaria fica junto ao L. de Albergaria: é a 4.ª a contar do *Entroncamento*, e 21.ª da linha de Lisboa ao Porto.

LOURIÇAL

(5)

Ant.ª V.ª do Louriçal na ant.ª com. de Coimbra.

Em 1840 pertencia esta V.ª ao conc.º do Louriçal, ext.º pelo decreto de 24 de outubro de 1855, pelo qual passou ao do Pombal.

Está sit.ª $1\ {}^1/_2{}^k$ a E. da m. e. do rio Carnide (ou da Vinha da Rainha segundo o mappa), 3^l a E. do Oceano; 3^l a N. O. da estação do Pombal e 14^k a O. S. O. da estação de Soure (C. de ferro do N.) Dista do Pombal 3^l para N. O.

Tem uma só F. da inv. de Sant'Iago, vig.ª da ap. da Universidade. Hoje é prior.º

Compr.^{e} esta F., além da V.ª, os log.^{es} de Mattos da V.ª, Casal do Mouro, S.^{to} Antonio, S.^{to} Amaro, Outeiro, Casas Brancas, Portellinha, Barroca ou Barrosa, Cabeços, Feitos ou Foitos, Furadouro (Juradouro no mappa), Serro, Casaes do Porto, Casaes de S. João, Casaes da Rolla, Vallarinho, Cavadas, Cabeço, Sarrião, Cipreste, Mattas, Silveirinha Pequena, Silveirinha Grande, Claras, Vieirinhos, Carriço, Mattos de Carriço, Cabeço, Marinha, Cacharia ou Cacheiria, Valle Lesiri (?)[1], Antões d'Além, Antões da Capella, Estrada, Mouta do Boi, Castelhanas, Val da Cabra.

P...	C...........	1350 (V.ª 150)	
	A...........	1500	
	E. P.........	1049.............	4427
	E. C.........................		5174

Tem esta V.ª casa de misericordia, hospital, e um most.º de religiosas de Sta Clara com a inv. do Santissimo Sacramento, fundado em 1640, bem conhecido pela sua observancia.

[1] Não se encontra nos mappas.

Deu-lhe foral, el-rei D. Affonso Henriques[1]. É titulo de marquezado dado aos C. da Ericeira.

MATTA MOURISCA

(6)

Ant.ª F. de S. Mamede no L. de Matta Mourisca, cur.º da ap. da Universidade, no T. de Monte Mór o Velho.

Em 1840 pertencia esta F. ao conc.º do Louriçal, ext.º pelo decreto de 24 de outubro de 1855, pelo qual passou ao do Pombal.

Está sit.ª a egreja parochial em planicie 4ᵏ a O. da m. e. do rio Carnide. Dista do Pombal 14ᵏ para O. N. O.

Compr.ᵉ esta F. os log.ᵉˢ de Guia, Ilha, Outeiro Martinho, Mourisca de Baixo, Foz, Grou, Carriços, Biqueira, Aguas Bellas, Agua Formosa, Barrocos, Bésteiros, Bouças, Boieiro, Bracijal, Bréjinho, Cabeça Gorda, Castanheiro, Chã, Entre Aguas, Espinheiras, Escoira, Estacas, Mouta de Boi, Pedrogueira, Porto Lameiro, Ramos, Ratos, Seixo, Val das Moutas, Val d'Olheiro, Val da Sobreira, Val do Couteiro, Nasce Agua, Casal da Clara, Casal dos Estevaes, Cazalinho, Casal do Outeiro Agudo, Moinho da Matta do Boi.

Vem mencionada em Carv.º, uma ermida de Nossa Senhora da Guia, em torno da qual provavelmente se agrupou o moderno L. da Guia.

No *D. G. M.* vem mencionados todos os log.ᵉˢ da *E. P.* á excepção tambem do dito L. da Guia.

P...	C..........	60	
	A..........	477	
	E. P........	498...............	2165
	E. C...........................		2162

[1] Segundo o *D. G.* do sr. P. L. tem foral novo de D. Manuel, de 1514.

PELARIGA

(7)

F. de S. João Baptista, instituida em 1847 no L. de Pelariga; no conc.º do Pombal. Em 1862 era cur.º segundo a *E. P.*

Está sit.º o L. de *Pelariga* proximo á estr.ª real de Coimbra a Leiria, 1^k a E. do C. de ferro do N., 12^k ao S. da estação de Soure, 7^k ao N. da estação do Pombal. Dista do Pombal 7^k para o N.

Compr.^{e} mais esta F. os log.^{es} de Mattosos, Agua Travessa, Machada, Venda da Cruz, Folgado, Vérigo ou Vériga, Meires, Salgueiro, Tinto, Montes, Sacutos.

P...	C..........		
	A..........	723	
	E. P........	233..............	1087
	E. C.........................		1088

Pelariga era simples L. em 1708, segundo Carv.º, e n'elle se instituíu a F. por decreto de 10 de março de 1847, a instancias, segundo diz o *D. C.*, do barão de Venda da Cruz, João Pedro de Migueis Carv.º e Brito, que foi nosso ministro em Roma.

O dito barão era natural do mesmo L. de Venda da Cruz, que ainda em 1672 se chamava Venda do Diabo, como consta de uma escriptura que existe em poder de D. Josepha Peregrina Godinho, da V.ª do Pombal, que em 1866 possuia parte da q.^{ta} de Pellariga (assim está escripto o nome do L. e q.^{ta} no *D. C.*): a F. foi composta de casaes e log.^{es} pertencentes á F. de S. Martinho de Pombal, á de Nossa Senhora da Graça de Almagreira e á de Nossa Senhora da Conceição da Redinha.

POMBAL

(8)

Ant.ª V.ª do Pombal na ant.ª com. de Leiria, que per-

tencia ao grão mestrado da ordem de Christo, e era comm.ª da dita ordem (do C. de Castello Melhor).

Hoje é cab.ª do actual conc.º e da actual com. do Pombal.

Está sit.ª em ameno valle na falda de um monte que chamam das Maias, que lhe fica ao S. e de outro onde está o castello para a porte do oriente, na m. d. do rio Arunca, na estr.ª real de Coimbra a Leiria. Tem estr.as para Ancião e para Thomar, e estação do C. de ferro do N. Dista de Leiria 6l para N. N. E.

Teve esta V.ª em remotos tempos tres FF.: S.ta Maria do Castello, S. Pedro e S. Martinho, cada uma com dois beneficiados, mas todos residiam já em 1708 na de S. Martinho, com um só vig.º que era da ap. da meza da Consciencia.

Da egreja de S. Pedro, diz Carv.º, só existia a capella mór e sachristia, e a de S.ta Maria do Castello, que era templo perfeitissimo, e primores da arte as imagens de seus altares, e pia baptismal, parece estava tambem arruinada, por quanto o mesmo auctor affirma que S. Martinho era a commum parochia da V.ª

O *D. G. M.* menciona sómente a F. de S. Martinho que chama vig.ª do padr.º real.

Hoje continúa a ser unica parochia da V.ª a dita F. de S. Martinho, com o titulo de prior.º

Compr.e esta F., além da V.ª, os log.es de Charneca, Ranha ou Arranha, Mendes, Cunqueiros, Covões, Marinha ou Meirinha, Cova Grande, Carvoeiros, Crespos, Affonsos, Malhos, Pinheirinho dos Malhos, Mótes, Barroco, Cavadinha, Monte, Redondos, Pinheirinho dos Redondos, Carregueiro, Gamella, Estrada, Aldeia dos Anjos, Carrascos, Escoural, Gandra, Santorum, Souto, Moinho da Torre, Fernão João, Rôssa, Cotrofe, Casal Velho, Flandres, Travaço, Mancos, Carrinhos, Cruta, Casaes Novos, Valdeira, Carvalhas, Casalinho, Melga, Assa Massa, Ameixieira, Vicentes, Guistolla, Pedras, Cumieira, Outeiro de Gallegas, Val da Serra, Cazeirinhos, Barrocal, Casal Novo, Corãa, Covão da Silva, Caeira, Val de Cubas, Governos, Vinagres.

Vem mencionados em Carv.º os log.es de Ranha com uma ermida de Nossa Senhora da Conceição, Monte com uma dita de Nossa Senhora das Virtudes, Redondos com uma dita de S. Jorge, Aldeia dos Anjos com uma dita da inv. de Nossa Senhora dos Anjos, Santorum com uma dita de Nossa Senhora do Desterro, Flandres, Casaes com uma ermida de S.to Antonio, Guistolla com uma dita de Nossa Senhora da Matta, Cazeirinhos com uma dita de Nossa Senhora de Belem.

P...	C..........	300	
	A..........	1002	
	E. P........	116...............	4125
	E. C............................		4270

A egreja parochial de S. Martinho, é ant.ª e n'ella se fizeram as pazes entre el-rei D. Diniz e seu filho D. Affonso estando presente a rainha S.ta Isabel.

Tinha em 1708 dentro da V.ª as ermidas de S.to Antonio e S. Lourenço e fóra para o N. a de S.ta Luzia, para O. a de S. Thomé, e para o S. as de S. Sebastião e S.to Amaro.

Além d'estas ermidas menciona Carv.º a de Nossa Senhora de Jerusalem sit.ª em um rocio a que chamam o Cardal, por produzir muitos cardos, d'onde passou tambem o nome de Cardal para a ermida e para a mesma imagem da Senhora.

Junto ao mesmo rocio e mais chegado á V.ª para o S. estava um edificio velho com parecenças de torre, onde é tradição vivera uma D. Maria Fogaça, que mandou fazer a dita capella para ouvir missa, afastada um pouco para o N. da mesma casa ou torre em que vivia, como se prova pelas armas d'esta familia dos Fogaças que estão no fecho da abobada da referida capella.

Segue em Carv.º a descripção das festas a Nossa Senhora do Cardal com o milagre do bolo mettido no forno pelo homem que sae illeso, tudo com pequenas differenças do que vem descripto na V.ª de Abiul, como já dissemos.

Por occasião das festas se instituiu feira com grandes privilegios; porém esta parece ter acabado.

Defronte da mencionada capella, diz o *D. C.*, se erigiu depois, em 1687, um conv.º destinado aos conegos regulares de S. João Evangelista, dedicado á Santissima Virgem sob a inv. de Nossa Senhora do Cardal, com templo formosissimo. O conv.º foi regeitado pela congregação, não sabemos porque motivos, e para a egreja foi trasladada a imagem de Nossa Senhora do Cardal, da ant.ª capella de Nossa Senhora de Jerusalem, a qual arruinando-se de todo com o correr dos tempos, foi por fim demolida em 1855.

Sobre o portico do magestoso templo de Nossa Senhora do Cardal se lê uma inscripção por onde se mostra ter sido a obra executada pela casa dos C. de Castello Melhor.

Tem a egreja uma capella, que é hoje dos irmãos terceiros, onde estiveram desde 1782 até 1856 depositados os restos mortaes do M. de Pombal, depois trasladados para a egreja das Mercês em Lisboa.

Tem esta V.ª um castello, que dizem fundação de D. Gualdim Paes, e sobre a porta do mesmo castello as armas de Portugal em pedra com uma esphera por baixo.

Sobre o rio Arunca tem ponte de cantaria de 3 arcos abatidos e de 40 palmos de largura. Na mesma ponte, do lado do poente, está uma lapida com a seguinte inscripção:

«Esta ponte foi principiada em 1793 em que nasceu a serenissima senhora princeza D. Maria Teresa, e acabou-se n'este anno de 1795 em que nasceu o serenissimo senhor principe da Beira, D. Antonio.»

A estação do C. de ferro do N. chamada de Pombal fica proxima e a O. da V.ª; é a 6.ª a contar do *Entroncamento* e a 23.ª da linha de Lisboa ao Porto.

Recolhe muito trigo, cevada, milho, vinho, azeite, hortaliças, frutas e legumes: tambem é abundante de lenha, caça e gado.

É egualmente abundante d'aguas, que geralmente são boas, mas especialmente as de duas fontes, pouco afastadas da V.ª que até são medicinaes contra a dor de pedra.

Tem um bem provido mercado em todos os domingos e dias santos.

Segundo a *Geographia Commercial e Industrial* do sr. João Felix, ha n'este conc.º 68 caldeiras ou alambiques de distillação, 10 colmeias, 8 fornos de cal, 21 de telha, e tijollo, 27 lagares de azeite, 41 de vinho, 231 moinhos, 5 písões de lã, 67 teares de linho.

Tem estação telegraphica.

Tem este concelho:

Superficie, em hectares	64642
População, habitantes	26910
Freguezias, segundo a *E. C.*	11
Predios, inscriptos na matriz	71196

Deu foral a esta V.ª D. Gualdim Paes, e o reformou depois el-rei D. Manuel.

Pela extincção dos Templarios foi dada á ordem de Christo, sendo comm.ª da mesma ordem, de que era commendador, e alcaide mór do seu castello, o C. de Castello Melhor.

Dizem alguns auctores que a primitiva povoação era na ladeira do monte que está junto á entrada da V.ª, vindo de Coimbra, outros a situam na encosta do monte de S. Christovão para a parte do oriente.

Foi reduzida a cinzas pelo exercito francez quando retirou das linhas de Torres Vedras em 1811 acoçado pelo exercito anglo-luso do commando de lord Welington.

Segundo o livro dos brazões da Torre do Tombo tem por brazão d'armas uma torre de prata, ameiada e com porta, e sobre as extremidades das ameias dois pombos, tambem de prata, um de cada lado, tudo em campo de purpura.

Morreu n'esta V.ª em 8 de maio de 1782 (nas casas que foram dos M. de Castello Melhor e hoje são de Abilio de Macedo Lopes do Valle, situadas na praça junto á egreja parochial de S. Martinho) o celebre M. de Pombal, Sebastião José de Carvalho e Mello, primeiro ministro d'el-rei D. José, cujos restos mortaes foram como dissemos depositados na capella da egreja de Nossa Senhora do Cardal, até serem transferidos por seus descendentes para a egreja das Mercês na Rua Formosa, que pertence a esta familia.

A V.ª de Pombal é patria de Jorge Botelho, valente ca-

pitão, illustre em façanhas na Asia, no reinado d'el-rei D. Manuel.

Está sepultado na capella de Nossa Senhora da Piedade da egreja parochial de S. Martinho, a qual capella fundou como se lê n'uma inscripção do lado da Epistola.

Tambem foi natural d'esta V.ª, de que foi governador, o tenente coronel de milicias de Soure, Francisco Peregrino de Menezes, que prestou relevantes serviços na guerra Peninsular, como consta de um honroso documento que existe em poder de sua filha a ex.ᵐᵃ sr.ª D. Josefina Godinho, residente na mesma V.ª

Aqui nasceu tambem o barão da Venda da Cruz, em que já fallámos, bacharel formado, nosso ministro na côrte de Roma.

Nas casas que hoje são do V. de Almeidinha, na rua da Corredoura, existe no lado interior do peitoril de uma janella a legenda seguinte:

«N'estas casas morreu o insigne poeta de Viseu, Sebastião de Almeida Amaral, na era de 1653 de edade de 63 annos.»

Omittimos os nomes de outros muitos homens illustres que d'esta V.ª e seu T. foram naturaes, por não caber nos limites d'este trabalho mencionar todos, e os acima apontados devem geralmente a preferencia a existir d'elles memoria em lapidas e inscripções de que temos em regra fallar.

REDINHA

(9)

Ant.ª V.ª da Redinha na ant.ª com. de Leiria que era do mestrado da ordem de Christo e comm.ª da d.ª ordem da casa dos C. de Castello Melhor.

Está sit.ª sobre o rio Anços proximo á estr.ª real de Coimbra a Leiria, 8ᵏ a S. E. da estação de Soure, e 13ᵏ a N. N. E. da estação de Pombal (C. de ferro do N.) Dista de Pombal 13ᵏ para N. N. E.

Tem uma só F. da inv. de Nossa Senhora da Conceição, vig.ª que era da ordem de Christo.

Compr.^{e} esta F., além da V.ª (que o *D. C.* chama V.ª ext.ª) os log.^{es} de Ereiras, Pouzadas Vedras, Ingardo ou Jagardo, Senhora de Guadelupe, Outeirinho, Rangel, Estrada, Arrancada, Anços, Outeiro d'Anços, Caruncho, Poios, Alvito, Agudos, Arrothéa, Barreiras, Penolia ou Pelonia, Figueirinha, Marco, Carramanha, Covas, Martingança, Outeiro da Martingança, Galiana, Montaes, Bernardos, Boa Vista, Charneca: as q.^{tas} de Orão, Almugadel; e as H. I. de Moinho Novo, Gravio.

Vem mencionado em Carv.º o L. dos Poios de 40 fogos, proximo á serra do Poio, «no alto da qual, diz o mesmo auctor, está uma ermida de Nossa Senhora da Estrella, feita em uma lapa, sitio altissimo e despenhado, onde nunca se póde fundar egreja e só ha casa para os irmãos e romeiros que ali concorrem em grande numero: com ser logar secco e falto de agua, nasce detraz do altar e na pedra que lhe serve de tecto abundancia de agua que chega para todo o concurso do povo, e até a levam para remedio em suas enfermidades. Tambem junto á mesma serra ha um lago que nunca sécca e onde vão lavar roupa as mulheres do L. dos Poios.»

P.	C.	500	
	A.	432	
	E. P.	503	1965
	E. C.		2037

A egreja parochial no tempo de Carv.º era fóra da V.ª na estr.ª para Soure.

Além d'esta ha uma egreja de S. Francisco, fundada pelos irmãos terceiros da mesma ordem em 1682.

Tem casa de misericordia, e na Ribeira uma ermida de S. João Baptista, ao qual festejam os habitantes annualmente com grande pompa.

Tambem ha outra ermida da inv. de Sant'Anna, e n'esta festeja a camara; defronte está um cruzeiro e mais adiante uma vistosa ponte sobre o rio.

É abundante de todos os frutos e de alguns fazem duas colheitas no anno.

Carv.º seguindo Fr. Bernardo de Brito diz que esta povoação foi em tempos mui remotos cidade e estava sit.ª na varzea, como quem vae para Condeixa a Nova ao sair da ponte, *como ainda se vêem vestigios;* que a este sitio chamavam os lavradores *Roda*, depois *Rodinha* que se corrompeu em Redinha.

Deu-lhe foral D. Gualdim Paes.

Tem um morgado da illustre familia Pereira Forjaz (C. da Feira) cuja ascendencia vae entroncar na casa de Bragança. (*Chorographia* de Carv.º, vol. II, pag. 114 a 116)

VERMOIL

(10)

(BISPADO DE LEIRIA)

Ant.ª F. de Nossa Senhora da Conceição de Vermoil, cur.º da ap. do B. de Leiria, no T. da dita cid.ᵉ

Está sit.º o L. de *Vermoil* proximo á m. e. do Arunca, 1ᵏ ao S. da estação do C. de ferro do N. chamada de Vermoil (que é a 5.ª a contar do Entroncamento, e 22.ª da linha de Lisboa ao Porto). Dista do Pombal duas leguas para S. S. O.

Compr.ᵉ mais esta F. os log.ᵉˢ de Casal do Pernas, Olival, Soalheiras, Possijal, Calvaria, Lameira, Lapa, Porto Velho, Oliveirinhas, Cana, Vieira, Ponte Nova, Cadavaes, Roçadas, Palhaça, Abrolho, Tojal, Casal do Lucas, Casal de Ulmeiro, Penedos, Quinta dos Claros, Leo, Arneiro, Gafaria, Moinho d'Entrevinhas, Tiroeira, Feijoal, Pedrocos, Val do Fojo, Relvas, Outeiro da Matta, Moinho da Matta, Chieira, Chã, Achada, Lagôa, Sobral, Matta, Casal Gallego, Meirinhos, Pallão, Venda Nova, Outeiro da Vinha, Fonte, Ranha ou Arranha, de S. João, Outeiro da Ranha, Peste, Mattos, Alto dos Mendes, Mendes, Val das Moutas, Vessaria, Carnide de Baixo, Féteira, Farpado, Martim, Godim, Palha

Carga, Abouxada, Val da Cabra, Maxugueira, Casas Novas, Carnide do Meio, Carnide de Cima, Cabeça Gorda, Val do Freixo, Cavada, Val do Salgueiro, Picotos, Outeirada, Val do Ceisseiro, Val da Cruz.

Vem mencionados em Carv.º os log.^{es} de Abrolho com uma ermida de Sta Maria Madaglena, Claros com uma dita de Jesus Maria José, Arranha com uma dita de S. João, Carnide (mas não diz qual dos tres) com uma dita de S.^{to} Elias.

P...	C...........	372	
	A...........	535	
	E. P.........	522..............	1884
	E. C...........................		2261

VILLA CÃA

(11)

Ant.ª F. de S. Bartholomeu de V.ª Cão, segundo Carv.º, V.ª Can no *D. G. M.*, V.ª Cãa na *E. P.* e *D. C.* do sr. Bett., V.ª Cã no *D. C.*, e no mappa topographico, vig.ª da ordem de Christo, da ap. da Mesa da Consciencia e comm.ª da mesma ordem, no T. da V.ª do Pombal.

Está sit.º o L. de *Villa Cãa* entre duas pequenas ribeiras que formam a ribeira Valmar, 3^k a O. S. O, da V.ª de Abiul e da estr.ª de Pombal para Thomar, duas leguas a E. da estação de Vermoil, 9^k a N. N. E. da estação de Albergaria (C. de ferro do N.). Dista do Pombal duas leguas para S. E.

Compr.º mais esta F. os log.^{es} de Tourilhe ou Touril, Garriapa, Castello, Carvalhal, Cham de Ulmeiro, Aroeiras, Alcaria, Valle, Outeiro da Gallega, Lameiros, Casaes, Traz os Mattos, Baltaria, Gonçalvinho, Vicentes, Outeiro, Viuveiro, Fontainha, Val da Vinha, Pipa, Souto, V.ª Pouca; os casaes de Cardeaes, Tójeira, Mont'agudo, Matta, Casal Novo, Serodia, Fonte Nova.

Vem mencionados em Carv.º os log.^{es} de Garriapa com uma ermida de S. João Baptista, Cham d'Urmeiro com uma

dita de Nossa Senhora da Conceição, Valle com uma dita de Nossa Senhora do Amparo, Traz os Mattos com uma dita de Nossa Senhora do Soccorro.

P...	C..........		
	A..........	270	
	E. P........	291................	1307
	E. C...........................		1450

CONCELHO DE PORTO DE MOZ
(1)

BISPADO DE LEIRIA

COMARCA DE PORTO DE MOZ

ALCARIA
(1)

Ant.ª F. de Nossa Senhora dos Prazeres no L. de Alcaria, cur.º annual da ap. *in solidum* do prior da collegiada de S. João de Porto de Moz, no T. da dita V.ª

Esta F. foi instituida posteriormente ao anno de 1708, porém antes de 1758, por quanto em Carv.º vem mencionado Alcaria como simples L. do T. de Porto de Moz, o qual L. tinha n'esse tempo uma ermida da inv. de Nossa Senhora dos Prazeres.

Está sit.º o L. de *Alcaria* em valle proximo á serra de Patello (ramificação da grande serrania de Minde). Dista de Porto de Moz uma legua para S. E.

Comprehende mais esta F. os log.es de Zambujal e Castanhal.

P...	C..........		
	A..........	86	
	E. P........	100.................	412
	E. C...........................		404

Recolhe trigo, cevada, azeite e pouco milho.

ALQUEIDÃO DA SERRA

(2)

Ant.ª F. de S. José, no L. de Alqueidão da Serra, cur.º annual da ap. do B. de Leiria, no T. da dita cid.ᵉ

Está sit.º o L. de *Alqueidão da Serra* na aba da serra do Alqueidão.

Dista de Porto de Moz uma legua para E. N. E.

Compr.ᵉ mais esta F. o L. de Carreirancha; os casaes de Valles, Covas Altas, Bouceiros, Demó ou Adimó, Vallongo, do Duro, os chamados especialmente os Casaes; e as H. I. de Covão da Oles, Lagôa Ruiva, Curral das Vaccas, Zam bujal.

P.	C.	140	
	A.	205	
	E. P.	214	857
	E. C.		842

Recolhe trigo e milho.

ALVADOS

(3)

Ant.ª F. de Nossa Senhora da Consolação, no L. de Albardos, segundo Carv.º e *D. G. M.*, Alvados na *E. P.* e *D. C.*, cur.º da ap. do cabido da collegiada de Ourem, no T. da V.ª de Porto de Moz.

Está sit.º o L. de *Alvados* ou *Albardos* na raiz da serra do mesmo nome. Dista de Porto de Moz duas leguas para S. E.

Compr.ᵉ mais esta F. os log.ᵉˢ de Barrenta, Chainça, Covões Largos, Covão da Nogueira, Casaes das Correias, Covão do Sabugueiro, Moliana, Cabeço das Pombas, Fontinha, Pia Carneira, Telhados Grandes, Covão da Fonte, Covão do Frade, Barreira da Junqueira, Penedos Bellos, Mouta do Açor, Casal Velho, Espinheiro, Val Florido, Paian, Pia do Lopo.

Vem mencionado em Carv.º o L. de Covão da Nogueira.

P...	C...........	242	
	A...........	275	
	E. P.........	280..............	1460
	E. C..........................		1154

ARRIMAL

(4)

Ant.ª F. de S.^{to} Antonio do Arrimal, cur.º annual da ap. da collegiada de Porto de Moz, no T. da dita V.ª

Está sit.º o L. de *Arrimal* em campina, entre as serras de Figueira ou dos Candieiros e de Pias, na estr.ª de Porto de Moz para Rio Maior. Dista de Porto de Moz 18^{k} para S. S. O.

Compr.^{e} mais esta F. os log.^{es} de Serventia, Arrabal ou Arrabalde, Alqueidão, Val de Espinho; e os casaes de Val de Ventos, Portella do Pereiro.

Vem mencionado em Carv.º o L. de Alqueidão com uma ermida da inv. do Bom Jesus.

No *D. G. M.* vem mencionados todos os 5 log.^{es}

P...	C...........	106	
	A...........	149	
	E. P.........	158...............	589
	E. C..........................		611

Segundo o *D. G.* do sr. P. L. é terra fertil e de muita caça, nas serras proximas; a agua é de poços, mas tem um de boa agua proximo de uma lagôa.

JUNCAL

(5)

Ant.ª F. de S. Miguel do Juncal, cur.º amovivel da ap. dos freguezes, no T. da V.ª de Porto de Moz.

Está sit.º o L. do *Juncal* 2^{k} a O. da estr.ª real de Leiria ás Caldas.

Dista de Porto de Moz duas leguas para O.

Compr.^{e} mais esta F. os log.^{es} de Cumeira de Cima, Val d'Agua, Chão Pardo, Garridos, Andainho, Picamilho, Andam, Boieira, Casal do Boieiro, Costa Barrenta, Casal do Alho; os casaes de Matta da Loba, Seixeira, Bouça, Sorna, Casal Novo, Albergaria, Val da Moita; e a q.^{ta} ou H. I. de Ricos Valles.

Vem mencionados em Carv.^{o} os log.^{es} de Choupado com uma ermida de Nossa Senhora da Piedade, Andão com uma dita de S.^{to} Antonio, Pica-milho com uma dita de S. Sebastião, Boeira com uma dita de S. Bento.

P...	C...........	240	
	A...........	391	
	E. P.........	399..............	1272
	E. C...........................		1635

MENDIGA

(6)

Ant.^{a} F. de S. Julião da Mendiga, cur.^{o} da ap. da collegiada de S. João de Porto de Moz, no T. da dita V.^{a}

Está sit.^{o} o L. da *Mendiga* na aba da serra da Mendiga, na estr.^{a} de Porto de Moz para Torres Novas. Dista de Porto de Moz 11^{k} para S. S. O.

Compr.^{e} mais esta F. os log.^{es} de Marinha, Bemposta, Cabeça Veada.

P...	C...........	76	
	A...........	121	
	E. P.........	115..............	461
	E. C...........................		481

MINDE

(7)

Ant.^{a} F. de Nossa Senhora d'Assumpção, no L. de Minde, cur.^{o} da ap. alt.^{a} dos parochos das FF. de S. João e Sta Maria de Porto de Moz, segundo o *D. G. M.*, no T. da dita V.^{a}

Está sit.º o L. de *Minde* quasi ao centro da grande serrania de Minde. Tem estr.ª para Torres Novas. Dista de Porto de Moz 4^{l} para S. E.

Compr.e mais esta F. os log.es de Serra de S.to Antonio, Covão de Coelho, Valle Alto.

Vem mencionados em Carv.º os log.es de Casaes da Serra com uma ermida de S.to Antonio, Covão do Coelho com uma dita de Nossa Senhora da Conceição.

P...	C.	520	
	A.	458	
	E. P.	473	1693
	E. C.		1695

N'esta F. fabricam mantas e pannos ordinarios de lã, que os seus moradores vão vender por todo o reino.

MIRA

(8)

Ant.ª F. de Nossa Senhora do Amparo, no L. de Mira, cur.º amovivel da ap. dos beneficiados da collegiada de S.ta Maria de Porto de Moz, no T. da dita V.ª

Esta F. foi instituida posteriormente ao anno 1708, por quanto Carv.º menciona Mira como simples L. da F. de Minde com uma ermida de Nossa Senhora do Amparo.

Está sit.º o L. de *Mira* na aba da serra d'Azambuja (ramificação da serra d'Aire), 1^{k} a N. E. da estr.ª de Porto de Moz a Torres Novas. Dista de Porto de Moz 3^{l} para S. E.

Compr.e mais esta F. o L. de Covão da Carvalha.

Vem mencionado em Carv.º com uma ermida de S. Silvestre.

P...	C.		
	A.	152	
	E. P.	155	673
	E. C.		675

PORTO DE MOZ

(9)

Ant.ª V.ª de Porto de Moz na ant.ª com. de Ourem. Don.º a casa de Bragança.

Hoje é cab.ª do actual conc.º e da actual com. de Porto de Moz.

Está sit.ª em um recosto na aba da serra do Alqueidão, na m. e. do rio Lena. Tem estr.^{as} para a Batalha, para Rio Maior e para Torres Novas. Dista de Leiria 18^{k} para o S.

Tinha esta V.ª antigamente 3 FF. que eram:

S. João Baptista, collegiada, prior.º da ap. da casa de Bragança, segundo Carv.º, do padr.º real no *D. G. M.*

S. Pedro, collegiada, prior.º da ap. da casa de Bragança, segundo Carv.º e *D. G. M.*, do padr.º real, segundo a *E. P.*

Sta Maria ou Nossa Senhora dos Murtinhos, collegiada, vig.ª da ap. do B. e comm.ª da ordem de Christo, segundo Carv.º; porém o *D. G. M.* não diz ser collegiada nem comm.ª

Esta 3.ª F. foi annexada á de S. João Baptista (e já vem assim mencionada no *M. E.* de 1840), por isso ha hoje sómente duas.

S. João Baptista e Sta Maria, prior.º

Compr.^{e} esta F., além da parte respectiva da V.ª, os log.^{es} de Eiras d'Alagôa, Pragosa, Rio Alcaide, Assenteas, Casaes do Livramento, Ribeira, Portella, Corredoura, Pé da Serra, Pedreiras, Féteira, Chã da Feira, Casaes d'Além, Calvaria, S. Jorge, Carqueijães; Tojal de Baixo, Ribeira de Baixo, Fonte de Olleiro, Mendigos, Quinta de S. Paio.

Vem mencionados em Carv.º os log.^{es} de Ribeira com uma ermida de Nossa Senhora do Desterro, Corredoura com uma dita de Nossa Senhora dos Prazeres, Pedreiras com uma dita de S. Sebastião, Calvaria com uma dita de Sta Martha, Tojal de Baixo com uma dita de S.^{to} Antonio, Fonte de Olleiro com uma dita de S.^{to} Estevão.

P...	C..........	390 S. João..........	1250
		120 Sta Maria.......	370
	A.........	328 (S. João e Sta Maria)	
	E. P......	356 (idem)..........	1195
	E. C. (as duas actuaes FF.)		3297

S. Pedro, prior.^{o}

Compr.^{e} esta F., além da parte respectiva da V.^{a}, os povos ou grandes log.^{es} de Feteira, Pé da Serra, Casaes de Baixo, Corredoura, Carrascal, Ribeira de Cima, Portella, Manhosa, Desterro, Figueiredo, Pragaes, Cubo, Charambeis.

NB. Parte dos fogos dos povos nomeados (a menor) pertence á F. de S. João.

E os log.^{es} menores de Azenhas, Pisão, Val Bom, Anaia, Fonte de Marcos, Carrasqueira, Fonte do Olleiro, Ribeira de Baixo, Barros, Castanheiro, Quinta de André Macho, Tojal de Baixo, Tojal de Cima, Carqueijal, Casal do Olleiro, S. Jorge, Casaes dos Mattos, Carvalhos, Barreiro, Outeiro, Azoio, Casal de Ignez, Casal da Luiza, Casal da Fonte, Cabeço, Marco Grande, Martyrios, Val de Piscos, Fragulhão, Casal da Nogueira.

Vem mencionado em Carv.^{o} o L. da Carrasqueira com uma ermida de S.^{to} Amaro.

P...	C..........	380	
	A..........	410	
	E. P.......	422................	1295
	E. C...........................		

Tem casa de misericordia e hospital.

J. B. de Castro e o *D. C.* fazem menção de um conv.^{o} de Agostinhos descalços, com a inv. do Bom Jesus, fundado em 1676; porém Carv.^{o} não falla d'este conv.^{o}

Tem um castello arruinado que se julga fundação dos mouros.

«As ruas são estreitas e tortuosas; ha poucos annos ainda apresentavam ao visitante muitas ruinas de egrejas e de outros edificios.

«Tambem se ostentam ainda fóra da povoação as ruinas do ant.^{o} solar de D. Fuas Roupinho.» (*D. C.*)

É abundante de todos os frutos assim como de gado e caça. Tem duas fontes de boas aguas.

Segundo a *Geographia Commercial e Industrial* do sr. João Felix, ha n'este conc.º 4 fabricas de cortumes, uma de louça branca ordinaria, uma de papel, 18 fornos de telha e tijollo, 65 lagares de azeite, 89 de vinho, 94 moinhos, 7 ollarias, 302 teares de lã, 107 de linho.

Tem este concelho:

Superficie, em hectares	30277
População, habitantes	11578
Freguezias, segundo a *E. C.*	11
Predios, inscriptos na matriz	34151

Tem 3 feiras annuaes, pelo Espirito Santo (3 dias), a 7 de agosto e a 13 de dezembro.

As primeiras noticias historicas que temos d'esta V.ª é a tomada do seu castello por D. Affonso Henriques em 1148.

Foi capitão da V.ª, segundo diz Carv.º, e alcaide do seu castello o grande D. Fuas Roupinho, 1.º almirante do reino, que pelos annos de 1182 venceu um regulo arabe e o levou a Coimbra onde residia D. Affonso Henriques.

Porto de Moz arruinada pelas continuas guerras foi reedificada por D. Sancho I, em 1200.

Ha n'esta V.ª um morgado instituido por Gregorio Malho de Bivar, descendente de Cid Rodrigues de Bivar, com obrigação dos administradores do vinculo se appellidarem Malhos de Bivar. Em 1708, ainda havia representante d'esta familia.

«Conta-se que em tempos ant.os houve aqui um juiz de fóra com muita presumpção de fidalguia: certo requerente fez-lhe uma petição em que o tratava por vossa mercê, tratamento usado n'aquelle tempo; e o tal juiz não despachou a petição, porque queria o tratamento de senhoria. Então o requerente escreveu na petição uma nota que dizia:

Se a Deus se trata por tu
E ao nosso rei por vós,
Como quereis que vos tratem
Juiz de Porto de Moz?»

(*D. C.*)

Tem por brazão d'armas segundo o livro dos brazões da Torre do Tombo, um castello de prata, com 3 torres, sendo a do meio mais alta e sobresaindo arbustos verdes do cimo das lateraes; em baixo duas mós de prata, uma de cada lado do castello, e sobre as mós um pica-peixe tambem de prata, tendo um pé firmado na mó e outro levantado e pousado no castello; nos angulos superiores do escudo de cada lado uma estrella de ouro, e na parte inferior, por baixo do castello, 3 flores azues: tudo em campo de purpura.

SERRO VENTOSO

(10)

Ant.ª F. de S. Sebastião de Serro Ventoso, cur.º da ap. da collegiada de Ourem, no T. da V.ª de Porto de Moz.

Está sit.º o L. de *Serro Ventoso* entre as serras de Carvalho e dos Penedos Negros (ramificações da grande serrania de Minde) em alta portella mui ventosa. Dista de Porto de Moz 7ᵏ para S. S. O.

Compr.ᵉ mais esta F. os log.ᵉˢ de Bezerra, Casaes, Morinha, Sobreira, Casal Velho, Poio, Matto Velho, Codeçal, Covas, Azelha, Fradilhão ou Fardelhão, Chão das Pias, Pragaes, Ferraria, Silverio ou Silveiro (parece ser o de S. Silvestre no mappa topographico).

P...	C.	126	
	A.	189	
	E. P.	194	848
	E. C.		784

DISTRICTO ADMINISTRATIVO

DE

SANTAREM

(L)

CONCELHO DE ABRANTES

(a)

BISPADO DE CASTELLO BRANCO

COMARCA DE ABRANTES

ABOBOREIRA

(1)

Ant.ª F. de S. Pedro, segundo Carv.º, S. Silvestre, segundo o *D. G. M.* e *E. P.*, de Aboreira, cur.º annual da ap. do vig.º de S. Vicente de Abrantes, no T. da dita V.ª

Está sit.º o L. de *Aboboreira* n'um alto da serra da Aboboreira sobre uma ribeira affl.ᵉ da m. d. do Tejo. Dista de Abrantes 5[1] para N. E.

Compr.ᵉ mais esta F. os log.es de Chão de Codes, Serra do Outeiro, Louriceira, Casalinho.

P...	C..........	112	
	A..........	174	
	E. P........	164.................	680
	E. C..............................		668

Recolhe centeio, feijão branco e castanhas.

ABRANTES

(2)

Ant.ª V.ª de Abrantes na ant.ª com. de Thomar, de que era don.º o M. de Abrantes.

Hoje é cab.ª do actual conc.º e da actual com. de Abrantes.

Está sit.ª na m. d. do Tejo em logar elevado, estendendo-se pelo dorso do monte para a parte de O.; e pela parte do S., a 1ᵏ de distancia, corre o Tejo, em nivel inferior ao da V.ª 213ᵐ. Tem estr.ᵃˢ reaes para Santarem e Lisboa e para Castello Branco, e estr.ᵃˢ para o Sardoal, para Mação e V.ª Velha, para Ponte de Sôr, Galveias, Chancellaria, Crato e Portalegre. Dista de Santarem 12ˡ para E. N. E.

Tinha antigamente 4 FF. que eram:

S. Vicente, collegiada, vig.ª do padr.º real segundo Carv.º e *D. C.*, da ap. do M. de Abrantes segundo o *D. G. M.* Foi da ordem de Christo e depois do M. de Abrantes, diz a *E. P.*

S. João Baptista, collegiada, vig.ª do padr.º real segundo Carv.º e o *D. C.*: o *D. G. M.* diz que tendo sido primeiro do padr.º real passou depois a ser da ap. do ordin.º; e a *E. P.* que tendo sido primeiro da ap. do M. de Abrantes passou depois a ser do ordin.º

S.ᵗᵃ Maria do Castello, collegiada, prior.º do padr.º real segundo Carv.º e *D. C.*, da ap. do M. de Abrantes segundo o *D. G. M.*

S. Pedro, prior.º do padr.º real segundo Carv.º e o *D. C.*, da ap. do M. de Abrantes segundo o *D. G. M.*

D'estas 4 FF. a de S.ᵗᵃ Maria, que só tinha 3 fogos, foi annexada em 1834 á de S. Vicente; e a de S. Pedro que tinha 6 fogos, annexada á de S. João Baptista.

Tem hoje por tanto só duas FF. que são as seguintes:

S. João Baptista, vig.ª, antigamente matriz, á qual está annexa a de S. Pedro o velho, segundo a *E. P.*

Compr.ᵉ esta F., além da maior parte da V.ª, os log.ᵉˢ de Nateiros da Foz, Lopo, Cousa Bella, Barreiras do Tejo e Fabrica da Sola.

P... C........... 500 S. João
6 S. Pedro
A........... 300
E. P......... 410............... 1197
E. C (as duas FF. actuaes)....... 4863

S. Vicente, hoje matriz da V.ª, vig.ª á qual está annexa a F. de S.ta Maria do Castello, segundo a *E. P.*

Compr.º, além de uma pequena parte da V.ª, os log.es de Fonte do Aipo, Val do Rabão, Moinho dos Cubos, Casal, Abrançalha de Baixo, Abrançalha de Cima, Senhora da Luz, Val de Cerejeira, Val de Fontes, Outeiro da Senhora da Luz, Val de S.ta Catharina, S. Lourenço, Samarra, Chainça, Esperança, Quinta da Minhoca. Quinta da Areia, Val de Rans, Quinta dos Telheiros, Gumeme, Fonte de S. José, Quinta de S. José, Mesas, Aldeia Rosa, Hortas, Bréjo, Ramalhões, Quinta Velha, Tainho, Concavada, Alferradede de Baixo, Alferradede de Cima, Barca do Pégo, Magdalena, Chão de Vide, Bom Successo, Themudas, Olho de Boi, Entre as Ribeiras, Casaes, com uma ermida, Paul; os casaes de Revelhos, das Sentieiras, da Amarella, Branco, do Gaio, das Necessidades, do Val da Vinha, de Alvaro Gil, de Azenha Nova, de S. Miguel, da Quebrada, da Cordeira, e a q.ta das Sentieiras.

Vem mencionadas em Carv.º as ermidas de Nossa Senhora das Necessidades e Nossa Senhora do Bom Successo, onde é provavel se fizessem mais tarde os casaes dos mesmos nomes; e tambem menciona uma ermida de S. João dos Bem Casados em Alferradede, que não sabemos se era Alfarradede de Baixo ou Alfarradede de Cima.

P... C........... 600 S. Vicente
3 S.ta Maria
A........... 858
E. P......... 867............... 2500
E. C...........................

A egreja de S. Vicente, diz o *D. C.*, é o principal templo da V.ª, tanto pela sua antiguidade como pela grandeza e magnificencia da sua fabrica; a sua primeira fundação é

muito anterior á monarchia, tinha por orago Nossa Senhora da Conceição quando o primeiro alcaide mór do castello de Abrantes trouxe de Lisboa uma reliquia de S. Vicente, mudando então de orago.

«No reinado de D. Sebastião começou a reedificação total da egreja, que se concluio em 1590, conservando para memoria do seu primitivo orago uma capella de Nossa Senhora da Conceição.»

«A egreja da F. annexa de S.ta Maria do Castello é pequena mas de muita antiguidade e duvidosa origem; tambem teve diversas reedificações e encerra muitos primores de arte e memorias historicas nos tumulos da familia dos M. de Abrantes, que ahi tinham seu jazigo.»

Tem casa de misericordia e hospital.

Em 1708 tinha as ermidas de S.ta Iria, Sant'Anna, S.to Amaro, S. Sebastião, Nossa Senhora do Soccorro, Nossa Senhora d'Ajuda.

Antes da extincção das ordens religiosas em Portugal tinha os seguintes conventos:

Nossa Senhora da Consolação, da ordem de S. Domingos, fundado por D. Lopo de Almeida, primeiro conde de Abrantes em 1472, segundo Carv.º, em 1509 segundo J. B. de Castro, porque data a fundação da transferencia que fez a communidade para outro edificio dentro da V.ª por ordem d'el-rei D. Manuel, por ser o antigo local pouco sadio.

S.to Antonio de Capuchos, da provincia da Soledade, fundado em 1526 pelo mesmo D. Lopo de Almeida.

Tem dois mosteiros de religiosas:

Nossa Senhora da Graça, da ordem dominicana, fundado em 1541, segundo J. B. de Castro, que foi chamado em principio de S.ta Maria das Donnas, conforme nos diz o *D. G.* do sr. P. L.

Nossa Senhora da Esperança, da ordem de S. Francisco, fundado em 1548, de que era padroeiro em 1708 Julião de Campos Barreto.

Tem Abrantes castello antigo que dizem ser fundação dos

D. João II e a princesa D. Isabel sua nora, tambem ali habitaram algum tempo, assim como el-rei D. Manuel e sua segunda mulher a rainha D. Maria.

D. Affonso V a erigiu em condado.

Filippe IV de Castella a fez titulo de ducado que deu a Affonso de Alencastre; porém este titulo nunca foi confirmado pelos reis legitimos de Portugal.

Em 1718 D. João V a elevou a marquezado em favor de Rodrigo Annes de Sá e Almeida, 3.º M. de Fontes e 6.º C. de Penaguião.

Napoleão I no seu ephemero dominio sobre Portugal, deu a Junot o titulo de D. de Abrantes.

Derivam alguns o nome d'esta V.ª de *Aurantes* como já dissemos; outros dizem que havendo uma acalorada questão em côrtes sobre a precedencia da palavra entre os procuradores ou deputados d'esta V.ª e os de Torres Novas, o soberano decidira a favor dos primeiros dizendo-lhes *Hablad antes;* o que de algum modo se confirma, segundo parece inclinado a crer o auctor do *D. C.*, pelo nome de *Abladantes* que dá a esta V.ª a *Historia dos Godos.*

Esta opinião contradiz porém o sr. P. L. com razões mui plausiveis.

Quanto a nós tambem temos a fazer o reparo de que antes da pretendida questão de precedencia já a V.ª devia ter um nome, visto que mandava ás côrtes os seus procuradores.

O brasão d'armas d'esta V.ª é uma estrella de prata ao centro do escudo, quatro flores de liz formando cruz com a estrella, e quatro corvos nos quatro angulos do escudo, tudo em campo azul.

As flores de liz, dizem ser brazão proprio do seu 1.º alcaide mór, os corvos allusão á reliquia de S. Vicente que existe na egreja principal, e a estrella querem uns seja em memoria do primitivo orago da dita egreja Nossa Senhora da Conceição, e outros que signifique a posse que os mouros por muito tempo tiveram do seu castello.

Terminaremos a descripção d'esta V.ª com o pequeno

troncamento: fica sit.ª ao S. do Tejo, 1ᵏ a O. do Rocio de Abrantes.

Tem este concelho:

Superficie, em hectares....................	77033
População, habitantes......................	22681
Freguezias, segundo a *E. C.*.................	16
Predios, inscriptos na matriz...............	22304

Dizem ter sido a primitiva povoação d'este local cid.ᵉ em tempo dos romanos com o nome de *Tubuci* ou *Tibuci Aurantes*, pelo muito ouro que o Tejo arrastava em suas areias, opinião em que se conformam Carv.º e J. B. de Castro seguindo outros auctores mais ant.ºˢ e especialmente Rezende.

Alguns querem fosse fundação dos gallo-celtas, 308 annos antes da era vulgar.

Floresceu opulenta sob o dominio de Augusto Cesar.

Submettida com o resto do paiz ao jugo arabe, foi restaurada em 8 de dezembro de 1148 por el-rei D. Affonso Henriques, que lhe deu foral em 1179, pela victoria que seus moradores alcançaram sobre Aben Jacob, filho do miramolim (Emir-Almumenin) de Marrocos, que tinha cercado o seu castello, fundação do consul romano Decio Junio Bruto, do anno 130 antes da era vulgar, que foi reparado e novamente fortificado pelo mesmo rei em 1179, em consequencia de ter ficado arruinado pelo dito cerco dos mouros: o que tudo se lê em uma lapida que está collocada debaixo da abobada da primeira porta do mesmo castello.

Seus muros foram ainda reparados por D. Affonso III, e continuada a reconstrucção por el-rei D. Diniz que deu este castello á rainha S.ᵗᵃ Isabel como parte do seu dote[1].

A sua fortificação teve tambem modificação, segundo os progressos que havia feito esta arte, no anno de 1809, e egualmente se fortificou a V.ª como dissemos.

Residiram por diversas vezes em Abrantes el-rei D. Pedro I, e o infante D. Pedro filho de D. João I.

[1] O mesmo rei D. Diniz lhe deu novo foral em 1279, que depois reformou el-rei D. Manuel em 1510 segundo o *D. G.* do sr. P. L.

ALVÉGA

(4)

Ant.ª F. de S. Pedro, segundo Carv.º, *D. G. M.* e *D. C.*, S.^{to} Antonio segundo a *E. P.*, de Alvéga, cur.º Annexo á vig.ª de S. Pedro de Abrantes e da ap. do vig.º, no T. da dita V.ª Hoje é F. independente.

Está sit.º o L. de *Santo Antonio de Alvéga* em campina $^1/_2{}^k$ ao S. da m. e. do Tejo, na estr.ª real do Rocio de Abrantes para Portalegre. Dista de Abrantes 3^l para E.

Compr.º mais esta F. os log.^{es} de Concavada (grande L. segundo o mappa), Ribeira de Fernando, Portella, Moinhos, Tubaral, Monte Gallego, Ventoso, Casa Branca, Areia, Lampreia; os casaes de Carregal Cimeiro, Carregal do Meio[1], Horta, Galhoufa, Curtido; e as q.^{tas} do Lagar e do Pombal.

Vem mencionada em Carv.º uma ermida de S.^{to} Antonio no sitio em que havia uma barca de passagem chamada *Barca de Bandos* e onde é hoje provavelmente o L. de S.^{to} Antonio.

P...	C..........	120	
	A..........	450	
	E. P.......	512...............	1600
	E. C............................		1999

Recolhe milho, feijão e azeite, de tudo muito.

Em distancia de duas leguas para o S. do Tejo, no sitio onde chamam Alvega, diz o padre Luiz Cardoso no seu *D. G.*, transcrevendo as palavras de Jorge Cardoso, tomo III, pag. 371 do *Agiologio Lusitano*, devia ter existido a antiga cidade de *Aritio Pretorio* ou *Aire* (collocada no mappa de Ortelio, segundo diz J. B. de Castro entre Benevente e Salvaterra) por ali se haverem encontrado notaveis ruinas e vestigios de populosa cidade, pela qual passava a estr.ª real que vae para Merida. Nos contornos da aldeia de Alvega

[1] Parece pelo mappa que tambem pertencem a esta F. o L. de Carregal Fundeiro, e as quintas do Campo e Cabeça Gorda.

trecho extraido das *Noticias Archeologicas* do dr. Hübner, sufficiente para deixar mui abaladas as opiniões sobre as correspondencias de nomes e de log.^{es} entre a moderna V.ª e a ant.ª cid.^{e} romana.

«... é impossivel determinar o local das estações de *Tabuccie Ad Fraxinum.*»

ALDEIA DO MATTO

(3)

(PATRIARCHADO)

Ant.ª F. de Sta Maria Magdalena da Aldeia da Matta, segundo Carv.º, do Matto, segundo o *D. G. M.* e *E. P.*, da ap. do grão prior do Crato, no T. da V.ª de Abrantes. Hoje é prior.º

Está sit.º o L. de *Aldeia do Matto* $^1/_2{}^l$ a S. E. da m. e. do Zezere, 8^k ao N. da m. d. do Tejo. Dista de Abrantes para onde tem estr.ª 2 $^1/_2{}^l$ para N. O.

Compr.^{e} mais esta F. os log.^{es} de Carreira do Matto, Cabeça Gorda, Figueiras, Bairro Cimeiro, Bairro Fundeiro, Bairro da Estrada, Fontainhas, Medroa, Casaes de Rio de Moinhos.

Vem mencionados em Carv.º, além da Aldeia da Matta, os log.^{es} de Carreira do Matto, Cabeça Gorda, Figueiras, Bairros, Fontainhas, Modrôa, Rio de Moinhos, e diz que junto ao L. de Aldeia da Matta, que é proximo ao Zezere, estava a barca da Esteveira, que era de muita passagem.

NB. Vem marcada no mappa topographico.

P...	C.	58	
	A.	168	
	E. P.	191	756
	E. C.		840

Recolhe muita lentilha, centeio e algum trigo: tem muitas parreiras de vinho de enforcado a que chamam ali *labruscas.*

É terra fresca e abundante d'aguas.

P... { C.......... 60 / A.......... 216 / *E. P.*....... 218................ 755 / *E. C.*............................ 933 }

Tem esta F. grandes mattas e muita caça.

A estação do C. de ferro de Leste denominada da Bemposta fica $^1/_2{}^k$ a E. da aldeia da Bemposta: é a 21.ª da linha de Lisboa a Badajoz, e a 5.ª a contar do *Entroncamento.*

MARTINXEL

(6)

Ant.ª F. de S. Miguel de Martinchel segundo Carv.º, *E. P.* e *D. C.*, vig.ª da ap. do geral dos conegos regrantes de S.ᵗᵃ Cruz de Coimbra, no T. da V.ª de Abrantes.

Está sit.ª a *Aldeia de Martinxel* $^1/_2{}^k$ a S. E. da m. e. do Zezere. Dista de Abrantes 3^l para N. O.

Compr.ᵉ mais esta F. os log.ᵉˢ de Outeiro, Villelas; os casaes de Salgueirinho, Casal do Rei, Perferinha, Almoinha Velha, Bica da Figueira, Casa Nova, Arrotéa, Cabeço; e as H. I. de Val d'Azenha, Conheira, Mouxões, Alqueidão, Fontainhas, Pezo, Estrada, Eira Velha.

P... { C........... 80 / A........... 70 / *E. P.*........ 72................ 340 / *E. C.*.......................... 344 }

MOURISCAS

(7)

Ant.ª F. de S. Sebastião das Mouriscas, cur.º annual da ap. do vig.º do Sardoal, no T. da V.ª de Abrantes.

Está sit.º o L. de *Mouriscas*[1] 3^k ao N. da m. d. do Tejo, na estr.ª de Abrantes para Mação.

[1] Segundo a *E. P.* a egreja parochial está no L. de Egreja; porém o mappa apresenta-a no L. de Mouriscas.

encontram-se alicerces de sumptuosas casas, sepulchros, aqueductos, galerias subterraneas com figuras e portas de mosaico; além d'isto em 1659 achou-se, em uma ribeira contigua, uma famosa lamina de bronze com uma inscripção latina datada da antiga cidade de *Aritio* ou *Aritium*.

Até aqui o *D. G.* de Luiz Cardoso confrontado com o *Mappa de Portugal* de J. B. de Castro; porém Hübner accrescenta alguma casa.

«Segundo o testemunho de Jorge Cardoso, no *Agiologio Lusitano*, tomo III, pag. 371, descobriu-se em Alvega a lamina de bronze em que estava escripta a formula do juramento com que os habitantes da *Oppidum Vetus Aritiense*, no anno 37 da era christã, prestaram obediencia ao imperador Caligula.

«O destino da lamina ignora-se.»

BEMPOSTA

(5)

Ant.ª F. de S.ᵗᵃ Maria Magdalena da Bemposta, cur.º Annexo á vig.ª de S. João Baptista de Abrantes e da ap. do vig.º, no T. da dita V.ª Hoje é F. independente. Don.º o M. de Abrantes.

Está sit.ª a *Aldeia da Bemposta* em valle na m. e. do Rio Torto, 12^k a S. S. E. da m. e. do Tejo. É estação do C. de ferro de Leste. Tem estr.ᵃˢ para Ponte do Sôr, Chancellaria, etc. Dista de Abrantes 3^l para S. S. E.

Compr.ᵉ mais esta F. os log.ᵉˢ de Brunheiro (grande L.), Val d'Horta, Chaminé, Agua Travessa, Val do Açor; os casaes de Telhado, Casalinho, Borralho, Pecegueiro, Val de Nobrel, Brunheiro, Val de Zebro, Arrancada, Casalão, Abegoaria, Foz do Sanguinheiro, Tomazim; e as H. I. de Agua de Todo o Anno, Copeiro, Sanguinheiro, Pezo, Aranhas, Val da Lama, Sanguinheiro de Serpa, Pereiro.

PÈGO

(9)

Ant.ª F. de Sta Luzia na Aldeia do Pégo, cur.º Annexo a S. Vicente de Abrantes e da ap. do vig.º, no T. da dita V.ª Hoje é F. independente.

Está sit.ª a *Aldeia do Pégo* 1^{k} a S. E. da m. e. do Tejo, na estr.ª real do Rocio para Portalegre. Dista de Abrantes uma legua para E.

Compr.^{e} mais esta F. os casaes de Faxeiros, Tendeiros, Val do Feto, Negrinho de Cima, Negrinho de Baixo, Ameixieira, Fonte do Sapo, D. Antonio; as q.^{tas} de Torre, Nateiro, Fernão Dias ou Fernandinho; e as H. I. de Serrado, Albertos, Poço d'Amoreira, Cascalho, Chã Longa, Chã da Ratinha.

O L. do Pégo, diz Carv.º, fica ao S. do Tejo, onde está a barca do Pégo.

P. . .	C.	110	
	A.	304	
	E. P.	342	1240
	E. C.		1130

RIO DE MOINHOS

(10)

Ant.ª F. de Sta Eufemia de Rio de Moinhos, cur.º Annexo á vig.ª de S. Vicente de Abrantes, segundo Carv.º e *D. C.*, da ordem de Christo e ap. do M. de Abrantes segundo a *E. P.*, no T. da dita V.ª

Está sit.ª a *Aldeia de Rio de Moinhos* $^{1}/_{2}$^{k} a N. E. da m. d. do Tejo, sobre a pequena ribeira chamada Rio de Moinhos.

Dista de Abrantes 4 $^{1}/_{2}$^{k} para O. N. O.

Compr.^{e} mais esta F. os log.^{es} de Amoreira = Caldeiras, Aldeinha; os casaes de Val de Zebro, Pedreira, Caldellas; e as q.^{tas} de D. Gastão, Valladares, Feio ou Feia.

Dista de Abrantes 11^{k} para E. N. E.

Compr.^{e} mais esta F. os log.^{es} de Ferrarias, Lercas, Entre Serras, Val do Esteio, Pinheiro, Outeiro Cimeiro, Souroes ou Sourões, Lomba Cimeira, Casos Vares, Casos Castanhos, Vimieiro, Carreira, Monte Novo, Casas Novas, Cascalhos, Castello, Barca, Engarnaes Fundeiros, Engarnaes Cimeiros, Charoeira, Camarzão, Outeiro Fundeiro, Casas Pretas; os casaes de Lameirancha, Murteira, da Freira, Varandas, Milha, Figueira, Mattos; e as q.^{tas} de Caldeira, Bica de Pedra, Arcos.

P.	C.	150	
	A.	451	
	E. P.	488	1464
	E. C.		1945

PANASCOSO

(8)

Ant.^{a} F. de Nossa Senhora do Pranto no L. de Panascoso, cur.^{o} annual da ap. do prior de Sta Maria do Castello da V.^{a} de Abrantes, no T. da dita V.^{a}

Está sit.^{o} o L. de *Panascoso* 8^{k} ao N. da m. d. do Tejo, na estr.^{a} de Abrantes para Mação. Dista de Abrantes 4^{l} para N. E.

Compr.^{e} mais esta F. os log.^{es} de Serra, Quexoperra, Ortigas, Monte Penedo, Boas Eiras ou Ribeira de Boas Eiras, Espinheiro, Casal do Barba Pouca; e as q.^{tas} de Boreiras, Cadoiço.

P.	C.	160	
	A.	434	
	E. P.	422	1664
	E. C.		1740

Panascoso, diz Carv.^{o}, é L. grande, tem uma ermida de S.^{to} Antonio e fabrica bons pannos de lã.

Tem ponte sobre o Tejo, estr.ª real para Portalegre e estr.ª para a F. da Bemposta, Ponte do Sor, Chancellaria, etc. Dista de Abrantes 2^{k} para o S.

Compr.^{e} mais esta F. 4 H. I. cada uma com um só fogo.

P...	C.		
	A.	280	
	E. P.	312..............	1011
	E. C.		1164

Tem esta F. no L. do Rocio o most.º de Nossa Senhora da Graça de religiosas Dominicanas, fundado na V.ª em 1384 para conegos regulares; passou depois a commendatarias que em 1541 professaram a regra de S. Domingos, sendo transferida a communidade para o L. do Rocio em 1548.

O L. do Rocio de Abrantes é hoje superior a muitas V.^{as}, tem bellos predios e faz um importante commercio.

S. FACUNDO

(13)

Ant.ª F. de S. Fagundo, segundo Carv.º, S. Facundo na *E. P.* e *D. C.*, cur.º Annexo á vig.ª de S. João Baptista de Abrantes, e da ap. do vig.º, no T. da dita V.ª

Está sit.º o L. de S. Facundo (egreja parochial isolada 1^{k} para E.) duas leguas ao S. da m. e. do Tejo, 3^{k} a N. E. da estação da Bemposta (C. de ferro de Leste). Dista de Abrantes 16^{k} para S. E.

Compr.^{e} mais esta F. os log.^{es} de Aldeia da Zorralheira, Barrada ou Bairrada, Val do Zebrinho, Val das Mós, Esteveira; os casaes da Favaqueira (séde da egreja parochial segundo a *E. P.*), Val de Zebro, Pedregulho, Barrada ou Bairrada, Val de Junco, Val d'Hortas, Val de Gallinha, Val d'Aguas, Ramalhaes, Val das Mós, Val de Açôr, Courella, Valles; e as H. I. de Venda, Salgueiro.

P...	C.	70	
	A.	189	
	E. P.	204..............	820
	E. C.		850

Vem mencionados em Carv.º os log.^{es} de Amoreira, Val de Zebro e o casal da Pedreira.

P...	C.	140	
	A.	374	
	E. P.	402	1204
	E. C.		1308

RIO TORTO (S. MIGUEL DE)

(11)

Ant.ª F. de S. Miguel de Rio Torto, cur.º Annexo á vig.ª de S. João Baptista de Abrantes e da ap. do vig.º, no T. da dita V.ª Hoje é F. independente.

Está sit.º o L. de *S. Miguel de Rio Torto* 2^{k} ao S. da m. e. do Tejo, 2^{k} a S. O. da estação de Abrantes (C. de ferro de Leste). Dista de Abrantes 4^{k} para S. O.

Compr.^{e} mais esta F. os log.^{es} de Aldeia, Bicas, Arreciadas; os casaes de Val de Cortiças, Caniceira, Casal dos Frades, Casal do Meio, Moinho do Meio, Areias, Salvadorinho; as q.^{tas} de S. Macario, Parrada, Sellões, e as H I. de Carvalhal, Marcineiro, Campo, Cabrito, Maiorga, Portella, Sernadas.

P...	C.	150	
	A.	295	
	E. P.	336	1255
	E. C.		1362

ROCIO (AO SUL DO TEJO)

(12)

Ant.ª F. de Nossa Senhora da Conceição no L. do Rocio, ao S. do Tejo, cur.º da ap. do vig.º de S. João Baptista de Abrantes, no T. da dita V.ª

Esta F. foi instituida posteriormente a 1758, visto que não fazem d'ella menção Carv.º, nem o *D. G. M.*

Está sit.º o L. do *Rocio* na m. e. do Tejo, fronteiro á V.ª de Abrantes.

gal, cur.º annual da ap. do vig.º de S. Vicente de Abrantes, no T. da dita V.ª

Foi instituida esta F. entre os annos de 1708 e 1758.

Está sit.º o L. de *Tramagal* $^1/_2{}^k$ a S. O. da m. e. do Tejo, e entre o L. e o rio passa o C. de ferro de Leste do qual ha estação chamada do Tramagal: é a 19.ª da linha de Lisboa a Badajoz e 3.ª a contar do Entroncamento. Dista de Abrantes 6^k para O. S. O.

Compr.^{e} mais esta F. os log.^{es} de Crucifixo, Barrocas, Ribeira; os casaes de Chão de Lucas, Coutada, Coelheira, Val de Boi, Casal da Barca: as q.^{tas} Lama Cheira, Barca; e as H. I. de Vinhas.

Vem mencionado em Carv.º Tramagal, simples L. da F. de Sta Margarida, Crucifixo e Coutada, tambem como log.^{es} da mesma F., e uma ermida de S. Caetano.

P...	C..........	230	
	A..........	289	
	E. P........	314...............	1150
	E. C...........................		1141

SOUTO

(14)

Ant.ª F. de S. Silvestre do Souto, cur.º annual da ap. do vig.º de S. João Baptista de Abrantes, no T. da dita V.ª

Está sit.ª a *Aldeia do Souto* $^{1}/_{2}{}^{l}$ a E. da m. e. do Zezere.

Dista de Abrantes 16^{k} para N. N. O.

Compr.^{e} mais esta F. os log.^{es} de Biôcas, Carvalhal, Fontes, Atalaia, Matagoza, Contrasto, Ameixieira, Raxão, Ribeira, Brunheta ou Abrunheta, S. Domingos, Agua das Casas, Val do Açôr, Ameixial Cimeiro, Ameixial do Meio, Ameixial d'Além, Cabeça Ruiva, Portella, Bairrada, Carrapatoza, Ribeira do Sul, Ladeira, Bouça, Cova, Sentieira, Carril Cimeiro, Carril Fundeiro, Sobral Basto, (no mappa são dois log.^{es} Sobral e Basto), Val de Taboas: os casaes de Conheira, Colmeal; e as quintas de Ferraria, Sobreira Alta.

Todos os log.^{es} e casaes vem mencionados em Carv.º, alguns com pequenas differenças de nomes.

P. . .	C.	163	
	A.	434	
	E. P.	460	1670
	E. C.		2184

Tinha esta F., em 1708, as ermidas de S.^{to} Antonio, S. Bartholomeu, S. Domingos junto a umas estalagens, no T. do Sardoal, e Nossa Senhora do Tojo, assim chamada por ter sido encontrada a imagem da Senhora por um pastorinho, no meio do tojo: é de grande devoção e de muito concurso de romarias. Proximo da ermida está uma fonte de boa agua, que o povo por devoção vem buscar para remedio em suas enfermidades.

TRAMAGAL

(15)

Ant.ª F. de Nossa Senhora da Oliveira no L. do Trama-

CONCELHO DE ALMEIRIM

(b)

PATRIARCHADO

COMARCA DA CHAMUSCA

ALMEIRIM

(1)

Ant.ª V.ª de Almeirim na ant.ª com. de Santarem.

Hoje é cab.ª do actual conc.º de Almeirim.

Está sit.ª em planicie $^{1}/_{2}{}^{k}$ a S. E. da valla de Alpiarça. Tem estr.ª para a m. e. do Tejo (a qual termina em frente de Santarem). Dista de Santarem 6^{k} para E. S. E.

Tem uma só F. da inv. de S. João Baptista, vig.ª que era do padroado real segundo Carv.º, capella real da ap. do ordin.º segundo a *E. P.*

Compr.ᵉ esta F., além da V.ª, o L. da Charneca de Almeirim com cento e tantos fogos a 1 $^{1}/_{2}{}^{l}$ de distancia[1], o Casal Novo e a q.ᵗᵃ (ou H. I.) do Caim.

P...	C...........	300	
	A...........	540	
	E. P.........	737...............	2721
	E. C............................		3181

Tem casa de misericordia e bom hospital, fundação de D. João III.

[1] É provavelmente o conjunto de casaes que no mappa vem indicados com os nomes de casaes do Francez e casaes do Concelho.

Charneca, as q.^{tas} (ou H. I.) de Lagoalva de Cima, Lagoalva de Baixo, Torre, Torrinha, Patudos, Gouxa, Gouxaria, Atella.

Vêem-se mais no mappa os casaes de Galinheira, V.^{a} Pouca, Outeiro do Carvalhal, Outeiro do Rato, e Frege-moscas, que parece devem pertencer a esta F.

O L. chamado Mouchão do Inglez está annexo a esta F. para os effeitos civis, e para os espirituaes á F. de Val de Figueiras: tem 8 a 10 fogos.

P. . .	C.	206	
	A.	721	
	E. P.	809.	3127
	E. C.		3171

Recolhe esta F. muito trigo, vinho, azeite e legumes.

BEMFICA

(3)

Ant.^{a} F. de Sta Martha de Moncão, segundo Carv.^{o}, F. de Monsão de Bemfica, lhe chama a *E. P.* e o *M. E.* (orago Sta Martha) cur.^{o}, no T. da V.^{a} de Santarem.

Não declara a *E. P.* a ap. d'esta egreja nem o titulo antigo ou actual do parocho.

Está sit.^{o} o L. de *Santa Martha* 1^{k} a S. E. da valla de Alpiarça, $^{1}/_{2}{}^{l}$ a E. da m. e. do Tejo. Dista de Almeirim (para onde tem estr.^{a}) 9^{k} para S. O.

Compr.^{e} mais esta F. o L. de Bemfica (que é o principal, $^{1}/_{2}{}^{k}$ a O. de Sta Martha); o casal da Boa Vista; e a q.^{ta} da Arrochela.

P. . .	C.	30	
	A.	113	
	E. P.	138.	412
	E. C.		717

RAPOSA

(4)

Ant.^{a} F. de S.^{to} Antonio da Rapoza, prior.^{o}, segundo

Carv.º, que não declara a ap., vig.ª da ap. dos Mesquitas, segundo o *D. G. M.*, no T. da V.ª de Santarem. Hoje é prior.º

Está sit.º o L. de *Raposa* (ignoramos em qual dos log.^{es} Raposa de Baixo ou Raposa de Cima está sit.ª a egreja parochial, por isso a esta referimos a situação) $^1/_2{}^k$ ao S. da m. e. da ribeira de Muge, na estr.ª de Almeirim para Coruche, 2 $^1/_2{}^l$ a E. da m. e. do Tejo. Dista de Almeirim 14^k para S. S. E.

Compr.^{e} esta F. os log.^{es} de Raposa de Baixo, Raposa de Cima; e os casaes de Sesmaria a Nova, Convento da Serra, Ferrarias, Parreira, Varzea, Ponte Velha, Cazalinho, Val de Inferno, Monte da Vinha, Pinheiro, Passos (Paço no mappa topographico) de Baixo, Passos de Cima, Gagos, Pero de Pez, Mariannas de Baixo, Mariannas de Cima, Casal Queimado, Maxugueira, Aboboraes, Bicas, Róças.

P...	C.	29	
	A.	63	
	E. P.	102	250
	E. C.		360

No numero dos casaes vem mencionado na *E. P.* o do Convento da Serra, porque n'esse local esteve o ant.º conv.º de Nossa Senhora da Serra, da ordem Dominicana, fundação d'el-rei D. Manuel em 1500. Pelo mappa não mostra ter mais do que a egreja.

CONCELHO DE BENAVENTE

(c)

ARCEBISPADO DE EVORA

COMARCA DE BENAVENTE

BENAVENTE

(1)

Ant.ª V.ª de Benavente na ant.ª com. de Aviz.

Pertencia á ordem de Aviz de que era comm.ª, a qual tinha o titulo de mesa mestral da dita ordem e a possuia a corôa.

Hoje é cab.ª do actual conc.º e da actual com. de Benavente.

Está sit.ª em vasta, alegre e fertilissima campina na m. e. do rio Sorraia, 1¹ a S. E. da m. e. do Tejo. Tem estr.as para Salvaterra e Almeirim, para Samora, Alcochete e Aldeia Gallega.

Dista de Santarem 7¹ para S. S. O.

Tem uma só F. da inv. de Nossa Senhora da Graça, prior.º que era da ordem de Aviz, ou do padr.º real que é a mesma coisa, visto a comm.ª ser da corôa. No *M. E.* vem mencionada como annexa a F. de Barrosa (orago S. Braz).

Compr.e esta F., além da V.ª, o L. de Bilrete; e a q.ta da Foz. Vem mencionados no *D. G. M.* os log.es da Foz e do Monte Bilrete.

P...	C..........	600	
	A..........	654	
	E. P.......	754...............	2852
	E. C............................		2520

Tem casa de misericordia e hospital e em 1708 tinha 3 ermidas S. Bento, Sant'Iago e S.to André.

Havia em Benavente uma ant.a residencia real que deve achar-se arruinada pois ha muito se não habita.

Recolhe do fertil terreno de suas cercanias muito trigo, milho, hortaliças, legumes e frutas, especialmente melancias e melões saborosissimos.

Só a q.ta da Foz dava antigamente ao dizimo 100 moios de trigo. Em 1758 pertencia aos M. de Cascaes.

Tambem é abundante de gados, tanto de lã como de cabello, e de peixe do Tejo e das ribeiras proximas.

Esta V.a diz Carv.o, é bem ventilada, de ares salutiferos e possue um clima benigno. O *D. G.* do sr. P. L. diz que as aguas são más e a terra pouco saudavel; parece-nos que tem razão.

Tem feira annual de 3 dias começando a 21 de setembro.

Tem este concelho:

Superficie, em hectares..................	64322
População, habitantes....................	5095
Freguezias, segundo a *E. C.*..............	3
Predios, inscriptos na matriz..............	2781

J. B. de Castro diz que na Carta Geographica de Ortelio se vê demarcada *Aritium Praetorium* na altura de Benavente, ou Salvaterra, opinião que seguiu Rezende; porém Jorge Cardoso, como já dissemos na descripção da F. de Alvega, a sitûa n'este ultimo local, opinião que não póde harmonisar-se com os Itinerarios de Antonino.

Ignora-se a data da fundação d'esta V.a, mas parece que já existia no tempo do dominio dos arabes que chamavam á rib.a de Canha, rib.a das Flores, pela amenidade de suas margens.

Carv.o, seguindo Brandão, diz ter-lhe dado foral D. Paio

B. d'Evora, em 1200, e que por isso já devia n'essa época ser povoação de importancia e muito mais antiga: tanto mais que n'esse mesmo anno de 1200 ali foi confirmada por D. Sancho I a instituição da ordem de Aviz, o que suppõe a residencia na povoação de uma côrte soberana e de mui illustres cavalleiros. Deu-lhe novo foral el-rei D. Manuel em 1516.

Quanto á etymologia do seu nome, Carv.º diz que é incerta, e só por antiga tradição consta derivar-se de *Beneeventus*, feliz acontecimento, em allusão á restauração do poder dos agarenos.

A camara d'esta V.ª era das mais ricas e honradas com regalias e privilegios que havia no reino. Possuia fertillissimos terrenos e administrava tres rendosas capellas.

Na vespera de S.to André ia a camara pelas portas dos habitantes pobres repartir esmolas, conforme as necessidades de cada um.

Nenhuma outra terra do reino tem, relativamente á sua pequena área, tão grande numero de familias nobres, umas que d'ali trazem sua origem, outras (que é a maior parte) vindas de fóra, em diversos tempos, e ali domiciliadas.

Não cabe nos limites d'este nosso trabalho o indicar seus appellidos, que o leitor curioso encontrará na *Chorographia* de Carv.º, vol. II pag. 640 a 642 e no *D. C.*, vol. I pag. 148.

No mesmo *D. C.*, volume e paginas indicadas encontra tambem a lenda explicativa das armas ou brazão dos C. de Benavente: a escudo liso com 5 conchas dispostas em aspa, o qual brazão se vê insculpido na torre da egreja matriz da V.ª

O brazão d'armas da V.ª é uma cruz da ordem de Aviz, de cada lado uma corrente, e da parte direita, entre a corrente e a cruz, uma lança ao alto com uma bandeira vermelha; tudo em campo branco.

SAMORA CORRÊA

(2)

(PATRIARCHADO)

Ant.ª V.ª de Çamora Corrêa, segundo Carv.º, Samora Corrêa na *E. P.* e *D. C.* Era da casa de Aveiro e reverteu para a corôa em 1749.

Está sit.ª em terreno plano na m. e. da ribeira de S.^{to} Estevão, 2^k E. do braço do Tejo que limita as Lezirias pela parte do oriente. Dista de Benavente 8^k para S. O.

Tem uma só F. da inv. de Nossa Senhora da Oliveira prior.º da ordem de Sant'Iago, da qual ordem a V.ª era comm.ª e o prior freire professo.

Compr.^{e} esta F., além da V.ª, o L. de Pancas; os casaes de Formiga, Arneiro Grande, Paul de Belmonte, Paul da Valla; e as q.^{tas} ou H. I. de Murteira, Q.^{ta} dos Gatos, Monte Bernardo, Braço de Prata, Camarate, João Folheiro.

Vem mencionada em Carv.º, outra comm.ª no T., chamada de Belmonte que era das que não tinham egreja, mas de bom rendimento de muitas terras, mattas e arvoredos.

P...	C...........	150	
	A...........	318	
	E. P.........	362..............	1333
	C. E..........................		1880

Tem casa de misericordia e hospital.

Quasi á distancia de $^1/_2{}^l$ tem uma ermida de Nossa Senhora de Guadelupe, de muita devoção e romarias, e junto da qual havia uma antiga casa de campo mandada fazer por D. Luiz da Silveira, 2.º C. das Sarzedas.

É abundante de gado, especialmente suino (fazendo grande commercio em carne de porco) e egualmente de caça e colmeias: recolhe algum trigo, milho e vinho; em roda tem grandes mattas de pinheiros.

SANTO ESTEVÃO

(3)

Ant.ª F. de S.^{to} Estevão, cur.º da ordem de Aviz.

Está sit.ª a egreja parochial na m. d. da rib.ª de S.^{to} Estevão. Dista de Benavente 3^{1} para S. S. E.

Compr.^{e} mais esta F. os montes (casaes) dos Condes, Zambujeiro, Cabo do Termo; as q.^{tas} do Soeiro, Concelho, Almada; e duas azenhas na rib.ª de S.^{to} Estevão.

P...	C...........		
	A...........	153	
	E. P.........	188...............	632
	E. C...........................		695

O *D. C.* chama a esta F., não sabemos porque motivo, S.^{to} Estevão de Barrosas.

CONCELHO DO CARTAXO
(d)

PATRIARCHADO

COMARCA DE SANTAREM

CARTAXO
(1)

Ant.ª F. de S. João Baptista no L. do Cartaxo, cur.º Annexo á F. de S.ᵗᵃ Maria de Marvilla de Santarem, segundo Carv.º, da ap. de uma commendadeira do most.º de Santos o Novo de Lisboa, segundo a *E. P.*, no T. de Santarem.

Hoje é V.ª do Cartaxo, cab.ª do actual conc.º do Cartaxo[1].

Está sit.ª 6^k a O. N. O. da m. d. do Tejo, na estr.ª real de Santarem a Lisboa, 3^k a N. O. da estação da Ponte de Sant'Anna (C. de ferro do N.) Tem estr.ª real para Rio Maior e estr.ª para a estação do C. de ferro. Dista de Santarem 3^l para S. O.

Compr.ᵉ esta F., além da V.ª, os log.ᵉˢ de Casal do Ouro, Ribeira; os casaes de Motta, Vella, Jarego, Prioste, Bar-

[1] Para não alterarmos (só em parte) a divisão de comarcas que vigorava quando se publicaram os anteriores volumes d'esta obra, preferimos continuar até ao fim suppondo ainda em vigor a referida divisão, e no 5.º volume mencionar todas as comarcas do reino segundo a novissima organisação, com os concelhos de que se compõem. Esta do Cartaxo é uma das novas comarcas pela dita organisação.

bosa, Gocharia, Estrada da V.ª, Janica, José Antonio, Caneira, Val de Boi, S.^{to} Christo; as q.^{tas} de Rio do Pote, Sta Eulalia, Cabreira, Salles, Cabeça de Ferreiros, Affonso, Pratas, Vapor, Laranjeira, Juncal, Alfazema, Varzeas, S.^{to} Christo, Aramenha, Caldeireiro, S.^{to} Antonio, Correias; a H. I. de Cabeça de Guião; e os moinhos do Cordeiro, do Paulo, do Cunha, dos Casaes, do Saloio.

Vem mencionados no *D. G. M.* os log.^{es} de Casal do Ouro e Ribeira.

P...	C..........	415	
	A..........	1157	
	E. P........	1218..............	4576
	E. C..........................		5177

Em 1708 tinha 3 ermidas S. Pedro, S. Gens, Espirito Santo.

Antes da extincção das ordens religiosas em Portugal tinha um conv.º da ordem de S. Francisco com a inv. do Espirito Santo, fundado em 1525.

Tem casa de misericordia e hospital.

É bonita V.ª construida á moderna, diz o *D. G.* do sr. P. L., e seus arrabaldes muito apraziveis, ferteis e bem cultivados.

Quem desejar mais esclarecimentos sobre o estado actual d'esta V.ª e dos melhoramentos que tem tido nos ultimos annos, póde ler os artigos que no *Diario de Noticias* do mez de agosto de 1874 publicou o sr. Brito Aranha; o ultimo vem no *Diario* num. 3071 de 30 do referido mez.

É abundante de todos os frutos, com especialidade de famoso vinho tinto, considerado um dos melhores do reino pela sua força e duração.

Tem tambem abundancia de gados, de caça, e de peixe do Tejo.

Tem estação telegraphica.

Tem feira annual de 6 dias, começando no 1.º de novembro (franca nos 3 primeiros), no L. de S.^{to} Christo: e mercado na V.ª no 3.º domingo de cada mez.

Tem este concelho:

Superficie, em hectares	15075
População, habitantes	10004
Freguezias, segundo a *E. C.*	5
Predios, inscriptos na matriz	7575

Segundo o *D. G.* citado, tem esta V.ª foral *velho* dado por D. Diniz em 1312, confirmado por D. João II em 1487 e 2.ª vez confirmado por el-rei D. Manuel em 1496.

Pelo que lemos no dito *D. G.* chamam-se foraes *velhos* aos anteriores a el-rei D. Manuel, *novos* aos d'este soberano e *novissimos* aos conferidos pelos monarchas posteriores.

O brazão d'armas d'esta V.ª é o escudo das armas reaes e corôa em campo branco, e a legenda—*Camara Municipal do Cartaxo.*

EREIRA

(2)

Ant.ª F. do Espirito Santo, no L. de Eireira, segundo Carv.º, Ereira na *E. P.* e *D. C.*, cur.º annual da ordem de Malta e da ap. do commendador, no T. de Santarem.

Está annexa a esta F. segundo a *E. P.*, a F. da Lapa. Tambem vem como annexa no *M. E.* de 1840.

Está sit.º o L. de *Ereira* em valle $^1/_2{}^l$ a S. S. E. da ribeira de Almoster. Dista do Cartaxo 7^k para O. N. O.

Compr.ᵉ mais esta F. a q.ᵗᵃ do Bixo Feio e o L. da Lapa, séde da indicada F. annexa, com alguns casaes que chamam casaes da Lapa.

P...	C.	70	
	A.	255	
	E. P.	273	956
	E. C.		1261

PONTEVEL

(3)

Ant.ª F. de Nossa Senhora da Purificação no L. de Pontevel, prior.º da ordem de Malta, no T. de Santarem.

Está sit.º o L. de *Pontevel* (que a *E. P.*, pretende fosse V.ª á qual désse foral D. Sancho II) 8^{k} a N. O. da estação da Ponte de Reguengo, 8^{k} a O. da estação da Ponte de Sant'Anna (C. de ferro do N.) Dista do Cartaxo uma legua para O. S. O.

Compr.^{e} mais esta F. os log.^{es} ou casaes de Lagartos, Penedos, Boa Vista, Telha; e as q.^{tas} do Atravessado, Lameiros, Covão, Val da Pedra, Malhadas e Reguengo, junto á valla.

P...	C.	190	
	A.	348	
	E. P.	402	1063
	E. C.		1633

Em 1708 tinha um recolhimento de irmãs da ordem terceira de S. Francisco.

VALLADA

(4)

Ant.ª F. de Nossa Senhora do Ó (Expectação) no L. de Vallada, vig.ª do padr.º real e comm.ª da ordem de Christo, no T. de Santarem. Hoje é prior.º

Esta sit.º o L. de *Vallada* na m. d. do Tejo, 4^{k} a E. S. E. da estação da Ponte do Reguengo (C. de ferro do N.) Dista do Cartaxo 11^{k} para S. S. E.

Compr.^{e} mais esta F. os log.^{es} de Reguengo, Porto de Muge, Legua; e as q.^{tas} de Malpique, José do Quintal, Nossa Senhora de Belem, do Basco, do Brilhante, das Varandas.

Parece pelo mappa topographico que devem pertencer tambem a esta F. as q.^{tas} de Meirinho, D. Maria, Affonso, Sabugueiro, Morgado, Marchante.

Vem mencionado em Carv.º o L. de Porto de Muge com uma ermida de S. João Baptista.

P...	C.	250	
	A.	330	
	E. P.	362	1288
	E. C.		1327

Tem feira annual de 3 dias começando em 24 de agosto.

VAL DA PINTA
(5)

Ant.ª F. de S. Bartholomeu de Val da Pinta (Val da Pita no *M. E.*), prior.º da ap. do ordin.º, no T. de Santarem.

Está sit.º o L. de *Val da Pinta* na estr.ª do Cartaxo para Rio Maior. Dista do Cartaxo 3ᵏ para O. N. O.

Compr.ᵉ mais esta F. os casaes da Lagôa, do Sizudo; e as q.ᵗᵃˢ da Caneira, e do V. de S. Paio.

P...	C.	90	
	A.	130	
	E. P.	149	584
	E. C.		606

CONCELHO DE CHAMUSCA

(e)

PATRIARCHADO

COMARCA DA CHAMUSCA

CHAMUSCA

(1)

Ant.ª V.ª da Chamusca, na ant.ª com. de Alemquer.

Era da casa da rainha.

Hoje é cab.ª do actual conc.º e da actual com. da Chamusca.

Está sit.ª em campina $^1/_2$ k a S. E. da m. e. do Tejo. Dista de Santarem 5 l para E. N. E.

Tem uma só F. da inv. de S. Braz, prior.º que era da ap. da mitra segundo Carv.º, da casa da rainha segundo a *E. P.*

Compr.e esta F., além da V.ª, o sitio de Bréjos, com muitos fogos dispersos; os casaes da Pereira, dos Coelhos, do Braga, Casalinho; e as H. I. das Trevas, Lezirões, Moinho de Vento, Senhor do Bom-Fim, Senhora do Amparo.

P. . .	C.	650	
	A.	796	
	E. P.	798	2988
	E. C.		3005

Tem casa de misericordia e hospital, e em 1708 tinha as ermidas de S. Pedro, Egreja Nova, Nossa Senhora das Trevas e S. Sebastião.

Segundo o *D. G.* do sr. P. L. a egreja parochial é um bello templo de sete altares, e a moderna egreja da ordem terceira de S. Francisco o melhor edificio da V.ª

É abundante de cereaes, hortaliças, legumes, frutas, especialisando-se os melões e melancias que são dos melhores do reino; vinho excellente, bom azeite, gado, de todas as especies, sobretudo do suino; caça, colmeias e lenha.

É terra muito rica e de grande commercio.

Tem feiras annuaes que principiam em 13 de fevereiro e no 2.º domingo de outubro, cada uma de 3 dias, e mercado no 3.º domingo de cada mez.

Tem este concelho:

Superficie, em hectares	78950
População, habitantes	7838
Freguezias, segundo a *E. C.*	5
Predios, inscriptos na matriz	3808

Segundo J. B. de Castro deu foral ao L. da Chamusca, el-rei D. Sebastião em 1561, elevando-o á categoria de V.ª; mas o *D. C.* diz que foi Fillippe II de Castella quem lhe deu este titulo, a pedido de Rui Gomes da Silva, principe de Ebuli.

Quanto ao foral diz o sr. P. L. no *D. G.* que não acha provavel esta data, e a ser verdadeira foi dado pela rainha D. Catharina, pois em 1561 ainda D. Sebastião era menor. Não ha duvida, mas a regencia era em nome de D. Sebastião.

CHOUTO

(2)

Ant.ª F. de Nossa Senhora da Conceição no L. de Souto segundo Carv.º, Chouto no *D. G. M.* e *E. P.*, cur.º da ap. dos freguezes, no T. de Santarem.

Em 1840 pertencia esta F. ao conc.º de Ulme, ext.º pelo decreto de 24 de outubro de 1855, pelo qual passou ao da Chamusca.

«Foi primeiramente esta F. dos C. da Castanheira e depois passou para a casa do inf.º» *D. G.* do sr. P. L.

Está sit.º o L. de *Chouto* 8^k a N. N. O. da ribeira de Muge. Dista da Chamusca 18^k para S. E.

Compr.^{e} mais esta F. os casaes de Mercador, Val da Bezerra, Gavião, Gaviãosinho, Outeiro, Tójeiras, Ervideiras, Pombas, Folgas, Gorjão, Martim Gil, Marmeleiro, Foz, Rosmanial, Vallongo, Talasnas ou Estalasnas, Estalagem, Pégo, Val do Porco, Junco, Junqueiro ou Junquinho, Geraldo.

P...	C.	86	
	A.	138	
	E. P.	141	525
	E. C.		602

PINHEIRO GRANDE

(3)

Ant.ª F. de Sta Maria no L. do Pinheiro, comm.ª da ordem de Christo e cur.º da ap. do commendador, no T. de Santarem. Hoje é prior.º

Está sit.º o L. do *Pinheiro* 1^k a E. da m. e. do Tejo. Dista da Chamusca 6^k para N. E.

Compr.^{e} mais esta F. os log.^{es} de Carregueira, Arripiado, Areolas, Cascalho, Val do Junco, Gameiro, Cabeças, Tavacal, Val da Vaca, Ferrarias, Gouxaria, Val Pequeno de Cima, Val Pequeno de Baixo; os casaes da Feia, Morena, Boa Vista, Aresimas ou Resina, Outeiro, Olival, Eira, Graminheira, Casal Velho, Arrancada, Costa, Gallega, Pucariça, Foz da Ribeira e a q.^{ta} do Prazo.

P...	C.	90	
	A.	508	
	E. P.	507	1766
	E. C.		2248

Na *E. P.* vem esta F. com o titulo de Pinheiro Grande, bem que o L. traga simplesmente o nome de Pinheiro, conforme Carv.º e o mappa topographico.

ULME

(4)

Ant.ª V.ª de Ulme na ant.ª com. de Alemquer.

Em 1840 pertencia esta V.ª ao conc.º de Ulme, ext.º pelo decreto de 24 de outubro de 1855, pelo qual passou ao da Chamusca.

Está sit.ª em um valle junto á m. e. da ribeira de Alpiarça, 1 $^{1}/_{2}{}^{l}$ a E. S. E. da m. e. do Tejo. Dista da Chamusca 7^{k} para S. E.

Tem uma só F. da inv. de S.ta Maria, cur.º que era da ap. do prior da Chamusca.

Compr.e esta F., além da V.ª, os casaes de Pinhão, Laranjeira, Carregal, Freixo, Capellos, Casal Novo, Casal da Nogueira, Estrada, Recouco, Crespo, Junco de Baixo, Junco de Cima, Famão, Paires, Foz da Taboa, Taboa, Arcos, Carpinteiro, Caniceira, Casalinho, Semideiro, Balsas, Foz do Carpinteiro, Agua da Prata, Pucariça, Gavião, Cascalheira de Baixo, Cascalheira de Cima, Fava, Aranhas; e a q.ta da Murta.

P...	C.	120	
	A.	298	
	E. P.	308	879
	E. C.		1072

Tinha em 1708 as ermidas de Nossa Senhora da Conceição e de S.ta Martha.

É abundante de cereaes, vinho, azeite, gados, caça e colmeias.

Tem feira annual de tres dias, começando em 12 de janeiro.

Segundo J. B. de Castro, deu-lhe foral el-rei D. Sebastião, em 1561; mas o *D. C.* diz que a povoou e fez V.ª Fillippe II de Castella. Quanto ao foral veja-se o que dissemos a respeito do foral da Chamusca.

VAL DE CAVALLOS

(5)

Ant.ª F. do Espirito Santo no L. de Val de Cavallos, cur.º da ap. do prior de S.ta Maria de Marvilla, no T. de Santarem.

Em 1840 pertencia esta F. ao conc.º de Ulme, ext.º pelo decreto de 24 de outubro de 1855, pelo qual passou ao da Chamusca.

Está sit.º o L. de *Val de Cavallos* na m. e. da ribeira de Alpiarça, 4^{k} a S. E. da m. e. do Tejo. Dista da Chamusca 8^{k} para S. S. O.

Compr.e mais esta F. os casaes de Aguas Vivas, Val da Lama, da Stella ou Atella, Fontainhas, do Anjo, Seixo, Carvalhal, Caniceira, Parreiras, Villão, Val de Carros, V.ª de Rei de Baixo, V.ª de Rei de Cima, Perna Seca, Parreira, Salvador, Matafome, Corvas ou Curvas, Palhas, Murta, Amotolias, Monte de Val de Flores, Val de Flores, Val da Lama da Rosa, Cantaro, Moinhola, Cruzetinhos, Bunheira, Semideiro, Cruzetes, Val do Porco, Machoqueira, Val da Bezerra, Corteirinhas, Cambeiro, Zebro, Arneiro Alto, Cantarinhos, Sesmaria, Barrosa; e as q.tas de Outeiro, Commenda, Omnia, Quinta Nova, Pazé, Chocalho, Cabido.

P...	C.	154	
	A.	220	
	E. P.	214	872
	E. C.		911

CONCELHO DE CONSTANCIA

(f)

BISPADO DE CASTELLO BRANCO

COMARCA DE ABRANTES

CONSTANCIA

(1)

Ant.ª V.ª de Punhete na ant.ª com. de Thomar.

Hoje é *Notavel* V.ª de Constancia cab.ª do actual conc.º de Constancia.

Está sit.ª na encosta de um monte na confluencia do Zezere com o Tejo, ficando na m. d. e a N. O. d'este e na m. e. e a N. E. d'aquelle; na estr.ª real de Abrantes a Santarem, 2^k a N. E. da estação da Praia (C. de ferro de Leste). Dista de Santarem 9^l para N. E.

Tem uma só F. da inv. de S. Julião, vig.ª que era do padr.º real e comm.ª da ordem de Christo. Hoje é prior.º

Compr.^{e} esta F., além da V.ª os log.^{es} de Moinho de Vento, Charneca, Sta Barbara, S.^{to} Antonio; as q.^{tas} de S. Vicente, Sta Barbara, Trombeiro, Cruz, Areias; e as H. I. de Horta do Zezere, Val Escuro, Escorrega, Larião, Pinhal Almegue, Couto, Pedras da Quinta.

Vem mencionada em Carv.º a q.^{ta} de Sta Barbara, nome que tomou de uma ermida da mesma inv., e era n'esse tempo do desembargador João Pinheiro.

Tambem falla em outra ermida de S.^{to} Antonio de Entre as Vinhas, ao S. do Tejo, talvez hoje L. de S.^{to} Antonio

segundo a *E. P.*, e diz o mesmo auctor que a imagem do S.to da d.a ermida era a segunda feita n'este reino, e de pederneira, de grande devoção e romarias do povo, tanto que o ermitão era nomeado ou apresentado pela camara da V.a

P...	C..........	350	
	A..........	351	
	E. P........	378..............	1315
	E. C.........................		1375

Tem casa de misericordia e hospital, e em 1708 tinha as ermidas de Sant'Anna, S. Pedro, S. João, e a egreja de Nossa Senhora dos Martyres, ainda incompleta, sit.a na chã de um monte com alegre e dilatada vista para todas as partes.

Esta V.a tem por vezes soffrido muito pelas cheias do Tejo, e houve uma tão grande que chegou até á egreja matriz e foi preciso tirar-se o sacrario em uma bateira.

É abundante de cereaes, hortaliças, legumes, frutas, especialisando-se os excellentes marmellos e gamboas, romans e uvas de malvasia; excellente vinho e azeite.

Tinha antes da construcção da via ferrea animado commercio com Lisboa, em grande numero de barcos que pertenciam a proprietarios da V.a, e outros eram de pescadores.

Tem feiras annuaes em 13 de junho e 5 de agosto.

Tem este concelho:

Superficie, em hectares....................	8304
População, habitantes	2960
Freguezias, segundo a *E. C.*................	3
Predios, inscriptos na matriz................	2237

Carv.o e outros auctores, seguindo a M. L. de Andrade (*Miscelanea*, dialogo XIX, pag. 574) dizem era um logar do tempo dos romanos a que estes pozeram o nome de *Pugna-tegi*, pelo combate que a sua corrente, sempre arrebatada e ás vezes furiosa, sustenta com as aguas do Tejo, atravessando-as de banda a banda e chegando a fazel-as retroceder momentaneamente, e produzindo então as gran-

des cheias que por tantas vezes tem innundado a povoação; que o dito nome *Pugna-tegi* perdendo com os tempos a syllaba final ficou sendo Pugnate e *agora* Pugnete como vemos se chama.

Resgatou-a dos arabes Gonçalo Mendes da Maia (o lidador) em 1150, e a fez V.ª, (continúa o mesmo M. Leitão de Andrade) el-rei D. Sebastião a petição de Simão Gomes, o sapateiro santo, natural do Marmeleiro, junto a Thomar, como diz o padre Manuel da Veiga na vida do dito Simão Gomes.

Carv.º porém diz que o dito soberano a fez V.ª em attenção a 40 homens honrados que com seus creados e cavallos o acompanharam quando foi a Africa (pela primeira vez em 1574) como consta de uma provisão do mesmo rei que se conserva no cartorio da camara.

COUTADA

(2)

Ant.ª F. de Sta Margarida, cur.º annexo á vig.ª de S. Julião da V.ª de Punhete e da ap. do vig.º, no T. da V.ª de Abrantes.

Está sit.ª a *Aldeia de Santa Margarida* (a egreja está isolada quasi 1^{k} para E. N. E.) 1^{k} a S. O. do C. de ferro de Leste, 1^{l} a E. S. E. da estação da Praia, 1^{l} a O. da estação do Tramagal, 2^{k} a S. O. da m. e. do Tejo. Dista de Constancia 1^{l} para S. E.

Compr.^{e} maís esta F. os log.^{es} de Malpique, Val de Mestre, Portella, Enxertal ou Enxerto, Cardal, Barro, Quinta da Custodia, Pedreira; os casaes de Pocariça de Cima, Val de D. Pedro, Coruja de Baixo, Coruja de Cima, Carvalhoso, Caldellas, Mariollas ou Mariolla, Ervideira; e as q.^{tas} de Lombão, Carvalhal, e Porto Barroso.

Vem mencionado em Carv.º o L. de Barro (no T. da V.ª de Punhete) com 25 fogos, e o L. de Carvalhal na mesma F. de Sta Margarida, no T. de Abrantes; assim como o L. da Coutada na mesma F. em que não falla a *E. P.*

O casal ou q.[ta] da Coutada que dá o nome á F. vê-se no mappa, junto ao C. de ferro, na estr.[a] para o Tramegal.

P...	C.	230	
	A.	261	
	E. P.	274	980
	E. C.		1027

MONT'ALVO

(3)

Ant.[a] F. de Nossa Senhora d'Assumpção (Annunciação no *D. C.* do sr. Bett.) de Mont'alvo, cur.[o] annual da ap. do vig.[o] da V.[a] de Punhete, no T. da V.[a] d'Abrantes.

Está sit.[o] o L. de *Mont'alvo* ou Monte alvo 2[k] ao N. da m. d. do Tejo, 3[k] a E. S. E. da m. e. do Zezere, na estr.[a] real de Abrantes para Santarem. Dista de Constancia 4[k] para E.

Compr.[e] mais esta F. os log.[es] de Monte-alvinho, os casaes de Olho Marim, Lameira, Carrapateiro; e a q.[ta] de José dos Santos Gouveia.

Vem mencionados em Carv.[o] os log.[es] de Montalvinho, Olho Marinho, Lameira.

P...	C.	80	
	A.	152	
	E. P.	150	538
	E. C.		558

Havia no L. de Mont'alvo em 1708 uma ermida de S. Sebastião.

CONCELHO DE CORUCHE

(g)

ARCEBISPADO DE EVORA

COMARCA DE BENAVENTE

CORUCHE

(1)

Ant.ª V.ª de Coruche na ant.ª com. de Aviz. Era da ordem de Aviz.

Hoje é cab.ª do actual conc.º de Coruche.

Está sit.ª em a parte plana de um valle, ficando-lhe para o lado do N. um monte onde antigamente estava o castello, na m. d. do rio Sorraia, onde tem bella ponte, com dilatada varzea, $4\,^1/_2{}^1$ a E. S. E. da m. e. do Tejo. Tem estr.^{as} para Abrantes, para Almeirím, para Salvaterra, para Alcochete, para Lavre, Monte Mór, Arraiollos, etc., e para Móra, Cabeção, Montargil, Aviz, Ponte de Sôr, etc. Dista de Santarem 8^1 para S. E.

Tem uma só F. da inv. de S. João Baptista, vig.ª que era da ap. d'el-rei como grão mestre da ordem de Aviz, sendo prior titular da mesma egreja o D. Prior Mór da dita ordem que apresentava dois beneficiados, e 16 a corôa pela mesma ordem, pois tinha 18, de grandes rendas que excediam a 600$000 réis cada um: os quaes beneficiados constituiam uma collegiada.

Hoje compõe-se a real collegiada de S. João Baptista de Coruche, segundo o decreto de 25 de junho de 1851, do

reitor (que é o titulo actual do parocho) e de oito beneficiados.

Compr.e esta F., além da V.a, os log.es de Azervadinha. Monte da Barca, Quinta Grande; os casaes de Almoinha de Cima, Almoinha de Baixo, Correntinhas de Cima, Correntinhas de Baixo, Romeira, Gravinha, Chão Barroso, Gamas, Amieira, Montinho de S. Romão, Machada, Mata Porco, Calabre de Cima, Calabre de Baixo, Torre, Rebolo, Vinagre, Maria do Sizo, S. Romão, Colmieirinho, Biscainho, Mata Lobos, Mata Lobinhos, Fetal, Pipa, Raposeira, Cavalleiros, Courellinha, Outeiro, Courellas, Amoreira de Baixo, Martines, Val de Boi, Figueiras, Montinho do Pinhal, Montinho de D. João, Montinho do Felicio, Montinho da Estrada, Montinho dos Alhos, Azervada, Casas Novas, Divôr, Parvoice, Pinheiro, Val de Mouro ou da Moura, Venda, Amoreira de Cima, Palhota, Pavões, Monte Velho, Bogas, Valverde, Argoladas, Fajarda, Sesmaria Nova, Paul; e as q.tas de S.to Athanasio, Hortinha, Fabrica, Corrente, Nossa Senhora da Graça, Vinha de Pedro Nunes, Vinha do Lizardo, Vinha do Bastos, Vinha da Seca, Vinha do Marques ou do Marquez, Quinta do Vinagre, Quinta da Parada, Quinta de Santo Antoninho, Fabrica de Thomaz Castello, Horta do Rocio, Horta das Figueiras, Hortas das Oliveiras, Vinha do Silva Lopes, Quinta Nova, Vinha de S.to André, Vinha da Nazareth, Horta dos Arcos, Quinta da Pires, Horta da Nora.

P. . .	C.	650	
	A.	880	
	E. P.	843	2420
	E. C.		3353

Tem casa de misericordia com um magestoso templo e um bom hospital, e em 1708 tinha um recolhimento de irmãs da ordem terceira de S. Francisco, e as ermidas de Nossa Senhora do Castello, S.to Antonio, S. Romão, S.to André, S. Pedro e Nossa Senhora da Graça.

Tem esta V.a bons edificios e duas ruas muito compridas.

É abundante de cereaes, excellentes melancias, bom vinho, gados, especialmente suino, caça e colmeias.

A V.ª é bonita, ainda que antiga, diz o *D. G.* do sr. P. L.; e a casa da camara é um bom edificio.

Os arrabaldes são aprasiveis e fertilissimos. No T. contavam-se no tempo de Carv.º 350 herdades.

Tem feira annual a 29 de setembro.

Segundo a *Geographia Commercial e Industrial* do sr. João Felix, ha n'este conc.º fabricas de cortumes.

Tem este concelho:

Superficie, em hectares	118297
População, habitantes	6729
Freguezias, segundo a *E. C.*	7
Predios, inscriptos na matriz	1814

Tem por brazão de armas um castello com duas torres lateraes, e ao centro, por cima da porta, uma moldura dourada com a imagem de Nossa Seuhora: tudo em campo branco. Isto segundo os quadros anonymos dos brazões de todas as cid.es e V.as do reino; porém, no livro dos brazões do archivo nacional da Torre do Tombo vemos no escudo sómente uma coruja em campo branco.

Rodrigo Mendes da Silva na *Poblacion general de Espãna* a julga fundada pelos gallo-celtas em 308 antes da E. V.

Caindo sob o dominio dos arabes foi restaurada em 1166 por D. Affonso Henriques que a doou á ordem de Aviz. Voltou depois ao poder dos mouros que totalmente a destruiram, sendo recobrada pelo mesmo soberano em 1182.

El-rei D. Manuel lhe deu foral em 1513.

O *D. G.* do sr. P. L. menciona mais um foral de D. Affonso Henriques em 1182, e outro de D. Affonso II em 1218.

Era alcaide mór e commendador de Coruche em 1708, D. Lourenço de Alencastre, alferes mór da ordem de Aviz, dignidade que andava annexa a esta comm.ª

Da sua illustre ascendencia trata Carv.º no vol. II pag. 603 e 604.

COUÇO

(2)

Ant.ª F. de S.^{to} Antonio de Couço, cur.º segundo Carv.º capellania segundo o *D. G. M.*, da ordem de Aviz, no T. da V.ª de Coruche.

Está sit.ª a *Aldeia de Couço* 1^{k} ao S. da m. e. do Sorraia no ponto da juncção das ribeiras Sôr e Raia. Dista de Coruche 5^{l} para E. N. E.

Compr.^{e} mais esta F. os montes (casaes) de Engal, Raivoso, Canto, Lagoiços, Roicilhos ou Boicilhos, Pinheiro, Esparteiro, Montinho, Faias, Courella do Sorraia, Solposto, Courella do Zambujeiro, Aguas Bellas, Aguas Bellinhas, Moinho da Venda, Volta do Valle, Arneiro do Touro, Courellinha, Onzenas ou Donzenas, Courellas do Divôr, Boa Vista, Aldeia Velha, Val das Palmas, Valcôvo, Caveira ou Gaveira, Carreta.

P. . .	C.		
	A.	222	
	E. P.	219.	625
	E. C.		1050

Era senhor donat.º d'este L. de Couço e egualmente da q.^{ta} do Lago (que não vem mencionada na *E. P.*) em 1708 Antonio de Brito de Menezes, de quem descreve Carv.º parte da genealogia no 2.º vol. pag. 604 a 608.

ERRA

(3)

(PATRIARCHADO)

Ant.ª V.ª da Erra, segundo Carv.º (V.ª Nova da Erra, segundo a *E. P.* e o *D. C.* do sr. Bett,) na ant.ª com. de Santarem, de que eram don.^{os} os C. d'Atalaia.

Está sit.ª em logar alto cercada por dilatados campos na m. e. da ribeira da Erra; 1^{k} a N. O. da m. d. do Sorraia.

Tem estr.as para Coruche e para Almeirim. Dista de Coruche 8k para E. N. E.

Tem uma só F. da inv. de S. Matheus, prior.o que era da ap. dos C. d'Atalaia.

Compr.e esta F., além da V.a (que o *D. C.* considera ext.a), os casaes de Retiro, Mourão, Moinho do Lagar, Farinheira, Alegrete, Acipreste, Paul, Juncal, Corredoura, Moinho do Alves, Feixe, Barrancosas, Concelhos, Bicas, Cortiçada, Cascalheira, Montinho da Vinha, Horta do Telheiro, Marateca de Pereira, Marateca da Cruz, Val Vidro, Val Mosteiro, Vaje de Agua, Catarroeira, Pé de Erra, Moinho do Couto, Barbas; e as q.tas de Montinho, Barbas, Maia.

P.	C.	200	
	A.	150	
	E. P.	154	620
	E. C.		679

Antes da extincção das ordens religiosas em Portugal tinha um convento da terceira ordem de S. Francisco, fundado em 1582.

É abundante de trigo, centeio, milho, gado e caça.

As aguas não são boas, e o clima não é muito sadio, pela visinhança das ribeiras e sobretudo de alguns bréjos e paúes.

Tem feira annual na 1.a oitava da pascoa.

Deu-lhe foral el-rei D. Manuel em 1514.

Gaspar Barreiros, situa n'este local a antiga *Aritium Praetorium* dos romanos.

LAMAROSA

(4)

(PATRIARCHADO)

Ant.a V.a das Enguias ou Lamarosa, na ant.a com. de Santarem, de que eram don.os os Telles de Menezes.

Está sit.a em um valle cercada de montes sobre a ribeira Lamarosa, 4l a E. da m. e. do Tejo. Dista de Coruche 3l para N. N. E.

Tem uma só F. da inv. de S. José, prior.º que era da ap. do don.º

P...	C.	50	
	A.	56	
	E. P.	62.	255
	E. C.		284

É abundante de centeio, gado, caça, montados e colmeias.

Carv.º na *Chorographia* vol. III, pag. 272 e 273 traz parte da ascendencia dos Telles de Menezes.

O *D. C.* considera Lamarosa V.ª ext.ª

MATTO (ALDEIA DO) E S. TORQUATO

(5)

Ant.ª F. de Sant'Anna da Aldeia do Matto, capellania da ap. *ad nutum* do arcepispo, no T. da V.ª de Coruche; á qual está hoje annexa a ant.ª F. de S. Torquato que era do mesmo T. de Coruche.

Está sit.º o L. de *Sant'Anna* entre dois regatos que formam uma pequena ribeira aff.^{e} da Divôr, uma legua ao S. da m. e. d'esta, 14^{k} a S. E. da m. e. do Sorraia. Dista de Coruche 17^{k} para S. E.

Compr.^{e} mais esta F. os casaes de Fonte de Pau, Carregouceira, Carregouceirinha, Caracha, Moinho de Bento Ferreira, Poços, Carapuções ou Carrepeçaes, Agua do Conde, Porjoeira ou Abrejoeira, Zambugeiro, Escorvas, Maria Cabeça, Formosa, Montinho, Corunheiro, Onzenas (Donzenas no mappa) de Baixo, Onzenas de Cima, Onzenas do Meio, Terrafeirinho, Cruz, Val de Mulheres, Moinho de Verdugo, Verdugo de Baixo, Verdugo de Cima, Verdugo do Meio, Bachareis, Chapeleirinho, Crozetinho ou Cruzetinhas, Carregaes, Moinho dos Carregaes, Cabeça do Marco, S. Torquato, Feteira.

P...	C.........		
	A.........	138	
	E. P.......	100...............	412
	E. C..........................		573

No *M. E.* de 1840 vem mencionadas como annexas a esta F. as de S. Torquato e Peso, esta é hoje independente segundo a *E. C.*; a de S. Torquato tem, segundo a *E. P.*, 48 fogos, 193 habitantes, que vão já incluidos.

PESO

(6)

Ant.ª F. de Nossa Senhora do Peso, cur.º annual da ap. do arcebispo, no T. da V.ª de Coruche.

Está sit.º o L. de *Peso* 1ᵏ a S. O. de uma pequena ribeira aff.ᵉ da ribeira de Vide, na estr.ª de Coruche para Monte Mór.

Dista de Coruche 6ˡ para E. S. E.

P...	C..........		
	A..........	58	
	E. P........	Não vem na *E. P.*	
	E. C..........................		273

A antiquissima imagem de Nossa Senhora do Peso, diz o *D. G. M.*, é de marfim, de um palmo de altura e lindíssima; consta que apparecera em uma aroeira que os naturaes ainda mostram, dizendo ser a mesma arvore em que a imagem appareceu, não obstante o decurso de muitos seculos.

SANTA JUSTA

(7)

(PATRIARCHADO)

Ant.ª F. de Santa Justa, seg.º Carv.º, ou Santa Justa e Rufina segundo a *E. P.*, cur.º da ap. do prior da V.ª da Erra, no T. da mesma V.ª

Está situada a *Aldeia de Santa Justa* ½ᵏ ao N. da

m. d. do Sorraia, na estr.ª de Coruche para Montargil e Ponte de Sôr. Dista de Coruche 5[1] para E. N. E.

Compr.e mais esta F. os log.es de Beco, Bairro Alto; e os casaes e H. I. de Couço Velho, Monte do Moinho, Entr'aguas, Amoreira Alta, Gato, Casas Novas, Val dos Telles, Cadouças, Ramalho, Monte do Valle, Assorda, Pero Martins, Montinho Novo, Escusa, Monte da Escusa, Montinho do Corvo, Teixugueira, Ferrador, Val de Sobreiros, Minhoto, Figueiras, Sesmaria Velha, Sanguinheira, Mourarias ou Moradias.

P. . .	C.		
	A.	108	
	E. P.	109.	400
	E. C.		518

CONCELHO DE FERREIRA DO ZEZERE

(h)

BISPADO DE COIMBRA

COMARCA DE THOMAR

AGUAS BELLAS

(1)

Ant.ª V.ª de Aguas Bellas na ant.ª com. de Thomar, de que eram don.os os morgados de Aguas Bellas, Sodrés Pereiras Tibaus.

Está sit.ª em logar baixo cercada de soutos e arvoredos frutiferos que fazem o sitio mui alegre e aprasivel. Dista de Ferreira do Zezere 1k para N. O.

Tem uma só F. da inv. de Nossa Senhora da Graça, prior.º que era da ap. dos morgados de Aguas Bellas.

Compr.e esta F., além da V.ª, que o *D. C.* considera ext.ª, os log.es de Outeiros, Varella, Besteiras, Carvalhal, Barcae, Casal Novo, Boa Vista, Bemfica, Matta, Casal Fundeiro, Penas Alves (Penas Alvas no mappa), Casal da Varella, Varellinha, Casas Novas, Val do Olival, Cazalinho, Porto da Romã, Valle, Congeitaria, Cumbada ou Combada; os casaes da Pinheira, Sobreiras, Porto Olheiro, Lameiros; e as q.tas d'Alegria, do Valle (ou do Valle Lameirão e n'este caso não ha a seguinte), Lameirão, Carvalheira.

Vem mencionados em Carv.º os log.es de Outeiros, Varella, Besteira de Baixo, Besteira de Cima, Besteira do

Meio Casal Novo, Matta, Penas Alves, Varellinha, Porto da Romã, Valle, Congeitaria, Cumbada, Lameiros.

P...	C..........	180		
	A..........	242		
	E. P.......	253	....	1001
	E. C...........................			1008

Recolhe trigo, milho, cevada, muita castanha e fruta, algum vinho, muito azeite e muita madeira de castanho.

Tem muitas fontes de agua tão excellente que mereceram para a V.ª o nome que lhe é dado.

Proximo da V.ª ha uma serra inculta que terá $^1/_2{}^1$ de N. a S. e outro tanto de E. a O. pela falda da qual corre o rio Zezere, e n'este sitio se encontrava em suas areias algum oiro (diz o *D. G. M.*) durante o verão; e sendo poucos os que se occupavam n'este trabalho e isto por pouco tempo, não lhes provinha mais lucro que o de 300 réis diarios.

Tem feira franca em 27 de agosto.

Não se sabe, diz Carv.º, qual o principio d'esta V.ª, e sómente que foi q.^{ta} honrada e muito antiga, pois que já em 1394 tinha jurisdicção, como consta da doação confirmada por el-rei D. Pedro I feita a Rodrigo Alvares Pereira, seu primeiro donatario, cuja descendencia descreve o mesmo auctor na *Chorographia* vol. III, pag. 200 a 212. É a mesma familia dos morgados de Aguas Bellas de que acima fallámos, cujo representante em 1708 era Duarte Sodré Pereira, capitão de mar e guerra e governador da ilha da Madeira; mas depois em 1758 já usava esta familia mais outro appellido, Tibau.—D. João I passando n'esta povoação em companhia do grande condestavel em 1390 a fez V.ª com o nome que tem, pela excellencia de suas aguas e lhe deu foral que depois el-rei D. Manuel reformou em 1513.

AREIAS

(2)

(PATRIARCHADO)

Ant.ª F. de Sta Maria das Areias que em tempos ainda

mais remotos se chamou das Arenas das Pias; mas a inv. é de Nossa Senhora da Graça, vig.ª da ordem de Christo, no T. da V.ª das Pias.

Está sit.ª a egreja parochial sobre um pequeno regato aff.ᵉ da ribeira das Pias, 2ᵏ a E. da estr.ª de Thomar a Coimbra.

Dista de Ferreira do Zezere 8ᵏ para N. O.

Compr.ᵉ esta F. os log.ᵉˢ de Gontijas, Portella, Ave Casta, Mattos, Milheiros, Aldeia dos Gagos, Freixial, Fonte da Figueira, Menexas, Val do Rodrigo, Pinheiro, Cumunaes, Rego da Murta, Pereiro, Casal da Farroeira, Farroeira, Telhadas, Cidral, V.ª Verde, Daporta ou Aldeia da Porta, Venda dos Tremoços, Fonte da Lage, Serra do Ballas, Serra dos Baleeiros, Barbatos ou Barbateiros, Lagôa; os casaes de S. Domingos, Passo, Casal Novo, Bejota, Sobreira, Calçadas, Ponte de Ceras, e os denominados propriamente casaes; e a q.ᵗᵃ da Torre da Murta.

Vem mencionados em Carv.º os log.ᵉˢ de Gontijas, titulo de comm.ª com uma ermida de S.ᵗᵒ Amaro, Aldeia dos Gagos, com uma dita de S. Simão, Menexas com uma dita de S. Jordão, Rego da Murta com uma dita de S.ᵗᵒ Agostinho, Farroeira com uma dita de S.ᵗᵃ Catharina, Telhadas com uma dita de S.ᵗᵃ Appolonia, Ponte de Ceras com uma dita de S.ᵗᵒ Antonio, Mattos com uma dita do Salvador, Malheiros com uma dita de S. Francisco, Ave Casta com uma dita de S. João.

Pouco acima da ermida de S. João ha uma lapa, obrada pela natureza, mas que parece artificial. A entrada é um perfeito arco de 40 palmos de largura e 15 de altura, e dentro é de abobada mui espaçosa onde se anda á vontade: no fim da gruta tem uma furna escura que ainda ninguem soube aonde vae acabar. Tambem proximo ao dito L. de Ave Casta ha uma grande lagôa formada pelas aguas da chuva, mas nos annos enxutos semeam a terra e dá muito trigo, chamam-lhe os naturaes a *maré*.

Na quinta chamada da Torre da Murta havia uma torre de que era senhor Luiz Correia da Silva, a qual torre dizem

foi habitada em remotos tempos por uma especie de gigante chamado o ladrão Gaião, e proximas estão duas sepulturas em uma das quaes se julgava estar o corpo do mesmo gigante, mas sendo aberta por mandado do infante D. Luiz, nada se encontrou dentro. E d'este ladrão Gaião falla M. L. de Andrade na parte historica da *Miscellanea.*

O L. de Ponte de Ceras está sobre a ribeira de Ceras, corrupção de Ceres, nome que lhe davam os romanos pela muita fertilidade dos campos que atravessava, e proximo estava o castello de Ceras que foi dos Templarios por doação de el-rei D. Affonso Henriques.

P...	C..........		
	A..........	560	
	E. P........	555..............	1900
	E. C........................		2239

Em 1708 era a egreja parochial sumptuosa e de 3 naves, de frontespicio elegante, torre proporcionada, alpendre sobre columnas para resguardo da porta principal, espaçoso adro sombreado por altos choupos, e em sitio mui alegre ao pé de um monte onde começa a serra de S. Saturnino, para o N. da ribeira das Pias.

BECO

(3)

Ant.ª F. de S.^{to} Aleixo no L. do Beco, vig.ª da ordem de Christo, filial da de Nossa Senhora do Pranto, no T. da V.ª de Dornes.

Está sit.º o L. do *Beco* proximo á serra de S. Paulo, 1^k a O. S. O. da m. d. do Zezere. Dista de Ferreira do Zezere 2^l para o N.

Compr.^{e} esta F. os log.^{es} de Rebalvia, Martim Braz, Cruz dos Canastreiros, Rol, Portella do Braz, Janalvo, Janaffonso, Ventoso, Outeiro do Marco, Carraminheira, Horta Nova, Madroeira, Alqueidão, Crujeira, Milharadas, Fonte Seca, Carvalheira, Guinchosos, S. Jordão, Val da Carreira, Casalzote, Portella, Guardão, Souto; os casaes da Rica, dos Nabos; e

as q.^{tas} ou H. I. do Telhado, Entre Vallados, Ribelles, Pecoinas, Ribeira do Braz, Castello de S. Jordão.

Parte do L. de Portella do Braz pertence quanto ao espiritual á F. de Rego da Murta e quanto ao civil pertence todo o dito L. a Alvaiazere.

No L. chamado S. Jordão, pela ermida d'este S.^{to} que se arruinou e depois se edificou no L. do Menexas, da F. de Areias, ha uma fonte que, segundo diz Carv.^{o}, era medicinal contra a sarna, assim como egualmente o era a agua da ribeira proxima.

Vem mencionados em Carv.^{o} Ribalvia, logar grande com uma ermida de S. Pedro, Val de Carreira, Telhado, Ral, Picoinas, Martim Braz, Casal da Rica, Casal de Joanne Affonso, Ventoso, Casal dos Nabos, Caraminheira, Outeiro do Marco, Madroeira, Alqueidão com uma ermida de S.^{to} Amaro, Casal de Zote, Portella de Braz, Janalva, Ribellas, L. ant.^{o} que teve 250 fogos, *ha menos de 50 annos* (corresponde ao anno de 1658) tinha 35, e *hoje* (1708) só tem 9; sendo causa d'esta diminuição o solitario do seu sitio que é em um valle mui sombrio, passando os moradores a habitar o L. do Beco e outros de mais commodidades: tinha o dito L. uma ermida de S.^{to} Antonio, e na estr.^{a} que vae do Beco para Alvaiazere, ha outra ermida de Nossa Senhora da Orada.

Todos estes menciona Carv.^{o} como log.^{es}, ainda que venham na *E. P.* alguns com o nome de casaes e outros de quintas.

P...	C.	223	
	A.	290	
	E. P.	302	1236
	E. C.		1220

Era a egreja parochial em 1708 templo muito grande e magestoso, de 3 naves, côro espaçoso, boa torre, tudo feito á custa dos moradores, que n'esses tempos festejavam o seu padroeiro com danças, comedias e corridas de touros.

O L. do Beco era dos maiores e mais nobres da com. de Thomar, e já teve (diz Carv.^{o}) 180 fogos, em 1708 tinha 60.

Havia tambem no dito L. as ermidas de S.[ta] Catharina, junto á egreja parochial, e as de S. Geraldo, Nossa Senhora da Esperança e S. Sebastião.

Tinha duas fontes de excellente agua, uma d'ellas com uma elegante piramide e escudo de pedra com as quinas reaes, a qual mandou fazer o commendador mór D. Manuel de Moura Corte Real, M. de Castello Rodrigo.

Tem feira annual no primeiro de setembro.

É terra fertil, diz o *D. G.* do sr. P. L. muito abundante de castanhas e de madeiras que exporta em grande quantidade para Lisboa.

CHÃOS

(4)

(PATRIARCHADO)

Ant.[a] F. de S. Silvestre no L. de Chãos, vig.[a] que segundo a *E. P.* era da ordem de Christo, no T. da V.[a] das Pias.

Está sit.[o] o L. de *Chãos* sobre uma pequena ribeira aff.[e] do Nabão, $3\,{}^1/_2{}^k$ a O. da estr.[a] de Thomar a Coimbra. Dista de Ferreira do Zezere 12^k para O. N. O.

Compr.[e] mais esta F. os log.[es] de Canos ou Cumes, Cumeada, Portelinho, Olival, Carrascal, Pinheiros, João Prestes, Fonte, Laranjeira, Capazilios ou Capazilias, Cabeça, Casal de S.[ta] Iria, Ovelheiro ou Ovelheira, Almogadel, Travessa, Quebrada.

Vem mencionados em Carv.[o], além do L. de Chãos séde da egreja parochial, os log.[es] de Cabeça com uma ermida de Nossa Senhora da Conceição, Ovelheiras com uma dita de S.[ta] Catharina, Casal de S.[ta] Iria, Quebrada com uma ermida de S. Simão, Almogadel com uma ermida de S.[ta] Casta, que tomou o nome de outra que havia no L. de Ave Casta (hoje F. de Areias), chamada S.[ta] Casta a Velha, Cumes com duas ermidas Nossa Senhora da Encarnação e S. Sebastião, Olival, Jam Prestes com duas ermidas S. Pedro e S. Sebastião, Pinheiros, Carrascal.

P...	C..........		
	A..........	195	
	E. P........	207...............	830
	E. C............................		852

Além da egreja parochial havia em 1708 no L. dos Chãos uma ermida de Sta Barbara.

Ha n'esta F. (diz Carv.^{o}) um grande poço que chamam da Silveira, cuja agua faz logo cair da boca do gado as sangue-sugas que se lhe tenham pegado: e no caminho do L. do Jam Prestes para o dos Pinheiros um outro pocinho, que está entupido, cuja agua sara aos que tem chagas na boca.

DORNES

(5)

Ant.^{a} V.^{a} de Dornes na ant.^{a} com. de Thomar.

Era da ordem de Christo, e ultimamente da casa de Bragança.

Está sit.^{a} a egreja parochial da V.^{a} no alto de um penhasco, na m. d. do Zezere, a E. de uma pequena ribeira muito profunda que tem o nome de ribeira de Dornes. Na ladeira d'este penhasco fica a V.^{a} de Dornes, em sitio melancolico, entre altas serras e outeiros de matto e arvoredo silvestre.

Dista de Ferreira do Zezere 11^{k} para N. N. E.

Tem uma só F. da inv. de Nossa Senhora do Pranto, vig.^{a} que era comm.^{a} da ordem de Christo, da ap. da mesa da consciencia; e o seu vig.^{o} freire professo da dita ordem.

Compr.^{e} esta F., além da V.^{a}, os log.^{es} de Frazoeira, Carril, Salão, Rio Fundeiro, Rio Cimeiro, Val do Serrão (Val do Serão no mappa); os casaes de Carril, Casalinho das Quintas, Cagida, Estrada, Casal da Matta, Albardão, Junqueira, Barrada ou Bairrada, Casal de Ascenso Antunes; e as q.^{tas} de Matta de Cima, e Matta de Baixo.

Vem mencionados em Carv.^{o} os log.^{es} do Val do Serrão, Rio Fundeiro, Rio Cimeiro, Frazoeira com uma ermida de

Nossa Senhora da Purificação, Quintas e Casal da Matta com uma ermida de S.^{to} Antão Abbade, que mandou fazer D. Isabel de Sousa, irmã do commendador mór D. Gonçalo de Sousa; a qual matta era povoada de espessos castanheiros e carvalhos de notavel grandeza onde se creavam muitos veados, corças e porcos montezes, e ali se iam recrear os commendadores móres fazendo montarias.

P. . . { C. . . . . 132 (V.^{a} 30, T. 102)
A. 204
E. P. 208. 963
E. C. 1011

Em 1708 havia n'esta V.^{a} 3 ermidas, S.^{to} Antonio, Sta Catharina e Nossa Senhora da Graça, que foi hospital.

Tinha n'esse tempo 4 ruas em fórma de cruz, de modo que estando no centro se viam todas.

Segundo Carv.^{o} deve esta V.^{a} a sua fundação a uma imagem de Nossa Senhora que appareceu na Serra de Vermelha (que fica da outra banda do rio, junto ao Casal de V.^{a} Gaia na F. de Sernache do Bom Jardim) e foi collocada em uma egreja que sobre o penhasco mandou construir a rainha Sta Isabel (a quem se deu parte do acontecimento) ficando dividida de uma torre antiga que no sitio havia e dizem obra dos Templarios.

Concorrendo muita gente por devoção áquelle local ali se formou a povoação que, segundo a tradição, a mesma santa rainha quiz se chamasse das Dores, por ser a invocação que tinham dado á imagem apparecida.

El-rei D. Manuel lhe deu foral em 1513.

Foi doada á ordem de Christo e constituida comm.^{a} maior da dita ordem, que andava na illustre familia dos Sousas, vindo por fim a pertencer á casa de Bragança, de que a mesma famillia era ramo, como descendente de Martim Affonso Chichorro filho natural de D. Affonso III.

Um dos commendadores móres, D. Gonçalo de Sousa, mandou fazer mais espaçoso templo, como consta de um letreiro que estava junto á porta principal, tendo por cima o brasão do mesmo commendador mór.

Este letreiro ainda viu e trasladou Carv.º (vol. III pag. 206 e 207) e tem a data de 1453.

Ainda teve nova reedificação ou acrescentamento a dita egreja em 1692.

A este templo concorrem muitas romarias e ainda em 1708 havia cirio annual de 34 FF. por seu turno, com procissões e grande festividade.

Produziu sempre esta V.ª de Dornes e seu termo (diz Carv.º) homens de grande espirito e talento, assim em armas como em lettras: d'onde procede haver muitas casas antigas e nobres, e familias de illustres appellidos, tendo tambem vindo alguns de fóra, porque pela fama da honestidade das mulheres tem sido procuradas para casamento por cavalheiros de differentes terras, que mais apreciam este dote do que o cubiçado pela ambição em perpetuo desdouro da nobreza.

Segundo o *D. G.* do sr. P. L. teve esta V.ª por armas o brazão de S.ta Isabel—escudo esquartellado, no 1.º e 4.º quartel as quinas portuguezas no 2.º e 3.º em cada um um leão. As actuaes são um escudo bipartido, da parte direita as quinas e da parte esquerda uma cruz floreada.

Não vem no livro dos brazões da Torre do Tombo.

FERREIRA DO ZEZERE

(6)

Ant.ª V.ª de Ferreira, na ant.ª com. de Thomar. Era comm.ª da ordem de Christo, do C. das Sarzedas.

Hoje é cab.ª do actual conc.º de Ferreira do Zezere.

Está sit.ª em planicie com boas entradas (mas o terreno circumvizinho para a parte do Zezere é fragoso, de muitas serras e penhascos) uma legua a O. da m. d. do Zezere. Tem estr.ªs para Thomar e para a Certã. Dista de Santarem 15^{1} para N. E.

Tem uma só F. da inv. de S. Miguel, prior.º que era da ordem de Christo.

Compr.e esta F., além da V.ª, á qual dá a *E. P.* 29 fo-

gos, os seguintes log.es e casaes com os fogos que lhes vão designados:

Log.es: Casal d'Além 8; Levegada 16; Fonte da Prata 5; Porto de Thomar (Porto de Mar no mappa) 16, mencionado em Carv.º com 7; Val dos Sachos 4, mencionado em Carv.º com 3; Casal da Rainha 8; Casal da Ribeira 10; Val da Figueira 14, mencionado em Carv.º com 6; Casaes 30, idem 9; Carvalhaes 32, idem 23; Pardiellas 34, idem 16; Vimeiro 4; Cardal 19, mencionado em Carv.º com 4; Bairrada 8, idem com 4; Bairradinha 11; Castanheira 16, mencionado em Carv.º com o L. de S. Pedro 4; Pombeira de Cá 24, mencionado em Carv.º este e o seguinte juntos com 15; Pombeira d'Além 13; Cabeçadeira 2, vem mencionado em Carv.º, Cabeça dura com 4; Maxial 5, mencionado em Carv.º com 6; Maxieira (Ameixieira no mappa) 20, Maxieira em Carv.º com o seguinte juntos, 8; Portinha 28; Castello 26, mencionado em Carv.º com 10; Chã da Serra 31, idem com 21; Casal da Cruz 8; Cabeça do Carvalho 8, mencionado em Carv.º com 8; Cerejeira 19, em Carv.º dois log.es juntos 7; Carvalhal 9, mencionado em Carv.º 5; Cubo 12, idem com 6; Quinta do Loureiro 6.

Os casaes da Quinta Nova 1, de Adeixeira 1, de Linhares 1.

P...	C..........	16	
	A..........	475	
	E. P........	478..............	2054
	E. C..........................		1887

Da m. d. do Zezere se eleva um alto monte separado dos outros, o qual tem no cume uma ermida de S. Pedro onde concorrem muitas romarias: é de cantaria e sobre a porta tem lettras gravadas em uma pedra partida pelo meio e só póde perceber-se (diz Carv.º) que falla em uma D. Antonia, constando por tradição que na margem do rio, no sitio da Castanheira, houvera antigamente um conv.º da ordem de S. Bernardo, que se extinguiu, e da cantaria das ruinas se edificou a dita ermida de S. Pedro; e que por aquelles outeiros se acham sepulturas, com fórma de caixas, que di-

zem ser de mouros (sabe Deus de quem seriam) mas que nada se tem encontrado dentro.

Tanto o L. da Castanheira como a ermida de S. Pedro estão indicados no mappa topographico junto á m. d. do Zezere.

Na casa da camara tambem ha uma pedra com letras gothicas, as quaes já se não podem ler; e em uma tapada que se chama o *pomar* vêem-se ainda ruinas da casa nobre que habitaram os commendadores.

É abundante de azeite, castanhas e frutas: recolhe sufficiente vinho e tem abundancia de peixe do rio.

Tem excellentes aguas em mais de 150 fontes entre V.ª e meia legua de terreno em volta, segundo diz Carv.º

É sadia e mui lavada de vento N.

Tem feira annual em 17 de julho.

Tem este concelho:

Superficie, em hectares	17246
População, habitantes	10777
Freguezias, segundo a *E. C.*	9
Predios, inscriptos na matriz	14058

Segundo o *D. G. M.*, data a fundação d'esta V.ª do seculo XV.

Foi doada á ordem de Christo e constituida comm.ª da mesma ordem, a qual andava na casa dos C. de Sarzedas, que tambem eram seus alcaides móres.

EGREJA NOVA DO SOBRAL

(7)

(PATRIARCHADO)

Ant.ª F. do Espirito Santo da Egreja Nova do Sobral, vig.ª da ordem de Christo, da ap. da meza da consciencia, no T. da V.ª de Thomar.

Em 1840 pertencia esta F. ao conc.º de Thomar. Passou ao de Ferreira do Zezere pelo decreto de 24 de outubro de 1855.

Está sit.º o L. da *Egreja Nova* 1 $^{1}/_{2}{}^{l}$ a O. da m. d. do Zezere, na estr.ª de Ferreira para Thomar. Dista de Ferreira do Zezere 4^{k} para S. O.

Compr.^{e} mais esta F. os log.^{es} de Mourellinho, Castellaria=Casal da Matta, Casal da Barraca, Pegados, Pé da Serra, Hortas, Paéras ou Paieras, Serra, Poço Vaqueiro, Mattos, Azenha Nova, Ribeira Barqueira, Meneixos, Casal da Estrada, Lamaceiras, Penedinho, Tanoeiros, Couço Cimeiro, Couço do Meio, Couço Fundeiro, Couço dos Pinheiros; a q.^{ta} Nova; e a azenha da Ribeira da Louzã.

Vem mencionados em Carv.º, além do Soveral onde estava a egreja parochial e uma ermida de Nossa Senhora do Ó, os log.^{es} de Mourelinho com uma ermida de Nossa Senhora do Soccorro, Penedinho, Barqueira, Lamaceiras, Pé da Serra, no sopé de um grande monte que tem no alto uma ermida de Sta Catharina, Pegados, Castellaria, Mattas Menechos, Ribeira, Couços, Azenhas.

P. . .	C.	140	
	A.	278	
	E. P.	269.	1109
	E. C.		1194

Recolhe mediania de todos os frutos.

Parece que houve n'estes sitios mina de ferro.

É tradição que na declinação do monte por onde corre a ribeira de Bezelga, existiu d'antes a cid.^{e} de *Bezelga.*

N'este sitio ha uma fonte coberta com uma pedra e junto á mesma um nicho em fórma de torresinha com suas frestas, e dentro uma pedra branca e lisa a que o povo chama *os santos martyres,* e fazem riscos na pedra para tirarem o pó, que tomam em suas doenças.

Aqui dizem soffreu martyrio Sta Citta, e foi edificado depois um conv.º da mesma inv. (Sta Sita escreve J. B. de Castro) que era da ordem de S. Francisco, e que já pertencia ao T. da V.ª de Asseiceira.

PAIO MENDES

(8)

Ant.ª F. de S. Vicente, no L. de Paio Mendes, vig.ª da ordem de Christo e filial da F. de Nossa Senhora do Pranto da V.ª de Dornes, no T. da mesma V.ª Hoje é vig.ª independente.

Está sit.ª a egreja parochial (no L. de Castello segundo o mappa topographico) em um prado, e uma pequena ribeira aff.^{e} do Zezere a separa do L. de Paio Mendes que fica mais alto e com aprazivel vista, 3 $^{1}/_{2}{}^{k}$ a S. O. da m. d. do Zezere. Dista de Ferreira do Zezere 7^{k} para o N.

Compr.^{e} esta F., além do dito L. de Paio Mendes, os log.^{es} de Courellas, Outeiro da Frazoeira, Galeguia, Aldeia, Val de Lameiras, Ereira; os casaes de Cruz, Paio, Mau, Euchavria ou Echaria, Alqueidão, Souto da Ereira, Fartoza, Bom Vento, Castanheiro da Roda; e as q.^{tas} de Eira, Relvas, Gandra, Val de Perro, Bodegam, Serrada do Almeida, Lameirinha.

Vem mencionados em Carv.^{o}, além de Paio Mendes, os log.^{es} de Quinta da Eira com uma ermida de Nossa Senhora do Amparo, Courellas com uma dita de S. Luiz, Val de Lameiras, Eireira com uma ermida de Nossa Senhora da Conceição, Alqueidão de Paio Mendes com uma dita de S.^{to} Antonio, Souto da Eireira, antiga q.^{ta} de Jaime Cotrim, monteiro mór do infante D. Pedro, Galeguia.

P. . .	C.	108	
	A.	Não vem no *D. C.*	
	E. P.	162.	627
	E. C.		670

O nome d'esta F. deriva-se do seu fundador Paio Mendes de Vasconcellos, de familia nobilissima e em grande estimação por todo o T. da V.ª de Dornes.

Vem indicada no mappa topographico sob o nome de Castello, e quanto ao L. de Pai Mendes mostra ser apenas um casal.

PIAS

(9)

(PATRIARCHADO)

Ant.ª V.ª das Pias na ant.ª com. de Thomar. Era do mestrado da ordem de Christo.

Está situada em aprasivel terreno, mas cercado de altos montes, entre estes se conta a serra de S.ta Catharina (por uma ermida d'esta S.ta que tem no alto) e d'onde se avista o Tejo e campos de Santarem; estas serras abrigam e amparam a V.ª dos ventos e nevoeiros do S. e O. e pelos valles é franqueada aos sadios do N. e N. E., de sorte que de verão é mui fresca e saudavel, superior ás inundações da ribeira, e aproveitando-se da sua utilidade, pois fertilisa as suas terras de modo que os romanos lhe chamavam ribeira de Ceres e d'ahi proveiu o nome ao L. de Ceras: fica $^1/_2$k a E. da dita ribeira das Pias, e 8k a O. da m. d. do Zezere. Dista de Ferreira do Zezere uma legua para N. O.

Tem uma só F. da inv. de S. Luiz, B. de Tolosa, que era vig.ª da ordem de Christo e da ap. do rei como granmestre da dita ordem, da qual tanto o vig.º como o coadjutor eram freires professos.

Compr.e esta F., além da V.ª, os log.es de Alqueidão, Castello, Sobreiro, Rapozeira, Robeira, Pomar, Telheiro, Peniçal, S. Marcos, Ponte do Taboado, Moinho, Val de Run, Ameal; os casaes de Portellinha, Carvalha, Carvalheira, Olivaes, Ponte das Pias, Matto.

Vem mencionados em Carv.º os log.es de Alqueidão com uma ermida de S.to Antonio, S. Marcos com uma dita d'este santo.

P...	C...........		
	A...........	160	
	E. P.........	163..............	502
	E. C.........................		696

Em 1708 tinha a V.ª uma ermida de S.to Antonio que em tempos mais remotos fora séde da parochia, com a inv. de S. Luiz, séde que em 1588 foi transferida para a nova egreja de S. Luiz, a qual segundo diz Carv.º é magestosa.

É abundantissima de trigo, milho, centeio, cevada, hortaliças, legumes, frutas, sobretudo ameixas de que fazem excellentes passas, vinho tem o sufficiente, mas generoso.

É muito abundante de castanhas, de azeite, de gados (especialmente suino), de caça rasteira e do ar, e de aves domesticas, especialmente galinhas e perus.

Tem muitas fontes de excellente agua.

O clima, como já dissemos, é sadio, e os homens, segundo diz Carv.º, robustos e duros como os proprios penedos, e tem dado soldados valorosos.

Emfim esta V.ª, diz o mesmo auctor, é pequena em espaço, populosa no seu termo, nobre pelos seus moradores, abundante pelos seus frutos, e sadia pelos seus ares e excellentes aguas.

Julga-se ter sido fundada esta povoação pelos cavalleiros Templarios, assim como as visinhas FF. de Areias ou Arenas de Pias, S. Silvestre dos Chãos e a de Alviubeira; e pela amenidade e fertilidade dos sitios foi augmentando a população, até que passando por ali el-rei D. João III, se hospedou uma noite no L. das Pias, em umas casas que ainda existem, diz Carv.º, e que eram de Jeronymo de Souza; e satisfeito o soberano com a pompa do recebimento, riqueza e trato nobre e urbano dos seus moradores elevou o L. á categoria de V.ª por alvará de 25 de fevereiro de 1534.

Tinha a V.ª duas comm.as da ordem de Christo, uma do mestrado da mesma ordem que pertencia a el-rei como gran-mestre, e outra chamada das Gontijas de que era commendador Jorge de Mesquita da Silva.

Tinha além d'isso muitos morgados e familias nobilissimas, de que ainda hoje existem algumas.

O nome d'esta V.ª (ou para melhor dizer o do ant.º L. de Pias) se deriva, segundo Carv.º, de dois grandes tanques,

cavados ambos em uma só pedra, adjuntos a um grande chafariz que está á entrada da povoação, porque a esses taes tanques chamam *pias*.

As armas ou brazão da V.ª é a imagem de Nossa Senhora da Piedade, talvez, diz o mesmo auctor, em allusão ao nome da V.ª (?).

CONCELHO DA GOLLEGÃ

(1)

PATRIARCHADO

COMARCA DE TORRES NOVAS

GOLLEGÃ

(1)

Ant.ª V.ª da Gollegã na ant.ª com. de Santarem.

Hoje é cab.ª do actual conc.º da Gollegã.

Está sit.ª em logar plano com dilatados campos, $^1/_2{}^l$ a N. O. da m. d. do Tejo, 3 $^1/_2{}^k$ a S. E. da estação de Torres Novas (C. de ferro do N.) Tem estr.^{as} para a Barquinha, para Thomar e para Torres Novas. Dista de Santarem 5 $^1/_2{}^l$ para N. E.

Tem uma só F. da inv. de Nossa Senhora da Conceição, vig.ª do padr.º real segundo Carv.º e *D. C.*, da ap. do D. de Lafões, segundo a *E. P.* Hoje é prior.º

Compr.^{e} esta F., além da V.ª, as q.^{tas} da Labruja e das Almas; e uma H. I. em S. Miguel.

Vem mencionada em Carv.º a q.^{ta} da Labruja, que pertenceu ao collegio da Companhia de Jesus, de Santarem.

P...	C.	630	
	A.	793	
	E. P.	848	3241
	E. C.		3734

A egreja parochial é fundação d'el-rei D. Manuel.

Tem casa de misericordia e hospital.

Em 1708 havia na V.ª as ermidas do Salvador, S. João, S.to Antonio, S. Miguel o Anjo, e no T. as de S. Caetano e S. Sebastião; e antes da extincção das ordens religiosas em Portugal tinha um conv.º da ordem de S. Francisco, da inv. de S.to Onofre, fundado em 1519.

É abundante de trigo, milho, centeio, legumes, vinho, azeite e gados.

São bem conhecidos os vastos e ferteis campos da Gollegã, que o Tejo innunda com as suas enchentes.

Tem casas de boa apparencia e de ricos lavradores. Uma das melhores, segundo lemos no *D. G.* do sr. P. L. é do sr. Carlos Relvas.

Tem uma grande feira em 11 de novembro que dura 8 dias (3 dias franca) onde concorre gente de toda a parte do reino e até da Hespanha.

Tem este concelho:

Superficie, em hectares	4088
População, habitantes	3734
Freguezias, segundo a *E. C.*	1
Predios, inscriptos na matriz	2151

Dizem ser a primitiva povoação fundada por uma mulher gallega, que ali estabeleceu estalagem, e que da dita gallega se deriva o nome actual com pequena corrupção.

O brazão d'armas da V.ª é, segundo os quadros anonymos, aos quaes por vezes nos temos referido, uma mulher (que querem seja a mesma gallega) segurando na mão uma infusa, sobre chão escuro, em campo verde.

Não vem no livro dos brazões da Torre do Tombo.

CONCELHO DE MAÇÃO

(j)

BISPADO DE CASTELLO BRANCO

COMARCA DE ABRANTES

BELVER

(1)

(PATRIARCHADO)

Ant.ª V.ª de Belver na ant.ª com. do Crato.

Está sit.ª na m. d. do Tejo, cercada de muitos olivaes com varias q.tas que a fazem muito alegre e sadia, na elevação de 80m com bella vista, d'onde lhe provém o nome. Tem estr.ª para Mação e atravessado o Tejo estr.ª para o Gavião. Dista de Mação 9k para S. E.

Tem uma só F. com a inv. de Nossa Senhora da Visitação, vig.ª da ap. do grão prior do Crato.

Compr.e esta F., além da V.ª (que o *D. C.* chama V.ª ext.ª), os log.es de Torre Fundeira, Portella, Torre Cimeira, Arriache Fundeira, Arriache Cimeira, Domingos da Vinha, Furtado, Val do Coelho, Villar de Mó, Val de Pedro Dias, Outeiro Cimeiro, Outeiro Fundeiro, Azinheira, Areia, Alvisquer; e as H. I. de Marco Branco, Alfanzirão, Salgueiro, Monte Alegre.

P.	C.	300	
	A.	340	
	E. P	340	2000
	E. C.		1479

Tem casa de misericordia e hospital.

Em 1708 tinha as ermidas: de S. Braz, dentro do Castello, em a qual o infante D. Luiz filho d'el-rei D. Manuel depositou varias reliquias que se mostram ao publico no dia de S. Braz e nas duas festas da Sta Cruz; Nossa Senhora do Pilar, Espirito Santo, S. Sebastião, S. Miguel, S. Pedro, S. João Evangelista, Sta Maria Magdalena, Nossa Senhora das Sete Fontes.

O castello que está no mais alto da V.ª é obra ou reedificação do condestavel D. Nuno Alvares Pereira, e era seu alcaide mór, em 1708, D. Francisco de Souza, capitão da guarda real allemã.

Pelo mappa topographico mostra-se ter havido fortificação mais moderna.

É abundante de todos os frutos (excepto vinho, diz o *D. G.* do sr. P. L.) e tem muitos gados e colmeias: sendo tambem abundante de boas aguas.

Tem feiras annuaes em 3 de fevereiro, 3 de maio e 14 de setembro conforme o dito *D. G.*

Deu-lhe foral el-rei D. Manuel em 1518.

CARVOEIRO

(2)

(PATRIARCHADO)

Ant.ª V.ª de Carvoeiro na ant.ª com. do Crato.

Era da ordem de Malta e uma das 12 V.^{as} do grão prior.º do Crato.

Está sit.ª parte em monte e parte em encosta, 11^{k} ao N. da m. d. do Tejo, na estr.ª de Mação para as Sarnadas. Dista de Mação 12^{k} para N. E.

Tem uma só F. da inv. de S. João Baptista, reit.ª segundo Carv.º, cur.º, segundo o *D. G. M.*, da ap. do grão prior do Crato,

Compr.^{e} esta F., além da V.ª (que o *D. C.*, chama reguengo e V.ª ext.ª dando-lhe o nome de Carvoeira) os log.^{es}

de Balancho, Fr. João, Sanguinheira, Lage, Maxieira, Capella, Peravanas Fundeira, Peravanas Cimeira, Casal d'Eira, Pereiro, Feiteira, Gallega, Rouqueira, Quebrada, Val de Pedro Annes, Eira, Val de Sant'Iago, Val das Casas Fundeiro, Val das Casas Cimeiro, Degollados.

P...	C.	150	
	A.	318	
	E. P.	324	1700
	E. C.		1409

Tem casa de misericordia e hospital.

Recolhe muita fruta, especialmente melões que são excellentes, e muito azeite (e tambem vinho, castanhas, mel e cera diz o *D. G.* do sr. P. L.)

O pelourinho d'esta V.ª era um sobreiro.

ENVENDOS

(3)

(PATRIARCHADO)

Ant.ª V.ª de Envendos na ant.ª com. do Crato. Don.º a casa do inf.º

Está sit.ª em planicie descoberta para o S. e em monte para o N., 6^k a N. O. da m. d. do Tejo, na estr.ª da Certã para a dita m. d., a qual estr.ª atravessado o rio segue para Amieira, etc.

Dista de Mação 13^k para E. N. E.

Tem uma só F. da inv. de Nossa Senhora da Expectação, vig.ª da ap. da casa do inf.º, segundo Carv.º, Nossa Senhora da Graça, cur.º da mesma ap. segundo o *D. G. M.* e *E. P.*

Compr.^{e} esta F., além da V.ª (que o *D. C.* chama ext.ª) os log.^{es} de Alpalhão, Ameixial, Zimbreira, Ladeira, Venda Nova, Val da Mua, Villar da Lapa, Val do Grou, Val do Coelho, Sanguinheira, Val do Junco, Avessada, Carrascal, Val da Gama, Zimbreirinha, Montinho, Matta Cimeira, Montragil, Cumeada, S.^{to} Aleixo, Ferrenha, Oliveirinha; os ca-

saes de Coutada, da Ordem (junto de Avessada), da Ordem (junto de Sanguinheira); e a q.^{ta} de Sanguinheira.

Os log.^{es} vem mencionados no *D. G. M.*

P...	C.	500	
	A.	418	
	E. P.	425	1739
	E. C.		1755

É abundante de vinho, azeite, gado, caça e colmeias: recolhe algum trigo, milho e centeio.

MAÇÃO

(4)

Ant.^{a} V.^{a} do Mação na ant.^{a} com. de Thomar, segundo Carv.^{o} e J. B. de Castro; mas segundo o *D. G. M.* era da ant.^{a} com. do Crato. Don.^{o} a casa do inf.^{o}, segundo Carv.^{o} e *D. G. M.*

Hoje é cab.^{a} do actual conc.^{o} de Mação.

Está sit.^{a} em declive, 8 $^{1}/_{2}{}^{k}$ ao N. da m. d. do Tejo. Tem estr.^{as} para V.^{a} Velha de Rodão, para Belver e para Abrantes. Dista de Santarem 17^{l} para E. N. E.

Tem uma só F. da inv. de Sta Maria (Visitação segundo o *D. G. M.*, Conceição, segundo a *E. P.* e *D. C.*), vig.^{a} do padr.^{o} real e comm.^{a} da ordem de Christo.

Compr.^{e} esta F., além da V.^{a}, os log.^{es} de Rosmaninhal, Val d'Abelha, Monte Novo, Monte de João Dias, Ventosa, Carregueira (grande L. segundo o mappa topographico), Pereiro, Casas d'Além, Corga, Sardoal, Castello, Arrotéa, Santos, Casas da Ribeira, Caratã ou Caretão; a q.^{ta} do Val das Arvores; e as H. I. do Caes do Cordeiro.

P...	C.	500	
	A.	773	
	E. P.	785	2783
	E. C.		2944

Recolhe muito trigo, centeio, milho, azeite, bom vinho, e é muito abundante de caça.

Em 1708 fabricavam-se n'esta V.^{a} muito boas baetas.

Segundo nos informa o *D. G.* do sr. P. L., ha n'esta V.ª desde 1873, uma fabrica de cardar e fiar lã que pertence ao sr. dr. Vidal, e estava outra em construcção pertencente ao sr. Francisco Pina de Carvalho Freire.

Tem este concelho:

Superficie, em hectares	27083
População, habitantes	7587
Freguezias, segundo a *E. C.*	4
Predios, inscriptos na matriz	13858

CONCELHO DE RIO MAIOR
(k)

PATRIARCHADO

COMARCA DE SANTAREM

ALCOBERTAS
(1)

Ant.ª F. de Santa Maria Magdalena no L. de Alcobertas, cur.º da ap. dos freguezes, no Termo da V.ª de Alcanede.

Em 1840 pertencia esta F. ao conc.º de Alcanede, ext.º pelo decreto de 24 de outubro de 1855, pelo qual passou ao de Rio Maior.

Está sit.º o L. das *Alcobertas* em valle, na serra das Alcobertas ou dos Candieiros.

Tem estr.ª para Rio Maior.

Dista de Rio Maior 12^{k} para N. N. E.

Compr.ᵉ mais esta F. os log.ᵉˢ de Feira ou Teira, Portella, Chans, Casaes dos Monizes, Sourons ou Serões, Alqueidão Velho; e os casaes de Val de Feira ou Val de Teira, Fonte Longa, da Velha, Cadouço, Ribeira de Baixo, Ribeira de Cima.

Vem mencionados em Carv.º, além do L. das Alcobertas com uma ermida do Espirito Santo, os log.ᵉˢ de Sourões com uma dita de S.ᵗᵒ Amaro, e Alqueidão Velho com uma dita de S. Lourenço.

P...	C...........		
	A...........	207	
	E. P........	212...............	840
	E. C..........................		870

Recolhe milho, trigo, cevada e vinho.

ARRUDA DOS PISÕES

(2)

Ant.ª F. de S. Gregorio, vig.ª e commenda da ordem de Aviz, sendo a ap. da mesa da Consciencia em freire professo da mesma ordem (na *E. P.* vem a ap. do M. de Niza), no T. da V.ª de Santarem.

Está sit.º o L. de *Arruda dos Pizões* em valle junto á ribeira das Alcobertas. Dista de Rio Maior (para onde tem estr.ª) 11^k para E. S. E.

Compr.ᵉ mais esta F. os casaes da Boa Vista e Bréjo.

Vem mencionados no *D. G. M.* os log.ᵉˢ de Pizões e Boa Vista.

P...	C...........		
	A...........	40	
	E. P........	52...............	200
	E. C..........................		220

AZAMBUJEIRA

(3)

Ant.ª V.ª d'Azambujeira, na ant.ª com. de Santarem. Don.º o C. de Soure.

Está sit.ª em um monte entre o rio Maior e a ribeira das Alcobertas ou de Calhariz, $^1/_2$^{k} ao N. da m. e. do dito rio Maior, 11^k a O. N. O. da m. d. do Tejo. Dista de Rio Maior (para onde tem estr.ª) 18^k para S. E.

Tem uma só F. da inv. de Nossa Senhora do Rozario, vig.ª da ap. do arceb.º de Lisboa, segundo Carv.º, da ap. do C. de Soure, segundo o *D. G. M.* e *E. P.*

Compr.ᵉ esta F., além da V.ª, os log.ᵉˢ de Alfouves, Ca-

lhariz; os casaes de Boa Vista, Tagoeiro (Tegarrejo no mappa topographico) de Cima, Tagoeiro de Baixo, Casalinho, Regato, Casal das Figueiras, Freixial; e a q.ta do Carvalhal de Baixo.

Vem mencionado em Carv.º o L. de Affouves.

P...	C...........	40	
	A...........	86	
	E. P........	100...............	398
	E. C............................		392

É abundante de trigo, milho, centeio, legumes, vinho, gado e caça.

D. João IV elevou á categoria de V.ª, em 1654, o ant.º L. de Azambujeira que pertencia n'esse tempo á F. de S. João da Ribeira, do T. de Santarem; e a doou a Lourenço Pires de Carvalho, provedor das obras e paços reaes, e depois em virtude de casamento da unica herdeira veiu a passar á casa dos C. de Soure.

O nome de Azambujeira deve-o ao grande numero de zambujos ou azambujos, como alguns diziam, que ha pelos seus contornos.

FRAGOAS

(4)

Ant.ª F. de S.to Antonio de Fragoas, capellania da ordem de Aviz pertencente á comm.ª de Alcanede, no T. d'esta V.ª

Em 1840 pertencia esta F. ao conc.º de Alcanede, ext.º pelo decreto de 24 de outubro de 1855, pelo qual passou ao de Rio Maior.

Está sit.º o L. de *Fragoas* na m. e. da ribeira das Alcobertas, na estr.ª de Alcanede para Rio Maior. Dista de Rio Maior duas leguas para N. E.

Compr.º mais esta F. os log.es de Cabos, Carvalhões ou Carvalhaes, Ribeira das Fragoas, Ribeira dos Moinhos; os casaes de Povoas, Dourado, Rouxinol, Azenha, Moraxico; e as q.tas de Mamposteiro e Ortiga.

Vem mencionados em Carv.º, além do L. de Fragoas séde da egreja parochial, os log.es de Cabos com uma ermida de S. Sebastião, Carvalhos com uma dita de S. Gregorio.

Tambem ali havia em um ermo, e muito distante da F., uma ermida de S. Miguel que em tempos remotos foi parochia.

P...	C..........		
	A..........	144	
	E. P.......	140...............	536
	E. C.........................		581

Tem feira a 29 de setembro que dura 3 dias.

OUTEIRO DA CORTIÇADA

(5)

Ant.ª F. de Nossa Senhora da Ribeira da Cortiçada, cur.º da ap. do parocho da F. de Abitureiras, do T. de Santarem ao qual tambem pertencia esta F. de Nossa Senhora da Ribeira, que hoje chamam do Outeiro da Cortiçada por comprehender o L. do Outeiro, que parece pertencia em 1708 á F. de S.ta Maria de Almoster.

Está sit.º o L. do *Outeiro*[1] na m. d. da ribeira das Alcobertas. Dista de Rio Maior (para onde tem estr.ª) 11^k para E.

Compr.e mais esta F. os log.es de Val de Marinhas, Correias; os casaes Alto, da Raposa, da Cortiçada; e a q.ta do Cubo.

P...	C..........	134	
	A..........	95	
	E. P.......	108................	414
	E. C.........................		411

[1] A egreja parochial está mais de $1/2^k$ a E. do L. do Outeiro, além da ribeira e proxima ao casal da Cortiçada.

RIBEIRA (S. JOÃO DA)

(6)

Ant.ª F. de S. João Baptista da Ribeira, vig.ª da ap. do conv.º de S. João Evangelista (Loios) de Santarem, no T. da V.ª Hoje é prior.º

Está sit.º o L. de *S. João da Ribeira* na m. e. do rio Maior.

Dista de Rio Maior (para onde tem estrada) 12^{k} para S. E.

Por decreto de 3 janeiro de 1847 foi constituido este L. cab.ª do conc.º de Rio Maior.

Ignoramos a data do decreto que invalidou esta disposição.

Compr.^{e} mais esta F. os log.^{es} de Marmelleira (grande L. segundo o mappa topographico), Assentis, Arrouquellas, Malaqueijo, Quintas; os casaes de Ventuzella, Ribeira; as q.^{tas} de S. Jurge, Ferraria, Sta Barbara, Lagarata ou Escagarata, Angustias, Seabra; e as H. I. de Bairro, Miguel ou Antonio Miguel, Amieira, Curiosa, Bréjo, Val de Barcos, Frazoas, Charneca.

Vem mencionados em Carv.º, além do L. de S. João Baptista da Ribeira, séde da egreja, os log.^{es} de Malhaqueijo, Marmeleira, Assentis, Arrouquella, cada um com sua ermida.

P.	C.	300	
	A.	(Não vem no *D. C.*)	
	E. P.	601	2201
	E. C.		2542

RIO MAIOR

(7)

Ant.ª F. de Nossa Senhora da Conceição no L. de Rio Maior, prior.º da ordem de Aviz, da ap. da Mesa da Con-

sciencia, no T. de Santarem, que posteriormente a 1708[1] foi elevado á categoria de V.ª, e hoje é cab.ª do actual conc.º de Rio Maior.

Está sit.ª a V.ª entre duas ribeiras que juntando-se formam o chamado Rio Maior.

Tem estr.as reaes para Alcoentre e para a real das Caldas a Leiria.

Dista de Santarem 6^l para O. N. O.

Tem uma só F., que é a supra indicada.

Compr.e esta F., além da V.ª, os log.es de Carraxana ou Escarraxana, Vivenda (Casaes da Vivenda no mappa topographico), Freiria, Assenta, Porta de Teiva, Fonte da Bica, Casal do Callado, Pé da Serra, Lobo Morto, Caniceira, Sidral ou Cidral, Azinheira, Ante-Porta ou Entre-Porta, Bouças, Panasqueira, Asseiceira; os casaes de Abixanas, Valle d'Obidos, Traz da Serra (Casaes da Serra no mappa), Alto da Serra; as q.tas de Varzea, S. Paio, Logradouro, Bastilhas, Sobreiros; e as H. I. de Valles, Ribeira de Cima, Ribeira de Baixo, Val das Laranjas, Chainça.

P...	C...........	270	
	A...........	850	
	E. P.........	912..............	3020
	E. C..........................		3400

Segundo o *D. C.* ha para o lado septentrional da V.ª uma pequena planicie cercada de pouco elevadas collinas, e no meio um poço empedrado de 25 palmos de profundidade, todo dividido em tanques pertencentes a diversos proprietarios, aonde se fabrica excellente sal, muito superior ao sal marinho; e em outra planicie mais consideravel, no sitio chamado Marinha Velha, é tradição que havia outro semelhante poço, com agua egualmente propria para sal, e que em todo este terreno mostra poder encontrar-se da mesma agua e promover uma industria muito importante; achando-se além d'isso o terreno desaproveitado para a agricultura porque nada produz.

[1] Ignoramos a data do decreto.

Tem feira annual de 3 dias, começando em 15 de setembro.

Tem este concelho:

Superficie, em hectares	33471
População, habitantes	8416
Freguezias, segundo a *E. C.*	7
Predios, inscriptos na matriz	10229

CONCELHO DE SALVATERRA DE MAGOS

(1)

PATRIARCHADO

COMARCA DE BENAVENTE

MUGE

(1)

Ant.ª V.ª de Mugem, segundo Carv.º, Muge na *E. P.*, na ant.ª com. de Santarem. Don.º o D. de Cadaval.

Está sit.ª em logar plano $^1/_2{}^k$ ao S. da m. e. da ribeira de Muge, $^1/_2{}^k$ a E. da m. e. do Tejo, na estr.ª de Almeirim para Salvaterra. Tem estr.as para Lamarosa, Erra, Coruche, etc.

Dista de Salvaterra 12^k para N. E.

Tem uma só F. da inv. de S. João Baptista, segundo Carv.º, Nossa Senhora da Conceição no *D. G. M.* e *E. P.*, prior.º da ap. da mitra patriarchal segundo Carv.º e *D. G. M.*, ap. do conv.º de Alcobaça na *E. P.*

Compr.e esta F., além da V.ª, que o *D. C.* chama V.ª ext.ª, os log.es de Moinhaes, Gloria, com uma bella egreja de Nossa Senhora da Gloria, Val de Postigos, Moinhóla, Cocharro, Cocharrinho, Iunco, Sarrão, Moinho do Frade. Moinho do Meio, Escaroupim, Moinho de Magos, Val de Mouro.

P...	C.	200	
	A.	285	
	E. P.	380	1454
	E. C.		1696

Os D. de Cadaval tem na V.ª um bom palacio.

Foram primeiros donatarios d'esta V.ª os abbades de Alcobaça e deu-lhe foral el-rei D. Diniz, em 1304, a quem os moradores mandaram um solho que pesava 17 arrobas, de que existiu por muito tempo um quadro com a figura do dito solho desenhada, no archivo da Torre do Tombo.

Tambem offereceram outro solho a D. João III do peso de 14 arrobas.

Em um pequeno cerrado, pertencente a D. Antonia Rita de Assiz Pacheco; diz o *D. C.*, creou-se em 1862 um pé de trigo que tinha 77 espigas e 2772 grãos.

O nome da V.ª proveiu dos muitos peixes chamados mugens que se criam na sua ribeira.

Tem feira annual de tres dias, começando no Domingo do Espirito Santo.

SALVATERRA

(2)

Ant.ª V.ª de Salvaterra de Magos, na ant.ª com de Santarem. Foi dos C. de Atalaia e passou depois para a corôa.

Hoje é cabeça do actual conc.º de Salvaterra de Magos.

Está sit.ª em vistosa planicie na m. e. da ribeira de Magos $1^1/_2{}^k$ a S. E. da m. e. do Tejo. Tem estr.^{as} para Coruche, Lavre, Monte Mór, etc. Dista de Santarem 6^l para S. S. O.

Tem uma só F. da inv. de S. Paulo que era vig.ª da ap. do arcebispo de Lisboa, segundo Carv.º, do padr.º real segundo a *E. P.*, da ap. dos C. da Atalaia no *D. C.* Hoje é prior.º

Compr.^{e} esta F., além da V.ª, os log.^{es} de Bilrete, Figueiras, Montregos ou Montrogos, Coelhos, Misericordia, Colmieiros, Magos [1], Sardinha (q.^{ta} da Sardinha no mappa),

[1] No mappa vem o Paul de Magos sem população alguma, e onde se vê o nome de Magos, não apresenta mais do que duas azenhas.

Escaroupim[1], Sitio dos Fóros[2]; e 53 fogos em diversas H. I. áquem do Sorraia, de uma a duas leguas da egreja parochial.

Vem mencionados em Carv.º, os montes (casaes) de Bilrete, Figueiras, Coelhos, Misericordia, Colmieiro.

P...	C.	300	
	A.	635	
	E. P.	672	2616
	E. C.		2463

A egreja é obra do arcebispo de Lisboa D. João Martins de Soalhães.

Tem casa de misericordia e hospital.

Em 1708 tinha as ermidas de S. Sebastião, S.to Antonio, e a capella real do Bom Jesus que tinha prior da ap. dos C. de Atalaia.

Ha n'esta V.a um ant.º palacio real com grande coutada, deleitosa habitação dos soberanos na estação do inverno, e onde muitas vezes iam divertir-se a caçar.

Nas visinhanças havia tambem uma bella casa de campo que mandou fazer Garcia de Mello, monteiro mór do reino.

Recolhe muito trigo, milho, centeio, legumes e tem abundancia de gado, caça e peixe.

Tem duas fontes: a do concelho e a de S.to Antonio junto ao Paço Real.

Tem este concelho:

Superficie, em hectares	21079
População, habitantes	4159
Freguezias, segundo a *E. C.*	2
Predios, inscriptos na matriz	1621

Dizem ser fundação de el-rei D. Diniz em 1295 e lhe deu foral el-rei D. Manuel em 1517.

[1] Segundo o mappa é um grande pinhal que tem junto ao rio uma H. I. com o nome de Guarda e outra H. I. mais abaixo com o nome de Sargento Mór.

[2] Parece pelo mappa que dão este nome ao conjuncto de diversas H. I. que ficam a E. S. E. do pinhal.

O cognome da V.ª provém de um paul chamado Paul dos Magos, mandado abrir por D. João IV.

Luiz Mendes de Vasconcellos no *Sitio de Lisboa* diz que o paul de Salvaterra rendia no seu tempo 900 moios de trigo, e o paul da Asseca dava ao dizimo (em annos de fartura) 1000 moios.

CONCELHO DE SANTAREM

(m)

PATRIARCHADO

COMARCA DE SANTAREM

ABITUREIRAS

(1)

Ant.ª F. de Nossa Senhora da Conceição de Abitureiras, vig.ª da ap. de um conego da sé de Lisboa, no T. de Santarem. Hoje é reit.ª

Está sit.ª a F. sobre 16 collinas[1], e o L. de *Abitureiras* fica 14^k a N. O. da m. d. do Tejo, sobre uma pequena ribeira aff.^{e} do Rio Maior. Dista de Santarem (para onde tem estr.ª) 14^k para N. O.

Compr.^{e} mais esta F. os log.^{es} de Joaninho, Povoa de Leiria, Albergaria, Povoa de Trez, Porto de Oliveira, Povoa do Conde, Moçarria, Matontinho, V.ª Nova, Seceirio ou Sicario, Baixinho, Sesmarias, Aroeira, Lamarosa, Souriço ou Soriço, Videgão; os casaes de Barrocas, Fontainhas, Casal, Ventuzella, Quinta Nova, Cabeça da Choca, Val Pequeno, Boa Vista, Ourego, Barbanxo, Cardeaes, Picaró, Bacorinho, Val Franco, Azinheira, Alto de Videgão, Pouzias; e as q.^{tas} ou H. I. de Barbanxo, Sobreiras, Cardeaes, Alto dos Cardeaes, Sondes.

[1] Está exactissima a descripção do parocho pois confere com o mappa topographico.

P. . . { C. 390
A. 313
E. P. 336. 1166
E. C. . . . . 1639 }

Recolhe pouco trigo e algum azeite.

Tem 5 fontes.

ABRAÃ

(2)

Ant.ª F. de S.ta Margarida, cur.º da ap. do prior de Alcanede e pertencente á comm.ª de Alcanede, no T. d'esta V.ª Don.º o C. de Villa Nova.

Em 1840 pertencia esta F. ao conc.º de Alcanede, ext.º pelo decreto de 24 de outubro de 1855, pelo qual passou ao de Santarem.

Está sit.ª a egreja parochial junto a uns montes, entre os log.es de Abraã Grande e Abraã Pequena: isto diz o parocho, mas parece pelo mappa estar mesmo no L. de Abram Pequena. Dista de Santarem 4½ para N. N. O.

Compr.e esta F. os log.es de Abraã Grande, Abraã Pequena, (é para notar que segundo o mappa Abram Pequena é maior do que a Grande), Amiaes de Cima (grande L. segundo o mappa), Azenha do Pires, Canal, Espinheiro (tambem é grande L.), Coutada de Baixo; os casaes da Coutada, do Covão da Azinheira, do Cortiçal, de Val Florido.

Vem mencionados em Carv.º os log.es de Abraã (só um) ao que parece séde n'esse tempo da egreja parochial, Espinheiro com uma ermida de S. Bernardo, Canal com uma dita de S. Silvestre, Ameias de Cima com uma dita da Santissima Trindade.

P. . . { C. . . . .
A. 206
E. P. 220. 760
E. C. . . . . 950 }

ACHETE

(3)

Ant.ª F. de Sta Maria (Purificação) de Axete segundo Carv.º, Achete no *D. G. M.*, e *E. P.*, vig.ª da ap. da mitra, no T. de Santarem.

Está sit.ª a egreja parochial (pois não ha L. com o nome de Achete e chama-se assim a F. pela imagem da Senhora que foi *achada* n'aquelle sitio) 2^{k} a O. da estr.ª real de Torres Novas a Santarem, 6^{k} a O. N. O. da estação de Val de Figueira (C. de ferro do N.) $1\,^{1}/_{2}{}^{l}$ a O. N. O. da m. d. do Tejo. Dista de Santarem 12^{k} para o N.

Compr.^{e} esta F. os log.^{es} de Vendeilho ou Verdelho, Alcaidaria, Torre do Bispo, Nabaes, Cumieiras de Baixo, Cumieiras de Cima, Fonte da Pedra, Adevagar. D. Belida (D. Belide no mappa, é casal), D. Fernando, Arneiro dos Borralhos, Ribeirinha de D. Fernando; os casaes da Egreja, do Clemente, do Matheus, de S. João, dos Gatos, d'Aroeira. das Cheiras, da Cabaça, de Val de Flores, da Quinta d'elrei, da Capa Rota, do Agrão ou Ougrão, de Val de Ganços, das Bicadas, do Sacôto, do Monte Gordo, do Coelho, da Bofinha, das Cobradas, do Ferrão, da Bemposta, das Arroçadas, da Estrada, da Povoa Nova, do Saramago, da Chã, de Baixo; e a q.^{ta} da Capa Rota.

NB. As H. I. são muitas e sem nomes.

P...	C.	220	
	A.	300	
	E. P.	350	1800
	E. C.		1547

O seu producto principal é azeite, de que tem 17 lagares. Tambem recolhe trigo e vinho. As aguas são boas

ALCANEDE

(4)

Ant.ª V.ª de Alcanede na ant.ª com. de Santarem.

Era da ordem de Aviz.

Em 1840 pertencia esta V.ª ao conc.º de Alcanede, ext.º pelo decreto de 24 de outubro de 1855, pelo qual passou ao de Santarem.

Está sit.ª junto das serras de Alcanede e Mendiga diz o *D. G. M.*, na encosta de um alto, largo e redondo monte no cimo do qual ha um castello arruinado, e a meia ladeira fica a egreja parochial sobre uma ribeira aff.^{e} da ribeira das Alcobertas. Tem estr.^{as} para Santarem, para Rio Maior, para Porto de Moz, etc. Dista de Santarem 27^{k} para N. O.

Tem uma só F. da inv. de Nossa Senhora da Purificação, prior.º que foi da ordem de Aviz e da ap. da corôa pela Mesa da Consciencia.

Compr.^{e} esta F., além da V.ª, os log.^{es} de Aldeia da Ribeira, Prado, Espinheira, Aldeia d'Além, Alqueidão do Mato, Val da Trave, Val Verde, Mosteiros, Hortinho, Matta do Rei, Viegas, Gançaria; os casaes de Bairro dos Mortaes, Val do Carro ou Val de Carros, Val das Caldas, Casaes da Charneca, Val do Lopo ou Val do Soupo, Barreirinhas, (grande L. segundo o mappa), Murteira, Pé da Pedreira, Casaes dos Carvalhos, Carapua, Mouroal, Pizão, Ferraria, Casal de Mil-Homens, Val da Junqueira, Sobreirinhos, Ribeira dos Moinhos, Alqueidão do Rei, Varzea, Val das Patas; e as q.^{tas} de Bixeira, da Rainha, da Franca, do Laureiro, das Viegas.

Vem mencionados em Carv.º os log.^{es} de Aldeia da Ribeira com uma ermida de S. João Chrysostomo, Prado com uma dita de S. Braz, Espinheira com uma dita de Nossa Senhora dos Prazeres, Aldeia d'Além com uma dita de Sant'Anna, Alqueidão do Matto com uma dita de S. Sebastião, Val da Trave, Murteira, Val Verde com uma dita de S. Pedro, Mosteiros com uma dita de Sta Catharina, Matta de Rei com uma dita de Nossa Senhora das Neves, Viegas com uma dita de S.^{to} Estevão, Mouroal com uma dita de Nossa Senhora da Encarnação, Gançaria com uma dita de Sta Martha, Alqueidão do Rei com uma dita de Nossa Senhora da Espectação, e outra de Nossa Senhora do Carmo em uma q.^{ta} proxima.

P... { C.......... 300
A.......... 565
E. P........ 605............... 2367
E. C.......................... 2568 }

A ant.ª egreja parochial hoje por certo reedificada, dizem ter sido fundação de el-rei D. Affonso Henriques.

Tem casa de misericordia e hospital.

Em 1708 tinha 3 ermidas S.to Antonio, Nossa Senhora da Conceição e S. Silvestre.

Recolhe muito vinho e azeite.

Segundo Carv.º é esta povoação do tempo dos romanos; e em 1710, diz o *D. C.*, se encontraram dentro do castello muitas moedas de cobre romanas, e nos arredores da V.ª tambem se tem encontrado, antes e depois d'essa época, outras muitas tambem de cobre e algumas de prata.

Comtudo o nome Alcanede parece indicar origem arabe: mas talvez fosse dado n'esse tempo á povoação que já existia.

O castello querem alguns fosse obra de D. Affonso Henriques, porém a maioria dos auctores attribuem a sua fundação a tempos mais antigos.

Ainda ha poucos annos, diz o mesmo *D. C.*, se conservava inteiro o portal de pedra á entrada com dois escudos, um da cruz da ordem de Aviz e outro com 3 torres que se suppõe ser o brazão da V.ª[1]

Arruinada pelas guerras com os mouros, foi Alcanede reedificada por D. Affonso Henriques em 1163.

D. Sancho I a doou á ordem de Avíz em 1187, o que foi confirmado por el-rei D. Diniz em 1300: constituindo uma rendosa comm.ª que era dos C. de V.ª Nova de Portimão, alcaides móres da V.ª

Não se sabe ao certo quem lhe deu o primeiro foral; mas consta de uma carta de D. Affonso IV, que se guardava no

[1] Escudo branco bipartido, da direita a cruz da ordem de Aviz e da esquerda um castello com 3 torres.

Não vem no livro dos brazões da Torre do Tombo.

cartorio da camara que já n'esse tempo lhe havia sido conferido: el-rei D. Manuel o confirmou ou deu outro de novo em 1513 ou 1514, onde se encontram algumas determinações relativas a um jantar que a V.ª era obrigada a dar annualmente ao soberano.

Nas immediações de Alcanede encontram-se pedreiras de excellente marmore.

Entre a V.ª e a F. de Mendiga ha um carvalho a que chamam o Carvalho Santo, porque o povo d'aquelles sitios acha remedio para tudo na agua que se encontra em uma grande cavidade da mesma arvore.

ALCANHÕES

(5)

Ant.ª F. de S.ta Martha (o *D. C.* e *D. G.* do sr. P. L. trazem o orago S.ta Maria mas o de Carv.º combina com a *E. P.*) no L. de Alcanhões, cur.º da ap. do prior de S. Matheus da Ribeira de Santarem, no T. da d.ª V.ª Don.º M. de Penalva.

Está sit.º o L. de *Alcanhões* (grande L. segundo o mappa) em alto, d'onde se avista Santarem e Almeirim, 2k a S. E. da estr.ª real de Torres Novas a Santarem, 3k a O. S. O. da estação de Val de Figueira (C. de ferro do N.) Dista de Santarem 8k para N. N. E.

P...	C.	160	
	A.	268	
	E. P.	286	1230
	E. C.		1267

Recolhe trigo, hortaliças, frutas, vinho e azeite.

ALMOSTER

(6)

Ant.ª F. de S.ta Maria de Almoster, vig.ª da ap. do mosteiro da ordem de S. Bernardo, d'este mesmo L. de Almoster, no T. de Santarem. Hoje é prior.º

Está sit.º o L. de Almoster[1] em planicie na estr.ª de Santarem para Rio Maior, na m. d. da ribeira de Almoster.

Dista de Santarem 11^{k} para O.

Compr.e mais esta F. os log.es de Villa Nova do Couto, Alforze Mel ou Alforge Mel, Guixerre ou Goxerre, Albergaria, Louriceira, Casal do Paul (no mappa é L.), Atalaia (no mappa é L.), Povoa da Izenta (são muitos casaes proximos segundo o mappa), Casal da Charneca ou Casaes da Charneca; os casaes de S.ta Maria, Val de Carvalho, do Carias, da Pedra, da Gonxaria, da Freiria, da Ponte do Celleiro; e as q.tas de S.ta Maria, S.ta Victoria, Granja. Sentieira (além da q.ta tem muitos casaes proximos que o mappa nomeia das Sentieiras).

Vem mencionados em Carv.º os log.es de Almoster com duas fontes e 4 ermidas, Atalaia com uma fonte, Povoa, Isenta, Casal do Paul com duas fontes, Louriceira, Freiria com uma fonte, V.ª N. do Couto com duas fontes e a ermida de S.ta Victoria, Alforzomel com duas fontes, Albergaria com uma fonte e a ermida de S.ta Catharina, Casaes da Charneca com duas fontes.

P. . .	C.	329	
	A	380	
	E. P.	473	1453
	E. C.		2072

N'este L., diz Carv.º, está sit.º o most.º de S.ta Maria de Almoster, da ordem de S. Bernardo, fundado por D. Berengaria Aires, no anno de 1300, em uma q.ta que era de seus paes.

Recolhe esta F. muito trigo, muitas frutas, especialmente figos, muito vinho e azeite.

[1] O L. ou casal de Santa Maria de Almoster onde (segundo o mappa) está a egreja parochial, fica na m. d. da ribeira, 2^{k} a S. O. do L. de Almostér.

AMIAES DE BAIXO

(7)

F. de Nossa Senhora da Graça no L. de Amiaes (Ameaes na *E. P.* e *D. C.*) de Baixo, instituida por decreto de 25 de julho de 1851, com o titulo de prior.°

Está sit.° o L. de *Amiaes de Baixo* (grande L. segundo o mappa topographico) duas leguas a O. da estr.ª real de Torres Novas a Santarem. Dista de Santarem 28^k para N. N. O.

Compr.ᵉ mais esta F. o casal do Frazão.

Vem mencionado em Carv.° o L. de Amiaes de Baixo que pertencia á F. do Espirito Santo (hoje de Malhou) e tinha uma ermida de S. Gens.

P...	C..........		
	A..........	167	
	E. P........	174...............	692
	E. C...........................		700

ARNEIRO DAS MILHARIÇAS

(8)

Ant.ª F. de S. Lourenço, cur.° da ap. do vig.° de Pernes, segundo Carv.°, mas segundo o *D. G. M.* da ap. dos freguezes, no T. da V.ª de Alcanede. A *E. P.* não dá a ap. d'esta F. e diz sómente que era annexa á de Pernes.

Em 1840 pertencia esta F. ao conc.° de Pernes, ext.° pelo decreto de 24 de outubro de 1855, pelo qual passou ao de Santarem.

Está sit.° o L. de *Arneiro* entre dois valles, em um outeirinho *a modo de espigão* diz o *D. G. M.*, proximo á ribeira de Pernes. Dista de Santarem 22^k para N. N. O.

Compr.ᵉ mais esta F. os log.ᵉˢ de Cumeira, Milhariça, Azenha, Almeirim, Ribeira do Espinheiro, Casaes de Baixo, Casaes de Cima, Casaes do Ferreira, Porto da Egreja, Porto da Cruz.

P...	C.........		
	A.........	152	
	E. P.......	156...............	633
	E. C.............................		676

Recolhe pouco trigo, muitos legumes, vinho e azeite.

AZINHAGA

(9)

Ant.ª F. de S.ᵗᵃ Maria (Conceição) d'Azinhaga, vig.ª da ap. do cabido da sé de Lisboa, segundo Carv.º, ap. do ordin.º no *D. G. M.*, do padr.º real segundo a *E. P.*, no T. de Santarem.

Está sit.º o L. d'*Azinhaga* (grande L. segundo o mappa) em campina d'onde se descobre a V.ª da Chamusca, na m. d. do rio Almonda, $^1/_2{}^k$ a O. N. O. da m. d. do Tejo, 3^k a S. E. da estação de Matto de Miranda (C. de ferro do N.) Dista de Santarem 5^l para E. N. E. por causa das voltas da estrada.

Compr.ᵉ mais esta F. as q.ᵗᵃˢ da Brôa, do Miranda, das Teixeiras, de Cholda, de S. João, de D. Ignez, da Melhorada ou do Melhorado, de El-rei, do Meirinho.

P...	C..........	280	
	A..........	213	
	E. P........	285...............	781
	E. C.............................		961

Teve casa de misericordia e hospital (hoje não existem nem vestigios d'elle diz o sr. P. L.) e em 1708 tinha as ermidas do Espirito Santo, S. João, S.ᵗᵃ Catharina, S. Sebastião e S. José.

Tambem se chama esta F., diz o *D. G. M.*, F. de Nossa Senhora da Ponte de Almonda pela que tem sobre este rio.

Foi V.ª e é titulo de condado.

O *D. G.* do sr. P. L. faz menção das ruinas de uns paços magnificos, obra segundo dizem do infante santo, D. Fernando.

A q.ᵗᵃ da Brôa que mencionámos diz este auctor ser uma

grande quinta que pertenceu ao riquissimo lavrador Rafael José da Cunha, e hoje é de seu sobrinho o sr. Tavares Bonacho. Tambem falla na q.^{ta} fronteira do sr. Carlos Relvas, mas julgamos que ou não pertence a esta F., por não vir mencionada no relatorio do parocho, ou caso pertença vem designada ali e no mappa topographico com algum nome especial que ignoramos qual seja.

AZOIA DE BAIXO

(10)

Ant.^{a} F. de Nossa Senhora da Conceição no L. de Azoia de Baixo, cur.^{o} da ap. do vig.^{o} do Salvador da V.^{a} de Santarem, no T. da dita V.^{a}

Está sit.^{o} o L. de *Azoia de Baixo* em valle, na m. d. de uma pequena ribeira aff.^{e} do Tejo, 1^{k} a N. O. da estr.^{a} real de Torres Novas a Santarem, 1 $^{1}/_{2}$^{l} a O. S. O. da estação de Val de Figueira (C. de ferro do N.) Dista de Santarem 1$^{1}/_{2}$^{l} para N. N. O.

Compr.^{e} mais esta F. a q.^{ta} de Galdim, ou Gualdim.

P...	C..........	60	
	A..........	90	
	E. P........	93................	300
	E. C...........................		386

AZOIA DE CIMA

(11)

Ant.^{a} F. de Nossa Senhora da Graça, no L. de Azoia de Cima, capellania de uma comm.^{a} da ordem de Aviz com o titulo de vig.^{a}, no T. de Santarem. Era commendador da dita comm.^{a} o C. de Unhão.

Está sit.^{o} o L. de Azoia[1] na raiz de um monte na m. d.

[1] A *E. P.* não diz onde está sit.^{a} a egreja parochial, nem se vê o signal indicativo no mappa topographico, mas parece estar no proprio L. de Azoia que mostra ser grande.

da mesma ribeira que passa em Azoia de Baixo, 12^{k} a O. N. O. da estação de Val de Figueira (C. de ferro do N.) Dista de Santarem 3^{l} para N. N. O.

Compr.^{e} mais esta F. o L. de Atalaia a 400^{m} da egreja parochial.

P...	C.	80	
	A.	100	
	E. P.	99	320
	E. C.		453

CAZÉVEL

(12)

Ant.^{a} F. de Sta Maria (Assumpção) de Cazével, vig.^{a} e comm.^{a} da ordem de Christo, no T. de Santarem.

Em 1840 pertencia esta F. ao conc.^{o} de Pernes, ext.^{o} pelo decreto de 24 de outubro de 1855, pelo qual passou ao de Santarem.

Está sit.^{o} o L. de *Cazével* 2^{k} a E. da estr.^{a} de Torres Novas a Santarem. Dista de Santarem 5^{l} para N. N. E.

Compr.^{e} mais esta F. os log.^{es} de V.^{a} Nova, Ribeira de Pernes; os casaes chamados Casaes Novos, Bouça de Baixo, Casaes da Charneca, Casaes da Ponte Nova, Fonte Santa, Pequena, Formigaes, Bemposta, Povoa, Alqueidão, Varges (ou Varzeas) de Cima, Varges de Baixo, Casaes do Monte Grás, Casaes da Famalva, Casaes do Lagar Novo, Casaes da Senhora da Victoria, Casaes da Baleia da Negra, Casaes dos Barretes, Casaes de Sta Luzia, Casaes da Marinheira, da Cruz; e as q.^{tas} de Marxão, Pinhão, Azedo, D. Rodrigo, Carvalhal, S. João, de Cima, Padinho.

P...	C.	150	
	A.	136	
	E. P.	164	708
	E. C.		731

LOURICEIRA

(13)

Ant.ª F. de Nossa Senhora da Conceição no L. de Louriceira, cur.º da ap. dos freguezes no T. da V.ª de Alcanede.

Em 1840 pertencia esta F. ao conc.º de Pernes, ext.º pelo decreto de 24 de outubro de 1855, pelo qual passou ao de Santarem.

Está sit.º o L. de *Louriceira* em alto, 1^k a O. da m. d. do Alviella, $3\,{}^1/_2{}^k$ a O. da estr.ª real de Torres Novas a Santarem, 3^l a O. N. O. da estação de Matto de Miranda (C. de ferro do N.) Dista de Santarem 5^l para o N.

Compr.^{e} mais esta F. a q.^{ta} de Alviella; e os moinhos dos Olhos d'Agua, Vigario, Azenha, Soirinho, Noiseiro (ou Miseiro?).

Vem mencionada em Carvalho a q.^{ta} dos Olhos d'Agua com uma ermida de S. Vicente.

P...	C.		
	A	74	
	E. P.	73	400
	E. C.		345

Por decreto de 25 de junho de 1851 foi annexada esta F. á F. de Malhou, d'este conc.º; porém este decreto ou não teve effeito (de que ha muitos exemplos) ou foi annulado por outro cuja data ignoramos.

MALHOU

(14)

Ant.ª F. do Espirito Santo no L. de Malhou, cur.º da ap. dos freguezes, no T. da V.ª de Alcanede.

Em 1840 pertencia esta F. ao conc.º de Pernes, ext.º pelo decreto de 24 de outubro de 1855, pelo qual passou ao de Santarem.

Está sit.º o L. de *Malhou* (Malhoo em Carv.º) junto á

serra de Sta Martha, 1^{l} a O. da estr.^{a} real de Torres Novas a Santarem.

Dista de Santarem 5^{l} para o N.

Compr.^{e} mais esta F. metade do L. do Espinheiro (grande L. segundo o mappa topographico).

P... { C..........
A.......... 121
E. P........ 144................ 510
E. C............................. 588 }

PAUL (S. VICENTE DO)

(15)

Ant.^{a} F. de S. Vicente do Paul, prior.^{o} do padr.^{o} real, no T. de Santarem.

Em 1840 pertencia esta F. ao conc.^{o} de Pernes, ext.^{o} pelo decreto de 24 de outubro de 1855, pelo qual passou ao de Santarem.

Está sit.^{a} a egreja parochial (segundo o mappa topographico está isolada com quanto a *E. P.* a dê sit.^{a} na q.^{ta} de Agua de Lupe) 1 $^{1}/_{2}$^{k} a E. do casal do Bairrinho e $^{1}/_{2}$^{l} ao S. da q.^{ta} de Agua de Lupe ou Guadelupe. Dista de Santarem 16^{k} para N. N. E.

Compr.^{e} mais esta F. os log.^{es} de Reguengo de Alviella, Corredoura, Torre do Bispo, Cumeiras de Cima; e os casaes de Egreja, Cullão, Pixeleira, Geralho ou Gasalho, Torrão, Lamuracha ou Cumeirancha, Cambeiro, Laurencia, Tojeiro, Quartos, Sesmarias, Mortinhaes, Boa Vista, Celleiro, Torrinha, Pedregaes, Vaes Verdes ou Valles Verdes, Matta ou Matta do Almoxarife, Bonito, Fonte da Serra, Tojosa, Valles, Casalinho, Casaes Novos, do Louco, Bairrinho, Garnacho, Cruz, do Infante, Casaes de Val das Fontes, da Inveja, de João Chrysostomo, do Belchior; e as q.^{tas} de Raposeira, Agua de Lupe ou Guadelupe, Ventosa, Gunha de Baixo, Gunha de Cima, Apompé, Torre Secca, Romeira, Bica, Outeiro, Fonte Santa, Cumeiras.

NB. Estava annexa a esta F. em 1862, segundo a *E.*

P., a F. de S. Domingos de Val de Figueira, hoje independente.

P...	C.	450	
	A.	299	
	E. P.	300.............	1164
	E. C............................		1336

PERNES

(16)

Ant.ª F. de Nossa Senhora da Purificação no L. de Pernes, vig.ª da ap. do arceb.º de Lisboa, no T. da V.ª de Alcanede. Hoje é prior.º

Em 1840 pertencia esta F. ao conc.º de Pernes, ext.º pelo decreto de 24 de outubro de 1855, pelo qual passou ao conc.º de Santarem.

Está sit.º o L. de *Pernes* na descida de um monte, entre a ribeira de Alviella e a de Pernes, na estr.ª real de Torres Novas a Santarem, 11ᵏ a N. N. O. da estação de Val de Figueira, 11ᵏ a O. N. O. da de Matto de Miranda (C. de ferro do N.) Dista de Santarem 4ˡ para N. N. E.

Compr.ᵉ mais esta F. os log.ᵉˢ de Outeiro de Fora (Outeiro de Pernes no mappa), Chã de Baixo, Povoa das Moz, Chã de Cima; os casaes de Zambujal, Val do Torno, Casaes da Mouta; e as q.ᵗᵃˢ de Verga e Anaia.

Vem mencionados em Carv.º, além de Pernes, séde da egreja parochial com casa de misericordia, hospital e uma ermida de S.ᵗᵒ Antonio, os log.ᵉˢ de Outeiro, Chã de Baixo com um poço de boa agua (que faz cair logo as sanguesugas aos que a bebem) Chã de Cima, Povoa das Moz com ermida de S. Bento, Mouta com uma dita de Nossa Senhora da Conceição.

P...	C.		
	A.	180	
	E. P.	180...............	817
	E. C...........................		859

N'este L. de Pernes descobriu D. Affonso Henriques aos

seus soldados o intento que trazia (vindo de Coimbra) de tomar aos mouros Santarem.

Tem feira annual de 3 dias (franca) começando em 8 de dezembro.

POMBALINHO

(17)

Ant.ª F. de Sta Cruz, do Pombal, segundo Carv.º, Pombalinho na *E. P.*, cur.º da ap. dos freguezes, no T. de Santarem.

Está sit.º o L. de *Pombalinho* na estr.ª da Gollegã para Santarem, 3^{k} ao S. da estação de Matto de Miranda (C. de ferro do N.) Dista de Santarem 4^{l} para N. E.

Compr.^{e} mais esta F. o casal ou q.^{ta} do Mouxão dos Coelhos, ao S. do Tejo.

P...	C..........	149	
	A..........	144	
	E. P........	176................	600
	E. C..........................		724

Segundo o mappa topographico parece que devem pertencer a esta F. os casaes ou q.^{tas} que designa com os nomes de Fernando Leite e Rebello.

POVOA DOS GALLEGOS

(18)

Ant.ª F. de Nossa Senhora da Luz no L. da Povoa dos Gallegos, cur.º da ap. do vig.º do Salvador da V.ª de Santarem segundo Carv.º e *D. C.*, do padr.º real segundo a *E. P.*, no T. da dita V.ª

Está sit.º o L. da *Povoa dos Gallegos* na estr.ª real de Torres Novas a Santarem, uma legua a O. da estação de Val de Figueira (C. de ferro do N.), 6^{k} a N. O. da m. d. do Tejo. Dista de Santarem 9^{k} para o N.

Compr.^{e} mais esta F. a q.^{ta} chamada Casal de D. Jorge.

P...	C...........	70	
	A...........	96	
	E. P.........	113................	352
	E. C............................		493

RIBEIRA

(19)

Ant.^{a} F. de Sta Iria, vig.^{a} da ap. da collegiada de Sta Maria de Alcaçova da V.^{a} de Santarem, de que esta F. de Sta Iria constituia um dos bairros, segundo Carv.^{o} e o *D. G. M.* Hoje é prior.^{o}

No *M. E.* de 1840 vem esta F. como annexa á F. de S. Nicolau da V.^{a} de Santarem.

Está sit.^{o} o L. da *Ribeira de Santarem* na m. d. do Tejo. É estação do C. de ferro do N. chamada de Santarem, que é a 12.ª da linha de Lisboa ao Porto. Dista de Santarem $^{1}/_{2}{}^{k}$ para E.

Compr.^{e} mais esta F. os log.^{es} das Assacaias, Casaes de Nossa Senhora da Saude, Quinta do Reguengo (ao S. do Tejo), Quinta da Leziria da Palmeira.

P...	C...........	430	
	A...........	411	
	E. P.........	356..............	1500
	E. C..........................		1449

Em 1708 tinha esta F. 8 beneficiados, além do cura e thesoureiro; e as ermidas de Nossa Senhora da Gloria, Nossa Senhora das Neves, Nossa Senhora de Palhaes, com hospital de peregrinos administrado pela casa da misericordia; um collegio ou conv.^{o}, hoje ext.^{o}, da ordem terceira de S. Francisco, da inv. de Sta Catharina, fundado em 1470, e onde havia uma imagem de Nossa Senhora da Saude, de muita devoção e romarias.

Segundo a *E. P.*, acham-se hoje annexas a esta F. as FF. de Sta Cruz, Sant'Iago, S. João Evangelista e S. Matheus, que todas eram antigas parochias da V.^{a} de Santa-

rem, como diremos no logar competente, e cuja população vae incluida na geral d'esta F. da Ribeira.

No meio do Tejo e fronteiro ao L. da Ribeira de Santarem está o padrão de pedra que indica o sitio da sepultura de Sta Iria; é padrão de mui remota antiguidade mas a sua ultima reedificação data de 1644.

ROMEIRA

(20)

Ant.ª F. de S. Braz da Romeira, cur.º da ap. dos freguezes segundo o *D. G. M.*, da ap. do vig.º do Salvador de Santarem segundo a *E. P.*, no T. da dita V.ª

Está sit.ª a egreja parochial que a *E. P.* dá no L. chamado Casaes de S. Braz (a egreja parochial está isolada, mesmo d'estes casaes, segundo apresenta o mappa, e 1 $^1/_2{}^k$ a E. do L. da Romeira) $^1/_2{}^l$ a N. O. da estr.ª real de Torres Novas a Santarem. Dista de Santarem 9^k para N. N. O.

Compr.^{e} esta F. os log.^{es} e casaes seguintes com os fogos que lhes vão designados:

Romeira (L.) 70 fogos; Outeiro de Calanes (L.) 14; Casaes de S. Braz 20 fogos; Casaes das Arrotéas 7 fogos; Casaes da Romaria 12 fogos.

P...	C.	70	
	A.	116	
	E. P.	123	554
	E. C.		564

Havia n'esta F. um morgado mui rendoso do qual fez mercê D. Affonso v em 1442 a Fernão Rodrigues Alardo, e o possuia em 1708 seu 5.º neto Rui Barba Correa, cuja linhagem descreve Carv.º vol. III pag. 250 a 253.

SANTAREM

(21)

Ant.ª V.ª de Santarem, cab.ª da ant.ª com. do mesmo nome.

Hoje é cid.^{e}, capital do D. A., cab.^{a} do actual conc.^{o} e da actual com. de Santarem.

Está sit.^{a} $^{1}/_{2}{}^{k}$ a O. da m. d. do Tejo em um monte que parece antes um agregado de montes, pelos valles que o cortam: em um d'estes está o bairro de Alfange, no alto os bairros de Maravilla e Alcaçova, e em baixo á margem do Tejo, o bairro da Ribeira; o outro valle que fica para a parte do N. lhe chamam o Valle de Assacaia ou das Assacaias, com hortas e pomares de um e de outro lado. Em ambos estes valles é aspera a subida para a V.^{a}; porém é suave pelo lado do S. e O. onde tambem ha numerosas hortas e e pomares, que para toda esta parte chamam *omnias*, porque, segundo diz Carv.^{o}, se encontra ali de tudo. Dista de Lisboa 17^{1} para N. N. E.

Tinha antigamente a V.^{a} de Santarem 13 FF. que eram:

Sta Maria (Assumpção) de Alcaçova, collegiada e prior.^{o} da ordem de Aviz, fundação dos Templarios em 1144: tinha a collegiada 3 dignidades, 17 conegos e 20 prebendas.

Havia n'esta F. as ermidas de S. Pedro e S. Miguel.

Nossa Senhora das Maravilhas ou Sta Maria de Marvilla, de que era prior titular o arceb.^{o} de Lisboa, que parece apresentava um vig.^{o}; tambem tinha um capellão e mais 8 beneficiados.

Ficavam no districto d'esta F. as ermidas de S.^{to} Antão, S. Roque, S. Lazaro, Nossa Senhora da Victoria sobre as portas de Atamarma e S. Christovão.

Não diz Carv.^{o} nem tão pouco o *D. G. M.* qual d'estas duas FF. mencionadas era matriz; mas ainda que alguns pretendem houvesse alternativa n'esta preeminencia, é certo que em todos os auctores vem a de Alcaçova em primeiro logar.

Salvador, vig.^{a} da ap. da rainha, segundo diz o *D. G. M.;* tambem tinha, além de um coadjutor, 8 beneficiados.

No seu districto ficava a ermida do Espirito Santo, que foi hospital de merceeiras administrado pela casa da misericordia.

S. Nicolau, prior.^{o}, além do prior tinha cura, thesoureiro,

6 beneficiados e 5 capellães da capella de S. Pedro, os quaes elegiam d'entre si o prior, que tambem tinha o titulo de capellão mór.

Em 1840, segundo o *M. E.*, estava annexa a F. de Sta Iria, hoje independente. (Veja-se Ribeira, F. d'este concelho).

S.^{to} Estevão, prior.^{o} da ap. da rainha; tambem tinha alem do prior 8 beneficiados.

N'esta egreja parochial estava o santo milagre.

Tambem havia n'esta F. uma ermida da inv. do Sacramento.

S. Julião, prior.^{o} da ap. do most.^{o} de Odivellas; tinha além do prior 5 beneficiados.

S. Lourenço, prior.^{o} da ap. da mitra patriarchal.

N'esta F. havia uma ermida com a inv. de Nossa Senhora Madre de Deus.

S. Martinho, vig.^{a} e comm.^{a} da ordem de Christo, da qual era commendador o morgado de Oliveira; porém o vig.^{o} parece, segundo diz Carv.^{o}, que era da ap. do ordin.^{o}; tambem tinha 4 beneficiados.

N'esta F. ficavam as ermidas de S. João de Alporão que dizem foi templo romano, depois mesquita de mouros e o primeiro edificio em que se arvorou a cruz de Christo em seguida á restauração de Santarem; pertenceu depois á comm.^{a} de Pontevel, uma das principaes da ordem de Malta, n'este reino: e a de S.^{to} Ildefonso, dos pedreiros e carpinteiros.

S. João (Evangelista) de Alfange, vig.^{a} da ap. da collegiada de Sta Maria de Alcaçova. Tinha além do prior 3 beneficiados.

No districto d'esta F. havia as ermidas de S. Bartholomeu que em tempos mais remotos se chamava dos Cavalleiros, e consta por tradição que eram de S. Miguel da Ala, ordem militar instituida por D. Affonso Henriques, por haver tomado a V.^{a} no dia em que a egreja celebra a apparição do archanjo; e a de S. Pedro com uma confraria de pescadores.

S.ta Eyria ou Iria, que já foi descripta em separado conforme a *E. C.* de 1864.

S.ta Cruz, vig.a da ap. da collegiada de S.ta Maria de Alcaçova; tinha além do vig.o e thesoureiro mais 4 beneficiados.

Sant'Iago, vig.a com 6 beneficiados, todos da ordem de Christo.

S. Matheus, prior.o da ap. do D. de Cadaval.

N'esta F. havia uma ermida de S.ta Eufemia.

Acham-se estas 12 FF. (pois se não conta a de S.ta Iria mencionada em separado) reduzidas hoje a 3 que são:

Nossa Senhora (Assumpção) de Marvilla, prior.o e matriz, á qual estão annexas segundo a *E. P.*, as ant.as FF. de S.ta Maria de Alcaçova, S.to Estevão, S. Julião, S. Lourenço e S. Martinho.

Compr.e esta F., além da parte respectiva da V.a, muitos casaes e q.tas dos quaes não menciona os nomes a *E. P.*

P. . .	C.	590 (as 6 FF. ant.as)	
	A.	546	
	E. P.	561	1717
	E. C.		2267

S. Nicolau, prior.o

Segundo o *M. E.* de 1840, estão annexas a esta F. as de Sant'Iago, S. Matheus, S.ta Cruz, S.ta Iria (hoje independente) e S. João Evangelista.

Compr.e esta F., além da parte respectiva da V.a, os casaes de Taré, Monte de Cravos, Quatro Varas, Confeiteiro, Manuel Braz, Gralho, Moura, Grainho, Carvalhal, Carrambois, Casaes do Cardoso, do Rego, José Candido, dos Nogueiras, Manuel Luiz, Ferida, Manuel da Silva, Joaquim Carpinteiro, Gadelha, Correia Coxo, Baracinho, Theodoro, Pinto Lopes, Carpinteiro, Antonio José, Baptista, Castanheiro, José Duarte, Feijoeira, Montalvo, Casaes do Reimão, Casaes da Teixeira, Casaes de Val de Beiçudo, Casaes do Machado, Casaes do Serralheiro, da Cabreira, Casaes das Fontainhas, Casaes do Parou, Casaes da Bica de S. Domingos, Rafôa, Amaro, Vallongo, Cabeça de Coelho, Casaes da

Cabeça das Gamas, Montezas; as hortas de Taré, Pouca Vergonha, Sampaio, Lavandeira, Simão Antonio de Carvalho, Lagôa, Pinheiro, Aguardenteiro, Mergulhão, João Mauricio de Carvalho, Viuva de Manuel Marcelino dos Reis, Arco, Castello; as q.^{tas} de Manteigas, Mineira, Prior de Marvilla, do Borba, das Bellas; e as H. I. de Casal de André Joaquim, Palheiro do Pinto, Casal de Ignacio da Costa Rodrigues, Casal de André Durão, Casal do Mesquita, Casal de Nicolau Gomes, Casal de Alexandre Marques, Casal do Liberato, Casal dos Frades, Casal de Manuel Pina, Casal dos Valles, Horta do Bréjo, Pero Bom, Casal de José Ruivo, Horta do Provedor, Quinta da Bica, Quinta das Cortezes, Casal da Motta, Casaes do Cirne, Horta da Boleta, Horta do Sequeira, Horta da Viuva do Bonifacio, Casal do Alqueidão, q.^{ta} que foi de João Antonio da Fonseca, Quinta de Val de Donzellas, Casal da Curiosa, Casal do Secorio, Horta do Grainho; e ao S. do Tejo o sitio da Tapada, Casa de Pau, Casal do Paiva, Casal do Salvador, Casaes de Luiz Caetano, Quinta da Gafaria, Quinta do Leite, Quinta da Matta, Casal da Curiosa, Casal da Eira.

P...	C..........	360	
	A..........	404	
	E. P........	485..............	2248
	E. C...........................		1663

Salvador, vig.^{a}

Segundo o *M. E.* de 1840, estavam annexas a esta F. as de S.^{to} Estevão, S. Julião e S. Lourenço, mas não está conforme n'este ponto o dito *M. E.* com a *E. P.* como vimos na F. de Marvilla.

Compr.^{e} a moderna F. do Salvador, além da parte respectiva da V.^{a}, os log.^{es} da Portella das Padeiras, Quinta de Rolim, Quinta dos Pinheiros, Quinta dos Anjos, Quinta da Portella, Quinta dos Vigarios, Besteira, Val d'Ossos, Covas de Sta Catharina, Fonte Boa, Quinta d'Alorna, Casal do Craveiro. e Val de Tijolos, ao S. do Tejo.

P... { C........... 420
A........... 462
E. P........ 536.............. 1629
E. C........................... 2007 }

Entendemos conveniente apresentar tambem a população em globo, de todas FF. da cid.ᵉ, que é a seguinte:

P... { C.......... 1370
A.......... 1412
E. P....... 1582.............. 5594
E. C........................... 5937 }

Antes da extincção das ordens religiosas em Portugal tinha Santarem os conventos seguintes:

S.[to] Agostinho de eremitas calçados, fundado em 1376 por D. Aflonso Tello de Menezes, C. de Ourem. Este conv.º diz Carv.º, tem muitas coisas dignas de reparo, como é o espelho de uma só pedra sobre a porta principal e muitas sepulturas de marmore maravilhosamente lavradas.

Nossa Senhora de Jesus, da ordem terceira de S. Francisco, fundado em 1617 e concluidas todas as obras em 1649.

Santissima Trindade, primeiro d'esta ordem que houve em Portugal, fundado em 1218. Tinha, segundo diz Carv.º, muito boas q.[tas] especialmente a da Mafarra nas Bairradas e a de Monte de Trigo, nas Campinas.

S. Francisco, casa de noviciado da ordem d'este patriarcha, fundada em 1263.

N'este conv.º existia a estatua de el-rei D. Affouso Henriques que estava na fachada da ermida de S. Miguel, hoje em ruinas; era toscamente lavrada em pedra e a julgam do tempo d'este soberano. Tambem existia n'este mesmo conv.º o magnifico tumulo de D. Duarte de Menezes C. de Vianna, governador de Alcacer Ceguer, feito em pedaços pelos mouros, e de seu corpo só se encontrou um dedo que a condessa fez depositar n'esta rica sepultura, modelo de architectura n'este genero.

Nossa Senhora da Oliveira, da ordem de S. Domingos, fundado por D. Sancho II em 1225.

S. Bento dos Apostolos, da ordem Benedictina, fundado em 1571.

Nossa Senhora da Piedade, de Agostinhos descalços, fundado em 1675 em uma ermida da mesma inv. que fôra mandada edificar por D. Affonso VI em agradecimento pela restauração da cidade de Evora e victoria do Ameixial.

Menciona mais Carv.º um conv.º de S. João Baptista (não diz a ordem) fundado em 1583 que não vem no quadro de J. B. de Castro.

Pela sua parte J. B. de Castro, menciona mais dois em que não falla Carv.º: S.to Antonio, de arrabidos, fundado em 1590, e S.ta Thereza, de carmelitas descalços, fundado em 1648.

Collegios e hospicios tinha os seguintes:

Nossa Senhora da Conceição, da Companhia de Jesus, fundado em 1621 e ext.º em 1759.

A Enfermaria, hospicio de arrabidos, fundado em 1570.

Menciona Carv.º mais dois hospicios, um da ordem terceira de S. Francisco e outro de Antoninos; porém d'elles não falla J. B. de Castro.

Mosteiros tem os seguintes:

S. Domingos das Donas, da ordem dominicana, fundado em 1240 ou 1246.

S.ta Clara, da ordem de S. Francisco, fundado em 1272 por el-rei D. Affonso III, segundo Carv.º, em 1259 segundo J. B. de Castro.

Tem casa de misericordia com um bom hospital, e em 1708 tinha, segundo Carv.º, mais um hospital de lazaros, um de merceeiras na ermida do Espirito Santo, e outro de peregrinos na ermida de Palhaes, na Ribeira; todos eram administrados pela casa da misericordia.

Era Santarem V.ª muralhada com 5 portas, Leiria, Atamarma, Manços, Vallada e Alcaçova: e além d'estas muralhas estava ainda murada em especial a parte chamada Alcaçova, ou Bairro de Alcaçova, no ultimo extremo do monte em que a V.ª está sit.ª, e pendente sobre o rio. Ao entrar da Alcaçova, ao lado direito, sobresaía ao terreno adjacente

uma antiga torre chamada do Bufo, d'onde dizem se avistava em dias serenos o castello de Lisboa.

A ant.ª V.ª de Santarem estava dividida em 3 bairros: Marvilla, na parte alta da montanha, Alfange, em um valle ou quebrada profunda para o lado do rio, e Ribeira, mesmo á margem do Tejo, no sopé do monte.

Alguns auctores a dividiam em 4, contando mais o bairro de Alcaçova, tambem na parte mais elevada e contigua a Marvilla.

Tem a actual cidade (em que se não comprehende a F. da Ribeira) algumas boas ruas e espaçosos terreiros e praças; entre estas é notavelmente bella a do seminario patriarchal.

Este seminario, antigo collegio da Companhia de Jesus, de que já fallámos, tem ainda a mesma inv. de Nossa Senhora da Conceição; porém a egreja é mais moderna, pois data, segundo diz o *D. C.*, do anno de 1679: tem desassombrado frontespicio sobre a dita praça, e templo espaçoso, altar mór de rico mosaico e 8 capellas lateraes. O resto do edificio corresponde a esta grandeza: os dormitorios são espaçosos, a sala dos actos magestosa e todas as officinas bem apropriadas.

Tem tambem alguns edificios particulares de construcção moderna e muito regulares.

Santarem é abundante do todos os fructos, de gados, caça e peixe, tanto do mar como do rio; porém de seus fertilissimos arredores recolhe especialmente cereaes, vinho e azeite.

Entre as frutas especialisam-se grandes e saborosissimas romans e excellentes marmellos e gamboas.

Tem estação telegraphica.

Tem feiras annuaes no domingo de paschoela e no segundo domingo de outubro, ambas de 3 dias, e mercado no segundo domingo de cada mez.

Tem este concelho:

Superficie, em hectares	62342
População, habitantes	30207
Freguezias, segundo a *E. C.*	28
Predios, inscriptos na matriz	28098

Tem este concelho:

Superficie, em hectares	686468
População, habitantes	197935
Concelhos	18
Freguezias, segundo a *E. C.*	140
Predios, inscriptos na matriz	214886

Segundo a maioria dos nossos auctores antigos, muito inclinados ao maravilhoso, foi esta povoação fundada por um rei Abidis, 1100 annos antes da era vulgar, e ao mesmo Abidis deve o seu primitivo nome de *Escalabis*, corrupção de *Esca Abidis*, sustento ou manjar de Abidis, por ter ali sido creado.

Os romanos lhe chamaram *Julium Praesidium*, em respeito a Julio Cesar que a escolheu pela sua grande população e boas fortificações para principal praça da Lusitania.

Augusto a visitou e ennobreceu com grandes privilegios. Foi convento juridico e uma das 3 chancellarias da Lusitania.

N'esta povoação dizem ter sido publicado, de uma varanda do antigo templo de *S. João de Alporão*, que já não existe, pois a camara a fez derrubar no fim do seculo passado, o celebre edicto do mesmo imperador Augusto para o registo ou censo de todos os chefes de familia, pagando cada um dos ditos chefes uma pequena moeda de prata, que parece tinha de um lado o busto do mesmo imperador e do outro um botão de rosa meio aberto.

Por esta occasião dizem se registaram na Lusitania mais de 5 milhões de chefes de familia, que corresponde a 20 milhões de habitantes, numero superior ao que tem hoje a Peninsula toda!

«A colonia *Scalabis* (diz o dr. E. Hübner) chamada *Praesidium Julium*, cabeça de um dos 3 conventos juridicos da Lusitania colloca-se em Santarem. A posição que occupa junto ao rio, a existencia de restos numerosos de columnas e outros signaes de povoação romana, tornam provavel que esta localidade corresponda á colonia que devia dominar todo o norte da Lusitania.

«Ainda ali existem duas lapides sepulchraes e n'estas dá-se *Olissipo* por patria dos fallecidos que se commemoram.»

O *D. G. M.* concorda perfeitamente e comprova este ultimo periodo extraído da obra do illustre prussiano, pois nos diz que no adro da egreja de S.ta Maria de Alcaçova se vêem duas sepulturas com as seguintes inscripções:

D. M.
M. ANTONI. M. F.
GAL. LVPI. OLLISI
PONENSIS
H. S. E.

Traducção do parocho:

«Aos Deuses das Almas. Aqui está sepultado Marco Antonio, natural de Lisboa, filho de Marco Lobo, da Tribu Galeria.»

D. M.
Q. ANTONI M. F.
CAI. CELERI
OLLISIPONENSIS

Traducção do parocho:

«Aos Deuses das Almas. Quinto ou Quincio Antonio, militar (soldado) filho de Caio, Perfeito, natural de Lisboa.»

Em 653, reinando Recesvindo ou Recesvinto rei dos godos, se diz ter apparecido o corpo de S.ta Iria ou Irene, virgem martyr, cuja lenda é de todos sabida; e d'ahi em diante se começou a chamar á povoação S.ta Irene e com os tempos Santarem.

Com tudo os mouros sempre lhe deram o seu antigo nome *Scalabis castrum*, que corromperam para *Cabelicastro*.

D. Affonso VI de Leão a tomou aos infieis em 1093, estes a retomaram em 1110 e D. Affonso Henriques a restaurou difinitivamente em 15 de março de 1147, povoando-a de christãos e concedendo-lhes grandes fóros e privilegios.

D. Affonso III em 1254 confirmou ou reformou o primitivo foral.

Ali foram convocadas as côrtes nacionaes por D. João I em 1385, por D. Duarte em 1433, e por D. João II em 1477, na ausencia de seu pae D. Affonso V.

Houve em Santarem o primeiro tribunal da relação do reino, que D. João I transferiu para Lisboa.

D. Pedro I que ali residiu por vezes fez construir o Paço de Alcaçova e deu principio ao palacio chamado de fóra de V.ª

D. Manuel a ennobreceu com templos grandiosos, fez construir fontes, calçadas, a extensa ponte de Asseca, e a celebre torre das cabaças.

Os santarenos em todos os tempos se tem mostrado zelosos da honra e independencia nacional.

Acclamaram espontaneamente o mestre de Aviz: e tomaram parte activa nas luctas heroicas d'esses tempos.

Depois da infausta perda do infeliz rei D. Sebastião nas planicies de Alcacer Kibir, e da morte do cardeal rei D. Henrique, recebeu Santarem de bom grado e prestou sincero apoio a D. Antonio prior do Crato.

Finalmente na gloriosa acclamação de D. João IV seguiu, sem preceder ordem alguma, o nobre exemplo da capital, sendo a segunda terra do reino que fez arrear a bandeira castelhana e içar o pavilhão nacional.

O brazão d'armas de Santarem foi-lhe dado por el-rei D. Affonso Henriques; é um castello de prata com 3 torres em campo azul e sobre um rio de ondas verdes, tendo por cima da porta do castello o escudo das reaes quinas.

El-rei o sr. D. Luiz I elevou Santarem á categoria de cidade por carta de lei de 24 de dezembro de 1868.

Muitos são os varões illustres que tiveram seu berço em Santarem; mas por falta de espaço, que precisamos para outras noticias indispensaveis segundo os fins especiaes d'este trabalho, deixamos aos mais competentes as particularidades biographicas e genealogicas.

TREMEZ

(22)

Ant.ª F. de Sant'Iago Maior no L. de Tremez, prior.º de concurso diz Carv.º; porém a *E. P.* menciona a ap. do M. de Abrantes.

Em 1840 pertencia esta F. ao conc.º de Alcanede, ext.º pelo decreto de 24 de outubro de 1855, pelo qual passou ao de Santarem.

Está sit.º o L. de *Tremez* na estr.ª de Alcanede para Santarem, 3[l] a O. N. O. da estação de Val de Figueira (C. de ferro do N. Dista de Santarem 17[k] para N. O.

Compr.º mais esta F. os log.[es] de Bairro (Bairro de D. Constança no mappa topographico), Lorosa ou Larosa, Semterra ou Sinterra, Agua Peneira, Passo, ou Paço (grande aldeia segundo o mappa), Mattas, Arneiro, Santos, Casal de Azenha.

P...	C..........	230	
	A..........	200	
	E. P.......	262...............	900
	E. C..........................		1103

Ha no L. de Tremez uma feira annual, a qual dura tres dias, começando em 24 de julho.

VALLE

(23)

Ant.ª F. de Nossa Senhora da Expectação no L. do Valle, segundo Carv.º, Valle de Soeiro Pisão no *D. G. M.*, Valle

de Santarem na *E. P.*, cur.^{o} Annexo a Sta Maria de Marvilla segundo Carv.^{o}, da ap. do prior de S. Julião de Santarem, segundo o *D. G. M.* e a *E. P.;* no T. da dita V.^{a} Hoje é F. independente conforme a *E. C.*

Está sit.^{o} o L. do *Valle de Santarem* proximo e a O. do C. de ferro do N.

Dista de Santarem 8^{k} para S. O.

P...	C.	125	
	A.	155	
	E. P.	180	680
	E. C.		793

VAL DE FIGUEIRA

(24)

Ant.^{a} F. de S. Domingos de Val de Figueira, cur.^{o} da ap. do prior de S. Vicente do Paul, no T. de Santarem.

Está sit.^{o} o L. de *Val de Figueira* 2^{k} a N. O. da m. d. do Tejo. Tem estação do C. de ferro do N. Dista de Santarem 12^{k} para N. E.

Compr.^{e} mais esta F. alguns casaes e q.^{tas} sem nomes especiaes.

Proximo ao L. de Val de Figueira fica sit.^{a} a estação do C. de ferro do N. chamada de Valle de Figueira: é a XIII da linha de Lisboa ao Porto.

P...	C.	115	
	A.	150	
	E. P.	138	412
	E. C.		593

Antes da extincção das ordens religiosas em Portugal, havia n'esta F. um conv.^{o} de Arrabidos da inv. de Sta Maria de Jesus, fundado em 1623.

VAQUEIROS

(25)

Ant.^{a} F. do Espirito Santo segundo a *E. P.*, Sta Maria

segundo o *D. C.*, e *D. C.* do sr. Bett. no L. de Vaqueiros, cur.º da ap. dos freguezes, no T. de Santarem.

No *M. E.* de 1840 vem esta F. como annexa á de Cazevel, no conc.º de Pernes, ext.º pelo decreto de 24 de outubro de 1855, pelo qual passou ao de Santarem.

Está sit.º o L. de *Vaqueiros* na m. e. do rio Alviella, 1^{k} a O. da estr.ª real de Torres Novas a Santarem 12^{k} a O. N. O. da estação de Matto de Miranda (C. de ferro do N.) Dista de Santarem 23^{k} para N. N. E.

Compr.^{e} mais esta F. o L. de Cabeça Gorda e os casaes de Delgado, do Coelho, da Eva, de Val das Ratas.

P. . .	C.	100	
	A.	60	
	E. P.	56.	216
	E. C.		250

Foi mui distincta esta F., diz o parocho no seu relatorio, no tempo dos antepassados do C. da Taipa e ainda d'isso existem monumentos.

VARZEA

(26)

Ant.ª F. de Nossa Senhora da Varzea e Outeiro, segundo Carv.º, Nossa Senhora da Conceição na *E. P.*, cur.º da ap. do prior de S. Martinho da V.ª de Santarem, no T. da mesma V.ª Hoje é prior.º

Está sit.º o L. do *Outeiro* (no qual segundo o mappa topographico existe a egreja parochial), 4^{k} a O. da estr.ª de Santarem a Torres Novas. Dista de Santarem 8^{k} para N. O.

Compr.^{e} esta F. os log.^{ea} de V.ª Gateira, Pero-filho, Aramenha, Outeiro com 10 fogos; os casaes de Aramenha, Azenha, Narcisa, Candiceira ou Coticeira, Cacho, Carneiria, Fonte, Pina, Maio, Alcobacinha, Chões, Charroada, Limões, Porto Mau, Val da Vaca, Paró, Mattos, Quintão, Grainho, Marmelal, Cabritada ou Cabrita, Curutello, Cerca, Estrada, Novo; e as q.^{tas} de Aramenha, Narcisa, Figueiras, Freixo, Laranjeira, S. Martinho, Rozario, Rebellas, Macho ou Moxo,

Quintinha dos Frades, Gandra ou Granja, Mafalda ou Mafarra (com 5 fogos), Curutello.

P...	C..........	150	
	A..........	210	
	E. P........	307...............	1080
	E. C........................		1223

CONCELHO DO SARDOAL

(n)

BISPADO DE CASTELLO BRANCO

COMARCA DE ABRANTES

ALCARAVELLA

(1)

Ant.ª F. de Sta Clara, prior.º da ordem de Malta e da ap. do grão prior do Crato, segundo o *D. G. M.*, da casa do inf.º segundo a *E. P.*, no T. da V.ª do Sardoal.

Don.º o M. de Fontes segundo Carv.º, a duqueza de Abrantes segundo o *D. G. M.*

Está sit.º o L. de *Santa Clara* (que em 1758 só tinha a egreja parochial e duas casas, e hoje segundo o mappa só tem a egreja, uma azenha na ribeira e uma casa do outro lado) junto de uma ribeira que é aff.^{e} do Tejo, 9^{k} ao N. da m. d, d'este rio.

Dista do Sardoal uma legua para N. E.

Compr.^{e} mais esta F. os log.^{es} de Preza ou Casaes da Preza, Casas Novas ou Casos Novos, Val dos Pregos, Val Formoso sobre uma ribeira aff.^{e} da que passa em Sta Clara, Panascos, Tojeira, Ribeira, Porto da Preza, Hervideiro ou Ervideiro, Casal Velho, Venda, Carrascaes, Monte Cimeiro, Cimo das Ribeiras, Herdeiros, Outeiro, Saramago ou Saramoga, Amieira Cova, Pizão Cimeiro, Casal de Pedro da Maia; e as H. I. de Val de Oliveira, Azenha Nova, Pisão Fundeiro.

P.	C.	120	
	A.	197	
	E. P.	204	706
	E. C.		774

É F. espalhada com muitos casaes e casas isoladas: o casal maior era o de Panasco, segundo o *D. G. M.*

Recolhe algum centeio, azeite e pouco trigo.

SARDOAL

(2)

Ant.ª V.ª do Sardoal na ant.ª com. de Thomar.

É hoje cab.ª do actual conc.º do Sardoal.

Está sit.ª em logar baixo 6^{k} ao N. da m. d. do Tejo e na m. d. da ribeira do Sardoal. Tem estr.ª para Abrantes. Dista de Santarem $13\frac{1}{2}^{l}$ para E. N. E.

Tem uma só F. da inv. de Sant'Iago e S. Matheus, vig.ª que era da ap. alt.ª do bispo da Guarda e M. de Fontes, e comm.ª da ordem de Christo, pertencente á casa de Cadaval. Em 1708 era collegiada.

Compr.^{e} esta F., além da V.ª, as aldeias[1] de Valhascos, Cabeça das Mós, Entre Vinhas, Andreus, S. Simão de Alferradede; os log.^{es} de Venda Nova, Palhota, S. Domingos da Roda, Salgueira, Montalegre, Tojal, Mimeaqueiro ou Meio Vaqueiro, Lobata, Mogão Fundeiro ou Mogos Fundeiros, Mogão Cimeiro ou Mogos Cimeiros, Amieira, Códes, Foz de Amieira; o casal das Mansas; e as q.^{tas} de Paixão ou Pouchão, Arcez, Val da Louça, Magdalenas, Terras, Porto de Mação, Val de Amarella, Casa Nova, Outeiro da Lobata, Fontainha, Laranjeira.

NB. Está annexa a esta F. a ant.ª F. de S. Matheus do Sardoal e por isso tem o orago Sant'Iago e S. Matheus.

Vem mencionados em Carv.º os log.^{es} de Alferradede com uma ermida de S. Simão, Montalegre, com ermida de San-

[1] N'esta F. consideram-se as aldeias povoações maiores do que os logares.

t'Iago, muitas casas e azenhas, Mogão, Andreus (que eram 3 aldeias), Valhascos (que tambem eram 3 aldeias), Miraqueiro, Cabeça das Mós, Entre as Vinhas, Toxal.

P...	C..........	600	
	A..........	1046	
	E. P.........	1064..............	3700
	E. C..........................		3934

Tem casa de misericordia e hospital.

A egreja parochial está hoje, segundo nos apresenta o mappa topographico, em um terreiro entre as duas e principaes ruas que formam a V.ª

Em 1708 havia na V.ª as ermidas do Espirito Santo (na praça), S.ta Catharina, S. Sebastião, S. Francisco, e o conv.º de Nossa Senhora da Caridade, de Capuchos da provincia, da Soledade, fundado em 1571, com uma ermida de S.to Antonio dentro da cerca.

No T. havia as ermidas de Nossa Senhora dos Barbi-longos, S. Domingos, S. Miguel, S.ta Maria Magdalena, S. Bartholomeu, Nossa Senhora da Graça, e a de Nossa Senhora da Lapa, proxima á ribeira das Rezes.

É abundante de azeite, vinho, caça e todo o genero de frutas, recolhe algum trigo, centeio e milho.

Tem duas fontes, dois poços e muitas cisternas.

Tem feira annual a 28 de outubro.

Tem este concelho:

Superficie, em hectares......................	6771
População, habitantes......................	4708
Freguezias, segundo a *E. C*................	2
Predios, inscriptos na matriz............ ...	8611

CONCELHO DE THOMAR

(o)

PATRIARCHADO

COMARCA DE THOMAR

ALVIOBEIRA

(1)

Ant.ª F. de S. Pedro de Albiubeira segundo Carv.º Alviobeira na *E. P.*, vig.ª da ordem de Christo e de concurso pela Mesa da Consciencia, no T. de Thomar.

Em 1840 pertencia esta F. ao conc.º de Ferreira do Zezere. Passou ao conc.º de Thomar pelo decreto de 24 de outubro de 1855.

Está sit.º o L. de *Alviobeira* 2ᵏ a E. da m. e. da ribeira das Pias, 12ᵏ a O. da m. d. do Zezere. Tem estr.ª para Thomar.

Dista de Thomar 12ᵏ para N. E.

Compr.ᵉ mais esta F. os log.ᵉˢ de Freixo, Chão das Eiras, Ceras, Tôco, Portella de Nexebra, Ventoso, Casal Velho, S. Martinho, e a q.ᵗᵃ do Paço.

Vem mencionados em Carv.º além de Albiubeira, séde da egreja parochial, com uma ermida de S. Silvestre, os log.ᵉˢ de Freixo, Ceras, com uma ermida de Nossa Senhora da Ajuda, Chão das Eiras, Ventoso, com uma ermida de S.ᵗᵃ Luzia, Tôco com uma dita de S. Domingos, Nexebra, Casa de S. Martinho, com uma ermida d'este S.ᵗᵒ, e a q.ᵗᵃ do Paço que foi do commendador mór da ordem de Christo

Gonçalo de Sousa, e cabeça do morgado pelo mesmo instituido, de que era administrador em 1708 Francisco de Azevedo e Sousa.

P...	C..........	170	
	A..........	170	
	E. P........	160...............	630
	E. C..........................		721

Recolhe trigo, centeio, milho, e mediania dos demais frutos.

ASSEICEIRA

(2)

Ant.ª V.ª da Assinceira, segundo Carv.º e J. B. de Castro, de Asseiceira, segundo a *E. P.* e *D. C.*, na ant.ª com. de Thomar, de que era don.º o C. d'Atalaia.

Está sit.ª em um valle na falda de um monte, $^1/_2{}^l$ a S. O. da m. d. do Nabão, $1^1/_2{}^l$ ao N. da m. d. do Tejo, na estr.ª real que vem de Thomar entroncar na real de Abrantes a Torres Novas, 9^k a N. E. da estação do Entroncamento e 7^k a S. E. da estação de Pae Alvo (C. de ferro do N.) Dista de Thomar duas leguas para o S.

Tem uma só F. da inv. de Nossa Senhora da Purificação, prior.º que era da ap. dos C. d'Atalaia.

Compr.ᵉ esta F., além da V.ª, que o *D. C.* chama V.ª ext.ª, os log.ᵉˢ de S.ᵗᵃ Citta, Guerreira, Cerejeira, Val da Fonte, Valigote, Falagueiro ou Palagueiro, Foz do Rio, Perdigueira, Grou, Atalho, Pucilgão, Casal Novo; os casaes de Linhaceira, Roda, (Roda de Cima e Roda de Baixo no mappa); e as q.ᵗᵃˢ de Sant'Anna da Guerreira, Matrena, Val da Vinha.

P...	C..........	150	
	A..........	437	
	E. P........	414...............	1773
	E. C..........................		1744

Tem casa de misericordia.

É abundante de trigo, centeio, milho, frutas, gado e caça.

Fabricam-se n'esta V.ª muitos chapeos.

Foi fundada por el-rei D. Diniz em 1315, o qual lhe deu foral, que depois reformou Filippe II em 1591.

O sr. P. L. no *D. G.* diz ser povoação mais ant.ª e que el-rei D. Manoel lhe deu novo foral em 1514.

BEBERRIQUEIRA

(3)

Ant.ª F. de S. Pedro no L. de Beberriqueira, vig.ª da ordem de Christo, da qual o vig.º é freire professo, no T. de Thomar.

Está sit.º o L. de *Vermueiros* (pequeno L. segundo o mappa) $^{1}/_{2}{}^{l}$ a E. da m. e. do Nabão, 4^{k} a N. O. da m. d. do Zezere.

Dista de Thomar 8^{k} para S. E.

Esta F. fica entre os rios Nabão e Zezere, e ao S. fica-lhe uma formosa planicie mui fertil de trigo, e de muitos olivaes, que é regada pela ribeira de Lousão.

Compr.ᵉ mais esta F. os log.ᵉˢ de Couto, Val Florido, Tomares ou Tomazes, Portella, Bairro, Pinheiro, Pero Calvo, Granja, Forensa, Marianaia (com fabrica de papel), Venda, Bemposta, Maxieira ou Ameixieira, Duroes ou Durões, Casal de Deus, Marreiros, Ervideiras do Meio, Ervideiras de Cima, (no mappa um só L. Ervideira), Bocca da Matta, Fontainhas, Torre de Cima, Torre de Baixo, Alvrangel ou Albrangel, Portellinha de Cima, Portellinha de Baixo, Fortes de Cima, Fortes de Baixo (no mappa um só L. de Fortes), Estrada, Beberriqueira, Casal Velho e outro do mesmo nome, Casal de Pedro Tereiro, Casal das Fontainhas, Barca Nova, Borda d'Agua, Val Bom, Quinta do O.

Segundo o mappa topographico parece que devem tambem pertencer a esta F. os casaes do Amor e do Contraste.

Vem mencionados em Carv.º os log.ᵉˢ de Beberriqueira, então séde da egreja parochial, Fortes, com uma ermida de S.ᵗᵒ Antonio, Alvarangel, Pinheiro, Granja, Val Florido, com

uma ermida de S. Silvestre. e outra de Nossa Senhora do Ó, Mariannaia, Bemposta, Ervideiras, Pero Calvo.

P...	C..........	230		
	A..........	238		
	E. P......	335..............		1200
	E. C..........................			1407

BEZELGA

(4)

Ant.ª F. de S. Silvestre, vig.ª da ordem de Christo, da qual o vig.º era freire professo, no T. de Thomar.

Está sit.º o L. de *Bezelga*[1] sobre a ribeira Bezelga, junto e a E. do C. de ferro do N., 4^k a N. N. O. da estação de Pai-Alvo. Tem estr.^{as} para Thomar e para Torres Novas. Dista de Thomar $1\,{}^1/_2{}^l$ para O.

Compr.^{e} mais esta F. os log.^{es} de Val do Calvo, Carregueira, Francos, Fonte da Longra, Longra, Casal de S. Lourenço, Fagulhos, Assamaça, Casalinho, Casal de S. Silvestre (L. no mappa topographico), Ponte; os casaes do Anjo, do Pinhal, da Ponte, e o casal Novo.

Vem mencionados em Carv.º Bezelga, L. da F. de Magdalena que era do mesmo T. de Thomar, Val de Calvo, Carregueira, Francos, Fonte da Longa, S. Lourenço, com uma ermida d'este santo, Assamaça, todos estes da F. de S. Silvestre.

P...	C..........	80		
	A..........	194		
	E. P.......	202...............		579
	E· C..........................			866

Defronte do L. de Bezelga, diz o *D. G. M.*, está um monte que chamam da *Cividade*, onde não só pela analogia do nome mas tambem pelas ruinas que ali se tem en-

[1] A egreja parochial está ao N. do L. de S. Silvestre segundo o mappa topographico, onde vem dois log.^{es} de Viselga (Viselga de Cima e Viselga de Baixo), ambos na margem da ribeira.

contrado, entende Jorge Cardoso que estava a ant.ª cidade de *Bezelga.*

J. B. de Castro tambem sitúa n'este logar a dita antiga cidade de *Bezelga*, seguindo a Jorge Cardoso: o dr. Hübner diz a este respeito o seguinte:

«Entre Santarem e Thomar, n'um outeiro perto de Torres Novas, chamado o monte da cidade, existem, como se affirma no Diccionario Manuscripto da Torre do Tombo, vol. 37, pag. 712 a 769, ruinas de uma antiga cidade talvez por nome Bezelga.»

O sr. P. L. no *D. G.* transcreve as noticias que a este respeito encontrou no *Agiologio Lusitano*, que parece ser de opinião que a dita cidade de Bezelga se levantou das ruinas de outra ainda mais antiga chamada *Concordia.*

No adro da matriz ha, segundo nos informa o dito auctor do *D. G.*, uma calçada subterranea, sobre argamassa, feita de pedrinhas quadradas de varias côres, coisa muito curiosa, e tambem um cano de telhões por onde corria a agua.

CARREGUEIROS

(5)

Ant.ª F. de S. Miguel da Pedreira, vig.ª da ap. do ordin.º, segundo a *E. P.*, mas segundo o *D, G.* do sr. P. L. era comm.ª dos freires de Christo, no T. de Thomar. Hoje é prior.º

Esta sit.º o L. de *Carregueiros* (hoje séde da egreja parochial segundo a *E. P.;* porém, no mappa topographico, vê-se a egreja isolada 1 ᵏ ao N. do L.) 2 ᵏ para N. O. de Thomar.

Compr.ᵉ mais esta F. os log.ᵉˢ de Pedreira, sobre o Nabão 3 ᵏ a E. N. E. de Carregueiros, Cadaval, tambem sobre o Nabão, S. Simão, Val de Carvalho, Val de Figueira, Casaes da Azinheira; os casaes do Sutil, Ribeiro, Cabrita, Arrudas, Novo, Granja das Fontes, Brazões, Couto, João Soares, Antonio Miguel, Joaquim da Constança, Pombalinho; e

as q.^{tas} ou H. I. de Granja, Raposa, Pegões, Franca, Fillipinheira ou Fillipinha, Thomé, Viegas, Estrada.

Vem mencionados em Carv.^{o} os log.^{es} de Carregueiros, com uma ermida de S.^{to} Amaro, Pedreira com uma dita de Nossa Senhora das Neves (ainda existe a ermida, pois vem no mappa), este L. dava n'esse tempo o nome á F., Val de Carvalho, Porraes com uma ermida de S. Simão, é talvez o que vem na *E. P.* com o nome de S. Simão.

P...	C..........	150	
	A	234	
	E. P.......	258...............	1019
	E. C..........................		1098

Junto ao L. da Pedreira no sitio chamado o Prado[1] havia em 1708 um engenho de fundição de ballas de ferro, que trabalhava por meio da agua do rio Nabão.

Mais abaixo em uma q.^{ta} que pertencia ao convento de Christo da V.^{a} de Thomar, havia uma ponte de um só arco sobre o Nabão, feita com grandeza por ser largo o rio n'aquelle sitio.

Por esta F., junto á ermida de S.^{to} Antonio dos Pégões, passava o aqueducto, formado de altos arcos uns sobre os outros, que conduzia agua para o dito conv.^{o} de Thomar; obra tambem feita com grandeza, pelos dois primeiros Filippes de Castella, como consta de uma inscripção que transcreve o sr. P. L. no *D. G.*

CASAES

(6)

Ant.^{a} F. de Nossa Senhora do Reclamador no L. de Casaes, vig.^{a} da ordem de Christo e de concurso pela Mesa da Consciencia, no T. de Thomar. Hoje é prior.^{o}

Está sit.^{o} o L. de *Casaes* 2^{k} a E. N. E. da m. e. do Nabão.

Dista de Thomar 7^{k} para N. N. E.

[1] Prado, casal sobre o Nabão, vem no mappa.

Compr.e mais esta F. os log.es de Sianda ou Cianda, Calvinos, Povoa, Ganados ou Esganados, Torre, Casal Novo, Pesqueira, Casal do Pinheiro, Algaz, S.ta Catharina, Arroteia, Venda Nova, Pintado, Feteira, Ollas, Adjusta, Assamaça, Carvalhal, Casas Velhas, Fetaes ou Fetal; os casaes de Saborosa, Val do Poço, Enxofreira, Val das Colmeias, Paredes, Casaes Novos, Fervença ou Provença; as q.tas de Pesqueira, Ganados ou Esganados, Calvinos; e as H. I. de Portella da Legua ou Portella da Lagôa, Casal do Medico, Barraca de Pau, Casal da Giesteira, Catharinos, Sobreirinho, Curto, Custo (ou Cento?) [1]

Vem mencionados em Carv.o além do L. de Casaes, séde da egreja parochial, os logares de Soanda (o *D. C.* chama-lhe Soana) com uma ermida de S.to Antão, Calvinos com uma dita de Nossa Senhora do Mildeo, (esta ermida vem no mappa), Carvalhal com uma dita de S. Silvestre, Casas Velhas, Val do Poço, Enxofreira com uma ermida, Fétaes, Casaes Novos com uma ermida de Nossa Senhora das Lapas, junto ao rio Nabão (esta ermida vem no mappa), Pesqueira com uma ermida de S. Sebastião, Venda Nova, Algás, S.ta Catharina, Ollas com uma ermida de Nossa Senhora do Rosario, Adjusta com uma dita de Nossa Senhora dos Remedios (esta ermida vem no mappa), Ganados, Assamaça com uma ermida de S.to Isidoro (esta ermida vem no mappa), Pintado.

P...	C.	400	
	A.	476	
	E. P.	478	2098
	E. C.		2136

É abundante de trigo, centeio, milho e tem o sufficiente de todos os demais frutos.

[1] Não se entende a letra no *D. G. M.* nem da *E. P.* e não vem no mappa.

JUNCEIRA

(7)

Ant.ª F. de S. Matheus no L. de Junceira, vig.ª da ordem de Christo, no T. de Thomar.

Está sit.º o L. de *Junceira* 7ᵏ a E. da m. e. do Nabão, 6ᵏ a O. da m. d. do Zezere. Dista de Thomar 7ᵏ para E.

Compr.ᵉ mais esta F. os log.ᵉˢ de Poço Redondo, Fonte de D. João (com os casaes de Val da Bica e Salto da Pedra), Valles, Carril, Monte Novo, Outeiro; os dois casaes já nomeados e o de Arroz, junto ao L. de Junceira.

Vem mencionados em Carv.º, além de Junceira, séde da egreja parochial, os log.ᵉˢ de Valles, Carril, Outeiro, Poço Redondo, Fonte de D. João com uma ermida de S. Simão, a qual vem no mappa.

P. . .	C.	80	
	A.	273	
	E. P.	260	962
	E. C.		989

MAGDALENA

(8)

Ant.ª F. de S.ᵗᵃ Maria Magdalena, F. de Cem Soldos no *M. E.* de 1840 e *D. C.* do sr. Bett., vig.ª da ordem de Christo, da ap. da corôa pela Mesa da Consciencia, no T. de Thomar.

Está sit.º o L. de Cem Soldos (que não é séde da egreja parochial pois essa está em sitio ermo, 2ᵏ a S. S. O. do dito L.) entre o rio Nabão e ribeira Bezelga, 3ᵏ a N. E. da estação de Pai-Alvo (C. de ferro do N.) Dista de Thomar 4ᵏ para O. S. O.

Compr.ᵉ esta F. os logares de Cem Soldos, Porto do Mendo, Marmelleiro, Carvalhal Pequeno, Caniçal, Casaes, (Casaes da Magdalena, no mappa topographico), Charneca, Val de Cabrito, Corujo, Passo, Machial ou Maxial, Carvalhal

Grande, Gaios, Gallegos, Além da Ribeira, Sobreiras; os casaes da Ponte, Varandas; e as q.^{tas} de Cima, e do Porto da Lage.

Vem mencionados em Carv.^{o} os log.^{es} de Paço, Gaios com uma ermida de Sta Margarida, Porto de Mendo, Sem Soldos com uma ermida de S. Sebastião onde estava o sacrario por ficar em sitio ermo a egreja parochial, Caniçal, Carvalhal Grande, Casaes da Magdalena, com uma ermida de S. Simão, Carvalhal Pequeno, Marmeleiro com uma ermida de Sta Martha, Machial, Charneca, Val de Cabrito.

P...	C..........	350	
	A..........	308	
	E. P.......	320..............	1470
	E. C.........................		1320

Esta F. é das mais opulentas do T. de Thomar, muito abundante de trigo, centeio, milho, mimosas frutas, vinho e azeite.

Junto á ermida de S. Pedro, diz o *D. G. M.* descobriram-se muitas pedrinhas quadradas de varias côres, que parece serviam como azulejos; e tambem tem apparecido pelas immediações pedaços de arcos de pedra e de canos de metal, ferramentas de lavoura, e moedas de cobre, das quaes possuia uma Jorge Cardozo, que de uma parte tinha a figura do rio Tibre e da outra a effigie de Antonino Pio.

OLALHAS

(9)

Ant.^{a} F. de Nossa Senhora da Conceição no L. das Olalhas, vig.^{a} da ordem de Christo, no T. de Thomar.

Está sit.^{o} o L. das *Olalhas* (corrupção de Olaias arvores de que ha ali grande numero) 3 $^{1}/_{2}$^{k} a O. N. O. da m. d. do Zezere. Dista de Thomar 14^{k} para E. N. E.

Compr.^{e} mais esta F. os log.^{es} de Bairro Alto, Entre Vinhas, Ventoso, Vendas, Carqueijal, Amendoa, Cêpos, Poço Redondo, Abobereira Cimeira, Abobereira Fundeira, Estrada das Abobereiras, Casal das Abobereiras Pelmos (Pli-

nos no mappa topographico), Lameira Pequena, Val da Idanha ou Val da Edanha, Casal da Bica, Carvalhaes Pequenos, Vialonga, Cabeça do Carvalho, Sesmaria, Cardal, Pipa, Casal do Soeiro, Casal do Rijo, Estrada, Vimieiro, Sta Sophia, Casal de Pero Affonso, Cabeça da Moura, Lameiras, Sombreireiros, Alqueidão; e os casaes ou q.^{tas} de Presepio, Porto, Pinheiro, Estalage, Casal Branco, Barradinha, Casal da Pereira, Val do Loureiro, Azenha Nova.

Vem mencionados em Carv.^{o}, além de Olalhas, séde da egreja parochial com duas ermidas, Sta Luzia e S. Pedro, Alqueidão com uma ermida de Nossa Senhora da Saude e outra de S.^{to} Antonio em um alto, onde se sobe por escadaria de pedra, e em volta da ermida ha um taboleiro todo sombreado de freixos, loureiros e outras arvores, sendo para notar uma alta palmeira que dá excellentes tamaras, Sta Sophia com uma ermida da mesma santa (esta ermida vem no mappa), Cabeça de Moura, Vimieiro, Sueiro, Pipa, Cardal, Sesmaria, Cabeça do Carvalho, Carvalhaes, Bica, Val da Idanha com uma ermida de Nossa Senhora da Piedade, Aboboreiras, Carqueijal, Amendoa, Lameira Pequena, Villa Longa, Rijo com uma ermida de Nossa Senhora da Paz.

P...	C..........	360	
	A..........	530	
	E. P........	540...............	1969
	E. C...........................		1988

A egreja parochial era em 1708 a mais perfeita e bem ornada de todo o T. de Thomar.

Recolhe algum trigo, centeio, milho, toda a casta de frutas, muito vinho e azeite: é abundante de peixe do rio Zezere.

Tem boas aguas.

Segundo diz Carv.^{o}, para a parte do poente d'esta F. se começaram a explorar sete (?) minas de oiro de que ainda se tirou quantidade.

Em 1708 era commendador da comm.^{a} d'esta F. D. Manuel de Souza, alcaide mór das V.^{as} de Tomar e de Pias.

PAI-ALVO

(10)

F. de Nossa Senhora da Conceição, instituida com o titulo de F. de Paialvo, talvez por ser este o L. mais importante; o *D. C.* e o *D. C.* do sr. Bett. chamam-lhe Nossa Senhora da Conceição da Egreja Nova.

É prior.º e a *E. P.* diz ser do padr.º real, o que nos parece erro.

Está sit.ª a egreja parochial (cuja séde não é o dito L. de Paialvo mas sim o de Carrazedes, segundo o mappa topographico) 1^{k} a E. do C. de ferro do N., 3^{k} ao S. da estação de Pai-alvo. Dista de Thomar duas leguas para S. E.

Compr.^{e} esta F. os log.^{es} de Corvaceiras (ou Curvaceiras) Grandes, Venda da Peralva=Venda Nova, Carrazede ou Carrazedes, Bexiga, Corvaceiras (ou Curvaceiras), Pequenas, Charneca, Carrascal ou Carrascos; os casaes de Baixo, de João Dias, da Boa Vista, e alguns sem nome pela charneca; e as q.^{tas} das Fontainhas e do Freitas.

Vem mencionados em Carv.º, como log.^{es} do T. de Torres Novas, os seguintes pertencentes hoje a esta F., Pai-alvo, Corvaceiras Grandes, Corvaceiras Pequenas, Peralva, V.ª Nova, Carrazede, Carrascal.

P...	C.		
	A.	436	
	E. P.	463	1629
	E. C.		1761

A estação do C. de ferro do N., chamada de Pai-alvo, proxima ao L. de Pai-alvo, é a 1.ª a contar do *Entroncamento*, e a 18.ª da linha de Lisboa ao Porto. D'ali partem as diligencias para Thomar.

SABACHEIRA

(11)

Ant.ª F. de Nossa Senhora da Conceição, no L. da Sabacheira, vig.ª da ordem de Christo, no T. de Thomar.

Em 1840 pertencia esta F. ao conc.º de Aldeia da Cruz, hoje de V.ª N. de Ourem: passou depois ao conc.º de Thomar (ignoramos a data do decreto).

Está sit.º o L. chamado *Casal da Egreja* na m. e. da ribeira de Ceissa aff.ᵉ do Nabão, 2^k a N. E. da estação de Chão de Maçãs (C. de ferro do N.) Dista de Thomar 13^k para N. O.

Passa pelo meio d'esta F. em dilatada planicie a dita ribeira de Ceissa.

Compr.ᵉ mais esta F. os log.ᵉˢ de Sabacheira[1], Commenda, Val de Sancho, Manchite ou Monchite, Chão de Maçans (estação do C. de ferro do N. é a 2.ª a contar do *Entroncamento* e a 19.ª da linha de Lisboa ao Porto), Calça Perra, Casas d'Além, Furadouro, Aldeia da Serra (Casaes da Serra, no mappa topographico), Casal da Brava, Agua Boa, Barrio, Casalinho, Chão del Conde (Chão d'Alconde, no mappa), Pinhal, Cacinheira, Val de Lobos, Val Meão, Suimo ou Sumo[2]; e as H. I. de Val das Rodas, Val dos Ovos, Crez, Casal de Amendoa.

Vem mencionados em Carv.º, além do L. de Sabacheira, séde da egreja parochial, os log.ᵉˢ de Monchite com uma ermida S.ᵗᵒ Antonio, João de Maçans com uma dita de S.ᵗᵃ Martha, Furadouro, Serra com uma ermida de Nossa Senhora da Piedade, Sumo com uma dita de S.ᵗᵒ Ildefonso, Chão de Alconde, Casinheiras, Val de Lobos com uma ermida de Nossa Senhora da Esperança, Val Meão, com uma dita de Nossa Senhora dos Remedios, Val das Rodas.

[1] O L. de Sabacheira, segundo o mappa topographico, fica $1/2^k$ para o S. da egreja parochial e para o outro lado da ribeira.

[2] Lembramos ao leitor a nota da pag. 7, do vol. III.

P...	C.	200		
	A.	185		
	E. P.	206	....	809
	E. C.			917

É muito abundante de trigo, centeio, e feijão, chegando a dar duas novidades por anno.

SERRA

(12)

Ant.ª F. de Nossa Senhora da Purificação, vig.ª da ordem de Christo, no T. de Thomar.

Está sit.º o L. de *Serra* (o qual segundo o mappa topographico é onde está a egreja parochial) 3^k a O. da m. d. do Zezere.

Dista de Thomar 12^k para E.

Compr.ᵉ esta F., segundo a *E. P.*, os log.ᵉˢ de Amoreira, Alqneidãosinho, Aguda, Barreira Grande, Barreira Pequena, Bugarral ou Bugarrel, Barca, Cortes, Chão das Maias, Casa Nova, Casal, Caramoxel, Carvalhal, Castello Novo, Eira do Chão, Espinheiro, Esteveira, Figueira Redonda, Fonte da Vide, Levegada, Lombo, Macieira, Outeiro da Barreira, Olival, Outeiro do Forno, Paço, Pederneira, Portella, Pae d'Aviz, Pae Cabeça, Quinta do Filippe, Quinta, Silveira, Val das Vaccas, Ventuzel, V.ª Nova, Val Cabreiro ou Val Cabeiro, Val de Vime, Venda, Val de Roxo.

Chama-se esta F. de Serra por estar proxima á serra ou pelo L. de Serra; e tambem se chamava antigamente de Abbadia, pelo L. d'este nome que ainda vem mencionado em Carv.º, mas que hoje lhe não pertence[1].

Vem mencionados em Carv.º, além do dito L. de Abbadia, os log.ᵉˢ de V.ª Nova com uma ermida de S. Domingos, Espinheiro, Figueira Redonda, Barreira com uma ermida de S.ᵗᵃ Luzia, Macieira, Casa Nova, Chão das Maias, com uma ermida de S. Bartholomeu, Carvalhal com uma

[1] Assim o diz a *E. P.* mas parece impossivel em vista do mappa.

dita de S.^{to} André, Pae Cabeça com uma dita de S. Pedro, Lobegada com uma dita de S.^{to} Amaro.

P...	C...........	290	
	A...........	686	
	E. P.........	730..............	2780
	E. C............................		2925

Recolhe muito azeite e frutas de espinho, e tem abundancia de saveis e lampreias do rio Zezere.

THOMAR

(13)

Ant.^{a} V.^{a} de Thomar, cab.^{a} da ant.^{a} com. de Thomar. Era da ordem de Christo.

Hoje é cid.^{e}, cab.^{a} do actual conc.^{o} e da actual com. de Thomar.

Está sit.^{a} duas leguas a N. O. da m. d. do Zezere, em graciosa planicie banhada ao oriente pelo rio Nabão e encostada pela parte do occidente a um monte, no alto do qual estava o ant.^{o} conv.^{o} que era cab.^{a} da ordem de Christo.

Fica 7^k a N. E. da estação de Pai-alvo (C. de ferro do N.) Tem estr.^{a} real que vae entroncar na estr.^{a} real de Santarem a Abrantes por Torres Novas, e estr,^{as} para Abrantes, Torres Novas, Ferreira do Zezere, etc. Dista de Santarem 11 $^1/_2{}^l$ para N. N. E.

Tinha antigamente as duas FF. seguintes:

Nossa Senhora d'Assumpção, que foi conv.^{o} de Templarios e onde está sepultado D. Gualdim Paes. Era vig.^{a} da ordem de Christo e tinha collegiada de 12 beneficiados e thesoureiro, todos da mesma ordem.

A esta F. que ficava extra-muros tambem chamavam de Sta Maria dos Olivaes por estar cercada de oliveiras.

S. João Baptista, intra-muros, em 1708 era vig.^{a} e collegiada, mas em 1758 era simples cur.^{o} da ordem de Christo.

Hoje tem sómente a primeira que é prior.^{o}, e á qual está annexa a segunda.

P...	C.	900	
	A.	949	
	E. P.	1551	4483
	E. C.		4112

Tem casa de misericordia de grande rendimento com egreja da inv. de Nossa Senhora da Graça, fundação de el-rei D. Manuel; e um bom hospital, que é da administração da mesma Santa Casa, no qual deram entrada no anno economico de 1861 a 1862, 1096 doentes.

Tinha em 1708 além das duas egrejas parochiaes e a da misericordia mais 15 que cercavam a V.ª por tal fórma que ninguem podia entrar para ella sem que se encontrasse com alguma. Eram além do rio para o oriente, S.ᵗᵃ Maria Magdalena, S. Pedro Apostolo, S. Pedro Fins, S. Miguel, S. Braz, S.ᵗᵒ André, S.ᵗᵃ Cruz, S.ᵗᵃ Martha; e da parte d'aquem do mesmo rio, S. Lourenço, S. Sebastião, S. Gregorio, Nossa Senhora dos Anjos, S.ᵗᵃ Maria do Castello, Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora do Monte.

Tinha 4 conv.ºˢ situados de fórma que podiam ser os pontos extremos de uma cruz e correspondendo aos quatro pontos cardiaes.

Ao N. era o conv.º de Nossa Senhora da Annunciada, de Capuchos da provincia da Soledade, fundado em 1645.

Ao oriente era o mosteiro de S.ᵗᵃ Iria, de religiosas da ordem de S. Francisco, fundado em 1467.

Ao S. o conv.º de S. Francisco, de religiosos da mesma ordem, fundado em 1635, segundo Carv.º

Ao occidente e no alto do monte o conv.º da ordem de Christo, cab.ª da mesma ordem, de que o prelado se intitulava D. Prior e geral da ordem. Foi fundado em 1147; porém teve mais duas reedificações e muitos accrescentamentos parciaes, podendo julgar-se concluido desde o reinado do ultimo dos Filippes.

N'este conv.º, que todo era grandeza e riqueza, se hospedaram muitas vezes os soberanos com toda a sua côrte, n'elle se fizeram capitulos geraes da ordem e se reuniram as côrtes da nação.

D'estas 4 casas religiosas 3 foram ext.^as em 1834.

O castello de Thomar é fundação dos Templarios do anno 1160 da era vulgar, como prova um letreiro que estava, segundo diz Carv.º, em uma parede que divide o L. d'onde se tangiam os sinos das escadas que sobem para o adro da egreja do conv.º de Christo.

Tem a cid.^e para a parte do S. um bello rocio que chamavam Varzea Grande, de mais de um quarto de legua antiga de circuito; e pela parte do N. um outro menor que chamavam Varzea Pequena, porém ambos mui regulares, apraziveis e formosos.

Tem algumas boas ruas e bons edificios.

A casa da camara parece ser do tempo de el-rei D. Manuel, porque tem na fachada 3 escudos, um com a cruz da ordem de Christo, outro com as reaes quinas e o 3.º com a esphera, divisa d'aquelle soberano: e as mesmas insignias estão no frontespicio da egreja de S. João Baptista, que lhe fica de fronte.

Está na mesma fachada da casa da camara uma tarja com inscripção em louvor da Immaculada Conceição, e a mesma inscripção se lê tambem na ponte principal, na fonte da Varzea Pequena e em outras partes.

Ha na Varzea Grande ou Rocio, um padrão que consiste em uma agulha sobre degraus, e no remate uma cruz sobre uma esphera.

Junto do rio ha tambem um padrão pyramidal que por um letreiro meio apagado se conhece ser do reinado de D. Sebastião.

Já fallámos na F. de Carregueiros do grandioso aqueducto que desde S.^to Antonio dos Pégões trazia agua para o conv.º de Christo.

Em 1708 havia sobre o rio 4 pontes de pedra e duas de madeira, a da entrada de Thomar, na estr.^a real, communicando com o sitio da ant.^a Nabancia, Ceras e outras povoações, era magnifica. A chamada das Ferrarias, porque ali proximo antigamente se fundia ferro, foi obra de Aires do Quental, cuja estatua se via junto da ermida de S. Lou-

renço, sobre o parapeito que resguarda a calçada que vae a par do rio.

Recolhe Thomar de seus ferteis arredores muito trigo, centeio, milho, cevada, bom vinho, azeite, hortaliças, legumes, mimosas frutas, singularisando-se os marmellos, gamboas e romans; é abundante de gados, de caça e de peixe, tanto do mar que recebe da Pederneira, como dos rios Tejo e Zezere.

Tem tambem grande quantidade de flores das muitas q.[tas] que a circundam.

É egualmente abundante de boas e frescas aguas de grande numero de fontes.

Tem uma boa fabrica de tecidos de algodão e uma de papel.

Tem estação telegraphica.

Tem feira annual de 3 dias (franca) que principia no domingo da Santissima Trindade, e outra em 20 de outubro.

Tem este concelho:

Superficie, em hectares	34748
População, habitantes	21984
Freguezias, segundo a *E. C.*	13
Predios, inscriptos na matriz	28339

Segundo os nossos auctores ant.[os] existia já no tempo dos godos a cid.[e] de Nabancia que ficava a E. do rio Nabão[1]. Foi destruida no tempo das guerras com os mouros que lhe haviam mudado o nome dando-lhe o de Thomar, que era o do rio, que em lingua arabe significa *agua clara e doce.*

Amparada pelo castello de que já fallámos se foi formando nova povoação em volta do mesmo castello, descendo pouco a pouco pela encosta do monte até ao logar que hoje occupa.

[1] E já devia ser populosa pois que, segundo diz Carv.[o], em 653 tinha um conv.[o] de S. Bento no lcoal em que está hoje Santa Maria dos Olivaes, no qual era abbade Celio tio de Santa Iria, e outro de religiosas, onde residia a santa com suas tias Casta e Julia, no sitio onde hoje está o mosteiro de Santa Iria da ordem de S. Francisco

Foi doada aos Templarios por um voto d'el-rei D. Affonso Henriques quando ia a conquistar Santarem.

Ainda foi Thomar novamente destruida pelo imperador de Marrocos Aben-Joseph em 1190, não podendo comtudo apoderar-se do castello pela heroica defensa dos Templarios, ficando n'essa occasião o nome de Almedina á sua porta principal pelo muito sangue que ali foi derramado: o que tudo consta de um letreiro, existente no mesmo sitio.

Thomar foi elevada sob os Templarios á dignidade de prelazia, só dependente da santa sé; e pela extincção da ordem do Templo passando á ordem de Christo, no reinado de D. Diniz, passou tambem a dignidade de prelado a ser exercida pelo mestre da dita ordem de Christo, e assim continuou até ao reinado de D. Manuel, em que se annexou ao bisp.º do Funchal, por haver sido o seu prelado nomeado B. d'aquella diocese. D. João III porém tornou a separar a prelazia do dito bisp.º, entregando-a ao D. Prior do conv.º de Christo que a exerceu até 1554, em que foi inteiramente separada a auctoridade espiritual de prelado do encargo de dirigir o conv.º; nomeando a ordem de Christo, em execução de uma bulla de Paulo III, os prelados de Thomar; que tinham jurisdição independente não só n'esta V.ª mas na de Pias, Paio de Pelles, F. de Sant'Iago de Santarem, etc., etc.

Segundo o livro dos brazões da Torre do Tombo, é o brazão d'armas de Thomar um escudo com a cruz da ordem de Christo ao centro, em campo de prata.

Foi Thomar elevada á categoria de cid.ᵉ por alvará de 12 de fevereiro de 1844 (carta regia de 13 de fevereiro), em attenção a ter já sido cid.ᵉ com a denominação de *Nabancia* e tambem por ser uma das V.ᵃˢ mais vastas e formosas do reino, enriquecida com varias fabricas e ornada de numerosos e bellos edificios, entre os quaes se distingue por sua celebridade o do ext.º conv.º da ordem de Christo, possuindo além d'isto todos os mais elementos para sustentar com dignidade a categoria de cid.ᵉ

Como esta V.ª foi fundada por cavalleiros, diz Carv.º,

houve sempre e ha n'ella muita nobreza e muitas casas de homens fidalgos, morgados ricos, e cavalleiros das ordens militares. Em seguida menciona este auctor consideravel numero de appellidos de familias nobres d'aquelle tempo; e depois os nomes de muitas pessoas illustres nas virtudes, nas sciencias, nas artes, ou pelos serviços prestados ao paiz, que tiveram nascimento em tão esclarecida e formosa povoação; da qual concluiremos a descripção com as seguintes observações do dr. Hübner:

«Em Seixo ou Ceice, proximo de Thomar, collocam alguns a cid.^{e} *Sellium* só pela semelhança remota das palavras e por ser *Sellium* a immediata a Thomar no Itinerario[1].

«No muro da torre principal do conv.^{o} de Thomar, séde da ordem de Christo, estão embebidas tres inscripções que se diz, não sei com que fundamento, terem sido achadas nas ruinas de uma ant.^{a} cid.^{e} perto do rio Nabão.

«N'esta cid.^{e} de *Nabancia* se diz ter Sta Irene soffrido martyrio. É n'isto que se baseam os escriptores modernos para appellidarem de Nabancia a moderna cid.^{e} de Thomar, não obstante este nome ser desconhecido dos auctores antigos.»

[1] Argote é um dos d'esta opinião, mas escreve *Celium* e não *Sellium*.

CONCELHO DE TORRES NOVAS

(p)

PATRIARCHADO

COMARCA DE TORRES NOVAS

ALCANENA

(1)

Ant.ª F. de S. Pedro de Alcanena, cur.º da ap. da prior de S. Pedro de Torres Novas, no T. da dita V.ª. Don.º o D. de Aveiro do qual passou para a corôa em 1759.

Está sit.º o L. de *Alcanena* (grande L. segundo o mappa) em outeiro, proximo corre o rio Alviella. Tem ponte de cantaria junto ao L. sobre uma pequena ribeira aff.ᵉ do dito rio, e mais algumas de madeira. Tem estr.ᵃˢ para Torres Novas, para Pernes, para Porto de Moz e para a estação de Matto de Miranda (C. de ferro do N.) da qual dista 17ᵏ para N. O.

Dista de Torres Novas 14ᵏ para O. S. O.

Compr.ᵉ mais esta F. os log.ᵉˢ de Casaes dos Gallegos, Gonxaria, Casaes dos Robustos, Raposeira, Moutas de Cima, Moutas de Baixo, Venda do Grave (este e os dois grandes log.ᵉˢ de Moutas fazem uma continuada povoação), S.ᵗᵃ Martha, Rabaçal, Moinho da Ferreira.

Vem mencionado em Carv.º o L. de Alcanena séde da egreja parochial, e os log.ᵉˢ de Goncharia, Moutas de Baixo, Moutas de Cima, Rapozeira, todos do T. Torres Novas.

P...	C..........		
	A..........	389	
	E. P........	443.............	1736
	E. C.........................		2063

Tem esta F. muitos lagares, tanto de vinho como de azeite.

Recolhe vinho, azeite e pouco trigo.

ALCOROCHEL

(2)

Ant.ª F. de Nossa Senhora da Purificação de Alcorouchel, segundo a *E. P.*, Alcoruchel no *D. C.*, instituida posteriormente a 1708, cur.º annual da ap. da collegiada de S.ᵗᵃ Maria de Torres Novas, no T. da dita V.ª

Está sit.º o L. de *Alcorochel* sobre uma ribeira aff.ᵉ do Alviella, 8^k a N. N. O. da estação de Matto de Miranda e 6^k a O. S. O. da estação de Torres Novas (C. de ferro do N.) Dista Torres Novas $8\,^1/_2{}^k$ para S. O.

Compr.ᵉ mais esta F. o L. dos Casaes Novos; e os casaes do Craveiro, das Machadas, do Fazenda, do Bernardino.

Vem mencionado em Carv.º o L. de Alcorouchel como simples L. do T. de Torres Novas.

P...	C..........		
	A..........	112	
	E. P........	147..............	454
	E. C.........................		583

Recolhe trigo, milho, cevada, vinho e azeite.

ALQUEIDÃO DA SERRA

(3)

Ant.ª F. de Nossa Senhora da Conceição no L. de Alqueidão da Serra, prior.º de concurso, no T. Torres Novas.

Está sit.º o L. de *Alqueidão* na aba da serra d'Aire, so-

bre uma ribeira aff.^{e} do rio Almonda, 12^k a O. S. O. da estação de Pai-alvo (C. de ferro do N.) Dista de Torres Novas 8 $^1/_2{}^k$ para N. O.

Compr.^{e} mais esta F. os log.^{es} de Pedrogão (grande L. segundo o mappa, e maior do que Alqueidão), A do Freire, Casaes de Martanes, 5 log.^{es} juntos (6 no mappa e tem os nomes de José Dias, Silva, Ratos, Ermida, Adão, Valentão), que tem o nome commum de Val da Serra; e o casal do Porcalho.

Vem mencionado em Carv.^{o} Alqueidão, A do Freire, Val da Serra, todos do T. de Torres Novas.

P...	C.		
	A.	251	
	E. P.	430	1594
	E. C.		1836

Recolhe trigo, azeite, vinho excellente, boa uva para passas, eguaes ás de Alicante, mel branco magnifico com que se fazem doces tão perfeitos como se tivessem assucar, sem terem o menor sabor a mel.

ASSENTIZ

(4)

Ant.^{a} F. de Nossa Senhora da Purificação no L. de Assentiz, cur.^{o} annual da ap. do prior do Salvador de Torres Novas, no T. da dita V.^{a}

Está sit.^{o} o L. de Assentiz em um valle proximo á Serra d'Aire para o lado de N. E. 6^k a O. N. O. da estação de Pai-alvo (C. de ferro do N.) Dista de Torres Novas 3^l para N. N. E.

Compr.^{e} mais esta F. os log.^{es} de Casaes da Egreja (onde vem o signal da egreja parochial no mappa topographico), Assentiz, Fungalvas, Bezelga de Cima, Bezelga de Baixo, Moreiras Grandes, Moreiras Pequenas, Carvalhal do Pombo, Outeiro Grande, Outeiro Pequeno, Pimenteiras, Casal da Fonte (Casal da Ponte no mappa), Valles de Cima, Alvorão, Charruada; e as H. I. de Casal da Torre, Casal do

Prior, Valles de Baixo, contendo cada uma, uma só familia.

Vem mencionados em Carv.º Assentiz, Moreiras, Fungalvas, Bezelga de Baixo, Bezelga do Meio, Bezelga de Cima, Val de Alvorão, Outeiro Grande, Outeiro Pequeno, todos simples log.^{es} do T. de Torres Novas.

Esta F. parece ter sido instituida entre 1708 e 1758.

P...	C.		
	A.	333	
	E. P.	519	1850
	E. C.		2201

Bem conhecido é na litteratura patria o morgado de Assentiz: que nasceu em Lisboa em 1769, e falleceu em 1847, segundo nos informa o *Diccionario Bibliographico* do sr. Innocencio.

BOGALHOS

(5)

Ant.ª F. de Nossa Senhora da Graça no L. de Bugalhos, segundo Carv.º e a *E. P.*, vig.ª annexa ao prior.º de Sta Maria de Torres Novas, no T. da dita V.ª Hoje é F. independente.

Está sit.º o L. de *Bogalhos* entre montes $^1/_2{}^l$ a N. E. da m. e. do rio Alviella, 3^l a N. O. da estação de Matto de Miranda (C. de ferro do N.) $1\ ^1/_2{}^k$ a O. da estr.ª real de Torres Novas a Santarem. Dista de Torres Novas 12^k para O. S. O.

Compr.^{e} mais esta F. os log.^{es} de Filhóz, Pousadas, Peral, Casal de Romeiros.

Vem mencionados em Carv.º Bogalho, Filhós. Peral, todos simples log.^{es} do T. de Torres Novas.

P...	C.		
	A.	111	
	E. P.	117	487
	E. C.		540

Esta F. foi instituida entre os annos de 1708 e 1758.

BROGUEIRA

(6)

Ant.ª F. de S. Simão no L. de Brogueira (Brogeira em Carv.º) cur.º da ap. do prior de Sta Maria de Torres Novas, no T. da dita V.ª

Está sit.º o L. de *Brogueira* em valle, 7^k a O. N. O. da estação de Torres Novas (C. de ferro do N.) Dista de Torres Novas $5\,^1/_2{}^k$ para S. O.

Compr.^{e} mais esta F. os log.^{es} de Cardaes, Boqui-luvo (parece deve ser Boqui-lobo), Casas do Sôppo, Barreiras; o casal do Mogo e a q.^{ta} ou H. I. dos Canissos.

Vem mencionados em Carv.º Brogeira, Cardaes, como simples log.^{es} do T. de Torres Novas.

P...	C..........		
	A..........	176	
	E. P........	210...............	925
	E. C.........................		847

Esta F. foi instituida, entre 1708 e 1758.

CHANCELLARIA

(7)

Ant.ª F. de Sta Eufemia no L. de Chancellaria, cur.º (?) da ap. do prior de S. Pedro de Torres Novas, no T. da dita V.ª

Está sit.º o L. de Chancellaria[1] entre diversos regatos que mais abaixo formam uma ribeira aff.^{e} do rio Almonda, 2^1 a O. S. O. da estação de Pai-alvo (C. de ferro do N.) Dista de Torres Novas 2^1 para o N.

Compr.^{e} esta F. os log.^{es} de Matta, Chancellaria, Renduffas, Paffarrão ou Panffarrão, Rexaldia ou Rechaldia; os casaes

[1] No mappa topographico não traz signal indicativo de egreja parochial, que tambem se não encontra em outro qualquer L. da mesma F.

de Logarinho, Cabeço do Soudo, Pena (Casaes da Pena no mappa, porque são dois); e as q.^{tas} de Serra e Marecos.

Vem mencionados em Carv.°, Chancellaria, com uma ermida de Sta Eufemia, Faparrão, Rendufaz da Matta, todos simples log.^{es} do T. de Torres Novas.

P...	C..........		
	A..........	315	
	E. P........	387..............	1360
	E. C..........................		1638

Esta F. foi por certo instituida posteriormente a 1708 e talvez a 1758 pois não a encontramos no *D. G. M.*

LAPAS

(8)

Ant.^{a} F. de Nossa Senhora da Conceição, segundo Carv.° Nossa Senhora da Graça na *E. P.* e *D. C.*, no L. das Lapas, cur.° Annexo ao prior.° de S. Pedro de Torres Novas, no T. d'esta V.^{a} Hoje é cur.° independente.

Está sit.° o L. das *Lapas* 2^k a N. O. de Torres Novas.

Compr.^{e} mais esta F. os log.^{es} de Pimenteis, Lameiros, Casal do Alboxão.

Vem mencionados em Carv.° o L. das Lapas, séde da egreja parochial.

P...	C.........		
	A	138	
	E. P.......	170................	640
	E. C.........................		744

MONSANTO

(9)

Ant.^{a} F. do Espirito Santo no L. de Monsanto, cur.° da ap. dos freguezes segundo o *D. G. M.*, filial de S. Pedro de Torres Novas, segundo a *E. P.*, no T. da dita V.^{a}

Está sit.° o L. de *Monsanto* (grande L. segundo o mappa topographico), $^1/_2{}^l$ ao N. da m. e. do rio Alviella.

Dista de Torres Novas 4^l para O. S. O.

Compr.^{e} mais esta F. o L. de Covão do Féto, Casaes da Moreta, Cortiçal, Arrife.

Vem mencionados em Carv.^{o} Monsanto, Covão do Féto, simples log.^{es} do T. de Torres Novas.

P...	C..........			
	A..........	185		
	E. P........	206..............	753	
	E. C............................		744	

Esta F. foi instituida entre 1708 e 1758.

OLAIA

(10)

Ant.^{a} F. de Nossa Senhora do Ó (Expectação) da Olaia, cur.^{o} da ap. do prior de Sant'Iago de Torres Novas, no T. d'esta V.^{a}

Está sit.^{a} a egreja parochial de Nossa Senhora do Ó da Olaia (pois não ha L. que tenha o nome de Olaia) $6\,^1/_2{}^k$ a S. E. da estação de Pai-alvo, (C. de ferro do N.) Dista de Torres Novas $6\,^1/_2{}^k$ para N. E.

Compr.^{e} esta F. os log.^{es} de Lamarosa, Argea ou Arge, Barroca, Caseiros, Xirro (Chicharo no mappa) [1], Valhelhas, Pé de Cão; os casaes da Barroca: e as q.^{tas} da Barroca e Coutada.

Vem mencionados em Carv.^{o}, Argea, Barroca, Lamarosa, Caseiros, Chicharo, Valhelhas, Pé de Cão, todos simples log.^{es} do T. de Torres Novas.

No *D. G. M.*, vem mencionados todos os log.^{es} da *E. P.*

P...	C..........		
	A..........	352	
	E. P........	450..............	1700
	E. C............................		1888

Esta F. foi instituida entre 1708 e 1758.

[1] Vemos no mappa, $^1/_2{}^k$ a N. E., o signal da egreja parochial.

PAÇO

(11)

Ant.ª F. de Nossa Senhora do Pranto, no L. do Paço, cur.º da ap. do patriarcha segundo o *D. G. M.*, do padr.º real, segundo a *E. P.*, no T. de Torres Novas.

Está sit.º o L. de *Paço*[1] em alto, 3^k a O. S. O. da estação de Pai-alvo (C. de ferro do N.) Dista de Torres Novas 12^k para N. N. E.

Compr.ᵉ mais esta F. os log.^{es} de Soudos, Carrascos, Pouzos ou Poisos, Vargos ou Vargas, Cabiçalva ou Cabiçalha.

Vem mencionados em Carv.º Paço, Soudos, Vargos, todos simples log.^{es} do T. de Torres Novas.

P. . .	C.		
	A.	222	
	E. P.	246	843
	E. C.	. . . .	1069

Esta F. foi instituida entre 1708 e 1758.

PARCEIROS

(12)

Ant.ª F. de Nossa Senhora das Neves no L. de Parceiros (Praceiros lhe chama Carv.º, Praceiros da Egreja o *D. G. M.*), cur.º da ap. dos freguezes, no T. de Torres Novas.

Está sit.º o L. de *Parceiros da Egreja* (grande L. segundo o mappa), proximo á estr.ª real de Torres Novas para Santarem, 9^k a O. N. O. da estação de Torres Novas (C. de ferro do N.)

Dista de Torres Novas 8^k para O. S. O.

[1] No mappa topographico vem Egreja do Paço, com signal de parochia; porém isolada, com uma casa (que talvez seja o antigo Paço) a menos de $1/2^k$ para N. O. Á Egreja do Paço se refere a situação.

Compr.^e^ mais esta F. os log.^es^ de Parceiros de S. João, Resgaes, Borreco; e a q.^ta^ do Bispo.

Vem mencionados em Carv.^o^ o L. de Praceiros da Egreja sêde da egreja parochial, Praceiros de S. João, Borreco, Resgaes, simples log.^os^ do T. de Torres Novas.

P...	C..........		
	A..........	164	
	E. P........	178..............	486
	E. C........................		721

RIBEIRA BRANCA

(13)

Ant.^a^ F. de Nossa Senhora da Conceição no L. de Ribeira Branca, cur.^o^ annual da ap. do prior de S. Pedro de Torres Novas, segundo o *D. G. M.*, do padr.^o^ real segundo a *E. P.*, no T. de Torres Novas.

Está sit.^o^ o L. de *Ribeira Branca* na m. d. do rio Almonda.

Dista de Torres Novas 4 ^k^ para O. N. O.

Compr.^e^ mais esta F. os log.^es^ de Ribeira Ruiva, e Casal da Pinheira.

Vem mencionados em Carv.^o^ Ribeira Branca, Ribeira Ruiva e Casal da Pinheira, todos simples log.^es^ do T. de Torres Novas.

P...	C..........		
	A..........	191	
	E. P.......	221..............	923
	E. C........................		979

Esta F. foi instituida entre os annos de 1708 e 1758.

TORRES NOVAS

(14)

Ant.^a^ V.^a^ de Torres Novas na ant.^a^ com. de Santarem. Eram seus don.^os^ os D. de Aveiro e d'elles passou para a corôa em 1759.

Hoje é cab.ª do actual conc.º e da actual com. de Torres Novas.

Está sit.ª em logar plano sobre o rio Almonda, 1 ½^{l} a N. O. da estação chamada de Torres Novas (C. de ferro do N.) Tem estr.^{as} reaes para Abrantes e Santarem, e estr.^{as} para Thomar, para Minde, para Alcanena e outras FF. do conc.º Dista de Santarem 6^{l}, e pela estr.ª real 7 ½^{l} para N. N. E.

Tinha e tem ainda 4 FF. que todas eram prior.^{os} da ap. da casa de Aveiro, da qual passou a ap. para a corôa em 1759.

Salvador, que era matriz em 1708 e tinha 10 beneficiados.

Compr.^{e}, além da parte respectiva da V.ª, o L. de Morrial; os casaes da Aroeira, Pinhal, Lomba; as q.^{tas} de Marmella, Jorge; e a horta e moinho dos Meziões que a *E. P.* chama H. I.

P...	C..........	1200 (as 4 FF. ant.^{as})	
	A..........	186	
	E. P.......	253...............	935
	E. C. (as 4 FF. actuaes)..........		6820

Sta Maria ou Nossa Senhora do Ó (Expectação) que em 1708 tinha 6 beneficiados.

Compr.^{e}, além da parte respectiva da V.ª, os log.^{es} de Liteiros ou Leteiros, Marrecas ou Marruas; os casaes de Caveira, Gavata (será Gooveia do mappa topographico?), Val de Carvão; e as q.^{tas} do Egypto, Carril de Cima, Paul,[1] Barreto, Ferrarias, Bem Florido, S.^{to} Antonio, Casal do Valle, Seixo, Moz e Matto.

Vem mencionado em Carv.º, Leteiros, L. no T. de Torres Novas.

Este Paul parece ser o Paul de Boquilobo, vastissima e rica propriedade da casa do fallecido par do reino José Maria Eugenio de Almeida, e hoje pertencente á sua viuva a ex.^{ma} sr.ª D. Maria das Dores.

P... { C.........
A.......... 307
E. P....... 326.............. 1000
E. C......................... }

S. Pedro, que tinha 4 beneficiados em 1708.

Compr.^{e}, além da parte respectiva da V.^{a}, os log.^{es} de Carvalhal de Aroeira, Rodrigos; os casaes de Brettes, Fonseca, Queiroz, Pimenta; as q.^{tas} do Matto, Entre Aguas, S. Gião, Madeira, Silvã, Cortiça, Cabrita; e as H. I. de Moinho de Pau, Moinhos dos Pimenteis.

Vem mencionados em Carv.^{o} os log.^{es} do Carvalhal de Aroeira, Rodrigos, simples log.^{es} do T. de Torres Novas.

P... { C.........
A.......... 294
E. P....... 353.............. 1117
E. C......................... }

Sant'Iago, que tinha 5 beneficiados em 1708.

Compr.^{e}, além da parte respectiva da V.^{a}, os log.^{es} de Riachos, Meia Via, Pintainhos, Carreiro d'Areia, Casaes das Hortas, Casaes dos Castellos, Gateiras, Poços; os casaes de Commenda, Figueiras, Barreta, Agreira, Pinheiros, Estanqueiro, Vidigal; e as q.^{tas} de Macido, Rainha, S.^{to} Antonio, Mello, Carvalhaes, D. Emeliana, Minhoto.

Vem mencionados em Carv.^{o} Casaes dos Riachos, Meia Via, com uma ermida de Nossa Senhora de Monserrate, Villa Gateira, todos simples log.^{es} do T. de Torres Novas.

«Segundo o *D. G.* do sr. P. L. pertence a esta F. o L., hoje importante, do *Entroncamento*, o qual L. teve principio com o estabelecimento da via ferrea.»

A estação é chamada do *Entroncamento*, porque ali se reunem os dois ramaes da via ferrea, chamando-se o que segue pela margem direita do Tejo e depois atravessa o rio para o Alemtejo C. de ferro de Leste, e o que se dirige para o N., C. de ferro do N.

É pois a dita estação do Entroncamento a 16^{a} da linha de Lisboa ao Porto e egualmente a 16.ª estação da linha de Lisboa a Elvas (ou a Badajoz em Hespanha), fica 6^{k} a

E. S. E. de Torres Novas e $^{1}/_{2}{}^{1}$ a S. O. da V.ª da Atalaia, do conc.º da V.ª Nova da Barquinha.

A estação chamada de Torres Novas tambem pertence a esta F.; fica proxima ao L. ou q.^{ta} do Minhoto: é a 15.ª da linha de Lisboa ao Porto.

P...	C..........		
	A..........	496	
	E. P.......	727...............	2247
	E. C..........................		

Tem esta V.ª casa de misericordia e hospital.

Em 1708 tinha as ermidas de Sta Iria, S.^{to} André, Nossa, Senhora da Luz, Nossa Senhora do Valle, S. João Baptista, Nossa Senhora da Nazareth, Nossa Senhora dos Anjos, S.^{to} Amaro, S. Domingos.

Antes da extincção das ordens religiosas em Portugal tinha os seguintes conv.^{os}

S. Gregorio Magno, de carmelitas calçados, fundado em 1558, em sitio ameno eminente ao Rocio da V.ª, e onde concorria immenso povo e havia feira no dia do santo.

S.^{to} Antonio, de religiosos arrabidos, fundado em 1591, pelo D. de Aveiro, em substituição de outro da mesma ordem que havia em sitio isolado e solitario a $^{1}/_{2}{}^{1}$ da V.ª, o qual tivera a inv. de Nossa Senhora do Egypto, fundação de outro D. de Aveiro em 1562.

Tem ainda o mosteiro do Espirito Santo, de religiosas da ordem de S. Francisco, o qual mosteiro diz Carv.º era da ordem terceira, mas não vem em J. B. de Castro no numero dos pertencentes a esta ultima reforma, e sim nos da primeira instituição da ordem seraphica: foi fundado em 1536.

Era Torres Novas V.ª murada com forte castello e 12 torres, hoje tudo em ruinas.

Em 1708, segundo diz Carv.º, havia 3 pontes sobre o rio, e uma d'ellas era do tempo dos romanos, á qual pozeram o nome de Ponte do Ral, pela grande mortandade que ali houve, tendo os mesmos romanos cercado o dito castello: pois esta palavra Ral é corrupção de Ráo que na lingua grega significava mortandade: e tambem a um outeiro

que está defronte do mosteiro das freiras, pozeram na mesma linguagem o nome de Babalháo, pela gritaria que os moços costumavam ir fazer em seus jogos na planicie adjacente ao mesmo outeiro.

É abundantissima de trigo, milho, centeio, cevada, hortaliças, legumes, frutas, excellente vinho e azeite; gado e caça.

Em Torres Novas ha fabrica de tecidos de algodão, e tambem uma de papel. D'esta ultima não faz menção a *Geographia Commercial e Industrial* do sr. João Felix, talvez porque fosse estabelecida posteriormente á publicação da dita *Geographia*.

Tem estação telegraphica.

Tem feira annual em 12 de março.

Tem este concelho:

Superficie, em hectares....................	32704
População, habitantes	23116
Freguezias, segundo a *E. C.*...............	18
Predios, inscriptos na matriz...............	21418

Os auctores antigos, inclinados sempre a discutir obscuridades dos tempos heroicos ou mesmo fabulosos, pertendem seja Torres Novas fundação de Ulysses, pouco depois da edificação ou reedificação de Lisboa, começando com os gregos que o acompanhavam por construir uma torre a que pozeram o nome de *Neupergama*, que em sua linguagem significava Nova Torre, á qual, sendo em tempos muito posteriores atacada e queimada pelos romanos, mudaram o nome para *Kaispergama*, que quer dizer Torre queimada; porém, tendo-se apoderado por fim, estes conquistadores do mundo, de toda a Lusitania, expulsaram os gregos, reedificaram a fortaleza, e pela semelhança que acharam ao sitio com o da cidade de Braga, lhe chamaram Nova Augusta.

Expulsos por seu turno os romanos pelos godos e mais povos do norte: estes em odio á dominação romana lhe restituiram o nome de Torres Novas.

Entrou depois esta V.ª com o resto do paiz no dominio dos arabes, aos quaes a tomou D. Affonso Henriques em

1148, sendo ainda entrada e completamente arruinada pelos mesmos infieis em 1190, sob o commando do Emir-al-Mumenim (vulgò Miramolim) Aben Joseph.

De suas ruinas a levantou D. Sancho I que lhe deu foral e os mesmos privilegios que a Thomar, nomeando seu alcaide mór a Mendo Extrema, grande cavalleiro.

Foi cabeça de marquezado no reinado de el-rei D. Manuel, título dado por este soberano ao filho do duque de Coimbra D. João de Alencastre. Depois foi titulo de ducado, annexo aos primogenitos da casa de Aveiro.

Ainda depois tornou a ser titulo de marquezado e ultimamente de condado concedido a Antonio Cesar de Vasconcellos Corrêa, que foi general e governador da India.

Tem por armas uma torre de prata sobresaindo um braço armado e com a mão apertando uma clava ou maça, tudo em campo de purpura.

Ha n'esta V.ª muita nobresa, muitos morgados e familias de distinctos appelidos; encontrando-se na *Chorographia* de Carv.º paginas 283 a 288 as genealogias de algumas.

As seguintes noticias sobre antiguidades de Torres Novas são extraidas do *D. G. M.*

A cidade de *Concordia* tinha seu assento proximo do L. do Longo (a dos Longos chama Carv.º a este L.) que hoje pertence á F. de Sant'Iago, e se estendia até á ribeira de Bezelga. A sua fundação data do tempo dos romanos, e devia o nome a terem seus primeiros povoadores vindo de Concordia cidade da Italia. Ainda por estes sitios se encontram os campos cheios de telhões, tijolos betumados, collumnas, sobre arcos, e até se tem achado moedas romanas[1]; uma d'ellas tinha de um lado:

NERVS CLAVDIVS AVGVSTVS

e do outro:

CONCORDI ARVCI

[1] Jorge Cardoso no *Agiologio Lusitano* diz que tinha em seu poder algumas d'estas moedas.

Outra tinha de um lado:

VESPASIANVS AVGVSTVS

e do outro lado uma figura de mulher com o distico:

JVDÉA CAPTA

Ainda outra tinha de um lado:

D. HONOR. VESP AVG.

e do outro lado a figura da Concordia armada com bastão e um globo que sustentava o caducêo, com a legenda:

CONCORDI ARVCI

e outras muitas moedas que a cada passo se descobrem.

A cidade de *Bezelga* é mais moderna e surgiu das ruinas de Concordia, não occupando exactamente o mesmo sitio, pois ficava no local que occupam hoje os log.[es] de Bezelga de Baixo, Bezelga do Meio e Bezelga de Cima, e ainda do outro lado da ribeira o que occupa o L. de S. Silvestre.

Tambem n'estes ultimos sitios onde esteve a cidade de Bezelga, se tem achado muitos telhões, pedrinhas pintadas como azulejos, porticos e columnas; e no caminho que vae de Carvalhal do Pombo para a egreja de Assentiz se descobriram uns canos de chumbo por onde se conduzia a agua para a cidade.

Achou-se tambem n'estes mesmos sitios um pedestal com o seguinte letreiro:

FORTVNA
SABINA
V. A. L. S.

Perto do L. de Chancellaria, F. de S.[ta] Euphemia, se tem encontrado capiteis e columnas lavradas.

No sitio das Ferrarias tambem se tem encontrado telhões, pedras pintadas como azulejos etc., e dizem era ali a povoação ou bairro dos judeus, quasi todos ferreiros e serralheiros.

ZIBREIRA

(15)

Ant.ª F. de S. Sebastião da Zibreira, cur.º da ap. do prior de S. Pedro de Torres Novas, no T. da dita V.ª

Está sit.º o L. de *Zibreira* na estr.ª de Torres Novas para Minde. Dista de Torres Novas 7ᵏ para O.

Compr.ᵉ mais esta F. o L. de Almonda, a fabrica de papel; e os moinhos da Ponte (da Fonte no mappa topographico), da Azenha, e do Casal do Feijão.

Vem mencionados em Carv.º Casaes de Almonda, L. no T. de Torres Novas.

P...	C...........		
	A...........	89	
	E. P........	111...............	414
	E. C..........................		443

CONCELHO

DE

VILLA NOVA DA BARQUINHA

(q)

PATRIARCHADO

COMARCA DE THOMAR

ATALAIA

(1)

(COMARCA DE TORRES NOVAS)

Ant.ª V.ª d'Atalaia na ant.ª com. de Thomar. Don.º o C. d'Atalaia.

Está sit.ª em alto, d'onde lhe provém o nome, e d'ali se avistam as V.ªˢ de Ourem, Chamusca e Santarem e se percebia, diz o *D. G. M.*, o clarão das lavaredas do fogo em Lisboa, quando foi o grande terremoto de 1755. Fica na estr.ª real que de Thomar vem entroncar com a real de Abrantes a Torres Novas, 2^k a N. E. da estação do *Entroncamento*. Dista de V.ª N. da Barquinha 3^k para O. N. O.

Tem uma só F. da inv. de Nossa Senhora d'Assumpção, prior.º que era da ap. dos don.ºˢ da V.ª

Compr.ᵉ esta F., além da V.ª, os log.ᵉˢ de Moita, Pedregoso, Cardiga, S. Caetano, Vaginhas (Beijinhas no mappa) junto ao *Entroncamento;* os casaes de Laveiros, Terroaes, Porto, Beiçudo (Porto Beiçudo, um só L. no mappa), Bonito, Doutor, Frade, Medico, Val de Seixo e as q.ᵗᵃˢ de Cardiga e Lameira.

Vem mencionados em Carv.º os log.ᵉˢ de Mouta com uma ermida de Nossa Senhora dos Remedios; casaes das Baginhas com uma dita de S. João Baptista.

P...	C...........	350	
	A...........	381	
	E. P........	450..............	1750
	E. C............................		1236

Tem casa de misericordia e hospital (albergaria, diz o *D. G.* do sr. P. L.)

Em 1708 tinha as ermidas de Nossa Senhora d'Ajuda, Nossa Senhora da Esperança, S. Sebastião.

A egreja parochial foi fundada, segundo diz a *E. P.*, por el-rei D. Diniz em 1315.

Recolhe muito trigo, centeio, milho, frutas, vinho, azeite; tem abundancia de gado e caça, especialmente em uma grande coutada que ha ali proxima.

Tem feira franca de 3 dias, começando em 20 de janeiro.

D. Affonso Henriques a tomou aos mouros em 1147.

Deu-lhe foral el-rei D. Diniz em 1315.

Segundo o *D. G.* do sr. P. L. teve 3 foraes: o 1.º de D. Affonso II em 1212, o 2.º de D. Diniz em 1315 e o 3.º de D. Manuel em 1514.

Foi titulo de condado creado por D. Affonso V em 1470 (?).

Os C. de Atalaia foram elevados a M. de Tancos por D. José I em 1751; hoje são unicamente C. d'Atalaia.

PAIO DE PELLE

(2)

Ant.ª V.ª de Paio de Pelle, na ant.ª com. de Thomar. Era do mestrado da ordem de Christo e pertencia á prelazia de Thomar.

Está sit.ª junto e ao N. da m. d. do Tejo e pelo S. (segundo diz Carv.º) a divide da V.ª de Tancos uma pequena ribeira. (Não é facil dar a situação d'esta ext.ª V.ª que hoje se não encontra no mappa topographico, póde porém conjecturar-se pelos esclarecimentos que em seguida apresentamos).

Dista de V.ª N. da Barquinha 6^{k} para E.

Tem uma só F. da inv. de Nossa Senhora da Concei-

ção (que antigamente se chamava Sta Maria do Zezere e estava distante da V.^{a}, quasi uma legua, no sitio em que o dito rio entra no Tejo) pertencia á comm.^{a} de Sta Maria de Almourol.

NB. Esta egreja ainda se vê no mappa, junto á m. d. do Zezere e tem signal indicativo de parochia.

Compr.^{e} esta F., além da ext.^{a} V.^{a} (diz a *E. P.*), os log.^{es} de *Praia,* Fonte Santa, Val dos Possos ou Val dos Paços, Casal do Jacinto, Casaes dos Pintainhos, Portella, Laranjeira, Figueiras, Caneiro, Limeiras, Outeiro, Mattos; os casaes de Fontainha, Rio, Caffios; a q.^{ta} do Seival; e a H. I. do Convento (provavelmente convento do Loreto, que vem no mappa).

NB. Está annexa para os effeitos espirituaes, diz a *E. P.*, a F. de Tancos, orago Conceição, 39 fogos 132 habitantes, que vão mencionados na dita F. de Tancos.

Vem mencionados em Carv.^{o} os log.^{es} de Praia, Fonte Santa, Val dos Possos, Casaes, Portella dos Marcos, Laranjeira, Figueiras, Casal do Caneiro, Limeiras com uma ermida de S. João Baptista, Mattos, Outeiro.

Praia e Tancos considera-se como uma só estação do C. de ferro de Leste, mas em qualquer dos pontos entram e saem passageiros: a da Praia é ao N. da m. d. do Tejo, proxima á ponte da mesma via ferrea sobre este rio. É a 18.ª estação da linha de Lisboa a Badajoz, 2.ª a contar do *Entroncamento.*

P...	C..........	40	
	A..........	Não vem no *D. C.*	
	E. P........	206..............	724
	E. C...........................		905

A egreja parochial da V.^{a} de Paio da Pelle está hoje no L. da Praia, e o povo vae habituando-se a dar este nome á F., tanto que a mesma *E. P.* a menciona assim: Praia (Conceição), veja-se Paio Pelles.

Este L. da Praia que já vinha (como dissemos) mencionado em Carv.^{o}, que diz ficava entre a egreja parochial e a V.^{a}, e onde se fazia todos os annos uma grande pescaria

de saveis, está hoje muito augmentado por ser estação do C. de ferro de Leste.

No tempo do dito auctor havia n'esta F., além da egreja parochial, uma ermida de S. Domingos, e entre a V.ª de Paio de Pelles e o castello de Almourol ficava, eminente ao Tejo e com agradavel vista, o conv.º de Nossa Senhora do Loreto, de capuchos da provincia de S.to Antonio, fundado em 1572, segundo J. B. de Castro que o considera pertencente á V.ª de Tancos.

Esta F. é abundante de caça de coelhos e perdizes, e de peixe, especialmente saveis no tempo proprio.

Pertence á F. da V.ª o castello ant.º e pittoresco de Almourol sit.º sobre uma pequena ilhota de fórma oval, cercado pelo Tejo, que apesar de estar completamente arruinado pelo correr de tantos seculos, mostra ainda a grandeza e a elegancia de sua architectura. Bastantes descripções se tem feito d'este cast.º para que apresentemos aqui outra, e mesmo porque o leitor curioso só póde fazer idéa da belleza d'estes sitios percorrendo a pé as alturas da m. d. do Tejo, desde a estação da Barquinha até á descida para o Zezere.

O castello de Almourol querem alguns auctores que fosse fundação e outros reedificação de D. Gualdim Paes, grão mestre dos Templarios, como consta de um letreiro que está sobre a porta; mas que hoje já se não póde ler.

Foram senhores d'este castello e commendadores de Almourol os ascendentes dos C. de Redondo, e por casamento passou aos Mascarenhas.

Este castello deu assumpto ás romanticas aventuras do andante cavalleiro Palmeirim de Inglaterra.

Carv.º tambem falla das ruinas de outro castello chamado do Zezere, na confluencia dos dois rios.

Foi o districto da V.ª e T. de Paio de Pelle doado á ordem do Templo por el-rei D. Affonso Henriques, como constava de uma doação que existia no conv.º de Thomar, feita ao mestre D. Gualdim Pàes, do castello do Zezere, aquelle de que ainda hoje se vêem (se ainda se vêem) as ruinas.

Parece que tambem o mesmo soberano deu foral á V.ª que depois reformou el-rei D. Manuel em 1519.

TANCOS

(3)

(COMARCA DE TORRES NOVAS)

Ant.ª V.ª de Tancos na ant.ª com. de Thomar, de que eram don.^{os} os C. d'Atalaia, cuja illustre ascendencia descreve em parte Carv.º no vol. III da *Chorographia* pag. 180 a 182.

Está sit.ª na m. d. do Tejo na estr.ª real de Abrantes para Torres Novas. Tem estação do C. de ferro de Leste chamada da *Praia e Tancos*. Dista de V.ª N. da Barquinha 1 $^{1}/_{2}{}^{k}$ para E.

Tem uma só F. da inv. de Nossa Senhora da Conceição, prior.º que era da ap. dos don.^{os}

Em 1862 estava esta F. annexa para os effeitos espirituaes sómente á F. da V.ª de Paio de Pelle.

P...	C..........	400	
	A..........	38	
	E. P........	39...............	132
	E. C..........................		211

Vem mencionado em Carv.º no ant.º T. d'esta V.ª o L. do Arrepiado com 60 fogos.

No *D. C.*, vem como pertencendo a esta F. o conv.º de capuchos e tambem o castello de Almourol de que tratámos na descripção da V.ª de Paio de Pelle.

Tancos tem casa de misericordia e hospital.

Tem estação telegraphica.

Segundo o *D. C.*, tem feira annual em 13 de junho.

Deu-lhe foral el-rei D. Manuel.

Proximo a Tancos está o campo de *instrucção e manobras*, que o exercito deve á iniciativa do ex.^{mo} sr. Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello, actual presidente do conselho de ministros e ministro da guerra.

VILLA NOVA DA BARQUINHA

(4)

Ant.º L. da Barquinha, com uma ermida de S.to Antonio, pertencente ao T. da V.a d'Atalaia e á F. de Nossa Senhora d'Assumpção da mesma V.a, constituido F. posteriormente a 1758.

Hoje é V.a e cab.a do actual conc.º de V.a N. da Barquinha.

Está sit.a na m. d. do Tejo, na estr.a real de Abrantes para Torres Novas.

Dista de Santarem 7 ½l para N. E.

Tem uma só F. da inv. de S.to Antonio, prior.º que era do padr.º real segundo a *E. P.*

P...	C..........		
	A..........	268	
	E. P........	262.............	890
	C. E.........................		1078

É terra muito fertil e faz algum commercio com a capital, hoje porém muito menos do que antigamente, quando todos os generos seguiam a via fluvial.

Tem estação telegraphica.

A estação do C. de ferro de Leste, denominada da Barquinha, fica proxima e ao N. da V.a: é a 17.a da linha de Lisboa a Badajoz e 1.a a contar do *Entroncamento.*

Tem este concelho:

Superficie, em hectares	6771
População, habitantes......................	3430
Freguezias, segundo a *E. C.*................	4
Predios, inscriptos na matriz................	3007

Tem por brazão d'armas um escudo bipartido (em palla) orlado interiormente na parte inferior com duas palmas cruzadas e atadas com uma fita azul com a legenda: VILLA NOVA DA BARQUINHA 1836. No quartel da direita um barco á vela, e no da esquerda uma oliveira, tendo no chão de cada lado uma infusa preta. Tudo em campo branco.

CONCELHO

DE

VILLA NOVA DE OUREM

(r)

BISPADO DE LEIRIA

COMARCA DE THOMAR

CEISSA

(1)

Ant.ª F. de Nossa Senhora da Purificação, no L. de Ceiça, segundo Carv.º, Ceissa no *D. G. M.*, *E. P.* e *D. C.*, cur.º da ap. dos freguezes, no T. da V.ª de Ourem.

Em 1840 pertencia esta F. ao conc.º de Aldeia da Cruz hoje de V.ª N. de Ourem.

Está sit.º o L. de *Ceissa* ½ᵏ a N. O. da m. e. da ribeira de Ceissa, ½ˡ O. N. O. da estação de Chão de Maçans (C. de ferro do N.) Dista de V.ª N. de Ourem 6ᵏ para E. N. E.

Compr.ᵉ mais esta F. os log.ᵉˢ de Pombalinho, Tacoria, Alqueidão, Outeiro, Chão de Maçãs, Fontainhas, Alboritel ou Aboritelli, Tojeira, Vallada, Quintas, Coroados, Christovãos, Mosqueiro, Caxeirias ou Caixarias, Vendas ou Venda, Carvoeira, Pontes, Pizões, Cogominho, Serieira, Val da Cordella, Feltia ou Faletia, Ballanxo, Andrés, Barreira ou Barreiras; os casaes de Pisco, casaes da Abbadia; e as q.ᵗᵃˢ de Motta, Serieira, Olaia.

Vem mencionados em Carv.º, além de Ceiça, séde da egreja parochial, os log.ᵉˢ das Quintas com uma ermida de Nossa Senhora da Olalha, Christovãos com uma dita de Nossa Senhora do Desterro, Vallada com uma dita de Nossa

Senhora da Penha de França, Alvorestel com uma dita de Nossa Senhora d'Ajuda, Cacharia com uma dita de S.^{to} Antonio, Faletia com uma dita de S. Miguel, Barreira com uma dita de S. Sebastião, Surrieira com uma dita de Nossa Senhora do Bom Successo.

P...	C.	470	
	A.	510	
	E. P.	515	1845
	E. C.		2013

A estação do C. de ferro do N., chamada de Caixarias, fica proxima ao L. do mesmo nome: é a 3.ª a contar do *Entroncamento* e 19.ª da linha de Lisboa ao Porto.

A estação do C. de ferro, chamada de Chão de Maçãs, fica junto ao L. de Chão de Maçãs (que no mappa tem signal indicativo de egreja parochial): é a 2.ª a contar do *Entroncamento*, e a 18.ª da linha de Lisboa ao Porto. Proximo d'esta estação e para o lado de Lisboa, fica um dos *tunneis* do dito C. de ferro.

D'esta estação partem diligencias para Leiria, Alcobaça e Batalha.

ESPITE

(2)

Ant.^{a} F. de S. João Baptista de Espite, cur.^{o} annual da ap. do B. de Leiria, no T. da dita cid.^{e}

Em 1840 pertencia esta F. ao conc.^{o} do Pombal (D. A. de Leiria). Passou ao de V.^{a} N. de Ourem pelo decreto de 24 de outubro de 1855.

Está sit.^{o} o L. de *Espite* (no mappa vem dois log.^{es} de Espite entre os quaes fica a egreja parochial) sobre uma ribeira aff.^{e} da ribeira Sirol, 8^{k} a S. O. da estação de Albergaria (C. de ferro do N.) Dista de V.^{a} N. de Ourem 16^{k} para N. O.

Compr.^{e} mais esta F. os povos seguintes, abrangendo cada um d'elles os logares menores que lhes vão indicados:

Povo de Espite com os log.^{es} de Cimo de Egreja, Maia,

Castello, Carvalhal, Costa, Casal do Monte, Salgueiral, Bréjo, Cortes, Freiria, Espite.

Povo de Vesperia com os log.^{es} de Vesperia, Lagôa da Pedra, Cumieira, Lavradio, Casa Caiada, Soalheira.

Povo de Mattos com os log.^{es} de Outeiro dos Gameiros ou das Gameiras, Agua Boa, Pisão, Casal Menina, Parreirinhas, Cubal, Formigal, Mattos.

Povo de Cercal, com os log.^{es} de Ninho d'Aguia, Cercal, Valles, Val do Feto.

Vem mencionados em Carv.^{o}, além de Espite, séde da egreja parochial, os log.^{es} de Mattas com uma ermida de Nossa Senhora, Ninho de Aguia com uma dita de Nossa Senhora da Esperança, Carvalhal com uma dita de Sant'Iago.

P...	C..........	275	
	A..........	Não vem no *D. C.*	
	E. P.......	310...............	1400
	E. C...........................		1347

FATIMA

(3)

Ant.^{a} F. de Nossa Senhora dos Prazeres de Fatima (parece que o orago é hoje S.^{to} Antonio, pois assim vem no *D. C.* e *D. C.* do sr. Bett.), cur.^{o} annual da ap. da collegiada de Ourem no T. da dita V.^{a} Hoje é prior.^{o}

Em 1840 pertencia esta F. ao conc.^{o} de Aldeia da Cruz, hoje de V.^{a} N. de Ourem.

Está sit.^{o} o L. de *Fatima* na serra de Minde, entre os regatos que vão formar o rio Bezelga e a ribeira de Ceissa. Dista de V.^{a} N. de Ourem duas leguas para O. S. O.

Compr.^{e} mais esta F. os log.^{es} de Lomba da Egua, Mouta, Aljustrel, Casa Velha, Eira de Pedra, Giesteira, Pederneira, Chans, Curraes, Boleiros, Maxieira, Casalinho, Casal do Farto, Val de Cavallos, Pedreira, Carapito, Moutas, Gaiola, Ramilla, Lomba, Val do Porto, Alveijar, Casal de Sta Maria, Ortiga,

Amoreira, Moutello, Casal da Loureira; e a q.ta de Paço de Soudo.

Vem mencionados em Carv.º, além de Fatima, séde da egreja parochial, os log.es de Ortiga com uma ermida de Nossa Senhora, Boleiros com uma dita de S.ta Barbara, Moutello com uma dita de Nossa Senhora da Vida, Mouta com uma dita de S.ta Luzia.

P...	C.	243	
	A.	320	
	E. P.	321	1600
	E. C.		1601

FORMIGAES

(4)

(PATRIARCHADO)

Ant.ª F. de S. Vicente no L. de Formigaes, vig.ª da ordem de Christo, no T. da V.ª de Ourem.

Em 1840 pertencia esta F. ao conc.º de Aldeia da Cruz, hoje de V.ª N. de Ourem.

Está sit.º o L. de *Formigaes* na m. e. do Nabão, 8k a N. E. da estação de Chão de Maçans, 8k a E. da estação de Caixarias (C. de ferro do N.) Dista de V.ª N. de Ourem 16k para E. N. E.

Compr.e mais esta F. os log.es de Vermaceira, Capellas, Quebrada[1], Botelha, Casal da Egreja[2], Casal de S. Miguel, Porto Velho, Casal da Fonte, Palmeiria e Maxial.

P...	C.		
	A.	99	
	E. P.	104	525
	E. C.		398

1 No mappa vêem-se 3 logares, Quebrada de Cima, do Meio e de Baixo, Quebrada de Baixo parece ser o d'esta F.

2 Proximo está no mappa o signal indicativo da egreja parochial.

FREIXIANDA

(5)

Ant.ª F. de Nossa Senhora da Purificação das Freixiandas, segundo Carv.º, o *D. G. M.* e a *E. P.*, no *D. C.* vem Freixienda, e no *D. C.* do sr. Bett. Freixianda; vig.ª da ap. da collegiada de Ourem, no T. d'esta V.ª Hoje é prior.º

Em 1840 pertencia esta F. ao conc.º de Aldeia da Cruz, hoje de V.ª N. de Ourem.

Está sit.º o L. de *Freixianda* na m. d. do Nabão, 12^{k} a E. N. E. da estação de Caixaria (C. de ferro do N.) Dista de V.ª N. de Ourem 4^{l} para N. E.

Compr.^{e} mais esta F. os log.^{es} de Val do Carro, Abbades, Varzea do Bispo, Val de Cavalleiros, Hortas, Povoa, Charneca, Cardal, Junqueira, Cumeada, Malaguarda, Fonte Fria, S. Jorge, Parçarias ou Passarias, Arneiro (é L. grande), Sta Catharina, Val da Meda, Matta, Ruge-Agua, Ladeira, Farrio, Reva ou Reca, Camarões ou Comaros, Perucha, Besteiros, Lagôa do Grou, Cassinheira (Cassinheira de Baixo e Cassinheira de Cima no mappa), Salgueira, Valle Longo; e os casaes de Gallegos, Bernardos, Cova do Lobo, Casalinho, Molleiros, Varzea da Cassinheira, Ramalheira, Sobreira, Pinheiro, Aventeira, Aldeia de Sta Tereza, Porto do Carro.

Vem mencionados em Carv.º, além de Freixiandas, séde da egreja parochial, o L. de Varzea com uma ermida de Nossa Senhora das Brotas, e o de Arneiro com uma ermida de Sta Catharina.

P. . .	C.	580	
	A.	653	
	E. P.	698.	2696
	E. C.		2505

OLIVAL

(6)

Ant.ª F. de Nossa Senhora da Purificação do Olival, cur.º da ap. da collegiada de Ourem, no T. da dita V.ª Hoje é prior.º

Em 1840 pertencia esta F. ao conc.º de Aldeia da Cruz, hoje de V.ª Nova de Ourem.

Está sit.º o L. de *Olival* 8^k a O. da estação de Caixaria (C. de ferro do N.) Dista de V.ª N. de Ourem $8\ ^1/_2{}^k$ para N. N. O.

Compr.ᵉ mais esta F. os log.ᵉˢ de Amieira, Aldeia Nova; os casaes (grandes casaes ou log.ᵉˢ pequenos diz a *E. P.*) de Arneiros, Barrocaria, Boeiro, Calçada, Camalhotes, Carcavellos de Cima, Carcavellos de Baixo, Cardeaes dos Gaiteiros, Cardeaes de Santarem, Cavadinha, Casaes de Carcavellos, Casaes dos Montes, Casaria, Cumeada, Conceição, Esperança, Estreito, Fartaria, Gaiteiros, Gondemaria, Matta, Mossomodia (Mocomedia no mappa), Obidos, Pairia, Pederneira, Rezouro ou Razoiro, Ribeira, Santarem dos Tojos, Soutaria, Tomareis, Urqueira, Valles, Val das Antas, Ventelharia; os casaes pequenos de Brejo, Cabeça da Urqueira, Silva, Relva, Penedo, Cidral, Portella d'Armada; e as q.ᵗᵃˢ de Pai-Vieira, Cardal, Monreal, Moinhos.

Vem mencionados em Carv.º, além do Olival, séde da egreja parochial, os log.ᵉˢ de Urqueira com uma ermida de Nossa Senhora da Piedade, Amieira com uma dita de Nossa Senhora do Pilar, Ribeira com uma dita de Nossa Senhora da Conceição, onde havia grande feira em 8 de dezembro, Boeiro com uma ermida de S. Martinho, Gondemaria com uma dita de Nossa Senhora da Graça.

Vem tambem mencionada uma ermida de Nossa Senhora da Esperança, que parece foi o principio do L. da Esperança que vem na *E. P.*

P...	C.	530	
	A.	716	
	E. P.	802	3612
	E. C.		3576

OUREM

(7)

Ant.ª V.ª de Ourem, cab.ª da ant.ª com. de Ourem. Don.º casa de Bragança.

Em 1840 pertencia esta V.ª ao conc.º de Aldeia da Cruz, hoje de V.ª N. de Ourem.

Está sit.ª em alto monte com difficil subida por todos os lados, 1^{k} ao S. da m. e. da ribeira de Ceissa. Dista de V.ª N. de Ourem 2^{k} para S. O.

Tinha antigamente 4 FF. Sta Maria, S. Pedro, S. João e Sant'Iago; porém D. Affonso C. de Ourem e M. de Valença, filho primogenito de D. Affonso, 1.º D. de Bragança, obteve do pontifice Eugenio IV a reducção das 4 FF. a uma só com uma insigne collegiada e com o orago de Nossa Senhora da Misericordia (Visitação de Nossa Senhora).

Tinha a dita collegiada, prior, chantre, thesoureiro mór e 10 conegos, todos da ap. da casa de Bragança.

Hoje conserva a mesma F. de Nossa Senhora da Misericordia, com o titulo de prior.º, mas foi ext.ª a collegiada.

Compr.^{e} a F., além da V.ª, que o *D. C.* considera ext.ª, os log.^{es} de Carapito, Hortas, Carregal, Peras Ruivas, Toucinhos, Lagôa do Furadouro, Espertos, Henriques, Charneca, Caneiro, Outeiro das Mattas, Mattas, Sobral, Bairro, Canhardo, Mouta do Açôr, Val do Porto, Gabrieis, Val da Perra, Zambujal, Fontainhas, Mortal, Mourã, Atouguia, Varzea, Escandarão, Pinhel, Melroeira, Fonte da Catharina, Ceremonia, Corredoura, Mulher Morta, Tijolo, S.^{to} Amaro, Laranjal, Valles; os casaes de Regato, Loureira, Relva Longa Branco, Lameira; e as q.^{tas} de Namorados, S. Gens, Parreira, Vinha, Feto, Caneiro, Alvéga, Casal Novo.

Vem mencionados em Carv.º os log.^{es} de Melroeira com

uma ermida de Nossa Senhora do Amparo, e outra proxima de S. Gens (talvez onde ha hoje a q.ta de S. Gens), Outeiro com uma ermida de S. Bartholomeu, Lagôa com uma dita de S. Luiz, Toucinhos com uma dita do Salvador, Charneca com uma dita de Nossa Senhora da Esperança, Regato com uma dita de S.ta Margarida; e menciona tambem uma ermida de S.to Amaro, junto á qual havia feira annual no dia do santo, e onde provavelmente se formou depois o L. de Santo Amaro.

P...	C...........	930	
	A...........	750	
	E. P.........	717..............	2855
	E. C............................		2976

Tinha em 1708 casa de misericordia com hospital, e as ermidas da Trindade, Nossa Senhora da Graça, S. José, e um conv.º de capuchos da provincia da Soledade, com a inv. de *S.to* Antonio, fundado em 1600: foi ext.º em 1834 e serve agora de hospital, pois o primitivo, assim como a egreja da misericordia, são hoje propriedades particulares. Tambem é propriedade particular, a egreja que foi da ordem terceira de S. Francisco, lindissimo edificio e com lavores de esmerado gosto.

Quanto á egreja parochial era fundação de D. João IV, mas caiu pelo terremoto de 1755, e foi reedificada por mandado d'el-rei D. José com grandeza no interior, ficando porém acanhada no exterior.

Ainda ali permanece o mausoleu de D. Affonso, 1.º C. de Ourem, que está por baixo do pavimento da capella mór.

No altar mór está um magnifico painel de Nossa Senhora da Misericordia e a seus pés el-rei D. João IV offerecendo-lhe o templo.

Das outras egrejas só restam ruinas de duas, e uma serve de cemiterio, para o que só lhe deixaram as paredes até á altura de 10 palmos, segundo diz o *D. C.* d'onde em resumo extraimos estas noticias.

Era esta V.ª murada e tinha duas portas, uma da parte

do oriente á qual chamavam do Sol e outra da parte do S. que chamavam de Santarem, n'esta se vêem ainda as armas da monarchia, com uma legenda em que se declara ser a V.ª dedicada por el-rei D. João IV a Nossa Senhora da Misericordia: o mais está tudo em ruinas.

Em ruinas estão tambem os antigos paços dos D. de Bragança, e junto d'elles dois castellos unidos por grossas paredes, de modo que parecem um só, mediando entre ambos uma cisterna, ainda bem conservada, mas de que se não faz uso; e ainda havia outra cisterna, hoje arruinada, proxima á casa da camara que em ruinas está egualmente.

No L. de Mulher Morta (diz o *D. C.*) assim chamado por ser tradição que um barbaro pae ali matou sua filha, tem o deputado Barros e Sá uma boa q.ta, e um pouco para E. ha uma capella de S. Sebastião, proximo á qual acampou o exercito portuguez em sua marcha para Aljubarrota, e n'este mesmo sitio um veado negro acossado na matta onde hoje está o L. da Melroeira (ou de Atouguia como pretende o sr. Antonio Pereira da Cunha na sua obra *Brios Heroicos de Portuguezas*) viera metter-se na barraca d'el-rei, o que todos tiveram por bom presagio.

Recolhe muito trigo, centeio, milho, azeite, generoso vinho, e muita fruta: tem abundancia de gado e de caça.

Tem abundancia de excellente agua em uma fonte proxima á egreja parochial.

O seu clima é ameno e mui saudavel.

Dizem ter sido esta V.ª fundação d'el-rei D. Affonso Henriques em 1148, e que este soberano a deu a D. Tereza sua filha, que lhe concedeu foral e grandes privilegios em 1180, foral que reformou D. Pedro II em 1695.

O brazão d'armas da V.ª de Ourem segundo o livro dos brazões da Torre do Tombo, é uma aguia negra com as azas e garras abertas, aos lados dois escudetes das quinas, e na parte superior do lado direito um crescente e do esquerdo uma estrella: tudo em campo branco.

Foi Ourem titulo de condado instituido por D. Pedro I

em favor de D. João Affonso Tello, almirante do reino, irmão da rainha D. Leonor, mulher d'el-rei D. Fernando, e depois passou a João Fernandes Andeiro.

El-rei D. João I deu este titulo e o senhorio da V.ª ao condestavel, como primeiro premio de seus relevantes serviços, e este o renunciou depois em seu neto D. Affonso, filho primogenito do 1.º D. de Bragança, vindo assim a pertencer a esta serenissima casa.

Eram alcaides móres de Ourem os Correias Lacerdas de quem descreve Carv.º parte da genealogia.

Tinha ainda em 1708 muitos morgados e familias nobres com illustres appellidos.

RIO DE COUROS

(8)

Ant.ª F. de Nossa Senhora da Natividade no L. de Rio de Couros, cur.º da ap. da collegiada de Ourem, no T. d'esta V.ª

Em 1840 pertencia esta F. ao conc.º de Aldeia da Cruz, hoje de V.ª N. de Ourem.

Está sit.º o L. de *Rio de Couros* proximo a uma ribeira aff.º do Nabão, 3^{k} a O. da m. d. d'este rio; uma legua a E. N. E. da estação de Caixaria (C. de ferro do N.) Dista de V.ª N. de Ourem 3^{l} para E. N. E.

Compr.º mais esta F. os log.^{es} de Soalheira, Castellejo, Sandoeira, Casal de Baixo, Casal dos Secos, Casal de Domingos João, Casal do Ribeiro, Carvalhal de Cima, Carvalhal do Meio, Carvalhal de Baixo; e uma H. I. com o nome de Capellas.

Vem mencionados em Carv.º, Rio de Couro, simples L. da F. de Freixiandas com uma ermida de Nossa Senhora da Natividade, junto á qual havia em 8 de setembro uma grande feira; e o L. de Sandoeira com uma ermida de S. Romão.

P...	C.		
	A.	169	
	E. P.	173...............	613
	E. C.		652

Esta F. foi instituida entre os annos 1708 e 1758.

Não se encontra no mappa topographico em nenhum dos log.^{es} d'esta F. o signal indicativo da egreja parochial.

VILLA NOVA DE OUREM

(9)

Ant.ª aldeia da Cruz ou de Nossa Senhora da Cruz, no T. da V.ª de Ourem e pertencente á F. de Nossa Senhora da Misericordia, instituida séde de egreja parochial em 1820 com a inv. de Nossa Senhora da Piedade e o titulo de prior.º que era da ap. da collegiada de Ourem (então ainda existente): elevada á categoria de V.ª com o nome de V.ª N. de Ourem pela carta de lei de 30 de setembro de 1841 continuando a ser cab.ª do mesmo conc.º, que mudou o nome de conc.º de Aldeia da Cruz para o de conc.º de V.ª N. de Ourem.

Está sit.ª 2^k a N. E. da ant.ª V.ª de Ourem, na m. e. da ribeira de Ceissa, 9^k a O. S. O. da estação de Chão de Maçans (C. de ferro do N.) Tem estr.ª para Leiria. Dista de Santarem 12 $^1/_2{}^l$ para N. N. E.

Tem uma só F. qne é a supra mencionada de Nossa Senhora da Piedade, a qual compr.^{e}, além da V.ª, os log.^{es} de Alqueidão, Pimenteira, Pinheiro, Louções ou Louçans, Villões, Crespos ou Crespo, Penigardos, Carregal, Val Travesso, Caridade, Corredoura; o casal da Bica, os casaes dos Mattos; e as q.^{tas} da Mouta da Vide, Milheira ou Marnoto, e uma H. I. ou casal (pois não está bem claro pela *E. P.* o que é) com o nome de Favacal.

Vem mencionados em Carv.º além da dita aldeia da Cruz ou de Nossa Senhora da Cruz, hoje V.ª N. de Ourem, os log.^{es} de Val Travesso com uma ermida de Nossa Senhora do Livramento, Pinheiro com uma dita de Nossa Senhora

do Rozario, Alqueidão com uma dita de S. Lourenço, Penigardos com uma dita de S. João, Carregal com uma dita de Sta Barbara, Villões com uma dita de S. João, Caridade com uma nobre capella de Nossa Senhora da Caridade na q.^{ta} do mesmo nome, junto da qual havia feira annual no mez de setembro; esta q.^{ta} é a mesma de Mouta da Vide, acima indicada, da *E. P.* (porque lhe davam tambem o nome do L. e da capella) pelo meio da qual q.^{ta} corre a ribeira da Mouta da Vide, que a torna mui fertil de todos os frutos; e tinha, segundo diz Carv.^{o}, uma grande matta, lamedas de bello arvoredo, muitas fontes de agua nativa, hortas, vinhas, pomares e casas nobres, por ser cabeça do morgado da familia dos Coutos, cuja instituição está registada na Torre do Tombo e se acham ali os documentos que provam sua linhagem, de que tratam os auctores genealogicos, e da qual em resumo falla o mesmo Carv.^{o} no 3.º vol. da *Chorographia* pag. 229 e 230

Pertencem á serenissima casa de Bragança, nos arredores d'esta V.^{a}, além do antigo castello de Ourem, as seguintes propriedades:

Pinhal Novo, Pinhal Velho, Pinhal do Carregal, Pinhal de Boleiros, Matta do Furadouro, Matta da Urqueira, Quinta de Val de Remigio.

P...	C.		
	A.	511	
	E. P.	500	1962
	E. C.		2013

A egreja parochial é um bom templo.

Fóra da povoação tem a V.^{a} bom cemiterio.

Alguns edificios são regulares e de boa apparencia; e os arrabaldes muito pittorescos.

Recolhe os mesmos frutos que vão mencionados na V.^{a} de Ourem.

Tem mercado todas as quintas feiras.

Tem este concelho:

Superficie, em hectares	46757
População, habitantes	17081
Freguezias, segundo a *E. C.*	9
Predios, inscriptos na matriz	38187

Foi titulo de baronia, e depois de viscondado, conferido pela rainha a senhora D. Maria II, de sempre saudosa memoria, a José Joaquim Januario Lapa, general de artilheria, que foi governador da India.

DISTRICTO ADMINISTRATIVO

DE

LISBOA

(M)

CONCELHO DE ALCACER DO SAL

(a)

ARCEBISPADO DE EVORA

COMARCA DE ALCACER DO SAL

ALCACER DO SAL

(1)

Ant.ª V.ª de Alcacer do Sal na ant.ª com. de Setubal.

Hoje é cab.ª do actual conc.º e da actual com. de Alcacer do Sal.

Está sit.ª em logar baixo, na m. d. do rio Sado a que chamavam antigamente Sadão: o qual não se passa ali a vau, mas só permitte a entrada de hiates até defronte da V.ª Dista de Lisboa 15[1] para E. S. E.

Tem a V.ª duas FF., que eram as ant.as seguintes: S.ta Maria do Castello, prior.º da ordem de Sant'Iago, de que o prior era freire professo, matriz da V.ª

Compr.e esta F., além da parte respectiva da V.ª, os log.es, montes ou casaes, q.tas, herdades, hortas, fazendas, e courellas seguintes: Moinho d'Ordem e Algarvios, Ermida do Senhor dos Martyres[1], Pote Viceiro, Pinhal, Fazenda do Conde, Fazenda Velha, Monteira, Monte do Outeiro, Cou-

[1] Tinha esta ermida annexa uma commenda que era dos C. de Aveiras em 1708.

rella de Valverde, Ervideira, Herdade d'Arabia, Herdade da Lançada, Herdade da Borja, Herdade de Pai-sobrado, ou do Paço Bravo, Herdade de Asseiceira, Herdade da Quinta, Horta da Parvoice, Horta do Custodio, Horta do Porxes, Fazenda Nova, Paçareiro, Courella da Azeda, Fazenda de Baixo, Horta Velha, Quinta da Morgada.

A egreja parochial está sit.ª no castello em logar alto, e na architetura interior mostra a sua muita antiguidade.

P...	C.	600 (as duas FF.)	
	A.	313	
	E. P.	318.	1467
	E. C. (as duas FF.)		2609

Estava annexa a esta F., desde 1847, a F. de Val dos Reis com 60 fogos, 260 habitantes incluidos na população supra. Hoje é F. independente, segundo a *E. C.*

Sant'Iago, prior.º da ordem de Sant'Iago.

Compr.e esta F., além da parte respectiva da V.ª, os seguintes log.es, montes (casaes), q.tas, herdades e hortas. Casa da Polvora, Hortinha, Quinta Grande, Quinta d'Aires, Horta da Parreira, Horta do Taborda, Arpila ou Arpiloa de Baixo, Arpila de Cima, Olival Queimado, Casa de Pau, Horta da Foz, Casa da Foz, Casa do Sal, Valle, Fazenda do Valle, Vallinho, Horta do Campos, Laranjal, Horta do Machadinho, Ariola, Horta da Pontinha, Horta do Regas, Horta de José Mestre, Horta da Boavista, Olival de Fóra, Horta do Mattos, Rio dos Clerigos, Horta de Baixo, Telheiro, Horta de Cima, Cerrado do Azedo, Cerrado do Ronce, S. Vicente, Serra (ou Cerrado) dos Frades, Moinho das Majapoas, Cotovias, Fonte de Cotovias, Andrades, Cardosos, Chão da Vinha, Chrisanda ou Grisanda, Agua da Pousada; *e além do rio*, S.ta Anna, Leonardo, Forno da Cal, Monte do Concelho, Cabanas, Lisiria.

P...	C.		
	A.	434	
	E. P.	425.	1340
	E. C.		

Antes da extincção das ordens religiosas em Portugal ha-

via em Alcacer do Sal um conv.º da ordem de S. Francisco, da provincia dos Algarves, com a inv. de S.^{to} Antonio, fundado em 1524. Transcreve o *D. G.* do sr. P. L. uma inscripção achada na egreja d'este conv.º em 1844, tem a data de 622 da era vulgar, era de uma lapida sepulchral.

Ainda tem um mosteiro da ordem de S. Francisco da mesma provincia dos Algarves e regra de Sta Clara, com a inv. de Nossa Senhora de Ara Caeli, fundado em 1573[1].

Tem casa de misericordia e hospital.

O castello edificado sobre uma eminencia, sobranceira ao rio, era dos mais fortes da Peninsula: hoje está em ruinas; gosa-se d'ali encantadora vista.

É notavel o bello caes de pedra marmore sobre o rio Sado.

Recolhe trigo, centeio, cevada, vinho e azeite; tem abundancia de gado, carne de porco, caça, colmeias e muitos juncaes de que os habitantes fazem esteiras e outras obras. A V.ª tem escacez d'agua.

Tem estação telegraphica.

Alcacer do Sal faz grande commercio interno com Lisboa, Setubal, Evora, e Beja. Exporta muito sal e obras de esparto.

Tem mais de 900 marinhas.

Tem feiras francas no domingo do Bom pastor, de tres dias, e em 10 de outubro, tambem de tres dias.

Tem este concelho:

Superficie, em hectares	133243'
População, habitantes	7098
Freguezias, segundo a *E. C.*	10
Predios, inscriptos na matriz	2043

Os nossos auctores ant.^{os} levam a fundação d'esta V.ª aos

[1] Este mosteiro, segundo o *D. G.* do sr. P. L., foi fundado por D. Sancho I em 1200 e ampliado por D. Ruy Salema, fidalgo da casa do infante D. Luiz, em 1570. A data da fundação acima indicada é a de J. B. de Castro.

tempos chamados fabulosos pela incerteza que n'elles encontra a historia, e fallam de um templo de Diana, destruido pelo rei Bogud.

Sabe-se que é antiquissima e que foi municipio romano em tempo de Augusto, chamado *Salacia Imperatoria* ou *Urbs Imperatoria.*

No anno 300 da era vulgar já era séde episcopal da qual foi bispo S. Januario.

Esteve sob o dominio dos arabes desde 715 até 1158 em que a tomou el-rei D. Affonso Henriques. Tornaram depois os mouros a subjugala, e restaurou-a D. Affonso II em 1217, por industria de D. Soeiro Viegas, Bispo de Lisboa, e pelo soccorro de uma armada vinda do Norte. Deu-se uma batalha sanguinolenta no sitio chamado ainda Valle de Matança.

O nome que hoje tem lhe foi posto pelos mouros, em razão da abundancia de sal que sempre ali houve.

Entretanto o dr. E. Hübner diz o seguinte:

«Não ha provas sufficientes de que Alcacer do Sal fosse a antiga *Salacia;* porém não se póde negar que os seus muros apresentam vestigios de construcção romana, arabe, e e da edade média.»

O Itinerario de Antonino, situa entre Alcacer e Setubal, nma povoação chamada *Ceciliana* que Plinio chama *Castra Ceciliana.*

Ha comtudo auctores que fazem corresponder a esta antiga *Ceciliana* os actuaes logares de Agualva ou Agua de Moura.

Tem por brazão uma nau sobre ondas verdes, em campo branco, e por timbre as armas reaes.

Deu-lhe foral el-rei D. Affonso II em 1218.

Foi natural d'esta V.ª o grande Mem Rodrigues de Vasconcellos e tambem o celebre mathematico Pedro Nunes.

Lemos no *Diario de Noticias* de Lisboa de 7 de março de 1874, em um artigo sob a epigraphe *Descoberta archeologica*, que em Alcacer do Sal, n'um terreno proximo da antiga capella do Senhor dos Martyres, mandando o sr. Gen-

til, escrivão de fazenda, escavar para fazer uma eira, se encontraram a pequena profundidade grande numero de urnas cinerarias cheias de ossos, e perfeitamente conservadas: entre ellas uma de muito valor artistico, com relevos, em estilo Etrusco, representando diversos sacrificios etc. Encontraram-se tambem muitas armas, lampadas, lacrimatorios, moedas em que se lê o nome de *Claudius* (provavelmente o IV imperador romano), etc.

MONTE VIL

(2)

Ant.ª F. de S. Pedro de Monte Vil ou Mont'alvo, capellania, cur.º da ordem de Sant'Iago, no T. de Alcacer do Sal.

Está sit.ª a egreja parochial (que o mappa topographico representa no monte, casal ou herdade de Mont'alvo) 1^{k} ao S. da m. e. do Sado. Dista de Alcacer do Sal 13^{k} para O. N. O.

Compr.^{e} esta F. as seguintes herdades: Batalha, Casas Novas, Torrinha, Monte Vil ou Monte Ville, Mont'alvo, Caxopos, Monte Novo, Murta, Pousadas, Carrasqueira, Comporta, Torre, Carregueira de Baixo, Carregueira de Cima, Figueiral, Torroal, Amieira, (parece Asueira no mappa, mas não se percebe bem pela confusão dos signaes), Montadinho.

P...	C..........		
	A..........	180	
	E. P........	216...............	1176
	E. C............................		841

PALMA

(3)

Ant.ª F. de S. João Baptista de Palma, capellania da ordem de Sant'Iago, no T. de Alcacer do Sal.

Está sit.ª a egreja parochial, (muito proxima, segundo o mappa topographico, a um L. que não apresenta outro

nome senão o de Palmas, que é o titulo da F., e junto da egreja está um casal chamado Bairro Alto) $1\,{}^{1}/_{2}{}^{k}$ a N. O. da m. d. do rio de S. Martinho, onde tem ponte e para a qual tem estr.ª

Dista de Alcacer do Sal 17^{k} para N. O.

Compr.^{e} esta F. os log.^{es}, quintas e herdades seguintes; Paúl de Baixo, Paúl de Cima, Fazenda do Monte da Pedra, Quinta do Condado de Palma, Quinta do Ouvidor; e as herdades de Val de Couto, Córte, Monte do Gato, Monte da Pedra, Monte Novo, Cubiça, Abeila, Abula ou Abul [1], Pinheiro do Infantado [2], Caxóla, ou Sachóla.

P...	C..........		
	A..........	135	
	E. P........	146..............	584
	E. C...........................		630

Foi antigamente titulo de condado.

SADÃO (S. ROMÃO DO)

(4)

Ant.ª F. de S. Romão do Sadão, capellania, cur.º da ordem de Sant'Iago, no T. de Alcacer do Sal.

Está sit.ª a *Aldeia de S. Romão,* junto ao rio Sado. Dista de Alcacer do Sal 5^{l} para S. E.

Compr.^{e} mais esta F. os log.^{es}, casaes, q.^{tas}, herdades, hortas e moinhos seguintes: Salema, Pomar, Pontes, Aldeia de Rio de Moinhos, Vargem Redonda, Quinta de Cima, Xanchares, Horta das Couves, Enxerraminha, Quinta de D. Rodrigo, Val de Romeiras, Porto do Carro, Quinta Nova, Herdade dos Frades, Vargem da Mó, Algalé, Sesmaria do Palma, S. Domingos, S. Dominguinhos, Palhota, Parxanhas, Casa Branca, Portinho, Porto de Rei, Corjeira, Moinho do

[1] Pelo mappa mostra ser uma H. I. com herdade e um moinho.

[2] Pelo mappa mostra ser uma H. I. com pinheiral, que talvez pertencesse á casa do infantado.

Frade, Rio d'Arcos, S. Bento, Benagazil, Benagazilinho, Portanxo, Val do Laxique.

P...	C..........		
	A..........	260	
	E. P.......	281...............	1020
	E. C...........................		1004

SANTA SUZANA

(5)

Ant.ª F. de Sta Suzana, capellania da ordem de Sant'Iago, no T. de Alcacer do Sal.

Está sit.ª a *Aldeia de Santa Suzana* proxima a uma ribeira aff.^{e} da ribeira de Sitimos ou das Alcaçovas. Dista de Alcacer do Sal 3^{1} para E. N. E.

Compr.^{e} mais esta F. as H. I. seguintes: Telheiro, Vargem de Baixo, Courella, Val de Corda, Collos, Val de Curraes, V.ª Ruiva, Deserto, Serrinha, Brelongo, Moita, Moitinha, Portage, Lapa, Lesiria, Sesmaria, Rio Morinho, Freixial, Moinho do Diés, Val de Figueira de Cima, Val de Figueira de Baixo, Hospital, Casa Branca, Romeiras, Courella das Flores, Casa Nova, Biscainha, Caeira Grande, Caeirinha, Passo, Fonte do Couço, Zambujal, Córte Pereiro, Joujés, Alamo.

P...	C..........		
	A..........	108	
	E. P........	88...............	371
	E. C...........................		401

S. MARTINHO

(6)

Ant.ª F. de S. Martinho, prior.º da ordem de Sant'Iago, de que o prior era freire professo, no T. de Alcacer do Sal.

Está sit.ª a egreja parochial $^{1}/_{2}{}^{k}$ ao S. da m. e. do rio de S. Martinho. Dista de Alcacer do Sal 4^{1} para N. N. E.

Segundo a *E. P.* achava-se annexa esta F. em 1862 á F. de Cabrella, do conc.º de Monte Mór o Novo; da qual depois se separou, constituindo de novo parochia independente como consta da *E. C.* de 1864.

P. . . C. . . . .
A. 60
E. P. 106. 349
E. C. 284

No mappa apresenta esta F. poucos casaes ou herdades dispersos, mas não damos os nomes, por virem na *E. P.* juntamente com os da referida F. de Cabrella.

SITIMOS

(7)

Ant.ª F. de S.ta Catharina de Sitimos, capellania, cur.º da ordem de Sant'Iago, de que era freire professo o capellão, no T. de Alcacer do Sal.

Está sit.ª a *Aldeia de Sitimos*, (a qual segundo a *E. P.* tem 12 fogos), na m. e. da ribeira de Sitimos ou das Alcaçovas. Dista de Alcacer do Sal $8\,{}^{1}/_{2}{}^{k}$ para E. N. E.

Compr.e mais esta F. os montes (casaes) e ermidas seguintes: Arraes, Arcebispa, Bicada, S. Braz, Barrozinha, Castello d'Arez, Casas Novas, Carvalhos, Entre Aguas, Figueira, Famaes, Gáxa, Gáxinha, Montinhos, Pocinho, Romeiras, Sesmaria dos Pretos, Mestras, Silveiras, Tinhoso, Ulmeira de Cima, Ulmeira de Baixo, Val d'Agua, Val de Arca, Val de Arquinha, Val de Carvalho, Val de Matança, Vargem d'Ordem, Monte da Vinha, Pincarinhos, Vallongo, Carvalhoso, Bugiada, Alfebre, Alfebrinho, S. Paio, Val de Ferreira, Torre, Val de Bésteiros; ermida do Senhor Jesus das Chagas, dita da Conceição da Serra, dita de Val d'Agua junto ao L. de Val d'Agua.

P. . . C. . . . .
A. 115
E. P. 110. 465
E. C. 496

VAL DE GUIZO

(8)

Ant.ª F. de Nossa Senhora do Monte, capellania, cur.º da ordem de Sant'Iago, no T. de Alcacer do Sal.

Está sit.º o L. de *Val de Guizo* na m. e. do Sado. Dista de Alcacer do Sal duas leguas para S. S. E.

Compr.º esta F. os log.es e montes (casaes) seguintes, com os fogos que lhes vão designados: log.es—Val de Guizo, 30; Arez, 33; montes—Era Pouco (Ara Pouco no mappa topographico), 8; Moinho de Cima ou Monte de Cima, 3; Carrasqueira ou Moinho da Carrasqueira, 4; Charneca, 2; Pedrogão, 2; Forninho, 3; Lamarão, 3; Sobral, 4; Leziria, 3; Porcas, 8; Figueira, 4; Louzeira, 3; Monte Branco, 3: Val de Lobos, 8; Porto Novo, 3; Alfebre, 1; Arouquinha, 2; Arouca, 14; Andeves ou Andives, 5; Sapalinho, 5; Maceira, 4.

P...	C..........		
	A..........	189	
	E. P.......	173................	685
	E. C..........................		653

VAL DE REIS

(9)

Ant.ª F. de Nossa Senhora de Val de Reis, orago Nossa Senhora dos Reis, no T. de Alcacer do Sal.

Está sit.º o L. de *Val de Reis*, (séde da egreja parochial segundo o mappa topographico) 4^{k} a E. N. E. da m. d. do Sado.

Dista de Alcacer do Sal 6^{k} para N. N. E.

Achava-se esta F. em 1862, segundo a *E. P.*, annexa á F. de S.ta Maria do Castello de Alcacer, da qual foi depois separada, pelo menos para os effeitos civis, pois apparece como parochia independente na *E. C.* de 1864.

P...	C............		
	A............	60	
	E. P.........	60...............	260
	E. C............................		180

Poucos casaes ou herdades dispersos apresenta o mappa topographico n'esta F. além dos log.^{es} ou casaes de Albergue, Estalagem de Albergue e Alberguinho que parece tambem á mesma F. devem pertencer.

CONCELHO DE ALCOCHETE
(b)

PATRIARCHADO

COMARCA DE ALDEIA GALLEGA

ALCOCHETE
(1)

Ant.ª V.ª de Alcochete na ant.ª com. de Setubal.

Pertencia á ordem de Sant'Iago, segundo diz o *D. G.* do sr. P. L.

Hoje é cab.ª do actual conc.º de Alcochete.

Está sit.ª em planicie na m. e. do Tejo, na grande enseada ou reintrancia que o rio faz para E. Dista de Lisboa 3^1 para E. N. E.

Tem uma só F. da inv. de S. João Baptista, prior.º da ordem de Sant'Iago.

Compr.ᵉ esta F., além da V.ª, os log.ᵉˢ de Barroca d'Alva, Rilvas, Passil, S. Francisco (aldeia mui dispersa), Conceição dos Mattos; os montes (casaes) de Preguiça, Hortas, Val da Rosa, Alto da Guarita, Pinheiro do Marco, Brazileiro, Val de Figueira, Alagoa da Cheia, Pinhal da Serra, Terroal, Rego d'Amoreira, Pontão; e as q.ᵗᵃˢ ou H. I. de Duque, Pacheca de Baixo, Pacheca de Cima, Val Bom, Cerrado da Raia, Forno da Telha, Forno da Cal, Moinhos de Cima, Olho do Regedor.

P.	C.	400	
	A.	1429	
	E. P.	1003	3705
	E. C.		3785

A egreja parochial, segundo o *D. G.* citado, é antiquissima; foi reedificada por el-rei D. Manuel, é de 3 naves e de grandiosa architectura: fica na extremidade da povoação em um grande terreiro.

O L. de Barroca d'Alva, compunha-se no meado do seculo passado apenas de 5 fogos e uma pequena ermidinha dedicada a S.to Antonio; mas em 1767 fundando ali uma grande quinta o genio emprehendedor do celebre Jacome Raton, tornando-se com o tempo terrenos cultivados e ferteis o que até então eram areias estereis, formando-se tambem uma linda matta de pinheiros e edificando-se uma formosa vivenda para o proprietario, com outras casas e officinas, cresceu a população do L. de tal sorte que já em 1842 tinha 33 fogos, 93 habitantes.

É a quinta um importante estabelecimento agricola, contendo grande pinhal, vinhas, olivaes, pomares e horta, e tendo annexas 4 marinhas de sal de avultado rendimento.

Pertence tambem á mesma quinta a capella antiquissima de fórma acastellada e mui curiosa, da inv. de S.to Antonio, situada no meio de um pequeno bosque de pinheiros, sobreiros e asinheiras, na extremidade de uma ponta de terra proxima a uma lagôa de meia legua de circumferencia. A este sitio chamavam Val de S.to Antonio da Ussa, palavra usada em vez de ursa até ao começo do seculo XVI, d'onde se póde inferir a antiguidade da capella.

Hoje todas estas propriedades pertencem ao barão de Alcochete, o qual fez tambem eregir, em 1859, no centro do terreiro do seu palacio, um padrão de agradecimento á Virgem Mãe de Deus, que consiste em uma columna de pedra lioz, com a estatua da Virgem feita de ferro, e 4 piedosas inscripções em que se conserva a memoria dos beneficios recebidos pela intercessão da Senhora em uma grande cheia, no anno de 1856, e nas terriveis febres que assolaram a V.a em 1858.

Tem a V.a de Alcochete casa de misericordia e bom hospital.

Recolhe muito trigo, e algum centeio, azeite, vinho, e bons figos: é abundante de caça e de linho.

Tem este concelho:

Superficie, em hectares	9070
População, habitantes	4286
Freguezias, segundo a *E. C.*	2
Predios, inscriptos na matriz	1516

Deu-lhe foral, em 1515, el-rei D. Manuel, o qual nasceu n'esta V.ª, em 1469, em umas casas hoje demolidas.

Dizem ser Alcochete fundação dos arabes no anno 850.

SAMOUCO

(2)

Ant.ª F. de S. Braz de Samouco, cur.º da ordem de Sant' Iago, Annexa á F. de S. João Baptista de Alcochete, no T. da dita V.ª Hoje é F. independente.

Está sit.º o L. de *Samouco* 4ᵏ a E. da m. e. do Tejo. Dista de Alcochete 6ᵏ para S. O.

Compr.ᵉ mais esta F. a q.ᵗᵃ da Praia.

P...	C.	60	
	A.	140	
	E. P.	102	480
	E. C.		501

CONCELHO

DE

ALDEIA GALLEGA DO RIBA TEJO

(c)

PATRIARCHADO

COMARCA DE ALDEIA GALLEGA DO RIBA TEJO

ALDEIA GALLEGA

(1)

Ant.^{a} V.^{a} de Aldeia Gallega na ant.^{a} com. de Setubal.

Hoje é cab.^{a} do actual conc.^{o} e da actual com. de Aldeia Gallega do Riba-Tejo.

Está sit.^{a} em logar plano, cercada de vinhas, e mais ao largo de pinheiraes, bem lavada dos ventos, e por isso sadia, ao fundo da enseada de Aldeia Gallega (m. e. do Tejo). Dista de Lisboa 3^{1} para E.

Tem uma só F. da inv. do Espirito Santo, prior.^{o} que era da ordem de Sant'Iago.

Compr.^{e} esta F., além da V.^{a}, os log.^{es} de Atalaia, com a egreja de Nossa Senhora d'Atalaia, Seixal, Montijo, Rodello, Rotta, Batedouro, Povoa, Lançada, Caneira=Barro, Quebra, Cheiras, Bella Vista, Texugueira; e a q.^{ta} da Lançada.

P....	C.	450	
	A.	1181	
	E. P.	1220	5082
	E. C.	....	4666

No L. da Povoa havia em 1708 uma egreja com a inv. de Sant'Iago, e uma q.[ta] de D. Fernão Martins Mascarenhas que era de morgado.

No L. da Atalaia, a uma legua da V.[a], está a egreja de Nossa Senhora da Atalaia, com 3 porticos, espaçoso adro e bella escadaria; os moradores permanentes d'este L. não passam de 25, mas assim que chega o tempo dos cirios augmenta espantosamente.

Os cirios annuaes são vinte e cinco e começam em domingo de Pascoela, succedendo-se as festas e arraiaes até outubro.

A imagem da Senhora que se venera no templo, dizem ter sido encontrada n'uma aroeira.

Proximo ao L. da Lançada está a q.[ta] do mesmo nome que foi, segundo diz Carv.[o], de Jorge Gomes Alemo.

O L. do Montijo está em uma ponta de terra que fórma a enseada de Aldeia Gallega, e que se chama a Boca do Montijo, é muito perigosa com vento forte e tem de largura $1\ {}^{1}/_{2}{}^{k}$.

Na *Chorographia* de Carv.[o] vem mencionadas outras q.[tas] em que não falla a *E. P.* e eram a da Graça que pertencia ao conv.[o] dos Agostinhos; a das Postas, assim chamada por ter sido de um mestre de Postas e pertencia então ao morgado Luiz de Saldanha da Gama; a de D. Francisca de Souza, tambem de morgado; a de Luiz Guedes de Miranda; a do marquez de Monte Bello; a do Casado, que era de D. Luiz Salazar; e a do conde de S. Vicente.

Tambem não as encontramos no mappa.

Tem esta V.[a] casa de misericordia e hospital.

Sobre a larga entrada que ali faz o Tejo ha bello caes de cantaria, e diariamente partem faluas que a põe em communicação com Lisboa, sendo por isso abundante de todos os generos.

Dos seus arredores recolhe cereaes, hortaliças, legumes, abundancia de vinho e frutas: tem grandes pinheiraes e valiosas marinhas de sal.

Tem estação telegraphica.

Tem feira annual de 3 dias, começando no penultimo sabbado de agosto.

Era um dos principaes pontos commerciaes entre a provincia do Alemtejo e a capital. Hoje com o caminho de ferro do S. e S. E. perdeu grande parte da sua importancia.

Tem este concelho:

Superficie, em hectares	38708
População, habitantes	6325
Freguezias, segundo a *E. C.*	3
Predios, inscriptos na matriz	2430

Segundo nos informa Carv.º, o nome d'esta V.ª é derivado de uma gallega chamada *Alda*, que ali veiu estabelecer uma estalagem ficando o sitio appellidando-se *Alda a Gallega*, que se corrompeu em Aldeia Gallega, e depois se accrescentou *do Riba-Tejo* para a distinguir de Aldeia Gallega da Merciana. Mas haveria tambem n'esta uma outra *Alda a Gallega* que lhe désse o nome?[1]

Deu-lhe foral el-rei D. Manuel em 1514.

CANHA
(2)

Ant.ª V.ª de Canha na ant.ª com. de Setubal.

Está sit.ª em lugar ameno, mas pouco sadio (e onde antigamente havia muitas cannas, d'onde, segundo diz Carv.º, lhe proveiu o nome) na m. e. da ribeira de Canha ou de S.to Estevão.

Dista de Aldeia Gallega 7l para E. N. E.

Tem uma só F. da inv. de Nossa Senhora da Oliveira, prior.º que era comm.ª da ordem de Sant'Iago, da ap. da Mesa da Consciencia.

Compr.º esta F., além da V.ª, os montes (casaes) de Gervaz, Courella da Figueira, Moinho Novo, Corte Fernando,

[1] Verdade è que muitos chamam á V.ª do Riba Tejo *Alde-gallega* mas não será isto simples abreviatura da pronuncia?

Contador, Courella de José de Mattos, Monte das Silvas, Courella de José Gregorio, Monte Branco, Matta, Maria Vicente, Arieiro, Tapada de Baixo, Tapada de Cimà, Pecegueiro, Pégões, Espirra, Craveira, Pontal, Sesmaria do Gil, Baranbanas, Moinho do Paço, Val da Azenha, Barro Vermelho, Montinho, Escatelar, Val de Cebolas, Maria Soares, Abegoaria, Moinhola, Val de Cabrella, Vidigal, Espadaneira, Moinho da Abegoaria, Carvalhos, Madeira, S. Julião, Carvalhoso, Carrapatal; e tres H. I. no alto da Boa Vista.

P...	C..........	200	
	A..........	362	
	E. P.......	255...............	820
	E. C..........................		1069

No L. da Matta ha uma grande herdade do D. de Cadaval.

O *D. G.* do sr. P. L. menciona casa de misericordia fundada pelos moradores da V.ª na capella de S. Sebastião.

A comm.ª de que acíma fallámos diz o mesmo *D. G.* que pertencia ao most.º de Santos o Novo.

Recolhe trigo, centeio, milho e frutas; tem abundancia de gado, montados e caça.

Deu-lhe foral el-rei D. Affonso Henriques[1].

A estação do C. de ferro de S. E. denominada dos Pegões fica uma legua a E. S. E. do L. dos Pegões: é a 2.ª do dito C. de ferro de S. E. a contar do Pinhal Novo (entroncamento d'esta linha com a do S.)

SARILHOS GRANDES

(3)

Ant.ª F. de S. Jorge no L. de Sarilhos o Grande, cur.º da ordem de Sant'Iago, no T. de Aldeia Gallega. Hoje é prior.º

Está sit.º o L. de *Sarilhos Grandes* (nome que lhe dá a

[1] Em 1172 segundo o *D. G.* do sr. P. L. e diz que tem outro foral de D. Manuel de 1516.

E. C. porém no mappa é *Sarilhos o grande* como na *Chorographia* de Carv.º) 3k para o S. de Aldeia Gallega.

Compr.e mais esta F. os log.es de Broega de Cima, Quatro Marcos, Malpique, Lançada, Hortinha e Quinta Nova.

Carv.º menciona uma boa q.ta que pertencia ao C. d'Atalaia.

P...	C.		
	A.	114	
	E. P.	112	401
	E. C.		590

O L. de Sarilhos, o grande, foi em tempos antigos, segundo diz Carv.º, muito opulento, mas quando este auctor escreveu achava-se tão decaído que apenas tinha 7 fogos.

CONCELHO DE ALEMQUER

(d)

PATRIARCHADO

COMARCA DE ALEMQUER

ABRIGADA

(1)

Ant.ª F. de Nossa Senhora da Graça, no L. de Atouguia das Cabras, cur.º Annexo á F. de S. Pedro da V.ª de Alemquer, no T. da dita V.ª Hoje é F. independente.

Está sit.º o L. de Abrigada (que dá o titulo á F. segundo a *E. C.*, com quanto na *E. P.* ainda venha a denominação de Atouguia das Cabras; a egreja parochial fica segundo o mappa topographico 1ᵏ ao S. de Abrigada e 1ᵏ a N. O. d'Atouguia das Cabras) 2ᵏ a O. da estr.ª real de Lisboa a Leiria, sobre o rio Otta. Dista de Alemquer duas leguas para N. N. O.

Compr.ᵉ esta F. os log.ᵉˢ de Abrigada, Atouguia das Cabras, Bairro, Estribeiro, Cabanas do Chão; os casaes de Magos, Pedreira, Val de Gato, Cutena, Salgueira; e as q.ᵗᵃˢ de Abrigada, Vallongo, Marés, Bairro.

Vem mencionados em Carv.º, Abrigada com 50 fogos, uma q.ᵗᵃ de Antonio Botado de Macedo, ermida de Nossa Senhora do Rozario e outra ermida de S. Roque; Destrabeiro com 15 fogos e uma *varzea;* Cabanas do Chão com 20 fogos; Bairro com 50 fogos. Menciona mais as q.ᵗᵃˢ dos Chicorros que era de Ascenço de Sequeira; da Vidigueira,

que era de Sebastião Maldonado; da Vaçalla, junto á egreja de Nossa Senhora d'Ameixieira, que era de Francisco Garcez de Brito; e muitos casaes ao pé da serra de Monte Junto.

P...	C..........		
	A..........	282	
	E. P.......	319..............	1413
	E. C..........................		1470

É hoje titulo de viscondado: mercê feita ao sr. José Maria Camillo de Mendonça, rico proprietario e negociante.

ALDEIA GALLEGA DA MERCIANA

(2)

Ant.ª V.ª de Aldeia Gallega da Merciana na ant.ª com. de Alemquer. Don.º a casa da Rainha.

Em 1840 pertencia esta F. ao conc.º de Aldeia Gallega da Merciana, ext.º pelo decreto de 24 de outubro de 1855, pelo qual passou ao de Alemquer.

Está sit.ª na descida de um pequeno monte e cercada de outeiros, proximo de uma pequena ribeira aff.^{e} da ribeira de Alemquer. Dista de Alemquer 11^{k} para O. N. O.

Tem uma só F. com a inv. de Nossa Senhora dos Prazeres, prior.º que era da casa da Rainha.

Compr.^{e} esta F., além da V.ª, os log.^{es} de Merceana, Arneiro, Val Bem Feito, Casaes Brancos, Paiol, Barbas de Porco, Crugeira; e as q.^{tas} de Crugeira, Boa Vista, do Visconde, dos Ferrões (ou Furões?), dos Negros, de S. Christovão, Choca Palha, de Fallou, de João Carneiro, do Valle, do Pinto, de S. João, de Junqueira e da Nogueira (Niqueira vem no mappa topographico e no *D. G.* do sr. P. L.)

Vem mencionados em Carv.º, Merciana (L. differente de Aldeia Gallega e que lhe deu o cognome) com 100 fogos e sumptuosa egreja de 3 naves, fundada pela rainha D. Leonor, mulher de D. João II, e da inv. de Nossa Senhora da Piedade.

O templo está junto a um espaçoso rocio onde se fazem

grandes festas e concorrem muitas romarias, e onde tem logar duas feiras annuaes, uma a 25 de março e outra no domingo da Santissima Trindade.

Proximo d'este L. da Merciana havia um conv.º de capuchos da provincia de S.^{to} Antonio, fundado em 1600, e que tinha o nome de S.^{to} Antonio da Merciana. Foi ext.º em 1834.

Menciona mais o dito auctor, Arneiro com 60 fogos e uma ermida da inv. do Espirito Santo, á qual estava annexo um hospital; Val Bemfeio com 16 fogos; Barbas de Porco com 12 fogos e uma boa quinta.

P...	C.	130	
	A.	346	
	E. P.	390	1300
	E. C.		1575

Tem casa de misericordia e hospital.

Recolhe trigo, centeio, milho, vinho, algum azeite, frutas, e tem abundancia de gado e de caça.

Esta V.ª foi em seu principio um pequeno L. do T. de Alemquer a que chamavam os *montes*.

Segundo o *D. G.* do sr. P. L., deu foral a esta V.ª el-rei D. Diniz em 1305 e novo foral D. Manuel em 1514.

ALDEIA GAVINHA

(3)

Ant.ª F. de Sta Maria Magdalena no L. de Aldeia Gavinha (ou *Alde-Gavinha* diz a *E. P.*, abreviatura semelhante á de *Alde-Gallega*), prior.º da casa da rainha, no T. da V.ª de Aldeia Gallega da Merciana. Don.º a casa da rainha.

Em 1840 pertencia esta F. ao conc.º de Aldeia Gallega da Merciana, ext.º pelo decreto de 24 de outubro de 1855 pelo qual passou ao de Alemquer.

Está sit.º o L. de *Aldeia Gavinha* na encosta de um monte proximo á mesma ribeira que passa em Aldeia Gallega da Merciana. Dista de Alemquer 9 $^{1}/_{2}{}^{k}$ para O. N. O.

Compr.^{e} mais esta F. os log.^{es} de Freixial do Meio, Monte

Gil=Tojal, Monceravia, Matta; os casaes de Queimadas, Costa da Mançanilha, do Aleixo, Lage de Cima, Lage de Baixo, Ramalha (ou Remolho?), Barreira (ou Baneira?); e as q.^{tas} das Sobreiras, Castello, Cucos, S. Martinho, Sta Barbara, Ceruzeira (ou Chorozeira?), Aragão, Tojal, Cidade.

Todos os casaes e q.^{tas} são isolados.

Vem mencionados em Carv.^{o}, Freixial de Baixo com 12 fogos, Freixial do Meio com 30, Freixial de Cima com 15.

P...	C..........		
	A.........	192	
	E. P........	210.................	880
	E. C............................		875

Recolhe trigo, azeite e vinho.

Segundo nos informa o *D. G.* do sr. P. L., houve n'este sitio povoação romana, como o provam os cippos e inscripções que se tem encontrado; a F. actual porém não parece ir em antiguidade além do seculo XV, como se collige de uma inscripção sepulchral do seu primeiro prior que tem a data de 1561.

ALEMQUER

(4)

Ant.^{a} V.^{a} de Alemquer, cab.^{a} da ant.^{a} com. de Alemquer. Don.^{o} a casa da rainha.

Hoje é cab.^{a} do actual conc.^{o} e da actual com. de Alemquer.

Está sit.^{a} na ladeira de um pequeno monte até ao fundo de um estreito valle, por onde corre a ribeira de Alemquer que vae ao Tejo e sobre a qual tem 5 pontes. Esta ribeira quasi que cérca a V.^{a} á excepção do lado de S. O. Fica a V.^{a} 1 $^{1}/_{2}$^{1} a N. O. da estação do C. de ferro do N. denominada do Carregado. Dista de Lisboa 9^{1} para N. N. E.

Tinha antigamente 5 FF. que eram S.^{to} Estevão (matriz), S. Pedro, Sta Maria da Varzea, Nossa Senhora d'Assumpção de Triana e Sant'Iago.

Sant'Iago, era prior.^{o} da ap. do conv.^{o} de Alcobaça.

S. Pedro e Nossa Senhora da Purificação (ou Sta Maria da Varzea) eram prior.^{os} da ap. da casa das rainhas.

No *M. E.* de 1840, ainda vem mencionadas 3 FF. S.^{to} Estevão e Sant'Iago, unidas, S. Pedro, e a de Nossa Senhora de Triana.

Hoje só tem duas que são, segundo o aviso de 22 de abril de 1852:

S.^{to} Estevão, prior.^{o} que era da ap. do most.^{o} de Odivellas, com as annexas de S. Pedro e Sant'Iago.

Compr.^{e} a actual F. de S.^{to} Estevão, além da parte respectiva da V.^{a}, os log.^{es} de Carregado=Pancas, Paredes, Pedrogão, Pedra do Ouro, Carambancha, Horta d'El-rei, Casaes S.^{to} Antonio, Casaes da Cruz ou L. da Cruz, Boa Vista, Barrabás, Jufo, Pacheca, Póços (ou Pócos?), Pinheiro, Francisco Ignacio (ou Frei Ignacio?), Casalinho, Charnequinha, Ferregial, Caracol, Fontainhas, Retiro, Poço Novo, Arrocaria, Charneca, Alconilhes (ou Alcorrilhes?), Brandão, Barreto, José Ignacio, Barroso, Outeiro, Alamos, Belchior, Izidro, Trombeta, Mendenha, Saramago, Marinha, Goes, Freiras, Casal Novo, Casal Novo da Estrada, Telhada, S.^{to} Antonio da Telhada, Ricardo, Passinha, Peralta, Alois, Reguengo, Palhaqueira, Nordeste, Pedrulho, Parrotes de Baixo, Parrotes de Cima, Venda, Cabreira, Viso, Topira, Folha, Casal Novo das Figueirinhas, Consoleira (ou Conselheiro?), Bolotas, Barroca, Jacintha, Casal dos Moinhos, Choça, Bruxo, Gandim, Loje Nova, Horta dos Vimes; e as q.^{tas} do Bravo, Bairos, Sta Tereza, S. Clemente, S.^{to} Antonio, Varandas (Varadas diz o mappa; julgo ser erro), Visconde, Pucarinho, Amaral, Charneca, Brandão, Sete Pedras, Almadia (ou Armaria?), Botelheiro, Provença, Quintinha, Chação, Barradinha, André Luiz, Codorneiro, S. Luiz, Conceição, Condeça, Mascote, Pipalete, Ventoso, Campo, Carnota.

Vem mencionadas em Carv.^{o}, as q.^{tas} *que chamam da Marinha* com mais de 50 fogos; o L. de Pedra do Ouro com 30 fogos; o casal da Trombeta de 9 fogos; a q.^{ta} de André Bravo; a q.^{ta} do Amaral; o L. de Parrotos com 7 fogos, o L. do Carregado de 9 fogos e duas q.^{tas}, uma das

quaes chamam da Telhada, que foi do grande Antonio Correia Baharem.

P...	C..........	600 (as 5 FF. ant.^{as})	
	A..........	464	
	E. P........	544..............	2342
	E. C. (as 2 FF. actuaes).........		4368

A egreja parochial de S.^{to} Estevão é de grande antiguidade, e n'um corredor que vae da sachristia para o côro vêem-se mausoléus mettidos na parede e debaixo de arcos, tendo esculpidas na pedra umas espadas eguaes ás que usavam os Templarios.

Em 1863 foi transferida a séde da parochia para o ext.^{o} conv.^{o} de S. Francisco de que adiante trataremos. A ant.^{a} egreja foi demolida em 1870.

A ant.^{a} egreja de S. Pedro, está hoje em ruinas.

Da egreja parochial de Sant'Iago resta sómente uma torre solitaria a meia encosta do monte.

Nossa Senhora d'Assumpção de Triana, prior.^{o} que era do padr.^{o} da casa da rainha.

Segundo o dito aviso de 22 de abril de 1852, está hoje annexa a esta F., a de Nossa Senhora da Purificação da Varzea.

Compr.^{e} a F. de Nossa Senhora d'Assumpção de Triana, além da parte respectiva da V.^{a}, os log.^{es} de Rua de Triana, Areal=Camarnal, Torre, Monte de Loios, Porto, Pencos, Val de Figueira, Serra, Freiras, Murganheira; os casaes de Romeira, Palmeira, Rotola, Portella, Tanheira, Cabanco, Brejo, Duque, Moraes, Moinho Novo, Sancha, Conceição, Barrada, Carvalho, Arredondo, Ponte de Pencos, Rolim, Buffo, Casalinho, do Silva Branco, Crespo, Marco, Choca, Alvarol, Alecrim, Charneca, Monete, Cosidos, Novo, Capitão, Folgar, Matto, Carneiro, Carapinha, Junco, Fortes, Tinhoso, Borreiro ou Barreiro, Napoles, da Cruz, Porem, Lameiras, Torre, das Favas, Pontinha, Figueiros, Alvarinho; e as q.^{tas} do Baracho, do Casal do Medico, do Logar Novo, do Alvito, da Requeixada, de Gaia, da Bemposta, do Carneiro, dos Conegos, do Mendenha, da Passagem, do Pei-

xoto, do Barrão, do Bispo, de S. Bartholomeu, da Taipa, da Charneca, do Folgar, do Roberto, de S. Paulo, do Barreiro, da Boa Vista, da Moita e da Pontinha.

Vem mencionados em Carv.º, o L. de Camarnal com 30 fogos e duas q.tas, uma chamada do Alvito, que era de Garcia Lobo Brandão, e a outra da Requeixada ou do Contador, que era de D. Thomaz de Napoles Noronha e Veiga. O L. do Porto com 8 fogos, uma ermida de Nossa Senhora da Luz e duas q.tas: e a Moita, que não diz se é q.ta ou L., com 10 fogos.

P...	C..........		
	A..........	428	
	E. P........	533..............	2024
	E. C..........................		

A egreja parochial de Nossa Senhora d'Assumpção de Triana é fundação da rainha S.ta Isabel; foi arruinada pelo terremoto e reedificada em 1758 e ainda outra vez reparada em 1870, continuando ao presente as obras segundo se lê no *D. G.* do sr. P. L.

A egreja da Varzea (cujo orago era Nossa Senhora da Purificação e entre o vulgo S.ta Maria da Varzea) está proxima á porta de Nossa Senhora da Conceição, foi fundada ou reedificada pela infanta D. Sancha (hoje canonisada) no principio do seculo XIII, destruida por um incendio no seculo XV e reedificada no seculo XVI, concorrendo para a obra a colonia hebraica da V.ª por lhe attribuirem o incendio, como refere o *D. C.* Na capella mór, embebido na parede, está o tumulo do celebre chronista Damião de Gois.

Antes da extincção das ordens religiosas em Portugal havia n'esta V.ª um conv.º da ordem de S. Francisco e da inv. do mesmo santo, fundado em 1222 pela infanta D. Sancha, como se prova pela inscripção de uma lapida que está por baixo do côro.

O templo foi cedido pelo governo para se estabelecer ali a parochia de S.to Estevão, o resto do edificio para hospital, e o terreno adjunto para cemiterio.

Havia tambem um hospicio da mesma ordem, chamado

o oratorio de S.[ta] Catharina, fundado em 1623; estava situado fóra da V.[a] e junto ao rio: habitavam ali 5 frades em memoria do 5 martyres de Marrocos, que do mesmo hospicio partiram para Africa.

Um conv.[o] de capuchos da provincia de S.[to] Antonio, com a inv. de S.[ta] Catharina da Carnota, fundado em 1408 e do qual foi padroeiro Antonio Correia Baharem[1].

Um conv.[o] de Paulistas, da inv. de S. Julião, fundado em 1441, conforme J. B. de Castro, ainda que o auctor da *Chorographia* lhe dá maior antiguidade; estava sit.[o] fóra da V.[a], 2[k] para o N.

Tinha um mosteiro da ordem de S. Francisco, da inv. de Nossa Senhora da Conceição, fundado em 1533 por João Gomes de Carvalho. Parece que este most.[o] foi incendiado pelos francezes em 1811, segundo se lê no *D. G.* do sr. P. L.

Tem casa de misericordia, bom hospital, e tinha as egrejas e ermidas seguintes, algumas das quaes já não existem.

Espirito Santo, fundação da rainha S.[ta] Izabel e de seu esposo el-rei D. Diniz, reedificada em 1730, onde se fazia a ceremonia da coroação do imperador, festividade muito ant.[a] que se diz instituida pelos mesmos soberanos e que não sabemos se ainda tem logar.

Nossa Senhora da Redonda, na margem do rio, a qual egreja deve o nome á sua figura circular.

Foi outr'ora recolhimento de donzellas, chamadas *encelladas* e que depois passaram para o most.[o] de Cellas de Coimbra. Segundo o dito *D. G.* está hoje em ruinas.

S. Martinho, junto á ponte do Espirito Santo, com um hospital de incuraveis administrado pela casa da misericordia. Foi demolida.

S. Sebastião, na calçada da Cruz, ermida administrada pela camara de Alemquer.

A cruz que dá o nome á calçada, dizem foi ali collocada

[1] Este conv.[o] era no T., no L. ou quinta da Carnota, onde ainse vê a grande matta que lhe pertencia.

em memoria do sabido milagre das rosas que Deus obrou n'este sitio em favor da santa rainha.

Tambem foi esta ermida queimada pelos francezes em 1811, como se lê no citado *D. G.*

Alemquer teve cerca de muros e duas portas principaes, a da V.ª e a de S.^to Antonio, chamada em tempos mais antigos do Carvalho, pela qual se saía para a ponte da Couraça[1]: hoje estão os muros muito arruinados, assim como o antigo castello, a que D. João I mandou tirar os cunhaes pela resistencia que lhe oppoz, tomando partido pela rainha D. Leonor.

Consta ser o dito castello anterior á invasão dos arabes na Hespanha.

Das 5 pontes que atravessam o rio é a mais notavel a do Espirito Santo, proxima á ermida da mesma inv., e mandada construir por el-rei D. Sebastião, em 1571, segundo consta de uma inscripção da mesma ponte: tambem ali se vê o escudo das armas reaes e um cão pela parte de baixo.

A ponte da Couraça atravessa o rio junto á torre do mesmo nome. Dizem ser a mais antiga.

A de Sta Catharina se chamava em 1219 a ponte Nova.

A do Arraial é do meiado do seculo XIV.

A de Pancas julga-se posterior ao terremoto de 1755.

Recolhe esta V.ª de seus ferteis arredores muito trigo, e mais cereaes, vinho, azeite, frutas, especialmente saborosissimas ginjas garrafaes; tem abundancia de gado e de caça.

É abundante de boas aguas, correndo em grande numero de fontes.

[1] Ainda existe esta porta junto ás casas da camara (segundo nos informa o dito *D. G.*) que foram edificadas depois do terremoto de 1755.

Tambem nos diz o mesmo *D. G.* estar hoje abandonada a capella que existia sobre o arco da porta de Nossa Senhora da Conceição; e um pouco desfigurada com obras posteriores a torre da Couraça que estava ao sair da dita porta.

Tem estação telegraphica.

Tem este concelho:

Superficie, em hectares	31938
População, habitantes	17443
Freguezias, segundo a *E. C.*	14
Predios, inscriptos na matriz	19723

Alemquer tem uma excellente fabrica de papel e duas de lanificios, d'estas a mais moderna foi inaugurada em 1872 e pertence ao sr. Francisco José Lopes.

Tem esta V.ª um importante mercado no 2.º domingo de cada mez e feira annual.

Da estação do Carregado (C. de ferro do N.) partem diligencias para Alemquer e Caldas da Rainha; a dita estação fica $^1/_2{}^l$ a E. S. E. do L. do Carregado; é a 8.ª da linha de Lisboa ao Porto.

Que esta V.ª seja fundação dos alanos com o nome de *Alankana* (Templo dos alanos) ou dos suevos com o de *Alenkerkana*, ou finalmente dos romanos com o de *Jerabrica*, são opiniões que não podemos discutir, e muito menos dar assentimento á lenda nacional que faz derivar o seu nome de um cão chamado *Alão*, que teve o feliz instincto de não ladrar quando os christãos a tomaram aos mouros, por embuscada, na manhã de S. João, dizendo por isso o chefe d'esta empreza, que foi o proprio rei D. Affonso Henriques, *o Alão quer*.

As armas da V.ª que são as reaes de Portugal com um cão pardo ao lado, preso a uma arvore com um grilhão de ouro, estão de certo modo em harmonia com a dita lenda. Tambem na ponte que mandou construir el-rei D. Sebastião se vêem as armas reaes e o cão por baixo; mas nada d'isto é prova infallivel da veracidade da dita lenda e póde ter origem mui differente, que se ignora e hoje não nos é dado averiguar.

A tomada de Alemquer aos mouros, por D. Affonso Henriques, data do anno 1148.

Pertenceu o senhorio da V.ª á infanta D. Sancha, filha de D. Sancho I, e pretendeu desapossala seu irmão D. Affonso

II, soffrendo então Alemquer um apertado cerco de 4 mezes. Unida depois á corôa, foi doada por D. Affonso III a sua mulher D. Brites, ficando desde então sempre pertencendo á casa das rainhas, salvo o tempo da dominação castelhana, em que fez d'ella mercê Fellipe II ao conde de Salinas D. Diogo da Silva, nomeando-o marquez de Alemquer.

Esta V.ª e a de Povos estão em competencia sobre qual d'ellas corresponde ao local da antiga *Jerabrica* ou *Jerabriga;* inclina-se a Povos, Gaspar Barreiros, e outros auctores a Alemquer.

O dr. Hübner diz a tal respeito o seguinte:

«Em Alemquer existe um marco milliario de Adriano sem o numero das milhas.

IMP. CAES.
DIVI. TRAIANI. PARTHI.
CI. F. DIVI. NERVAE. NEPOS.
TRAIANVS. HADRIANVS.
AVG. PONT. MAX. TRIB.
POT. XVIII. COS. III. P. P.
REFECIT.

«Colloca-se geralmente n'esta localidade ou perto de V.ª Franca a primeira estação chamada Jerabriga ou talvez melhor Terabriga.»

Alemquer foi por 3 vezes titulo de marquezado, e hoje é viscondado na pessoa do sr. Thomaz de Napoles rico, e respeitavel proprietario da V.ª

Foi natural de Alemquer o celebre choronista Damião de Goes, camareiro e guarda roupa d'el-rei D. Manuel, e tambem é patria de muitos outros varões illustres.

[1] Esta inscripção vem com pequena differença no *D. G.* do sr. P. L., e diz que estava em um cippo na horta d'el-rei, junto ao rio.

CABANAS DE TORRES

(5)

Ant.ª F. de S. Gregorio Magno de Cabanas de Torres, cur.º Annexo ao prior.º da Ventosa, no T. de Alemquer. Don.º a casa da Rainha.

Está sit.º o L. de *Cabanas de Torres* em alto, sobre uma ribeira aff.^{e} do rio de Otta, 6^{k} a O. da estr.ª real de Lisboa a Leiria. Dista de Alemquer 3^{l} para N. N. O.

Compr.^{e} mais esta F. o L. de Paul.

Vem mencionado em Carv.º o L. do Paul com 25 fogos e uma ermida de Nossa Senhora do Ó; defronte d'este L. e no meio da charneca outra ermida de S. Roque; e no cume da serra do Monte Junto (onde se dividia o termo de Alemquer do de Cadaval) uma egreja de S. João Baptista, que foi a primeira habitação de frades Dominicos: que passaram depois para o convento de Nossa Senhora das Neves, fundado em 1218, como diz J. B. de Castro.

Tambem menciona o mesmo auctor Carv.º uma q.^{ta} que pertencia a Luiz Garcez Palha Encerrabodes.

P. . .	C.	80	
	A.	78	
	E. P.	88.	400
	E. C.		447

«Esta F., diz o *D. G.* do sr. P. L., está encostada á serra de Monte Junto. É tradição que o L. de Cabanas de Torres foi fundado no seculo 13.º pelo povo de Torres Vedras que fugia da sua terra assolada por terrivel epidemia, construindo ali uma capella com a invocação de S. Roque, e mais tarde a egreja instituindo-se F.: do mesmo modo os de V.ª Verde dos Francos por egual motivo se refugiaram e ficaram habitando nos sitios de Cabanas do Chão e Abrigada.»

CADAFAES

(6)

Ant. F. de Nossa Senhora das Candêas, segundo Carv.º, Nossa Senhora d'Assumpção, segundo a *E. P.*, *D. G. M.* e *D. C.*, no L. de Cadafaes (Cadafaz na *E. P.*), cur.º da ap. da irmandade do Santissimo da mesma F., no T. de Alemquer.

Está sit.º o L. de *Cadafaes* em campo descoberto (a egreja parochial segundo o mappa topographico está um pouco para E. do L.) Dista de Alemquer 6 k para o S.

Compr.e mais esta F. os log.es de Carregado, Guizandaria ou Guizanheira, Cazaes, Pimenta[1], Refugidos (sobre a ribeira do mesmo nome); as q.tas de Meca, Ponte, Amendoeira, Val de Flores, Carvalho, Chamelaria, Poço, Outeiro, Cesar, Ferraguda, Grilo, Preces, Carnota de Baixo; e os casaes de Cruz, Boa Hora, Oliveira, Sobreiro, Charnequinha, Alagoa, Serra, Cascalheira, Bernardo, Branco, Horta, Carvalho, Cazalinho, Gabriel, Torino, 2 de Amoreira, 3 da Corvaceira, 3 de S.to Antonio.

Vem mencionados em Carv.º o L. de Cadafaes com 42 fogos e diversas q.tas que tem nomes differentes dos que se encontram na *E. P.*, pois são da Granja, do Palha, das Amendoeiras (talvez a da Amendoeira da *E. P.*) que era do morgado da Oliveira, da Junqueira, que era de João de Saldanha, duas de Luiz Cesar de Menezes (na *E. P.* só vem uma q.ta de Cesar), dos Pavões, dos Mourões, 3 que pertenciam a Joanne Mendes de Vasconcellos, a do marquez de Fontes, junto á ponte da Coiraça na estr.a real de Lisboa: o L. da Guizandaria com 28 fogos; as q.tas de Ferraguda, que era de João Homem do Amaral, e a dos Fornos, que era dos V. de V.a Nova da Cerveira: o L. da Carnota (Carnota de Baixo na *E. P.*) com 8 fogos, uma ermida

[1] Diz o *D. G.* do sr. P. L. que n'este L. ha uma boa fonte de agua muito medicinal.

do Senhor Jesus, de muita romaria; e duas q.[tas], uma do Grilo, e outra que era de Gomes Freire de Andrade; esta não vem na *E. P.*

P. . .	C.		
	A.	351	
	E. P.	278.	1149
	E. C.		1260

Carv.º diz chamarem a esta F. de Nossa Senhora do Azambujeiro por ter apparecido a imagem da Senhora ao pé de um azambujeiro, que ainda no seu tempo estava mettido na parede da capella mór da egreja.

Produz esta F. excellente vinho branco que não tem inveja ao de Bucellas.

Encostada a uma das paredes exteriores da egreja antiga existem duas lapidas com inscripções romanas, uma das quaes vem transcripta no *D. C.* vol. I pag. 201 col. I, esta era tumular; a outra, carcomida pelo tempo, não tinha podido ser decifrada; mas tambem parece ser sepulchral como entende o *D. G.* do sr. P. L., que transcreve parte. Parece pois ser a aldeia de Cadafaes do tempo dos romanos, e tanto esta como a de Refugidos soffreram grande ruina com o terremoto de 1435.

CARNOTA

(7)

Ant.ª F. de Sant'Anna da Carnota, cur.º Annexo a S.[to] Estevão de Alemquer e da ap. dos freguezes, segundo o *D. G.* do sr. P. L., no T. da dita V.ª Don.º a casa da rainha conforme a dito *D. G.*

Está sit.º o L. de *Sant'Anna* em valle sobre uma pequena ribeira. Dista de Alemquer 6[k] para O. S. O.

Compr.[e] mais esta F. os log.[es] de Canhestro, Antas, Silveiro ou Silverio, Pipa, Gavinheira, Eiras, Moinho de Vento, Brofaria ou Boafuria[1], Gataria, Serra, Soupo; os casaes de

[1] Boafuria vem no mappa e no *D. G.* do sr. P. L.

Evas, Caeiro, Manuel Lopes, Mourões, Montrogo, Gineto, Leonardo, Zambujal, Mogaleira, Cazalinho, Loureiro, Sarroeira, Ulmeirada, Cruz, Tojeira, Poço, Oliveira, Cazal Novo, Berteira, Lourenço, Rateiro (Prateiro no mappa), Pinhal, Malicia, Cabeço; e as q.^{tas} de Pinheiro, Garrido, Chafariz, Val de Mulheres, Alamo, Henriques, Barjana, Palha, Leão, Falcão, Adega, Antas, Aveiro, Porto de Cannas, Prata.

Vem mencionados em Carv.^{o} os log.^{es} de Sant'Anna com 30 fogos, sobre uma ribeira de muitos moinhos; a Do sôpo (talvez L. do Soupo da *E. P.*) com 14 fogos, Serra com 16, Gataria com 17, Moinhos do Vento com 14 e uma ermida, Curral das Eiras (Eiras na *E. P.*) de 9 fogos, Bufaria (Brofaria na *E. P.*) com 16 fogos, uma q.^{ta} do M. de Arronches e outra de Bartholomeu Lobo da Gama; Prateiro (talvez Rateiro da *E. P.*) com 8 fogos e uma q.^{ta}; Gavinheira com 22 fogos; Pipa com 25 fogos, uma ermida de S.^{to} Antonio e uma q.^{ta} de José de Souza Pereira; Silveira da Machôa (Silveiro na *E. P.*) com 12 fogos e uma ermida de Nossa Senhora da Guia; Antas com 32 fogos e uma ermida de Nossa Senhora das Angustias; Canhestro com 6 fogos.

P...	C..........		
	A..........	301	
	E. P........	315..............	1200
	E. C.........................		1170

MÉCA

(8)

Ant.^{a} F. de Sta Quiteria, cur.^{o} Annexo á F. de Sta Maria da Varzea de Alemquer e da ap. dos Menezes, no T. da dita V.^{a} Hoje é F. independente com o titulo de prior.^{o} Está annexa a esta F., segundo a *E. P.*, a F. da Espiçandeira, a qual tinha o orago S. Sebastião.

Está sit.^{o} o L. de *Méca* (Sta Quiteria no mappa topographico) 1^{k} a N. E. da ribeira de Alemquer. Dista de Alemquer 4^{k} para N. O.

Compr.^{e} mais esta F. os log.^{es} de Canados ou Canadas,

Bagorreos ou Bugarreos, Fiandal, Catem, Casal do Monteiro, Espiçandeira, Coçoaria; os casaes de S. Braz, Junqueira, Moraes, Serodia, Pedreira de Cima, Correio-Mór, Cruz, Fonte, Valle, Novo, Cabeço, Chã, Sosmarias, Sobreiros, Valdossa, Parreira, Provedor, Azinhaga, Marcos, Amorchos, Barroca do Rego, Faineira, Cerca, Louro, Pizão, Macaco, Bordalia, Estrada, Camarates; e as q.^{tas} de Carvalhal, da Casa, D. Carlos, Val de Mourisco, Rangel.

Vem mencionados em Carv.^{o}, os log.^{es} de Méca de 12 fogos e com duas q.^{tas}; Canados com 26 fogos; Folhandal (Fiandal na *E. P.*) com 12 fogos; Carvalhal (chama-lhe quinta a *E. P.*) com 10 fogos; Cotem (Catem na *E. P.*) com 5 fogos; e a q.^{ta} do Roberto, que não vem na *E. P.*

A egreja parochial estava junto de um monte que chamavam o cabeço de Pancas.

Na F. de S. Sebastião, que era cur.^{o} Annexo a S.^{to} Estevão de Alemquer, menciona o dito auctor os log.^{es} de Espiçandeira com 32 fogos e duas q.^{tas}, uma de José Luiz Garcez Palha, outra de Simão da Cunha; Corçoaria com 20 fogos; Bordalia com 10 fogos (vem no numero dos casaes na *E. P.*) uma ermida de Nossa Senhora dos Remedios e a q.^{ta} da Puticaria (não mencionada na *E. P.*) com 6 fogos.

P...	C...........		
	A...........	174	
	E. P........	200...............	890
	E. C...........................		898

«O *D. G.* do sr. P. L. menciona como q.^{tas} alguns casaes já designados conforme a *E. P.*

«Diz ser templo rico e magestoso a egreja de Sta Quiteria de Meca, que foi construida no reinado de D. Maria I e com o auxilio de suas avultadas esmolas.

«É muito concorrido de fieis, ainda mesmo de muito longe, por ser a santa que ali se venera advogada contra a molestia da hydrophobia.»

OLHALVO

(9)

Ant.^{a} F. de Nossa Senhora da Encarnação de Olhalvo, cur.^{o} Annexo a Sta Maria Magdalena de Aldeia Gavinha, no T. de Alemquer.

Está sit.^{o} o L. de *Olhalvo* junto á m. e. da ribeira de Alemquer. Dista de Alemquer, para onde tem estr.^{a}, 7^{k} para O. N. O.

Compr.^{e} mais esta F. os log.^{es} de Pocariça, Pena-firme ou Penha-firme; os casaes de Cipreste, Val do Homem, Christo, Val d'Ossa, Grou, Caniço, Val das Mós, Nuno, Cruz, Sotil, Perdigoto, Ramalheira; e as q.^{tas} de Lage, Boavista, Margem d'Arada.

Vem mencionados em Carv.^{o} Olhavo, L. rico, com 60 fogos, um convento de carmelitas descalços da inv. de Sta Thereza (no mappa de Portugal de J. B. de Castro vem mencionado este convento com a inv. de Nossa Senhora da Encarnação e ao logar chama Adolhalvo), fundado em 1648; e um recolhimento de donzellas que em tempos anteriores estivera junto de Aldeia Gavinha, n'uma ermida de Nossa Senhora da Conceição: Porcariça, L. com 13 fogos; Valdossa, casal; Penafirme da Matta com 12 fogos; e as q.^{tas} da Matta de Arada (Margem de Arada na *E. P.*) que era de Diogo Marchão Themudo; da Lagem; e da Ramalheira.

P.	C.		
	A.	170	
	E. P.	194	885
	E. C.		884

A egreja parochial é hoje a do ext.^{o} convento, segundo nos informa o *D. G.* do sr. P. L., sumptuoso templo em fórma de cruz, com 5 altares de rica obra de talha dourada.

OTTA
(10)

Ant.ª F. do Espirito Santo no L. de Ota, cur.º Annexo á F. de S. Pedro de Alemquer, no T. da d.ª V.ª

Está sit.º o L. de *Otta* sobre a m. e. do rio de Otta, na estr.ª real de Lisboa a Leiria. Dista de Alemquer, pela d.ª estr.ª real, 7ᵏ para N. N. E.

Compr.ᵉ mais esta F. os log.ᵉˢ de Aldeia, Passos, Botéco, Moinho do Cubo; os casaes de Archino ou Archivo, Salgueiral e as q.ᵗᵃˢ de Otta e da Torre [1].

Vem mencionados em Carv.º Otta com 20 fogos e uma grande q.ᵗᵃ de Pedro de Figueiredo; Aldeia com 12 f.; a q.ᵗᵃ do Archino, que era do M. de Arronches e tinha um hospital para se recolherem os pobres; e a q.ᵗᵃ da Torre.

P...	C...........		
	A...........	76	
	E. P........	80................	316
	E. C...........................		308

PALHA-CANNA
(11)

Ant.ª F. de S. Miguel de Palha-canna, cur.º Annexo a S.ᵗᵒ Estevão de Alemquer, no T. da d.ª V. Hoje é F. independente com o titulo de priorado.

Está sit.ª a egreja parochial de S. Miguel de Palha-canna (segundo o mappa topographico) $^1/_2{}^l$ a N. E. do L. de Palha-canna. Dista de Alemquer 2^l para O.

Compr.ᵉ esta F. os log.ᵉˢ de Palha-canna, Matta, Sobreiro Cunhado (Cunhados no mappa), Pereiro, Calçada, Valverde, Bom visinho ou Bem visinho, Fancalhia, Palaios, Riba fria-Sequeiros, Sobreiros, Matto, Silveira do Pinto, Azedia, Carneiros, Cortezia; os casaes de Montijo, Guimado, Fanca, lhia, Lafões, Carvalha, Bailham, Carrasqueiro, Epotuaria,

[1] Segundo o *D. G.* do sr. P. L. pertence a q.ᵗᵃ de Otta ao sr. V. de Lindoso e a da Torre ao sr. C. de Belmonte.

Cortezia, Mattos, Carris; e as q.^{tas} de Bouro, Conde, Valverde, Palha-canna de cima, Palha-canna do meio, Palha-canna de baixo, Palaios (do Emauz), Palaios (de José Lucio), Montealegre, S. Jeronimo, Portéo, Epotuaria, Cortezia, Val de Reis.

Vem mencionados em Carv.^{o} os log.^{es} de Azedia com 20 fogos; Silveira do Pinto com 16; Matto (Mattos na *E. P.*, no numero dos casaes) com um convento de Jeronymos chamado de S. Jeronymo do Matto (que teve duas fundações segundo J. B. de Castro, a 1.ª em 1400 e a 2.ª em 1500; porém Carv.^{o} falla em 3 fundações sendo a 1.ª em 1389 por D. João I, e a ultima em 1500 por D. Manuel) muito frequentado por el-rei D. Manuel que lhe concedeu grandes privilegios; Ribafria com 50 fogos e uma ermida de Nossa Senhora do Egipto; Palaios com 16 fogos, uma ermida e duas q.^{tas}, que eram de Mariana Morales e de Rodrigo de Sequeira (segundo a *E. P.* são hoje as de Emauz e de José Lucio); Bem visinho com 14 fogos, Pereiro com 30 fogos, uma ermida de S.^{to} Amaro e outra do Espirito Santo com hospital para os pobres: Valverde com 18 fogos, e uma ermida: egualmente vem mencionadas as q.^{tas} de Bouro e da Granja, que era do conde de Vimioso, provavelmente a mesma que vem na *E. P.* com o nome de q.^{ta} do Conde.

P...	C..........		
	A..........	319	
	E. P........	373..............	1335
	E. C.........................		1325

VENTOSA

(12)

Ant.^{a} F. de Nossa Senhora das Virtudes, prior.^{o} da casa da rainha, no T. de Alemquer.

Em 1840 pertencia esta F. ao conc.^{o} de Aldeia Gallega da Merceana, ext.^{o} pelo decreto de 24 de outubro de 1855, pelo qual passou ao de Alemquer.

Está sit.^{o} o L. da Ventosa na chã de um monte que cha-

mam *a Ventosa;* porém a egreja parochial, segundo o mappa topographico, está 1[k] a S. E. do L. de Pena-firme (que é mister não confundir com o de Penha-firme da F. de Olhalvo) entre os regatos que vão formar a ribeira de Alemquer. Dista de Alemquer 11[k] para N. O.

Compr.[e] esta F. os log.[es] de Barreiras, Atalaia, Quentes, Labrugeira, Penados, Pena-firme, Cortegana, Penuzinhos ou Panazinhos, Freixial de Cima, V.[a] Chã; os casaes chamados Casaes Gallegos, Casaes dos Moinhos, Casaes das Cabeças, Casal da Canna; e as q.[tas] de Monte d'Ouro, Becinha ou Bichinha, Barreiro, Rocio, Riacho, S.[to] Antonio, Bréjo, Coelho, Gambôa, Morinheira.

NB. A F. de S. Gregorio de Cabanas de Torres esteve antigamente annexa a esta.

Vem mencionados em Carv.[o] os log.[es] de Ventosa com 25 fogos; A dos Quentes com 30 fogos; Labrujeira com 40 e uma ermida de S.[to] Antonio; Penados com 30 e uma ermida de S. José, Penafirme da Ventosa com 20 fogos e uma ermida de Nossa Senhora do Amparo.

P...	C.........			
	A.........	388		
	E. P.......	415	....	1800
	E. C............................			1871

VILLA VERDE DOS FRANCOS

(13)

Ant.[a] V.[a] com o nome de Villa Verde, na ant.[a] com. de Torres Vedras, e que posteriormente a 1708, mas antes de 1758, foi chamada V.[a] Verde dos Francos, por ter sido povoada por um fidalgo francez dos que tinham ajudado a el-rei D. Affonso Henriques na tomada de Lisboa, o qual lhe deu esta terra em premio de seus serviços. Don.[o] o C. de V.[a] Verde (depois M. de Angeja).

Em 1840 pertencia esta V.[a] ao conc.[o] de Aldeia Gallega da Merceana, ext.[o] pelo decreto de 24 de outubro de 1855, pelo qual passou ao de Alemquer.

Está sit.^{a} na falda da serra de Monte Junto. Dista de Alemquer 16^{k} para N. O.

Tem uma só F. da inv. de Nossa Senhora dos Anjos, prior.^{o} que era da ap. dos don.^{os}

Compr.^{e} esta F., além da V.^{a}, que o *D. C.* chama ext.^{a} e tem 76 fogos segundo a *E. P.*, os log.^{es} e casaes seguintes com os fogos que lhes vão designados:

Log.^{es}—Avenal, 29; Rexaldeira, 14; Rabiçaca, 6; Lapaduços, 18; Casaes Gallegos, 22; Portella, 19; Fonte Pipa, 4: Casaes—Varandas, 3; Chorão, 2: e os seguintes de um só fogo em cada um—Bica, Marmello, Rabiçaca, Pouzão, Fetal, Rexaldeira, Penedo, Piedade, Bella Vista, Almonia, ou Almonta, Relva, Viso, Laurenciano, Portella, Fruana ou Fruasca, Rocio, Cutarella, do Mouro, Casal Novo.

Vem mencionados no *D. G. M.* os log.^{es} de Arenal com uma ermida de Nossa Senhora d'Ajuda, Rixaldeira com uma ermida de Nossa Senhora do Amparo, bons campos e viçosos pomares; Lapaduras com uma ermida de S. Miguel, Casaes Gallegos com uma ermida de Nossa Senhora da Salvação; Portella com uma ermida de Sta Barbara, *e mais 18 casaes, todos com abundancia de boas aguas e terreno fertil.*

P...	C..........	450	
	A..........	229	
	E. P........	212..............	1027
	E. C.......................		992

Antes da extincção das ordens religiosas em Portugal havia em V.^{a} Verde um convento da ordem de S. Francisco da provincia dos Algarves, da inv. de Nossa Senhora da Visitação, fundado em 1540 por D. Pedro de Noronha, primeiro don.^{o} da V.^{a}

Tem castello arruinado.

Recolhe abundancia de cereaes, vinho, frutas e algum azeite; é egualmente abundante de gados e de caça.

Tem feira annual a 21 de outubro.

CONCELHO DE ALMADA
(e)

PATRIARCHADO

COMARCA DE ALMADA

ALMADA
(1)

Ant.ª V.ª de Almada na ant.ª com. de Setubal.

Hoje é cab.ª do actual conc.º e da actual com. de Almada.

Está sit.ª na chã de um fragoso monte que sobre o Tejo acaba em escarpado rochedo, caindo quasi a prumo sobre a m. e. do rio. Dista de Lisboa, isto é, do caes das columnas (Terreiro do Paço) 3^k para S. S. O. sendo 2^k de rio e 1^k do caes de Cacilhas a Almada.

Tinha antigamente duas FF., ambas prior.^{os} da ordem de Sant'Iago: Sta Maria, dentro do castello, e Sant'Iago.

Hoje só tem a de Sant'Iago, á qual está Annexa a de Sta Maria do Castello; a actual parochia de Sant'Iago conserva o titulo de prior.º

Compr.^{e} esta F., além da V.ª, os log.^{es} de Cacilhas, Pragal, Piedade, Caramujo, Matella, Ginjal, S.^{to} Amaro, Outeiro de Pacheco, Margueira, Olho de Boi, Arialva, Fonte da Pipa; e as q.^{tas} de India, Olho de Vidro, Pombal, S. Sebastião, Retrozeiro, Alfeite, Bixeiro, Carapinha, Fuméga, Viróca ou Urrôca (Urraca no mappa topographico), Palença,

Castros, Ramalha, S. Pedro, Raposo, S.^{to} Amaro, Frades, Sta Anna, S. Miguel, S. Lourenço, Rorgel, Val de Flores.

Vem mencionados em Carv.^{o} os log.^{es} do Pragal, que pertencia á F. de Sta Maria do Castello; Cacilhas, porto no Tejo, Motella, Caramujo, tambem sobre o Tejo, a egreja de Nossa Senhora da Piedade, imagem milagrosa e de muita romagem, com um largo terreiro onde se faziam grandes festas de cavallo e se corriam touros.

P...	C.	650	
	A.	1118	
	E. P.	1186	3991
	E. C.		4011

A egreja de Sant'Iago, actual parochia da V.^{a}, é muito antiga: foi completamente reedificada no principio do seculo passado pelo infante D. Antonio, irmão d'el-rei D. João v.

A egreja de Nossa Senhora da Assumpção, outr'ora parochial e mais conhecida pelo nome de Sta Maria do Castello, tambem é antiga; foi reconstruida no seculo passado por D. João v.

A egreja da Misericordia é do seculo xvi: foi fundada no antigo hospital de Sta Maria que lhe ficou pertencendo com todas as suas rendas.

O conv.^{o} de S. Paulo, da ordem dominicana, fundado em 1561 e ext.^{o} em 1834, estava proximo da V.^{a}, para o occidente, em sitio alto e sobranceiro ao Tejo; acha-se muito arruinado e junto se construiu o cemiterio publico.

A ermida de Nossa Senhora da Piedade, em logar baixo, 2^{k} ao S. da V.^{a} em espaçoso terreiro guarnecido de casas, que formam hoje o L. da Piedade (ou Cova da Piedade, como tambem lhe chamam, porém este é propriamente o nome da enseada), continua ainda a ter algumas romarias e vistosas festas de arraial. Junto da ermida houve antigamente um recolhimento. Hoje tem um bom hotel.

Tinha Almada um castello construido no seculo xii pelos inglezes: porém não restam d'elle vestigios: o moderno forte, a que hoje se liga grande importancia, e recebeu ha

pouco artilheria de maior alcance, nada tem do dito antigo castello. A vista que de suas baterias se desfruta é grandiosa, Lisboa toda, Belem, Ajuda, e muitos outros logares, o Tejo desde a barra até Alcochete e Sacavem: quadro encantador que os olhos se não fartam de admirar!

Proximo ha um pequeno passeio tambem com bella vista.

A casa da camara é edificio de boa apparencia; tem uma torre de relogio.

Os arredores da V.ª são cobertos de quintas e aprazi-veis casas de campo.

O L. de Cacilhas no sopé do monte em que está sit.ª a V.ª, com a qual se communica por uma extensa calçada, serve-lhe de porto sobre o Tejo.

Tem um caes de boa cantaria, o qual fica quasi fronteiro ao caes do Sodré.

Na volta que faz o rio para formar a enseada da Cova da Piedade fica, voltado ao oriente e muito proximo a Cacilhas, o L. da Margueira, com bons armazens de vinhos. Mais adiante e quasi no fundo da enseada o L. da Piedade, de que já fallámos.

Para o outro lado da montanha em que se ergue o forte de Almada ha tambem outro pequeno porto chamado Fonte da Pipa, em razão de uma fonte de excellente e abundante agua que ali brota, de que se provêem muitas embarcações, e que tem por muitas vezes abastecido d'aguas uma parte da capital, em annos de sêcca.

O L. da Fonte da Pipa communica-se com a V.ª por uma calçada aberta na quebrada da montanha.

Resta-nos fallar da bella Quinta do Alfeite, que fica na m. e. do Tejo na parte reintrante do mesmo rio, $^{1}/_{2}{}^{1}$ a S. S. E. de Almada.

Tem a Quinta do Alfeite tudo quanto se requer em uma vivenda d'esta ordem e está sob a administração de um almoxarife. O palacio real reedificado e embelesado por elrei o sr. D. Pedro v, tem as acommodações precisas: as mattas são grandiosas e de abundante de caça.

Foi esta quinta em seu principio propriedade dos ingle-

zes que habitavam Almada, depois passou á ordem de Sant'Iago, e á corôa no reinado de D. Diniz. Foi mais tarde doada á casa das rainhas por el-rei D. Fernando, e veiu a pertencer, acabada a guerra de Hespanha, ao grande condestavel que a doou á ordem do Carmo.

Pertenceu depois a differentes proprietarios, e em 1697 foi comprada por D. Pedro II e encorporada na casa do infantado: D. João V lhe addicionou a quinta da Romeira, e outra que era do desembargador Maia Aranha; D. Maria I tambem lhe reuniu outras quintas, de sorte que hoje se compõe esta grande propriedade das quintas do Alfeite, Romeira, Piedade, Outeiro, Quintinha, Antelmo, Bomba, Vinha do Pagador, Lagôa de Albufeira, Pinhaes de Corroios e do Cabral, e dos moinhos do Galvão, Passagem, Capitão e Torre.

Em 1834 foi ext.ª a casa do inf.º e todos estes bens passaram para a corôa.

Recolhe Almada dos ferteis terrenos que a cercam muito vinho e frutas: tem abundancia de gado, de caça e de lenha; e egualmente abundancia de peixe.

Especialisam-se entre as frutas dos arredores o excellente bastardo e os gostosos figos brancos vindimos.

Almada tem nas suas visinhanças abundantes e excellentes aguas; já fallámos da Fonte da Pipa. Na Quinta do Alfeite ha uma fonte chamada a *Biquinha*, que segundo o *Aquilegio* de Fonseca é medicinal contra a dôr de pedra e areias da bexiga.

Todos os auctores antigos fallam na antiga mina de ouro da Adiça, ha muito abandonada.

Tem feiras annuaes pelo Espirito Santo, tres dias e outra nos dias 23, 24 e 25 de junho, em que ha arraial, corridas de touros etc.

Tem este concelho:

Superficie, em hectares	7537
População, habitantes	10192
Freguezias, segundo a *E. C.*	2
Predios, inscriptos na matriz	2478

Dizem alguns auctores ser o local da V.ª de Almada o da antiga *Coetobrix* ou *Cetobrica.*

Seguindo a sorte de Lisboa caíu sob o dominio arabe do qual a restaurou D. Affonso Henriques, concorrendo para isso os cavalleiros inglezes que haviam tomado parte na conquista de Lisboa, e aos quaes a doou o dito soberano.

D. Sancho I lhe deu foral em 1187 e a doou á ordem de Sant'Iago.

D. Diniz a encorporou na corôa por contracto com a dita ordem.

El-rei D. Manuel lhe deu novo foral em 1513.

O seu antigo nome parece ter sido Vimadal ou Vimadel, e tambem ha auctores que affirmam que os arabes lhe haviam posto o nome de Al-maden, d'onde dirivam o de Almada; outros porém querem que este ultimo nome fosse o de um cavalleiro que muito se distinguiu nas refregas com os mouros, e que era descendente dos inglezes, primeiros possuidores da V.ª, posto o appellido nada tenha de britannico.

O sr. P. L. quer se dirive de Almadan (mina de ouro ou prata) pela que havia na Adiça.

Tem por brazão d'armas, segundo o livro dos brazões da Torre do Tombo, ao centro do escudo as armas reaes de Portugal e de cada lado uma cruz de Sant'Iago.

CAPARICA

(2)

Ant.ª F. de Nossa Senhora do Monte de Caparica, cur.º da ap. da confraria de Nossa Senhora da Conceição, segundo o *D. G. M.*, mas a *E. P.* diz que era do padr.º real. Hoje é prior.º

Está sit.º o L. de *Caparica* ou de Nossa Senhora do Monte de Caparica 1 $^{1}/_{2}$^{k} ao S. da m. e. do Tejo, ponto fronteiro e distante 2^{k} (largura do rio) do caes de Belem na m. d. Dista de Almada 1^{l} para O. S. O.

Compr.^{e} mais esta F. os log.^{es} de Fontes Santas, Porto

Brandão, na m. e. do Tejo fronteiro a Pedroiços, Trafaria, Costa, logar de pescadores na costa do oceano, Villa Nova, Charneca, Sobreda, Morfacem, Pera.

Vem mencionados em Carv.º os log.es de Fontes Santas, Porto Brandão, Portinho da Costa, Sobreda com um conv.º de Agostinhos descalços, da inv. de Nossa Senhora da Assumpção, fundado em 1677 (ext.º em 1834), Trafaria com um conv.º de arrabidos da inv. de Nossa Senhora da Piedade, fundado em 1558 (tambem ext.º em 1834), Morfacem e Pera.

P...	C..........	200	
	A...........	1407	
	E. P.........	2108.............	6324
	E. C............................		6181

Além dos dois conv.os já mencionados, havia mais outro no districto d'esta F., que foi egualmente ext.º em 1834: era o de Nossa Senhora da Rosa, de frades Paulistas, fundado em 1410, em valle mui profundo, uma legua para o S. de Almada.

Tambem estava no districto d'esta F. a torre de S. Sebastião de Caparica, vulgarmente chamada a Torre Velha, e onde ha poucos annos se construiu o actual Lazareto.

O L. ou povoação da Costa, que fica uma legua para S. S. O. da Trafaria, pela grande volta da estr.ª, compõe-se de habitações de colmo, porém solidas e commodas.

De pedra só ha a egreja, bello templo construido no seculo XVI, e uma casa onde habitou D. João VI quando ali foi, como egualmente foram a senhora D. Maria II e el-rei o sr. D. Pedro V, em differentes épocas, visitar aquella singular povoação quasi exclusivamente de pescadores.

O principal producto dos arenosos terrenos que cercam a F. de Caparica é o vinho, mas recolhe tambem cereaes e outros generos em pequena quantidade.

Tem abundancia d'aguas.

O clima é sadio.

Dirivam o nome da F. de uma *capa rica* quer fosse feita á custa dos fieis para a imagem da Senhora do Monte, quer

fosse deixada em legado para a construcção de uma primeira ermida, encontrando-se no forro muitas moedas de ouro e prata, pois de ambos os modos se conta a historia.

O L. de Morfacem foi habitado por mouros, como se colige de muitas cisternas magnificas, de despendiosa construcção, que ainda ali existem.

CONCELHO DE ARRUDA
(f)

PATRIARCHADO

COMARCA DE VILLA FRANCA

ARRANHÓ
(1)

Ant.ª F. de S. Lourenço de Arranhol, segundo Carv.º e *D. G. M.*, Arranhó na *E. P.*, cur.º Annexo á F. de S. Christovão de Lisboa, no T. d'esta cidade.

Está sit.º o L. de *Arranhó de Cima* (onde segundo o mappa topographico está a egreja parochial) em terreno elevado e descoberto.

Dista d'Arruda 7^k para S. O.

Compr.ᵉ mais esta F. os log.ᵉˢ de Arranhó de Baixo, Senhora da Ajuda, Outão, Carvalhal, V.ª Vedra, Tesoureira, Alcobella de Baixo, Alcobella de Cima, Matto, A do Baço, Camondos ou Camondes, Adorarcos, Castello, Granja, Outeiro das Doidas, Louriceira de Baixo, Louriceira de Cima; os casaes de Vermelha, Loural, Sete Fontes, Retiro, Novo, Mancebas, Argueiro, da Horta; e as q.ᵗᵃˢ de Arcão, Alcobella, Paço.

P...	C..........	268	
	A..........	229	
	E. P.......	236...............	1030
	E. C.........................		1026

Tem uma ermida de Nossa Senhora da Ajuda e outra de Nossa Senhora da Encarnação.

Produz excellente trigo e boas frutas.

ARRUDA

(2)

Ant.ª V.ª da Arruda (chamada vulgarmente Arruda dos Vinhos) na ant.ª com.ª de Torres Vedras. Hoje é cab.ª do actual conc.º de Arruda.

Está sit.ª em logar baixo, cercada de montes e banhada ao N. por uma ribeira á qual Carv.º e J. B. de Castro chamam rio da Pipa, mas que no quadro dos rios chamámos rio das Cachoeiras. Dista de Lisboa 7[l] para N. N. E.

Tem uma só F. com a inv. de Nossa Senhora da Salvação, vig.ª que era da ap. do conv.º de conegos regrantes de S.to Agostinho, de S. Vicente de fóra, de Lisboa. Hoje é prior.º

Compr.e esta F., além da V.ª, os log.es de Matta, Carrasqueiro, Quinta da Serra; os casaes de Azenha da Cortiça, Antas de Baixo, Antas de Cima, Batalha, Barrado, Cruz, Carvalho, Novo, Caniçaes, Serra, Corredoura, Carpinteira, Cruz, Campo, José Soares, Cesar, Espadaneira, Figueira, Fresca, Faias, Freixo, Fonte de Pau ou Ponte de Pau, Gaxaria, Gama, Gatos ou Gaitas, Granja, Horta, Lapão, Lapa, Letrado, Laranjeira, Lameiros, Lavaredas, Mouta, Malafaia, Moscatouro, Milhano, Monte Godel, Machada, Novo da Machada, Monteira, Molêdo, Oixado, Picouto, Pias, Portella, Pinheiro, Parada, Penso, Remanso, Sivella, S. Lazaro, Sorrelfo, S. Sebastião, S. Lourenço, Togeira, Ulmeiro, Verdelho, Villão [1], Varzea, Azinhaga, Bouceiras, Novo, Calçada do Cobre, Chão da Lage, Capellas, Varzea, do Vieira, Cobrinha, Concaria, Casalinho, João Rodas, Novo de Linhou, Linhou, Tojeira, Novo do Casalinho, D. Senhorinha, do Barriga, Estrada, Figueira, Fonte Nova, Fonte Nova do Paraiso,

[1] Ou talvez Villar.

Galinhatos, Monte Godel de Linhou, Moxos, Monte Godel do Paraiso, Ponte de Lage, Pedras Mouras, Tojaes de Linhou, Tojaes, Varzea, Zambujal, Boa Vista, Novo, S. Sebastião, Cartaxo, Castello, Capellão, Covão, Covas, Catharina, Espogeiro, Estrada, Fonte Nova, Gesteira, Horta, Infesta, Murteira, Moinho Novo, Moinho da Ponte, Pedrogão de Cima, Pedrogão de Baixo, Pardal, Pé do Monte de Cima, Regueira, S. Sebastião, Cego, Serra, Zambujeiro; e as q.[tas] de Togeira, Alagôa, do Mattos, Vusgo ou Vesgo, S. João, Val Quente, Cerieiro, D. Dulce, S. Pedro, Pataca, Crespina, Lisboa, Paraiso, Nova, Cobre, Marinheira, Lavra, Capella, S. Sebastião, Pé do Monte, Moinho Novo.

Vem mencionados em Carv.º os log.[es] de Carrasqueiro, Barriga, Matta, Pé do Monte de Baixo, Pé do Monte de Cima.

P...	C..........	300	
	A..........	508	
	E. P.......	550...............	2374
	E. C...........................		2012

Tem casa de misericordia hospital e algumas ermidas.

Na praça da V.ª ha uma fonte de pedra lavrada, com 3 bicas de excellente agua.

Recolhe trigo, centeio, milho, muito vinho excellente, azeite e muita fruta: tem abundancia de gado e de caça.

Tem feiras annuaes em 24 de janeiro e 24 de julho, duram 3 dias.

No L. das Antas ha uma pedra especial para ladrilhar fornos, a qual conserva por tal modo o calor que basta acender o forno uma só vez em 24 horas e póde coser quantas fornadas se queira sem gastar mais lenha, assim o affirmam J. B. de Castro, e o padre Nicolau de Oliveira, no seu livro *Grandezas de Lisboa*.

Tem este concelho:

Superficie, em hectares........................	14180
População, habitantes..........................	9387
Freguezias, segundo a *E. C.*................	7
Predios, inscriptos na matriz..................	10427

Foi povoada esta V.ª pelos inglezes que vieram auxiliar D. Affonso Henriques na conquista de Lisboa, aos quaes depois doou terras nos arredores da cidade.

Em 1184 a tomaram os mouros e inteiramente a destruiram.

Restaurou-a D. Sancho I e a doou á ordem de Sant'Iago.

Era comm.ª da dita ordem que andava na casa de Aveiro.

Deu-lhe foral el-rei D. Manuel em 1517.

N'esta V.ª parece ter havido um ant.º most.º de commendadeiras que depois passaram para o de Santos-o-Velho de Lisboa.

Tem por brazão d'armas a cruz da ordem de Sant'Iago, com uma concha de peregrino sobreposta na parte superior da espada, e unida aos braços da cruz, tudo em campo branco; e por timbre do escudo uma corôa de barão.

Não vem no livro dos brazões da Torre do Tombo.

CARDOZAS

(3)

Ant.ª F. de S. Miguel no L. das Cardozas, cur.º da ap. da mitra, segundo Carv.º, da ap. dos freguezes no *D. G. M.*, da ap. do conv.º de S. Vicente de Fóra, de Lisboa, segundo a *E. P.*, no T. da V.ª da Arruda.

Está sit.º o L. de *S. Miguel das Cardozas* em um alto que é todo de rocha, mui lavado dos ares e sadio. Dista d'Arruda 4 k para E. S. E.

Compr.e mais esta F. os log.es de Ruminhal, Fonte Nova, Porcariça, Figueiras, Horta dos Velhos, Lages, Cardozinhas, Não Ha, Pimenta, Rocio; os casaes de Pedrogão, Figueiredo, Fonte da Cabeça, Carcasso, Val de Flores, Bagueixe, Casal d'Além, Costa de Oleiro, Zambujal, Sobreiro, Estrada, Azeitão, Boa Vista, Gaio, Casal Velho, Casal Novo, Carambola, Bico do Chão, Abrótica, Rocha, Portinho, Carvalheirinho, Cadima, Porta do Sol, Alamos, Martim Vaz, Carvalhaes, Fareleira, Fonte de Eireira, Jordão, Vinagre, Caldeira; e as q.tas do Outeiro, Palmeira, Matto Sobral, Sardinha.

P...	C.		
	A.	182	
	E. P.	150	678
	E. C.		679

Vem mencionado em Carv.º um L. d'esta F. chamado Cardozas da Ribeira, que talvez seja o de Cardozinhas da *E. P.*

SANT'IAGO DOS VELHOS

(4)

Ant.ª F. de Sant'Iago dos Velhos, cur.º da ap. do prior de S.ta Marinha, de Lisboa, no T. da dita cidade.

Está sit.º o L. de *Sant'Iago dos Velhos* 7^{k} para S. S. O. d'Arruda.

Compr.e mais esta F. os log.es de Matto, A de Mourão ou Aldeia de Mourão, Adozeiros, Carvalha, Carrasqueira, Senhora da Ajuda; e os casaes de Contradinha, Fernandares, Casal Velho, Casal Novo, Villa Nova, Mosqueiro, Tójeira, Ricardo, Covão, Arribas, Serra, S.to Antonio, Abrolho, Espinheira, Magano, Mosqueiro d'Ajuda.

P...	C.	90	
	A.	219	
	E. P.	228	965
	E. C.		948

SANTO QUINTINO

(5)

Ant.ª F. de Nossa Senhora da Piedade no L. de Santo Quintino (na *E. P.* vem como orago Nossa Senhora da Piedade e S.to Quintino, e no *D. C.* sómente S.to Quintino), vig.ª da ap. do ordin.º, no T. de Lisboa. Hoje é prior.º

Em 1840 pertencia esta F. ao conc.º do Sobral do Monte Agraço, ext.º pelo decreto de 24 de outubro de 1855, pelo qual passou ao conc.º d'Arruda.

Está sit.º o L. de *Santo Quintino* (onde segundo o mappa topographico fica a egreja parochial) em terreno elevado.

Dista da Arruda 8^{k} para O. N. O.

Compr.^{e} mais esta F. os log.^{os} de Abbadia, Adega, Alcarêa, Almargem, Alqueidão, Bairro da Egreja, Batalha, Caneira, Casaes, Chã, Chancos, Fétaes de Nossa Senhora, Fétaes dos Carneiros, Fétaes dos Pretos, Folgados, Freiria, Lage, Malga, Martim Affonso, Monfalim, Nogueiras, Outeiro, Passo, Pedralvo, Pé do Monte, Pedreira, Pinheiro, Pontes de Monfalim, Sabugo, S. Vicente, Seramena, Torre, Tojeira, Val de Vez, Vermões, Zibreira da Fé, Zibreira de Fétaes; os casaes de Arcipreste, Batalha, Barqueiro, Barris, Boieira de Baixo, Boieira de Cima, Boieiros, Calçada, Campos, Campos da Achada, Cartaxa, Caximbos, Entre as Vinhas, Figueiras, Gato, Gargantada, Junqueira, Junqueira de Baixo, Ladeiras, Lavadeira, Matto Martinacha, Mochos, Morzinheira, Ordem, Penna, Peralonga, Pescoço, Pinheiro, Pisão, Ponte do Panasco, Casal Velho, Casal de Cima, Alqueidão; e as quintas de Barata, Carvalho, Chapineira, Coxos, Fontainhas, Martinaxa, Mouro, Motta, Monte Gordo, Nogueiras, Salvador.

P...	C..........		
	A..........	608	
	E. P........	735..............	2230
	E. C..........................		2711

A egreja parochial é fundação de el-rei D. Manuel.

Tem feira annual no 3.º domingo de junho, dura dois dias: e outra no primeiro de novembro.

SAPATARIA

(6)

Ant.^{a} F. de Nossa Senhora da Purificação no L. de Sapataria, cur.^{o} da ap. do prior de S. Julião, de Lisboa, no T. da dita cidade.

Em 1840 pertencia esta F. ao conc.^{o} da Enxara dos Cavalleiros. Passou ao conc.^{o} d'Azueira (ignoramos a data do decreto) e pela extincção d'este conc.^{o} (decreto de 24 de outubro de 1855) passou ao d'Arruda.

Está sit.º o L. de *Sapataria* (no mappa topographico não tem signal indicativo de egreja parochial) 14^{k} para O. S. O. d'Arruda.

Compr.^{e} mais esta F. os log.^{es} de Pero Negro, Moitellas, Silveira, Boco, A dos Molhados, Guia, Sarreira, S. Martinho, A dos Gallegos; os casaes de Agreiros, Poço Borréco, Casal Cochim, Cruzinha, Novo, Moita, Chão de Marca, Murteira, Varzea, Tetelaria ou Tituaria, Fonte, Sol, Galbão, Lameiras, Travaço, Cizandro, Bica, Limões; e as q.^{tas} de Flores, Espirito Santo, Moita, Bica, Arcipreste.

P...	C............	90	
	A............	226	
	E. P.........	297...............	1172
	E. C...........................		922

Vem mencionados em Carv.º os log.^{es} de Bica, Moita, Bouço, Silveira, Moitellas, Casal Cochim, a dos Limões, a dos Gallegos, a dos Molhados, Sarreira, Pero Negro; e as ermidas do Espirito Santo, S. Sebastião, Nossa Senhora da Salvação, Nossa Senhora da Guia, Nossa Senhora do Desterro, S. Geraldo e S. Martinho.

SOBRAL DO MONTE AGRAÇO

(7)

Ant.ª V.ª do Sobral do Monte Agraço, na ant.ª com. de Torres Vedras.

Em 1840 pertencia esta V.ª ao conc.º do Sobral do Monte Agraço, ext.º pelo decreto de 24 de outubro de 1855, pelo qual passou ao conc.º d'Arruda.

Está sit.ª em terreno alto, $^{1}/_{2}{}^{l}$ a E. do rio Sizandro. Dista d'Arruda 9 $^{1}/_{2}{}^{k}$ para O. N. O.

Tem uma só F. da inv. do Salvador, prior.º da ap. do ordin.º, segundo o *D. G. M.*, do padr.º real segundo a *E. P.* Em 1708 era simples cur.º Hoje é prior.º

Compr.^{e} esta F., além da V.ª, os log.^{es} de Chãos de Estira Corda, Moinhos, Pai Janes, Ponte do Panasco, Barqueira, Bespeira, Cabeda, Gozundeira, Patameira de Cima, Via Gal-

lega, Covões, Matto, Queimada, Velho, Sol, Montijo, Cruz, Cachimbos, Malveiro, Salvador, Cardozas, Venda das Pulgas.

Vem mencionados em Carv.º os log.es de Patameira, Barqueira, Cabeda e Bispeira, e vem mais mencionados no *D. G. M.* os de Guzundeira, Chão de Estira Corda e Villa Gallega.

P...	C.........	60	
	A	256	
	E. P.......	292...............	942
	E. C..........................		1089

Esta V.ª recolhe de seus ferteis arredores muitos cereaes, vinho, azeite, hortaliças, legumes, frutas: tem abundancia de gados e de caça.

N'estes ultimos annos tem prosperado de um modo admiravel: está muito limpa, com boas lojas e excellentes propriedades tanto urbanas como ruraes.

Tem boas aguas e gosa de excellente clima.

Tem feira annual em 15 de agosto, e mercado no 1.º domingo de cada mez.

CONCELHO DE AZAMBUJA

(g)

PATRIARCHADO

COMARCA DE ALEMQUER

ALCOENTRE

(1)

Ant.ª V.ª de Alcoentre na ant.ª com. de Santarem, de que eram don.os os C. de Vimieiro.

Em 1840 pertencia esta V.ª ao conc.º de Alcoentre, ext.º pelo decreto de 24 de outubro de 1855, pelo qual passou ao de Azambuja.

Está sit.ª em baixa ao S. da ribeira de Almoster, 3^{k} a E. da estr.ª real de Lisboa a Leiria. Dista d'Azambuja 4^{l} para N. O.

Tem uma só F. da inv. de Nossa Senhora da Encarnação, segundo Carv.º, Nossa Senhora da Purificação na *E. P.*, prior.º que era da ap. do most.º de V.ª do Conde.

Compr.e esta F., além da V.ª, os log.es de Tagarro e Quebradas; os casaes de Val de Moinho, Sincoa, Ferraria, Egreja, Espinheira, Murteira, todos mui distantes da egreja parochial e uns dos outros; e a q.ta da Ribeira.

Vem mencionados em Carv.º os log.es de Tagarro, com uma ermida de S.to Antonio, especie de F. onde havia sacrario e um cura para administrar os sacramentos; Quebradas com duas ermidas, S.to Antonio, e S. Sebastião na

q.^{ta} da Retorta; e as q.^{tas} da Murteira e da Ferraria que era de Francisco Corrêa.

P...	C.	250	
	A.	293	
	E. P.	262	1120
	E. C.		1305

Em 1708 tinha esta V.^{a} um hospital e 4 ermidas, Espirito Santo, Nossa Senhora do Populo, S.^{to} Antonio e S. Sebastião.

N'esse tempo fabricavam-se em Alcoentre boas colchas brancas e tapetes.

É abundante de cereaes, vinho, azeite e frutas.

Tem feira annual em 29 de setembro, que dura tres dias.

Foi esta V.^{a} do M. de V.^{a} Real que a vendeu a Martim Affonso de Souza, o qual lhe mandou construir uma torre e um palacio que passou a seu neto D. Sancho de Faro, C. de Vimieiro.

«Segundo o *D. G.* do sr. P. L., o que ha de notavel em Alcoentre é o antigo palacio dos C. de Vimieiro e uma torre circular arruinada proxima da V.^{a}

«Foi fundada pelos arabes em 970.

«Deu-lhe foral D. Affonso Henriques em 1174, e novo foral el-rei D. Manuel em 1513.»

AVEIRAS DE BAIXO

(2)

Ant.^{a} V.^{a} de Aveiras de Baixo, na ant.^{a} com. de Santarem, de que era don.^{o} o C. de Aveiras.

Está sit.^{a} em baixa entre montanhas e pelo meio lhe passa uma ribeira que vae á valla da Azambuja. Dista de Azambuja 6^{k} para o N.

Tem uma só F. da inv. de Nossa Senhora do Rozario, que era vig.^{a} da ap. dos don.^{os} segundo Carv.^{o}, da ap. de uma commendadeira de Santos o Novo, segundo a *E. P.* e o *D. G. M.* Hoje é prior.^{o}

Compr.e esta F., além da V.ª, o L. das Virtudes; alguns casaes sem nomes em diversas fazendas, a azenha do Conde, o grande pinhal real; e as q.tas de Guarita (do dito condado), Boa Vista, Negros, Inglez, Val da Lebre, Pillar, Manuel Dias.

Vem mencionados em Carv.º, o L. das Virtudes, com 60 fogos e um conv.º da ordem de S. Francisco, da inv. de Nossa Senhora das Virtudes (cuja imagem se diz apparecida a uns pastores em um sobreiro) fundado em 1419 (ext.º em 1834), e as ermidas de Nossa Senhora Madre de Deus, S. Roque e S. Gregorio.

P...	C.	50	
	A.	112	
	E. P.	166	471
	E. C.		473

É abundande de frutas, vinho e azeite.

Tem feira annual em 8 de setembro.

«Segundo o *D. G.* do sr. P. L. deu-lhe foral D. Sancho I em 1207 e novo foral el-rei D. Manuel em 1513.

«O 1.º C. de Aveiras foi D. João da Silva Tello de Menezes, por mercê de Fillipe IV de Hespanha.»

AVEIRAS DE CIMA

(3)

Ant.ª V.ª de Aveiras de Cima, na ant.ª com. de Santarem, da qual era don.º o most.º das commendadeiras de Santos o Novo.

Está sit.ª em campina. Dista de Azambuja duas leguas para N. N. O.

Tem uma só F. da inv. de Nossa Senhora dos Milagres, segundo Carv.º, de Nossa Senhora da Purificação, segundo a *E. P.* e o *D. G. M.*, vig.ª que era da ap. do dito most.º

Compr.e esta F., além da V.ª que o *D. C.* chama ext.ª, o L. e casaes seguintes, com os fogos que lhes vão designados:

L. de Val Paraizo 109; casaes de Armeira 1, Cabeça dos

Asnos 4, Rotta 3, Beirão 2, Comeiras 9, Caridosas 2, Cabeça Gorda 2, Gaita 3, Tambor 2, Corriola 1, Val do Brejo 2, Val do Bogalho 1, Val de Rabadão 2, Conceição 2, Monte Godello 6, Moinho Novo 3, Mortorio 1, Segredo 1, Marcolina 1, Relogio 1, Amarellas 4.

Vem mencionado em Carv.º, o L. de Val Paraiso com 50 fogos e uma ermida de Nossa Senhora do Paraiso, cuja imagem se diz ter apparecido a um pastor.

P...	C..........	100	
	A..........	470	
	E. P........	480..............	1774
	E. C..........................		1884

É abundante de todos os frutos e bem assim de gado, caça e colmeias.

Deu-lhe foral D. Sancho I em 1210 e o confirmou el-rei D. Manuel em 1513.

AZAMBUJA

(4)

Ant.ª V.ª de Azambuja na ant.ª com. de Santarem, de que era don.º D. João Rolim de Moura.

Hoje é cabeça do actual conc.º de Azambuja.

Está sit.ª em logar plano com aprasivel vista de campo e do canal que vae ao Tejo, proximo á estação do C. de ferro do N. denominada d'Azambuja (é a 9.ª estação da linha de Lisboa ao Porto). Dista de Lisboa 11¹ para N. E.

Tem uma só F. da inv. de Nossa Senhora da Assumpção, prior.º que era do padr.º real.

Compr.ᵉ esta F., além da V.ª, os casaes de Britos, Val de Moinhos, Varzea, Apostolos, Pedreiras, Paredes Velhas; e as q.ᵗᵃˢ de Val de Fornos, Texuga, Rascôa.

P...	C..........	700	
	A.........	656	
	E. P.......	604................	1798
	E. C..........................		1981

Em 1708 tinha esta V.ª 4 ermidas, S. Sebastião, S.ᵗᵃ Ma-

ria Magdalena, S.ta Maria Salomé, e S. Francisco de Paula, esta ultima fundada por D. João Rolim no seu palacio.

Tem casa de misericordia e hospital.

Antigamente communicava esta V.a com o Tejo por uma valla estreita e pouco funda, de que estive a ponto de ser victima, pois conduzido em uma grande fragata, doente e quasi a morrer, por ter sido atacado no valle de Santarem por um typho, epidemia que ali grassava muito no exercito em 1834, a fragata encalhou na valla, ficou de lado e os pobres doentes, que eram muitos, estiveram mettidos na agua da maré que subia, e entrava pela borda da embarcação, até que á sua custa (idéa de algum que vinha em estado de acudir aos outros n'esta desgraça) passaram, 10 ou 12 talvez, arrastados os mais perigosos por uma taboa, para um pequeno bote que os conduziu a V.a Franca, onde n'essa noite ficámos melhor...sobre a fria lage de uma taberna!

Perdõe-me o leitor esta digressão, como eu perdôo ao official encarregado da conducta dos doentes, que entretido em conversa com umas passageiras que no mesmo barco vinham, não sentia correr as horas tão vagarosas como aquelles que por humanidade e brio militar lhe cumpria vigiar e proteger.

Em 1848 se começou a abrir o novo canal que veiu pôr termo a tão graves inconvenientes e fazer prosperar as bellas campinas do Riba Tejo: abençoado progresso quando assim se manifesta em obras de verdadeira e incontroversa utilidade para as nações, e sem gravame nem injustiça para ninguem.

O sr. P. L. diz que se acha hoje este canal em mau estado.

Recolhe dos seus arredores abundancia de cereaes, vinho, azeite, legumes, hortaliças, frutas; tem egual abundancia de gados, especialmente suino, e de caça, tanto do monte como do rio.

Tem muitas q.tas e hortas que a cercam, e um grande pinhal na estr.a para Santarem, que tinha celebridade por

ser pouco seguro para os viajantes, tanto que dizendo-se em Portugal *isto é um pinhal d'Azambuja* equivalia a indicar que presidia o espirito de rapina ou pelo menos de grande usura.

Tem a V.ª duas fontes de agua nativa e muitos poços.

Tem feira annual no 4.º domingo de outubro.

Tem este concelho:

Superficie, em hectares	22480
População, habitantes	7691
Freguezias, segundo a *E. C.*	6
Predios, inscriptos na matriz	7198

Já havia povoação n'este sitio no tempo dos romanos, que lhe chamavam *Oleastro.*

Do poder dos arabes a restaurou D. Affonso Henriques que a doou (com o nome de V.ª Franca) a D. Childe Rolim, illustre cavalleiro, bisneto por linha ligitima e masculina dos reis de Inglaterra, e ao qual o nosso rei D. Affonso Henriques em recompensa dos grandes serviços que lhe prestou na tomada de Lisboa, fez doação da mesma V.ª, continuando o senhorio em seus descendentes, antepassados por linha feminina dos C. de Val de Reis (Mendonças); e hoje tem o titulo de C. d'Azambuja um filho segunde do D. de Loulé e por conseguinte da mesma illustre familia Mendonça.

Deu-lhe foral D. Sancho I em 1200 e novo foral el-rei D. Manuel em 1513.

Foram naturaes d'esta V.ª fr. Jeronimo d'Azambuja, cognominado o *Oleastro*, Diogo d'Azambuja, famoso capitão, e outros varões illustres nas armas ou nas lettras.

Tem por brazão d'armas um zambujeiro ao centro do escudo e de cada lado uma flor de liz, tudo em campo branco.

Não vem no livro dos brazões da Torre do Tombo.

MANIQUE DO INTENDENTE

(5)

V.ª de Manique do Intendente da ant.ª com. de Santarem.

Em 1840 pertencia esta V.ª ao conc.º de Alcoentre, ext.º pelo decreto de 24 de outubro de 1855, pelo qual passou ao de Azambuja.

Está sit.º o L. de *Alcoentrinho*, (onde vemos no mappa o signal indicativo da egreja parochial e lettra correspondente, sem nos dar o menor indicio da V.ª de Manique, $^1/_2{}^k$ a N. N.) O. da m. e. da ribeira de Almoster, onde tem ponte. Dista de Azambuja 4 $^1/_2{}^l$ para N. N. O.

Tem uma só F. da inv. de S. Pedro, chamada S. Pedro de Arrifana, pela aldeia da Arrifana que era talvez antigamente a mais importante da F.

Não diz a *E. P.* o titulo antigo nem o actual do parocho.

Compr.^{e} esta F., além da V.ª, que o *D. C.* chama V.ª ext.ª, os log.^{es} seguintes, com os casaes e q.^{tas} que em cada um dos ditos log.^{es} vão designados:

Manique, comprehendendo os log.^{es} de Manique, Ilhas, casal de S.^{to} Antonio, e a q.^{ta} de Manique; Arrifana, comprehendendo as q.^{tas} do C. de Peniche e de Carlos Viseu da Costa; Povoa, comprehendendo os casaes de Carvalho (Carvalhos no mappa), Freixial, e as q.^{tas} da Horta e da Ventosa; V.ª N. de S. Pedro, comprehendendo os casaes de Torre de Penalva, Outeiro, Carrascal, Casaes d'Além; Macuça segundo a *E. P.*, ou Massuça segundo o mappa, comprehendendo os casaes de Figueiras, Valle de Lobos, Moita de Lobos (este casal no mappa mostra estar proximo de Arrifana) e as q.^{tas} de V.ª Chã e Valle de Lobos.

P...	C...........		
	A...........	335	
	E. P.........	388..............	1742
	E. C............................		1765

Esta V.ª, diz o *D. G. M.*, com os seus titulos de baronia e viscondado perpetúa a memoria do famoso e integerrimo magistrado Diogo Ignacio de Pina Manique, o qual á sua custa a fundou e adornou com boa casa da camara e bella egreja parochial.

VILLA NOVA DA RAINHA

(6)

Ant.ª F. de S.ta Martha de V.ª N. da Rainha, vig.ª Annexa a S.to Estevão de Alemquer, e da ap. dos freguezes, no T. da V.ª de Alemquer.

Em 1840 pertencia esta F. ao conc.º de Alemquer. Passou ao conc.º de Azambuja pelo decreto de 24 de outubro de 1855.

Está sit.º o L. de *Villa Nova da Rainha* na estr.ª real de Lisboa para Santarem. Dista de Azambuja 7k para S. O.

Compr.e mais esta F. os casaes do Loiro, d'El-rei, de Val da Serpe, de Val de Mouro; as q.tas do Caldas, do Novaes, da Mina, do Conde; e o moinho do Loiro.

Vem mencionada em Carv.º a q.ta do Rei, que era de Antonio Pereira da Silva (talvez o casal d'El-rei da *E. P.*) e tambem menciona outra q.ta chamada Aldeia de Pegas, que era do C. de Castello Melhor, não vem na *E. P.*

Segundo a *E. P.* está annexa a esta F. a de S. Bartholomeu do Paul d'Otta, á qual dava o nome um grande paul de uma legua de comprimento. Esta F. vem mencionada em Carv.º com o nome de S. Bartholomeu do Paul, com 5 fogos, e comprehendia a q.ta de Val de Mouro, que pertencia assim como o dito paul, muitos casaes annexos ao mesmo e a q.ta da Granja, do C. de Castello Melhor; esta ultima q.ta é talvez a que vem na *E. P.* com o nome de q.ta do Conde.

Tem o L. de V.ª N. da Rainha para a parte do Tejo uma grande campina, e para a parte de Alemquer uma varzea de uma legua de comprimento e meia de largura que produz muito trigo.

Tem feira annual em 19 de março.

P...	C...........	70	
	A...........	65	
	E. P........	70................	233
	E. C..........................		283

Foi o L. de S.ta Martha elevado á categoria de V.a por el-rei D. Fernando; mas depois da batalha de Aljubarrota os hespanhoes na retirada a destruiram completamente.

Na sua egreja parochial se recebeu o grande condestavel D. Nuno Alvares Pereira com sua mulher D. Leonor de Alvim.

No reinado de D. João IV foi titulo de baronia e viscondado, concedido á familia dos Lobatos.

CONCELHO DO BARREIRO

(h)

PATRIARCHADO

COMARCA DE ALDEIA GALLEGA

BARREIRO

(1)

Ant.ª V.ª do Barreiro, na ant.ª com. de Setubal.

Hoje é cab.ª do actual conc.º do Barreiro.

Está sit.ª na m. e. do Tejo, a N. O. da estação do C. de ferro do S. e S. E. denominada do Barreiro, d'onde parte a linha que no Pinhal Novo se subdivide nas duas ditas direcções. Dista de Lisboa 7^{k} para S. E. sendo 6^{k} de atravessar o rio.

Tem uma só F. da inv. de Sta Cruz, prior.º que era da ordem de Sant'Iago.

Compr.^{e} esta F., além da V.ª, as q.^{tas} e sitios seguintes: q.^{ta} e sitio da Mexelhoeira, sitio da estação da linha ferrea na Racosta (Recosta no mappa topographico), q.^{ta} da Racosta, q.^{ta} Pequena, q.^{ta} Grande, q.^{ta} da Verderena e outra no mesmo sitio, q.^{ta} de José Ribeiro, q.^{ta} do Gandum.

P...	C..........	300	
	A..........	770	
	E. P.......	905...............	3044
	E. C...........................		2917

Tem casa de misericordia e hospital.

Antes da extincção das ordens religiosas em Portugal, ha-

via no L. da Verderena, um conv.º de arrabidos, da inv. de Nossa Senhora Madre de Deus, fundado em 1591.

Tem estação telegraphica.

A estação principal do caminho de ferro do S. e S. E. que fica proxima á V.ª é elegante: tem 16 janellas no frontespicio, 3 portões e um relogio; 2 lanços de escadaria dão accesso ao terreiro guarnecido de grades de ferro; tem boas salas, as officinas proprias, gare espaçosa, estação telegraphica, etc.

Este caminho abriu-se á circulação publica em 1 de fevereiro de 1861.

A V.ª do Barreiro recolhe de seus arredores muito vinho, hortaliças, legumes e frutas. Tem abundancia de lenha, e muita pescaria.

Tem este concelho:

Superficie, em hectares	2683
População, habitantes	4439
Freguezias, segundo a *E. C.*	3
Predios, inscriptos na matriz	1210

Deu foral á V.ª do Barreiro, el-rei D. Manuel em 1514.

LAVRADIO

(2)

Ant.ª V.ª do Lavradio na ant.ª com. de Setubal.

Em 1840 pertencia esta F. ao conc.º de Alhos Vedros, ext.º pelo decreto de 24 de outubro de 1855, pelo qual passou ao conc.º do Barreiro.

Está sit.ª 1 $^1/_2$^{k} a S. E. da m. e. do Tejo, proximo e ao N. do C. de ferro do S. e S. E. no qual tem estação. Dista do Barreiro 1^k para E.

Tem uma só F. da inv. de Sta Margarida, que em 1708 era prior.º da ordem de Sant'Iago, em 1758 cur.º da ap. dos freguezes, e hoje é novamente prior.º

Compr.ᵉ esta F., além da V.ª, que o *D. C.* chama ext.ª, as q.^{tas} de Barra a Barra, S. Marcos, Arcos, Lomba, Casquilhos, Telha, Marcos da Costa, Estacal.

P...	C..........	140	
	A..........	158	
	E. P........	208...............	762
	E. C.........................		770

É abundante de trigo, vinho, gado, caça e peixe.

O vinho do Lavradio e o da q.^ta^ de Barra a Barra é conhecido e estimado em todo o reino.

A estação do C. de ferro do S. e S. E. denominada do Lavradio é a 1.ª da linha do Barreiro ao Pinhal Novo (entroncamento das duas linhas do S. e S. E.) fica proxima e ao S. da V.ª do Lavradio.

Segundo o *D. G.* do sr. P. L., foi esta povoação elevada á categoria de V.ª por D. Pedro II em 1670.

Foi titulo de marquezado dado por D. João V aos C. de Avintes.

O filho 2.º da casa de Lavradio, irmão do ultimo M. ha pouco fallecido, tambem teve o titulo de C. de Lavradio.

PALHAES

(3)

F. de Nossa Senhora da Graça do L. de Palhaes.

Em 1840 pertencia esta F. ao conc.º de Alhos Vedros, ext.º pelo decreto de 24 de outubro de 1855, pelo qual passou ao conc.º do Barreiro.

Está sit.º o L. de *Palhaes* 3 $^1/_2$^{k} a S. S. O. da estação de Alhos Vedros (C. de ferro do S. e S. E.) Dista do Barreiro 4^k para S. O.

Compr.^{e} mais esta F. o L. de S.^{to} Antonio da Charneca, 22 casaes sem nomes especiaes, e as q.^{tas} da Estalagem, Fidalga, S. João, Miranda, Graciosa e Corvo.

P...	C..........	160 (a V.ª de Coina)	
	A..........	177	
	E. P........	216...............	735
	E. C.........................		752

Está annexa a esta F., segundo a *E. P.*, a ant.ª F. do Salvador da V.ª de Coina, hoje ext.ª, que era prior.º da or-

dem de Sant'Iago e comm.ª da mesma ordem, pertencente ás commendadeiras de Santos o Novo, de Lisboa.

Tem a dita F. annexa 35 fogos, 81 habitantes, já incluidos na população supra.

Á ext.ª V.ª de Coina deu foral el-rei D. Manuel em 1516.

A actual F. de Palhaes recolhe vinho, e tem abundancia de gado, caça e lenha.

Tem feira annual em 18 de julho, dura 3 dias.

J. B. de Castro affirma qne o local da V.ª de Coina corresponde ao da estação *Equabona* dos itinerarios romanos; o dr. E. Hübner não julga isto tão positivo, pois diz nas *Noticias Archeologicas de Portugal:*

«A situação de *Equabona* é completamente incerta, não podendo dizer-se corresponder a Coina por uma remota semelhança de palavras.»

CONCELHO DE BELEM

(i)

PATRIARCHADO

COMARCA DE LISBOA

AJUDA

(1)

Ant.ª F. de Nossa Senhora da Ajuda, reit.ª da ap. do ordin.º, no T. de Lisboa. Hoje é prior.º

Em 1840 pertencia esta F. ao 6.º julgado da cid.ᵉ de Lisboa. Passou ao conc.º de Belem, na instituição do mesmo conc.º

Está sit.º o largo d'*Ajuda* (ao N. E. do qual ficava a ant.ª egreja parochial hoje existente no ext.º conv.º da Boa Hora) em terreno elevado, 1 $^1/_2$ᵏ ao N. da m. d. do Tejo e do largo de Belem.

Compr.ᵉ esta F. os log.ᵉˢ de Ajuda, Monsanto, Cruz das Oliveiras, Casellas; os casaes de Oliveira de Baixo, Oliveira de Cima, Casalinho (ou Casalinho de Monsanto)[1], do

[1] Os tres casaes mencionados, o casal do Morgadinho ou das Baûtas, metade do casal do Livreiro, duas quintas e varias terras e courellas proximas, constituem o chamado Casal Grande de Oliveiras, propriedade da ex.ᵐᵃ sr.ª D. Maria das Dores, viuva do par do reino José Maria Eugenio de Almeida.

Tambem á dita ex.ᵐᵃ sr.ª pertence o casal do Cano, que adeante se nomeia. Egualmente pertence á mesma ex.ᵐᵃ sr.ª o casal do Mercador com diversas terras annexas: porém este casal não o vemos designado na *E. P.* n'esta F. nem na de Bemfica, posto a uma d'estas deva pertencer, segundo o mappa topographico.

Penedo, de Casellas, da Marinheira, de Pedro Teixeira, do Gil, do Ericeiro, do Madeira, da Ribeira, do Carrascal, do Moinho dos Gafanhotos, de Pai Calvo, de Caramão, da Raposa, do Cano, da Tapada, e a mesma Tapada Real; e as q.^{tas} de S.^{to} Antonio, Sta Martha, Carapuça, Armador, e outras que não tem nomes especiaes ou não os menciona a *E. P.*

Compr.^{e} egualmente em Belem os sitios da Boa Hora, onde hoje está a egreja parochial, calçada de D. Vasco, rua dos Quarteis, pateo do Saldanha, parte da calçada d'Ajuda e muitas outras ruas e travessas.

Vem mencionados em Carv.^{o} Casellas com 7 fogos, Oliveiras (hoje chamado Cruz das Oliveiras) 9, Monsanto com 7, Ajuda com 15, onde estava a egreja parochial, havendo tambem sacrario para administração dos sacramentos no conv.^{o} dos jeronymos de Belem e no most.^{o} das Flamengas em Alcantara.

P...	C..........	532[1]	
	A..........	1447	
	E. P.......	1650..............	5000
	E. C............................		6949

Esta F. é muito ant.^{a} pois dizem que já do anno de 1592 existe um livro de registo de baptismos; comtudo no *Summario* de C. R. de Oliveira (1551) não vem mencionada senão uma ermida, a qual foi fundação d'el-rei D. Manuel, com a mesma inv. de Nossa Senhora d'Ajuda. Depois se erigiu em parochia que posteriormente á extincção das ordens religiosas foi transferida, como dissemos, para o templo do ext.^{o} conv.^{o} da Boa Hora.

No districto d'esta F. acha-se o palacio real d'Ajuda começado no tempo da regencia do principe D. João (depois D. João VI) e do qual palacio nem metade está ainda concluida, segundo o projecto primitivo.

Não permitte a indole especial d'este trabalho o registar

[1] Em 1708 comprehendia as duas FF. actuaes de Ajuda e Belem que formavam uma só.

quanto se acha escripto a respeito d'esta residencia real, pois isso nos occuparia um volume; e de nada serviria aos curiosos um resumo d'estas noticias. Lembramos por isso aos leitores as duas obras mais modernas *Dicçionario Chorographico* de J. A. de Almeida e *Diccionario Geographico* do sr. P. L. nos artigos Ajuda, Belem e Lisboa.

Proximo do palacio d'Ajuda fica a tapada real que é muito extensa, occupando a encosta da serra de Monsanto até quasi á ribeira de Alcantara. Tem uma grande matta, boas casas para o almoxarife, e um bello observatorio.

Tambem junto ao palacio está a estação telegraphica.

Ainda ha a notar n'esta F. d'Ajuda o bello quartel do regimento de infanteria num. 1, um dos melhores do reino, e o de lanceiros, antigamente chamado de *guardas de corpos*.

Na ultima travessa do lado esquerdo subindo a extensa e larga calçada d'Ajuda, não longe do palacio, estava d'antes o museu de historia natural, hoje encorporado no museu nacional da escola polytechnica; porém ainda ali existe o jardim botanico o qual merece a attenção dos que se dedicam a este importante ramo das sciencias naturaes e mesmo dos simples amadores e curiosos, não só pela quantidade e qualidade das plantas que encerra, muitas das quaes são raras, como tambem pelas decorações dos jardins: e até os antiquarios e archeologos tem ali que admirar nas duas estatuas de que já fallámos na descripção de Montalegre, na provincia de Traz-os-Montes.

«Aos dois lados da porta da entrada do jardim botanico d'Ajuda (diz o dr. E. Hübner nas *Noticias Archeologicas de Portugal*) ha duas estatuas singulares.

«Tem uma, a do lado direito, 2^{m},50 de altura e a outra 2^{m},10. São ambas pois collossaes e com pequena differença identicas, ambas de granito representando dois guerreiros em pé.

«Foram achadas, conforme se lê na inscripção gravada no pedestal de cada uma, no anno de 1785 no Outeiro Lezenho perto da V.ª de Montalegre que pertenceu á provincia romana de *Galaecia e Asturia*.

«Não encontro menção d'ellas nos livros que consultei, nem sei quem as descobriu e remetteu para Lisboa; supponho que para isso contribuiria fr. Vicente Salgado.

«A descripção que vou apresentar convém a ambas as estatuas.

«Como em todas as obras d'arte rudimentar, está a figura em pé, direita, com os braços cingidos ao tronco, as pernas unidas, a cabeça bastante inclinada para a frente.

«É tão tosco o trabalho, e o granito resistiu tão pouco á acção do tempo, que me foi inteiramente impossivel averiguar se o operario (pois se lhe não póde chamar artista) quiz na cabeça indicar cabelleira expessa ou se uma cervilheira de couro cingida até ao meio da face como os lanceiros que vemos ás vezes nas moedas *celtibericas* da Hespanha, ainda que geralmente estes trazem elmo rematado em penacho ou chapeu de aba larga. Todavia na nuca distingue-se claramente o cabello.

«As orelhas largas estão descobertas; a barba é cheia e espessa; os olhos e o nariz executados o mais grosseiramente possivel.

«Em volta do pescoço está collocada a *torques* celtica em dobras grossas e tão salientes que parece uma colleira.

«O tronco está coberto com um gibão liso e justo, com alguns enfeites grosseiros no peito e nos hombros.

«Á volta do ante-braço vêem-se umas como ligas que por ventura indicam a bainha das mangas.

«Os braços nús, cingidos ao tronco, formam no cotovello um angulo recto; a mão direita apoiada na anca, aperta o punho de uma espada curta, semelhante á dos lacedemonios, com o fio curvo, as costas rectilinias e a ponta aguda, ao passo que a mão esquerda, na mesma altura da outra, segura um pequeno escudo redondo, no meio do qual por unico adorno se vê um botão saliente.

«O saio que lhe desce quasi até ao joelho é cingido por um cinto largo que passa por baixo do escudo, com alguns enfeites que contrastam notavelmente com o trabalho tosco do resto. As pernas, unidas, são de uma formação robusta

quasi comparavel á das estatuas assyrias, só mais grosseira e exagerada. Os joelhos são salientes.

«Era superior á capacidade do canteiro formar os pés, ou não eram necessarios porque as barrigas das pernas assentam sobre cubos da mesma pedra singellamente lavrados.

«As costas são chatas, o peito não tem elevação, ao passo que o ventre e as coxas sobresaem consideravelmente.

«Existe uma semelhante estatua em Vianna do Castello, em caza da ex.ma sr.a D. Francisca Casado, rua da Bandeira.

«Differe das de Montalegre em que a cara com os olhos angulosos e guarnecidos de uma grossa orla, como os olhos da viseira de um elmo, parece antes uma mascara; em quanto que o cabello comprido, fechando por baixo da barba e deixando as orelhas de fóra, se assemelha muito a uma cervilheira.

«A cabeça está separada do tronco e ao collocarem-na de novo ficou mal distincta a *torques*.

«O seio é decotado em triangulo, o que prova, em relação ás outras estatuas, que a *torques* não deve confundir-se com a gola do gibão.

«Vêem-se no peito d'esta estatua enfeites muito singulares, mas a fórma de cruz que predomina n'ellas parece-me antes um additamento moderno, com que o povo pretendeu *christianisar o mouro* que assim denominam geralmente em Portugal e na Hespanha qualquer estatua antiga.

«Não affiançarei todavia que esta coincidencia não seja occasional.

«No meio do antebraço distingue-se perfeitamente o fim da manga. A mão esquerda collocada por baixo do escudo segura-o com fitas atravessadas no braço em fórma de cruz; e a mão direita, cujo punho tem uma pulseira, sustem um cutello exactamente como o das estatuas de Montalegre.

«Tambem este guerreiro tem cinto largo á roda do corpo: do lado direito conhece-se claramente como está dobrado e seguro.

«O escudo identico na fórma ao das outras estatuas é enfeitado diversamente e com mais cuidado. Estão n'elle seguras duas fitas em fórma de X, tendo no meio e nas extremidades uma elevação que se me afigura a fórma de uma concha.......................................

«Tambem faltam os pés á estatua de Vianna.

«Sobre o cubo em que se acha firmada está na frente, em um pequeno relevo uma figura, da fronte até aos hombros; se é homem, ou mulher sem enfeite ou vestido não se póde conhecer pela rudeza do trabalho: o mais notavel na estatua é ter uma inscripção, e isso n'um logar muito pouco usual; isto é sobre as côxas; não como acontece nas figuras gregas, etruscas e latinas sobre uma só das côxas, de cima até abaixo; mas sim em direcção horisontal, em varias linhas, sobre a aba do saio, começando da ilharga direita e cobrindo todo o corpo até á esquerda, continuando debaixo do saio.....................................

«A inscripção póde assim ler-se depois de completa:

«L*(uci)* SESTI CLODAMENIS F*(i)*L*(ii)* COROC*(o)* COROCAVCI[1] *(Ti cla)*UDIUS *(Ti)* SEMPRON*(ianus)* CONTU *(bernalis eiu)*S ET FRATER.

«Esta estatua póde afirmar-se que não é idolo; mas sim um monumento tumular, e que o guerreiro que representa era um *Galleco* dotado de direito civico romano.

«Ainda que é sabido que já Decius Brutus, consul do anno 616 antes de Christo, depois do seu triumpho sobre os *Gallecus* usava o dictado de *Gallecus*, ou em fórma mais antiga de *Callaicus*, é claro que antes da subjugação dos cantabros e asturenses por Augusto tambem os *Gallecus* formaram uma parte nominal da provincia citerior.

«Considerada paleographicamente a estatua de Vianna denota, na fórma já bastante esbelta dos caracteres, antes

[1] Este nome, diz o dr. Hübner, lembra o de Corocota ou Corucuta que é seguramente iberico.

o fim do que o meado do 1.º seculo, podendo pertencer quando muito ao tempo de Nero, sendo assim mais moderna do que a já mencionada de Valença, onde já se emprega o O e o Q minusculo, a qual é evidentemente da época de Augusto.

«Assim se determina a época da propria estatua, e com isso recebe sua confirmação a antiga maxima de que os principios da arte em todos os tempos estão sugeitos a leis semelhantes, e que a rudeza, de per si, de modo algum é um indicio certo de muita antiguidade.

«Se por acaso se não tivesse achado em alguma das estatuas uma inscripção e muito mais uma inscripção latina, não faltaria quem attribuisse a estas estatuas uma data muito mais remota.

«Ás tres estatuas que acabo de descrever, e que são inteiramente semelhantes entre si, podemos ajuntar mais duas na Galliza. Não sei se estas ainda existirão, pois as conheço só pelas informações de Mauro Castella Ferrer (*Historia do Apostolo Sant'Iago*, impressa em 1610).

«São pois cinco os monumentos d'este genero até hoje conhecidos, e póde-se dizer unicos no mesmo genero, pois nos dão uma idéa do trajo e das armas dos *Gallecos* sob o dominio dos romanos.

«Os guerreiros representados n'estas estatuas parece terem pertencido a algumas das 5 cohortes de *Gallaeci Bracarangustani;* e embora mesmo não pertencessem ás ditas 5 cohortes, é todavia certo que nos fazem conhecer o traje e armamentos dos *Gallaeci-Bracari.*

«As moedas *celtibericas* vulgares no valle do Ebro e na costa oriental da Hespanha, nunca foram encontradas na extremidade occidental da Peninsula e da Europa; circumstancia altamente notavel, mas não geralmente sabida ou pelo menos não mencionada pelos numismaticos transpyrinaicos.

«Não escaceiam monumentos celticos, ainda que de poucos tenha chegado o conhecimento ao publico; mas não me consta que se hajam encontrado armas e utensilios indubitavelmente anteriores ao dominio romano. Por isso estas esta-

tuas devem apreciar-se como os unicos vestigios de uma semi-cultura barbara muito caracteristica.»

Pertencem tambem á F. d'Ajuda o palacio chamado do pateo do Saldanha, e fica entre as duas FF. de Ajuda e Belem o extenso campo vulgarmente chamado Terras do Desembargador, comprehendido entre a calçada d'Ajuda a rua das Freiras, o quartel de lanceiros e a rua do Embaixador.

ALCANTARA

(PARTE EXTRA-MUROS DE LISBOA)

(2)

A F. de S. Pedro em Alcantara, como diremos na descripção de Lisboa, era a F. que antes do terremoto havia em Alfama com o orago S. Pedro, e que depois se transferiu para além da ponte de Alcantara, tomando a denominação de S. Pedro em Alcantara, e estabelecendo-se na egreja que fica ao principio da estrada da Tapada.

Em 1840 pertencia ao 6.º julgado da cidade de Lisboa. Passou ao conc.º de Belem pela instituição do mesmo concelho.

Compr.e a actual F. duas partes distinctas; S. Pedro em Alcantara, intra-muros de Lisboa, da qual trataremos na descripção da cidade, e S. Pedro em Alcantara extra-muros, de que nos vamos occupar, e onde está o templo, séde da mesma F., que tem hoje o titulo de prior.º

Compr.e esta parte da parochia, differentes ruas e travessas do conc.º de Belem e os sitios de Alcantara, Pedreiras de Alcantara, Ribeira de Alcantara, Ponte Nova, V.ª Pouca, Quinta e moinhos da Pimenteira, Casal do Alvito, Calvario, S.to Amaro, Junqueira, até á Cordoaria, e muitos casaes, quintas e hortas, cujos nomes não constam da *E. P.* nem os encontramos nos mappas.

Quanto a palacios e boas casas de campo, seguem-se quasi sem interrupção por toda a rua direita da Junqueira,

desde o Calvario e S.^{to} Amaro até á Cordoaria, do lado opposto ao rio, pois á beira mar se estende uma bella lameda de arvoredo até ao forte denominado do Porto Franco: seguindo-se a Cordoaria que já pertence á F. de Belem.

A q.^{ta} das Aguias na Junqueira é uma das melhores do conc.^{o} deve o nome ás aguias de marmore que rematam as columnas da entrada principal.

P... C..........
A 959
E. P. (vem junta com a da parte intra-muros)
E. C........................... 4899

Acham-se no districto d'esta F. os seguintes

MOSTEIROS

Calvario, de religiosas da ordem de S. Francisco, fundado em 1617, defronte de um ant.^{o} palacio real, por D. Violante de Noronha, mulher de Manuel Telles de Moura.

Foi completamente arruinado pelo terremoto mas depois se reedificou.

Está hoje ali estabelecido um collegio-recolhimento subsidiado pelo governo.

Nossa Senhora da Quietação, de religiosas da primeira regra de Sta Clara, chamadas vulgarmente Flamengas, por terem vindo de Flandres as primeiras religiosas, fugindo ás perseguições dos Calvinistas, no anno de 1582; e Fillipe II de Hespanha, que então governava este reino, as mandou recolher no Mosteiro da Madre de Deus e depois na ermida de Nossa Senhora da Gloria, até que tendo-se concluido este mosteiro para elle se transferiram em 1586.

ERMIDAS

S.^{to} Amaro, na eminencia de um monte sobranceiro á m. d. do Tejo, no sitio da Junqueira, com excellente vista.

Esta ermida mostra pela sua construcção muita antiguidade e vem mencionada no *Summario* de C. R. de Oliveira,

e já n'esse tempo (1551) era de muita romarias e devoções.

Sobe-se ao monte, desde a rua direita da Junqueira até á ermida, por bellas escadarias de pedra. O adro é agradavel e de excellente vista: o templo de cantaria lavrada e bella architectura.

Na festevidade do santo, que é em 15 de janeiro, concorre ali immenso povo e ainda nos dias immediatos. Ha então festa religiosa, arraial e uma especie de feira.

Pertenciam tambem a esta F. algumas ermidas que vem mencionadas no *Mappa de Portugal* de J. B. de Castro, mas que hoje pela maior parte não existem.

N'esta F. se vê ainda o palacio do Calvario que foi por vezes habitação real e hoje serve de abrigo a algumas senhoras: tem annexa uma boa quinta, horta e pomar.

Tambem pertence ao districto d'esta F. a repartição da refinação do salitre e enxofre dependencia do antigo arsenal do exercito e hoje da direcção geral de artilheria: tem boa casa com as officinas precisas e nobre entrada; e uma bella quinta e pomar sobre a ribeira de Alcantara.

A ponte de Alcantara, situada junto á porta da cidade, mas da parte exterior, já existia em 1580 quando teve logar a infausta batalha em que o duque d'Alva derrotou o pequeno exercito de D. Antonio, prior do Crato; n'esse tempo estava solitaria, em arrabalde despovoado: com os annos foi-se cobrindo este sitio de casas e quintas, e finalmente veiu a formar-se uma parochia: em 1743 se reconstruiu e alargou a ponte, e ali se collocou a estatua de S. João Nepomuceno, como consta da inscripção que se vê no pedestal da mesma estatua.

BELEM

(3)

F. de Nossa Senhora de Belem, ou Santa Maria de Belem, instituida em 1834, (formada com parte dos parochianos da F. de Nossa Senhora da Ajuda) no templo do

conv.º dos Jeronymos, e tomando para seu orago o Santissimo Nome de Maria. É prior.º

Em 1840 pertencia esta F. ao 6.º julgado de Lisboa.

Pela carta de lei de 5 de agosto de 1854 foi elevado o L. de Belem, a cab.ª do actual conc.º de Belem; ficando assim de algum modo considerado como V.ª

Está sit.º o largo de Belem, ou praça de D. Fernando, na m. d. do Tejo, 2 ½^k a O. S. O. da ponte de Alcantara. Dista da Praça do Commercio 6^k para O. S. O.

Ainda que o conc.º de Belem se compõe de todas as FF. que vamos mencionando no mesmo conc.º, póde comtudo considerar-se a V.ª como tendo sómente as duas FF. de Belem e d'Ajuda, sendo todas as outras FF. ruraes.

Já tratámos da F. de Nossa Senhora d'Ajuda.

A de Belem compr.e além do bairro de Belem, os sitios de Alcolena, Pateo das Vacas, Calçada do Galvão, parte da calçada d'Ajuda, rua do embaixador, rua das Freiras, Cordoaria, rua direita de Belem, praça de D. Fernando, largo dos Jeronymos, Bom Successo, Pedroiços, Ponte d'Algés: e muitas outras ruas e travessas.

Vem mencionados em Carv.º, Belem com 210 fogos, Bom Successo com 44, Pedroiços com 23, Junqueira com 29, e as duas q.tas e magestosas casas de João de Saldanha de Albuquerque (Pateo do Saldanha), que hoje pertencem á F. d'Ajuda.

P...	C.........		
	A..........	1447	
	E. P.......	1515..............	5578
	E. C.........................		6949

A actual parochia de S.ta Maria de Belem acha-se, como já dissemos, estabelecida no ext.º conv.º dos Jeronymos, fundação d'el-rei D. Manuel em memoria da descoberta das Indias orientaes por D. Vasco da Gama, no mesmo local d'onde partiu para aquella temerosa e depois gloriosa viagem o grande argonauta portuguez; local onde já existia uma pequena ermida de Nossa Senhora, fundada pelo infante D. Henrique, duque de Viseu, filho de D. João I.

Ao sitio em que estava a dita ermida chamavam o *Rastello* e depois *Restello*, segundo diz Carv.°, e outros auctores dizem *Praia do Rastello*.

Quanto ao conv.°, se não é a oitava maravilha do mundo, como encarecidamente lhe chama um dos nossos auctores antigos; é por certo um dos primeiros monumentos de Portugal e da Europa.

Não cabe nos limites d'este trabalho, nem em nossas forças litterarias, o descrever por extenso tão grandiosa fabrica; seria inutil resumir descripções de outros auctores antigos ou modernos, pois que não se formaria verdadeira idéa do edificio; ao passo que o leitor póde ou observar por si mesmo essa concepção gigantesca que apresenta em pedra a grandeza da época a que presidiu o afortunado monarcha, ou recorrer á bellissima descripção do sr. Warnhagen, impressa em 1842, ou finalmente, e será o melhor, ir lendo a dita descripção e observando as maravilhas da arte que ali se lhe vão apontando.

Além da noticia do sr. Warnhagen, póde ainda aproveitar a *Memoria* do abbade de Castro, e alguns bons artigos do jornal litterario *Universo Pittoresco*.

Apesar porém do muito que possa ler sobre o assumpto, deve ir pessoalmente examinar o progresso verdadeiramente admiravel das obras d'este importante e historico monumento.

Foi fundado, como já dissemos, por el-rei D. Manuel, e continuado por seu successor D. João III, desdizendo um pouco do primitivo plano. Abalado pelo terremoto de 1755 caíu em dezembro d'esse anno a abobada da egreja e tiveram ruina algumas outras partes, que foram depois reparadas: finalmente em 1859, em que o par do reino José Maria Eugenio de Almeida foi nomeado provedor da Casa Pia (estabelecimento que foi creado por D. Maria I, no castello de S. Jorge, transferido depois para o convento do Desterro, e para Belem em 1834) tiveram principio as obras de reconstrucção e augmento do edificio, as quaes tem até hoje continuado, com auxilio do governo e de el-rei o sr.

D. Fernando, que para esse fim especial cede de uma parte da dotação que *por direito incontestavel* lhe pertence.

O que ha mais a louvar, na execução do novo plano, é a perfeita harmonia que reina entre a fabrica antiga e a moderna, de sorte que ficará, concluida a obra, unica no seu genero.

A fundação do conv.º de Nossa Senhora de Belem, da ordem de S. Jeronymo, na antiga ermida do *Restello*, data, segundo J. B. de Castro, do anno 1497, e a construcção do novo templo de 1499; ainda que outros auctores lhe assignam o de 1500.

Eguaes motivos nos dispensam de descrever a linda torre de S. Vicente de Belem, que todos conhecem, projectada por D. João II, e levada a effeito a construcção por el-rei D. Manuel que a collocou como sentinella avançada do grandioso monumento dos Jeronymos.

No districto da F. de Nossa Senhora de Belem, existe ainda o mosteiro de Nossa Senhora do Bom Successo, de religiosas irlandezas da ordem de S. Domingos, fundado em 1639, e que em principio fôra destinado para religiosas da ordem de S. Jeronymo (e não de religiosos como se lê no *D. C.*) O templo é bello, de fórma circular e de estremado aceio e decencia no culto.

Um pouco abaixo e para O. S. O. do palacio d'Ajuda está a egreja chamada da Memoria, no sitio de Alcolena, fundada no local em que se perpetrou o attentado contra el-rei D. José, em 3 de setembro de 1758, para memoria da protecção divina livrando o dito soberano d'este perigo pela intercessão da Santissima Virgem e de S. José, pelo que tem o templo a inv. de Nossa Senhora do Livramento e S. José: o que tudo consta de inscripções gravadas na pedra fundamental do mesmo templo, que foi collocada com todo o ceremonial usado em taes casos, no dia 3 de setembro de 1760.

O edificio tem de notavel o zimborio, que é airoso, o pavimento da egreja em xadrez, e um painel por cima do throno, que dizem ser obra de Pedro Alexandrino.

As obras da egreja da Memoria não foram concluidas no reinado de D. José, mas sim no de sua filha a sr.ª D. Maria I.

Menciona J. B. de Castro, diversas ermidas n'esta F. (então Nossa Senhora d'Ajuda) as quaes pela maior parte não existem hoje. A de Nossa Senhora das Dores, boa ermida na rua do Embaixador é mais moderna, pois não a menciona o dito auctor.

Devemos agora fallar do paço real de Belem, tambem chamado antigamente palacio de baixo.

Está sit.º no largo de Belem, na face do norte, e é obra de D. João V que para esse effeito comprou os palacios do conde de Aveiras e do conde de S. Lourenço, e outras propriedades contiguas, formando assim o palacio e q.ta real de Belem, adornada esta de jardins e bellas estatuas e tendo sobre o largo alegres terraços. O palacio do Picadeiro foi depois addicionado na extremidade do largo, á esquina da calçada d'Ajuda, para onde continúa a q.ta. Dizem ser o *picadeiro* que dá o nome ao palacio, obra prima n'este genero.

Á entrada da quinta, no largo de Belem, havia o chamado *pateo dos bichos*, antigamente muito concorrido, e onde a gente de Lisboa ia ver algumas feras e animaes raros que ali por vezes se exposeram em jaulas á curiosidade do publico. Hoje nada d'isto existe, é simplesmente a entrada para o palacio e jardim.

Proximo á egreja dos Jeronymos ha um elegante chafariz que substituiu o antigo *chafariz da Bola*.

No sitio do Bom Successo está o palacio dos D. de Loulé e mais adiante o antigo palacio do M. de Alvito, hoje muito arruinado.

O sitio de Pedroiços é muito alegre e de grande concorrencia de banhistas: tem para o lado do S. e a pequena distancia a Torre de Belem e no seu limite para O. a bella e extensa q.ta e palacio do D. de Cadaval, e a ponte de Algés. Ali acabava a fiscalisação da cidade no tempo em que Belem se considerava para os effeitos municipaes e fis-

calisação da fazenda publica como parte integrante da capital.

Tambem está no sitio de Pedroiços a q.ta do M. da Ribeira Grande, que a princesa viuva, D. Maria Francisca Benedita, legou por sua morte, á condessa da Ribeira. Hoje é seu proprietario um brazileiro (ou regressado do Brazil).

Junto á Torre de Belem, para a parte da ponte, está a bateria chamada do Bom Successo. A primitiva bateria é obra dos fins do seculo passado; porém achava-se em tal estado de ruina que não podia satisfazer aos fins para que fôra construida (a defesa da barra).

Em 1870 se começaram as novas obras, segundo os aperfeiçoamentos da arte da guerra, sob a direcção do sr. Sanches de Castro, major de engenharia, que teve a gloria de as ver concluidas em 1873.

Mede a bateria 220m de comprimento, e 16m,25 de altura desde as aguas médias até ao cordão.

Estas poucas linhas extraimos em resumo do excellente artigo do sr. A. Osorio de Vasconcellos que veiu publicado em folhetins no *Diario de Noticias*.

Na rua direita de Belem ha uma estação telegraphica e outra no Bom Successo.

Ha feira annual em Belem, junto á Casa Pia, a qual feira é franca por 3 dias, começando no segundo domingo de setembro; porém sempre continúa até ao domingo do Rosario (primeiro domingo do mez de outubro).

Tem este concelho:

Superficie, em hectares	6889
População, habitantes	27566
Freguezias, segundo a *E. C.*	8
Predios, inscriptos na matriz	2201

Pelo decreto de 3 de setembro de 1862, foi concedido ao conc.º de Belem um brazão d'armas do modo seguinte:

Escudo bipartido em aspa, tendo na parte inferior, em campo azul, a Torre de Belem, de prata, á beira mar, sobre ondas verdes, e 3 embarcações: e na superior o busto de Vasco da Gama. Sobre o escudo a corôa de conde.

BEMFICA

(4)

Ant.ª F. de Nossa Senhora do Amparo de Bemfica, cur.º da ap. do mosteiro do Salvador de Lisboa, no T. da d.ª cidade. Hoje é prior.º

Em 1840 pertencia esta F. ao T. de Lisboa. Passou ao conc.º de Belem pela instituição do mesmo conc.º

Está sit.º o L. de *Bemfica* na estr.ª real de Lisboa a Cintra, 8ᵏ a O. N. O. da Praça do Commercio. Dista do largo de Belem 6ᵏ para o N.

Compr.ᵉ mais esta F. os log.ᵉˢ e sitios seguintes.

Rua direita de Bemfica, Travessa do Espirito Santo, Largo do Espirito Santo, Cruz da Hera, Poço do Chão, Portal Novo, Barracão, Alfarrobeira, Bairro Novo, Travassos, Cruz da Pedra, S. Domingos, Calhau, Barcal, Estrada da Luz, Monte Cuche, Calhariz, Boavista, Poço de Mira, Montijos, Portella, Estrada Nova, Alfragide de Baixo, Alfragide de Cima, Buraca, Outeiro, Garridas, Feiteira, Tojal, Val Teresa, Dacorreia, Lage, Serenas, Preza, Mira, da Bôba ou Bouba, Alfornel ou Alfranel, Arieiro, Venda Nova, Rangel, Baiirradas, Cruzes, Rebolleira, Porcalhota, Falagueira, Falagueira de Baixo, Quinta Nova, Maduro, Amadora, Rascoeira, Quintellas, Venteira, Baleizão, Nodel ou Neudel, Damaia (A da Maia e Maia de Baixo no mappa topographico); os casaes de Fonsecas, Castellos, Oliveiras, Serra, Choupo, Adeiões, Borrel, Louro de Baixo, Louro de Cima; e as q.ᵗᵃˢ de Barros, Bramcamp, Panasqueira, Panasqueira de Baixo, Caeiro de Baixo, Caeiro de Cima, Costa, Brandôa, Da Correia.

Além d'estas q.ᵗᵃˢ ha outras muitas que não vem mencionadas na *E. P.* nem constam do mappa topographico, como a de Beau Séjour, do sr. barão da Gloria, etc.

Vem mencionados em Carv.º os log.ᵉˢ de Bemfica, pela estrada abaixo até á Cruz da Pedra, onde está a *Convalescença*, de religiosos capuchos da provincia de S.ᵗᵒ Antonio

(fundado em 1640, reedificado em 1646, segundo o quadro de J. B. de Castro, onde vem mencionado como convento posto não fosse mais do que um hospicio para convalescença dos mesmos religiosos, o qual foi ext.º em 1834), Cruz da Pedra, Calhao, Estrada da Luz, Corrêa, onde estão duas casas que chamam da Costa (q.ta da Costa na *E. P.*), Alfornel, Preza, Louro, Mira, Castellos, por onde parte com a F. de Bellas, Falagueira, Casal das Cruzes, que chega á ribeira de Alcantara (Bairro das Cruzes na *E. P.*), Barcal, Alfarrobeira com sua ponte, Calhariz com boa fonte, Montijos, Outeiro, Alfragide, que são 3 casaes com suas fontes que partem com a F. de Carnaxide, Venda Nova, na estrada direita que vae á Porcalhota, Adeião de Baixo e Adeião de Cima, Burrel, Casal da Serra, a Vinteira, em um alto antes de chegar a Carenque, e mais abaixo a Porcalhota e ainda mais a Falagueira, logar de 8 fogos, e á banda direita varias casas que chamam da Reboleira; e n'um alto o L. de Noidel com 15 fogos; e mais abaixo junto á egreja umas casas que chamam *da Maia* (o L. da Damaia da *E. P.* não é tão proximo á egreja como o dá a entender Carv.º) e proximo estão outras casas, uma q.ta e um casal que chamam Féteira, o qual tem uma fonte e fica fronteiro á egreja; mais acima estão duas casas, umas que são de um casal e outras de uma q.ta de Antonio Brum, que chamam as Buracas: e antes de chegar á egreja estão duas casas que chamam Val de Teresa e outras duas que chamam Tojal.

Tambem menciona o mesmo auctor a q.ta do M. de Fronteira, já mui grande, nobre e rica, e o conv.º de S. Domingos.

P...	C.	340	
	A.	873	
	E. P.	868	3301
	E. C		3571

A egreja parochial de Nossa Senhora do Amparo de Bemfica é grande, magestosa e uma das melhores (senão a melhor) das FF. ruraes d'este conc.º

N'esta F., no L. de S. Domingos de Bemfica havia, antes da extincção das ordens religiosas, o conv.º de S. Domingos da ordem dominicana, fundado em 1399 e descripto por fr. Luiz de Sousa.

«A uma pequena legua da cid.ᵉ, pela estr.ª que corre para Cintra, pouco desviado d'ella para a parte do poente, fica como escondido e furtado á communicação da gente, um pequeno valle que, sendo naturalmente aprazivel por frescura de fontes e arvoredo, mereceu, ao que se póde crer, o nome que tem de Bemfica. E d'aqui o devia tomar um pequeno L. que pouco adiante se vê.

«Fazem o valle dois outeiros desiguaes em corpo; um humilde, que servindo só de lhe encobrir a vista da estrada que dissemos, não lhe tolhe a de muitos que ao longe fazem dilatado horisonte.

«O outro levanta muito, estendendo-se pela parte d'onde o sol se põe de inverno e vai rodeando contra o sul de maneira que ameaça querer fechar o valle, e ir cerrar o monte contrario: tolhe a determinação um rio que atravessa o valle e faz garganta por entre ambos, para enviar seu tributo ao mar. É o rio pobre de aguas e quasi sem nome de verão; mas grosso e soberbo de inverno, de sorte que indignado contra o jugo de duas pontes que no valle o senhoream, lança muitas vezes por cima sua corrente e depois qne d'aqui sae vae fazendo abaixo azenhas de bom serviço.

«Na ladeira do monte maior está situado o convento e d'ella se estende com sua cerca até ir beber no rio.

«De uma e outra parte correm quintas, que cercam os outeiros e valle em roda, algumas de bom edificio, outras mais ao natural; todas ricas de bosques e pomares e cercadas de suas vinhas, com que a mór parte do anno mantem o valle uma frescura e verdura perpetua. Fica o convento senhoreando todas com a capacidade e mais grandeza, e como pagando-lhes com sua sombra o ornamento que recebe da companhia e boa visinhança d'ellas.»

Este é o sitio e todos o reconhecem em tão exacta quão

elegante descripção; mas o convento? para que transcreveriamos o que lhe diz respeito? existe por ventura ali alguma de tantas bellezas de que o mesmo fr. Luiz de Souza nos dá noticia?

Todos sabem que foi este conv.º obra de D. João I.

Soffreu grande ruina o edificio com o terremoto de 1755 e depois com um incendio em 1818.

Ali descançam em soberbos mausoleus o dr. João das Regras e o grande vice-rei da India D. João de Castro. Tambem tem ali mais humilde sepultura o mesmo classico portuguez fr. Luiz de Sousa.

Na egreja ainda se conserva o culto e está hoje a cargo de uma irmandade.

É em fórma de cruz, tem boa capella mór e alto zimborio.

Merece especial menção a grande capella chamada *dos Castros* onde estão os tumulos de alguns membros d'esta familia.

Junto ao ex-conv.º de S. Domingos está a bella q.ta e palacio de S. A. real a sr.ª infanta D. Isabel Maria.

Pertenceu a q.ta a um negociante (Devisme) que a vendeu no fim do seculo passado ao M. de Abrantes, a quem a comprou a sr.ª infanta.

A q.ta e palacio do sr. M. de Fronteira no mesmo sitio de S. Domingos de Bemfica encerram bellezas naturaes e primores d'arte que merecem a attenção dos curiosos.

Adiante de Bemfica para o lado de Bellas, junto á estr.ª real de Lisboa a Cintra, está o L. da Porcalhota, ao qual assigna o *D. C.* 359 fogos[1], que são verdadeiramente dois log.es Porcalhota de Cima e Porcalhota de Baixo, separados por uma pequena calçada. A estr.ª é orlada de boas casas de campo, q.tas, jardins e pomares, e entre as graciosas collinas que cercam este tão lindo e saudavel L. da Porcalhota, sobresaem de espaço a espaço os arcos do grande

[1] Este numero parece-nos exagerado em vista da população total da F.

aqueducto das *aguas livres*. Em uma d'essas collinas alveja o L. da Damaia (mais bonito visto de fóra do que observado de perto) e ali chama a attenção a q.^{ta} e palacio do sr. C. da Louzã.

No L. de Alfarrobeira está a bella q.^{ta} e palacio que foi de Francisco Ludovice e hoje pertence ao sr. Manuel de Campos Pereira.

CARNIDE

(5)

Ant.^{a} F. de S. Lourenço no L. de Carnide, vig.^{a} da ap. do conv.^{o} dos freires da ordem de Christo, na Luz, no T. de Lisboa. Hoje é prior.^{o}

Em 1840 pertencia esta F. ao T. de Lisboa. Passou ao conc.^{o} de Belem na instituição do mesmo conc.^{o}

Está sit.^{o} o L. de *Carnide* em planicie elevada, mui alegre e sadia, 1 $^{1}/_{2}{}^{k}$ a N. E. de Bemfica, quasi 8^{k} a N. O. da Praça do Commercio. Dista do largo de Belem 7 $^{1}/_{2}{}^{k}$ para N. N. E.

Compr.^{e} mais esta F. os log.^{es} da Paiam, Lagôas, Lage; as q.^{tas} do Falcão, Sarmento, Pentieira, Mal Penteada, Horta Nova e outras sem nomes especiaes ou que não vem mencionadas na *E. P.*, nem constam do mappa topographico.

P.	C.	80	
	A.	254	
	E. P.	312	993[1]
	E. C.		1278

A egreja parochial sit.^{a} ao fim da rua Direita de Carnide é pequena, mas regular e muito aceiada.

O painel que está na tribuna da capella mór (*A Ceia*) é do famoso pintor Bento Coelho.

Antes da extincção das ordens religiosas em Portugal, havia no districto d'esta F. os seguintes conv.^{os}

[1] Não incluidos os collegiaes, diz o parocho.

Nossa Senhora da Luz de freires da ordem de Christo, fundado pela infanta D. Maria, filha d'el-rei D. Manuel, em 1463 e reedificado em 1545.

O templo é bello e grandioso, de uma só nave, com a porta para o S.

Foi edificado no local em que havia uma ermida da mesma inv. de Nossa Senhora da Luz[1], a qual já vem mencionada no *Summario* de C. R. de Oliveira (1551) e fôra fundada por Pedro Martins em agradecimento de ter sido livre do captiveiro dos mouros, pelo que depoz na dita ermida as proprias cadeias da sua escravidão.

Ficava a dita ermida sobre a fonte do Machado, onde diz a tradição apparecera por muito tempo uma luz brilhante e por fim em umas balsas a imagem da Virgem que por isso se chamou da Luz.

Na construcção da egreja ficou a fonte encostada á parede exterior do lado occidental, e ainda lá existe uma inscripção gravada em pedra para perpetuar a memoria d'estes factos.

Defronte do conv.º fundou tambem a mesma infanta um bem servido hospital para 62 doentes, de que era provedor um dos ditos freires.

N'este edificio se estabeleceu em 1814 o real collegio militar, que fôra instituido no sitio da Feitoria junto a S. Julião da Barra.

Este collegio tem tido diversas transferencias: esteve no edificio de Rilhafolles, no conv.º de Mafra e ultimamente voltou para a Luz; e com quanto o antigo hospital dos freires de Christo não seja facil de apropriar ao seu actual destino, com o tempo e boa vontade dos directores do colle-

[1] Segundo J. B. de Castro, o conv.º foi edificado no local da ant.ª ermida em 1541, pelos freires da ordem de Christo, aos quaes cedeu a ermida el-rei D. João III, e só a capella mór é fundação da dita infanta. O anno de 1463 é a data da edificação da ermida o que não concorda com o que o mesmo J. B. de Castro diz em outra parte. A capella mór é do anno 1575.

gio poderá melhorar muito, pois o local é o mais adequado pela sua bem conhecida salubridade e proximidade da capital, condição importante para as familias dos alumnos, que pela maior parte são pobres.

S. João da Cruz, de carmelitas descalços, fundado em 1681 pela infanta D. Maria, filha natural de D. João IV. Hoje é propriedade particular.

Ainda existe no districto d'esta F. o mosteiro de S.ta Tereza, de religiosas carmelitas descalças, fundado em 1642 por uma infanta, filha do imperador de Allemanha Rodolfo II, e reedificado ou antes augmentado em 1680 pela dita D. Maria, filha de D. João IV.

A egreja é regular e o culto mui decente, sendo as religiosas de notavel observancia. No côro debaixo está o tumulo da referida infanta D. Maria.

Tambem esteve n'este sitio de Carnide o mosteiro de Nossa Senhora da Conceição, que actualmente está em Arroios.

Menciona J. B. de Castro, 3 ermidas n'esta F.: Nossa Senhora d'Assumpção na q.ta de José Falcão de Gamboa, Espirito Santo e S. Sebastião.

O L. de Carnide tem sido muito melhorado nos modernos tempos. Fez-se um bello chafariz logo abaixo da egreja, um terreiro e cemiterio junto á mesma egreja: terraplenou-se o bello largo da Luz; e construiram-se muitos predios, alguns com boas q.tas

Esta F. é muito fertil e tem abundancia de aguas.

Tem feira e concorrido arraial por occasião da festa de Nossa Senhora da Luz, em 8 de setembro, e mercado de gado nos 2.os domingos de cada mez.

ODIVELLAS

(6)

Ant.a F. do Menino Deus (na *E. P.* vem o orago Santissimo nome de Jesus) de Odivellas, cur.o da ap. dos freguezes, no T. de Lisboa. É prior.o desde 1840.

Em 1840 pertencia esta F. ao T. de Lisboa. Passou ao conc.º de Belem pela instituição do mesmo conc.º

Está sit.º o L. de *Odivellas* em um agradavel e ameno valle 1^{k} a O. N. O. da estr.ª real de Lisboa a Torres Vedras, 4^{k} a N. N. E. de Carnide. Dista de Belem 11 $^{1}/_{2}$^{k} para N. N. E.

Compr.^{e} mais esta F. os log.^{es} de Ulmeira, Preza, Famões, Pedreiras, Ramada, Moinhos, Cabaço = Pombaes, Porto, Amoreira; os casaes de Barrosa, Ribeirão, Queimados, Alvito, Granja, Bica, Mesquita, Carrasco, Cunha, Ventoso, Commendadeira, Grima, Silveira, Casalinho, Trigache, Abbadeço, Cabeça do Bispo, Tojaes, Paradella, Segolim: as q.^{tas} de Miranda, Memoria, Pelles (com o casal de Val de Deus), Porto Pinheiro, Mariz, Quinta Nova, Azenha Velha, Mal Gasto, Pretas, Ministro, Quintinha; e as H. I. da Carochia, da Lage, e de Entre Vinhas (casa e moinho).

P.	C.	360	
	A.	333	
	E. P	358	1362
	E. C.		1562

A egreja é boa e muito aceiada e a capella mór toda de finissimo marmore, digna de ser vista: tambem tem quadros e paineis de subido merecimento.

Proximo á dita egreja está o most.º de S. Diniz de Odivellas, de religiosas da ordem de S. Bernardo, fundado por el-rei D. Diniz, sit.º em pequena planicie ou para melhor dizer em valle, que cercam 3 montes visinhos, de um dos quaes brota uma pequena ribeira que entrando na cerca do most.º, rega o seu jardim chamado de Val de Flores[1] e sae depois a fertilisar outras q.^{tas} até entrar na ribeira de Pombaes.

Lançou a primeira pedra a este real most.º o dito soberano D. Diniz, em 27 de fevereiro de 1295, concluindo-se em 1305.

[1] Isto segundo a descripção de Carv.º: hoje sabemos que não existe tal jardim, porém o sitio ainda conserva o nome.

É a fabrica do templo digna de tal rei, com quanto as posteriores edificações e reparos lhe tenham desfigurado sua primitiva architectura.

Na capella mór dizem que ainda existem 4 paineis, com imagens de santos, que se attribuem ao pincel de Grão Vasco.

Em uma capella á esquerda da sachristia, está o tumulo de D. Diniz, com a estatua do monarcha deitado sobre a tampa.

Entre os leões que servem de base ao monumento vê-se um urso tendo debaixo de si um homem, que o fere com um punhal, allusão a um facto da vida do mesmo rei.

Este monumento acha-se muito estragado, e para encobrirem os estragos o revestiram de grosseiros estuques pintados, barbaridade e ignorancia imperdoaveis.

Os dormitorios, o claustro e cerca do mosteiro tudo é grandioso, mas sem gosto nem simetria, pelas differentes épocas das construcções.

Concedeu el-rei D. Diniz a este mosteiro grandes privilegios e o fez *couto*, de que ainda se conserva a memoria nos seus muros.

Louvam e engrandecem todos os nossos auctores antigos a magnificencia do culto divino, a riqueza das alfaias e a harmonia das vozes das religiosas: o bom gosto do canto conservou-se até aos nossos dias, e ainda concorrem os amadores de musica ás suas matinas solemnes na vespera de S. Bernardo.

O templo desgraçadamente está ameaçado de mui proxima ruina.

Existe no vestibulo outra memoria de bastante interesse historico.

É uma balla de pedra de $1^{m},10$ de circumferencia, embebida na parede, tendo por baixo a seguinte inscripção:

Este pelouro mandou aqui offerecer a San Bernardo Don Alvaro de Noronha, por sua devaçam, que he dos quom que lhe os Turcos combateram a fortaleza Durumuz, sendo elle capitam dela na era de 1557.

Esta era, diz o *D. C.* é a da collocação da bala e não a do cerco de Ormuz, que foi em 1552.

Sobre um outeiro proximo ao mosteiro ha outro monumento que chamam *Monumento de D. Diniz.*

É um arco de architectura gothica, de fórma ogival rematado pela cruz floreteada da ordem de Aviz. No fecho está o escudo das armas reaes com as quinas e 13 castellos em volta. O centro do arco até meia altura é occupado por 3 pequenos arcos sustentados por 8 columnas, ao modo de meza ou de eça.

Não tem este monumento inscripção alguma antiga, e apenas se vê gravado sobre a base, na frente voltada para Lisboa, o seguinte:

1721 R. T. F.[1]

Almeida no *D. C.* entende e com razão que este letreiro commemora a ultima reedificação ou concerto do monumento: que uns dizem serviu de pousar o caixão funerario d'el-rei D. Diniz quando foi conduzido para o seu jazigo do mosteiro, e outros o de D. João I quando o corpo d'este soberano foi trasladado para o convento da Batalha: a primeira opinião parece-nos mais rasoavel.

Tambem pertence á F. de Odivellas (posto esteja no destricto da F. do Lumiar no conc.º dos Olivaes) o monumento chamado o *Senhor Roubado*. Consiste em um terreiro que fica entre as estr.as do Lumiar para Odivellas e outra que segue para a serra dos Alcoutins e L. dos Pombaes, um pouco mais baixo do que o plano das d.as estr.as; no meio do terreiro eleva-se um cruzeiro elegante para commemorar um desacato que foi commettido na F. de Odivellas no anno 1671, escondendo o roubador o vaso sagrado n'este sitio que então era uma vinha.

[1] Temos feito toda a diligencia para ler esta pequena inscripção, que não encontrámos: ou está encoberta com a calçada ou com a demão de cal que deram no monumento para o *embellesar* por occasião das festas do cirio do Cabo.

Na parede que limita o terreiro, o qual tem fórma quasi triangular, está representada em azulejos toda a historia do desacato; porém o tempo vae pouco a pouco fazendo desapparecer as figuras e as lettras.

O *D. C.* faz menção das pedreiras do sitio de Trigache (e não Frigache como lhe chamam Carv.º e J. B. de Castro), de que se extraíu bella cantaria branca, vermelha e mesclada que parece jaspe. Não nos consta que hoje estejam em exploração estas pedreiras.

Tem feira annual em 9 de outubro, e um bodo aos pobres dado pelas religiosas.

Recommendamos ao leitor o *padre nosso* em fórma de petição apresentada pelas freiras de Odivellas a el-rei D. José, queixando-se do geral dos bernardos, que vem no *D. G.* do sr. P. L., artigo Odivellas, vol. VI, pag. 211.

SANTA ISABEL

(EXTRA-MUROS)

(7)

A parte da F. de S.ta Isabel que fica extra-muros da linha de circumvolução de Lisboa, e que hoje pertence ao conc.º de Belem para os effeitos civis, em 1840 pertencia para todos os effeitos á mesma F. de S.ta Isabel, do 5.º julgado da capital. Passou esta parte da parochia ao dito conc.º de Belem, pela sua instituição.

Compr.e esta parte da F. de S.ta Isabel que fica extramuros de Lisboa os sitios dos Terremotos com uma ermida da inv. do Senhor Jesus dos Terremotos, edificada pouco depois da terrivel catastrophe, e onde todos os annos se commemora o infausto dia primeiro de novembro de 1755, os Sete Moinhos; e alguns casaes e q.tas cujos nomes não vem mencionados na *E. P.* nem constam do mappa topographico.

P... { C...........
A...........
E. P......... 150................ 400
E. C............................. 350 }

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA

(EXTRA-MUROS)

(8)

A parte da F. de S. Sebastião da Pedreira que fica extra-muros da linha de circumvolução e que hoje pertence ao conc.º de Belem para os effeitos civis, em 1840 pertencia para todos os effeitos á mesma F. de S. Sebastião da Pedreira, do 4.º julgado da capital. Passou esta parte da parochia ao dito conc.º de Belem pela sua instituição.

Compr.e esta parte da F. de S. Sebastião os log.es do Pinheiro, Laranjeiras, Ponte Velha, Palma de Baixo, Palma de Cima, Campolide, Rego, Sete Rios, S.to Antonio da Convalescença, Campo Pequeno; os casaes de Sant'Anna dos Arcos; e as q.tas do Polycarpo, Canavial, dos Gordos, Atalaia, Ferro, Mineira, Rabicha.

P... { C...........
A........... 346
E. P. (Não traz em separado a população d'esta parte da F.)
E. C........................... 2008 }

O Campo Pequeno é quasi um quadrado de 200m de lado: ao N. tem a excellente casa e q.ta do sr. Francisco Izidoro Vianna, a E. alguns predios, ao S. o palacio e q.ta dos srs. C. das Galveias e a O. o muro de outra q.ta

A pouca distancia, na estr.a que vae do Arco do Cego, está o padrão ou memoria da paz effectuada entre el-rei D. Diniz e seu filho D. Affonso (depois IV do nome) a rogos da rainha S.ta Izabel, no anno 1323.

N'esta F. um pouco a E. da porta da cid.e chamada de *Entre-muros*, da parte exterior da linha de circumvolução,

fica sit.ª a extensa q.^{ta} do Seabra, onde hoje se está construindo a cadeia penitenciaria do D. A. de Lisboa.

Na descida d'esta q.^{ta} para Campolide vê-se o collegio da Immaculada Conceição e mais abaixo na Travessa de Estevão Pinto um bom predio do sr. Duarte Ferreira Pinto Bastos. Já em Campolide ha a notar a bella casa do sr. Tarujo e o chafariz, de optima agua, uma das melhores dos arredores da cid.^{e}, mas infelizmente quasi exhausta pela continua secca d'estes ultimos annos.

Mesmo junto ás portas da cid.^{e} chamadas de S. Sebastião da Pedreira, mas fóra dos muros da circumvolução e já pertencendo ao conc.º de Belem, fica sit.ª do lado direito da estr.ª que conduz a Palhavã, a q.^{ta} chamada antigamente da Provedoria e hoje Parque de Sta Gertrudes, onde o fallecido José Maria Eugenio d'Almeida mandou construir as mais sumptuosas cavallariças, verdadeiro palacio ao gosto romantico ou godo-arabico, com ameias e torrinhas elegantes, e defronte, do lado esquerdo da mesma estr.ª, outra q.^{ta} chamada de S. Pedro; ambas pertencem hoje á ex.^{ma} sr.ª D. Maria das Dores, viuva do dito par do reino.

Defronte da porta chamada das Picôas, na linha de circumvolução da cid.^{e}, fica a nova estr.ª do Rego, larga e bem arborisada, limite para E. do dito Parque de Sta Gertrudes, que para a mesma estr.ª deve ter bellos terraços e mirantes, ainda em construcção.

Mais adiante na mesma linha de circumvolução, caminho do Arco do Cego, se vê a estação que foi do C. de ferro *Larmanjat*.

Todo o lanço de estr.ª da circumvolução d'ali até ao Arco do Cego, que mede pelo menos 1^{k}, é orlado de arvoredo e se a altura do muro o não impedisse (barbaro costume d'este nosso paiz!) se gozaria a encantadora vista da planicie que fica entre a dita estr.ª do Rego e a do Arco do Cego ao Campo Grande.

A q.^{ta} e palacio das Laranjeiras que pertenceu ao fallecido C. de Farrobo é hoje propriedade do sr. D. de Abrantes e Liñares.

É residencia nobre, agradavel, com todas as commodidades e recreios, com bella matta de pinheiros, graciosos jardins, tanques, cascatas e pavilhões: tem duas entradas, uma pela estr.ª de Lisboa á Luz, no sitio das Laranjeiras, e ali é o palacio que tem defronte um bom chafariz; e a outra na estr.ª de Lisboa a Cintra, logo adiante do L. de Sete Rios, verdadeiramente magestosa e em harmonia de gosto com uma tal vivenda. *Otia tuta.*

CONCELHO DE CADAVAL
(k)

PATRIARCHADO

COMARCA DE ALEMQUER

ALGUBÉR
(1)

Ant.ª F. de Nossa Senhora das Candeias (Purificação) no L. de Alguber, cur.º da ap. do prior de Nossa Senhora d'Assumpção da V.ª d'Obidos, no T. da V.ª de Cadaval. Don.º o D. de Cadaval.

Em 1840 pertencia esta F. ao conc.º de Alcoentre, ext.º pelo decreto de 24 de outubro de 1855, pelo qual passou ao de Cadaval.

Está sit.º o L. de *Algubér* (a egreja parochial estava fóra do L. segundo o *D. G. M.*, porém no mappa está mesmo no L.) 2^k a E. N. E. da estr.ª real de Lisboa ás Caldas da Rainha, sobre uma ribeira aff.e do rio Arnoia. Dista de Cadaval duas leguas para E. N. E.

Compr.e mais esta F. os log.es de Crugeira (no mappa topographico tem signal indicativo de parochia), Gouxaria (Boucharia no mappa), Adro das Candeias; os casaes de Venda do Freixo, Moinho; e as q.tas de Cidral, Boa Vista, Porto Nogueira.

Menciona Carv.º n'esta F. o dito L. de Alguber e duas ermidas Espirito Santo e S.to Antonio.

P...	C.	80	
	A.	72	
	E. P.	82	328
	E. C.		327

CADAVAL

(2)

Ant.ª V.ª de Cadaval, na ant.ª com. de Torres Vedras. Don.º o D. de Cadaval.

Hoje é cab.ª do actual conc.º de Cadaval.

Está sit.ª em uma collina tendo de cada lado um valle[1] (o que é origem do seu nome) proximo de uma ribeira aff.ᵉ do rio Real, 6ᵏ a O. S. O. da estr.ª real de Lisboa ás Caldas da Rainha.

Dista de Lisboa 15ˡ para o N.

Tem uma só F. da inv. de Nossa Senhora da Conceição, que era cur.º da ap. do prior e collegiada de S. Pedro da V.ª d'Obidos.

Compr.ᵉ esta F., além da V.ª, o L. de Adão Lobo; o casal do Fidalgo; e as q.ᵗᵃˢ da Junceira e do Paraiso.

P...	C.	100	
	A.	160	
	E. P.	170	552
	E. C.		747

Em 1708 tinha 3 ermidas, Nossa Senhora do Desterro, S. João e S. Sebastião.

Recolhe abundancia de todos os frutos, tem muitos gados e muita caça.

Tem dois chafarizes de boa agua.

Tem feira annual a 8 de dezembro.

[1] Valle de Abrigo e valle de Canada segundo o mappa topographico.

Tem este concelho:

Superficie, em hectares	19674
População, habitantes	6774
Freguezias, segundo a *E. C.*	9
Predios, inscriptos na matriz	9998

El-rei D. Fernando em 1371 elevou o L. de Cadaval á categoria de V.ª

Deu-lhe foral el-rei D. Manuel em 1513.

D. João IV fez mercê do titulo de D. de Cadaval a D. Nuno Alvares Pereira, descendente legitimo dos D. de Bragança, e que já era C. de Tentugal e M. de Ferreira.

CERCAL

(3)

Ant.ª F. de S. Vicente do Cercal, cur.º da ap. do cabido da sé de Lisboa, no T. da V.ª de Cadaval.

Em 1840 pertencia esta F. ao conc.º de Alcoentre, ext.º pelo decreto de 24 de outubro de 1855, pelo qual passou ao de Cadaval.

Está sit.º o L. de *Cercal* na estr.ª real de Lisboa ás Caldas da Rainha. Dista de Cadaval 12^{k} para E.

Compr.e mais esta F. os log.es de Salvador e Espinheira; os casaes da Carrasqueira e S.ta Maria Magdalena; e as q.tas da Alagôa e do Calado.

P...	C.	90	
	A.	102	
	E. P.	110	416
	E. C.		513

Em 1708 tinha esta F. 4 ermidas.

Tem 5 fontes.

Ha n'esta F. uma fabrica de louça.

Tem feiras annuaes em 29 de junho e no 3.º domingo de outubro.

FIGUEIROS

(4)

Ant.ª F. de Nossa Senhora da Conceição dos Figueiros, cur.º da ap. do prior de Sant'Iago da V.ª d'Obidos, no T. da V.ª de Cadaval.

Em 1840 pertencia esta F. ao conc.º de Alcoentre, ext.º pelo decreto de 24 de outubro de 1855, pelo qual passou ao de Cadaval.

Está sit.º o L. de *Figueiros* 1k a O. N. O. da estr.ª real de Lisboa ás Caldas da Rainha. Dista de Cadaval 9k para N. E.

Compr.e mais esta F. os log.es de Painho (Pahinha no mappa topographico)=Bouça do Louro; os casaes do Moinho, Pisão, Cesteiro, Fosco (ou Foxo), Casal Novo da Bouça, Serra, Pavoraes ou Espavoraes, Cabaço ou Cavaco, Simão, Fojo, Aboboreira, Palhoça, S. Gonçalo, S. João; e a q.ta de Caniços.

Vem mencionados em Carv.º os log.es de Painho com uma ermida de Nossa Senhora da Penha de França e o de Bouça do Louro com uma ermida de Nossa Senhora do Refugio.

P.	C.	112	
	A.	177	
	E. P.	180	620
	E. C.		769

LAMAS

(5)

Ant.ª F. de S. Thomé do L. de Lamas, cur.º da ap. do prior e beneficiados de Nossa Senhora d'Assumpção da V.ª d'Obidos, no T. da V.ª de Cadaval.

Está sit.º o L. de *Lamas* (no mappa topographico vê-se a egreja isolada $^1/_2$k para O. N. O.) 1l para S. E. de Cadaval.

Compr.^e mais esta F. os log.^es de Casal Velho, Casalinho, Ventosa, Corrieira, Ràmeleira, Pragança, Rochaforte, Rabaçal, Bouça, Chão do Sapo, D. Durão, Murteira, Povoa; e as q.^tas de Monte Junto (da Serra no mappa topographico), Trindade, Aguieira, Brigadeiro, Noruega.

Vem mencionados em Carv.^o os log.^es de Pragança, com uma ermida de S.^to Antonio; Rechafortes com uma dita de S. Vicente; Dandurão, com uma dita de Nossa Senhora da Espectação, Chão do Sapo, a Ventosa, o Casalinho, a Corrieira, a Rameleira.

P...	C...........	230	
	A...........	415	
	E. P.........	440..............	1250
	E. C...........................		1909

PERAL

(6)

Ant.^a F. de S. Sebastião do Peral, cur.^o da ap. do prior de Sant'Iago da V.^a de Obidos, no T. da V.^a de Cadaval.

Está sit.^o o L. de *Peral* sobre uma ribeira aff.^e do rio Real, $^1/_2{}^1$ a O. S. O. da estr.^a real de Lisboa ás Caldas da Rainha. Dista de Cadaval 4^k para N. E.

Compr.^e mais esta F. os log.^es de Barreiras, Sobrena; os casaes de Entrudo, Olhos d'Agua, Justino, Miguel dos Santos, Boavista, Freixo, Antonio da Silva, Ferreiro; e as q.^tas de S. Lourenço e Valle.

Vem mencionados em Carv.^o os log.^es de Peral com duas ermidas, Nossa Senhora do Rosario e S. Lourenço, 5 fontes e 2 chafarizes; Sobrena com uma ermida de S.^to Estevão e uma fonte; e Barreiras com uma ermida de S. Gregorio e uma fonte.

P...	C..........	112	
	A..........	122	
	E. P.......	131................	532
	E. C..........................		651

PERO MONIZ

(7)

Ant.ª F. de S. João Baptista de Pero Moniz, cur.º da ap. do prior de S. Pedro da V.ª d'Obidos, no T. da V.ª de Cadaval.

Está sit.º o L. de *Pero Moniz* sobre o rio Real. Dista de Cadaval 4^{k} para S. O.

Compr.^{e} mais esta F. o L. de Martim Joannes; os casaes de Val de Palha, Val de Francas, Forno da Telha, Retiro (parte) e mais um sem nome, em Val de Cubas; e as q.^{tas} de Pombo e Gradil.

Vem mencionada, em Carv.º, no L. de Pero Moniz, uma ermida de Nossa Senhora da Graça.

P...	C..........	70	
	A..........	89	
	E. P........	103..............	453
	E. C.........................		418

VERMELHA

(8)

Ant.ª F. de S. Simão da Vermelha, cur.º da ap. do prior de Nossa Senhora d'Assumpção da V.ª d'Obidos, no T. da V.ª de Cadaval.

Está sit.º o L. de *Vermelha* sobre uma ribeira aff.^{e} do rio Real, onde tem ponte, na estr.ª para o Cadaval; 4^{k} a O. S. O. da estr.ª real de Lisboa ás Caldas da Rainha. Dista de Cadaval 3^{k} para o N.

Compr.^{e} mais esta F. os log.^{es} da Gorda e Val da Canada; e o casal de Lameiras.

Vem mencionado em Carv.º o L. da Gorda, e uma ermida do Sacramento no L. da Vermelha.

P...	C.	110	
	A.	147	
	E. P.	149	551
	E. C.		636

VILLAR

(9)

Ant.ª F. de Nossa Senhora da Espectação de Villar, cur.º da ap. do prior de Sant'Iago da V.ª d'Obidos, no T. da V.ª de Cadaval.

Está sit.º o L. de *Villar* sobre uma pequena ribeira que junta com outras que vem do L. de Lamas formam o rio Real. Dista de Cadaval 8ᵏ para o S.

Compr.ᵉ mais esta F. os log.ᵉˢ de Palhaes, Villa Nova, Ribalde ou Arrabalde, Carvalhal da Serra, Tojeira, Pereiro, Seixo; e os casaes de Sacarrão, e da Ribeira.

Vem mencionados em Carv.º os log.ᵉˢ de Pereiro, Villa Nova e Tojeira.

P...	C.	120	
	A	155	
	E. P.	168	847
	E. C.		804

CONCELHO DE CASCAES
(1)

PATRIARCHADO

COMARCA DE CINTRA

ALCABIDECHE
(1)

Ant.ª F. de S. Vicente de Alcabideche, cur.º da ap. dos freguezes, segundo a *E. P.*, da ap. do prior de S. Pedro de Penaferrim, segundo o *D. G. M.*, no T. da V.ª de Cascaes. Don.º o M. de Cascaes.

Está sit.º o L. de *Alcabideche* em alto, 9ᵏ para E. N. E. de Cascaes.

Compr.ᵉ mais esta F. os log.ᵉˢ de Alcoitão, Biusse ou Bicesse, Manique de Baixo, Carrascal de Manique, Galisa, Alvide, Murches, Malveira de Baixo, Malveira de Cima, Doroanna, Paugordo ou Pão Gordo, Mialha, Lubeira, Livramento, Ribeira de Caparide, Alapraia, Amoreira, Abuxarda, Cabreiro, Ribeira do Marmeleiro, Alcorvim, Almoinhas Velhas, Figueira, Biscaia, Arneiro, Jannes, Zambujeiro, Pisão, Ribeira de Penhalonga, Alrozella ou Atrozella; os casaes de Goilão, Muxagato, Porto Covo; e as q.ᵗᵃˢ do Marquez, da Zaganita, do Carrascal, do Carrascal de Manique, de Assamassa, da Ribeira de Caparide, da Abuxarda, de Alvide, dos Ulmaes, de Val de Cavallos, da Ribeira de Penhalonga, da Carreira, do Biusse ou Bicesse, do Pisão.

Vem mencionado em Carv.º o L. de Alcabideche com 400 fogos.

No *D. G. M.* vem mencionados os log.^{es} de Amoreira, Abuxarda, Alvide, Cabreiro, Marmeleiro, Murchas, Alcorvim, Malveira de Baixo, Malveira de Riba, Figueira, Biscaia, Janes, Porto Covo, Assa-massa, Ribeira de Penhalonga, Arrozella, Alcoitão, Douroana, Pao Gordo, Manique, Livramento, Ribeira de Caparide, Alapraia.

P...	C.	400	
	A	551	
	E. P.	611	2162
	E. C.		2348

Tinha esta F. em 1758 um pequeno hospital.

Recolhe em pequena quantidade trigo, cevada e chicharos.

CASCAES

(2)

Ant.ª V.ª de Cascaes na ant.ª com. de Torres Vedras. Don.º o C. de Monsanto (M. de Cascaes).

Hoje é cab.ª do actual conc.º de Cascaes.

Está sit.ª sobre uma boa enseada do oceano voltada para E. Atravessa a V.ª a ribeira de Alcabideche ou de Cascaes.

Dista de Lisboa 26^{k} para O.

Tinha antigamente, e ainda em 1840, duas FF. que eram: Nossa Senhora d'Assumpção, vig.ª da ap. da mitra e matriz; Ressureição, cur.º da mesma ap.

Hoje só tem a primeira que é prior.º

Compr.^{e} esta F., além da V.ª, os log.^{es} de Cobre, Aldeia do Juzo, Charneca, Arca, Birre, Torre; os casaes de Marinha, dos Oitavos, da Guia; e as q.^{tas} do Estoril e de S.^{to} Antonio do Estoril.

Vem mencionados em Carv.º os log.^{es} seguintes: Arca, Cobre, Birra, e 22 ermidas.

P...	C...........	950		
	A...........	394		
	E. P.........	363..............		1530
	E. C...........................			1593

Antes da extincção das ordens religiosas em Portugal, havia em Cascaes um conv.º da ordem de S. Francisco da provincia dos Algarves, com a inv. de S.to Antonio, fundado em 1527, e outro de Carmelitas descalços, da inv. de Nossa Senhora da Piedade, fundado em 1594.

Tem casa de misericordia e hospital.

A egreja parochial de Nossa Senhora d'Assumpção é um bello templo, ornado de boas pinturas.

Entre as ermidas merece expecial menção a de Nossa Senhora da Conceição dos Innocentes, situada na extremidade oriental da V.ª em pequena peninsula, por ser de grande devoção do povo.

Aterrados os habitantes de Cascaes pelo terremoto de 1755, que ali fez grandes ruinas[1] e mais de 300 victimas, acolheram-se a esta ermida como lugar de abrigo: o mar que semelhantemente ao que aconteceu em Lisboa subiu a uma prodigiosa altura, inundou logo a pequena peninsula e com tudo respeitou a ermida, onde escaparam á morte quasi infallivel os que a ella se haviam abrigado.

Se póde talvez explicar-se naturalmente, diz o *D. C.*, um tal acontecimento, não é menos certo que só a effeito da divina misericordia, por intercessão de Nossa Senhora o attribuiram os habitantes de Cascaes: é por isso que todos os annos, em cumprimento de um voto, feito no mesmo anno da catastrophe, ha na ermida festa solemne e procissão da imagem da Senhora.

Tinha Cascaes dois fortes bem guarnecidos para defenderem a aproximação da barra, e alguns outros ao longo da praia, sendo o numero total de 8, além do castello e baterias da praça (pois praça de guerra era considerada,

[1] A egreja da Resurreição foi arruinada pelo terremoto, e por isso se uniu esta F. á de Nossa Senhora d'Assumpção.

ainda que de 2.ª ordem, com duas boas cisternas e quarteis para 5000 homens); hoje porém decaiu muito da sua importancia militar.

Á distancia de meia legua da V.ª está o pharol da Guia.

Os arredores de Cascaes são aprazíveis e muito saudaveis, e do mesmo modo a V.ª, onde se vêem muitas pessoas de avançada edade em relação ao algarismo da sua população.

A chamada *Gruta do Inferno* é notavel pelo medonho estridor do mar que ali ruge e referve com violencia espantosa.

Está hoje muito acommodado este sitio para a visita dos curiosos que desejarem gosar tão grandioso e terrivel quadro da natureza.

Recolhe abundancia de excellente trigo, cevada, bom vinho e algum azeite: dos arredores de Collares e Cintra é provida de boas frutas.

Tem abundancia de gado e de caça e egualmente de peixe de todas as qualidades, especialisando-se as pescadas e as corvinas.

As aguas são boas e muito approvadas para o mal de pedra, e junto da V.ª, na q.ta do Estoril, ha umas caldas excellentes para curativo de paralysias, e rheumatismos, etc.

Estas aguas brotando da falda de um monte formavam antigamente um lago; com o andar dos tempos, e tendo-se observado o bom resultado da sua applicação em banhos, construiu-se um tanque de alvenaria, e em 1788 se fizeram doze banhos com divisões de lages, tendo por cima casas de madeira; e além d'estes um mais bem reparado para pessoas de distincção: n'este fez uso das aguas algumas vezes el-rei D. José.

São as aguas alcalinas neutras e marcam 84° de F. ou 23° de R.

Segundo a descripção das aguas mineraes do reino, dos srs. dr. Lourenço e Schiappa de Azevedo, as 3 fontes do conc.° de Cascaes estão proximas umas das outras e todas

distantes menos de 3^k da V.ª de Cascaes. Chamam-se do Estoril, da Poça e de S.to Antonio do Estoril. São todas da mesma especie, salinas muriaticas; as duas primeiras thermaes tepidas e a terceira fria.

A agua da fonte do Estoril é a mais importante e melhor situada. Brota na encosta de uma collina, d'onde é encanada para uma casa de banhos. Com alguns melhoramentos póde tornar-se um estabelecimento importante.

A agua é clara, transparente, salobra e inodora; a sua temperatura é de 28 graus centigrados, sendo a do ar exterior de 16.

A fonte da Poça está situada á beira-mar, quasi a 200^m da antecedente. A temperatura da agua nas mesmas circumstancias da do Estoril, é de 27 graus centigrados.

Tambem aqui ha uns banhos pertencentes á misericordia da V.ª

Quanto ás aguas da terceira fonte, brotam na cêrca do conv.º de S.to Antonio do Estoril, d'onde lhe provém o nome, no fundo de um poço, d'onde são elevadas para ministrarem banhos quentes e frios.

São muito menos mineralisadas que as das duas fontes precedentes. A sua temperatura é a do ar ambiente.

Esta V.ª é muito sadia, diz Carv.º, e onde geralmente se vive muitos annos. O padre Nicolau de Oliveira no seu livro *Grandezas de Lisboa* diz ser a terra mais sadia de Portugal e que tem de muito especial o não se padecer ali melancholia (?).

Ha tres ou quatro annos, diz o sr. P. L. no *D. G.*, se tem operado importantissimos melhoramentos em Cascaes, e construido commodas e bellas casas particulares: sendo as principaes o palacio e parque do sr. D. de Palmella, o palacio do sr. C. de Val de Reis, o palacio e parque do sr. V. da Gandarinha, o casal e q.ta da Carreira, a casa da Serra, lindo *chalet* no gosto suisso, que pertence ao sr. Torrezão, e a linda casa no alto da Bella Vista, propriedade do fallecido V. de Nossa Senhora da Luz.

Segundo o dito *D. G.*, tem Cascaes boa praça principal,

onde está a casa da camara e bom passeio publico, 28 ruas, 13 travessas, 4 becos, 12 largos, 3 calçadas, 2 caminhos e 2 altos.

Menciona tambem o mesmo *D. G.* como curiosidade digna de attenção uma palmeira de 23^m de altura e $4\ {}^1/_2{}^m$ de circumferencia na base, que está no quintal da sr.ª D. Feliciana Reicha Coutinho, sit.º junto ao rio que atravessa a V.ª, e na rua por isso chamada da Palmeira. Á sombra d'esta arvore descançou e tomou refeição el-rei D. Affonso Henriques voltando da expedição em que aos arabes ganhou Mafra e o Castello de Cintra.

Tem estação telegraphica.

Tem este concelho:

Superficie, em hectares	8048
População, habitantes	6365
Freguezias, segundo a *E. C.*	3
Predios, inscriptos na matriz	13060

Dizem ser povoação do tempo dos romanos e que então se chamava *Cascale.*

Em 1580 foi atacada pelas tropas do D. de Alba que penetraram na praça por traição, sendo depois executado no patibulo o seu governador D. Diogo de Menezes, valente capitão das nossas guerras d'Africa.

Deu-lhe foral D. Affonso Henriques em 1154, e novo foral el-rei D. Manuel em 1514.

Foi 1.º M. de Cascaes D. Alvaro Pires de Castro, 6.º C. de Monsanto, por mercê de D. João IV em 1643. Este marquezado foi depois unido ao de Niza.

S. DOMINGOS DE RANA

(3)

Ant.ª F. de S. Domingos de Rana, cur.º da ap. dos freguezes, no T. de Cascaes. Hoje é prior.º

Está situado o L. de *S. Domingos de Rana* em alegre e desafogada planicie 3^k a O. N. O. de Oeiras. Dista de Cascaes 9^k para E

Compr.e mais esta F. os log.es de Tires, Parede, Caparide, Murtal, Abobada, Rebelba (Rebebras no mappa, mas é erro), Sassueiros, Trajouce, Talaide, Zambujal, Polima, Rana, Arneiro, Conceição d'Abobada, Matto, Xeirinhos, Outeiro de Polima, Quenenas ou Canena, Penedo do Murtal, Ribeira de Parreiras, Montijo, Penedo de Talaide, Regueiras de Tires; os casaes de Cleriguinho, Freiria; as q.tas de Gafanhotos, Torre d'Aguilha onde ha excellentes marmores vermelhos, S.ta Rita, Xainhos, Athanazios, Costa, Estrangeira, Sirogato, Rana; e as H. I. de Aldeia Gallega, Louriceira, Azenhas de Cae Agua.

P...	C.	200	
	A.	650	
	E. P.	632	2524
	E. C.		2424

«A egreja parochial é magnifica, tem um bello retabulo e um quadro da cêa, obras de Pedro Alexandrino.» *D. G.* do sr. P. L.

CONCELHO DE CEZIMBRA

(m)

PATRIARCHADO

COMARCA DE ALMADA

CASTELLO

(1)

Ant.ª F. de Nossa Senhora da Consolação, chamada vulgarmente Sta Maria do Castello, cur.º da ordem de Sant'Iago, dentro do Castello da V.ª de Cezimbra, que era considerada como fazendo parte da V.ª de Cezimbra, e assim a mencionam Carv.º, o *M. E.*, o *D. G. M.*, o *D. C.* e a *E. P.* Comtudo na *E. C.* de 1864, que seguimos na ordem da descripção para regularidade, methodo e facilidade d'aquelles que ao diante aperfeiçoarem este nosso humilde trabalho, vem tratada em separado.

A *E. P.* dá a ap. d'esta F. como pertencendo ao commendador de Alcacer e freires de Palmella, que pertenciam á ordem de Sant'Iago. Hoje é prior.º

Está sit.º o castello de Cezimbra sobranceiro á V.ª e 1^{k} para N. N. O.

Compr.^{e} esta F., além do Castello, os log.^{es} de Pedreiras, Sant'Anna com uma ermida, Zambujal, Caixas, Alfarins, Azoia; e as q.^{tas} de Calhariz, do D. de Palmella, com uma ermida, S. Paio do C. de S. Paio com uma ermida, Venda Nova que foi do conv.º de S. Domingos de Lisboa, Aiana, da V. d'Asseca, com uma ermida.

Vem mencionada em Carv.º a q.ta de Calhariz, cab.a de morgado, com residencia magnifica e riquissima egreja, adornada com um santuario de muitas reliquias e privilegiada com 5 jubileus annuaes e perpetuos, graça, diz o mesmo auctor, que não tem sido jámais concedida a outra qualquer casa de campo.

P...	C.........	500 (as 2 FF. da V.a)	
	A..........	565	
	E. P.......	605..............	2639
	E. C.........................		2664

A egreja parochial de Nossa Senhora da Consolação do castello de Cezimbra, diz o *D. C.*, é quasi contemporanea da fundação da monarchia, e por isso se acha bastante deteriorada, mostrando ainda ter sido um lindo templo.

Foi a primeira F. do conc.º pelo que se arroga o titulo de matriz da V.a

CEZIMBRA

(2)

Ant.a V.a de Cezimbra na ant.a com. de Setubal, de que eram don.os os D. de Aveiro, dos quaes passou para a corôa.

Hoje é cab.a do actual conc.º de Cezimbra.

Está sit.a em baixa, á beira mar, voltada para o S., rodeada ao N., a E. e a O. por alcantiladas serras. Dista de Lisboa 7l para o S.

Tem duas FF.; a de Nossa Senhora da Consolação ou S.ta Maria do Castello de que acabamos de tratar, e a de Sant'Iago, prior.º que era da ordem de Sant'Iago.

Esta só compr.e a V.a

P...	C..........	500 (as 2 FF.)	
	A..........	702	
	E. P.......	740..............	2660
	E. C.........................		3085

Tem casa de misericordia e hospital, e as ermidas do Espirito Santo, que é dos maritimos, S. Sebastião da ordem

terceira de S. Francisco; e nos arredores da V.ª pertencentes á F. do Castello as de Calhariz, do sr. D. de Palmella, S. Paio, do sr. C. de S. Paio, Sant'Anna, Aiana e Alfarim, finalmente a celebre ermida de Nossa Senhora do Cabo, onde todos os annos concorre o cirio de Nossa Senhora do Cabo e se festeja a imagem da senhora com grande pompa e solemnidade.

Esta ermida está sit.ª no dorso da montanha que fórma o cabo de Espichel, á distancia de 12ᵏ para O. S. O. da V.ª, é de boa construcção, mui decentemente adornada, e tem em volta casas para habitação dos romeiros.

Tem uma fortaleza junto á praia com boas acommodações para o governador, ajudante e guarnição, hoje limitada a 4 artilheiros; fica o dito forte 2ᵏ a S. O. da V.ª e no mappa topographico tem o nome de forte do Cavallo.

Os paços do conc.º são de construcção regular, os outros edificios geralmente pequenos, as ruas tortuosas e estreitas.

Recolhe abundancia de cereaes, vinho, azeite, frutas, especialisando-se os abrunhos: tem muito gado, muita caça, e colmeias; excellente pescaria, sobretudo pescadas e corvinas; grandes pinheiraes e abundancia de lenha.

A maior parte dos habitantes de Cezimbra são dados á profissão maritima e á pesca, commercio em que esta povoação é um centro importante de exportação, tanto no reino como para Hespanha.

Nas serras que cercam Cezimbra encontram-se pedras de amolar das melhores do reino.

Tem este concelho:

Superficie, em hectares....................	3322
População, habitantes	5749
Freguezias, segundo a *E. C.*...............	2
Predios, inscriptos na matriz...............	2363

Pretendem alguns auctores que no local d'esta V.ª estivesse sit.ª a antiga *Cœtobrica* ou *Cetobriga*, que a maioria porém faz corresponder a Setubal.

Diz Carv.º, conforme a opinião geralmente adoptada, ser fundação dos gallo-celtas e sarrios.

Caindo em poder dos arabes foi depois restaurada por D. Affonso Henriques em 1165. Arruinada pelas guerras d'esses tempos foi reparada e repovoada no reinado de D. Sancho I por alguns francezes dos que vieram ajudar ao dito rei nas suas contendas com os mouros, sendo-lhe concedidos grandes privilegios que mais tarde confirmou el-rei D. Diniz, que a fez V.ª em 1323.

Deu-lhe foral el-rei D. Manuel em 1514, ou confirmou outro foral mais antigo.

CONCELHO DE CINTRA
(n)

PATRIARCHADO

COMARCA DE CINTRA

ALMARGEM DO BISPO
(1)

Ant.ª F. de S. Pedro no L. de Almargem do Bispo, cur.º da ap. dos freguezes, no T. de Cintra.

Está sit.º o L. de *Almargem do Bispo* 3^k a N. E. da estr.ª real de Lisboa a Cintra. Dista de Cintra 3^l para E. N. E.

Compr.ᵉ mais esta F. os log.ᵉˢ de Alvogas (grande L. no mappa), Covas de Ferro, Negraes, Sabugo (grande L. com boa estalagem), Mancebas, Almornos, D. Maria (grande L. com uma ermida), Camarões, Aroil de Baixo=Priores, Machado, Rapoula, S.ᵗᵃ Eulalia, Mastrontas, Alfovora (Alfavar no mappa) de Cima e Alfovora de Baixo, Olella, Ribeira de Val de Lobos, Tapada, Fonte Aranha, Portella, Aroíl de Cima; os casaes de Rebollo, Charca, Freira, Falcão, Val de Figueira, Serrado, Feiteira, Gosmos, Quintanellas (Fontanellas no mappa), S.ᵗᵃ Cruz, Gafanhotos, Malveiro, Brotão ou Botão.

Vem mencionados em Carv.º os log.ᵉˢ de Alvogas, Covas de Ferro, Negraes, Sabugo, Mancebas, Almorros, D. Maria, Camarães, Aruil de Baixo, Aruil de Cima, Alfovora, Olléla, Ribeira (que é a de Val de Lobos da *E. P.*)

P...	C.........		
	A..........	694	
	E. P.......	712...............	3200
	E. C............................		2972

No L. do Sabugo ha feira annual em 25 de julho.

BELLAS

(2)

Ant.ª V.ª de Bellas, na ant.ª com. de Torres Vedras, de que eram don.ᵒˢ os C. de Pombeiro (depois M. de Bellas).

Em 1840 pertencia esta V.ª ao conc.º de Bellas, ext.º pelo decreto de 24 de outubro de 1855, pelo qual passou ao de Cintra.

Está sit.ª em dilicioso valle na aba da serra da Carregueira, pela parte do S. (e pelo meio da V.ª corre a ribeira de Bellas ou de Jarda) na estr.ª real de Lisboa a Cintra, 3ˡ para O. N. O. de Lisboa. Dista de Cintra 12ᵏ para E. S. E.

Tem uma só F. da inv. de Nossa Senhora da Misericordia, prior.º que era da ap. do most.º de Nossa Senhora da Conceição, de Beja.

Compr.ᵉ esta F., além da V.ª, os log.ᵉˢ de Queluz de Cima, Agualva[1], Venda Seca (grande L. com boa agua ferrea), Dabeja ou Ada Beja, Ponte Pedrinha, Massamá, Papel, Meleças, Idanha (grande L.), tem feira annual de 3 dias (franca) começando no 1.º domingo de agosto, Pendão, Carenque, Agua Livre, onde passa o grande aqueducto das Aguas Livres; os casaes de S. Braz, V.ª Chã, Outeiro, Castanheiro, Brôco, Carregueira, Pedra, Charneca; e as q.ᵗᵃˢ Real de Queluz, Grande de Bellas ou do M. de Bellas, de S. Mamede, do Bom Jardim ou do M. de Borba, Font'eireira, Minhoto, Malha Pão, Grajal, Pimenta; e as H. I. de

[1] Este L. chamou-se antigamente Jarda, é grande e tem uma boa ermida. Tem feira annual de 3 dias (franca) começando em 1 de maio.

Colaride, Quintã, Fonte Santa, Rocanes ou Rucanes, Ribeira da Jarda.

Vem mencionados em Carv.^{o}, além da q.^{ta} do C. de Pombeiro (M. de Bellas), os log.^{es} de Idanha, Carapinicas (que não vem na *E. P.*) com uma ermida de S.^{to} Antonio; o Suimo (qué tambem não se acha na *E. P.*) junto a um monte (o monte do Suimo vem no mappa) onde se encontravam muitas pedras das que se denominam jacinthos[1], tanto que a senhora D. Brites, mãe d'el-rei D. Manuel, então don.^{a} da V.^{a} de Bellas, doando a um seu creado muitas terras d'este termo, exceptuou as minas de pedras preciosas do L. do Suimo, que deixou a seu filho o dito rei D. Manuel.

Consta-nos por pessoa competente, muito conhecedor d'estes sitios, que hoje ainda se encontram d'estas pedras seguindo-se o leito da ribeira, especialmente nos dias que se seguem aos de grande chuva, e tambem outras lindas pedras pretas e mui lustrosas, que a dita pessoa viu, e possue algumas. A q.^{ta} de Molha Pão com casas nobres e ermida, que pertencia a Bartholomeu Quifel, desembargador do conselho da fazenda; a nobre q.^{ta} do Bom Jardim com a ermida do Bom Jesus, bello palacio, largo terreiro, pomares, vinhas, hortas e 17 fontes de crystallinas aguas, tudo propriedade do C. de Redondo: os log.^{es} da Carregueira, junto á serra do mesmo nome, com muitos casaes de que é senhor o C. de Pombeiro: Meleças na estr.^{a} de Cintra e Collares com duas q.^{tas}, uma de Antonio de Brito de Menezes e outra de Pedro da Maia; Ribeira de Jarda com uma q.^{ta} e duas ermidas: Agualva com 6 q.^{tas} e uma ermida de Nossa Senhora da Consolação, de muita devoção e romarias; Massamá na estrada de Cintra, com uma q.^{ta} chamada a Tascôa, com sua ermida, que era de José de Saldanha; Queluz com a grande q.^{ta} que foi dos M. de Castello Rodrigo, e muitos casaes annexos á mesma e outros de dif-

[1] O mesmo affirma o padre Nicolau de Oliveira no seu livro *Grandezas de Lisboa*.

ferentes lavradores; a q.^{ta} de Ponte Pedrinha, junto á estr.^{a} de Cintra, com sua ermida, que era de D. Lourenço Souto Maior; o L. de Dabéja, com uma q.^{ta} e dois casaes annexos; o casal de S. Braz: Ribeira de Carenque, com muitas q.^{tas}, hortas, pomares, azenhas e casaes; Ribeira da Agua Livre, com uma ermida de S. Mamede, onde havia feira no dia do santo; Ribeira de Jarda, com uma q.^{ta} e duas ermidas.

Menciona mais o dito auctor, mas não se encontram na *E. P.*, o L. de Camera (vem no mappa e mostra ser um casal) com 7 casaes e uma ermida de Sta Martha; Mira, com dois casaes: Ribeira de Val de Lobos, com muitas azenhas, pomares e montes (casaes) de lavradores (este vem na *E. P.* na F. do Almargem do Bispo, como já vimos).

P...	C..........	90	
	A..........	776	
	E. P........	876	3972
	E. C...........		2717

Bellas é um dos mais lindos sitios dos arredores de Lisboa: as suas q.^{tas} e casas de campo mal podem numerar-se.

A egreja parochial de Nossa Senhora da Misericordia da V.^{a} de Bellas póde chamar-se um bom templo.

As casas da V.^{a} são pela maior parte modernas e de boa apparencia.

No Rocio ergue-se o palacio dos C. de Pombeiro, de antiquissima architectura; disfarçadas porém as feições primitivas pelas reconstrucções e modificações que tem tido em differentes épocas.

Não cabe nos limites d'esta obra descrever a nobre q.^{ta} annexa a este palacio, a qual compr.^{e} montes, valles e planicies, pomares, hortas e jardins magnificos, e a bella ermida do Senhor Jesus da Serra, no sitio o mais pittoresco que se possa imaginar, e onde no ultimo domingo de agosto concorrem multidões de povo, á festividade annual.

Além de suas muitas bellezas naturaes tem esta q.^{ta} obeliscos, estatuas, cascatas e outras obras d'arte mui dignas de serem observadas.

Em tempos remotos pertenceu esta grande propriedade a Gonçalo Annes Corrêa, e por sua morte passou para as commendadeiras de Santos que a trocaram, em 1334, por outra q.ta que então era de Lopo Fernandes Pacheco: este por sua morte a deixou a seu filho Diogo Lopes Pacheco, que se ausentou do reino para fugir á vingança de D. Pedro I; e como seus bens foram confiscados, passou para a corôa. O dito soberano mandou reconstruir o palacio e ali habitou por vezes. Seu filho el-rei D. Fernando a restituiu ao seu antigo possuidor Diogo Lopes Pacheco, quando este voltou ao reino por indulto do mesmo rei D. Fernando; tornou o dito fidalgo a perdel-a e a ser confiscada para a corôa em consequencia de haver seguido o partido de Castella na guerra da independencia. Foi então doada por D. João I a Gonçalo Pires em recompença de serviços, mas comprou-a depois ao filho d'este para a dar ao infante D. João, irmão d'el-rei D. Duarte, que tambem por vezes ali foi residir. Por morte d'este infante passou em herança a sua filha D. Brites que depois casou com seu primo o infante D. Fernando duque de Viseu, pae d'el-rei D. Manuel. Esta infanta reedificou o palacio e embelezou a q.ta que serviu egualmente de habitação regia a el-rei D. Manuel e a sua esposa D. Leonor, que ali se hospedaram.

Por morte da dita infanta D. Brites, foi deixada em legado esta rica propriedade a Rodrigo Affonso de Atouguia, fidalgo da casa de seu marido o infante D. Fernando, e pelo casamento de uma bisneta d'este fidalgo com D. Antonio de Castello Branco, 12.º senhor de Pombeiro, veiu a pertencer a seu filho o 1.º C. de Pombeiro.

O L. de Queluz compõe-se de 221 fogos, 660 habitantes segundo o *D. C.*, torna-se muito notavel pelo palacio real e grande q.ta adjacente.

Em 1640 era esta propriedade do M. de Castello Rodrigo a quem foi confiscada para a corôa, por se haver aquelle fidalgo ausentado para Madrid, seguindo o partido de Castella.

Pela instituição da casa do infantado, em 1654, lhe foram

adjudicados estes bens que permaneceram na dita casa até á sua extincção em 1834. Passaram então para os proprios nacionaes, e fazem parte do apanagio da corôa.

O palacio e q.^{ta} teve novas construcções em differentes épocas, mas sobretudo no reinado de D. Maria I, em que foi senhor da casa do infantado seu esposo D. Pedro III, resultando ser composto o edificio de muitos corpos differentes em gosto e architectura, tendo porém bellissimas salas e aposentos verdadeiramonte regios; a capella é riquissima, e a q.^{ta} das melhores do reino, com formosos jardins, bosques, lagos, pavilhões, cascatas, estatuas e decorações de muito gosto e merecimento artistico, um grandioso jogo de bola, um jardim botanico e uma tapada de abundante caça miuda.

Além do palacio real ha em Queluz uma linda casa de campo pertencente ao M. de Pombal.

A V.^{a} de Bellas é abundante de todos os generos, mas especialmente de mimosas frutas.

Na excellencia das aguas é egualmente notavel, e quanto á sua quantidade bastará lembrar-nos que das ribeiras proximas se abastece quasi exclusivamente o grande aqueducto das aguas livres de Lisboa.

Tambem tem na visinhança um bom manancial de aguas ferreas.

Voltando a fallar das minas do Suimo, data a sua exploração do reinado de D. Diniz, e continuou por muitos tempos, até ao reinado de el-rei D. Manuel, ao qual as deixou a infanta D. Brites como já dissemos. Posteriormente foram porém abandonadas por causas que se ignoram.

CINTRA

(3)

Ant.^{a} V.^{a} de Cintra na ant.^{a} com. de Alemquer.

Hoje é cab.^{a} do actual conc.^{o} e da actual com. de Cintra.

Está sit.^{a} na falda da serra de Cintra ao N. da parte orien-

tal da dita serra) a qual tem direcção geral de E. N. E. a O. S. O.) a $^1/_3$ da altura da mesma serrania n'esta parte. Dista de Lisboa 26^{k} para O. N. O.

Tinha antigamente 4 FF., S. Martinho, Sta Maria, S. Miguel e S. Pedro de Penaferrim: S. Miguel está annexa á de Sta Maria. Hoje só tem por conseguinte 3 FF. [1]

S. Martinho que era vig.^{a} da ap. da mitra. Hoje é prior.^{o}

Compr.^{e} esta F., além da parte respectiva da V.^{a}, os log.^{es} de Ribeira, Varzea de Baixo e Varzea de Cima (no mappa um só L., Varzea), Matta do Paço, Carrascal, Morlinho ou Mourelinho [2], Jannas [3], Nafarros, Zibreiro, Meiranes [4], Gallamares, Quintinha, Casalinho; os casaes de Condado, Cabeçudo, Torrado, Torre, Granja de Baixo e Granja de Cima (no mappa Granja e uma q.^{ta} do mesmo nome); e as q.^{tas} de Madre de Deus, Regaleira, Manuel Bernardo, Sitiaes, das Souzas, Doutor Frederico, Penha Verde, Bouça, Espias, Monserrate, Bochechas, S. Bento, Piedade, Sanfanha, Palhares, Vasco, Cosme, Pequena, Miranda, D. Antonio, Bom Successo, Relogio, Fontes, Castanhaes.

P...	C..........	450 (as 4 ant.^{as} FF.)	
	A..........	431	
	E. P.........	506..............	1500
	E. C. (as 3 FF. actuaes).........		4489

A egreja parochial de S. Martinho é fundação d'el-rei D. Affonso Henriques; porém nada lhe resta da construcção primitiva depois da ultima reedificação posterior ao terremoto de 1755. Do seu adro disfructa-se admiravel vista.

Menciona Carv.^{o} como existentes no districto d'esta F. as ermidas de S. Bento, Nossa Senhora da Piedade, S.^{to} Amaro, S. Mamede, Madre de Deus, Nossa Senhora da Luz, e S.^{to} Antonio da q.^{ta} da Areia.

[1] No *M. E.* de 1840 vem em separado a F. de Penaferrim e só dá como pertencendo á V.^{a} duas FF. S. Martinho, e Santa Maria e S. Miguel (unidas).

[2] Morelino na *Cintra Pinturesca* do sr. V. de Juromenha.

[3] Jaunas, idem.

[4] Meiraner, idem.

O palacio e q.[ta] de Seteaes (1[k] a O. de Cintra e proximo á estr.[a] para Collares), nome que uns derivam de 7 ais porque o echo ali repetia um ai sete vezes, outros de *senteais*, foi propriedade de um negociante inglez, chamado o Devisme que a vendeu ao M. de Marialva: passou depois á casa de Louriçal e por ultimo aos D. de Loulé.

O palacio consta de dois edificios ligados por um bello arco de triumpho, adornado com os bustos de D. João VI e D. Carlota Joaquina, com uma inscripção.

A q.[ta] é de admiravel gosto e tem lindos pontos de vista.

O palacio fórma uma das frentes de um vasto quadrado chamado o campo de Seteaes, onde dizem tem logar o echo.

A q.[ta] do Relogio sit.[a] na estr.[a] dos Pisões tem bellos arvoredos, jardins aprazíveis, grande lago de marmore e linda casa de campo em gosto arabe.

A q.[ta] da Regaleira, do visconde do mesmo titulo, fica sit.[a] na dita estr.[a] dos Pisões; é digna de ser visitada pelas suas naturaes bellezas, e tambem pela excellencia de suas aguas.

A q.[ta] de Penha Verde (quasi 1[k] para S. O. de Seteaes) é fundação do grande vice-rei da India D. João de Castro em uma porção de terreno que lhe doou el-rei D. Manuel, onde plantando arvores silvestres em logar das fructiferas, mostrou, como diz Jacinto Freire de Andrade, ser tão desinteressado que nem da terra que agricultava esperava paga do beneficio.

A q.[ta] de Penha Verde é um dos mais lindos passeios de Cintra, pelos seus arvoredos seculares, amenidade do clima e belleza das vistas. Pertence hoje ao C. de Penamacor.

Proximo á q.[ta] de Penha Verde e da ermida de Nossa Senhora do Monte (fundação do mesmo vice-rei) se encontram duas inscripções, uma d'ellas curiosissima, em lingua *sanscrita*, vem por extenso e quanto possivel traduzida e explicada na *Cintra Pintoresca* do sr. V. de Juromenha.

Além d'esta ermida ha muitas outras, e tantas curiosidades archeologicas e bellezas naturaes n'esta só q.[ta] de Penha Verde que para as ver e admirar não é sufficiente

um dia. Falta-nos o espaço para transcrever o que tão elegantemente pintou o sr. V. de Juromenha, cuja obra é por emquanto o melhor guia do viajante em Cintra.

A q.ta de Monserrate, junto á estr.a para Collares e 1 k a O. N. O. de Penha Verde, perto do local onde havia uma ant.a ermida com a inv. de Nossa Senhora de Monserrate, pertenceu tambem ao dito negociante Devisme, depois ao inglez Beckfort, e hoje é propriedade de outro abastado inglez, o sr. V. de Monserrate.

Tem uma bella residencia em gosto oriental, jardim botanico e outras curiosidades que a tornam merecedora de ser detidamente observada. O palacio dizem ter quadros de grande valor artistico.

N'este caminho que seguimos temos que fazer um desvio para fallar do convento de S.ta Cruz, de religiosos Arrabidos, fundado em 1560, no centro e no mais alto da serra entre massas de penedos sobrepostos, sitio ermo e solitario. Seu fundador foi D. Alvaro de Castro, por mandado de seu pae D. João de Castro.

«Quem vae de Cintra pela estr.a de Collares, diz o *D. C.*, tendo passado Seteais, Penha Verde e Monsarrate, e tomando á esquerda pelo mais aspero da serra, é guiado na subida pelas cruzes de pedra que se descobrem nos mais salientes rochedos, até que entra no pequeno terreiro do convento por uma abertura praticada em um penedo: á esquerda ha uma fonte, algumas arvores e assentos, em frente uma mesa de pedra em que dizem tomava sua refeição o rei D. Sebastião quando ali ia; ao fundo a porta da pequena egreja, ao lado a portaria do convento.

«Este tinha um só dormitorio com um corredor de 40 palmos de comprido e 3 de largo; as cellas eram tão pequenas que melhor podiam chamar-se sepulturas, e as divisões de barro e palha forradas de cortiça. Refeitorio, egreja, côro tudo era proporcionado, tudo pequeno, humilde e rescendendo penitencia.»

Segundo nos informa o *D. G.* do sr. P. L. foi vendido em 1834 como bens nacionaes, ao sr. C. de Penamacôr,

que em 1873 o vendeu ao sr. V. de Monserrate a quem hoje pertence.

S.ta Maria, prior.º que era da ap. da casa da rainha.

Compr.e esta F., que é arrabalde da V.a (e por isso lhe chamavam, e chama ainda a *E. C.* de 1864 e o *D. C.* do sr. Bett. S.ta Maria do Arrabalde, ou simplesmente F. do Arrabalde) os log.es de Cabris, Courel ou Lourel [1], Campo Razo, Ral ou Ralé (Ralé no mappa, julgamos ser erro), Corigos (Corrigos escreve o sr. V. de Juromenha, Corrégos no mappa), Rolhados (Ralhados escreve o sr. V. de Juromenha), Bajoca ou Bajouca, Coutinho Affonso (Coutinha Affonso escreve o sr. V. de Juromenha), S. Sebastião, Cova da Onça, Ribeira (em parte), Chão dos Meninos, Casal de S.to Amaro, Serra; e as q.tas de Abelheira, Ribafria, Boialvo, Fonte de Longo, Maria Dias.

P. . .	C.		
	A.	219	
	E. P.	223.	602
	E. C.		

A egreja parochial proxima ao castello e no arrabalde da dita V.a foi fundada por D. Affonso Henriques e destruida pelo terremoto de 1755; sendo provavel que tivesse já tido reconstrucções; depois do terremoto foi tambem reparada.

Segundo a *E. P.* está hoje annexa a esta F. a F. de S. Miguel que tambem era antigamente prior.º da ap. da casa da rainha. Teve o mesmo fundador D. Affonso Henriques.

Vem mencionadas em Carv.º no districto d'esta F. as ermidas de S. Sebastião e S. Romão [2].

No districto da F. de S. Miguel não menciona o dito auctor ermida alguma, mas sim o conv.º dos Trinos com a inv. da Santissima Trindade, fundado por el-rei D. João I em 1400 segundo J. B. de Castro, ou em 1410 segundo o

[1] Na *Cintra Pintoresca* vem Courel na F. de S. Miguel e Lourel na F. de Santa Maria.

[2] O casal ou quinta de S. Romão vê-se no mappa topographico.

mesmo Carv.º e reedificado ou antes edificado de novo e em differente, mas proximo, local em 1572.

Na cerca d'este ext.º conv.º havia a notar algumas pequenas ermidas e capellas, que foram habitações de antigos anacoretas; o *Penedo das Pombas* e a *Lapa das Lagrimas*.

S. Pedro de Penaferrim, antigamente chamada de Cannafelim (Canaferrim segundo diz o sr. V. de Juromenha), vig.ª da ap. da mitra segundo Carv.º, prior.º da mesma ap. segundo o *D. G. M.* Hoje é prior.º

Compr.e esta F. os log.es de S. Pedro de Penaferrim, = Chão dos Meninos, Ranhollas, Val de Porcas, Mem Martins, Algueirão, Sacotes, Casaes, Abrunheira, Linhó, Manique de Cima [1], Albarraque [2]; os casaes de Val de Milho, Fanares de Cima, Fanares de Baixo, Barroca, Bernardos [3], Caparota, Castanheiro; e as q.tas de Ramalhão, Q.ta de Baixo, Penha Longa, Ribeira de Penha Longa, Costa do Pó, Minarvella, Covello ou Cobello, Fanares, e o Real Parque da Pena.

P...	C............		
	A............	547	
	E. P..........	525.............	2480
	E. C..........................		

O conv.º da Pena, de religiosos da ordem de S. Jeronymo, da inv. de Nossa Senhora da Pena, foi fundado por el-rei D. Manuel muito depois do de Penha Longa da mesma ordem.

No seculo XIV já existia no mesmo local uma ermida de

[1] Na *Cintra Pintoresca* vem Manique de Cintra, julgamos ser erro de impressão.

Pelo mappa topographico parece que deve tambem pertencer a esta F. o L. de Manique de Baixo.

[2] Parece que deve ser alguma parte sómente do dito L. pois que o L. de Albarraque vem na F. de Rio de Mouro, onde no mappa se vê o signal indicativo da egreja parochial da mesma F.

[3] Bernardas na *Cintra Pintoresca*.

Nossa Senhora, e eram os nossos soberanos muito affeiçoados áquelle sitio pittoresco; D. Manuel mandando cortar a rocha fez um terrapleno, onde se levantou habitação de madeira para os monges e em 1511 se começou a obra de cantaria: illustra este edificio um precioso retabulo de jaspe branco e preto, extraido da mesma serra, obra de um estatuario francez, chamado Nicolau.

Vendido o conv.º e cerca, depois da extincção das ordens religiosas, foi felizmente comprado por sua magestade el-rei D. Fernando, que o transformou em lindo palacio acastellado no estilo mixto ou godo-arabico. Fica na elevação maxima de 529^{m}, 3^{k} ao S. da V.ª de Cintra pelo rodeio da serra, e $1\,^{1}/_{2}{}^{k}$ para O. S. O. de S. Pedro de Penaferrim.

As bellezas naturaes do palacio e q.^{ta} da Pena são tantas, tão numerosos os primores da arte, que sua magestade o sr. D. Fernando tem reunido n'esta vivenda verdadeiramente real, que a descripção seria incompleta e deficiente, comprehendida nos limites a que nos obriga o plano geral d'esta obra.

Os amadores do que é bello e grandioso devem ir ver e admirar os prodigios que ali tem operado o gosto, a perseverança e a liberalidade; pois não ha duvida que os centenares de contos de réis que nas continuas obras se despendem, se por um lado revertem em goso para o proprietario, tambem por outro dão trabalho a muitos operarios e sustento a muitas familias.

O chamado *Castello dos Mouros* fronteiro ao cabeço da Pena e annexo ao palacio real e quinta, como propriedade que tambem é de sua magestade o sr. D. Fernando, está renovado no interior, e exteriormente arborisado e ajardinado, constituindo hoje um bellissimo passeio. Ainda ali se vêem os restos da mesquita mourisca. O sr. V. de Juromenha descreve na obra já citada o primitivo edificio, as ruinas que soffreu pelo correr dos tempos, e diz quanto da sua historia foi possivel saber.

A *Cruz alta* quasi 1^{k} ao S. do mais alto cabeço da Pena

e na mesma altura (529^{m}) nunca deixará de ser visitada pelos curiosos que vão a Cintra. Gosa-se d'ali, em dias claros, a mais encantadora vista.

A q.^{ta} do Ramalhão, sit.^{a} 1^{k} para S. E. de S. Pedro de Penaferrim, com ant.^{o} parque e paço real, pertenceu á casa das rainhas: pela extincção d'esta casa foi vendida, passando então a ser propriedade do par do reino José Izidoro Guedes (V. de Valmôr).

A q.^{ta} é obrigado passeio dos entendedores que visitam Cintra, e não faltam ali belezas naturaes e artificiaes para ver e admirar; fica proxima da estr.^{a} de Lisboa a Cintra.

O L. de Linhó ou Linhól está sit.^{o} 2^{k} para S. O. da estrada de Lisboa, em terreno viçoso, regado de copiosas aguas que se precipitam da serra; fica 3^{k} para o S. de S. Pedro de Penaferrim.

Sobre esta planicie 1 $^{1}/_{2}$^{k} para O. S. O. de Linhó, se ergue uma longa fileira de rochedos, e um enorme posto a pino, em cujo vertice poseram os frades do ext.^{o} conv.^{o} de Penha-longa (nome que tomou d'esta comprida rocha [1]) uma cruz de que ainda se vêem restos: a este maior rochedo (a 349^{m} de altura), chama o povo o *Penedo dos Ovos*.

O conv.^{o} de Penha-longa, da inv. de Nossa Senhora da Saude e da ordem de S. Jeronymo, foi fundado em 1400. Tomou o nome da sobredita extensa rocha e teve ao lado um antigo palacio ou hospedarias, como lhe chama o sr. V. de Juromenha, onde por vezes habitaram el-rei D. Manuel e outros principes e fidalgos.

D. Manuel, D. Sebastião, o cardeal D. Henrique, e o infante D. Luiz, todos fizeram reparações e acrescentamentos no conv.^{o}, e D. Pedro II mandou reedificar as ditas hospedarias.

A egreja é bello templo e o claustro e cerca do convento tinha algumas curiosidades, o *Tanque dos Adens*, as fontes

[1] E comtudo em varios auctores antigos e na *Cintra Pintoresca* do sr. V. de Juromenha encontramos o nome de Peralonga.

de *Moisés*, das *Lagrimas* e da *Porca*, sendo a agua d'esta ultima mui recommendada nas doenças de bexiga.

Egreja, convento, palacio e quinta foi tudo vendido como bens nacionaes.

Menciona Carv.º n'esta F. de S. Pedro de Penaferrim as ermidas de S.ᵗᵃ Eufemia, S. Braz, S. Sebastião, S. Sadurninho e Nossa Senhora da Peninha, com imagem milagrosa e de muita romagem.

A egreja de Nossa Senhora da Peninha, uma legua a S. S. O. de Collares, foi edificada para substituir uma ermida que memorava, segundo se diz, a apparição de uma imagem da Virgem sobre aquelle alto pincaro (486^{m}), apparição que tem tambem a sua lenda maravilhosa, que os curiosos poderão ler na *Cintra Pintoresca* do sr. V. de Juromenha, pag. 170 a 173.

Perto da Peninha (1^{k} para N. N. O.) ha um alto pincaro chamado *Adre nunes*, sobranceiro ao Cabo da Roca, sobre o pincaro se levanta um *dolmen*, e sobre este monumento celtico uma das piramides da triangulação de Reino (421^{m}).

Esta noticia é do sr. Vilhena Barbosa e vem transcripta nos *Monumentos Prehistoricos* do sr. dr. F. A. Pereira da Costa.

Tem a V.ª casa de misericordia e hospital.

A egreja da misericordia foi fundada durante a regencia da rainha D. Catharina, avó de D. Sebastião; outros porém dizem ser fundação d'el-rei D. Manuel.

Entre os edificios civis da V.ª de Cintra occupa o logar de honra o palacio real, que segundo a tradição já existia em tempo dos mouros, qualquer que fosse a sua denominação e o seu destino.

Carv.º e outros auctores o dizem fundado por D. João I; ou antes reedificado diz o sr. V. de Juromenha, porque a doação feita pelo d.º soberano ao conde de Cêa e de Cintra D. Henrique Manuel de Vilhena, diz *que aquelles paços são doados com os direitos com que os haviam os reis que ante nós foram.*

Parece, diz o *D. C.*, que o referido monarca readquiriu

os direitos a estes paços por um modo qualquer, visto que os reedificou e augmentou, habitando ali por vezes no verão.

Do seu tempo é a sala dos *crimes,* a da *audiencia* e a das *pêgas,* por ter o tecto pintado todo de pêgas, com a legenda *por bem.*

É tradição que tendo o rei n'esta sala abraçado ou beijado uma dama, foi visto, e reparando elle que tinha sido observado disse *por bem,* querendo denotar a nenhuma malicia da intenção; o caso porém foi dentro em pouco o assumpto da conversação das damas que umas a outras repetiam rindo o *por bem;* e tendo chegado isto ao conhecimento do soberano mandou pintar assim o tecto, querendo significar pelas pêgas aquellas linguas palradoras. Com outras pequenas variantes contam alguns auctores o caso.

Nasceu n'este palacio D. Affonso v, em 15 de junho de 1432 e falleceu no mesmo quarto em que nascera em 28 de agosto de 1481.

El-rei D. Manuel foi quem mandou fazer a sala das armas ou brazões, onde se vêem 72 veados, do collo dos quaes pendem outros tantos escudos dos brazões das principaes familias portuguezas.

Os que visitam este palacio não deixam de ir ver a sala que serviu de prizão ao infeliz D. Affonso vi e de observar os tijolos com os vestigios de seus passos.

O paço real de Cintra, onde dizem existe um fogão com baixos relevos do immortal Miguel Angelo, está contiguo á praça principal da V.ª, da qual o separam o portico e muros ameiados do pateo, que é para onde deita a fachada principal do mesmo palacio.

Na d.ª praça ergue-se o pelourinho gothico de pedra lavrada com variados desenhos, e que se julga ser do reinado de D. Manuel. Em frente estende-se uma alpendrada sustida por collumnas, obra moderna; é onde se faz o mercado.

Na mesma praça está a cadeia civil.

Nas costas da praça e em frente do paço real ergue-se magestosamente a serra de Cintra.

Á entrada da V.ª, em sitio aprasivel, está sit.º o bello palacio e agradavel q.ᵗᵃ do sr. M. de Vianna, com um bello jardim, grandioso lago e muitos ornatos e primores tanto naturaes como artisticos.

Dois caminhos conduzem de Cintra a Collares, um pela parte superior da povoação, passando pela boa hospedaria do Victor e por baixo do arco que separa os dois corpos do palacio do M. de Pombal; o outro partindo do centro da V.ª e deixando á esquerda o d.º palacio, vae juntar-se com o primeiro no sitio dos Pisões onde ha a notar a fonte dos Pisões de agua frigidissima e uma bella cascata formada pelos rochedos.

Ainda mencionaremos nos arredores da pittoresca V.ª de Cintra duas coisas: devemos a noticia da 1.ª ao *D. C.* de J. A. de Almeida e a 2.ª ao *D. G.* do sr. P. L.

A *Sapa* na estrada de Lisboa e pouco antes da entrada da V.ª, casa de modesta apparencia, mas de celebre nomeada pelas excellentes queijadas tão conhecidas e apreciadas em Lisboa.

A *Villa Estephania*, pequena povoação 1^k a E. de Cintra: a qual já em 1874 tinha 10 fogos, como nos informa o dito *D. G.*, e hoje tem muito mais.

Cintra recolhe de seus ferteis arredores muito trigo, centeio e milho, legumes, hortaliças, frutas, especialisando entre estas os abrunhos, limões doces, maçans e camoezes: tem abundancia de gado e de caça e tambem é provida de peixe tanto de Cascaes como da Ericeira. É abundantissima de frescas e excellentes aguas.

Tem feira annual de 3 dias, começando em 13 de junho, no sitio de Penhalonga; e outra tambem de 3 dias, começando em 29 do d.º mez, em S. Pedro de Penaferrim.

Tem estação telegraphica.

Tem este concelho:

Superficie, em hectares	32193
População, habitantes	20766
Freguezias, segundo a *E. C.*	10
Predios, inscriptos na matriz	22410

Segundo a maioria dos nossos auctores antigos deve a V.ª de Cintra[1] os principios de sua povoação e o seu nome a um templo que o gentilismo elevou na serra á deusa *Cinthia* (dizem ser o symbolo mythologico da lua e por isso correspondente á Diana dos povos da Grecia); não concordam porém os mesmos auctores quanto aos nomes dos povos que edificaram este templo, uns os dizem gregos outros celtas ou turdulos.

Seguindo esta V.ª o destino geral do paiz, esteve sujeita aos romanos, depois aos povos invasores do norte da Europa, mais tarde aos arabes, aos quaes a tomou D. Affonso VI de Leão em 1074 ou 1080; recaíu em poder dos infieis e a libertou pouco depois o conde D. Henrique em 1109: ainda a subjugaram os mouros, mas livrou-a para sempre do jugo sarraceno el-rei D. Affonso Henriques em 1147, o qual a reedificou e engrandeceu.

Este soberano lhe deu foral em 1154, confirmado por D. Sancho I em 1189; e el-rei D. Manuel lhe deu novo foral em 1514.

El-rei D. Diniz doou a V.ª de Cintra a sua esposa a rainha S.ᵗᵃ Izabel, e depois se conservou, quasi sem interrupção, na casa das rainhas.

Tem por armas uma torre de prata sobre penhascos, em campo verde. Este brazão é o do livro dos brazões da Torre do Tombo.

O sr. V. de Juromenha diz ter por armas um castello com 3 torres.

Foi titulo de condado, por mercê de el-rei D. Fernando a D. Henrique Manuel de Vilhena, alcaide mór do seu castello; mercê que parece confirmou depois D. João I.

[1] Segundo os documentos que cita o sr. V. de Juromenha, antigamente se dava á V.ª o nome de Sentra, que ainda tinha no reinado de D. Diniz.

COLLARES

(4)

Ant.ª V.ª de Collares na ant.ª com. de Torres Vedras.

Em 1840 pertencia esta V.ª ao conc.º de Collares, ext.º pelo decreto de 24 de outubro de 1855, pelo qual passou ao de Cintra.

Está sit.ª em agradavel e ameno valle, chamado a Varzea de Collares, na falda da serra de Cintra, 200 ^{m} para S. O. da ribeira das Maçans ou de Collares. Dista de Cintra 6 ^{k} para O.

Tem uma só F. da inv. de Nossa Senhora d'Assumpção, reit.ª que era da ap. da mitra.

Compr.e esta F., além da V.ª, os log.es de Almoçageme, (L. de mais população do que o de Collares), Alto, S.to André, Atalaia, Azenhas do Mar, Azoia, Boca da Matta, Cazas Novas, Eguaria ou Euguaria, Gigaroz ou Gegaro, Mucifal (Monfal na *Cintra Pintoresca?),* Murraçal, Pedra Firme, Penedo, Sarrazola, Sellão (Cellas na *Cintra Pintoresca?),* Serra, Ulgueira ou Olegueira, Vinagre; as q.tas de Volta, Bella Vista, Palena, Peixoto, Agua Ferrea, Carem, Boca da Matta, Espia, Marcolino, Arriaga, Pé da Serra, Cazal, Urca, Sarrazola, Covão, Canastra, Pedra Firme, Bulhões, (Bulhocos, na *Cintra Pintoresca),* Conde, Rio de Milho (no mappa rio do Minho, mas é erro), Cruz, Pomposo, Rio de Touro, do Alto, Espogeiro, Milides: e outras menores pois só menciona as principaes a *E. P.*, e tambem se não encontram mais nomes de q.tas no mappa topographico; mas sim o L. de Rodizio (proximo á foz da ribeira de Collares) que tambem vem na *Cintra Pintoresca* e deve pertencer a esta F.

Vem mencionados em Carv.º os log.es (alguns dos quaes chama q.tas a *E. P.*) de Azoia, Olgueira, com uma ermida de Nossa Senhora da Conceição; Almoçageme de Cima, Almoçageme de Baixo, com uma ermida de S.to André (L. de S.to Andre na *E. P.*) Casas Novas, o Alto, Pé da Serra; e a q.ta da Cruz: Penedo, com uma ermida de S.to Antonio;

Boca da Matta, Gigarós, Goiria (Eguaria na *E. P.*), com uma ermida de Nossa Senhora da Graça, Vinagre, Mocifal, Assenhas do Mar, Covão, Sarrazola, com uma ermida de Nossa Senhora da Ajuda: e muitas q.^{tas} de grande rendimento e recreação, entre as quaes é a mais nobre e magestosa a de Diniz de Mello e Castro (provavelmente a que chama q.^{ta} do Conde a *E. P.*, por vir a pertencer depois á casa dos C. das Galveias, que era um dos ramos d'esta illustre familia).

O *D. G.* do sr. P. L. menciona a q.^{ta} de Rio Milho, que diz possue a mais gigantesca rozeira do Japão que se conhece na Europa.

«É tradição, diz o sr. V. de Juromenha ter em antigos tempos occupado o mar os terrenos que ficam ao N. de Collares entrando pela ribeira das Maçans (então navegavel); e os nomes de alguns logares provam não ser destituida de fundamento esta conjectura tradicional.»

P...	C.	356	
	A.	996	
	E. P.	886.	3786
	E. C.		2980

A egreja parochial de Nossa Senhora da Assumpção é um bom templo.

Antes da extincção das ordens religiosas em Portugal havia n'esta V.^{a} um conv.^{o} de Carmelitas calçados, da inv. de Sant'Anna, fundado em 1457 segundo Carv.^{o}, em 1450 segundo J. B. de Castro [1].

Menciona tambem Carv.^{o} as ermidas de S. Sebastião, S. Miguel e Nossa Senhora de Melides, a qual conforme a lenda que se encontra na *Cintra Pintoresca* do sr. V. de Juromenha deveria ser de Mil-ides, e Milides se chama ainda uma das q.^{tas} designadas na *E. P.*

[1] Parece que esta data, segundo o que nos diz o sr. V. de Juromenha, é a da fundação de uma ermida onde os religiosos começaram a rezar os officios divinos, pois o conv.^{o} se fundou em differente local, em época ainda posterior á que lhe assigna Carv.^{o}

Collares teve antigo castello, o qual vindo a pertencer a Diniz de Mello e Castro, bispo que foi de Leiria e da Guarda, este o converteu em palacio, pelo gosto que fazia em viver n'esta V.ª A propriedade passou aos seus herdeiros. A quinta annexa parece ser a do Conde em a qual já fallámos.

Cintra e Collares são em certo modo rivaes; Cintra apresenta para defender sua primazia, a tradição historica, as decorações da arte, a sublimidade das vistas; Collares encanta-nos com a graça e singeleza de suas lindas paizagens.

D'estas é uma das principaes a Rua-fria, a qual corre entre viçosos pomares até á *varzea.*

Pela varzea se desliza o rio das Maçans até reunir suas aguas em uma represa chamada *Tanque da Varzea,* logar delicioso onde é perpetua a primavera.

A Matta, denso bosque de castanheiros sobranceiro á V.ª, rodeada de bellas q.tas

Praia das Maçans, ameno passeio, mui frequentado em tempo de banhos.

Tambem são frequentados como curiosidades naturaes o *Fojo,* $1\frac{1}{2}^{k}$ a O. N. O. de Almoçageme, abismo aberto na rocha, a modo de funil, onde penetra o mar subterraneamente com medonho estampido.

A *Pedra de Alvidrar,* enorme rochedo de superficie lisa e quasi perpendicular sobre o Oceano: por ali descem comtudo os pobres habitantes das visinhanças para ganharem alguns ceitis, com que os predilectos da fortuna compram o barbaro prazer de os ver descer.

O Cabo da Roca, 3^{k} a S. O. de Almoçageme e $5\frac{1}{2}^{k}$ a O. S. O. de Collares.

Recolhe a V.ª de Collares de seus amenos e fertilissimos vergeis abundancia de todos os fructos; muita fructa, especialisando-se os abrunhos, limões doces, maçans e camoezes, e bem assim muita e excellente laranja de que faz grande exportação.

Todos conhecem o seu famoso vinho tinto, semelhante ao melhor Borgonha, que exporta para todo o reino e ainda para fóra.

Luiz Mendes de Vasconcellos em sua obra *Sitio de Lisboa* (1608) diz que a fructa de Collares pagava annualmente de siza 1 conto de réis: e Fr. Nicolau de Oliveira no seu livro *Grandezas de Lisboa,* diz que annualmente vinham para a cidade, só da ribeira de Cintra e Collares vinte mil cargas de laranjas, limões, cidras, peras, maçans e cerejas.

Em aguas é abundantissima, brotando de innumeraveis fontes.

O nome de Collares foi dado a esta V.ª segundo a opinião de alguns auctores, pelos dois *collos* ou gargantas entre os quaes o seu valle se estende; outros porém lhe dão differentes etymologias, mas que não assentam em provas sufficientes, e mesmo parecem fabulosas como diz o sr. V. de Juromenha.

Em Collares nasceu o celebre antiquario D. Jeronymo Contador de Argote.

Ignora-se quem fundou esta V.ª, mas é antiquissima e já existia no tempo dos romanos como attestam muitas medalhas e inscripções que se tem encontrado. (Vej. a *Cintra Pintoresca,* pag. 192 a 201).

Tambem se ignora, diz o sr. V. de Juromenha, como passou do dominio dos mouros para o dos christãos, mas parecenos que não seria em época mui distante da tomada de Cintra por D. Affonso Henriques.

Foi doada por D. João I, em 1385, ao grande condestavel, e passou aos seus descendentes, até que pertencendo á infanta D. Beatriz mãe d'el-rei D. Manuel, reverteu para a corôa.

O sr. V. de Juromenha diz que o 1.º foral d'esta V.ª é de el-rei D. Diniz, de 16 de maio de 1255; porém, com o respeito devido a tão illustre escriptor, parece-nos haver aqui engano ou erro de impressão, pois em 1255 governava D. Affonso III, e segundo o *D. G.* do sr. P. L. foi este soberano quem concedeu o dito foral. Teve novo foral de el-rei D. Manuel de 10 de novembro de 1516.

Tinha um castello antigo, origem talvez das armas da V.ª que são um castello entre arvores. Hoje está no local

em que existia o dito castello um bello palacio que tem annexa uma formosa q.ta, segundo nos informa o sr. P. L. no *D. G.*

LAMPAS

(5)

Ant.a F. de S. João das Lampas, orago S. João Baptista, cur.o da ap. do cabido da sé de Lisboa, segundo Carv.o, vig.a da ap. da mitra segundo o *D. M. G.*, no T. de Cintra. Hoje é prior.o

Está sit.o o L. de *S. João das Lampas* em campina, uma legua para E. da costa do mar. Dista de Cintra duas leguas para o N.

Compr.e mais esta F. os log.es de Odrinhas, Assafora, Fontanellas (grande L.), Tojeira, Bolembre, Magonte, Bolelas (na *E. P.* e no mappa, mas na *Cintra Pintoresca* vem Bolelos), Montarroio, Barreira, Alvarinhos, Cabeça, Peroleite (Porlete no mappa), Machieira (Moucheira no mappa e na *Cintra Pinturesca*), Serrados, Arneiro d'Arreganha, Seixal, Cortezia, Contrivana ou Catrivana, Coval, Gouveia, Pernigem, Arneiro dos Marinheiros[1], Chilreira, Codeceira, Alfaquiques, Concelho, Ribeira; os casaes de Ventoso, Zambujal; e as H. I. de Morreravia, Cascarria.

Vem mencionados em Carv.o os log.es de Odrinhas, Barreira, Alvarinhos, Ventoso, Seixal, Pero-leite, Azambujal, Assafora, Cortezia, Catrivana, Magonte, onde ha um forte do mesmo nome do L., Tojeira, Bolembre, a Cabeça, Montarroio, Bulellas (provavelmente o de Bolellas da *E. P.*), Alfaquiques, Codiceira, Chilreira, Fontenellas e Gouveia.

[1] Na *Cintra Pintoresca* vem mencionados Arneiro dos Marinheiros e Arieiro da Arreganha; este não vem no mappa topographico: mas parece-nos que deverá tambem ser Arneiro da Arreganha, conforme a *E P.* No mappa vê-se um L. de Arneiro entre o rio de Cheleiros e a ribeira do Falcão, ignoramos se este será o de Arreganha.

P...	C.		
	A.	635	
	E. P.	696.	2842
	E. C.		2660

MONTE LAVAR

(6)

Ant.ª F. de Nossa Senhora da Purificação de Monte Lavar ou Monte Lavôr, cur.º Annexo ao prior.º de S. Miguel de Cintra e da ap. do prior, segundo Carv.º e *D. G. M.*, no T. de Cintra. Hoje é F. independente com o titulo de prior.º

Está sit.º o L. de *Monte Lavar* 3^k ao S. do rio de Cheleiros. Dista de Cintra 11^k para N. E.

Compr.ᵉ mais esta F. os log.ᵉˢ de Fação ou A do Fação, Fação d'Além, Covões, Cabecinha, Cortegaça, Palmeiros, Casal de S. Miguel, Paço de Morelena, Morelena ou Morlena, Casaes das Vivas, Casal da Cabra Figa, Casal dos Gosmos, Casal do Condado, Pé da Serra, Pero Pinheiro, Urmal ou Ormal, Maceira, Rebanque ou Arrebanca, Casal da Ermida, Deguche, Anços, Barreiros, Ribeira do Farello, Ribeira dos Tostões, S. João das Covas, Casal da Abegoaria, Casal d'Alfouvar ou d'Alfavar, Azenha de Pedra Furada, Casal da Cabeça, Granja dos Serrões, Granja da Nazareth (vulgo do Marquez).

Vem mencionados em Carv.º os log.ᵉˢ de Monte Lavar com uma ermida do Espirito Santo e um hospital, Morelena com uma ermida de Nossa Senhora da Conceição na q.ᵗᵃ de Miguel Rebello, Pero Pinheiro, Pé da Serra, o Condado, Maceira, Arrebanque, Ribeira dos Tostões (que na *E. P.* vem com o nome de Ribeira dos Dez Tostões), Anços, Urmal, Cortegaça com uma ermida de Nossa Senhora da Salvação, e a q.ᵗᵃ da Granja com uma ermida de Nossa Senhora da Nazareth, a qual fundou Jacome da Costa Loureiro e a acabou no anno de 1701 (a *E. P.* diz chamar-lhe o vulgo Granja do Marquez).

P...	C..........		
	A..........	531	
	E. P.........	532.............	2244
	E. C..........................		2355

Tem duas feiras annuaes, uma na 1.ª oitava da Pascoa, e outra a 21 de setembro.

No L. de Pero Pinheiro ha bellissimos marmores brancos, vermelhos, azues e amarellos, que não só tem applicação nas melhores obras da capital, mas são exportados para o Brasil. Fica este L. na estr.ª de Mafra.

RIO DE MOURO

(7)

Ant.ª F. de Nossa Senhora de Belem de Rio de Mouro, cur.º Annexo á F. de S. Pedro de Cintra, segundo Carv.º e a *E. P.* (parece que passou depois a ser da ap. dos freguezes), no T. de Cintra.

Está sit.º o L. de *Rio de Mouro*[1] na estr.ª real de Lisboa a Cintra. Dista de Cintra 7^{k} para E. S. E.

Compr.º esta F. os log.es, casaes, q.tas e H. I. seguintes, com os fogos que lhes vão designados:

Rio de Mouro 46, Covas 30, Sarradas 15, Albarraque 26, Paiões (Pavões, na *Cintra Pintoresca*) 30, Francos 24, Asfamil 12, S. Marcos (com uma ermida) 15, Cacem (grande L.) 39, Pexelegaes 22, Charqueirão 2, Moncorvo 10, Varge Mondar 3, Cabra Figa 4, Varge Meirinho 2, Rinchôa 13, Mereis 7, Masqueiro 3, Ribeira das Enguias 3, Baratã 6, Recoveiro 3, Melessas 3; casaes—Urmeiro 1, Val Mourão 1, Val Novo 1, Cova da Onça 1, Marmello 1, Matta 1, Penedo 1, Campos Velhos 1, Fitarés 1, Casaes da Serra 3; q.tas—Azenha 1, Pinheiro 1, Estribeira 1, Barroca 1, Telhal 1; H. I.—Almargem 1.

[1] 2^{k} a O. S. O. do L. de Rio de Mouro, é onde vem o signal indicativo da egreja parochial no mappa topographico; porém a *E. P.* diz ser mesmo em Rio de Mouro.

NB. Os primeiros 10 log.^{es} tem as casas todas reunidas, nos outros estão espalhadas.

P...	C..........			
	A..........	381		
	E. P........	336	....	1496
	E. C...........................			1301

«Ha n'este sitio, diz o sr. V. de Juromenha, optimas aguas ferreas, e na sua proximidade existe uma mina de jacinthos, os quaes com facilidade se colhem á superficie da terra quando revolvida no tempo da lavoura e dos quaes colhemos alguns, que lapidados mostraram côr resplandecente, ainda que alguma cousa carregados.»

A *Geographia Commercial e Industrial* do sr. João Felix, diz haver n'esta F. fabrica de fazendas. Provavelmente é de estamparia de algodões.

TERRUGEM

(8)

Ant.^{a} F. de S. João Degollado (orago a Degollação de S. João Baptista), cur.^{o} Annexo ao prior.^{o} de Sta Maria de Cintra e depois prior.^{o} da casa da rainha, no T. de Cintra. Hoje é F. independente com o mesmo titulo de prior.^{o}

Está sit.^{o} o L. da *Terrugem* 8^{k} a E. da costa do mar. Dista de Cintra 7^{k} para N. N. E.

Compr.^{e} mais esta F. os log.^{es} de Alpolentim, V.^{a} Verde (grande L.), Alcolombal ou Alcombral, Lameiras, Armez ou Armeis, Ribeira, Morganhal ou Murganhal, Almorquim. Funxal ou Funchal, Faião (Fajão na *Cintra Pintoresca*), Silva, Cabrella, Casaes, Carne Assada, Goudigana ou Godigana, Tojeira ou Toja, Pipo, Fervença, Sequeiro ou Sacario, Bom, Bacias ou Cacias, Urmeiro, Paço, Ligeira, Valle, Moleirinhas, Costa de Chelleiros, Alparrel, Gandra (Granja na *Cintra Pintoresca*).

Vem mencionados em Carv.^{o} os log.^{es} de Almurquim, Faião, Cabrella, Silva, V.^{a} Verde, Funchal.

P...	C..........			
	A..........	304		
	E. P........	316..............		1311
	E. C.........................			1292

NB. Julgamos dever advertir que os nomes dos log.^{es} das differentes FF. do conc.^{o} de Cintra, taes como vem na *Cintra Pintoresca* do sr. V. de Juromenha, nem sempre são os mais exactos, talvez por erros de impressão que deixassem de ser mencionados na tabella das erratas. Só indicámos n'este trabalho aquelles dos ditos nomes que diferindo da *E. P.* ou do mappa topographico, ficavamos comtudo em duvida se eram os verdadeiros.

CONCELHO DE GRANDOLA

(o)

ARCEBISPADO DE EVORA

COMARCA DE ALCACER DO SAL

AZINHEIRA DOS BARROS

(1)

Ant.ª F. de Nossa Senhora da Conceição, sit.ª na Aldeia dos Bairros, segundo Carv.º, Nossa Senhora da Conceição da Azinheira no *D. G. M.*, da ap. da ordem de Sant'Iago e depois do arceb.º de Evora, no T. da V.ª de Grandola.

Em 1862 estava annexa a esta F., segundo a *E. P.*, ou está ainda para os effeitos espirituaes sómente, a F. de S. Mamede do Sadão com 70 fogos, 200 habitantes.

Está sit.ª a Aldeia dos Barros ou dos Bairros (pelo titulo da F. parece estar a egreja parochial no casal da Azinheira desde 1758 ou pouco tempo antes) na ponta da serra de Grandola, uma legua a O. da m. e. do Sado.

Dista de Grandola 4¹ para S. E.

Compr.ᵉ esta F. as aldeias, casaes, herdades e moinhos seguintes:

Aldeias—Aldeia dos Barros, Tojeira, Palhotas da Ribeira.

Casaes—Azinheira, Val de Carrasco, Horta Nova, Barradinha de Achadas, Hortas, Algedas, Brunhal, Brunheira de Cima, Sobreira das Barras, Lagôa dos Barreiros, Boa Vista, Val do Pocinho, Atalainha, Casa Nova da Atalaia, Asneirinho das Courellas, Fonte do Cabo, Caniceira, Lago,

Nascedios do Outeiro, Barradinha, Casa Velha, Monte Seco, Monte dos Mattos, Palhota, Libernas, Casas Novas da Panasqueira, Barradinhas, Estremas, Espinhaço.

Herdades—Corte Vasio de Baixo, Corte Vasio de Cima, Sesmarias, Monte dos Pinheiros, Cabaços, Monte das Figueiras, Vargem de Gallegos, Asencada, Aniza, Pedro Affonso, Barranco, Mascarenhas, Porto do Carro, Val de Joanna, Carvalhal, Aboicinhas, Azinhal, Achadas, Boiça, Monte dos Pexeiros, Brunheira de Cima, Brunheira de Baixo, Cabacinhos, Lavajos, Coriscos, Nicolau de Baixo, Nicolau de Cima, Cerca do Viso, Outeiro do Viso, Val d'Egua, Viso de Baixo, Viso de Cima, Monte da Palha, Aipo de Baixo, Aipo de Cima, Val da Corça, Cerqueira, Pedraes, Outeiro da Casa Grande, Casa Grande, Val da Boiça, Caxofarra, Serodios Loizal, Novo, Panasqueira, Monte dos Alhos.

Moinhos—Pisão, Novo, Vasquinho, Roubão, Pero Gaita, Piteira, Atalaia.

P...	C..........		
	A..........	240	
	E. P........	255...............	897
	E. C..........................		787

«A maior parte d'esta F. (diz o *D. G.* do sr. P. L.) cujo territorio é muito extenso, se compõe de matagaes, onde se criam muitos lobos, raposas, coelhos, lebres, perdizes. Tem tambem abundancia de pasto, por isso cria bastante gado grosso e miudo.

«Produz muito trigo, centeio e cevada: do mais pouco. Tambem tem colmeias.»

GRANDOLA

(2)

Ant.ª V.ª de Grandola, na ant.ª com. de Setubal. Era da ordem de Sant'Iago.

Hoje é cab.ª do actual conc.º de Grandola.

Está sit.ª em planicie, a N. N. E. da serra de Grandola, sobre a ribeira Corona. Dista de Lisboa 17 $^{1}/_{2}{}^{l}$ para S. E.

Tem uma só F. da inv. de Nossa Senhora da Assumpção prior.º que era da ap. da ordem de Sant'Iago.

Compr.º esta F., além da V.ª, que tem 311 fogos, segundo a *E. P.*, as herdades, montes (casaes), hortas e moinhos seguintes, com o total de 382 fogos:

Montes e herdades — Adeguinha, Afeital da Charneca, Afeital da Serra, Agua Derramada, Alcobaça, Aleidão de Cima, Aleidão do Meio, Aleidão de Baixo, Algares, Almarjães, Arneira de Cima, Arneira de Baixo, Arneira das Faias, Arneira do Incenso, Arneira do Paul, Arneirinha, Ameixieira, Apaul, Apaulinha, Arthur, Azinheira do Mosqueirão, Atalaia da Córte, Serrada, Atalaia das Milharadas, Atalaia da Guarita, Barradas, Barradas de Cima, Barradas da Figueira, Barranco do Aleidão, Barranco das Teixugueiras, Boa Vista ou Atalaia da Serra, Bouças, Bouças de Baixo, Borrazeiro, Brejinho de Longa, Brejinho do Mouro, Brejinho de Alcacer, Brejinho da Vinha, Cadouços de Cima, Canal, Campo, Canal de Baixo, Canal da Aldeia, Caniceira, Carrasqueira, Carvalho, Caveira, Casa Nova de Algeda, Casa Nova do Borrazeiro, Casa Velha, Casarões, Casollas, Cidrão do Arthur, Colmeal, Concelho, Corte Freire, Corte do Alto, Corte do Meio, Corte de Baixo, Corte Fundo de Cima, Corte Fundo do Meio, Corte Fundo de Baixo, Corte Gallego de Cima, Corte Gallego de Baixo, Corte Grande, Corte Grande de Cima, Corte Pequena de Cima, Corte Pequena de Baixo, Corte Quadrada, Corte Serrada de Cima, Corte Serrada de Baixo, Cortinha, Courellas, Ferrarias de Baixo, Ferrarias do Meio, Ferrarias de Cima, Figueira da Serra, Figueira de Cima, Figueirinha, Fontainhas, Fontainhas do Aleidão, Fonte dos Narizes, Fonte do Cortiço, Fontainha do Paul, Fontainha do Paul de Cima, Freixieira, Feixeirinha, Herdade de S. Lourenço, Juncalhinho, Lameiro, Lapas, Maceira de Cima, Maceira de Baixo, Malhada de Cima, Malhadaes, Martim Parreira, Maxieira, Milharados, Monchique, Monte Castro, Monte Novo d'Atalaia, Monte Novo d'Aboucinha, Monte da Estrada, Montinho, Mortaes, Murteiras de Cima, Murteiras do Meio, Murteiras de Baixo, Nicolau, Ni-

nho do Corvo, Outra Banda, Outeiro de V.ª, Outeiro Pellado, Padrões, Paschoal, Paixão, Pedraria, Pedras Alvas, Peso, Penedinhos, Penha, Penha (Nossa Senhora da), Pereira, Pernada do Marco, Pernicornea, Pisão do Freixo, Poceirão, Quinta Nova, Quintinha, Represa, Romaneiras de Cima, Romaneiras do Meio, Romaneiras de Baixo, Ribeira das Carinhas, Rosmaninhal, Rosmaninho, Seiceira, Sernada, Sesmarias das Moças, Silha do Centeio, Silha do Paschoal, Silveiras, Silveiras de Cima, Silveiras de Baixo, Taganhal, Tarrazães, Tarrafeiros, Tarrafeirinhos, Val de Coelheiros, Val do Gavião, Val de João Loureiro, Val de Marco, Val de Martim, Affonso de Cima, Affonso do Meio, Affonso de Baixo, Val de Moinhos, Val da Palha, Val do Poço, Val do Rozal, Val das Sobreiras, Val de Soldados, Val de Vidal, Vargem Redonda, Venda Nova, Zambujal, Zambugeiras de Cima, Zambugeiras de Baixo; hortas—do Arneiro, das Pontes, do Mineiro, do Sande, de Repreza, Velha, Corte Pequena; moinhos—de Baixo, de Cima, de Vento, da Diabroria, da Ponte.

P...	C..........	(250 na V.ª, 550 no T.)	
	A..........	575	
	E. P........	693..............	2590
	E. C..........................		2329

Tem esta V.ª, diz Carv.º, 5 fortalezas em cruz, sendo a principal, a do meio, a egreja parochial de Nossa Senhora da Assumpcão (antes chamada Nossa Senhora da Abendada) e as outras 4, correspondendo aos 4 pontos cardeaes, as egrejas de S. João Baptista, S. Domingos, S. Sebastião e S. Pedro: serve de armazem de mantimentos d'estas fortalezas a santa casa da misericordia, acudindo ás necessidades dos pobres.

Consta a V.ª de 5 ruas bem alinhadas, e algumas travessas com varios edificios nobres e bem construidos.

No T. ha bastantes curiosidades naturaes.

O pégo de Garcia Menino no rio Sado, onde se pescam tainhas de boca vermelha todo o anno.

O olho d'agua de que se fórma o rio Arcão, a ponte dos

Eivados, lagôa Diabroria e cascata do Borbolegão, já foram mencionadas quando descrevemos o rio Arcão.

No valle das Coelheiras sóme-se a agua do rio por baixo da terra e reapparece em Pero Gallego.

Recolhe abundancia de cereaes, frutas, vinho, azeite e linho: tem muitos gados e muitas colmeias.

Nas aguas do T. d'esta V.ª se nota um grande phenomeno. As que brotam das vertentes da serra dos Algares para a parte do S. são excellentes, e as que brotam das vertentes que ficam para o N. não ha quem as possa beber de ruins, e algumas nem erva deixam crear por onde passam. Para este lado do N. encontra-se muito escumalho de minas, que foram antigamente exploradas pelos romanos.

Tem feira annual no ultimo domingo de agosto.

Tem este concelho:

Superficie, em hectares....................	82910
População, habitantes......................	5553
Freguezias, segundo a *E. C.*...............	5
Predios, inscriptos na matriz...............	1829

Grandola era uma das 4 V.as mais principaes da antiga comarca de Setubal, pertencia como já dissemos á ordem de Sant'Iago, e foi elevada á categoria de V.ª e teve foral, dado por D. João III a instancias do mestre D. Jorge, em 1543. Foi comm.ª dos D. de Aveiro, que depois passou ao M. de Ferreira e á casa de Cadaval.

Tinha alcaide mór que era em 1708 o C. de S.ta Cruz.

Havia antigamente n'esta V.ª um deposito commum de trigo e centeio para acudir á pobreza.

No sitio onde se exploraram outr'ora as minas encontrou um lavrador uma moeda de prata, do imperador Aureliano. No sitio da egreja de Nossa Senhora da Penha de França, se encontraram 5 ferros de lanças e um pedaço de ouro do feitio de eixo de carro. Em Corte Gallego ainda se vêem restos de uma fortaleza e canos para conducção d'agua.

Tem por brazão d'armas a cruz da ordem de Christo em campo branco.

MELIDES

(3)

Pelo decreto de 22 de dezembro de 1870 passou esta F. para o concelho de Sant'Iago de Cacem.

Ant.ª F. de S. Pedro de Melides, cur.º da ordem de Sant'Iago, da qual o cura era freire professo, no T. da V.ª de Sant'Iago do Cacem.

Em 1840 pertencia esta F. ao conc.º de Sant'Iago de Cacem.

Passou ao conc.º de Grandola pelo decreto de 24 de outubro de 1855.

Está sit.ª a *Aldeia de Melides* uma legua a E. da costa do Oceano.

Dista de Grandola 4^1 para O. S. O.

Compr.ᵉ mais esta F. as H. I. chamadas Paul da Comporta, Ribeira do Norte, Ribeira do Sul, Val de Figueiras, Queimadas, Fontainhas, Mortaes, Botinhas.

P...	C...........	900	
	A...........	422	
	E. P.........	402...............	1376
	E. C..........................		1619

SADÃO (S. MAMEDE)

(4)

Ant.ª F. de S. Mamede do Sadão, no T. da V.ª de Alcacer do Sal.

D'esta F., que na *E. P.* se diz estar annexa á F. de Azinheira dos Barros, mas que mencionada como F. independente na *E. C.* de 1864, mostra ter sido desannexada entre os annos 1862 e 1864 ou continuar sómente annexa

para os effeitos espirituaes, não podémos encontrar em parte alguma a ap. nem o titulo que tinha o parocho[1].

Em 1840 pertencia esta F. ao concelho de Alcacer do Sal.

Passou ao conc.º de Grandola pelo decreto de 24 de outubro de 1855.

Está sit.ª a egreja parochial na m. e. do rio Sado. Dista de Grandola 5^1 para F.

P...	C...........		
	A...........	70	
	E. P........	70................	200
	E. C...........................		279

SERRA

(5)

Ant.ª F. de S.ta Margarida da Serra, cur.º da ordem de Sant'Iago, no T. da V.ª de Grandola.

Hoje é prior.º

Está sit.ª a *Aldeia de Santa Margarida da Serra* na m. d. do rio Sado.

Dista de Grandola 5^1 para E. S. E.

Compr.e mais esta F. os montes (casaes) seguintes:

Adegas, Aderneiras, Ados Corvos, Ados Mattos, Adrejães, Agua Ferrenha, Alagoa do Guinxo, Alcaria, Almarjões. Ameiral, Amendoeira, Barras, Cabeças do Cardo, Canafrexaes, Chaparral, Charnequinha, Carapetal, Carrascal, Carvalho, Casa Nova da Aldeia, Casarões, Castello, Castelhanos, Corte-Escova, Corte-Esporão, Corte-Madeiros, Cortes do Touro, Dalva, Doroeira, Eira Velha, Estirias, Fonte Velha, João Mendes, Ladeira Grande, Laranjeira, Maceira, Monte das Almas, Monte da Azinheira, Monte das Figueiras, Monte do Chafariz, Monte Novo, Monte da Oliveira, Mosqueirão,

[1] Capellania cur.º da ap. da Meza da Consciencia, segundo o *D. G.* do sr. P. L.

Moinho de Vento, Outeiro, Outeirão, Outro Monte, Pairas, Pampulhaes, Pardieiro, Quartilhães, Ribeira do Alto, Ribeira Abaixo, Rombo, Silvestre, Serra, Sidrão, Taboeiro, Taipas, Taipinhas, Tanganhal, Valles, Val de Carvalho, Val de Cavallos de Cima, Val de Cavallos de Baixo, Val das Côrtes de Cima, Val das Côrtes de Baixo, Val da Loba de Cima, Val da Loba de Baixo, Val de Melões, Val de Palheiros, Valente, Vargem de Pereiros, Vargem de Pereiros de Baixo, Vargem Raposa, Vargem Redonda, Vil de Covas.

P. . .	C.		
	A.	119	
	E. P.	137.	609
	E. C.		539

CONCELHO DE LISBOA

(p)

PATRIARCHADO

COMARCA DE LISBOA

Por decreto de 21 de outubro de 1868 foi a cidade dividida em 3 bairros, oriental, central e occidental, comprehendendo o 1.º 15 FF., o 2.º 11 e o 3.º 8, como adiante se declara.

Antes de começar a descripção de Lisboa, ainda uma vez observaremos que não permitte o fim especial d'esta obra, que é facilitar o expediente nas repartições do estado, nos assumptos que com a mesma obra tenham relação, e auxiliar os individuos encarregados de commissões do serviço publico, considerada como um indice discriptivo e estatistico dos mappas da commissão geodesica; não permitte dizemos entrar em descripções detalhadas de edificios e monumentos, sobretudo onde são tão numerosos como na capital do reino.

Correm impressas diversas obras que tratam exclusivamente de Lisboa, e com quanto nos fosse facil transcrever o muito que está dito, em auctores antigos e modernos, e que poderiamos mesmo examinar e verificar por estarmos perto, isso nos afastaria do plano geral d'este trabalho, que reconhecemos não ter merecimento algum litterario, mas que satisfaz ao titulo de *Chorographia Moderna,* pois amplia e rectifica a anterior do padre Carvalho da Costa, trabalho que nos esforçámos para tornar methodico, obrigando-nos a uma certa egualdade no desenvolvimento das informações e noticias ácerca dos diversos pontos do paiz.

LISBOA

Ant.^{a} cid.^{e} de Lisboa, capital do reino de Portugal e do D. A. de Lisboa.

Está sit.^{a} entre 38°, 41′ e 38°, 43′ de latidude N., e o observatorio da Escola Polytechnica em 0° do seu proprio meridiano e em 11° 30′ de longitude O. do meridiano de Paris. Fica assente na margem direita do Tejo, no comprimento de 6^{k} desde a Porta da Cruz da Pedra até á ponte de Alcantara.

O circuito ou perimetro da cidade fórma uma especie de semi-ellipse, sendo a maior ordenada sobre a margem do Tejo de pouco mais de 3^{k} [1] e na direcção quasi N. N. O., a S. S. E. O eixo maior d'esta ellipse é o dito comprimento da cidade na direcção E. N. E. a O. S. O. considerando-se como linha recta, posto realmente o não seja, mas sim uma curva de 900^{m} de flexa, com a convexidade para a parte do rio, seguindo porém as inflexões da margem direita do mesmo rio.

Os muros que fecham Lisboa tem da parte exterior uma estrada que chamam da *circumvalação* (melhor diriamos da *circumvolução*) tendo por objecto a fiscalisação da Alfandega Municipal.

Esta estrada tem 23 portas, sendo as principaes, pelo grande transito das estradas reaes que ali começam, as da Cruz da Pedra, com estrada para Marvilla, Olivaes, Sacavem, etc., e outra estrada para o sitio de Chellas; a de Arroios com estrada para a Portella, Sacavem etc.; a do largo do Leão com estrada para a Charneca; a do Arco do Cego com estrada para o Campo Grande, Lumiar, Loures, Torres Vedras etc.; as de S. Sebastião da Pedreira [2] com es-

[1] 3358^{m}.

[2] São duas portas muito proximas: em frente da que está mais ao oriente fica uma nova e larga estrada que vae ao Rego e em frente da outra a estrada que dá communicação para os sitios indicados, a qual pouco abaixo se bifurca.

tradas para Palhavã, Sete Rios, Bemfica, Cintra, Mafra etc. e para a Luz, Carnide, Dabéja, Caneças etc.; a de Campolide, com estrada para Sete Rios, que vae entroncar na de Palhavã em Sete Rios; finalmante a da Ponte de Alcantara com estrada para Belem, Oeiras, Cascaes etc.

Estas portas são de despacho de generos e mercadorias á excepção das do Largo do Leão, do Arco do Cego, e da mais oriental das duas de S. Sebastião da Pedreira, as quaes assim como todas as outras da linha servem sómente para a fiscalisação.

É esta grande cidade formada de montes e valles por modo tal que não se vê de parte alguma a totalidade da povoação, ainda que de suas alturas principaes se descubram grandes porções.

Os montes são 7, Castello, Graça, Senhora do Monte, Penha de França, Campo de Sant'Anna, Chagas, S.ta Catharina, e além d'isso as alturas em que ficam situados o jardim e praça do Principe Real, o passeio e mosteiro da Estrella e as de Campolide.

Do monte do Castello desfruta-se a vista do rio e a *cidade baixa*, grande valle comprehendido entre o dito monte e a encosta fronteira até á dita praça do Principe Real.

Esta parte da cidade tem o nome vulgar de *cidade baixa*, com quanto seja egualmente baixa a que se estende em direcção quasi perpendicular pela margem do rio, tanto para E. como para O.

Esta ultima limitam ao N. os montes das Chagas e S.ta Catharina, separados entre si por um valle fundo que termina na extensa rua que segue a dita margem.

O monte da Graça fica ao N. E. do Castello e gosa ainda a vista do rio e de uma grande parte da *cidade baixa;* não toda por estar mais recuado.

Nossa Senhora do Monte ou simplesmente o *Monte*, ao N. da Graça, ainda descobre parte da *baixa* e grande extensão de campos, quintas e logares dos arrabaldes.

O monte de Nossa Senhora da Penha, mais de 1 k para N. N. E. do antecedente, pouco desfruta da *cidade baixa*,

mas em compensação gosa a mais linda vista dos arredores de Lisboa.

Para a parte oriental d'estes 4 montes fica um terreno accidentado, mas que em geral vae descendo até ao rio, comprehendendo 3 valles mais pronunciados, Valle Escuro, Valle de S.[to] Antonio e o valle em que está a ermida de Nossa Senhora da Gloria, que antigamente foi chamado valle de Cavalinhos.

Entre os montes do Castello e da Graça ha uma quebrada ou portella em a qual fica situado o Arco de Santo André.

Para a parte occidental dos 3 montes da Graça, Senhora do Monte e Penha de França, estende-se um grande valle desde Arroios até ao Rocio, limitado a O. pela elevação em que está situado o Campo de Sant'Anna.

Ao occidente d'esta elevação, do Campo de Sant'Anna, (que não é propriamente um monte mas sim uma extensa chã que interrompe o declive das alturas de Campolide, que desde a egreja de S. Sebastião da Pedreira inclina para S. E.) fica outro valle desde S. Sebastião da Pedreira até proximo do Rocio, onde se juntam os dois valles (este e o antecedente) formando o grande valle da *cidade baixa.*

Ao occidente do valle de Andaluz (que é o mesmo de S. Sebastião que passa em um pequeno largo chamado de Andaluz) ficam as alturas que se prolongam, descendo suavemente, desde Campolide até á praça do Principe Real.

Os montes das Chagas e S.[ta] Catharina são ramificações das ditas alturas de Campolide, que descendo primeiro em suave declive se terminam precipitadamente sobre o rio, ambos com bella vista sobre o mesmo rio e povoação adjacente para a parte do sul.

A alta chã em que fica situado o passeio e o mosteiro da Estrella é egualmente interrupção do declive das ditas alturas de Campolide, que baixando suavemente até á dita chã, depois desce mais rapidamente sobre o rio para a parte do S; e para a parte do oriente desce tambem formando outro valle entre a dita altura da Estrella e o monte

de S.ta Catharina de que já fallámos. No mappa da cidade, occupa o fundo d'este valle grande parte da extensissima rua de S. Bento.

Para o lado occidental o terreno descae geralmente desde a dita chã da Estrella para a ribeira de Alcantara, mas ainda n'esse espaço é um pouco accidentado, e fórma dois valles; o maior chamado *Cova da Moura* e a outro que fica intermedio entre os sitios chamados Boa Morte e Buenos Aires.

Finalmente o alto chamado de Campolide póde-se dizer que é o ponto de partida de todas estas ramificações da parte occidental da cidade e tambem o mais elevado: comtudo, salvo da porta de Entre-muros, não se descobre o que era de esperar, em razão das distancias e suavidade dos declives.

Da dita porta de Entre-muros se desfruta bella vista dos montes do nascente, do extenso valle de Andaluz, e de um pequeno e lindo valle transversal chamado Valle de Pereiro.

Da porta de Campolide, se a maior parte da cidade lhe fica encoberta, póde dilatar-se a vista pelos extensos e lindos arredores de Lisboa, limitando apenas o seu horisonte, pelo N. e N. E., as alturas distantes da serra da Carregueira e Cabeça de Montachique, e pelo poente a serra de Monsanto.

Eis a succinta idéa que podemos dar da situação da capital. Muito de proposito deixámos de mencionar outros pequenos valles transversaes, o que só serviria para confundir o leitor, bastando-lhe saber que todo o terreno da cidade é excessivamente accidentado.

Na parte a mais meridional da cidade, sobretudo junto ao rio e no grande valle da *cidade baixa*, a população está muito agglomerada, não assim nos valles de Arroios e de Andaluz e no terreno ao N. da praça do Principe Real e Estrella, em que se interpõe entre as diversas ruas (em geral as de melhores predios), quintas, hortas e mesmo campos de cultura, tornando assim estes sitios mais desafogados, agradaveis e sadios: por isto, e talvez pela proxi-

midade da serra de Monsanto, é a parte occidental de Lisboa muito mais alegre, e procurada por quem póde á sua vontade escolher sitio para viver.

Tem hoje 34 FF. que passamos a descrever, começando pela parte oriental da cidade.

SANTA ENGRACIA

Foi formada esta F. com parte consideravel da população da de S.to Estevão, a instancias da infanta D. Maria, filha d'el-rei D. Manuel, em 1568.

Era prior.o da ap. da mitra segundo J. B. de Castro, do padr.o real segundo a *E. P.* Hoje é egualmente prior.o

Comprehendia esta F. em 1708, a rua Direita do Paraiso, calçada do Forte, a Praia, o caes do Carvão, a calçada de Santa Clara, a rua detraz da Egreja Velha, as travessas do Paraizo, do Zagal, do Meio, de Manuel Antonio, do Conde de Avintes, das Freiras, dos Mouros, dos Aciprestes, a rua do Cascão, a Fundição, o Postigo do Arcebispo, a frontaria do Campo de Santa Clara, Villa Gallega, rua da Verõnica, Bica do Sapato, Praia de Santa Apollonia até ao Grilo, rua detraz de S. Francisco, as Casas Novas, o Valle de Chellas, o Cruzeiro, o Monte Coche, a Fonte do Louro, o Rol, o Fró, o caminho da Penha de França e o adro da Graça.

Hoje está muito limitada, pois se não estende além dos muros da cidade, e dentro algumas porções lhe foram tiradas para as FF. de Santo André e de S. Vicente: comtudo ainda é uma das FF. populosas de Lisboa, mas geralmente pobre [1].

[1] Não mencionamos as ruas, travessas, etc. que hoje comprehendem as FF., por constarem dos roteiros que se tem publicado; fallamos porém das antigas mencionadas em Carv.o por entendermos ser curioso para alguem a comparação dos sitios e dos nomes.

P...	C.		mais de.......	4000
	A.	2247		
	E. P.......	2300	....	9000
	E. C...		....	8429

J. B. de Castro assigna a esta F. 1330 fogos antes do terremoto e 1210 depois (em 1763).

Estava situada esta parochia no local onde hoje se vê o most.º do Desagravo, vulgarmente chamado Conventinho, e por occasião do desacato de 15 de janeiro de 1530 foi transferida para a ermida de Nossa Senhora do Paraiso, que hoje pertence ao sr. Couceiro.

Intentou por esse tempo a fidalguia da côrte construir uma nova egreja, e tão grandioso e colossal foi seu principio que falleceram meios, forças ou animo para a concluir; nunca passou da cimalha; mas póde o curioso observar o que promettia ser, visitando as chamadas *obras de Santa Engracia*, em que sempre se falla quando se quer significar *coisa que se não acaba.*

Pertence este portentoso massiço de cantaria ao arsenal do exercito, hoje direcção geral de artilheria.

Depois da extincção das ordens religiosas em Portugal, foi novamente transferida a parochia de Sta Engracia para o edificio que fôra convento de religiosos capuchos italianos, vulgarmente chamados Barbadinhos Italianos, que em sua fundação, em 1689, tambem estivera na ermida do Paraiso, sendo depois (1739) transferido para o supradito edificio.

Está sit.ª em ladeira de monte (que faz parte das alturas que vão da Graça á Penha), 150^m para N. O. da m. d. do rio, e 1^k para O. N. O. da porta da Cruz da Pedra. Dista da Praça do Commercio 2^k para E. N. E.

O templo é alegre e muito aceado; a capella mór é alegante e o altar mór todo de pau santo e riquissimo em obra de talha.

Tambem pertenciam ao antigo districto d'esta F. os seguintes:

CONVENTO

Santa Maria de Jesus, de Xabregas, de religiosos da Serafica Observancia da Provincia dos Algarves, fundado em 1455.

Este convento reconstruido depois do terremoto nada tinha de notavel em sua architectura; porém attraia muita concorrencia de povo uma grande capella á entrada do vestibulo, á direita, com a representação do calvario em figuras ao natural.

Bem haja a Companhia de Tabacos Lisbonense que conservando com o maior cuidado esta capella, permitte ao povo a innocente diversão de ir nos domingos admirar as feias cataduras dos *phariseus de Xabregas.*

MOSTEIROS

Nossa Senhora Madre de Deus, de religiosas da Serafica Observancia da Provincia dos Algarves, e da primeira regra de S.ta Clara, fundado em 1508 pela rainha D. Leonor, mulher de D. João II; porém a capella mór é obra de D. João III, razão porque se nota falta de harmonia na architectura d'este templo, que demais foi reparado depois do terremoto, perdendo ainda parte das galas do estilo gothico.

A egreja é rica em obra de talha dourada, que dizem do esculptor Braz de Mascarenhas, e adornam as paredes e altares bellos quadros dos artistas nacionaes, Bento Coelho e André Gonçalves.

A sacristia tem no centro uma bella mesa de marmore de muito valor, e as paredes tambem são ornadas de lindos quadros de auctores conhecidos. Os que representam a vida de José no Egypto, são do dito André Gonçalves; os de S.ta Luzia, S.ta Eufemia e S.ta Ignez são de Bento Coelho: os que representam o papa abençoando a rainha D. Leonor, as bençãos nupciaes de D. João III e sua esposa

a rainha D. Catharina, e o da procissão que trouxe para esta egreja o corpo de Santa Auta, todos attribue o *D. C.* ao pintor hollandez Christovão de Utrecht.

N'este mosteiro estão os jazigos da rainha fundadora e de sua irmã D. Izabel.

Pela morte da ultima religiosa foi extincto o mosteiro e entregue o edificio ao Asylo, que para pobres invalidos fundou a nossa augusta soberana a Senhora D. Maria Pia, ao qual deu o seu nome, estabelecido no palacio que estava junto ao mosteiro, antigamente habitado pela rainha D. Leonor, e que depois veiu a ser propriedade do M. de Niza.

A imagem de Nossa Senhora Madre de Deus, de grande devoção do povo de Lisboa, está na pequena ermida do asylo em quanto se fazem as obras de reparação e limpezas que a sua egreja demanda, e que ficou administrada por uma illustre irmandade.

Santos o Novo, assim chamado por terem sido para ali trasladados os ossos dos S.^tos Martyres, Maxima, Verissimo e Julia (que estavam em Santos o Velho) no anno de 1490, transferindo-se n'essa mesma occasião as religiosas e commendadeiras (assim chamadas por serem na primitiva instituição mulheres e filhas de commendadores da ordem de Sant'Iago).

Fr. Francisco Brandão diz que estas commendadeiras estiveram primeiro na V.ª de Arruda.

O templo é rico e de muito aceio; e o edificio do mosteiro grande mas sem bellezas de architectura. Dizem ter tantas janellas quantos dias tem o anno.

Santa Clara, da ordem de S. Francisco, fundado em 1292, o qual abateu e completamente se arruinou pelo terremoto de 1755, perecendo mais de 130 pessoas de dentro do mosteiro, e mais de 400 do povo na egreja.

D'este most.º, cujo templo chama J. B. de Castro *monte de ouro* e ao côro *paraizo da terra*, não resta quasi vestigio algum!... Parece que occupou o local em que está hoje a fabrica d'armas na repartição de Sta Clara.

O pequeno most.º do Desagravo, chamado vulgarmente

Conventinho foi fundado depois do desacato de 1630; é de religiosas da ordem de S. Francisco e da regra de S.ta Clara: muito pobre mas de rigorosa observancia.

Santa Appolonia, de religiosas de S.ta Clara, fundado em 1718, na ermida que já era da dita inv. de S.ta Appolonia e da qual o sitio tomou o nome.

O *D. C.* chama-lhe recolhimento e effectivamente o foi mas sómente desde 1693 até 1718.

De ha muito que se acha extincto.

RECOLHIMENTO

Nossa Senhora dos Anjos, para viuvas nobres, fundado pelo principal D. Lazaro Leitão em 1747.

Dá o nome a um largo que fica um pouco a E. do sitio de S.ta Appolonia, caminho da porta da Cruz da Pedra.

Por decreto de 3 de agosto de 1870 se mandaram annexar e formar um só recolhimento denominado de Educação Feminina os da rua da Roza, Grillo, Lazaro Leitão, Passadiço e Amparo.

ERMIDAS

Das mencionadas por J. B. de Castro só existem hoje:

Nossa Senhora do Rozario, da antiga Villa Gallega, hoje Travessa da Veronica.

Nossa Senhora do Rozario da Restauração, ao Grillo, fundada por D. Gastão Coutinho, junto ao palacio ainda hoje conhecido pelo nome d'este fidalgo.

Egualmente comprehendia o ant.º districto da F. de S.ta Engracia a grande quinta de Chellas, que pertencia á familia Jacques de Magalhães, depois V. de Fonte Arcada.

No *Summario das Coisas de Lisboa* de Christovão Rodrigues de Oliveira não se faz menção d'esta F. por isso que não estava ainda instituida no anno de 1551 em que se imprimiu a dita obra.

SANTO ANDRÉ

Já existia esta parochia em 1286, pois sendo prior.º do padr.º real fez n'esse anno a corôa doação d'elle a Aires Martins e sua mulher Maria Esteves, que instituiram 9 capellães com obrigação de missa quotidiana por suas almas e de elrei D. Diniz, cedendo a ap. da parochia aos ditos 9 capellães que d'entre si deviam escolher um para prior, concordando todos; e não o fazendo assim devolvia a ap. ao reitor dos Loios e na falta d'este ao arcebispo ou seu vigario geral. Instituiram tambem os ditos padroeiros 7 mercieiras a quem se dava casa, um alqueire de trigo cada semana, um pote de azeite, jantar de carne pelo Natal e Pascoa, um manto e sapatos todos os annos, e 240 réis cada mez em dinheiro.

Comprehendia o ant.º districto d'esta F. em 1708, o Adro da Egreja e Rua Direita.

P...	C..........	88		
	A..........	570	com a de Sta Marinha	
	E. P........	554	Idem.........	2216
	E. C............		Idem.........	1955

J. B. de Castro assigna a esta parochia 140 fogos antes do terremoto e 213 depois (1763).

O augmento de população, muito para admirar, procede de se terem edificado depois da catastrophe, de 1755, muitas casas no Sequeiro da Graça.

A ant.ª egreja parochial de S.^{to} André estava sit.ª em um pequeno terreiro proximo ao Arco de S.^{to} André.

Depois da extincção das ordens religiosas foi transferida a F. para o edificio do extincto conv.º da Graça, annexando-se-lhe a F. de Sta Marinha.

E egreja foi demolida e não restam d'ella vestigios; sabe-se porém o sitio em que estava pela casa de residencia do prior que era contigua e onde ainda hoje habita o actual prior de S.^{to} André.

Esta F. vem mencionada no *Summario* de C. R. de Oliveira (336 habitantes) pelo que já existia em 1551.

A ant.^{a} parochia de Sta Marinha do Outeiro era prior.^{o} do padr.^{o} real, que el-rei D. Diniz doou a Pedro Salgado, seu thesoureiro mór, segundo diz J. B. de Castro. Passou depois a ap. da egreja para a ordem de Christo.

Comprehendia esta F. em 1708 o Adro, o Terreirinho, as ruas da Oliveira, da Egreja, de Sta Monica, das Escolas Geraes, do Outeiro, calçada da Graça; e dois becos.

P... { C.......... 220
A..........
E. P....... ....
E. C.........................

J. B. de Castro lhe assigna 200 fogos antes do terremoto e depois quasi os mesmos porque pouco soffreu.

Esta F. vem mencionada no *Summario* de C. R. de Oliveira (448 habitantes) pelo que já existia em 1551.

Foi esta F. annexada á F. de S.^{to} André, como já dissémos, e a egreja demolida, não restando hoje vestigios, e sómente o nome no largo de Sta Marinha, um pouco á direita da rua de Sta Marinha que conduz do Arco de S.^{to} André para a Egreja de S. Vicente.

A actual F. de S.^{to} André e Sta Marinha é prior.^{o} e acha-se estabelecida no edificio do ext.^{o} conv.^{o} de Eremitas de S.^{to} Agostinho (Agostinhos Calçados) que tinha a inv. de Nossa Senhora da Graça, pela qual ainda hoje é mais conhecida a parochia do que pelos seus oragos S.^{to} André e Sta Marinha.

Está sit.^{a} a egreja parochial no monte da Graça; dista da m. d. do rio 1^{k} para N. N. O. e da Praça do Commercio 1^{k} para N. E.

O dito conv.^{o} teve sua primeira fundação na raiz do monte em que prégou S. Gens, e hoje se chama Nossa Senhora do Monte, no anno 1147. Em 1243 teve segunda fundação no alto do monte, no proprio sitio em que se vê hoje a ermida de Nossa Senhora: e terceira em 1271 no sitio que se chamava então Almofalla.

Até ao anno de 1305 se chamou este conv.^{o} e sua egreja de S.^{to} Agostinho; e de então em diante tomou o titulo e

orago de Nossa Senhora da Graça, como tambem tomaram na mesma época outros d'esta ordem.

Em 1556 achando-se muito arruinado o edificio foi construido de novo.

Foi novamente reedificado depois do terremoto de 1755 por ter soffrido consideravel ruina, ficando a egreja entre o claustro e a portaria com a entrada voltada ao poente.

O templo de Nossa Senhora da Graça é magestoso, alegre sem demasiada luz e o mais bem proporcionado de Lisboa.

No altar mór estão as imagens dos padroeiros da F. S.to André e S.ta Marinha, e no meio a de Nossa Senhora da Vida, de mui antiga devoção, que teve capella propria na egreja, mas que foi demolida.

A imagem do patriarcha da ordem a que pertencia o conv.o, occupa um altar na capella chamada do Senhor dos Passos. A de Nossa Senhora da Graça, pertencente á ordem terceira de S.to Agostinho, fica na capella opposta; estas duas capellas são as do cruzeiro da egreja, a dos Passos do lado da epistola e a de Nossa Senhora da Graça da parte do evangelho.

A capella do Senhor dos Passos, administrada por uma illustre e rica irmandade, tem uma bella tribuna, onde se expõe, nas sextas feiras do anno e nas diversas festividades, á veneração dos fieis, a devotissima imagem, a que o povo de Lisboa se soccorre (diz o *D. C.*) nas muitas horas de angustia e dôr de que se compõe a vida.

Todos sabem que d'esta egreja sáe, na 2.a quinta feira de quaresma, para a de S. Roque, a imagem do Senhor dos Passos em andor coberto, recolhendo no dia seguinte descoberto e em sollemne procissão da respectiva irmandade.

Quanto á sacristia da egreja da Graça, nada podemos apresentar melhor do que a noticia que o *D. C.* extrahiu do *Archivo Pittoresco*, 7.o vol., pag. 182 e que é da penna do illustre escriptor o sr. Vilhena de Barbosa.

«O tumulo de Mendo de Foios Pereira ergue-se na sa-

cristia da egreja de Nossa Senhora da Graça, pertencente outr'ora ao convento da mesma invocação, dos eremitas calçados de S.[to] Agostinho, e actualmente servindo de parochia com o titulo de S.[to] André e S.[ta] Marinha.

«É um dos mais sumptuosos mausoléos que ha em Lisboa, pois que ao trabalho artistico em varios generos junta-se a riqueza dos materiaes. Terá uns 14 palmos de altura e é construido de excellentes marmores de diversas côres, e de bronze. O sóco é de marmore branco e preto e muito singelo.

«Descançam sobre elle dois leões, que sustentam em seu dorso a urna funeraria. Adorna-se esta com delicadas esculpturas; porém o seu mais bello ornamento e que maior primor ostenta, consiste na obra de mosaico que está guarnecendo as misulas e as molduras. O medalhão e os dois genios que o seguram, servindo de remate ao mausoléo, são de bronze, e se não podem ser citadas como um primor artistico é todavia certo que não nos envergonham, ante snos honram, porque dão testemunho do adiantamento em que se achava em nosso paiz este difficil ramo da arte nos principios do seculo XVIII, em que o tumulo foi construido.

«Está collocado o mausoléo debaixo de um portico de ordem corinthia, em correspondencia de outro mais nobre e mais rico, no extremo opposto da sacristia e que serve de capella[1].

«Jaz n'este sepulchro o corpo de Mendo de Foios Pereira, nascido em Thomar no anno de 1643, enviado á côrte de Madrid, secretario de Estado em 1686, fallecido em Lisboa em 1708.

«Concederam-lhe os religiosos o jazigo na sacristia em respeito a ter sido o reedificador d'esta casa.

«E com effeito desempenhou-se este fidalgo do encargo que a si tomára, fazendo a reconstrucção desde os alicer-

[1] Está ali collocado o grande e precioso relicario de que dão noticia Carv.[o] e J. B. de Castro, e que merece ser visto e apreciado.

ces com tamanha generosidade que ficou a d.ª sacristia uma das mais grandiosas da capital.

«No fecho do arco, sobre o tumulo, vê-se o escudo de armas do fundador.

«Seu irmão D. Fr. Antonio Botado, bispo de Hipponia, e que fôra religioso d'este convento, foi quem deu os paineis com que estão decoradas as paredes.

«Existem n'esta casa duas obras d'arte de bastante apreço: e são uma meza e uma pia d'agua benta ambas de marmore e cobertas inteiramente de lindos mosaicos, de muitas diversidades de marmores, compondo mui graciosos desenhos.

«A meza destinada para a collocação dos calices durante as horas da Missa, estava d'antes no meio da sacristia e agora está junto do mausoléo sobre o degrau do portico[1].

«A pia que esteve primitivamente na mesma sacristia, foi, ha já bastantes annos, mudada para o centro de uma pequena casa contigua.

«Alguns auctores estrangeiros, tratando d'esta cidade dizem que aquelle tumulo encerra os despojos mortaes do grande Affonso de Albuquerque, apesar de que o epitaphio, aberto em grandes lettras na face principal da urna e composto em latim, lingua ao alcance das pessoas illustradas de qualquer nação, declara o nome e cargos da pessoa que ali jaz... o que deve porém causar mais estranheza é que tenham dado voga áquelle erro varios escriptores nacionaes... quando é notorio que o illustre fundador do imperio portuguez no oriente repousa no convento de Nossa Senhora da Graça, em sepultura tão humilde que os pés dos frades e das pessoas que visitavam aquella casa religiosa apagaram de ha muito de sobre a lousa o seu nome, immensamente grande e glorioso...

[1] J. B. de Castro diz que foi perda sensivel, por occasião do terremoto o destruir-se totalmente a maravilhosa pedra em que se collocavam os calices, não só estimavel pelo precioso da materia, mas pelo exquisito debuxo de seus marchetados e embutidos.

Appareceria ou será outra? Parece-nos que é a mesma

«Sabe-se que foi enterrado junto da porta da casa do capitulo; porém muito posteriormente, em obras que ali se fizeram, parece que se mexeu na sepultura.

«O que é facto é não existir em parte alguma do convento da Graça, hoje quartel militar, epitaphio, ou simplesmente vestigio de inscripção, que indique a lage que cobre as cinzas do heroe que deu á corôa de Portugal, reis por vassalos, nações inteiras por escravos, imperios por provincias, mares dilatadissimos por dominios e as riquezas da Asia por despojos.»

S. VICENTE E ANNEXAS

A F. de S. Vicente de Fóra é das ant.as de Lisboa, pois já existia em 1551, sendo uma das mencionadas no *Summario* de C. R. de Oliveira (com 1711 habitantes); e tambem no anno de 1541 em que, segundo J. B. de Castro, foram resolvidas certas duvidas sobre jurisdicção entre a mitra e o convento de conegos regrantes de S.to Agostinho já ali anteriormente estabelecido.

Era curato com quatro capellães todos da ap. do dito convento.

Comprehendia esta F. em 1708 o Adro da Egreja, o Arco de S. Vicente, a Cruz do Mau, o Marco Salgado, a Alfugeira, a Cruz de S.ta Helena, o Outeiro d'Amendoeira, as ruas de S. Vicente, do Loureiro, do Tijolo, das Escolas Geraes, a Travessa das Bruxas, e o Becco dos Biguinos.

P.	C.	400	
	A.	548	
	E. P.	1208 (com as annexas)	6040
	E. C. (idem)		4000

J. B. de Castro assigna a esta F. 544 fogos antes do terremoto e 494 depois (em 1763).

Estão hoje annexas a esta F. as duas seguintes.

Salvador, antiquissima F. de que ha noticia ser uma das primeiras de Lisboa, pois que no anno de 1391 obteve

D. João Esteves d'Azambuja, 2.º arcebispo de Lisboa, o padroado da egreja para si e seus collateraes descendentes; tambem consta, segundo diz J. B. de Castro, que o dito arcebispo de Lisboa D. João Esteves d'Azambuja a constituiu prior.º com beneficiados; posto que no *Summario* de C. R. de Oliveira venha mencionada como vig.ª com thesoureiro e dois capellães (782 habitantes).

Comprehendia esta F. em 1708 o Adro da Egreja, Castello Picão, a Rigueira, a rua do Loureiro, dois becos; e alguns freguezes mais nas portas do Sol.

P... { C........... 200
A........... 660 com a de S. Thomé.
E. P.........................
E. C......................... }

J. B. de Castro assigna a esta F. 266 fogos antes do terremoto e 196 depois (em 1763).

No declive do monte do castello para a parte da margem do rio, foi achada em antigos tempos, entre silvas e arvores agrestes, um crucifixo, e no mesmo local se lhe erigiu ermida com a inv. do Salvador da Matta.

Foram-se reunindo no sitio algumas mulheres devotas e constituiram uma especie de recolhimento que depois teve existencia legal.

A ermida n'esse meio tempo foi constituida em parochia da mesma inv. do Salvador, não se sabe com certeza a data.

Em 1392 passou o dito recolhimento a ser most.º da ordem de S. Domingos, fundação de João Esteves, chamado o Privado, alcaide mór de Lisboa, irmão do referido arcebispo D. João Esteves d'Azambuja, e ascendente dos condes dos Arcos, posto usem estes hoje o appellido Noronha, os quaes tem ainda defronte da egreja o seu palacio.

Depois da annexação da F. á de S. Vicente ficou a egreja entregue ao most.º

O templo é espaçoso mas nada tem de notavel em architetura ou adorno interior.

A porta é para o Sul, e em frente lhe fica o largo do Sal-

vador, ao principio do Bairro de Alfama vindo do Arco de S.to André.

S. Thomé, tambem era F. muito ant.a, pois em 1320, el-rei D. Diniz e a rainha S.ta Izabel fizeram doação ao conv.o de Alcobaça do seu padr.o, que depois passou para a universidade e por ultimo para o ordinario.

Vem mencionada no *Summario* de C. R. de Oliveira (com 887 habitantes), e Carv.o a denomina S. Thomé do Penedo, por estar fundada sobre uma rocha.

Era prior.o e tinha 5 beneficiados.

Comprehendia esta F. em 1708 as ruas da Porta do Sol, das Escolas Geraes, dos Cegos, de S.to André até á portaria do Salvador; e varios becos.

P...	C...........	220
	A...........	660 com a do Salvador
	E. P..........................	
	E. C..........................	

J. B. de Castro assigna a esta F. 275 fogos antes do terremoto e 250 depois (em 1763).

Depois da annexação d'esta F. á de S. Vicente foi demolida a egreja que estava sit.a em um pequeno terreiro pouco adiante das Portas do Sol, indo de S.ta Luzia para a Graça ou S. Vicente: d'ella não restam vestigios, mas conhece-se pelo espaço que occupava que devia ser mui pequena e d'isso tenho bem certa lembrança.

No districto d'esta F. estava sit.a a egreja do Menino Deus, recolhimento e hospital de *Mantelatas* pertencente á ordem terceira de S. Francisco de Xabregas, que se fundou em umas casas de João Antonio de Alcaçovas, filho de Gonçalo da Costa de Menezes e de D. Antonia Theodora Manuel de Moura, o qual as vendeu á dita ordem.

A imagem do menino Jesus, bem conhecida em Lisboa com o titulo de Menino Deus, foi dada á referida ordem pela madre Cecilia de Jesus, do mosteiro da Madre de Deus.

O templo é fundação de D. João v, começando a obra em 1711.

Soffreu muita ruina pelo terremoto e depois com um grande incendio.

Hoje algumas reparações se lhe tem feito pela irmandade do Menino Deus, á qual foi legalmente entregue e que rende o divino culto á imagem, fazendo-lhe explendida festividade pelo Natal.

O templo é grandioso, de figura orbicular, e a capella mór mui proporcionada e elegante, com um decente camarim.

Está sit.º em pequena elevação á direita passado o Arco de S.to André, vindo do Rocio.

A egreja parochial de S. Vicente de Fóra acha-se estabelecida no mesmo local do ext.º conv.º de conegos regrantes de S.to Agostinho, este e aquella fundação de el-rei D. Affonso Henriques, logo depois da tomada de Lisboa, e no mesmo sitio em que poz os seus arraiaes no cerco da cidade, com uma capella de Nossa Senhora, uma enfermaria e um cemiterio contiguo.

O sumptuoso edificio de S. Vicente de Fóra está situado em pequena distancia para S. E. do monte da Graça, em uma pequena chã quasi a meia ladeira, ainda em bastante elevação sobre o rio, da margem direita do qual dista $^1/_2{}^k$ para N. N. O. em descida aspera; $^1/_2{}^k$ para E. do castello de S. Jorge. Dista da Praça do Commercio 1^k para E. N. E.

Foi o templo consagrado á virgem e ao martyr S. Vicente; porém esta ultima inv. foi a que prevaleceu entre o povo.

Com o decorrer dos tempos, tendo caído o conv.º em ruina, foi completamente reedificado por Filippe II de Hespanha em 1582, servindo-se para isso da cantaria de uma egreja começada a construir por el-rei D. Sebastião em 1571, em local proximo ao Terreiro do Paço, e que tencionava dedicar ao santo do seu nome; como provam as flechas com que se marcava a cantaria, e que ainda se veem em varias pedras do friso da cimalha real do dito conv.º de S. Vicente.

Quando se trabalhava n'esta reedificação encontrou-se a lapida cmo a inscripção relativa á primitiva fundação do conv.º

Em frontespicio é dos melhores templos de Lisboa, e se mais não realça sua magestosa apparencia é pelo acanhadissimo terreiro em que está situado.

Tem bella escadaria, tres porticos soberbos, e sete collossaes estatuas de marmore.

O interior do templo corresponde ao exterior: é de uma só nave, todo decorado de finos marmores de diversas cores.

As capellas do corpo da egreja parecem fundas de mais e de pouca luz: as do cruzeiro são mais claras; umas e outras guarnecidas de finos marmores e de algumas obras de mosaico preciosas.

Na capella do cruzeiro da parte do evangelho se venéra a imagem de Nossa Senhora da Conceição da Enfermaria, a mesma que D. Affonso Henriques trazia em suas campanhas: a qual, segundo diz Carv.º, é toda de pedra embutida de varias cores.

A magestosa cupula que se elevava sobre o cruzeiro e que se arruinou pelo terremoto foi substituida (diz o *D. C.*) por outra de mesquinha construcção que desdiz da grandeza e opulencia do edificio.

A capella mór é egualmente magestosa e proporcionada ao templo: tambem é de finos marmores desde o pavimento até á abobada.

O altar mór está sob um elegante baldaquino ao modo das bazilicas de Roma.

É obra de madeira, delineada e dirigida por Joaquim Machado de Castro; e de discipulos seus, artistas nacionaes, as bellas estatuas da mesma capella mór.

Nas paredes lateraes da mesma capella abrem-se duas tribunas para uso da familia real.

O côro que fica detraz do altar mór é espaçoso, e o orgão magnifico.

Pela parte detraz do côro fica o jazigo dos reis da dynastia de Bragança, cuja entrada é pelo claustro.

É uma casa espaçosa, mui decente e apropriada ao seu fim, que se deve ao cuidado de el-rei o sr. D. Fernando, quando

regente na menoridade do sr. D. Pedro v, de saudosissima recordação, que para ali mandou trasladar os caixões que continham os restos mortaes dos differentes membros d'esta real familia, até então guardados em sitio que muito desdizia d'aquelle respeito que á magestade se deve, não como honra vã a um pouco de pó em que todos nos havemos tornar, mas para segurança e garantia da ordem social.

O antigo jazigo real é onde estão os caixões que encerram os cadaveres dos patriarchas de Lisboa.

Tambem sob as abobadas d'este templo repousam as cinzas do grande condestavel D. Nuno Alvares Pereira trasladadas do conv.º do Carmo, havendo-se destruido e arruinado totalmente, por effeito do terremoto, o soberbo mausuléo que as continha.

Os dois claustros são magestosos e em volta estão as salas onde outr'ora os conegos regrantes regiam cadeiras de diversas disciplinas; em uma capella de um d'estes claustros estão os tumulos, em marmore, dos filhos legitimados de D. João v conhecidos pelo nome popular de *meninos de Palhavã.*

Divide estes dois claustros a sacristia que se estava edificando ao tempo em que o padre Carv.º publicava o III volume da sua *Chorographia* (1712): é elle que nos diz que a sacristia nova será brevemente o *non plus ultra* das obras, que toda vae de embutidos de pedras de varias cores.

Com effeito esta sacristia é riquissima, e merece ser visitada pelos entendedores. Tem dois claustros (continúa o mesmo auctor) com uma portaria tão regia, que bem mostra que n'ella se empenhou a arte, pelo vistoso da pintura e prespectiva da obra.

O tecto d'esta portaria era de pintura a oleo, obra do pintor italiano Baccarelli, e segundo a opinião de um professor da arte, uma das melhores coisas de Lisboa, n'este genero; pena é que as demãos de cal que barbaramente lhe deram, quando os conegos regrantes foram transferidos para Mafra, e os trabalhos a que os mesmos conegos depois pro-

cederam para o restaurar, lhe fizessem perder muito da primitiva bellesa.

Antes da suppressão das ordens religiosas em 1834, foi a egreja de S. Vicente entregue á patriarchal, por isso ainda ali existem todos os vasos sagrados, alfaias, paramentos e mais objectos preciosos que se devem ver e apreciar.

O edificio do convento é hoje habitação do cardeal patriarcha de Lisboa, occupando tambem uma parte a camara ecclesiastica.

Tem boas salas, e uma d'ellas adornada com 12 bellos quadros a oleo, representando o apostolado. A livraria, que era a mesma do convento, continha perto de 22 mil volumes.

A quinta e jardins, dilicioso recreio no tempo dos conegos, estão hoje muito abandonados, e apenas mostram vestigios de suas bellesas em arruinadas cascatas, lagos, estatuas, viveiros etc.

Pertencia ao districto d'esta F. de S. Vicente o most.º das Monicas, como vulgarmente se lhe chamava, que era de religiosas da ordem de S.to Agostinho, da inv. de S.ta Monica, fundado em 1586, e ha pouco extincto pela morte da ultima freira professa.

Ali se estabeleceu ultimamente uma casa de correcção para rapazes vadios, que dizem estar bem administrada e prometter bons resultados.

Na egreja que é pequena, e sem coisa notavel em architectura ou adorno, ainda se conserva o culto divino.

S. Vicente de Fóra tem sido por differentes vezes a séde da egreja patriarchal; a ultima foi quando se reparou a sé cathedral de Lisboa.

SANTO ESTEVÃO

Esta F. é das antigas de Lisboa e vem mencionada no *Summario* de C. R. de Oliveira (com 5314 habitantes). De parte d'ella se formou depois a F. de S.ta Engracia.

Em 1295 passou el-rei D. Diniz uma provisão para ser collado em prior o mestre João, fisico da rainha D. Brites, passando depois o padroado para a mitra. Não obstante o dito *Summario* chama-lhe vig.ª

Tinha, além do prior, 8 beneficiados que eram da ap. alt.ª da santa sé apostolica e ordin.º

Comprehendia esta F. em 1708 o Adro da Egreja, o Arco do Chanceller, a Alfugera, a Rigueira, os Alpendres do Chafariz, Banaboquel (ou Benamoquel segundo o *Summario*), Paraizo, o Postigo do Estanco, o Hospital, o Terreirinho de Santo Estevão, o Outeiro, a Lapa, o Terreiro de Braz Rodrigues, a Porta da Ribeira, a Praia e Varandas, as Fontes, os Remedios; as ruas, Direita dos Remedios, das Portas da Cruz, de S.^{to} Estevão, do Vigario, a rua para a Galeta, a rua para a Porta da Ribeira; e diversos becos em Alfama.

P...	C.	1160	
	A.	851	
	E. P.	1037	4820
	E. C.		3413

J. B. de Castro assigna a esta F. 1129 fogos antes do terremoto e 856 depois (em 1763).

A egreja parochial de S.^{to} Estevão está sit.ª em uma pequena chã, ao S. e a meia ladeira do monte da Graça sobre o rio, 300^m a N. N. O. da m. d. do Tejo. Dista da Praça do Commercio pouco menos de 1^k para E. N. E. Do seu adro gosa-se boa vista do rio e de parte da cidade.

O templo é espaçoso mas largo em demasia relativamente ao comprimento.

No antigo districto d'esta F. existiam (e existem ainda) as seguintes:

ERMIDAS

Senhor Jesus da Boa Nova, sit.ª (diz J. B. de Castro) ás Portas da Ribeira, junto da Galé; hoje fica ao fim da rua do Jardim do Tabaco, á esquerda, indo do chafariz de Dentro para o Arsenal do Exercito.

Nossa Senhora dos Remedios, com uma antiquissima irmandade e hospital para tratamento dos irmãos pobres. Está sit.ª esta ermida junto ao chafariz de Dentro e no principio da rua dos Remedios. É digno de ser admirado, o livro dos estatutos ou compromisso d'esta irmandade que se intitula do Espirito Santo e Nossa Senhora dos Remedios dos pescadores e navegantes de Alfama. Com quanto seja o dito livro de muita antiguidade, conservam-se as pinturas das estampas e o floreado das letras (em manuscripto) em tal estado de frescura e vivesa de côres que parece ter poucos annos.

Esta F. com as de S. Miguel e S. João da Praça são as tres que comprehende o bairro de Alfama, um dos mais ant.ºˢ da cidade e notavel pela pouca largura de suas ruas, pequenez dos seus terreiros (alguns impropriamente chamados largos) e grande numero de becos, muitos dos quaes de repugnante aspecto e estreiteza.

S. MIGUEL

Esta F. do bairro de Alfama era das ant.ªˢ da cidade e vem mencionada no *Summario* de C. R. de Oliveira (com 2859 habitantes); porém segundo diz J. B. de Castro não ha noticia anterior da sua existencia.

Era prior.º do padr.º real e tinha 4 beneficiados da ap. do mesmo prior.

Comprehendia em 1708 o Adro da Egreja, a banda da Praia, o Chafariz de Dentro, Castello Picão; as ruas, Direita de Cima, Direita de Baixo, da Regueira, da Figueira, da Adiça; e varios becos.

J. B. de Castro, menciona o beco das Alcaçarias onde estão os banhos d'esta mesma denominação, de que falla o *Aquilegio Medicinal*, e de que adiante trataremos no competente logar. Julga-se que d'estes banhos veiu o nome ao bairro de Alfama, que em lingua arabe significa *banho de agua quente*.

P...	C...........	660	
	A...........	766	
	E. P........	766..............	2008
	E. C..........................		2210

J. B. de Castro assigna a esta F. 870 fogos antes do terremoto e pouco mais ou menos metade depois (em 1763).

Hoje tem esta F. o mesmo titulo de prior.º

Está sit.ª a egreja parochial um pouco abaixo e a O. da de S.^{to} Estevão, em um pequeno terreiro. Dista da m. d. do rio 200^{m} para N. N. O. e da Praça do Commercio pouco mais de $^{1}/_{2}{}^{k}$ para E. N. E.

O templo é grande, mas nada tem de notavel em architectura ou adornos.

S. JOÃO DA PRAÇA

Esta F. é uma das ant.^{as} de Lisboa: vem mencionada no *Summario* de C. R. de Oliveira com 1557 habitantes; mas além d'isso ha noticia, segundo diz J. B. de Castro, de que em 1317 o bispo de Lisboa dera a collação da egreja a um prior a quem el-rei D. Diniz havia feito mercê da mesma egreja, que era do padr.º real, e tinha 4 beneficiados tambem de ap. regia, ainda que contestada pelos priores que apresentaram alguns, como diz o referido J. B. A ap. da egreja passou depois para a casa de Angeja.

Comprehendia o districto d'esta F., em 1708, as ruas, da Praça dos Canos, direita de S. João, Dorca, do Barão, de Tentella, da Porta de Alfama, de Diogo da Silva, do Chafariz d'El-rei, do Conde de Linhares, *que antigamente se chamou Paços do Mestre*, de João Fogaça, de D. Antonio, da Praia; e alguns becos.

P...	C............	230	
	A............	512	
	E. P.........	532..............	1636
	E. C...........................		1816

Hoje tem esta F. o mesmo titulo do prior.º e o mesmo orago S. João Baptista.

A egreja parochial está sit.ª a pequena distancia para O. da egreja de S. Miguel, quasi ao fim da ladeira do monte do Castello sobre o rio, da m. d. do qual dista 150^{m} para N. N. O. e da Praça do Commercio $^{1}/_{2}{}^{k}$ para E.

O templo é pequeno mas alegre, e tem uma bella imagem do archanjo S. Rafael.

SÉ

Esta F. é das mais antigas de Lisboa: vem mencionada no *Summario* de C. R. de Oliveira com 6407 habitantes.

Como F. é incontestavelmente fundação de el-rei D. Affonso Henriques e só pretende primazia em antiguidade a parochia de Nossa Senhora dos Martyres, tambem fundada pelo mesmo soberano.

Desde a sua fundação foi logo a egreja parochial de Nossa Senhora da Assumpção, tambem chamada de Sta Maria Maior, constituida sé cathedral e entregue por D. Affonso Henriques ao B. de Lisboa, que era o 9.º da diocese.

Em 1394, a instancias de D. João I e bulla do papa Bonifacio IX, foi elevada á categoria de sé archiepiscopal metropolitana de Lisboa, tendo por suffraganeos os B. de Lamego, Guarda, Silves e Evora.

Em 1716, a instancias de D. João V e bulla do papa Clemente XI, foi instituida na capella real então nos Paços da Ribeira, uma egreja metropolitana patriarchal ficando a cidade dividida em dois districtos ecclesiasticos, o do nascente sugeito á sé archiepiscopal, e o do occidente á nova sé patriarchal; mas logo em 1740, tambem a rogo do mesmo soberano e por bulla do papa Benedicto XIV, se incorporaram os ditos districtos em um só, extinguindo-se a antiga sé archiepiscopal de Lisboa, e ficando toda a cid.^{e} sob a jurisdicção do patriarcha metropolitano, que teve por suffraganeos os B. de Leiria, Lamego, Guarda e Portalegre.

A séde patriarchal foi depois transferida para a ant.ª egreja parochial de Sta Maria Maior, onde tem sempre existido, salvo o tempo necessario para proceder ás obras

de reparação do edificio, durante o qual permaneceu na egreja de S. Vicente de fóra.

Segundo a carta regia de 24 de julho de 1844 compõe-se o cabido da sé patriarchal de 6 dignidades: deão, chantre, arcypreste, arcediago, thesoureiro mór, mestre escola, 18 beneficiados e 15 capellães cantores.

Comprehendia o districto d'esta F. antes do terremoto de 1755, segundo J. B. de Castro, as ruas do Albuquerque, do Almargem, do Barão, das Canastras, dos Conegos, Direita de S.^{to} Antonio, Detraz de S.^{to} Antonio, de João Fogaça, de S. João da Praça, de S. Jorge, da Parreirinha; os largos do Aljube, da Basilica, das Cruzes da Sé, do Senhor de Bellas; o Meio da Ribeira, Mercearias dos Homens, Mercearias das Mulheres, Passadiço da Ribeira, Arco da Consolação, Arco de S. Francisco, Porta do Ferro, Porta do Mar, Calçadinha da Graça, Calçadinha do Quebra Costas, Pateo de S.^{to} Antonio, Pateo da Audiencia, Campo das Cebollas; e varios becos.

P...	C..........		
	A..........	510	
	E. P........	547...............	2047
	E. C...........................		2702

J. B. de Castro assigna a esta F. 896 fogos antes do terremoto, *depois quasi deserta.*

Esta F. tem hoje o titulo de prior.^{o}

Está sit.^{a} a egreja parochial da Sé na encosta do monte do Castello para a parte do S. quasi a meia ladeira sobre o rio, da m. d. do qual dista 300^{m} para o N. e da Praça do Commercio 300^{m} para E. N. E.

O templo querem alguns auctores seja obra mandada fazer pelo imperador Constantino, o Grande, ou por sua mãe Sta Helena, e fundam-se para isso em razões que parecem plausiveis, as quaes se podem ver na *Miscellanea* de Miguel Leitão de Andrade, dialogo II, pag. 57 e seguintes. Outros são de parecer que o erigiram os mouros, e outros finalmente que seja obra do mesmo rei D. Affonso Henriques.

Chamam tambem a esta F. Basilica de S.ta Maria Maior pela instituição da sua Basilica em 1742.

No tempo em que escreveu C. R. de Oliveira (1551), ainda existia na Sé a celebre confraria de *cosmos* de que não podemos attingir bem a significação, n'esses tempos em que era desconhecido o *cosmopolitismo* de que tanto se falla nos nossos.

Em 1344 arruinou a capella mór da egreja um horrivel terremoto (Miguel Leitão diz que foi um raio) sendo reedificada por D. Affonso IV que ali tem seu jazigo assim como a rainha D. Brites sua mulher.

Por effeito de outro terremoto succedido em 24 de agosto de 1356 (d'onde talvez proveiu o dito que voga entre o povo de n'esse dia *andar o diabo solto*) se arruinou segunda vez a dita capella mór, sendo reedificada por D. João I.

Em consequencia d'estes desastres e sobretudo do terremoto fatal de 1755, e das reedificações e reparações que tem tido, é o actual templo da Sé mui differente do primitivo.

É o dito templo de tres naves com magestosas columnas e varandas, a capella mór elegante e proporcionada á egreja, as do cruzeiro de bons marmores e ricas decorações; aquellas que ficam por detraz da capella mór, de um e outro lado como quem vae para a claustra, estão quasi todas a cargo dos conegos: ali se conserva tambem a cadeira em que se sentava D. Affonso IV e um magnifico presepio que está patente ao publico desde o Natal até aos Reis.

As invocações das capellas são as mesmas antigas, e só ha a accrescentar a capella (ou para melhor dizer altar) de Nossa Senhora da Conceição da Rocha, imagem apparecida junto ao L. de Carnaxide em 1823, e ainda hoje de muita devoção em Lisboa.

O tumulo que encerra o corpo do martyr S. Vicente está na capella mór do lado da epistola, em correspondencia aos tumulos de D. Affonso IV e de sua mulher D. Brites, que estão do lado do evangelho.

Em um pequeno pateo se conservam sempre dois cor-

vos em memoria dos que diz a tradição acompanharam no navio o corpo do santo.

Ás differentes capellas da Sé andavam antigamente annexas, segundo diz J. B. de Castro, 24 mercearias, 12 de homens e 12 de mulheres, estas com a mezada de dez tostões e aquelles de mil e duzentos, além de muitas propinas em generos e dinheiro.

A sacristia encerra taes primores da arte e riqueza de vasos sagrados, alfaias e paramentos, que merece ser expressamente visitada; encontrando sempre os visitantes nas maneiras obsequiosas do ex.mo deão e reverendos conegos d'esta cathedral um incentivo para satisfazerem sua justa curiosidade.

Já démos noticia da instituição da santa egreja patriarchal de Lisboa e longe nos levaria a enumeração de suas regalias, preeminencias e dignidades, assim como a de suas decorações, adornos e serviço; o que tudo occupa no 3.º vol. do *Mappa de Portugal* de J. B. de Castro, desde pag. 163 a 204.

Já vimos como esta egreja patriarchal foi estabelecida na capella real dos Paços da Ribeira, onde já anteriormente havia uma insigne collegiada da inv. de S. Thomé, instituida no reinado de el-rei D. Manuel, a qual inv. mudou, pela instituição da mesma patriarchal, para Nossa Senhora da Assumpção. Não se poupou cabedal nem trabalho para tornar a dita capella real digna do alto titulo que D. João v lhe obtivera; porém todas estas riquezas destruíu e sepultou o horrivel terremoto de 1755 no começo do reinado de D. José I. Suspensos então os officios divinos, andou como errante a magestosa basilica e primeira séde de Portugal até á construcção de um novo edificio no sitio em que está hoje a praça e jardim do Principe Real.

Um pavoroso incendio destruíu completamente este novo edificio da patriarchal, que foi transferida para a egreja parochial de Nossa Senhora d'Ajuda, proximo ao palacio real, onde se conservou até que novamente voltou para a Sé.

Gosa o eminentissimo prelado da egreja lisbonense as

honras de cardeal, sendo sempre nomeado no 1.º consistorio immediato á sua eleição, como dispõe a bulla do papa Clemente XII, do anno 1737.

Estava contiguo ao edificio da Sé o antigo paço dos arcebispos, que dizem foi mandado edificar por um dos primeiros bispos de Lisboa, depois da tomada da cidade aos infieis. Arruinados estes paços (que consta serem magnificos e ornados com bastante riqueza) por successivos tremores de terra, desabaram completamente pelo terremoto de 1755, que só deixou de pé um portal, obra segundo dizem, do arcebispo D. Luiz de Souza, que havia mandado proceder á reedificação do edificio.

Entrando por este portal ainda se observam arcadas em ruinas e algumas pequenas partes do palacio egualmente arruinadas.

No ant.º districto d'esta F. estavam sit.as as seguintes:

EGREJA

Santo Antonio da Sé, fundação de el-rei D. Manuel em cumprimento de uma clausula do testamento de D. João II, no local em que esteve a casa onde nasceu o santo.

Arruinado o templo, pelo terremoto de 1775, foi de novo reedificado e hoje é uma das mais lindas peças de architectura da cidade, tanto no exterior como no interior. É um dos templos que o curioso observador deve visitar e apreciar por si mesmo.

Só assim poderá conhecer o estilo de sua architectura, a riqueza de seus marmores, o aceio e adorno de suas capellas, a perfeição de suas imagens e quadros, obras primas da arte; tudo emfim condigno e proprio da real casa em que o religioso povo de Lisboa conserva a memoria do seu especial padroeiro.

A real casa e capella de S.to Antonio, confiada aos cuidados e administração da camara municipal de Lisboa, celebra todas as funcções e festividades religiosas com decencia e grandeza, mantendo-se ali sempre inalteravel o de-

coro e devoção que tanto distinguem a illustrada e civilisada população da capital.

ERMIDAS

Nossa Senhora da Caridade. Fica junto ao edificio da Sé da parte do S.: foi fundada em 1747. É pequena mas de extremo aceio.

Antes do terremoto de 1755 achamos noticia em J. B. de Castro das ermidas de Nossa Senhora da Consolação no arco assim chamado, do Senhor Jesus dos Desamparados e Nossa Senhora do Rosario na rua das Canastras, de S. Sebastião da Padaria, onde havia um cirio (diz C. R. de Oliveira) de 28 arrobas que era dado pela cidade.

Todas estas ermidas se arruinaram completamente pelo terrremoto; assim como egualmente se arruinou a egreja de Nossa Senhora da Misericordia onde estava estabelecida a irmandade da misericordia, hoje em S. Roque, e de que adiante havemos tratar.

SANT'IAGO E S. MARTINHO

Esta F. é das ant.as de Lisboa: vem mencionada no *Summario* de C. R. de Oliveira (com 861 habitantes); ha noticia de que já existia em 1337 por uma composição que houve entre o prior e beneficiados, e a tradição de ter sido instituida pelo 1.º B. de Lisboa.

Era prior.º do padr.º real com 3 beneficiados.

Comprehendia o districto d'esta F. em 1708, a rua larga em frente da egreja, que vae dar aos Loyos, a rua direita que vae ás Portas do Sol, onde está a ermida de S. Braz, a rua que vae por detraz da egreja para o Chão da Feira, onde estavam as casas de Pedro de Figueiredo com uma ermida de S. Fillippe e Sant'Iago, e a rua que chamavam Passadiço de D. João de Castro (hoje talvez rua das Damas).

P...	C..........		
	A..........	442	
	E. P.........	442..............	2035
	E. C..........................		1599

J. B. de Castro assigna a esta F. 120 fogos e diz que nada soffreu pelo terremoto.

A egreja parochial está sit.^{a} na ladeira do monte do Castello para a parte de S. S. E. Dista da m. d. do rio 400^{m} para N. N. O. e da Praça do Commercio mais de $^{1}/_{2}{}^{k}$ para E. N. E.

O templo é pequeno e de uma só nave. No adro existia uma inscripção romana do que se lembra Cardozo e a menciona no *Agiologio Lusitano*. Hoje é prior.^{o}

O districto d'esta F. compr.^{e} a seguinte

ERMIDA

S. Braz, (vulgarmente chamada Sta Luzia), a qual era comm.^{a} da ordem de Malta: tem o titulo de capella real.

Venera-se ali, além de S. Braz, Sta Luzia e Sta Apollonia.

Este templo que para ermida é grande e para egreja pequeno tem muita antiguidade e foi bailiado da ordem no reinado de D. Affonso III.

Está hoje annexa á F. de Sant'Iago a seguinte:

S. MARTINHO

Tambem era esta F. das ant.^{as} de Lisboa: vem mencionada no *Summario* de C. R. de Oliveira (com 172 habitantes) e já d'ella existem memorias desde 1168.

Parece que em 1763 ainda existia uma inscripção da era de 1183, em que se mencionava o obito de um de seus priores.

Em 1551 era vig.^{a} com 4 beneficiados; e em 1708 outra vez prior.^{o} do padr.^{o} das rainhas.

Comprehendia esta F. em 1763, segundo J. B. de Cas-

tro, a cadeia do Limoeiro e o beco do Bogio, que era uma rua ou travessa que ficava logo abaixo da egreja, indo para a de S. Jorge.

«Tem mais nos seus limites, diz o referido auctor, o pateo chamado do Carrasco que fica para a parte esquerda da egreja.»

J. B. de Castro assigna a esta F., 30 fogos, antes do terremoto. Diz que só experimentou diminuição nos presos da cadeia, a qual ficou desfeita e totalmente inhabitavel.

O edificio em que se estabeleceu depois a cadeia chamada do Limoeiro foi, como todos sabem, antigo palacio real, que ainda consta ter sido habitado pelo infante D. Duarte, filho de D. João I.

É destituido de bellezas de architectura e parece ter tido modificações em differentes épocas.

A egreja parochial de S. Martinho depois da annexação á de Sant'Iago, foi demolida, no anno de 1839, e não restam d'ella vestigios, podendo comtudo pelo que se acha dito designar-se com certeza o seu antigo local, que era quasi fronteiro á mencionada cadeia do Limoeiro.

SANTA CRUZ DO CASTELLO

Esta F. é das mais ant.as de Lisboa: vem mencionada no *Summario* de C. R. de Oliveira (com 1176 habitantes), e d'ella se encontra noticia em uma escriptura do Bispo D. Alvaro, do anno 1168.

Em 1551 era vig.a da ap. do ordin.o com 5 beneficiados; porém no anno de 1708 já era prior.o com thesoureiro, cura e os mesmos 5 beneficiados.

Comprehendia esta F., em 1763, dentro do Castello de S. Jorge, a Praça d'Armas, Largo da Egreja, Largo do Recolhimento, Largo de S.ta Barbara, as ruas das Cozinhas, da Crasta, do Espirito Santo, das Flores, do Hospital, da Mouraria, Direita da Egreja para as portas do Castello, Direita para o Recolhimento, Nova da Madeira, do Castellejo da parte de fóra (?), e 3 becos.

P...	C.	172	
	A.	235	
	E. P.	348	625
	E. C.		953

J. B. de Castro assigna a esta F. 322 fogos antes do terremoto e 251 depois (em 1763).

Está sit.^{a} a egreja parochial de Sta Cruz do Castello na parte a mais oriental do Castello de S. Jorge, ou mais propriamente a N. E. proxima das muralhas, 150^{m} a vôo d'ave, do Arco de S.^{to} André para O. S. O. Dista da Praça do Commercio 1^{k} para N. E.

O templo primitivo dizem ser fundação d'el-rei D. Affonso Henriques, e alguns querem fosse antes mesquita dos mouros, consagrada logo depois da tomada de Lisboa ao culto christão.

Foi totalmente arruinada a egreja, pelo terremoto de 1755.

O templo que novamente se reedificou é espaçoso, mas nada encerra de notavel em architetura ou adornos.

O districto d'esta F. é o mesmo Castello de S. Jorge.

«A historia d'esta fortaleza (diz o *D. C.*) é a chronica de Lisboa em poder dos arabes e sob o governo dos nossos reis da primeira dynastia.

«Fundada pelos primeiros, reparada e melhorada pelos segundos, gosou de grande importancia emquanto foi cab.^{a} d'essas duas cercas de altos muros que fizeram de Lisboa uma fortissima praça de guerra.

«No decurso de mais de 4 seculos da dominação musulmana foi por vezes sitiada e assaltada pelos leonezes e castelhanos, que ora a rendiam á fé christã, ora se viam forçados a abandonal-a aos infieis, até que os portuguezes expulsaram os mouros para sempre.

«Mais tarde veiu a servir de residencia aos nossos soberanos, que ali tiveram os seus paços de Alcaçova, celebres por festas e outros successos que n'elles se passaram.

«Quando a cidade rompeu o seu ultimo cinto de muralhas, obra do rei D. Fernando, e se foi estendendo pelos

valles e montes visinhos, começou gradualmente a diminuir a importancia do castello, e perdeu-a de todo quando a nova tactica da guerra alterou o antigo systema de fortificação.

«Desde então, aquella fortaleza apenas tem tido valia e representação nas commoções populares e nas guerras civis, ameaçando a cidade; ou nas festividades nacionaes expressando o regosijo do povo.

«O nome de Castello de S. Jorge foi-lhe dado reinando D. João I, que declarou o dito santo patrono da fortaleza e defensor do reino...

«Tambem data d'essa época o ir S. Jorge na procissão do Corpo de Deus.

«No tempo anterior chamava-se simplesmente Castello ou Alcaçova.

«A parte do N. era a cidadella mourisca, que ainda existe, e se tem conservado com pouca differença.

«As outras partes tem passado por muitas alterações que lhe mudaram inteiramente o aspecto;.....................
...mas o que lhe alterou completamente a fórma foi o terremoto de 1755, que derrocou os seus principaes edificios, e a reconstrucção em que alguns foram demolidos e outros levantados segundo a nova planta...»

Antes do terremoto existiam no recinto d'este castello os paços de Alcaçova, então residencia do M. de Cascaes, alcaide mór de Lisboa, o Archivo Real chamado *Torre do Tombo*, a *Torre Albarrã*, onde antigamente se guardavam as joias e tapeçarias da corôa, os quarteis dos 4 regimentos da corte, o hospital de Nossa Senhora da Conceição, fundado em 1673, servido pelos religiosos hospitalares de S. João de Deus, e no qual se tratavam os militares: o Recolhimento de Nossa Senhora da Encarnação, fundado ou augmentado por D. João III, para amparo e sustentação de orfans nobres, cujos paes tivessem fallecido no serviço da corôa: a ermida do Espirito Santo, fundada em tempo d'el-rei D. Manuel pelos navegantes da carreira da India; a ermida de S. Miguel, vulgarmente chamada de S.ta Barbara

por uma imagem de S.[ta] Barbara qua ali festejavam os artilheiros; a qual ermida foi capella real quando a côrte habitou nos Paços de Alcaçova; finalmente a prisão militar.

Hoje compr.[e] o Castello as casas do governador e as dos officiaes e empregados da praça, dois quarteis militares, a prisão militar e o hospital para os presos; isto além dos largos, ruas etc., da F. de S.[ta] Cruz, que são, com pequena differença os que ficam mencionados.

A praça d'armas bem terraplenada e arborisada, tem uma formosa bateria de 7 peças que dá as salvas nos dias de gala, a qual estando bastante elevada sobre o nivel do rio e cidade baixa, gosa d'esta e do mesmo rio uma dilatada e aprazivel vista.

S. CHRISTOVAM

Esta F. é das ant.[as] de Lisboa e vem mencionada no *Summario* de C. R. de Oliveira, com 1687 habitantes.

Era prior.[o] da ap. de D. José de Menezes, senhor do morgado da Patameira, em 1708, e tinha 5 beneficiados da ap. alt.[a] do pontifice, arcebispo e prior da egreja.

Comprehendia o districto d'esta F., em 1708, o Adro da egreja, o Terreiro das Gralhas; as ruas do Regedor, do Terreiro do Ximenes, do Crucifixo, do Chão do Loureiro, da Costa, da Achada, das Flores, das Farinhas, rua Direita, travessa da Rosa; diversos becos e pateos.

P...	C.	450	
	A.	405	
	E. P.	512	2000
	E. C.		1400

Hoje é prior.[o]

Está sit.[a] a egreja parochial na encosta do monte do Castello para a parte do poente. Dista da Praça do Commercio $^1/_2$ [k] para N. N. E.

Pouco nos diz Carv.[o] a respeito d'este templo: e J. B. de Castro nem ao menos declara se padeceu ruina pelo terremoto.

É pequeno e sem coisa alguma notavel, com a porta principal para o poente e outra para o norte.

No districto da F. havia (e ainda existe) um recolhimento para orfans e pensionistas com a inv. de Nossa Senhora do Amparo.

S. LOURENÇO

Esta F. é das ant.^{as} de Lisboa e vem mencionada no *Summario* de C. R. de Oliveira com 526 habitantes. Ainda que em Carv.^{o} se leia que foi fundada por um clerigo (Pedro Nogueira) no reinado de D. Affonso III, não ha memoria autentica da sua existencia senão em um padrão por onde consta que em 1271 o bispo de Lisboa, D. Matheus, erguera por suas mãos um altar a Sta Victoria na dita egreja.

Era prior.^{o} da ap. dos V. de V.^{a} N. da Cerveira (depois M. de Ponte de Lima) com 4 beneficiados, tambem da ap. do mesmo padroeiro.

Comprehendia em 1708 a rua das Farinhas, ou das Farinheiras, a rua das Fontainhas, a rua da porta principal da egreja, e as travessas das Flores, do Gallo, e dos Jaspes.

Em 1763 a rua da porta principal da egreja se chamava rua de S. Lourenço.

P...	C.	320	
	A.	615	
	E. P.	700	2113
	E. C.		1677

J. B. de Castro assigna a esta F. 150 fogos antes do terremoto e 143 depois (em 1763).

Hoje é prior.^{o}

Está sit.^{a} a egreja parochial na encosta do monte do Castello pela parte de N. N. O. proximo e a N. O. da egreja de S. Christovam. Dista da Praça do Commercio 1^{k} para N. N. E.

Padeceu ruina com o terremoto de 1755 mas foi depois reedificada.

É templo pequeno e sem coisa notavel de architetura ou adorno.

No districto d'esta F. estava o most.º de Nossa Senhora do Rosario, ou da Rosa, da ordem de S. Domingos, fundado em 1519 por Luiz de Brito e sua mulher D. Joanna de Ataide, como constava de inscripção sepulchral do jazigo dos mesmos fundadores.

Tinha este most.º antes do terremoto boa egreja de talha dourada, ricos ornamentos e muitas peças de oiro e de prata. Com o terremoto soffreu ruina, caindo o tecto: depois se reparou, segundo diz J. B. de Castro; mas pelas informações que obtivemos parece-nos que nunca mais foi habitado. No local em que existiu ha hoje um predio particular.

SOCCORRO

A F. de Nossa Senhora do Soccorro foi instituida com parochianos da F. de S.ta Justa, no anno de 1596, na ermida de S. Sebastião da Mouraria, chamando-se mesmo ao principio F. de S. Sebastião da Mouraria; depois crescendo a população e parecendo pequena a ermida se construiu nova egreja, concorrendo principalmente para as despezas Agostinho Franco de Mesquita e sua mulher D. Anna da Cunha, transferindo-se para a dita egreja a imagem de Nossa Senhora do Soccorro, que ficou sendo o orago e o titulo da nova parochia, em 1646.

Não vem mencionada no *Summario* de C. R. de Oliveira, comquanto ali se falle da sobredita ermida de S. Sebastião da Mouraria, que tinha já uma confraria *ordenada pelos bombeiros.*

Os parochos tiveram em principio o titulo de curas e depois o de vigarios: a egreja era da ap. do ordinario.

P. . .	C.	1200	
	A.	2220	
	E. P.	2778.	6800
	E. C.		5252

J. B. de Castro assigna a esta F. 1600 fogos antes do terremoto e 840 depois (em 1763).

Hoje é prior.º

Está sit.ª a egreja parochial em terreno plano, entre as duas alturas do Castello e Campo de Sant'Anna. Dista da Praça do Commercio 1 $^1/_2$^{k} para N. N. E.

O templo soffreu grande ruina pelo terremoto de 1755, mas foi reedificado segundo parece pelo plano do antigo. de uma só nave, largo em relação ao comprimento, aceiado e bem ornado, mas sem coisa notavel em architectura. É bella a imagem da Padroeira que está no altar mór e elegante a cupula do corpo da egreja.

Comprehendia esta F., em 1708, as ruas, Direita do Collegio, de Cima, de Baixo, das Parreiras, Nova da Palma, Detraz da egreja de S. Domingos, dos Canos, dos Esparteiros, da Mouraria, de João do Outeiro, do Alamo, dos Cavalleiros, do Boi Formoso e rua Suja; as calçadas do Collegio e do Jogo da Pella: as travessas do Soccorro e da Lindeza; e os becos da Parreira e de Barba Leda.

O districto d'esta F. comprehendia os seguintes:

. COLLEGIOS

Santo Antão, de Jesuitas, fundado em 1579, onde se ensinavam publicamente diversas faculdades. Era edificio grandioso que o terremoto de 1755 em grande parte destruiu.

Ficava um pouco acima das Portas de S.to Antão. Acha-se n'elle estabelecido o hospital real de S. José.

Santo Antão o velho, chamado vulgarmente o Colleginho, sit.º na raiz do monte do castello, tão antigo que alguns auctores dizem ter sido dos templarios; e outros que foi mesquita dos mouros, onde depois a rainha D. Leonor, mulher de D. João II, mandou edificar o most.º da ordem de S. Domingos que foi transferido mais tarde para o sitio da Annunciada.

Foi a primeira casa que os padres de Companhia de Je-

sus tiveram n'este reino e ali habitou S. Francisco Xavier antes de passar á India; o qual já tinha grande devoção com a imagem de Nossa Senhora do Bom Despacho, que ainda ali se venera e tem uma boa irmandade a que está entregue a egreja. Tambem se festeja em 3 de dezembro, com bastante solemnidade, o grande apostolo das Indias, S. Francisco Xavier.

O templo é de boa architetura e está ornado de boas imagens.

Dos Meninos Orphãos, fundação da rainha D. Brites, mulher de D. Affonso III, com a inv. de Nossa Senhora de Monserrate, mas geralmente chamado de Jesus por uma confraria do Menino Jesus que ali se estabeleceu.

Parece que houve uma nova fundação d'este collegio em 1549, a instancias do padre Pedro Domenico, capellão de D. João III, e que o dotou da precisa renda a rainha D. Catharina, mulher d'este soberano.

Achando-se arruinado pelo correr dos tempos, mandou-o reedificar el-rei D. José em 1754, mas logo na anno immediato soffreu ruina pelos effeitos do terremoto.

Residiam n'este collegio 30 orfãos desamparados, preferindo-se os naturaes de Lisboa e seu arcebispado.

Dava-se-lhes de comer e beber, vestir e calçar, e eram obrigados a pedir esmola pelas ruas; parece que tambem acompanhavam enterramentos, pois diz Carv.º que só d'ahi provinha ao collegio mais de tres mil cruzados de renda.

Mais tarde, extincto o collegio, passou a recolhimento, e hoje está o edificio entregue á irmandade de Nossa Senhora da Guia, por haver sido expropriada a sua antiga ermida para as obras da continuação da rua Nova da Palma até ao largo do Intendente.

ERMIDAS

Nossa Senhora da Saude. A ermida de S. Sebastião da Mouraria, em que já fallámos, fundaram os artilheiros, segundo diz Carv.º, no reinado de D. João III, e não no governo da rainha D. Catharina, por isso que vem mencio-

nada no *Summario* de C. R. de Oliveira, como dissemos, e D. João III, falleceu em 1557.

Pouco annos depois da fundação da dita ermida (em 1569) se estabeleceu na egreja do Collegio dos Meninos Orfãos a irmandade de Nossa Senhora da Saude para dar culto á imagem da mesma invocação: tanto esta como a de S. Sebastião, tendo por fim obter que cessasse, ou não se repetisse, o flagello da peste que por esses tempos assolára a capital.

Separadas, continuaram as duas confrarias até ao anno de 1662, em que de commum acordo se reuniram em uma só com o titulo de Irmandade de Nossa Senhora da Saude e S. Sebastião: saindo em procissão no dia 20 de abril do dito anno, que occorreu ser a terceira quinta feira do mez, a imagem da Senhora, da egreja do referido collegio para a ermida de S. Sebastião: e em agradecimento de haver sido a cidade livre do terrivel contagio, formulou o senado da camara em nome de seus habitantes um voto de uma procissão annual em egual dia (terceira quinta feira do mez de abril), voto, que pelo decurso de 211 annos, e através de todas as vicissitudes, se tem sempre religiosamente cumprido.

Esta procissão é, depois da de *Corpus Christi*, a mais solemne da cidade: sae da ermida da Saude com as imagens de Nossa Senhora, e de S. Sebastião, dirige-se á Sé, d'ahi volta acompanhada pelo cabido, bazilica e camara municipal, entra na egreja parochial de S.ta Justa, onde tem logar o sermão commemorativo do voto e em seguida o *Te Deum*, recolhendo depois as imagens para a sua ermida.

De anno para anno nota-se verdadeiro progresso n'esta piedosa demonstração do affecto e devoção dos lisbonenses para com a Santissima Virgem padroeira do reino, e inclito martyr S. Sebastião.

A ermida soffreu alguma ruina pelo terremoto que foi depois reparada; hoje está decentemente adornada, e tem boas alfaias e paramentos, graças á zelosa irmandade de

que sempre el-rei é provedor (pelo que tem as honras de capella real) e especialmente do seu procurador o sr. coronel de artilheria Antonio Florencio de Sousa Pinto.

A imagem de Nossa Senhora da Saude, que é effectivamente das mais bellas d'esta capital, occupa o altar mór; e aos lados ficam as de S. Sebastião e S.[to] Antonio; d'este ultimo ha tambem outra imagem antiquissima que estava em um nicho, defronte da egreja do collegio dos meninos orfãos, e conhecida em todo o reino (diz Carv.º) pelo nome de S.[to] Antonio da Mouraria: a qual tambem hoje tem irmandade que promove o seu culto.

PENA

A F. de Nossa Senhora da Pena foi instituida no most.º de Sant'Anna com parochianos da F. de S.[ta] Justa: ignora-se ao certo o anno; mas como não vem mencionada no *Summario* de C. R. de Oliveira e consta ter sido visitada pelo arcebispo D. Jorge de Almeida em 1570, fica a sua instituição comprehendida entre os annos de 1551 e 1570.

A irmandade do Santissimo, coadjuvada por alguns parochianos mais poderosos, pensou mais tarde em transferir a F. para outra egreja, e fundaram desde seu principio a de Nossa Senhora da Pena, como diz Carv.º, ou aproveitaram uma egreja que se andava fazendo com esta invocação, como se collige de J. B. de Castro.

Em todo o caso a parochia foi transferida solemnemente para a nova egreja de Nossa Senhora da Pena em 25 de março de 1705.

Era cur.º da ap. do arcebispo e tinha um thesoureiro da mesma ap.

Comprehendia esta F., em 1708, o campo do curral, com suas travessas, a Carreira dos Cavallos; a calçada de Santa Anna, as ruas de S. Lazaro, de S.[to] Antonio, e a dos Birbantes, no fim da qual estava o cemiterio do hospital com sua capella.

P...	C.........	900	
	A.........	2287	
	E. P.......	1530...............	4000
	E. C.........................		6108

Assigna J. B. de Castro a esta F. 1336 fogos antes do terremoto e 1432 depois (em 1763); dizendo que pelo grande numero de familias que se abarracaram no campo, houve augmento em vez de diminuição na população da F.

Hoje é prior.º

Está sit.ª a egreja parochial quasi no cimo do monte ou alta chã ao longo da qual se estende o Campo de Santa Anna, entre os dois valles de Arroios e Andaluz. Dista da Praça do Commercio 1^{k} para o N.

O templo soffreu completa ruina pelo terremoto de 1755, mas foi depois reedificado, em conformidade com o primitivo: é espaçoso e tem uma collecção de imagens que são as melhores de Lisboa.

A *E. P.* chama a esta F. Nossa Senhora da Pena, mas dá como seu orago Nossa Senhora dos Prazeres: effectivamente a festividade ao orago faz-se no dia em que a egreja celebra Nossa Senhora dos Prazeres.

Comprehendia o districto d'esta F. os seguintes

CONVENTOS

Santo Antonio dos Capuchos, que era de religiosos capuchos da provincia de S.^{to} Antonio, fundado em 1570.

O edificio é pelo estilo de todos os conventos d'esta ordem, e a egreja que soffreu ruina pelo terremoto e foi depois reedificada, nada tem de notavel.

Tem boa alameda, umas *capellinhas* com os passos da paixão, muito concorridas, e uma escada indulgenciada tambem mui visitada por devotos.

Pertence hoje esta egreja e suas dependencias ao Asylo de Mendecidade.

Seminario de S. João e S. Paulo da Congrega-

ção da missão, segundo o instituto de S. Vicente de Paula, estabelecida n'este reino em 1716, e o seminario em 1717 no sitio de Rilhafolles, ou Relhafolles, muito perto e um pouco ao N. de S.^{to} Antonio dos Capuchos.

Extincta a congregação da missão em 1834 teve o edificio diversos destinos; ali esteve por algum tempo o collegio militar, e hoje acha-se estabelecido o hospital de alienados.

MOSTEIROS

Sant'Anna, da ordem de S. Francisco, que chama da ordem terceira tanto Carv.º como J. B. de Castro, quando descrevem Lisboa; porém que o mesmo J. B. não inclue nos mosteiros da dita ordem terceira no seu quadro das casas religiosas, mas sim nos da primeira regra como o de Nossa Senhora da Esperança e outros mais.

Foi fundado em 1561 pela rainha D. Catharina, em uma ermida antiga que já tinha a mesma invocação, primeiramente como recolhimento que permaneceu por vinte annos e no referido de 1561 passou a mosteiro.

A egreja, sit.ª no principio do Campo de Sant'Anna da parte do S., caíu pelo terremoto e foi depois reedificada. Nada tem de notavel em architectura ou adornos.

Nossa Senhora da Encarnação, de religiosas commendadeiras da ordem de S. Bento de Aviz, fundado em 1630 pela infanta D. Maria, filha d'el-rei D. Manuel: foi destruido por um incendio em 1734 e reedificado depois por D. João V; soffreu alguma ruina pelo terremoto a qual mandou reparar D. José I.

Está sit.º quasi a meia descida do Campo de Sant'Anna para a *cidade baixa*.

A egreja é pequena, porém muito aceiada e bem adornada: tem no altar mór um throno que é obra preciosa de talha, e em frente da porta uma linda capella ou mais propriamente altar em que se venera Nossa Senhora das Graças.

RECOLHIMENTO

Nossa Senhora da Encarnação e Carmo, fundado em 1704, no sitio de Rilhafolles. Usam as recolhidas habito carmelita e vivem exemplarmente. Existe no mesmo local.

ERMIDAS

Senhor Jesus da Salvação e Paz, na calçada de Sant'Anna, proxima ao most.º da Encarnação. Ainda existe no mesmo local.

S. Lazaro, pertencente ao hospital da mesma inv., hoje a cargo da administração do hospital de S. José. Ainda existe no mesmo local.

ANJOS

A F. dos Anjos foi instituida com parochianos da F. de S.ta Justa em uma ermida que já tinha a mesma inv. de Nossa Senhora dos Anjos, a qual vem mencionada no *Summario* de C. R. de Oliveira, mas não a F. por ser muito posterior, pois foi instituida entre os annos 1564 e 1569, quando era arcebispo de Lisboa o cardeal D. Henrique, pela razão de não poder o parocho de S.ta Justa acudir com os soccorros espirituaes a uma F. tão extensa como esta se havia tornado, pelo augmento da população e maior extensão da cidade, que ia successivamente abrangendo e transformando em ruas e travessas o que d'antes eram campos, hortas e q.tas

Em sua instituição foi esta F. dos Anjos simples cur.º com thesoureiro e coadjutor, mas passou a reit.ª posteriormente ao anno de 1717, com uma collegiada de 11 capellães.

Comprehendia o seu districto em 1708 (desde o Arco de S.to André até á q.ta da Fonte do Louro) a calçada de S.to André, rua da Oliveira, o bairro das Olarias com mui-

tas ruas, calçadas e travessas, a rua do Boi Formoso com suas travessas, o Muro Novo, Forno do Tijollo, e Estrada da Penha de França da parte esquerda, e as q.^{tas} da mesma parte até á Fonte do Louro, a rua acima da egreja até ao L. de Arroios, a Calçada de Alvalade até ao Arco do Cego, a Rua do Sol com as q.^{tas} que ficam na estrada da Charneca até aos Lagares de El-Rei, e as que ficam na estrada de Sacavem até á Fonte do Louro, a Bemposta (onde se fundou o palacio real, o do C. de Pombeiro e muitas casas nobres), a rua da Carreira dos Cavallos da parte d'este mesmo palacio, pois da outra pertence á F. da Pena.

Em J. B. de Castro (1763), vem mais mencionadas no districto d'esta F. as ruas de Sta Barbara, Bemposta Grande, Bemposta Pequena, Carreirinha, a Cruz dos Quatro Caminhos, Cruz dos Ciganos, Fontainha, Graça, Monte Agudo, Caracol da Penha, Poço dos Mouros, Rol, Rua Nova, Terreirinho; Travessa do Monte e alguns becos.

P...	C.	1080	
	A.	2860	
	E. P.	2560	12800
	E. C.		7961

J. B. de Castro assigna a esta F. 2140 fogos, antes do terremoto e 2410 depois (1763); diz que este augmento depois do terremoto procedeu do grande numero de familias que para ali vieram viver em barracas.

Hoje é prior.^{o}

Está sit.^{a} a egreja parochial no valle de Arroios, entre as alturas do Campo de Sant'Anna de um lado, e as da Senhora do Monte e Penha do outro. Dista da Praça do Commercio 2^{k} para N. N. E.

Ainda que J. B. de Castro chama a esta parochia Nossa Senhora dos Anjos a sua verdadeira inv. é Anjos como se lê em Carv.^{o}: e se collige do retabulo da capella mór da egreja.

Foi esta arruinada pelo terremoto, mas reconstruida ficou um bello templo, rico em obra de talha dourada. Além da capella mór da inv. dos Anjos, como dissemos, tem uma

capella do Santissimo, muito aceiada e outra correspondente no cruzeiro, que é acanhado, e mais 4 capellas lateraes no corpo da egreja. Uma d'estas capellas lateraes tem a inv. de Nossa Senhora dos Anjos e outra de Nossa Senhora da Conceição, com boa irmandade.

Comprehendia o districto d'esta F. os seguintes:

CONVENTO

Nossa Senhora do Desterro, da ordem de S. Bernardo, fundado em 1591. Extincto em 1834.

A egreja vasta e de bella cantaria abateu pelo terremoto e o conv.º tambem soffreu ruina.

Depois tendo-se feito algumas reparações no edificio, estabeleceu-se ali a Casa Pia, serviu de aquartellamento militar e finalmente foi entregue á administração do hospital de S. José, achando-se ali estabelecidas algumas enfermarias

O pequeno templo em que se conserva o culto divino, tem uma irmandade do Senhor dos Passos.

HOSPICIO

Nossa Senhora da Penha de França, de religiosos eremitas de S.to Agostinho (Agostinhos calçados) fundado em 1603.

A curiosa historia da fundação d'esta casa religiosa e egreja de Nossa Senhora da Penha de França tal como se lê em Carv.º, é em resumo a seguinte:

Antonio Simões, official de dourador, que assistiu á infausta batalha de Alcacer Quibir, prometteu, se da mesma escapasse, fazer 9 imagens da Mãe de Deus, com differentes invocações.

Salvo do perigo e já na patria cumpriu o seu voto, e uma d'estas imagens foi a de Nossa Senhora da Penha de França, titulo com que já se venerava em Castella, e lhe foi sugerido por um padre Ignacio Martins, da Companhia de Jesus,

que tambem o aconselhou a fundar uma capella para veneração da dita imagem.

Percorrendo o dito Antonio Simões o Val de Cavallinhos na companhia de outro dourador, Antonio Ferreira, que ali tinha uma q.[ta] e a offereceu para o fim desejado, não se contentou do sitio; e passando além, foram ao cabeço ou cabeça de Alperche de que muito gostaram; e sabendo que o terreno pertencia a Affonso de Torres Magalhães, lh'o pediram, e este vendo-se n'aquella mesma noite em perigo de vida com uma dôr de colica, fez promessa á Senhora de edificar a capella no dito seu terreno se alcançasse melhoras como effectivamente alcançou; e se lançou a primeira pedra da egreja em dia de Nossa Senhora da Encarnação do anno 1597.

Concluida a ermida veiu para ella em procissão a imagem da Senhora que estava depositada na ermida da Victoria.

Depois com esmolas dos devotos se fundou nova egreja, mais espaçosa, que Antonio Simões entregou aos eremitas de S.[to] Agostinho, no citado anno de 1603: concluindo-se o hospicio e adornando-se o templo com a valiosa coadjuvação de Antonio Cavide (ou Cabide) e sua mulher D. Mariana Antonia de Castro que ali tem seu jazigo.

Pelo fatal terremoto de 1755 caíu a abobada da egreja, sepultando nas ruinas mais de 300 pessoas; capella mór, tribuna, tudo abateu e completamente se arruinou.

Passados apenas tres annos estava o templo restaurado com os poderosos donativos d'el-rei D. José, do M. de Marialva e esmolas dos devotos da Senhora, cuja imagem se tirara illeza d'entre as ruinas: o que tudo se acha commemorado em uma inscripção latina, gravada em uma lapida junto á balaustrada do vestibulo da egreja.

Esta é de fórma octogonal vestida de excellentes marmores, e adornadas as capellas de obra de talha dourada.

A imagem de Nossa Senhora da Penha de França, que está no altar mór, tem rica peanha de mosaico e lindo camarim. As outras capellas são todas muito aceiadas e ri-

camente ornadas. Alguns dos paineis são do nosso pintor Pedro Alexandrino e os da sacristia de Bento Coelho. Junto da sacristia, que é alegre e espaçosa, está a casa chamada dos milagres, onde o povo de Lisboa vae aos domingos admirar o *lagarto da Penha*, formidavel jacaré suspenso na parede em memoria de um reptil de que um devoto se viu livre por intercessão da Senhora.

Na dita casa dos milagres repousa sobre leões o mausuleu dos dois bemfeitores de quem já fallámos Antonio Cavide e sua mulher.

O culto e conservação da egreja, que tem as honras de capella real, está a cargo da irmandade respectiva, e ha tambem na mesma egreja outras irmandades que festejam os seus padroeiros com bastante esplendor.

Em aceio e decencia é Nossa Senhora da Penha uma das primeiras egrejas de Lisboa.

Ha muitos annos que deixou de fazer-se a celebre procissão dos ferrolhos que em cumprimento de um voto, feito pela camara da cidade em occasião de peste, saia de S.to Antonio da Sé á meia noite de 5 de agosto. Este voto foi commutado pelo cardeal patriarcha em uma missa cantada na egreja da Penha, assistindo a camara.

Do edificio do ext.o hospicio fez o governo hospedaria militar, mas parece-nos que hoje deixou de ter essa applicação; tendo comtudo o governo concedido casas para habitarem ali algumas infelizes orfans e viuvas de militares.

Além do incentivo da devoção concorrem a este sanctuario muitos curiosos para desfrutarem as bellas e encantadoras vistas dos arredores de Lisboa.

Já fallámos do monte da Penha que é o ultimo da serie de alturas que vão do S. para o N. da cidade, ficando este ao nascente do começo do lindo valle de Arroios, sobranceiro ao largo do mesmo nome, para onde desce um tortuoso caminho conhecido pelo nome de Caracol da Penha.

Mosteiro de Arroios, Horta da Cera, Poço dos Mouros, Alto do Pina, mais longe as alturas do Arco do Cego, Pi-

côas, Campolide, povoações, casaes, q.tas, pomares, outeiros e collinas, paisagem admiravel de que só póde fazer-se idéa visitando o lindo sitio de Nossa Senhora da Penha de França.

Nossa Senhora da Conceição, hospicio de religiosos capuchos da provincia da Conceição, fundado em 1707 e reedificado em 1738, á custa do infante D. Francisco, tendo ainda novas reparações em 1755, antes do terremoto, mandadas fazer pelo infante D. Pedro.

Pouco soffreu pelo terremoto.

Tambem lhe chamavam hospicio da Carreira, por ficar situado na rua da Carreira dos Cavallos.

A egreja é pequena porém de muito aceio.

Não obstante a extincção das ordens religiosas em 1834 tem continuado na egreja o culto divino.

ERMIDAS

Nossa Senhora da Conceição, capella real do palacio da Bemposta e collegiada, a qual só tem hoje um capellão com as honras de conego.

É fundação o palacio da Bemposta (de que trataremos agora para não fazermos separações desnecessarias), da rainha D. Catharina, filha de D. João IV e viuva de Carlos II de Inglaterra, que o mandou construir para sua residencia; pelo fallecimento da rainha passou para a corôa, segundo o seu testamento.

D. João V doou o palacio e q.ta da Bemposta ao infantado.

Extincta em 1834 a casa do infantado, voltou novamente á corôa, que em 1853 ou 1854 cedeu o palacio á escola do Exercito, e a q.ta ao Instituto Agricola.

O palacio da Bemposta, vulgarmente chamado Paço da Rainha, não tem bellezas de architectura dignas de serem notadas em uma residencia real, mas não deixa de ser um bom palacio com salas magestosas, de frontespicio agradavel e de cantaria excellente.

A egreja tem fachada elegante e boa escadaria. É dedicada a Nossa Senhora da Conceição, cuja imagem pintada no retabulo da capella mór é obra de José Throno, artista de Turim, e os retratos de D. Maria I e dos principes que se vêem no mesmo quadro são de Hichey, pintor inglez.

As estatuas em marmore da rainha S.ta Izabel e de S. João Baptista, assim como o baixo relevo que adorna o frontespicio da egreja são devidos aos nossos esculptores José de Almeida e Joaquim José de Barros Laborão.

Na sacristia ha quadros de André Gonçalves muito estimados pelos entendedores; foram feitos para a capella, mas arruinada esta pelo terremoto, quando depois se reedificou entendeu-se que deviam ficar na sacristia. Por esta occasião (diz o *D. C.*) tambem foi transferido para a sacristia, um bello quadro que representa Nossa Senhora com o Menino Jesus, geralmente attribuido a Grão Vasco e que outros dizem ser de Holbein. Em qualquer dos casos é de grande apreço e hoje faz parte da galeria de pintura do palacio das Necessidades.

Na q.ta da Bemposta se está edificando o magnifico hospital de D. Estephania que se deve á virtuosissima esposa do sr. D. Pedro V de saudosa memoria.

Nossa Senhora do Monte, fundada em 1243 no mais alto cume do 3.º monte da serie de elevações que vão do S. para o N. na parte oriental da cidade.

Em um pequeno socalco, a meia ladeira d'este monte, o mais a prumo e alcantilado de todos, para o lado occidental, ha bem fundada tradição que existiu o eremiterio de S. Gens, pouco mais ou menos no sitio que chamam hoje travessa da Nazareth, em que se estabeleceram depois, como dissemos, os eremitas de S.to Agostinho que mais tarde passaram para o alto do monte e finalmente para a Graça; porém sempre lhe ficou pertencendo a ermida.

Esta havendo soffrido ruina pelo terremoto, foi reedificada e ha poucos annos novamente reparada. É um primor de aceio este pequeno mas lindo templo, o que certamente

é devido á sua zelosa irmandade que se intitula de Nossa Senhora do Monte e S. Gens.

A imagem da senhora é bella e de muita devoção.

Na ermida se conserva bem guardada e recatada a cadeira em a qual S. Gens (que se conjectura ter sido B. de Lisboa no tempo do imperador Diocleciano) se sentava para fazer suas praticas ao povo.

S. JORGE

Esta F. era das antigas de Lisboa: vem mencionada no *Summario* de C. R. de Oliveira (com 507 habitantes), e segundo J. B. de Castro coincide a sua antiguidade com a da F. de S. Bartholomeu, que sem duvida existia em 1168.

Era prior.º da ap. do conego mestre escola do cabido da sé de Lisboa; mas que nunca a apresentou (diz J. B. de Castro) andando sempre em concursos e renuncias. O prior apresentava 4 beneficiados que todos eram tambem de renuncia.

Pelo pequeno districto que comprehendia esta F. (parte da rua direita que ia do largo da egreja para o Limoeiro, só da banda direita, e parte dos becos do Alecrim e do Bogio só do lado da egreja) se póde ajuisar do local em que estava a sua egreja parochial, que nos parece devia ser mui proximo á egreja de S. Martinho.

P...	C.	17	
	A.	287 (intra-muros)	
	E. P.	500	1325[1]
	E. C. (intra-muros)		1259

J. B. de Castro assigna a esta F. 58 fogos antes do terremoto, *depois deserta.*

Hoje é prior.º

A egreja parochial estava situada como já dissemos, proxima á de S. Martinho; foi completamente destruida pelo

[1] Inclue as duas partes intra e extra-muros de Lisboa.

terremoto de 1755, passando então a séde da F. para a ermida de S.ta Barbara, adiante do Campo do Curral (segundo J. B. de Castro) e depois voltou a estabelecer-se no antigo local *do modo possivel*, d'onde se infere que a egreja não foi reedificada, e por isso mais tarde foi novamente transferida a séde da parochia para alguma ermida no sitio de Arroios, e depois para a egreja actual de S. Jorge de Arroios, para esse fim expressamente construida.

Fica sit.a esta egreja parochial no começo do valle de Arroios, mais de 1k para o N. da egreja dos Anjos, proximo da porta da cidade denominada de Arroios. Dista da Praça do Commercio 3k para N. N. E.

A egreja é pequena mas bem ornada.

Pela moderna organisação administrativa ficou esta F., quanto aos effeitos civis, dividida em duas partes denominadas S. Jorge intra-muros, e S. Jorge extra-muros.

«Os factos de que já não existem testemunhas occulares (diz o *D. C.*) podemos conhecel-os pela tradição, pela historia e pelos monumentos. Tal é entre os mais notaveis nos fastos portugezes, o celebre ajuste de paz que a rainha D. Izabel, depois canonisada, conseguiu fazer celebrar no anno de 1323, entre seu marido o rei D. Diniz e seu filho o infante D. Affonso, quando se achavam frente a frente dispostos a darem-se batalha a todo o trance.

«O senado da camara da cidade de Lisboa querendo perpetuar esta recordação historica do seculo XIV, mandou lavrar na cidade do Porto a pedra para um monumento que no sitio denominado de Arroios, uma das entradas principaes de Lisboa, recordasse aos vindouros a piedosa intervenção que resolvera em jubilo e concordia a sanha que pouco antes ardera n'aquelles alterosos animos.

«Ainda que este facto teve logar proximo do Campo Pequeno, como denota uma lapida que ali se observa, comtudo o senado da camara o quiz fazer mais patente em o sitio de Arroios, onde, diz a tradição, estavam as tropas do rei.»

. . . .

«No anno de 1837 a camara municipal da cidade de Lisboa mandou remover este padrão insigne do local que desde o seculo XVI occupava, no proprio largo de Arroios, para a sacristia da egreja, onde os curiosos podem observal-o.»

Com a presente F. se completam as 15 FF. do bairro oriental da cidade.

MAGDALENA

A F. de S.ta Maria Magdalena, é das ant.as de Lisboa; vem mencionada no *Summario* que lhe dá 9671 habitantes.

É das primeiras da cidade em antiguidade, segundo diz Carv.º, e ha noticia autentica de que a sua instituição é anterior ao anno 1164, em que morreu o prior D. Fuas: assim como outro documento do anno 1237, que é a escriptura de um fôro que pagavam umas casas situadas na dita F., *junto ao Paço dos Navios d'el-Rei*, ao most.º de Chellas e que pertenciam a João Annes e Ouroana Richardes.

Era prior.º do padr.º real, que depois passou a ser da casa da rainha, e tinha 5 beneficiados da ap. do prior, e mais de 40 capellães, segundo affirma J. B. de Castro, com obrigação de missa diaria.

Comprehendia esta F., em 1708, as seguintes ruas: da Corrieria, da Mercearia, do Terreiro de Martines, das Pedras Negras, dos *Almazães*, do Arco do Caranguejo, do Pé da Costa, da Porta do Ferro, dos Selleiros, Nova da Prata (em parte), da Confeitaria (da parte do Ver do Peso, e da parte dos Sapateiros, até ao Arco dos Pregos), do Principe, rua e largo do Pelourinho Velho (*que é agora novo*, diz Carv.º), da Portagem, da Fancaria de Baixo, das Carniçarias, de D. Julianes, de D. Mafalda, do Hospital dos Palmeiros, da Padaria, dos Arcos da Misericordia; e diversos becos.

Vem mais mencionadas em J. B. de Castro, como existentes em 1755, antes do terremoto, as ruas do Arco de

D. Tereza, de D. Gil e Annes, das Louceiras, da Portagem, Nova (da parte dos livreiros e da parte dos mercadores), Terreiro do Paço (onde estava o palacio real e outros nobres edificios) e o Caes da Pedra. Tanto o Terreiro do Paço como o Caes tudo se desfigurou e arruinou pelo terremoto.

«Eu vi o Caes, diz uma testemunha presencial do acontecimento, com immenso concurso de povo, afundir-se, e os botes e navios que estavam proximos girarem e submergirem-se na cavidade que ali se formou. Voltei ali passados alguns dias e não achei se quer as ruinas do caes em qne tinha muitas vezes dado agradaveis passeios: só vi agua profunda e em partes tão profunda que não podia ser sondada!»

P...	C.	700	
	A.	505	
	E. P	509	2083
	E. C.		2011

Assigna J. B. de Castro a esta F. 800 fogos antes do terremoto e depois 4! e essas mesmas familias habitando em barracas, pois as ruas totalmente se extinguiram e as casas abateram.

Hoje é prior.º

A egreja parochial está sit.ª na ladeira do monte do Castello para a parte de S. O. e já proxima da margem do rio. Dista da Praça do Commercio 250ᵐ para N. E.

O templo que resistiu aos impulsos do terremoto, foi devorado pelo incendio subsequente.

Sendo reedificado conservou a sua antiga fórma pelo que se lê em Carv.º, mas só de uma nave (quando d'antes tinha tres) e com as suas tres portas para o occidente.

É espaçoso e de bastante largura em relação ao comprimento.

No ant.º districto d'esta F. faz menção Carv.º, da ermida de S. Sebastião da Padaria que J. B. de Castro dá existente antes do terremoto na F. da Sé. Este auctor menciona na parochia da Magdalena as ermidas de Nossa Senhora da Assumpção, na Rua dos Ourives da Prata, e a de Nossa

Senhora de Belem que era hospital de pereginos e de captivos resgatados que regressavam de Jerusalem; chamavam-lhe hospital dos Palmeiros, pelas palmas que sempre traziam na mão voltando da santa cidade.

Todas estas ermidas foram destruidas pelo terremoto, de tal sorte que mal se póde dizer o logar em que estavam.

S. NICOLAU

Esta F. é das antigas de Lisboa: vem mencionada no *Summario* de C. R. de Oliveira, (com 10775 habitantes) e consta ter sido mandada edificar ou reedificar pelo bispo D. Matheus, o qual governou esta diocese desde 1259 até 1282.

Era prior.º do padroado da casa da rainha, com thesoureiro e 5 beneficiados, segundo o dito *Summario* e todos da ap. do prior; mas J. B. de Castro diz serem 10 beneficiados, o que tudo póde ser verdade em razão da differença dos tempos.

Esta F. já no tempo de Carv.º era uma das mais opulentas da cidade.

Comprehendia o seu ant.º districto em 1708 o Adro da Egreja, o Arco de Jesus, o Chancudo, o Calçado Velho, a Pichelaria, a Boca Negra, a Sombreiraria, o largo da Victoria, a Caldeiraria, o Poço do Chão, o Caracol do Carmo, o Rocio (só uma parte), a Praça da Palha, o Pocinho; as ruas dos Torneiros, das Pedras Negras, Detrás da Egreja Nova, das Mudas, das Cabriteiras, das Esteiras, dos Douradores, Nova do Almada (da banda do Espirito Santo), dos Formeiros, do Crucifixo, dos Chapineiros, dos Cabeiros, dos Espingardeiros, do Mestre Gonçalves, de Val-verde, dos Odreiros, dos Escudeiros, do Lagar do Cebo, da Crasta, das Arcas, do Barreiro, de Pinovai, de Quebra Costas, Detrás da Palma; as calçadas de Paio de Novaes, do Carmo, a calçadinha do Carmo; e diversos becos.

P...	C..........	3633	
	A..........	1070	
	E. P.......	1081..............	1019
	E. C..........................		1084

J. B. de Castro assigna a esta F. 2325 fogos antes do terremoto e 575 depois, *familias a maior parte dispersas ou abarracadas.*

Hoje é prior.º

Está sit.ª esta egreja perochial no grande valle a que se chama a *cidade baixa* e proximo á raiz do monte do castello pela parte de O. S. O. Dista da Praça do Commercio 300^{m} para o N.

Constava de um letreiro antigo que o templo fôra reedificado em 1627, havendo-se transferido a parochia durante as obras para a ermida de Nossa Senhora da Victoria.

No terremoto de 1755 soffreu completa ruina, e sendo depois reedificado ficou de mui differente fórma da que anteriormente tinha: como se collige da noticia que nos dá Carv.º

O templo actual é espaçoso e bem proporcionado, ricamente adornado; com boa sacristia, e optimas alfaias e paramentos.

A irmandade do Santissimo é riquissima e exemplarmente administrada.

No districto d'esta F. havia os seguintes:

CONVENTOS

Corpus Christi, de religiosos carmelitas descalços, fundado em 1648 pela rainha D. Luiza, mulher de D. João IV, em memoria e agradecimento de haver Deus livrado milagrosamente o mesmo soberano dos planos regicidas começados a pôr em pratica por um degenerado portuguez, que soffreu no patibulo o castigo da sua aleivosia. Foi extincto em 1834. No local em que estava ha hoje uma propriedade particular.

Espirito Santo, dos padres da congregação do orato-

rio de S. Filippe Nery, introduzida em Portugal pelo veneravel Bartholomeu do Quental em 1668, fundando-se a 1.ª casa em um pequeno collegio nas *Fangas da Farinha* que fôra de Dominicos Irlandezes, e mudando-se em 1674, pelo augmento em o numero dos congregados, para o dito sitio do Espirito Santo, onde permaneceram até á extincção em 1834.

O templo, segundo diz Carv.º, baseando-se em uma escriptura, era muito mais antigo e já estava edificado em 1279.

Soffreu bastante pelo terremoto, perdendo-se uma preciosissima custodia de diamantes, outras muitas alfaias e uma boa livraria.

ERMIDAS

Ascenção do Senhor, fundada na rua de Val-verde.

Nossa Senhora da Palma, defronte do convento de Corpus Christi, no fim da rua dos Torneiros.

Estas duas ermidas foram completamente arruinadas pelo terremoto.

A de Nossa Senhora da Palma vem mencionada no *Summario* de C. R. de Oliveira.

Nossa Senhora da Victoria, tambem foi destruida pelo terremoto, edificando-se depois outra com o mesmo titulo, sit.ª proximo á rua Aurea em uma travessa a que dá o nome.

É das melhores ermidas de Lisboa.

HOSPITAL

Dos Irmãos Terceiros de Nossa Senhora do Monte do Carmo, sit.º na calçadinha do Monte do Carmo, fundado em 1704.

Foi destruido pelo terremoto e incendio subsequente.

CONCEIÇÃO NOVA

Esta F. é das ant.^{as} de Lisboa (o seu orago é Nossa Senhora da Conceição) com quanto não venha mencionada no *Summario* de C. R. de Oliveira, por isso que foi instituida em 1568 pelo cardeal infante D. Henrique, na egreja da real collegiada de Nossa Senhora da Conceição, dos freires da ordem de Christo, compondo-se de parochianos das FF. da Magdalena e S. Julião.

Era cur.^{o} com um thesoureiro da ap. do arcebispo, e tinha mais 12 capellães com obrigação de côro, as quaes capellanias eram dadas por concurso aos que tinham melhor voz e sabiam mais cantochão.

Por controversias entre o cura e os beneficiados da collegiada foi transferida em 1682 a séde da parochia para a ermida de Nossa Senhora da Victoria (sit.^{a} na Caldeiraria) onde permaneceu até 1699; então passou para uma nova egreja edificada no principio da rua dos Ferros, conservando a F. o seu primitivo orago, mas chamando-se Conceição Nova para a distinguir da egreja dos freires que appellidavam Conceição Velha.

Em 1754 passou a F. de cur.^{o} amovivel a reitoria.

Comprehendia o seu districto em 1708, os largos da Egreja dos Carmelitas Descalços e do Poço da Fotéa; as ruas do Adro da Egreja, da Tinturaria, da Fancaria de Cima, da Corrieria (em parte), dos Latoeiros, dos Mercadores, de Mataporcos, da Gibetaria Velha, de S. João, e a rua Nova (da banda da terra, em parte); e algumas travessas e becos.

P...	C.	550	
	A	867	
	E. P........	872...............	3173
	E. C.........................		3236

J. B. de Castro assigna a esta F. 850 fogos antes do terremoto e 84 depois.

Hoje é prior.^{o}

Está sit.ª esta egreja parochial na extremidade occidental do grande valle da *cidade baixa* e a pequena distancia do rio. Dista da Praça do Commercio 200^{m} para N. N. O.

Soffreu o templo bastante ruina com o terremoto de 1755, pois abateu o côro e abriu a frontaria. Foi depois reedificada mudando o frontespicio, porque lendo-se em Carv.º que tinha a porta principal para o Sul, hoje a tem para O. Não é grande mas está bem adornada e tem boas capellas.

Comprehendia o districto d'esta F. a referida egreja de Nossa Senhora da Conceição, dos freires da ordem de Christo, que alguns dizem ter sido synagoga de judeus, que el-rei D. Manuel mandou purificar e consagrar, dando-a aos ditos freires em troca da ermida de Nossa Senhora da Conceição do Rastello, em Belem, para se fundar ali o conv.º dos Jeronymos.

Havia n'esta egreja da Conceição Velha, vigario, thesoureiro e 8 beneficiados, todos da ordem de Christo.

Soffreu muito o templo, não tanto pelo impulso do terremoto, mas pelo incendio que se lhe seguiu.

Teve logar a reconstrucção; á qual presidiu tão mau gosto que das muitas bellezas da sua magnifica fachada apenas resta o portico, digno na verdade da admiração dos entendidos e na sacristia um bello grupo de figuras que o rematavam e foram apeadas em 1813, para dar mais luz á egreja.

S. JULIÃO

Esta F. é das antigas de Lisboa: vem mencionada no *Summario* de C. R. de Oliveira com o nome de S. Gião (13680 habitantes) e consta de alguns auctores antigos que já existia no anno de 1200, em que foi ali baptisado o papa João XXII, a quem deram o nome de Pedro Julião.

O seu parocho teve honras e titulo de capellão regio depois que el-rei D. Manuel mandou edificar os paços da Ribeira que ficavam no districto da F.

Era prior.º da ap. do ordin.º, com dois curas, dois thesoureiros e mais 6 beneficiados.

Comprehendia o districto d'esta F., em 1708, a Ribeira das Naus, a Campainha, a Torrinha, as Fangas da Farinha, a Parreirinha do Espirito Santo, o Arco dos Pregos, as Varandas do Terreiro do Paço, as Louceiras que *ficam por baixo d'ellas*, o Terreiro do Paço, os Passarinhos, a Parreirinha detraz da Egreja; as ruas do Arco do Oiro, da Tanoaria, da Trabuqueta, Nova do Almada, do Crucifixo (em parte), dos Fornos, da Calcetaria, da Ferraria, do Corrilho, do Tronco, das Manilhas, dos Ourives do Oiro, das Esteiras, dos Selvagens, do Chancudo, dos Carapuceiros, dos Mercadores, (em parte), Detraz da Egreja, Nova dos Ferros, (em parte), da Porta Travessa, do Passadiço detraz da Egreja, do Arco dos Barretes, da Confeitaria; a calçada de S. Francisco; e diversas travessas e becos.

Em 1755 antes do terremoto, o seu districto era menor porque parte d'elle pertencia á F. da Conceição Nova.

P...	C..........	1523	
	A..........	616	
	E. P........	500...............	2000
	E. C............................		2583

J. B. de Castro assigna a esta F. 1600 fogos antes do terremoto e a quarta parte pouco mais ou menos depois.

Hoje é prior.º

Está sit.ª a egreja parochial 50^{m} para S. O. da egreja da Conceição Nova. Dista da Praça do Commercio 150^{m} para N. O.

O templo foi completamente destruido pelo terremoto, perdendo-se ali grandes riquezas, pois só em prata tinha mais de 300 mil cruzados.

Foi depois reedificado, mas um pavoroso incendio o destruiu pela segunda vez em 1818.

Novamente se reedificou e acha-se concluido. Ficou um grandioso templo, todo de cantaria e ao gosto moderno.

No districto d'esta F. havia o conv.º de Nossa Senhora da Boa Hora, de Agostinhos descalços, fundado em 1674, no sitio que chamavam as Fangas da Farinha (ext.º em 1834).

Comprehendia tambem, e comprehende ainda, a ermida

de Nossa Senhora da Oliveira que foi dos *Lava-peixes*, e depois dos confeiteiros.

Esta ermida estava situada no adro da antiga egreja de S. Julião, foi destruida pelo terremoto e edificada novamente na actual rua de S. Julião, vulgarmente chamada dos Algibebes.

O *D. C.* menciona como existente n'esta F. o ext.º conv.º da Congregação do Oratorio, chamado do Espirito Santo, porque assim transcreveu de Carv.º; mas que segundo J. B. de Castro fazia parte da F. de S. Nicolau, mesmo antes do terremoto.

ENCARNAÇÃO

A F. de Nossa Senhora da Encarnação é sem duvida uma das antigas de Lisboa, pois com o titulo de Nossa Senhora do Loreto vem mencionada no *Summario* de C. R, de Oliveira, com 8679 habitantes. Effectivamente esta F. foi instituida na sobredita egreja do Loreto, que era dos italianos, por contracto com os mesmos italianos, de que ha instrumento publico datado de 2 de julho de 1551; e foi composta de parochianos da F. dos Martyres.

Destruida por um incendio a dita egreja do Loreto, em 1651, passou a F. para a ermida de Nossa Senhora do Alecrim, como consta tambem de escriptura entre os mesmos italianos e os padroeiros da ermida, que eram o desembargador Antonio Moniz de Carvalho e sua mulher D. Izabel Soares de Albergaria.

Voltou de novo a F. para o Loreto quando a egreja se reedificou em 1676, e em 1679 foi transferida segunda vez para a ermida de Nossa Senhora do Alecrim, em consequencia do letigio entre o cabido da Sé de Lisboa e os italianos, sobre o padr.º da egreja.

Em 1698 a condeça de Pontevel D. Elvira de Vilhena, viuva do 1.º conde Nuno da Cunha de Ataide, mandou á sua custa começar a edificação de um templo da inv. de Nossa Senhora da Encarnação, defronte da egreja do Loreto, para a parte do Sul, concluindo-se a obra em 1708;

não querendo a illustre fundadora entrar no templo em quanto viva, para fugir á minima vangloria; tem o seu jazigo na capella mór.

Era cur.º com 3 coadjuctores e um thesoureiro, todos da ap. do ordin.º, e tinha mais 12 capellães com obrigação de côro.

Comprehendia o districto d'esta F., em 1808, as ruas Direita do Loreto, Larga de S. Roque, das Gaveas, do Norte, dos Calafates, da Barroca, da Atalaia, da Trombeta, da Rosa (onde parte com a F. das Mercês[1]), do Carvalho dos, Mouros, do Teixeira, da Horta Secca, de Braz da Costa, do Alecrim, das Flores, da Ametade, das Parreiras, do Hospital das Chagas, das Chagas; e as travessas dos Capuchos, da Boa Hora, da Agua de Flor, do Relogio, da Queimada, do Poço da Cidade, dos Fieis de Deus, da Espera, das Salgadeiras e do Conde.

P. . .	C.	1500	
	A.		
	E. P.	2230	8500
	E. C.		7766

J. B. de Castro assigna a esta F. 2072 fogos antes do terremoto e menos de metade depois.

Hoje é prior.º

Está sit.ª a egreja parochial na suave descida que vem das alturas da Praça do Principe Real (continuação das de Campolide) a quasi $^1/_2{}^k$ da margem do rio para N. N. E. Dista da Praça do Commercio mais de $^1/_2{}^k$ para N. O.

O terremoto de 1755 arruinou o templo, que o subsequente incendio consumiu de todo.

Depois de varias mudanças proprias de tão calamitosa época, foi installada a séde parochial na egreja de S. Roque, e ali se conservou até se concluir a nova egreja, fundada no mesmo sitio da antiga.

[1] E talvez por isso lhe pozessem depois o nome de rua da Roza das Partilhas. M. L. de Andrade chama-lhe simplesmente rua da Roza.

É um dos magestosos templos da capital, todo de boa cantaria e ao gosto moderno, com as capellas pouco fundas mas ricamente adornadas.

Comprehendia o districto d'esta F. o seguinte:

CONVENTO

S. Pedro de Alcantara, de religiosos arrabidos, fundado pelo 1.º M. de Marialva em 1670, n'umas casas abaixo da ermida de Nossa Senhora do Alecrim, que tinham serventia para a rua das Flores, d'onde passou para outras que eram do C. de Avintes, junto ao Moinho de Vento: começando a edificar-se egreja propria em 1680 e concluindose em 1685.

Soffreu grande ruina pelo terremoto, sendo depois reedificado.

Foi ext.º em 1834, e tomou posse da egreja a Santa Casa da Misericordia que ali conserva o culto divino, e uma especie de recolhimento.

EGREJAS

S. Roque, teve principio em uma ermida muito antiga e que vem mencionada no *Summario* de C. R. de Oliveira, a qual diz Carv.º ter sido fundada por el-rei D. Manuel «em um campo ou monte fóra dos muros da cidade todo cercado de oliveiras de que ainda hoje preserva uma que deu o nome á rua da Oliveira.» Já ali havia um cemiterio com seu adro, onde se enterravam os que morriam da peste, que então grassava em Lisboa, e por isso deram á ermida a invocação de S. Roque, tomando-o por padroeiro contra o horrivel contagio.

Concluida a ermida no anno de 1515, ou pouco antes, ali se instituiu uma confraria de S. Roque em que entravam as pessoas reaes, a principal nobreza, e tambem muita gente do povo.

Foi esta ermida entregue no anno de 1553 aos padres da Companhia de Jesus que ali fundaram nova egreja, se-

gundo parece no anno de 1567, com 13 capellas, sendo uma d'estas a de S. João Baptista.

Em 1740 indo D. João v visitar esta egreja dos jesuitas, por occasião da festividade de Santo Ignacio de Loyolla, reparou em que de todas as capellas era a de S. João Baptista a mais singelamente adornada, e inquirindo a razão, lhe disseram que esta capella era a unica da egreja que não tinha irmandade encarregada do seu adorno.—Pois bem, disse o soberano, como é do Santo do meu nome eu a tomo ao meu cuidado.

Foi encommendada para Roma uma capella, a qual depois de prompta se armou dentro da Basilica de S. Pedro e ali disse missa o papa Benedicto xxiv; desmanchou-se outra vez e foi conduzida para Lisboa, vindo tambem com ella artistas italianos para a collocar e embellezar.

Segundo a descripção que vem no 2.º vol. do *D. C.* o arco d'esta grandiosa capella é, da parte exterior de *colorinda*, tendo sobre o fecho o escudo das armas reaes, sustentado por dois anjos em *alabastro:* interiormente é tambem de *alabastro.*

Uma balaustrada de *verde antiquo* separa a capella do corpo da egreja, vedando-lhe o ingresso pela frente.

Tem duas portas lateraes, uma para o cruzeiro e outra para a capella immediata, ambas são de bronze lavrado e arrendado e as hombreiras e verga de *verde antiquo.*

As paredes da capella no envesamento, ou roda-pé, são de marmore preto e para cima de *alabastro* e *jaldo antiquo*, com pilastras d'este ultimo precioso marmore.

Sobre as portas ha dois paineis de *mosaico* e molduras de *porfidos*, guarnecidas de ornatos de bronze.

A cimalha é de *jaldo antiquo* com brincadas guarnições de bronze.

A abobada é tambem de *jaldo* e de *verde antiquo* com varias tarjas, serafins e paineis de *jaspe.*

O retabulo é um grande quadro de *mosaico* com moldura de *porfido* e ornatos de bronze: representa S. João baptisando Christo no Jordão.

Os dois paineis das portas representam, um a Annunciação, outro a descida do Espirito Santo sobre os apostolos.

Estes 3 formosissimos e riquissimos paineis foram copiados de quadros dos grandes mestres de pintura em Italia, o 1.º de Miguel Angelo, o 2.º de Guido de Bolonha, e o 3.º de Rafael de Urbino.

Massuci reproduziu no *mosaico* as bellezas dos quadros dos 3 grandes mestres: todos os paineis são obras primas da arte; mas no do Baptista ha de muito especial a notar a transparencia das aguas do Jordão, no da Annunciação a nobreza e expressão das figuras, e no do Pentecostes o bello effeito do todo.

O retabulo está entre 8 grandes e magestosas columnas de *lapis-lazuli*, de 15 palmos de altura, com capiteis de bronze doirado, e bases de *alabastro* e *jaldo antiquo.*

As paredes por detraz das 8 columnas são de *alabastro* e *amethistas.*

Por baixo do retabulo até ao altar tudo é *colorinda, amethistas* e *lapis-lazuli.*

O degrau em que pousam a cruz e os castiçaes é de *cornalina* e bronze doirado.

O altar é todo de *jaspe*, excepto o frontal que é de *lapis-lazuli* e *amethistas.*

Os dois degraus do altar são de *porfido*, e o suppedaneo de *granito do Egypto*, todos tres assentes sobre bronze lavrado.

O pavimento da capella é de *porfido* e de *mosaico*, imitando uma linda alcatifa de flores de variados e vivos matizes com o globo no centro.

Pendem do tecto da capella 3 grandes lampadas de prata e bronze doirado com muita diversidade de lavores.

Levantam-se do pavimento dois candelabros de prata doirada que não tem menos de 12 palmos de altura. Estes candelabros são obra riquissima e custaram 60 contos de réis.

No thesouro da capella, se acham guardados riquissimos vasos sagrados, alfaias e paramentos que no primor da factura excedem a riqueza da materia.

A capella de S. João Baptista, diz ainda o *D. C.*, é um verdadeiro monumento artistico, o 1.º de Lisboa e de Portugal, e no seu genero seria o unico de todo o mundo se não houvesse a capella *xistina* ou *sistina* em Roma.

Custou a D. João v mais de dois milhões de cruzados, e ainda assim deve ter-se em conta o differente valor do dinheiro n'aquella época [1].

A capella mór, que entra no numero das 13 que ha na egreja de S. Roque, é pequena em relacão ao templo; tem um bello retabulo de talha doirada, obra muito para ver e admirar, onde entre columnas corinthias, estão em nichos os 4 santos principaes da Companhia de Jesus, S.to Ignacio de Loyola, S. Francisco Xavier, S. Luiz Gonzaga e S. Francisco de Borja.

Com a mesma frente da capella mór ha 4 capellas (porém uma está tapada com o orgão), e no corpo da egreja 8, quatro de cada lado.

Das 4 do lado do evangelho é a 1.ª a de S. João Baptista.

Na 2.ª, da inv. de Nossa Senhora da Piedade, ha um pequeno painel de Nossa Senhora das Dores que é do nosso pintor Bento Coelho.

Na 3.ª, consagrada a S.to Antonio, ha dois bellissimos quadros de Vieira Luzitano, S.to Antonio prégando aos peixes e S.to Antonio em oração á Virgem.

Na 4.ª, de Jesus Maria José, ha quatro quadros, todos de valor artistico e de auctores nacionaes, que representam: o *Menino entre os doutores*, o *Repouso no Egypto*, o *Nascimento*, a *Adoração dos Magos*.

Na 1.ª capella do lado da epistola, que é hoje a do Santissimo, ha dois quadros de Bento Coelho, um representa o *Transito da Virgem*, o outro a *Coroação*.

Na 2.ª ha o formoso quadro de Gaspar Dias representando S. Roque, que é o patrono da capella.

[1] Extraimos em resumo estas noticias do *D. C.* (onde vem envolvidas com outras) conferindo-as com as de alguns auctores que julgámos competentes e com a propria observação.

Na 3.ª, da inv. de S. Francisco Xavier, além da imagem do Santo, que é de notavel esculptura, ha dois quadros anonymos, e comtudo bellos: representa um o pontifice Paulo III enviando os primeiros jesuitas para Portugal, o outro D. João III dando audiencia a S. Francisco Xavier quando partiu para as Indias.

Finalmente a 4.ª capella d'este lado, dedicada a Nossa Senhora da Doutrina, tem dois optimos quadros de Bento Coelho, a *Ressurreição* e a *Ascenção.*

Para tudo n'este templo ser digno de admiração até o tecto é obra prima de architectura e de engenhosa estabilidade.

O terremoto arruinou alguma coisa o frontespicio da egreja e a torre; porém tudo depois foi reparado.

Extincta a Companhia de Jesus foi em 1768 entregue a egreja de S. Roque á Santa Casa da Misericordia, que todos sabem foi instituição da rainha D. Leonor, a sollicitação do seu confessor fr. Miguel de Contreiras, e teve a sua inauguração em uma das capellas do claustro da Sé de Lisboa que tem a inv. de Nossa Senhora da Piedade.

Estabelecida, como dissemos, a Santa Casa da Misericordia, na egreja de S. Roque, tem soffrido diversas reformas e mudanças em sua administração no correr dos tempos; mas póde dizer-se que sempre tem correspondido aos fins da sua piedosa instituição.

As loterias que tiveram principio em 1783 constituem um dos principaes rendimentos d'esta Santa Casa.

Os seus encargos e despezas são consideraveis; occorre á creação dos expostos, dá um subsidio para as cadeias civis, sustenta alguns recolhimentos, e faz muitas outras obras que demonstram a utilidade d'este benefico estabelecimento.

Nossa Senhora do Loreto, fundada pelos italianos residentes em Lisboa, e annexada a de S. João de Latrão pelo papa Leão X, da qual são prelados ordinarios os nuncios apostolicos, com um parocho escolhido d'entre os capellães pela irmandade do Santissimo e um thesoureiro,

moços do côro, organista e mestre de canto. Os capellães eram mais de 12, mas não diz Carv.º o numero certo.

Foi esta egreja destruida por um incendio em 1651 e reedificada em 1676.

Soffreu grande ruina pelo terremoto sendo novamente reconstruida com magnificencia.

O templo é espaçoso e tem boas capellas.

Chagas de Jesus, fundada pela confraria da mesma inv. das Chagas, instituida por fr. Diogo de Lisboa no conv.º da Santissima Trindade.

Suscitando-se desintelligencias entre a dita confraria e os frades do referido conv.º, resolveu a confraria edificar egreja propria, escolhendo para isso o monte fronteiro ao de S.ta Catharina, sitio alegre e de bella vista sobre o rio.

Concluiu-se a obra em 1542 e ali se estabeleceu a confraria, que era de maritimos da carreira das Indias e das mais possessões do ultramar.

O pontifice Paulo III concedeu a esta egreja as honras de parochia para os ditos maritimos, e a annexou á basilica lateranense de Roma, isemptando-a da jurisdicção do ordinario.

Abalada pelo terremoto de 1755 foi reduzida a cinzas pelo incendio subsequente.

Reedificada posteriormente é hoje um templo pequeno, mas bem ornado e de boas proporções.

A irmandade, que era d'antes numerosa e riquissima, está hoje muito reduzida tanto em pessoas como em rendimentos.

A porta da egreja é para o poente e o adro pequeno, mas guarnecido de gradaria e d'onde se desfructa, como já dissemos, um quadro encantador: o rio até á barra, grande parte da cidade orlando a m. d., e os montes da banda de além, com suas q.tas e povoações.

HOSPICIO

Nossa Senhora da Conceição, dos clerigos pobres,

instituido em 1651 pelo tenente general de artilheria Rui Correia Lucas; foi ext.º em 1834.

COLLEGIO

De Cathecumenos, da Rua dos Calafates, instituido pelo cardeal rei D. Henrique em 1579 e hoje tambem ext.º

RECOLHIMENTO

Nossa Senhora da Natividade, de convertidas, instituido pelos padres da Companhia de Jesus em 1586.

Arruinado pelo terremoto passaram as recolhidas para o sitio da Fonte Santa e d'ahi para o do Rego, onde estão actualmente.

ERMIDA

Nossa Senhora do Alecrim, fundada em 1641.

Arruinada completamente pelo terremoto não foi reedificada, mas conserva-se a sua memoria no nome de uma das mais bellas ruas de Lisboa, onde estava sit.ª

MARTYRES

A F. de Nossa Senhora dos Martyres é sem contestação a mais ant.ª de Lisboa, como se prova pela inscripção da sua pia baptismal que diz ter-se ali baptisado o primeiro christão da cidade, depois de haver sido tomada aos mouros; com quanto esta inscripção não seja a primitiva, mas sim renovada em 1602: e tambem pela prerogativa de fazer a sua procissão de *Corpus Christi* antes da de outra qualquer parochia, e mesmo antes da procissão da cidade, pois é na vespera.

A historia d'esta F. anda annexa á da tomada de Lisboa, de que tratam todos os auctores antigos.

Ainda se vê um retabulo de pedra, lavrada, em meio relevo, sobre a porta principal da egreja, o qual representa

a virgem tendo de um lado ajoelhado el-rei D. Affonso Henriques e do outro o chefe dos cruzados Guilherme, o da longa espada.

O sitio em que foi construida é o mesmo em que na conquista da cidade os cavalleiros cruzados que auxiliaram o fundador da monarchia, fizeram construir um cemiterio para enterrar os guerreiros mortos na peleja, e uma ermida contigua da inv. de Nossa Senhora dos Martyres; considerando como taes os que succumbiam defendendo a fé christã contra os agarenos.

Vem mencionada no *Summario* de C. R. de Oliveira (com 12435 habitantes) e era então capellania da Sé.

Segundo Carv.º era cur.º da ap. do cabido da Sé com 3 coadjutores, e n'esse tempo ainda em 13 de maio, dia de Nossa Senhora dos Martyres, ia o dito cabido e o senado da camara em procissão a esta parochia resar um responso pelas almas dos que morreram na tomada de Lisboa.

J. B. de Castro tambem lhe dá o titulo de cur.º, porém da ap. do ordin.º e com um thesoureiro.

Em 1733 se constituiu uma especie de collegiada que tinha 9 capellães cantores.

Em 1708 comprehendia o districto d'esta F., as Cruzes de S. Francisco, o Terreiro de S. Francisco; as ruas da Barroquinha, da Tanoaria, dos Cubertos, da Fundição, das Fontainhas, da Pelada, do Ferregial, do Paço do Duque, da Cordoaria Nova, do Picadeiro, das Portas de S.ta Catharina, do Outeiro, da Ametade, do Saco, da Figueira, da Cordoaria Velha, do Visconde de Barbacena, dos Martyres, da Barroca, do Cura, dos Fornos da Rocha, da Parreirinha, dos Cabides, do Arco de D. Francisco, da Commendadeira, do Chiado[1], do Espirito Santo, da Amendoeira.

[1] Do nome de um individuo muito engraçado e chistoso que ali morava. D'elle vem muitas anedoctas no *Divertimento de Estudiosos* de José Marques Soares.

P...	C.........	2500		
	A.........	819		
	E. P.......	522	....	2100
	E. C...........................			3033

J. B. de Castro assigna a esta F. 1600 fogos antes do terremoto e pouco menos de um terço depois.

Hoje é prior.º

Está sit.ª a egreja parochial no declive das mesmas alturas que designamos na F. da Encarnação, mas na inclinação para a parte do nascente que se dirige ao grande valle da *cidade baixa*, 100^{m} para E. da sobredida egreja da Encarnação. Dista da Praça do Commercio $^{1}/_{2}{}^{k}$ para N. N. O.

A egreja parochial de Nossa Senhora dos Martyres tem tido 4 reedificações; a 1.ª em 1598, a 2.ª em 1710, a 3.ª em 1750, e a 4.ª em 1774, depois da ruina que lhe causou o terremoto de 1755.

É hoje, segundo a nossa humilde opinião, de todos os templos de Lisboa, o que infunde mais respeito e veneração; luz tem a precisa, sem ser escuro, em grandeza proporcionado, em aceio e decencia no culto inexcedivel.

Comprehendia o districto d'esta F. o seguinte:

CONVENTO

S. Francisco, chamado vulgarmente S. Francisco da Cidade, da ordem d'este patriarcha, fundado em 1217, incendiado em 1707, reconstruido, e outra vez incendiado em 1741, e finalmente quasi inteiramente arruinado pelo terremoto de 1755.

Alguns reparos se fizeram na parte do edificio que ficou de pé, onde existia o hospicio da Terra Santa; porém de todo cessaram as obras com a extincção das ordens religiosas em 1834.

Foi então entregue, o que restava do edificio, á ordem terceira, e hoje acha-se ali estabelecida a Bibliotheca Publica e tambem a Academia das Bellas Artes.

A ordem terceira passou para a egreja de S. João Nepomuceno e depois para a egreja do Corpo Santo, conservando porém o seu hospital na rua Nova dos Martyres, o qual é digno de visitar-se pelo aceio e bom tratamento dos irmãos e irmãs pobres e invalidos.

HOSPICIO

De Missionarios do Varatojo, fundado em 1685, por D. Pedro II, na Cordoaria Nova, e destruido pelo terremoto.

RECOLHIMENTO

De Meninas Pobres, na rua do Ferregial, fundado em 1746, e egualmente arruinado pelo terremoto.

ERMIDA

Nossa Senhora da Graça, nos paços da serenissima casa de Bragança, reduzida a cinzas pelo incendio que seguiu o terremoto de 1755, sendo para lamentar a perda do precioso thesouro de alfaias riquissimas pertencentes á dita serenissima casa, que possue valiosissimos predios n'esta F. e na F. da Encarnação (como já dissemos descrevendo a cidade de Bragança), sendo os principaes aquelle em que se acha installada a sua bem ordenada secretaria, e o do hotel de Bragança, que n'este genero é o primeiro estabelecimento de Lisboa.

SACRAMENTO

A F. do Santissimo Sacramento foi instituida pelo arcebispo de Lisboa D. Jorge de Almeida em 1584, no conv.º da Trindade, formando-se de parochianos das FF. dos Martyres e de S. Nicolau, por se julgarem estas muito grandes: não vem por tanto no *Summario* de C. R. de Oliveira.

Em 1644 por desavenças entre o parocho e os religio-

sos foi transferida a séde da F. para a egreja das convertidas (em que fallámos na F. dos Martyres) e depois, em 1667, se começou a edificar egreja propria defronte do palacio do M. de Arronches, que embargou a obra; concluindo-se porém, outra egreja mais abaixo em 1685.

Era cur.º da ap. do ordin.º com um thesoureiro; mas foi elevada a reitoria, pelo patriarcha D. Thomaz de Almeida.

Principiava esta F., segundo diz Carv.º, nas Portas de Sta Catharina, continuava pela rua direita, da banda da mesma egreja, até á travessa que ia dar á sua porta principal, havendo n'esta rua as travessas do Carmo, da Cruz, de D. Luiz Coutinho, do Ferrador, do Duque de Aveiro, a travessa junto ás Portas, e alguns becos.

Da porta principal da egreja para cima, e á mão esquerda, ia uma rua que chamavam Bairro do Marquez, com 3 travessas, do Barbosa, dos Poiaes e da Porta do Marquez. Seguia pelo Largo do Carmo até ao canto, antes das escadas de Nossa Senhora da Piedade, descia pela calçada da Portaria, parando no beco do Cano, que está ao fundo; seguindo depois pelas ruas dos Gallegos, Condessa e Oliveira, que vão sair á calçada do Postigo de S. Roque, que ainda era da F. do dito postigo para dentro.

P. . .	C.	467	
	A.	1085	
	E. P.	1183	4331
	E. C.		3962

Assigna J. B. de Castro a esta F. 642 fogos antes do terremoto e depois a terça parte, familias habitando *em barracas e dispersas, pois toda a F. ficou destruida.*

Hoje é prior.º

Está sit.ª a egreja parochial no declive das mesmas alturas em que fallámos na F. da Encarnação, e tambem na inclinação para o nascente, como a egreja dos Martyres, da qual dista 150^{m} para E. N. E. e da Praça do Commercio $^{1}/_{2}{}^{k}$ para N. N. O.

Completamente destruida pelo terremoto de 1755, foi

posteriormente reedificada, ficando um templo bem proporcionado, com boas capellas e imagens.

Comprehendia o districto d'esta F. os seguintes:

CONVENTOS

Nossa Senhora do Carmo, ou do Monte do Carmo, de religiosos carmelitas calçados, fundado pelo grande condestavel D. Nuno Alvares Pereira, em 1389, em que este heroe, depondo a sua valente espada, foi viver na obscuridade do claustro, e onde entregou seu nobre espirito ao Creador. Foi sepultado em grandioso mausoléo, que lhe mandou construir em França, a Duqueza de Borgonha, sua quarta neta.

Este monumento sepulchral foi destruido pelo terremoto, e as cinzas do glorioso ascendente da casa de Bragança encerradas em um sarcophago de madeira, mandado fazer pelos frades, e hoje existente na egreja de S. Vicente de Fóra.

Grande parte do soberbo convento e egreja, de bella e pura architetura gothica, desabou pelo terremoto de 1755, e as ruinas que restam servem de attestar sua grandeza, e merecem ser visitadas pelo curioso entendedor.

Comtudo depois d'aquella immensa catastrophe parece que se tentou reedificar a egreja e se fizeram obras de reparação no convento, em parte do qual habitaram de novo os frades até á extincção de 1834; passando então a ter o edificio successivos habitadores, foi por ultimo entregue á guarda municipal de Lisboa, que ali tem o seu quartel general, e duas companhias uma de infanteria e uma de cavallaria.

As obras da reconstrucção da egreja não progrediram, e para o culto divino prestado pelos religiosos se edificou outra, de acanhada proporção, entre a antiga portaria do convento e a porta do carro.

Acha-se hoje estabelecido nas ruinas do conv.º do Carmo o Museu Archeologico.

No mesmo largo do Carmo foi construida ha poucos annos a linda capella da ordem terceira de Carmelitas, notavel pelo aceio e decencia do culto, e grandeza de suas festividades: tem algumas imagens e paineis de merecimento.

Santissima Trindade, de religiosos trinos ou trinitarios, fundado em 1294, á custa das esmollas dos fieis, e sobretudo da rainha Sta Izabel, que por sua conta mandou lavrar a capella de Nossa Senhora da Conceição, primeira que houve no reino com esta invocação.

Em 1560 foi augmentado e engradecido o edificio, especialmente o templo.

Em 1708, um incendio, occasionado por um descuido, reduziu a cinzas a maior parte do convento, mas salvou-se a egreja; e depois, pouco a pouco, se iam reparando os estragos, quando o terremoto de 1755 prostrou por terra o antigo e o moderno, reduzindo tudo a um montão de ruinas: sendo muito para lamentar a perda da sua rica livraria, avaliada em 200 mil cruzados.

Pela extincção das ordens religiosas em 1834 foram vendidos como bens nacionaes o convento e egreja, sem que hoje restem vestigios de uma ou outra cousa.

SANTA JUSTA

A F. de Sta Justa e Rufina é sem contestação uma das tres mais antigas de Lisboa, instituida pelo bispo D. Gilberto, logo em seguida á tomada da cidade.

Carv.^{o} diz ser a segunda, e por isso anterior á da Sé, visto não se poder contestar a primazia á dos Martyres, pelas razões já dadas. Não se conforma porém esta opinião com a de outros auctores, que lhe assignam o terceiro logar em antiguidade.

Vem mencionada no *Summario* de C. R. de Oliveira, com 16550 habitantes.

Tambem pretendem alguns escriptores que para esta egreja

fosse primeiramente conduzido o corpo de S. Vicente Martyr, em 1173.

Era vig.ª em 1551, e prior.º de concurso em 1708, posto diga J. B. de Castro que só o foi em 1752. A egreja era ao principio do padr.º real, e desde 1305 da ap. do conv.º de S. Vicente de Fóra. Tinha 8 beneficiados, 6 eram da ap. alt.ª do pontifice e dito conv.º e dois da corôa.

Comprehendia o districto d'esta F., em 1708, o Rocio, as Portas de S.to Antão, os Arcos do Rocio, o Arco de João Corrêa, o Pateo e *fóra do Pateo*, o Hospital Real, as Escolas Geraes, o Terreiro do Magalhães, o Terreiro do Mendanha, a Porta Nova, as Fontainhas, as Portas da Mouraria, o Poço d'entre as Hortas, o Poço de Nuno Alvares, o Adro de S.ta Justa; as ruas do Mestre Gonçalo, de Valverde, dos Carreiros, da Crespa, de Balthasar de Faria, do Corredor do Rocio, da Inquisição, de Nossa Senhora da Escada, da Calçada de Sant'Anna, da Barroca, dos Albardeiros, da Tarouca, da Praça da Palha, das Arcas, da Crasta, da Cutilaria, da Bitesga, de S. Pedro Martyr, dos Alamos, dos Vinagreiros, e diversas travessas e becos.

P...	C.	3140	
	A.	1325	
	E. P.	1310	4614
	E. C.		5536

J. B. de Castro assigna a esta F. 1940 fogos, antes do terremoto, e muito menos de metade depois.

Hoje é prior.º

Está sit.ª a egreja parochial ao fim do Valle de Andaluz e já no grande valle da *cidade baixa*. Dista da Praça do Commercio 750m para o N.

Sendo esta F. das mais ant.as de Lisboa, é de crer que o templo fosse por vezes reedificado, posto não encontremos d'isso noticia, e sómente em J. B. de Castro a de ter sido destruida pelo incendio que se seguiu ao terremoto de 1755, a cujos abalos resistiu. Foi depois reedificado.

Pela extincção das ordens religiosas em 1834 foi transferida a séde parochial para a egreja que fôra do conv.º de

S. Domingos, a ant.ª egreja de S.ᵗᵃ Justa vendida como bens nacionaes.

A actual egreja parochial de S.ᵗᵃ Justa (sempre vulgarmente chamada de S. Domingos) é por certo a mais espaçosa de Lisboa, porém a capella mór não corresponde á sua grandeza: não obstante é sem contestação um templo magnifico, com um bom frontespicio, desafogado cruzeiro, capellas no gosto moderno, bem ornadas e com boas imagens, espaçoso côro e harmonioso orgão. As festividades da côrte e dos dias de grande gala nacional quasi sempre tem logar n'esta egreja ou na Sé.

Comprehendia o districto d'esta F. o seguinte:

CONVENTO

S. Domingos, da ordem d'este S.ᵗᵒ Patriarcha, fundado por D. Sancho II em 1241: a egreja foi mandada construir por D. Affonso III em 1249, e os dormitorios por el-rei D. Manuel; o resto do convento foi pouco a pouco melhorado e acrescentado com esmolas de particulares e pela diligencia dos priores; o templo reparado em 1724, e concluida a capella mór em 1748, tambem por esmolas, sendo a mais valiosa a de D. João V.

Tudo isto se perdeu e arruinou pelo terremoto de 1755, sendo a mais sensivel a das suas duas riquissimas bibliothecas, em as quaes havia manuscriptos preciosissimos, como eram por exemplo os 104 volumes de curiosas noticias compiladas pelo beneficiado Francisco Leitão Ferreira.

Posteriormente reedificados, convento e egreja, ali permaneceram os religiosos até á extincção de 1834, passando depois o templo a ser a séde parochial da F. de S.ᵗᵃ Justa que foi transferida como dissemos, e o convento vendido como bens nacionaes e transformado em predios particulares.

D'este templo saía desde o anno 1387, e mesmo antes, a procissão de Corpus Christi; pois foi n'esse anno que se ordenou que a imagem de S. Jorge acompanhasse *a ca-*

vallo a dita procissão, sobre a qual traz o *D. C.* longos detalhes mui curiosos.

HOSPICIOS

Santo Antonio, de religiosos Capuchos da provincia da Piedade, fundado em 1640, no palacio do D. de Cadaval. Destruido pelo terremoto.

S. Camillo de Lelis, de clerigos regulares, fundado em 1754, na ermida de S. Matheus, da qual se encontra noticia no *Summario* de C. R. d'Oliveira.

Eram destinados estes padres a agonisarem os moribundos do Hospital Real, e o seu hospicio occupava uma parte do palacio do M. de Cascaes.

Arruinou-se pelo terremoto; porém a ermida foi depois reparada.

Hoje não existe, e no local do antigo hospicio havia uma estalagem chamada dos Camillos que ha pouco foi derrubada, construindo-se ali um grande predio.

Nossa Senhora da Conceição, de religiosos Arrabidos, fundado em 1542, junto ao Hospital Real.

Foi destruido pelo terremoto.

ERMIDAS

Nossa Senhora do Amparo, debaixo dos Arcos do Rocio, com uma enfermaria de incuraveis, administrada pela irmandade da Misericordia.

Foi consumida pelo incendio que se seguiu ao terremoto.

Nossa Senhora da Escada, contigua ao Adro de S. Domingos e com tribuna regia para a egreja.

Era muito antiga, pois a dizem do tempo do Bispo D. Gilberto. Vem mencionada no *Summario* de C. R. de Oliveira, o qual diz que tinha duas confrarias uma regida por pessoas *honradas*, outra por pessoas *baixas* chamada *ganapães*.

Foi destruida pelo terremoto.

Nossa Senhora da Graça, na Hortinha do Hospital. Foi destruida pelo terremoto.

HOSPITAL REAL

Intitulado de todos os santos, fundado por D. João II em 1492, e concluido por D. Manuel em 1501.

Fazia este grande edificio face ao antigo Rocio, desde a rua da Bitesga até S. Domingos.

Destruido por um grande incendio em 1601, e reedificado depois, um outro incendio o reduziu a cinzas em 1750, escapando sómente a fachada, escadaria e uma das enfermarias: ainda mal começado a reconstruir experimentou a ultima ruina pelo terremoto de 1755.

No livro das *Grandezas de Lisboa* por Nicolau de Oliveira vem a descripção d'este grandioso edificio, e na *Chorographia* de Carv.º vol. 3.º pag.as 395 a 404 curiosas noticias sobre a administração e regimen do hospital.

Tambem no *Archivo Pittoresco* vol. IV pag. 213 vem algumas outras noticias e o desenho do magnifico portal.

Ainda que posteriormente ao terremoto se fizeram alguns reparos, e enfermarias provisorias para receber os doentes (que estiveram por mais de tres semanas ao rigor do tempo e depois foram reculhidos nas cocheiras do C. de Castello Melhor), na execução do plano geral da reedificação da cidade estas mesmas obras, assim como as ruinas, foram removidas, não restando vestigio algum do edificio.

Em 1759 depois da expulsão dos jesuitas, transferiram-se os enfermos para o edificio do collegio chamado de S.to Antão o Novo, e o hospital recebeu o titulo de Hospital Real de S. José.

«A egreja conservou-se em ruinas (diz o *D. C.*) mas tendo-lhe poupado o terremoto as paredes e parte das capellas, ainda ha poucos annos era um dos mais bellos monumentos que esta capital tinha para offerecer á attenção dos estrangeiros, pela variedade e riqueza dos marmores, pelo primor das esculpturas e mosaicos, pela intelligente destri-

buição dos ornatos e finalmente pelas boas proporções de todas as suas partes.

....

«Infelizmente tem pesado sobre este monumento, de ha vinte e tantos annos para cá, o furor vandalico da destruição.

«Derrubaram-lhe a formosissima torre que lhe restava das duas que outr'ora adornavam a frontaria, e arrearam-lhe tambem toda a parte superior da mesma fachada; despojaram-o interiormente das magnificas columnas e de primorosos mosaicos e esculpturas, sobretudo na capella mór.»

«Todavia apesar de tantas injurias e devastações, ainda se vêem alguns restos das suas galas que deixam julgar da antiga riqueza.

«A sacristia, que escapou ao terremoto, é magnifica: cobrem-lhe inteiramente o pavimento, paredes e abobadas, lindos marmores de muita diversidade de côres, lavrados em excellentes relevos ou polidos como espelhos. Está bem conservada e com muito aceio, graças á circumstancia de ficar servindo de capella do hospital.»

S. JOSÉ

No anno de 1532, diz Carv.º, principiou na egreja de S.ta Justa a confraria de S. José, que foi a primeira d'este reino, a qual constava de pedreiros e carpinteiros; e no anno de 1546 se mudou esta confraria para uma ermida que os mesmos confrades fundaram com o titulo de S. José *d'Entre as hortas;* porém vendo o Cardeal Infante D. Henrique, então arcebispo de Lisboa, que a parochia de S.ta Justa era mui dilatada, determinou constituir outra, e pediu aos ditos confrades de S. José que na sua ermida se constituisse a egreja parochial, o que elles lhe concederam.

Tratou depois a confraria de construir mais espaçoso templo o qual ficou com a porta para o poente, boa capella mór e mais 4 capellas, construindo-se tambem sacristia, uma casa para mesa e outra para despacho.

Era cur.º da ap. do ordinario e tinha 12 capellães. Passou mais tarde a vig.ª da mesma ap.

Não vem mencionada no *Summario* como F., mas sómente como ermida de S. José.

Chegava esta F., segundo diz Carv.º, desde as Portas de S.^{to} Antão até ao chafariz de Andaluz, tudo rua direita, e comprehendia mais o seu districto as ruas Nova dos Condes, das Pretas, do Telhal, da Fé, da Praga, do Carrião, as calçadas da Gloria, de Damião de Aguiar (depois do Lavre como diremos) e a calçadinha de S.^{to} Antonio; as travessas da Oliveira, de João do Loureiro, do Passadiço, do Despacho, das Parreiras, do Açougue, do Melro, das Freiras; parte do Val do Pereiro e a estrada do Salitre.

No tempo em que escreveu o dito auctor toda esta F., eram hortas, quintas e palacios nobillissimos, e só a q.^{ta} de Domingos d'Antas da Cunha, mestre de campo, occupava todo o espaço que media desde S. José até ao Campo de Sta Anna, e da egreja d'Annunciada até ao Campo do Curral, e era uma completa maravilha de jardins, passeios, fontes, etc.

P...	C..........	700	
	A..........	2470	
	E. P.......	2500...............	8000
	E. C...........................		7325

J. B. de Castro assigna a esta F. 1100 fogos antes do terremoto e 1160 depois, pela gente que para ali se retirou.

Hoje é prior.º

Está sit.ª a egreja parochial no valle de Andaluz, 750^{m} para N. N. O. da egreja de Sta Justa. Dista da Praça do Commercio 1 $^{1}/_{2}$^{k} para N. N. O.

Soffreu o templo alguma ruina pelo terremoto de 1755, sendo depois reparado e muito melhorado, sobre tudo na frontaria, onde se insculpiram os dois letreiros seguintes.

IN. A. O.

POR CAUSA DO LAMENTAVEL TERREMOTO DO 1.º DE NOVEMBRO DE 1755 SE ARRUINOU A FRONTARIA D'ESTA EGREJA. A IRMANDADE DO SENHOR S. JOSÉ, COMO PADROEIRA DA MESMA A MANDOU LEVANTAR NO ESTADO EM QUE SE ACHA NO ANNO DE 1757.

ULTRA NON COMOVEBITUR, LIB. 1. PAR. 17. 9.

Debaixo d'este letreiro, que fica do lado do evangelho, estão gravados na mesma pedra, com primor, os instrumentos do officio de pedreiro, nos quaes se lê:

HIC EST FABER. MARC. 6. 3.
JOSEPH FABER LAPIDARIUS. CALMET.

As lettras IN. A. O. querem dizer In anathema oblivionis.

O segundo letreiro da parte da epistola diz:

M. S.

NA ERA DE 1537 SE PRINCIPIOU A CONFRARIA DO SENHOR S. JOSEPH, QUE FOI A PRIMEIRA D'ESTE REINO: E NA ERA DE 1546 A 7 DE ABRIL SE TIROU S. JOSEPH DE SANTA JUSTA PARA ESTA CASA.

POSSEDERUNT FILLII JOSEPH. JOSUÉ 16. 6.

Debaixo d'este letreiro se vêem as ferramentas do officio de carpinteiro muito bem abertas; e sobre a serra se lê:

JOSEPH FABER LIGNARIUS. VERS. HEBRAICA.

Comprehendia o districto d'esta F. os seguintes:

HOSPICIOS

De Religiosos Cartuxos, da ordem de S. Bruno, fundado em 1719, situado na estrada do Salitre, segundo diz J. B. de Castro.

Ignoramos se foi extincto em 1834 ou se já o havia sido.

De Carmelitas Calçados da Provincia do Maranhão, na rua direita de Sta Martha, fundado em 1745.

Foi extincto em 1834; e segundo nos consta foi dado ás irmãs da caridade portuguezas e depois passou para as francezas.

De Mercenarios, ou religiosos da Mercê, que se occupavam do resgate dos captivos, ordem de que não havia outra casa em Portugal, e este hospicio fundaram primeiro no bairro do Mocambo para residirem os frades que vinham do Pará, onde tinham convento, e em 1747 foi transferido para a rua do Passadiço, d'esta F. Foi ext.º em 1834: e hoje é recolhimento sob a administração do provedor dos Asylos.

Carv.º menciona tambem n'esta F. o convento (alias collegio) e noviciado da Companhia de Jesus, que teve principio em 1597 em Campolide, em uma q.^{ta} de Fernão Telles da Silva, que foi governador da India; mas que por ser um sitio desviado da cidade e muito longe de S. Roque, transferiram em 1603 para o da Cotovia, tambem chamado Monte Olivete, fundando ali novo e magnifico edificio.

N'este mesmo edificio se estabeleceu mais tarde o collegio dos nobres como diremos.

MOSTEIROS

Da Annunciada, conforme Carv.º e não de Nossa Senhora da Annunciada, como diz J. B. de Castro (á imitação dos que tambem erradamente dizem Nossa Senhora da Madre de Deus, etc.), de religiosas dominicanas, fundado por el-rei D. Manuel, no anno de 1519, na falda do monte do Castello, onde depois chamaram S.^{to} Antão o Velho, e hoje Colleginho, e que em virtude de uma troca feita entre as religiosas e os frades de S.^{to} Antão, passaram estes a occupar o edificio que ellas habitavam, e as mesmas religiosas para outro na F. de S. José, onde se conservaram até ao terrivel dia 1.º de novembro de 1755, em que desabando parte do most.º e perecendo 10 religiosas, o resto foi refugiar-se nas casas proximas e depois no conv.º de Sta Joanna, saindo os poucos frades que ali existiam, e perma-

necendo depois como most.º, em mais larga acommodação que lhes mandou fazer el-rei D. José.

O conv.º ou hospicio de S.ta Joanna, pois de ambas as maneiras vem mencionado em J. B. de Castro, era tambem da ordem de S. Domingos, e fôra fundado em 1699, em uma q.ta de D. Alvaro de Castro, sit.a pouco acima de S.ta Martha.

Não soffreu ruina alguma com o terremoto, e sendo abandonado pelos poucos frades que ali existiam, para poder ser occupado pelas ditas freiras, que espavoridas fugiram do dito most.º d'Annunciada e perto buscaram abrigo em diversas casas e barracas, como dissemos; por determinação regia passou a ser most.º conservando a mesma inv. de S.ta Joanna.

O templo d'este most.º é espaçoso, tem bello throno e um côro magnifico.

Defronte do most.º da Annunciada, que foi arruinado pelo terremoto, e onde hoje se está edificando uma bella egreja (a qual concluida ficará um primor da arte como já demostra) existia, segundo nos diz J. B. de Castro, o palacio dos C. da Ericeira, habitação em tudo rica e admiravel, possuindo mais de 200 quadros dos primeiros artistas da Europa, Rubens, Ticiano, Corregio, etc.

A livraria era egualmente preciosa em impressos e manuscriptos. Tudo porém devorou o fatal incendio, em poucas horas, no infausto dia 1.º de novembro de 1755.

Santa Martha, de religiosas da ordem de S. Francisco e da primeira regra de Santa Clara, fundado em 1580, mas que já desde 1569 era recolhimento de donzellas orfãs, que el-rei D. Sebastião estabelecera para abrigo das filhas dos creados da real casa, que tinham sido victimas da horrorosa peste que n'aquelles tempos devastou a capital.

Padeceu a egreja com o terremoto alguma ruina que depois se reparou.

É templo espaçoso, mas sombrio, e hoje muito humido pela ruina das paredes e tecto.

Contiguo á egreja está o palacio dos C. de Redondo que tem magestosa tribuna para a capella mór.

Nada soffreu esta nobre habitação com o terremoto.

ERMIDAS

Nossa Senhora do Bom Successo, edificada em 1568 por João Rodrigues Torres, na calçada que então se chamava de Damião de Aguiar e que depois se chamou do Lavre, por ali habitar André Lopes de Lavre, que em 1708 era o proprietario da ermida.

Não soffreu ruina alguma pelo terremoto.

Nossa Senhora da Gloria, edificada por Fernão Paes, nobre cidadão do Porto, em 1570; que depois possuiram os C. da Castanheira, e hoje é capella do palacio dos C. de Lumiares.

N'esta ermida estiveram hospedadas as religiosas flamengas que depois passaram para o most.º de Nossa Senhora da Quietação, em Alcantara.

Soffreu alguma ruina pelo terremoto que depois se reparou.

Nossa Senhora da Pureza, fundada em 1581, na calçada de S. Roque, segundo J. B. de Castro, mas que hoje se chama Calçada da Gloria, por Manuel de Castro, sollicitador dos orfãos, e sua mulher Fillippa Lourença, aos herdeiros dos quaes a comprou o C. de Castello Melhor que é hoje o seu proprietario.

Não soffreu ruina pelo terremoto e ali se estabeleceu em tão calamitosa época a F. de S. Nicolau.

A ermida, hoje reedificada e adornada ao gosto moderno, é uma das melhores de Lisboa.

S. Luiz Rei de França, de uma confraria da nação franceza, que primeiramente estivera na ermida de Nossa Senhora da Victoria e depois na de Nossa Senhora da Oliveira; começando a edificar-se esta de S. Luiz, ás Portas de S.to Antão, em 1563, construindo-se tambem um pequeno hospital para os doentes pobres da mesma nação.

A ruina que soffreu pelo terremoto foi depois reparada.

Acha-se hoje esta ermida entregue aos padres lazaristas francezes. Está ornada com muito gosto e tem imagens de merecimento.

CORAÇÃO DE JESUS

A F. do Santissimo Coração de Jesus foi instituida no most.º de Sta Joanna em 1770, compondo-se de parochianos das FF. de S. José e de S. Sebastião da Pedreira. Em 1780 passou a séde parochial para egreja propria construida de novo, tomando então a inv. que hoje tem.

Na sua instituição foi cur.º da ap. da irmandade do Santissimo da mesma F.

Hoje é prior.º

P...	C.		
	A.	733	
	E. P.	890	2700
	E. C.		2812

Está sit.ª a egreja parochial no valle de Andaluz, onde começa a subida mais pronunciada para S. Sebastião da Pedreira, mais de $^1/_2{}^k$ para N. N. O. da egreja de S. José. Dista da Praça do Commercio mais de 2^k para N. N. O.

O templo não é grande mas está ornado com bastante decencia e tem boas imagens.

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA

Esta F. foi instituida em 1652 em egreja propria, edificada á custa dos parochianos (que d'antes pertenciam pela maior parte ás FF. do T. de Lisboa), junto de uma antiga ermida de S. Sebastião, que vem mencionada no *Summario* de C. R. de Oliveira, a qual era dos carpinteiros da rua das Arcas, onde tinha seu jazigo o patriarcha de Alexandria D. João Bermudes, transferido depois para o cruzeiro da nova egreja, onde jaz em sepultura raza e com singela inscripção.

Era vig.ª da ap. do ordin.º

Comprehendia o districto d'esta F., em 1708, o chafariz de Andaluz (hoje Largo de Andaluz) com uma rua mui comprida que vae até á egreja (hoje rua de S. Sebastião da Pedreira), Palhavã, o Marechal, a Ponte até á Cruz da Pedra, a Ponte Velha, as Laranjeiras, Palma de Baixo e Palma de Cima, o Rego, Campo Pequeno, Picôas, parte da Ribeira de Alcantara, onde havia uma ermida de S.ta Catharina, na q.ta do Inferno, o logar de S. João dos Bem Casados, onde havia uma ermida de S. João Baptista, sujeita á ordem de Malta, com uma imagem milagrosa de Nossa Senhora da Boa Sentença, o logar de Pai Silva, e Val de Pereiro com uma ermida e quinta dos Padres da congregação de S. Filippe Neri.

P...	C.	500	
	A.	415	
	E. P.	725	2300
	E. C. (intra-muros)		1654

J. B. de Castro, assigna a esta F. 2100 fogos antes do terremoto, e depois muitos mais, pelo grande numero de familias que para ali fugiram.

Hoje é prior.º e comprehende segundo a *E. P.*, além das ruas que dentro dos muros da cidade lhe pertencem, os log.es ou sitios de Val do Pereiro (intra-muros), Pinheiro, Laranjeiras, Ponte Velha, Palma de Baixo, Palma de Cima, Cruz das Almas (intra-muros), Campolide, Rego, Sete Rios, S.to Antonio da Convalescença, Campo Pequeno; os casaes do Carvoeiro, hoje casal de Monte-Almeida, propriedade da ex.ma sr.a D. Maria das Dores, (viuva do par do reino José Maria Engenio de Almeida) intra-muros da cidade [1], Santa Anna dos Arcos, Picôas (intra-muros), Horta das tripas (in-

[1] O casal de Monte-Almeida, não comprehende sómente o casal do Carvoeiro, mas tambem a quinta, d'antes chamada, dos Malheiros, a antiga quinta de Mont'Almeida, a quinta dos Oleados, a quinta da Conceição, e a quinta de Dentro ou quinta Debaixo, formando o todo a mais rica propriedade rural que ha dentro dos muros da cidade.

tra-muros) Castilho, e as q.^{tas} da Torrinha, do Policarpo, do Canavial, dos Gordos, da Atalaia, do Ferro, da Mineira, da Rabicha.

Todos os sitios e logares que se não declara estarem situados intra-muros pertencem á parte extra-muros da cidade, e por isso civilmente ao conc.º de Belem. (Veja-se a F. de S. Sebastião da Pedreira no dito conc.º de Belem).

A q.^{ta} do Inferno, mencionada em Carv.º, pertence hoje á F. de S. Pedro em Alcantara; ali se acha estabelecida uma boa fabrica de estamparia de algodão pertencente á firma commercial Fonseca & Comp.ª

N'esta F. no largo de S. Sebastião da Pedreira, entre as estradas do Rego e Palhavã, fica situado o sumptuoso palacio do fallecido par do reino e conselheiro d'estado José Maria Eugenio de Almeida, hoje pertencente á sua viuva a ex.^{ma} sr.ª D. Maria das Dores.

Esta F. está dividida, para os effeitos civis, como já dissemos, em duas partes; S. Sebastião da Pedreira intra-muros e S. Sebastião da Pedreira extra-muros, d'esta já tratámos no conc.º de Belem a que pertence.

Está sit.ª a egreja parochial quasi no extremo da maior ordenada que se póde tirar sobre o rio, considerada a margem como linha recta, ou para melhor nos fazermos entender, supponDo como já dissemos o perimetro da cidade uma semi-ellipse, sendo a margem do rio o eixo maior, fica S. Sebastião da Pedreira no extremo do semi-eixo menor da ellipse, distando 3300^{m} da Praça do Commercio e quasi a egual distancia (4^{k}) dos dois pontos extremos da cidade na margem do rio, Cruz da Pedra e Ponte de Alcantara. Dista da egreja parochial do Coração de Jesus mais de 1^{k} para N. N. O.

O local é alegre e sadio por occupar o ponto mais alto do valle de Andaluz que vae subindo até se confundir ali com a serie de alturas que cercam a cidade.

O templo é regular, tem boa capella mór e está decentemente adornado.

Comprehendia o districto d'esta F. os seguintes:

CONVENTO

Santa Rita, de religiosos Agostinhos descalços, fundado em 1748 na estrada de Andaluz, segundo J. B. de Castro que tambem em outro logar lhe chama hospicio.

Foi extincto em 1834 e serve hoje de quartel á 3.ª companhia da guarda municipal.

ERMIDAS

Sant'Anna, em Sete Rios, na quinta de Antonio Ignacio da Silveira.

Santo Antonio, na Cruz da Pedra.

Santo Antonio, na quinta de Manuel Alvares Louza, onde chamam o Pinhal.

Santo Antonio, na q.ta que foi do D. de Aveiro.

Nossa Senhora do Cabo, na rua direita, nas casas de Fernando Antonio Prego.

Nossa Senhora do Carmo, ao Rego, na quinta dos herdeiros de Antonio Furtado de Mendonça.

Nossa Senhora do Carmo, na quinta de Antonio das Neves Collaço, ás Picôas.

Nossa Senhora da Conceição, na quinta de Rodrigo Ximenes.

Nossa Senhora da Conceição, na quinta dos Louros, a qual comprou el-rei D. José para ali habitarem as religiosas Bernardas depois do terremoto de 1755.

S. João Baptista, em Palhavã, na quinta e palacio que foi do conde de Sarzedas e onde habitaram os senhores D. Antonio e D. Gaspar, filhos de el-rei D. João v, chamados os *meninos de Palhavã*. Hoje pertence ao sr. C. de Azambuja: foi reparada e está muito decentemente adornada.

S. João Baptista, na quinta das Laranjeiras.

Nossa Senhora dos Martyres, na rua da Piedade, ao Rego, na quinta dos herdeiros de Jacinto Dias Braga.

Nossa Senhora da Piedade, em Campolide. na quinta que foi dos Congregados do Oratorio.

Com esta F. se completam as 11 FF. do bairro central da cidade.

S. PAULO

Esta F. é das antigas de Lisboa, com quanto não venha mencionada no *Summario* de C. R. de Oliveira; mas foi instituida pouco depois da primeira impressão do dito *Summario,* entre os annos de 1566 e 1572, porque compondo-se a nova F. de parochianos das FF. dos Martyres e de Santos o Velho, sabe-se ser esta ultima do anno de 1566 e por outro lado ha memoria authentica de já existir a de S. Paulo em 1572.

Teve principio em uma ermida do Espirito Santo, no beco do Carvão, hoje extincta diz Carv.º

Era vig.ª da ap. da irmandado do Santissimo da mesma F. com coadjuctor e thesoureiro; mas passou depois a ser da ap. do ordin.º, pois como tal a menciona J. B. de Castro.

Comprehendia o seu districto, em 1708, segundo diz Carv.º, rua Direita que começa no Arco da Côrte Real, e acaba nas casas de Antonio Brito Menezes, *pela banda da terra.* Entra n'esta rua Direita, principiando da Côrte Real pela banda da terra, a rua de Cima, cujo fim se chama o *Espigão,* e descendo para baixo se topa outra vez com a rua Direita, até á Cruz de *Cata-que-farás* que seguindo a sua calçada para a banda direita tem uma travessa que chamam do Paciencia. Da parte esquerda se vae ter a um beco que chamam dos Apostolos, do qual descendo para baixo vem dar á mesma Cruz de *Cata-que-farás;* e continuando pela rua Direita da banda da terra se topa com a Bica de Duarte Bello, e n'ella tem da banda direita uma morada de casas que são d'esta F.; e continuando a rua Direita que d'ahi por diante pertence ás Portas do Pó, está um beco com saída para um largo que chamam o Terreirinho de S.to Antonio; e logo para diante do dito beco está uma calçada que vem do Monte de S.ta Catharina, a qual

se chama de Salvador Correia de Sá, aonde está uma fonte perenne de agua tão amargosa que não nasce n'ella erva alguma por onde corre.

Continuando a mesma rua Direita das Portas do Pó e Boa Vista, mais para diante, no principio de outra travessa, está outra fonte cuja agua é mais doce que a primeira acima referida. Junto do chafariz continúa uma travessa que tem saída para o Monte de Sta Catharina, e para o beco dos Sampaios. Caminhando pela mesma rua Direita se dá em uma entrada que vae para um largo que chamam o Pateo do Elvas, aonde está uma fonte e um poço, cujas aguas são todas salobras. D'aqui continuando pela mesma rua Direita se topa com o becco das Galegas, que hoje chamam de Francisco André, e com o beco de Esfola-bodes. Pela banda do mar da mesma rua Direita estão as ribeiras de Cacheu e da Junta do Commercio, e d'esta mesma banda, entrando na rua Direita de *Cata-que-farás*, estão o beco do Carvão, que antigamente se chamava do Espirito Santo, o beco dos Assucares, um largo que chamam os Remulares, o beco da Carvalha, que antigamente se chamava do Varão, o beco das Taboas, o beco do Caes da Rocha, o beco Novo ou da Junta e o beco da Estopa.

P...	C..........	550	
	A..........	1102	
	E. P.	1640.............	5986
	E. C..........................		5277

Assigna J. B. de Castro a esta F. 1000 fogos antes do terremoto, depois *teve alguma diminuição.*

Hoje é vig.^{a}

Está sit.^{a} a egreja parochial 150^{m} a N. E. da m. d. do rio.

Dista da Praça do Commercio 700^{m} para E. N. E.

O templo destruido pelo terremoto de 1755 e incendio que se lhe seguiu, foi reedificado com grandeza e ha poucos annos reparado.

É espaçoso, tem boa capella mór e mais 4 capellas ao gosto moderno, á entrada, á direita, tem outra capella se-

parada do corpo da egreja com uma boa imagem de Nossa Senhora da Piedade.

O frontespicio da egreja de S. Paulo é nobre: tem duas estatuas dos apostolos S. Pedro e S. Paulo de muito valor artistico.

Comprehendia o districto d'esta F. em 1708 os seguintes:

CONVENTOS OU HOSPICIOS

Nossa Senhora do Rozario, de religiosos irlandezes da ordem de S. Domingos, fundado em 1659 pela rainha D. Luiza.

Estes religiosos tinham fugido da Irlanda ás perseguições de Henrique VIII, e depois de se haverem hospedado em differentes sitios da cidade entraram para este convento, ao qual Carv.º chama hospicio, e J. B. de Castro, collegio.

A egreja e convento soffreram completa ruina pelo terremoto.

S. João Nepomuceno e Sant'Anna, de religiosos Carmelitas descalços allemães, fundado pela rainha D. Maria Anna de Austria em 1737, na encosta do monte de S.ta Catharina, para a parte do rio.

Soffreu pouco pelo terremoto e foi depois reparado.

Foi extincto om 1834.

Hoje está no local do antigo conv.º o asylo da infancia desvalida da F. de S.ta Catharina.

ERMIDA

Nossa Senhora da Graça e S. Pedro Gonçalves, vulgarmente chamada do Corpo Santo, e assim vem mencionada no *Summario* que diz tinha um *Esprital.*

Era pelo que se vê ermida mui antiga e pertencia aos homens maritimos que festejavam o santo com muita solemnidade em dia de Nossa Senhora dos Prazeres, saindo com a imagem do mesmo santo pelas ruas e hortas da cidade, com grande folia.

Não soffreu ruina pelo terremoto e hoje está entregue á ordem terceira de S. Francisco.

SANTA CATHARINA

Foi fundada a egreja de S.ta Catharina no anno de 1557 por devoção de D. João III e de sua mulher a rainha. D. Catharina [1] no monte até então chamado do Pico ou de Belver, pela dilatada vista que tem sobre o rio e parte da cidade. Este monte prolongava-se antigamente até ao Tejo e no alto havia tres ruas com 110 casas e palacios; mas em 21 de julho do anno de 1597, pelas onze horas da noite, a parte que estava sobre o rio desabou com todas as suas casas e ruas.

A instancias da mesma rainha, foi n'esta ermida instituida parochia, composta de parochianos da F. dos Martyres, em 1559, d'onde se conclue não estava a esse tempo instituida a F. da Encarnação, pois se o estivesse os parochianos seriam d'esta e não d'aquella.

Era cur.º do padr.º da mesma rainha que depois o cedeu á antiga confraria dos livreiros, estabelecida desde 1460 na ermida de S.ta Catharina de Riba Mar, adiante de Pedroiços. Além do cura parocho tinha esta F. um coadjuctor e um thesoureiro.

Comprehendia o districto d'esta F. em 1708 o Adro da Egreja, o Valle das Chagas, o Valle de Jesus, os Poiaes de S. Bento, o Terreirinho da Cruz, a Cruz de Pau, o Refine, as Casas Caídas, o recolhimento de Nossa Senhora do Carmo, o recolhimento do Espirito Santo dos Cardaes, o casal da Palmeira, a q.ta dos Cardaes, a q.ta da Cotovia; as ruas da Egreja, Direita, das Convertidas, do Cabral, da Bica Grande, da Bica Pequena, do Cipreste, das Escadinhas, do Almada, da Calçada do Combro, Nova da Contenda, de Pero

[1] Isto é segundo J. B. de Castro, porém Carv.º só falla na Rainha D. Catharina, e isso nos parece mais provavel pelo anno em que falleceu D. João III que foi no mesmo anno de 1557.

Dias, das Parreiras, Larga de Jesus, da Arrochela, da Paz, Fresca, da Esperança, de João Braz, de Marcos Marreiro, do Conde, da Caldeira, dos Ferreiros, do Secretario, da Era, do Sol, do Lambás; as travessas da Laranjeira, do Sequeira, da Queimada, de Bento da Silva, do Benedicto, da rua da Paz, do Fundidor, da rua do Caldeira, travessa defronte da Ascenção e travessa que vae para a porta de S. Bento; e os becos do Carrasco, do Judeu e da Pascoa.

P...	C...........	1316	
	A...........	2760	
	E. P........	2500.............	9600
	E. C...........................		8694

J. B. de Castro assigna a esta F. 1874 fogos antes do terremoto e 1465 depois.

Hoje é prior.^{o}

Estava sit.^{a} a egreja parochial no alto do monte como já dissemos.

Soffreu completa ruina pelo terremoto de 1755 e foi reedificada em 1757.

Pela extincção dos conventos em 1834 foi transferida a séde parochial de Sta Catharina para a egreja do conv.^{o} dos Paulistas situada na calçado Combro, que fica na inclinação do dito monte sobre o valle da rua de S. Bento. Dista a actual egreja parochial mais de $^1/_2{}^k$ para N. E. da m. d. do rio, e da Praça do Commercio mais de 1^k para O. N. O.

O templo é espaçoso mas com pouca luz; está bem ornado e tem um bom orgão.

Comprehendia em 1708 o districto d'esta F. os seguintes:

CONVENTOS

Santissimo Sacramento, de religiosos Paulistas da Congregação da Serra d'Ossa, fundado em 1647.

Soffreu ruina pelo terremoto de 1755, mas foi depois reparado. Foi extincto em 1834. A sua egreja é hoje parochial de Sta Catharina como já dissemos.

Nossa Senhora de Jesus, de religiosos da ordem

terceira de S. Francisco, que teve principio em uma ermida da inv. de Nossa Senhora de Jesus, junto da qual tinha Luiz Rodrigues e um seu irmão umas casas e um *cardal* de que fizeram doação aos religiosos da dita ordem terceira, os quaes tomaram posse em 1595.

Em 1615 se começou a edificar o conv.º e egreja e se concluiu em 1623. N'este mesmo anno se deu o padr.º da capella mór a D. João Manuel, bispo que então era de Viseu e que o foi depois de Coimbra e arcebispo de Lisboa, para ali ter o seu jazigo e os condes da Atalaia seus parentes, com o titulo de protector da ordem terceira de S. Francisco, como effectivamente o foi, dotando a dita capella mór com preciosos ornamentos.

Pelo terremoto de 1755 soffreu, tanto o conv.º como a egreja, consideravel ruina, e ainda que não foi logo tudo destruido, ficou de modo tal que no seguinte anno desabou o resto, tecto da egreja e côro que diziam ser obra de muito gosto.

Poucos annos decorridos procedeu-se á reedificação, e se não recobrou a primitiva grandeza, ficou não obstante um dos melhores edificios religiosos de Lisboa.

Depois da extincção das ordens religiosas em 1834 foi transferida para a egreja de Nossa Senhora de Jesus a séde parochial da F. de Nossa Senhora das Mercês, da qual em seguida trataremos.

O edificio do ext.º conv.º foi entregue á Academia Real das Sciencias, a qual tomou posse da respectiva livraria.

Pelo que adiante dizemos, na F. das Mercês, se depreende que o edificio que foi do ext.º conv.º está hoje no districto da dita F. e não no da F. de S.ta Catharina.

RECOLHIMENTOS

Nossa Senhora do Carmo. Não diz J. B. de Castro quando nem por quem foi fundado, sómente declara que era administrado pelo conde de S. Lourenço.

Espirito Santo, fundado em 1671 por D. Maria Borjes

e que em 1680 foi comprado pelo conv.º de Nossa Senhora de Jesus juntamente com um quintal que estava annexo; conservando-se porém ali as recolhidas de que os religiosos eram capellães.

Tambem comprehendia esta F. muitas casas nobres; as de Jorge Cabedo, descendente de Egas Moniz, segundo a genealogia que se lê em Carv.º, as do conde de Rio Grande, as do Monteiro Mór, as dos senhores das Alcaçovas, as de D. José de Menezes, senhor dos morgados de Caparica e Patameira, as do conde de S. Lourenço, as de D. Pedro da Cunha, senhor da Taboa, e as de Pedro Mascarenhas, de quem o mesmo auctor descreve a genealogia.

MERCÊS

A F. de Nossa Senhora das Mercês teve principio em uma ermida da mesma inv., sit.ª na rua Formosa, a qual fôra reedificada pelo desembargador do paço Paulo de Carvalho; e junto havia um recolhimento de mulheres devotas que depois se extinguiu. N'esta ermida pois obteve o dito desembargador, com a licença do cabido da Sé de Lisboa, em *séde vacante* no anno de 1652 a instituição da parochia composta de parochianos das FF. da Encarnação e S.ta Catharina, com a regalia de apresentar cura, coadjuctor e thesoureiro, elle e seus successores.

Comprehendia esta F. em 1708, segundo diz Carv.º, parte da rua da calçada do Combro, do Convento dos Paulistas para cima e da mesma banda, meia rua da Rosa das Partilhas da parte do poente, rua de S. Boaventura, rua do Carvalho, rua da Porta Principal dos Fieis de Deus, rua da Vinha, rua do Loureiro, rua da Cruz, rua Formosa; calçada da Porta Principal da Egreja, travessa dos Inglezes, travessa dos Caetanos, travessa do Poço da Crasta, e beco de André Valente.

P...	C..........	510	
	A..........	2610	
	E. P.......	2610..............	2000
	E. C...........................		7775

Assigna J. B. de Castro a esta F. 1600 fogos antes do terremoto e menos da terça parte depois.

Hoje é prior.º

Estava sit.ª no fim da rua Formosa, proximo á calçada do Combro (vulgo dos Paulistas), porém depois da extincção das ordens religiosas foi transferida a séde parochial para a egreja do conv.º de Nossa Senhora de Jesus, que fôra da ordem terceira de S. Francisco, como já dissemos tratando da F. de S.ta Catharina.

A egreja que deixou de ser parochia, continuou a ser capella da casa dos M. de Pombal, onde se conserva o culto divino com a maior decencia.

Quanto á egreja de Nossa Senhora de Jesus, que passou a ser parochial de Nossa Senhora das Mercês, tambem já dissemos que tendo-se arruinado por effeitos do terremoto de 1755 fôra reedificada.

Está sit.ª no largo do Convento de Jesus quasi ao fim do terreno em declive que vem das alturas da Praça do Principe Real para a parte do rio. Dista da m. d. do Tejo 700m para N. N. O. e da Praça do Commercio 1 ½k para O. N. O.

O templo tem frontespicio magestoso e bella escadaria: no interior é espaçoso, tem boas capellas; e inteiramente separada a grande capella da dita ordem terceira, que só por si é uma egreja; tambem tem côro espaçoso, harmonioso orgão, algumas imagens de valor artistico e muitas irmandades.

Comprehendia o districto d'esta F. os seguintes:

CONVENTO

Nossa Senhora da Divina Providencia, de clerigos regulares de S. Caetano, fundado em 1698.

Ainda por acabar soffreu as ruinas do terremoto que foram depois reparadas.

Extincto em 1834 foi o conv.º vendido como bens nacionaes e a egreja entregue á irmandade de Nossa Senhora da Divina Providencia e S. Caetano que ali mantem o culto.

COLLEGIO

S. Pedro e S. Paulo, seminario de inglezes catholicos, fundado por D. Pedro Coutinho em 1632.

Soffreu pequena ruina com o terremoto e essa mesma foi logo depois reparada.

Não foi comprehendido na extincção de 1834, talvez por pertencer á nação britannica, ou pelo titulo de collegio e seminario que ainda hoje conserva.

HOSPICIOS

Nossa Senhora dos Anjos, de missionarios Brancanes, fundado em 1725 na travessa do Oratorio.

Nossa Senhora do Carmo, de religiosos carmelitas, da provincia de Pernambuco.

Nossa Senhora da Conceição, de religiosos Franciscanos do Rio de Janeiro, fundado em 1703 na travessa da Estrella.

Nossa Senhora da Conceição, de religiosos franciscanos da Ilha da Madeira, estabelecido na rua do Carvalho.
Ignoramos se estes quatro hospicios foram todos ext.os em 1834, ou se alguns já o haviam sido antes.

MOSTEIRO

Nossa Senhora da Conceição, de carmelitas descalças, fundado em 1681 por D. Luiza de Tavora, commendadeira do Mosteiro de Santos, no sitio dos Cardaes.

Soffreu ruina pelo terremoto que depois se reparou.

ERMIDAS

Ascensão de Christo, fundada em 1500 por Antonio Simões de Pina, quasi ao meio da calçada do Combro.

O padr.º d'esta ermida passou depois com o morgado a Francisco Corrêa da Silva, descendente do grande D. Paio Peres Corrêa, como se lê em Carv.º

Ainda existe no mesmo local.

Nossa Senhora da Ajuda e Santos Fieis de Deus, fundada em 1551 por Affonso Braz.

Ainda existe no mesmo local.

Nossa Senhora do Carmo, na rua Formosa, de que é padroeiro Manuel de Sampaio e Pina.

S. MAMEDE

Esta F. era das ant.as de Lisboa: vem mencionada no *Summario* de C. R. de Oliveira (com 1010 habitantes) e segundo documento autentico já existia em 1220, pois n'esse anno instituiu Maria Pires, mulher de Pedro Martins de Bulhões, irmão de S.to Antonio, uma missa cantada, em todas as sextas feiras do anno, em honra da S.ta Cruz, e além d'isso é tradição que ali existia um jazigo do pae do mesmo S.to Antonio de que diz lembrar-se o auctor do *Agiologio.*

Era prior.º do padr.º real com 4 beneficiados.

A egreja parochial estava sit.ª na ladeira do monte do Castello para a parte do S., um pouco acima da egreja da Magdalena.

Comprehendia o seu ant.º districto em 1708, segundo diz Carv.º, a rua de S. Crispim, o Terreiro do Correio Mór, a rua da Lista do Correio até ás Pedras Negras, as Pedras Negras, entrando pela banda de dentro do Arco da Piedade, o beco dos Namorados, o Terreiro do Ximenes, a rua da Costa, os Sete Cotovellos, a rua Direita de S. Mamede, o Adro da egreja e a Costa do Castello.

N'este mesmo ant.º districto tinham suas nobres casas os Correios Móres, *officio dos maiores do Reino e que anda em Morgado*. Foi o primeiro correio mór Luiz Gomes da Matta de quem descende a actual ex.ma sr.ª marqueza de Penafiel.

Comprehendia egualmente o mesmo districto o collegio de S. Patricio, fundado por Antonio Fernandes Ximenes, que o entregou aos religiosos Carmelitas descalços, os quaes em 1605 o venderam aos padres da Companhia de Jesus.

Sobranceiro a esta ermida estava um quintal com parreiras e muro que pertencia á casa que foi do desembargador Manuel Pinto de Mira, onde havia a celebre cisterna de que alguns exageradores escreveram cousas inauditas: sendo comtudo objecto digno de averiguação; uns a suppõe templo de gentilismo, outros mesquita dos mouros, e os menos propensos ao maravilhoso, simplesmente cisterna.

Estava sit.ª no mesmo ant.º districto a ermida de S. Crispim e S. Crispiniano, que ficava junto ás Portas de Alfofa, e era administrada pela irmandade dos sapateiros.

P...	C..........	238	
	A..........	1112[1]	
	E. P........	1517.............	4745
	E. C..........................		4729

J. B. de Castro assigna a esta F. 300 fogos antes do terremoto e 12 depois.

Hoje é prior.º

Pelo terremoto de 1755 ficou a ant.ª egreja parochial em completa ruina, transferindo-se a séde da F. para a egreja de S. Christovão, logo depois para a ermida de S. Patricio, e ainda depois para um novo templo edificado na alta chã que fica entre a Praça do Principe Real e o largo do Rato.

Dista a actual egreja de S. Mamede mais de $1\,{}^{1}/_{2}{}^{k}$ para

[1] Deve advertir-se que a população segundo Almeida, a *E. P.* e *E. C.* refere-se ao districto actual da F. muito differente do antigo.

N. N. E. da m. d. do Tejo, e da Praça do Commercio 2^{k} para N. O.

O templo tem um bello adro e boa escadaria. É muito alegre, bem proporcionado, e com as capellas ao gosto moderno; tem boas imagens, e está decentemente ornado.

SANTA IZABEL

Foi instituida esta F. em 1741 pelo cardeal patriarcha D. Thomaz de Almeida, na ermida de S.^{to} Ambrosio, no sitio do Rato, compondo-a de parochianos das FF. de Santos, S. Sebastião da Pedreira, S. José e Sta Catharina; e no anno seguinte se começou nova egreja para séde d'esta parochia, suspendendo-se depois a obra por se descobrir defeito no plano que levava.

Pelo terremoto de 1755 não experimentou ruina alguma; apesar de não estar ainda concluida.

Foi em principio reitoria da ap. do ordin.^{o} com 4 curas e thesoureiro tambem apresentados pelo ordin.^{o}

Comprehendia o districto d'esta F. em 1763, segundo J. B. de Castro, o Largo do Rato, e as ruas das Almas, de Sãnt'Anna, S.^{to} Antonio, Arrabida, S. Bento, Boa Morte, Senhora do Cabo, Campolide, Campo de Ourique, Cardaes, Conceição, Cotovia, Estrella, Fabrica, Fonte Santa, Horta Navia, S. João dos Bem-Casados, Sta Izabel, Madre de Deus, Senhora dos Milagres, do Monte Olivete, do Norte, da Penha de França, do Pombal, dos Prazeres, de Sta Quiteria, do Rato, Ribeira de Alcantara, rua Nova da Patriarchal, do Salitre, do Sal, Val de Pereiro, e a travessa dos Cegos.

P. . .	C.		
	A.	3523	
	E. P.	4178.	11239
	E. C.		11836

J. B. de Castro assigna a esta F. 1460 fogos antes do terremoto e 2415 depois, em consequencia das muitas familias que para ali se retiraram.

Hoje é prior.^{o}

Para os effeitos civis está esta F. dividida em duas partes: S.ta Izabel intra-muros, de que estamos fallando, e S.ta Izabel extra-muros, de que tratámos no concelho de Belem.

Está sit.a esta egreja parochial no começo da descida para S. S. E. da grande chã que se estende desde Campolide até Campo de Ourique. Dista da m. d. do rio quasi 2k para o N. e da Praça do Commercio 2 1/2k para N. O.

O templo é espaçoso mas com pouca luz; ainda mesmo depois das obras que ha pouco se concluiram. Tem boas capellas e grande sacristia.

Comprehendia esta F. em 1763 os seguintes:

CONVENTOS

S. Bento da Saude, de religiosos Benedictinos, construido em 1598, vinte e cinco annos depois da fundação da primeira casa d'esta ordem em Lisboa, que foi em uma quinta que chamavam casa da Saude por ali se recolherem os impedidos da peste: e a egreja tinha a inv. de Nossa Senhora da Estrella em razão de um retabulo da capella mór; porém não agradando este sitio aos frades por ser muito batido do vento, determinaram a edificação da nova casa que lhe offerecia sitio mais ameno, grande cerca e todas as mais commodidades.

Tinha este conv.o uma ostentosa fachada, voltada a E. S. E. sobre um bello e elevado terreiro, continuando outro corpo do edificio em angulo quasi recto, sobre a cerca.

Pela extincção das ordens religiosas, em 1834, foi destinado este grande edificio para palacio das côrtes, que ali tem funccionado, fazendo-se avultadas despesas para o adaptar a este uso.

Arborisou-se o terreiro em frente do edificio, e em 1852 se construiu uma cortina com dois lanços de escadaria sobre a rua de S. Bento.

Desde 1755 se acha tambem ali installado o Archivo Nacional chamado da Torre do Tombo, e ha poucos annos a

repartição dos Trabalhos Geodesicos e Topographicos do Reino.

Nossa Senhora da Estrella, primeira casa religiosa que a ordem benedictina teve n'esta cidade e da qual já fallámos. Foi edificada em 1571 e segundo outros em 1573.

Está situado no largo da Estrella, nome derivado da dita egreja.

Depois que a communidade religiosa passou a occupar o conv.º de S. Bento, ficou servindo como hospicio ou collegio da mesma ordem. Pela extincção d'esta, em 1834, serviu de hospital militar, que d'antes estava no Castello, e tinha sido transferido para S. Francisco, onde pouco se demorou. Hoje tem o titulo de Hospital Permanente de Lisboa.

Depois da edificação do most.º do Coração de Jesus, que o vulgo começou a chamar da Estrella, recebeu aquelle o nome vulgar de Estrellinha, pelas suas pequenas dimensões.

Nossa Senhora da Assumpção, casa de noviciado da Companhia de Jesus, fundado em 1603 por Fernão Telles da Silva, no sitio da Cotovia.

Expulsos do reino os jesuitas, estabeleceu-se n'este edificio o Collegio dos Nobres, em 1761, onde se educavam 100 alumnos porcionistas.

Em 1837 foi ext.º o Collegio dos Nobres e estabelecida no edificio a Escola Polytechnica.

Em 1843 um grande incendio lhe deixou sómente de pé as paredes.

Reedificado depois, ficou proprio ao seu destino. O portico da egreja é bello, e bellas as columnas que eram (segundo dizem) do ext.º conv.º de S. Francisco.

HOSPICIOS

Senhor Jesus da Boa Morte, de padres congregados para piedosos fins de caridade. Foi fundado por Antonio dos Santos, official de canteiro, natural de Camarate,

no anno de 1728, no sitio de Buenos Ayres, e depois transferido (em 1736) para o sitio que pela inv. da ermida veiu tambem a chamar-se da Boa Morte.

Foi comprehendido na extincção de 1834 e vendido como bens nacionaes. Hoje existe no local uma grande propriedade particular.

Dos Missionarios do Varatojo, na Rua da Conceição á Cotovia, fundado por el-rei D. José em 1760.

Ignoramos se este hospicio foi ext.º em 1834 ou se já o havia sido antes.

MOSTEIROS

Nossa Senhora dos Remedios, de religiosas da ordem da Santissima Trindade fundado no *sitio de Campolide chamado hoje o Rato,* diz J. B. de Castro, no anno de 1720 ou 1721, em cumprimento de uma disposição testamentaria de Manuel Gomes de Elvas, fidalgo da casa, o qual testamento era datado de 29 de junho de 1620: reconhecendo o dito most.º por seu padroeiro o administrador dos dois morgados instituidos pelo mesmo testador.

O edificio é grande e com boas accommodações, mas nada tem de notavel em architectura.

O templo é espaçoso e bem adornado, tem boa capella mór, com uma bella imagem de Nossa Senhora dos Remedios.

Este most.º foi ha pouco ext.º pelo fallecimento da ultima religiosa. O edificio está occupado por um collegio particular o qual conserva na egreja o devido culto.

Do Sagrado Coração de Jesus, vulgarmente chamado da Estrella, por ser edificado quasi defronte do hospicio de benedictinos (de que já fallámos e onde está hoje o hospital militar) a que chamavam da Estrella, e depois o vulgo appellidou da Estrellinha, em razão da grandeza do most.º que o fazia parecer pequeno.

Foi construido este most.º, que é um dos mais sumptuosos monumentos de Lisboa, em virtude de um voto da rainha D. Maria I para ter successão á corôa.

Começou a obra em 24 de outubro de 1779 e concluiu-se em 15 de novembro de 1790 em que foi entregue ás religiosas de Sta Tereza de Jesus (carmelitas descalças): tem amplissimo adro, sobre um bello e espaçoso largo.

A fachada tem 4 estatuas collossaes representando a Fé, Adoração, Liberalidade, Gratidão, sobre columnas magnificas, e aos lados em nichos as estatuas de Sta Tereza, S. João da Cruz, S.^{to} Elias e Sta Maria Magdalena de Pazzi.

Tres portas de entre as columnas dão entrada para o templo, e duas no envasamento das torres ingresso para o most.^{o}

Estas 5 portas, diz com razão o *D. C.*, baixas, estreitas, e amesquinhadas, são o unico defeito d'este nobre edificio.

O zimborio que se eleva a perto de 100^{m} de altura, com grande magestade e elegancia, attrae as vistas não só dos curiosos que visitam as alturas da cidade, mas dos navegadores que demandam o porto.

As duas torres semelhantes ás de Mafra, são modelo de elegancia e bom gosto e tem 11 harmoniosos sinos, pesando só o das horas 275 arrobas.

O vestibulo tem duas estatuas, Nossa Senhora e S. José.

As paredes e pavimento do templo são de marmore.

Na capella mór ha dois primorosos serafins como guardando o throno, e do lado da epistola o regio mausoleu da fundadora, que em 1821 foi para ali trasladada do Rio de Janeiro onde falleceu.

Os 6 altares do corpo da egreja são adornados de excellentes quadros, um d'estes obra da virtuosa princeza D. Maria Francisca Benedicta.

O most.^{o} apresenta duas frentes, uma para o lado da egreja a que está contiguo e outra para o lado da cerca.

A esculptura interior do templo e o baixo relevo da frontaria são obra do celebre Joaquim Machado de Castro, auctor da estatua equestre; porém as estatuas do exterior são de discipulos seus e de outros artistas da escola de Mafra.

Importou este magnifico edificio em 16 milhões de cruzados.

ERMIDAS [1]

Santo Ambrozio, na rua do mesmo nome, foi onde se instituiu a parochia como já dissemos.

No local d'esta ermida está hoje um predio do sr. barão de S.^{to} Ambrosio.

Sant'Anna, na ribeira de Alcantara, em um reconcavo da serra de Monsanto, proximo de uma pequena ponte de madeira que atravessa a ribeira.

No dia em que se festeja o orago da ermida ha ali um grande arraial ao qual concorre muita gente de Lisboa.

Senhora da Conceição, na Fonte Santa.

Senhora da Conceição, na q.^{ta} chamada do Inferno.

S. João dos Bem-Casados, edificada por Antonio Simões, official de dourador em 1580.

Esta ermida deu o nome á rua que vae do largo da Paschoa até á dos Arcos das Aguas Livres (hoje Rua Direita das Amoreiras).

Nossa Senhora Mãe dos Homens, na q.^{ta} de José Ribeiro, escrivão dos armazens, fundada em 1755.

S. Pedro, fundada por Pedro Marques em 1621.

Nossa Senhora da Piedade, na q.^{ta} chamada do tenente coronel.

Nossa Senhora dos Prazeres, na q.^{ta} dos condes da Ilha, onde havia uma antiga casa de saude, junto á ribeira de Alcantara, com uma imagem de grande devoção para o povo de Lisboa.

Hoje é a capella do cemiterio occidental da cidade.

Em cumprimento de um voto feito por occasião de peste sae todos os annos, em dia de Prazeres, uma procissão da egreja de Santos para esta ermida, conduzindo a imagem da Senhora, e a pretexto de devoção ha um grande arraial que nem sempre acaba com o socego devido.

[1] A maior parte d'estas ermidas não existe hoje: das que sabemos que existem fazemos especial menção.

Parece-nos que por ordem superior foi ultimamente prohibido este araial.

Sant'Anna, fundada depois do terremoto, por D. Margarida, defronte da nova egreja de S.ta Izabel.

Não sabemos se abateu pelo terremoto, mas é certo que não existe hoje.

Nossa Senhora da Conceição e Santo Antonio, fundada em 1756 por D. Nuno, filho do D. de Cadaval, na rua de S. João dos Bem-Casados.

S. Francisco de Borja, fundada depois do terremoto, residencia dos procuradores jesuitas da Asia e America.

Senhor Jesus dos Afflictos, na rua da Madre de Deus.

Santo Antonio, na rua de S. Bento, onde esteve a Misericordia e pertencia a Antonio Rodrigues Gil.

Menino Jesus, na rua de Campo de Ourique, fundada depois do terremoto.

Nossa Senhora dos Milagres, fundada depois do terremoto, por Manuel de Jesus, na travessa dos Ladrões (hoje rua Nova da Estrella, onde ainda existe a ermida).

LAPA

A F. de Nossa Senhora da Lapa, foi instituida poucos annos depois do terremoto de 1755 no local onde já existia uma ermida da mesma inv., a qual ermida estava junto de um recolhimento (que fôra fundado não sabemos se antes ou depois do terremoto) onde se abrigaram mais de 60 meninas (diz J. B. de Castro) que ainda andavam dispersas e desamparadas em consequencia d'aquella catastrophe. A ermida porém parece ser anterior ao terremoto.

Segundo a *E. P.* foi esta parochia no seu principio cur.º da ap. da casa do inf.º

Hoje é prior.º

P...	C..........		
	A..........	1601	
	E. P........	1918...............	6163
	E. C............................		6540

Está sit.ª a egreja parochial no sitio de Buenos-Ayres (chã e descida para o S. e S. S. O. de uma elevação que é ramificação das alturas de Campolide a qual elevação fica um pouco sobranceira ao largo da Estrella para O. S. O.) Dista da m. d. do Tejo mais de $^1/_2{}^k$ para N. N. O. e da Praça do Commercio 2 $^1/_2{}^k$ para O. N. O.

O templo é pequeno mas bem proporcionado: tem boas imagens, especialmente a da padroeira, e está ornado com o maior aceio.

Comprehende esta F. quasi todo o dito sitio de Buenos-Ayres, que é dos mais saudaveis de Lisboa: tem ruas geralmente largas e extensas (principalmente as de Buenos-Ayres, Direita da Lapa e das Praças, que são quasi parallelas, S. Domingos, S. João da Matta, e outras em sentido quasi perpendicular ás 3 primeiras) orladas de bons predios e mesmo de alguns elegantes palacios, pois preferem esta parte da cidade muitas pessoas abastadas, especialmente negociantes estrangeiros.

SANTOS

A egreja parochial de Santos, á qual chamam vulgarmente Santos o Velho, foi de principio ermida que fundaram os christãos depois do martyrio dos 3 irmãos Maxima Verissimo e Julia, naturaes de Lisboa.

A pequena ermida foi melhorada depois e fez egreja el-rei D. Affonso Henriques, logo que a cidade foi tomada aos mouros.

D. Sancho I a entregou aos commendadores e freires da ordem de Sant'Iago, que no reinado de D. Affonso III passaram para Mertola ou para Alcacer do Sal; e na egreja se estabeleceu um recolhimento de mulheres que eram esposas ou irmãs dos ditos commendadores, algumas das quaes tinham votos de professas e escolhiam uma para as governar a quem davam o titulo de commendadeira; e ali residiram até ao anno de 1475 em que se mudaram para o

most.º de Santos o Novo[1] para onde tambem se trasladaram as reliquias dos ditos tres santos martyres.

Na egreja de Santos o Velho, foi instituida uma parochia pelo cardeal infante D. Henrique, sendo arcebispo de Lisboa, em 1566, compondo-a de parochianos da F. de Nossa Senhora dos Martyres.

Era vig.ª da ap. do arceb.º com 12 capellães obrigados a côro.

Comprehendia esta F. em 1708, segundo diz Carv.º, os Poyaes de S. Bento (em parte), a Porta Grande, as Janellas Verdes, a Pampulha, as Casas Novas do Sacramento, a Ponte do rio de Alcantara com o seu forte, a Horta Navia; as ruas Direita da Freguezia (até ao most.º da Esperança), Direita da Praia, da Boa Vista (até ás casas de Christovão de Almada), das Gaivotas (da parte do poente), do Veloso (da mesma parte), de S. Bento, Fresca, do Poço dos Negros, da Amoreira, dos Mastros, da Silva. dos Pescadores, dos Ferreiros, das Madres, da Mandragôa, do Acypreste, da Oliveira, do Pé de Ferro, da Palha, do Guarda Mór, de Marçal Ribeiro, Direita dos Padres Marianos, de S. João de Deus, do Olival, das Necessidades; e as travessas do Pastelleiro, das Inglezas, da Praia.

P...	C..........	1350	
	A..........	3522	
	E. P.......	3880............	8290
	E. C.......................		12271

Assigna J. B. de Castro a esta F. 1800 fogos antes do terremoto e depois muitos mais *pela construcção de novos edificios e propriedades.*

Hoje é prior.º

Estava sit.ª a egreja parochial em pequena elevação, pouco mais de 100^{m} ao N. da m. d. do Tejo. Dista da Praça do Commercio 2^{k} para O. N. O.

[1] Alguns auctores dizem que estas commendadeiras estiveram primitivamente na V.ª d'Arruda d'onde foram transferidas para este sitio.

O templo é grande, mas estava bastante arruinado. A séde parochial foi transferida para S. Francisco de Paula.

Comprehendia o districto d'esta F. os seguintes:

CONVENTOS

S. Francisco de Paula, de religiosos minimos, fundado com o titulo de hospicio em 1719, e ampliado para conv.º em 1753, com a protecção da rainha D. Marianna Victoria e algumas esmolas dos fieis; que ainda assim se não acabou, mas sómente a egreja que tem bom frontespicio e duas bellissimas torres, sendo as obras de architectura dirigidas pelo artista nacional Ignacio de Oliveira Bernardes e pelo italiano Jacome Azollini.

O templo é decorado com bellos marmores, e tambem de marmore é o mausoleu em que na capella mór repousa a rainha fundadora.

A imagem de S. Francisco de Paula, pintada no retabulo da capella mór, é de Vieira Lusitano, e tambem do mesmo insigne pincel os 3 quadros, de Nossa Senhora da Conceição, da Sagrada Familia e de S.to Antonio, que adornam os altares das capellas.

A pintura do tecto é obra de Francisco Paes, artista nacional.

Foi o conv.º ext.º em 1834, mas na egreja continuou o culto divino: serve hoje de egreja parochial.

S. João de Deus, de religiosos hospitalares, fundado em 1629 por D. Antonio Mascarenhas, deão da capella real, com um hospital para clerigos pobres.

Foi ext.º em 1834.

É hoje quartel do regimento de infanteria numero 2.

Nossa Senhora do Livramento, de religiosos da ordem da Santissima Trindade, fundado em 1679, junto do logar de Alcantara, *dentro dos muros novos*, segundo diz Carv.º, onde já havia uma egreja edificada em cumprimento de um voto que a Nossa Senhora tinha feito Rodrigo Homem de Azevedo, se o livrasse do crime que falsamente

lhe imputavam, que era o de traição e partidista de D. Antonio, prior do Crato, isto no tempo do governo de Filippe II de Hespanha, crime pelo qual esteve sentenciado á morte.

O conv.º foi edificado depois do fallecimento do dito Rodrigo Homem de Azevedo, mediante escriptura de contracto, entre a viuva e a ordem da Santissima Trindade.

Era o templo em fórma de rotunda e de pouca luz, até que em 1698 foi reedificado por fr. Jeronymo de Jesus, religioso do mesmo conv.º, ficando então de uma só nave, com 3 capellas e adornado com primosos quadros.

Foi destruido completamente pelo terremoto de 1755.

Nossa Senhora das Necessidades, de congregados do oratorio de S. Filippe Nery, edificado em 1750 em uma encosta que domina a ribeira de Alcantara, onde já havia uma ermida ou antes egreja, da mesma inv., que era de uma irmandade dos homens do mar, e fôra feita em 1613 com esmolas dos fieis e consentimento da proprietaria do terreno, Anna de Gouveia de Vasconcellos, sobrinha do famoso Francisco Velasco; a qual ermida ou egreja veiu depois a pretencer a Balthazar Pereira do Lago, a quem a comprou el-rei D. João V para fundar o dito conv.º

Tem annexa este conv.º uma bella q.ta, ornada de jardins, estatuas, fontes, passeios e ruas de arvoredo que a fazem uma das melhores de Lisboa.

A um dos lados da mesma q.ta mandou tambem construir o dito soberano um bello palacio real.

O conv.º foi ext.º em 1834.

Tem a egreja das Necessidades quadros de muito merecimento, vasos sagrados e paramentos de grande valor. A fachada é magnifica e tem estatuas de esculptores distinctos, tanto nacionaes como estrangeiros.

A capella mór tem um altar, sob uma especie de baldaquino, onde está a imagem da padroeira da egreja, na qual sua magestade o senhor D. Fernando mantem o culto com extremado aceio e decencia.

Nossa Senhora da Porciuncula, de religiosos ca-

puchos francezes, fundado em 1648 em umas casas de que lhes fez doação a duqueza de Aveiro.

Foi ext.º em 1834 e vendido como bens nacionaes. Hoje é predio particular.

Nossa Senhora dos Remedios (chamado vulgarmente dos Marianos), de religiosos carmelitas descalços, fundado em 1606.

Foi ext.º em 1834. O edificio foi vendido e hoje acha-se ali estabelecida uma casa de oração do culto presbyteriano: sentimos, mas ainda assim (perdoem-nos a reflexão se escandaliza alguem) apraz-nos mais que tenha este destino do que outro qualquer uso profano, pois ali, embora sob um culto differente do que seguimos, adora-se ao Pae celestial e ensina-se a santa lei do evangelho.—Não nos julguemos uns aos outros, diz o apostolo, pois Deus nos ha de julgar a todos.

MOSTEIROS

Santo Alberto, de religiosas carmelitas descalças fundado em 1584 pelo cardeal Alberto.

Santa Brigida, de religiosas de uma ordem fundada no reino da Suecia por S.ta Brigida, as quaes fugiram de Inglaterra (onde habitavam um mosteiro da dita ordem e da inv. do Salvador de Sião) á perseguição de Henrique VIII. Chegando a Lisboa foram no principio hospedadas no mosteiro da Esperança e depois em umas casas que lhe deu Izabel de Azevedo, mulher nobre, moradora no sitio do Mocambo, onde fundaram uma egreja que em 1651 foi destruida por um incendio.

Parece que outra vez se tornaram a recolher para o mosteiro da Esperança, até que em 1752 se edificou o novo mosteiro e egreja, no mesmo sitio; ao qual mosteiro e egreja ficaram chamando das Inglezinhas: concorrendo muito para esta edificação Rui Correia Lucas e sua mulher D. Milicia da Silveira.

O mosteiro foi ext.º porque as religiosas foram para In-

glaterra. Comprou a egreja uma companhia ingleza, e ali se conserva o culto catholico.

Santo Crucifixo, de religiosas capuchas da 1.ª regra de S.ta Clara, chamadas vulgarmente *Francezinhas*, porque vieram as primeiras religiosas de Paris com a rainha D. Maria Francisca Izabel de Saboia, que lhes mandou construir mosteiro em 1667, defronte do lado meridional do conv.º de S. Bento.

O templo não é grande mas está ornado com decencia e as religiosas são de notavel observancia.

Nossa Senhora da Esperança, de religiosas da ordem de S. Francisco, fundado por D. Izabel de Mendanha em 1530.

Nossa Senhora da Nazareth, de religiosas recoletas da ordem de S. Bernardo, que teve principio em um recolhimento, e em 1654 por deligencias de fr. Vivaldo de Vasconcellos, do conv.º de S. João de Tarouca, da mesma ordem, se formou em mosteiro, e vieram para mestras e fundadoras tres exemplares religiosas do mosteiro de S. Bento de Evora, tambem da mesma ordem de S. Bernardo.

Este mosteiro foi ext.º depois de 1834 passando as poucas religiosas que ainda ali residiam a ser encorporadas no Real Mosteiro de S. Dionisio (ou S. Diniz) de Odivellas.

Santissimo Sacramento, de religiosas da ordem de S. Domingos, fundado em 1612 pelo conde de Vimioso, D. Luiz de Portugal e sua mulher D. Joanna de Castro.

Nossa Senhora da Soledade, de religiosas recoletas da ordem da Santissima Trindade, chamado vulgarmente das Trinas de Mocambo, fundado em 1657 por Cornelio Wandali, flamengo de nação, sobrinho do celebre D. Cornelio Jansenio, bispo de Gandavo, ou antes por sua viuva Martha de Bós, pois ao tempo em que se erigiu o mosteiro já o dito Wandali era fallecido, e em sua vida sómente estes illustres e virtuosos esposos haviam fundado um retiro com ermida, a que deram a inv. de Nossa Senhora da Soledade, e depois, em 1661, por disposição testamentaria do fallecido Wandali, e boa vontade da viuva, é

que do mosteiro do Calvario vieram as religiosas fundadoras, uma das quaes sómente deixou o habito de S. Francisco e vestiu o das Trinas, ficando por prioreza, regressando as outras ao seu primitivo mosteiro.

Foi pouco a pouco alargando-se e aperfeiçoando-se o edificio com as avultadas esmolas da condessa de Redondo D. Magdalena, que no mosteiro viveu como recolhida, fallecendo alguns annos depois.

ERMIDAS

Nossa Senhora da Conceição, na rua do Acipreste, nas casas de José Machado Pinto, contractador do tabaco, e que (segundo diz J. B. de Castro) parece ser a mesma a que chama Carv.°, Nossa Senhora da Caridade.

Effectivamente Carv.° dá noticia de uma ermida de Nossa Senhora da Caridade, situada na dita rua do Acipreste, fundada por D. Duarte d'Eça e Faria, fidalgo da casa, mas não vemos motivo sufficiente para que J. B. de Castro entenda ser a mesma. Esta de Nossa Senhora da Caridade, foi destruida, segundo diz o *D. G.* do sr. P. L. pelo terremoto de 1755.

Nossa Senhora da Conceição, situada nos quarteis da Praça d'Armas de Alcantara, a qual *ornam e festejam,* diz J. B. de Castro, os soldados da mesma Praça d'Armas.

Nossa Senhora de Monserrate, na rua Larga de S. Bento nas casas de Antonio de Menezes.

Senhor Jesus da Via Sacra, contigua á egreja do mosteiro da Esperança e fundada pelos irmãos da mesma Via Sacra, pouco tempo antes do terremoto.

Tomou depois a inv. do Espirito Santo, e os naturaes das ilhas faziam ali annualmente uma grande festa ao Divino Espirito Santo, especial objecto de devoção da gente dos Açores.

Senhor Jesus dos Navegantes, edificada depois do terremoto na nova rua chamada do Quelhas, a pequena distancia do largo da Estrella. Ao principio foi esta ermida de madeira, mas depois se construiu de cantaria lavrada.

Esta ermida ainda existe no mesmo local, fronteira á rua da Bella Vista, no sitio da Estrella.

Havia tambem no antigo districto d'esta F., segundo diz Carv.º, muitas casas nobres com seus jardins e quintas; como eram as de Christovão de Almada, do Conde Barão de Alvito, de D. Antonio de Menezes, que foram dos viscondes de Fonte Arcada, onde havia uma ermida de S. Pedro, as do D. de Aveiro onde residiam os M. das Minas, as dos C. de Villa Nova, dos viscondes d'Asseca, as de D. Francisco de Mascarenhas, dos condes de Alvôr, do conde Meirinho Mór, e as de Antonio de Albuquerque Coelho.

S. PEDRO EM ALCANTARA

Esta F., segundo declara a *E. P.*, é a mesma de S. Pedro que antes do terremoto fazia parte do bairro de Alfama, e assim vem mencionada tanto em Carvalho como em J. B. de Castro; era das antigas de Lisboa e vem mencionada no *Summario* de C. R. de Oliveira, com 1539 habitantes.

Pelas desencontradas noticias sobre a época da sua instituição só póde inferir-se que já existia em 1344.

Era prior.º do padr.º real, mas parece que passou a ser do padr.º das rainhas, e tinha dois beneficiados.

Comprehendia o antigo districto d'esta F. em 1708, segundo diz Carv.º, o Arco de S. Pedro, a Adiça, a rua da Galé, a rua Direita, o beco de Alfama, as Varandas, a Guarda, o Papel dos Alfinetes e a Judiaria; e uma ermida de Nossa Senhora do Rozario no Campo da Lã.

P...	C..........	270	
	A..........	582	
	E. P........	1850..............	6040
	E. C.........................		3388

Assigna J. B. de Castro a esta F. antes do terremoto 352 fogos e 150 depois.

NB. A população em Oliveira, Carvalho e J. B. de Castro refere-se á ant.ª parochia de S. Pedro em Alfama, e a

do *D. C.* de Almeida, *E. P.* e *E. C.* á moderna de Alcantara; porém a *E. P.* comprehende a população total da F., intra e extra-muros da cidade, e o *D. C.* (Almeida) e a *E. C.* separam as duas partes e só apresentam aqui a respectiva á parte intra-muros.

Estava sit.ª a ant.ª egreja parochial no bairro de Alfama pouco mais ou menos onde hoje vemos a pequena rua de S. Pedro.

Experimentou total ruina pelo terremoto; mas parece que se fez depois na mesma antiga egreja sufficiente reparação para poder ser outra vez ali estabelecida a séde parochial, no anno de 1757. Muitos annos depois foi transferida a séde da F. para uma egreja de S. Pedro que existia no sitio de Alcantara, além da ponte, no principio da estrada (ou calçada) chamada da Tapada, ficando por tanto extra-muros de Lisboa, e já no conc.º de Belem.

Hoje é prior.º

Compr.ᵉ o districto d'esta F. uma parte da cid.ᵉ intra-muros.

Esta F. para os effeitos civis está dividida em duas partes: S. Pedro em Alcantara intra-muros, e S. Pedro em Alcantara extra-muros. D'esta 2.ª parte já tratámos no conc.º de Belem, em o qual está sit.ª a egreja parochial.

Com a presente F. se completam as 8 FF. do bairro occidental da cidade.

Deixando de parte a diversidade de opiniões de auctores antigos relativamente á população de Lisboa, só observaremos que todas se comprehendem entre os limites de 800 mil e 120 mil habitantes. Este ultimo numero é com pequena differença o do *Summario* de C. R. de Oliveira e corresponde ao anno de 1551.

Quanto aos dados estatisticos colhidos dos auctores e documentos officiaes que nos serviram para apresentar a população de cada uma das freguezias, para pouparmos ao leitor o trabalho de sommar vae a totalidade no seguinte quadro.

P...	C...........	28814	
	A...........	44962	
	E. P.........	47329..........	155748
	E. C.........................		155246

Para supprir as lacunas que encontrámos tomámos os seguintes arbitrios.

Quando em Carv.º não encontrámos a população tomámos uma intermediaria entre a que vem no *Summario* de C. R. de Oliveira e a do Mappa de Portugal de J. B. de Castro, aproximando-a mais de um ou de outro auctor segundo diversas circumstancias a que julgámos dever attender.

Nas FF. que para os effeitos civis estão divididas em duas partes, *intra-muros e extra-muros* da cidade, para separar a respectiva população, na *E. P.*, onde vem junta a da F. ecclesiastica, regulámo-nos pela que apresenta o *D. C.* de Almeida: exceptua-se porém d'este arbitrio a F. de S.ta Izabel por isso que no relatorio da *E. P.* declarou o parocho o numero de fogos e habitantes correspondente á parte da F. extra-muros.

Tambem devemos dizer em conclusão sobre este assumpto, que relativamente á capital admira a exactidão com que foi feita a estatistica civil de 1864, primeira do nosso paiz; e devemos esperar o mesmo ou melhor resultado no futuro, se continuarem a apresentar-se trabalhos analogos em periodos determinados.

A fortificação mais antiga de Lisboa data do tempo dos romanos, segundo alguns auctores, e dos arabes segundo outros, e talvez houvesse construcções de ambas as épocas. Esta fortificação, que era de muralhas e torres de projecção quadrada ou circular, continuou a existir no tempo dos primeiros reis portuguezes, e comprehendia a antiquissima fortaleza de Alcaçova, depois chamada Castello de S. Jorge, de que fallámos na F. de S.ta Cruz, e d'ahi partia em direcção á margem do rio, pelo sitio que ainda hoje chamam as *Portas do Sol* e *rua da Adiça*, que tambem conserva o nome; isto quanto ao lado do nascente.

Pelo lado do poente descia a muralha, segundo lemos no *Mappa de Portugal* de J. B. de Castro, pela Porta de Alfofa, Porta do Ferro e Misericordia: d'estes sitios não podemos fazer hoje ajustada idéa; porém pela enumeração das portas da cidade, que tambem vem no citado auctor, corria esta muralha quasi perpendicularmente ao rio pelo declive onde hoje está a calçadinha de S. Crispim e a egreja de S.to Antonio da Sé.

Finalmente fechava-se o espaço pelo lado do rio (ou do Sul), tendo em todo o seu desenvolvimento 12 portas, cujos nomes eram os seguintes:

1.ª Porta do Ferro, junto ao local onde hoje se vê a egreja de S.to Antonio da Sé.

2.ª Porta do Mar, antiga, que depois se chamou Postigo da Rua das Canastras, fronteirá á porta travessa da egreja da Misericordia.

3.ª Porta do Mar, defronte do actual caes de Santarem, onde chamam Arco de Jesus.

Por esta porta foi invadida a cidade pela tropa allemã que auxiliou D. Affonso Henriques na tomada de Lisboa.

4.ª Postigo do Conde de Linhares, onde depois esteve a porta principal do palacio do conde de Coculim, para a parte do mar.

5.ª Porta do Chafariz d'El-rei, no sitio em que está hoje a parede do mesmo chafariz.

6.ª Porta de Alfama, defronte da porta principal da egreja de S. Pedro.

7.ª Porta do Sol, proxima á egreja de S. Braz.

8.ª Porta de Alfofa, no fim da calçada de S. Crispim da parte de cima.

9.ª Porta de S. Jorge, por onde se entrava para o castello.

10.ª Porta de D. Fradique, no castello, que depois se tapou de cal e areia. Devia ficar no largo que hoje chamam Chão da Feira proximo á entrada do pateo de D. Fradique.

11.ª Porta do Moniz; dentro do castello e no fim da rua direita de S.ta Cruz.

Chama-se do Moniz em memoria do illustre cavalleiro

Martim Moniz que para facilitar a entrada dos nossos se deixou cair atravessando-se na dita porta.

O padre Nicolau de Oliveira, na sua obra *Grandezas de Lisboa*, diz que não morreu ali Martim Moniz, mas que sendo-lhe quasi decepada a cabeça com uma cutilada, foi morrer junto á egreja de Sant'Iago.

Para lembrança de tão heroica valentia se mandou collocar sobre a porta uma cabeça de pedra; e depois seu neto, o conde de Castello Melhor, acrescentou a seguinte inscripção que ainda se lê.

—El-rei D. Affonso Henriques mandou aqui colocar esta estatua e cabeça de pedra em memoria da gloriosa morte que Dõ Marti Munis, progenitor da familia dos Vasconcellos, recebeu n'esta porta, quando atravessando-se n'ella franqueou aos seus a entrada com que se ganhou aos mouros esta cidade, no anno de 1147.

João Roiz de Vasconcellos e Souza, Conde de Castel-Melhor, seu decimo quarto neto por varonia, fez aqui pôr esta inscripção no anno de 1646.—

Comtudo auctores ha que diversificam nas circumstancias do facto, e até alguns negam.

«Se a cabeça não tivesse o nariz quebrado (diz o *D. C.*) estrago que mostra ser mais da maldade que do tempo, poderia dizer-se bem conservada.

«A porta dá saída para um olival que assombra a ingreme encosta do monte por todo o lado do norte, e dá entrada para um espaçoso terreiro a que chamam a Praça Velha.

«Entrando neste vê-se em frente da Porta a egreja de Santa Cruz... á direita a barbacã mourisca, e por detraz elevam-se os altos montes torreados da cidadella ou Alcaçova. A primeira torre da Alcaçova é a que tem a cisterna.

....

«Onde terminava a Alcaçova da parte do Sul, levantavamse os Paços Reaes que tomaram o mesmo nome, e dos quaes resta uma parede com janellas.»

A torre quadrangular que ainda affronta os seculos, na descida do olival de que acima falla o *D. C.*, para a parte do N. O., e que fica sobre o caminho hoje chamado Costa do Castello tambem é digna da attenção dos curiosos.

12.ª Porta da Traição, na mesma parte da muralha onde está a Porta de Martim Moniz, e dá serventia para a Costa do Castello.

D'estas 12 portas só existe hoje a de Martim Moniz (que em tempo dos mouros se chamava Porta do Norte); quanto á Porta do Sol, pelo nome actual se sabe o sitio em que estava, e combina exactamente com o resto da descripção.

O 2.º recinto de muralhas e torres se fez no reinado de D. Fernando, concluindo-se a obra em 1375.

N'esta nova muralha havia 35 portas.

1.ª Porta de S. Lourenço, no cimo da calçada da Roza, junto ao palacio do M. de Ponte de Lima.

2.ª Porta da Mouraria, junto ao palacio do M. de Alegrete.

3.ª Porta da rua da Palma, que ficava em um ponto que hoje se ignora na actual rua Nova da Palma ou muito proximo da mesma rua.

4.ª Porta da rua da Pella, onde chamam o Arco da Graça, diz J. B. de Castro, pelo qual se vae para o collegio de S.to Antão.

Hoje ainda existe a rua do Arco da Graça, a calçada do Jogo da Pella e o edificio do collegio (Hospital Real de S. José) e por isso se póde bem colligir qual aproximadamente era o sitio d'esta porta.

5.ª Porta de Sant'Anna, para baixo da egreja da Pena, e no sitio onde se vê uma ermida chegada ao muro do mosteiro das Commendadeiras da Encarnação.

6.ª Porta de S.to Antão, junto da egreja actual de S. Luiz dos francezes. Por esta porta se fazia o transito para a Praça do Rocio.

«Ainda nos lembramos, diz J. B. de Castro, de ver collocadas em suas couceiras as portas com que se fechava, e que se tiraram para maior desafogo na entrada do Embaixador de Castella em 1728.»

7.º Porta das Estrebarias de El-rei, entre a Inquisição e as casas do D. de Cadaval, fazendo frente ao Rocio.

8.ª Porta do Condestavel, que tambem chamavam Postigo do Carmo, e hoje se chama (diz J. B. de Castro) Postigo de S. Roque, por conservar em cima do arco uma imagem do santo.

Ainda me lembra de ver o arco, mas já sem porta, no cimo da calçada do Duque: foi derrubado depois de 1834.

9.ª Porta ou Postigo da Trindade, junto ao conv.º d'esta inv. e ordem, na travessa para a rua Larga de S. Roque.

10.ª Porta de S.ta Catharina. Existia junto da egreja do Loreto e atravessava a rua (ou largo) até entestar com as Cavallariças de El-rei.

11.ª Porta do Duque de Bragança. Estava no sitio onde depois se fez o palacio do M. de Valença, que foi destruido por um incendio.

Confrontando todas estas noticias, julgamos que esta porta occupava um local mui proximo áquelle em que hoje se vê o Hotel de Bragança.

12.ª Porta de *Cata-que-farás*, á qual chama J. B. de Castro de Cate-que-farás, e diz se chamava no seu tempo Postigo do Corpo Santo.

A 13.ª Porta e as seguintes que vem mencionadas em J. Baptista de Castro, escusado é dizer os nomes que tinham e indicar os sitios em que estavam, pois não ha vestigios alguns por onde se possa conhecer, ainda aproximadamente, a sua posição; sabe-se que ficavam na margem do rio, da parte do S. da cidade, e seguiam de poente para nascente desde a dita Porta n.º 13 até á seguinte.

23.ª Porta Nova do Mar, da parte da Ribeira, chegada á casa chamada dos Bicos.

24.ª Porta da Judiaria, e depois do Rozario, pela qual se saía da parochia de S. Pedro para a ribeira.

Não se póde saber o logar certo d'esta porta, mas bem se conhece[1] que devia ficar entre a 23.ª e a seguinte.

[1] Vej. a F. de S. Pedro, antiga, e seu districto.

25.ª Postigo de Alfama, que alguns chamavam das Alcaçarias. Ficava defronte do Campo da Lã, que hoje é rua do Terreiro do Trigo.

26.ª Porta do Chafariz de Dentro.

Ficava-lhe fronteiro da parte do mar o chafariz da Praia, onde hoje é o deposito da Companhia das Aguas.

27.ª Porta ou Postigo da Polvora. Era a ultima da banda da marinha, contigua á antiga cadeia das Galés e junto á ermida de Nossa Senhora do Rozario.

Por todas estas indicações se conhece que ficava esta porta ao fundo da actual Calçada Nova e proximo ao edificio do Arsenal do Exercito ou Fundição de Baixo.

28.ª Porta da Cruz, fronteira á egreja do Paraiso.

Segundo Damião de Goes era a principal porta da cidade, e ainda se vêem ali restos da sua cantaria.

29.ª Postigo do Arcebispo. Ficava antes de chegar ao conv.º de S. Vicente de Fóra, provavelmente onde se chama hoje o Arco Pequeno de S. Vicente.

30.ª Porta de S. Vicente, no sitio onde se vê hoje (diz J. B. de Castro) o passadiço para a cerca (Arco Grande de S. Vicente).

31.ª Postigo de Nossa Senhora da Graça. Existia um pouco affastado do conv.º Graciano.

Ainda vi restos de cantaria d'esta porta que ficava em sentido perpendicular ao pequeno jardim do aquartelamento de infantaria n.º 5. Em uma mui recente edificação rebocaram a cantaria de modo que dentro em pouco ninguem saberá dizer o sitio em que estava.

32.ª Postigo do Caracol da Graça, ao começo da descida do monte da Graça para as Ollarias.

Está mui claro que ficava esta porta no cimo do actual caminho em zig-zag, chamado ainda Caracol da Graça, e provavelmente voltada ao poente.

33.ª Porta de S.to André, que era a ultima aberta na cortina da muralha e que ia fechar no castello.

Esta porta ficava onde se vê hoje o Arco de S.to André.

Além d'estas 33 portas ainda se conservavam no castello

as de Martim Moniz e da Traição, ficando as mais do 1.º recinto inutilisadas pelas do 2.º, á excepção de 4; que eram a 3.ª, 4.ª, 5.ª e 6.ª que mencionámos no dito 1.º recinto da parte da Ribeira (isto é na margem do rio): e d'este modo se completa o numero de 39 portas que julgamos tinha o dito 2.º recinto, confrontando o que diz J. B. de Castro, com fr. Antonio Brandão na *Monarchia Lusitana*, Nicolau de Oliveira nas *Grandezas de Lisboa* e Luiz Marinho de Azevedo na *Fundação e Antiguidades de Lisboa:* obras todas que vimos e consultámos para este trabalho.

D'estas 39 portas, eram 18 para a parte da terra e 21 para o lado da ribeira. As 18 para a parte da terra são as de n.ºs 1 a 11 e 29 a 33, com as duas do castello; e para a parte da ribeira as restantes com as 4 que dissemos da muralha antiga ou 1.º recinto.

Quanto ás fortificações que se executaram no reinado de D. João IV, cujo traçado foi feito em 1650 pelos engenheiros Legart, francez, João Gillot, hollandez, e João de Cormandel (e não Cosmander como diz J. B. de Castro) natural de Bruxellas, existem apenas alguns vestigios.

Começavam no baluarte chamado de Alcantara ou do Sacramento, de que não restam vestigios alguns depois da edificação do novo quartel dos marinheiros militares, e de outras obras feitas n'aquella parte da cidade, revolvendo-se o terreno de maneira que nada se conhece do que ali havia, desapparecendo a rua Velha e o seu arco, do qual tenho mui clara idéa.

Seguia-se o baluarte do Livramento, de que ainda se vê grande parte da muralha e uma guarita.

Mais acima, seguindo pela actual linha de circumvolução da cidade, tambem se observam ruinas de outro baluarte proximo á egreja do Senhor Jesus do Triumpho, e depois um lanço de cortina sobre o qual se construiram casas.

Continuando pela dita estrada de circumvolução, perdem-se quasi de todo os vestigios d'estas fortificações pelo movimento de terras que ali se fez para a construcção da referida estrada.

No alto do Carvalhão e proximo de S. Sebastião da Pedreira ainda se viam ha poucos annos fracos vestigios d'estas antigas fortificações; mais para diante, seguindo para o nascente, de todo se perderam.

No tempo da invasão franceza fizeram-se algumas fortificações de campanha para abrigar o exercito alliado no caso de uma retirada das linhas de Torres Vedras, e tambem na ultima guerra de 1833 a 1834 se construiram á pressa muitos reductos de campanha, ligados por parapeitos para fusilaria.

D'estas ultimas fortificações conservam-se, ainda que muito deteriorados, o reducto da Quinta do Seabra, o forte da Atalaia, e o reducto do Alto do Carvalhão, todos em Campolide; dos mais, em todo o resto da linha (que principiava na Cruz da Pedra e seguindo proximamente a curvatura da actual estrada de circumvolução ia terminar em Alcantara) restam apenas insignificantes ruinas e muitos desappareceram complètamente.

Hoje parece que se trata de uma nova linha de fortificações começando no sitio da Cruz das Oliveiras, na serra de Monsanto, onde está muito adiantada a construcção de um formidavel reducto e torre moderna acasamatada que deve jogar artilheria de grande alcance.

O porto de Lisboa, segundo a opinião de todos os geographos e viajantes só admitte competencia com o de Constantinopla e bahia de Napoles.

Começa em um estreito canal entre a torre de S. Julião e a de S. Lourenço, chamada vulgarmente Torre do Bugio.

Este canal tem meia legua de largura, e entre ambas as torres, mas um pouco mais para o Oceano, corre uma penedia submarinha, a que chamam *os cachopos:* ficam mais proximos de S. Julião do que da Torre do Bugio, e formam para a entrada dos navios dois canaes, de que o mais seguido, por ser mais fundo, é o que passa junto a S. Ju-

lião e chamam canal do Norte: o outro é demandado sómente por navios de pequena lotação.

Entre a Torre do Bugio e a costa do Sul não passam navios; e antigamente podia até chegar-se a esta Torre por terra em marés baixas, o que hoje não acontece[1].

Continuando porém a referir-nos ao canal formado pelas duas margens do Tejo, segue elle a direcção geral de E. $^1/_4$ de N. E. até ao Pontal de Cacilhas, na extensão de $2\,^1/_2{}^l$, tendo a largura média de $2\,^1/_2{}^k$ a maxima de 3^k e a minima de 2^k.

Termina este canal no dito Pontal de Cacilhas, quasi em frente do Caes do Sodré, e logo fazendo as aguas uma grande reintrancia para a parte do Sul e ao mesmo tempo mudando a m. d. do rio a direcção para N. $^1/_4$ de N. E. até Sacavem, formam o grande porto de Lisboa, onde podem ancorar com segurança centenares de navios de guerra, e mercantes de todas as lotações.

Tem de largura maxima $2\,^1/_2$ leguas.

Os navios mercantes tem um ancoradcnro marcado, a que chamam o quadro da alfandega, para cima do qual tambem não é de uso fundearem navios de guerra, posto para isso tenham sufficiente altura de agua.

O numero total de navios mercantes que entraram no porto de Lisboa no anno de 1875 foi de 3259, dos quaes 403 em franquia.

Luiz Mendes de Vasconcellos na obra intitulada *Do Sitio de Lisboa,* impressa em 1608, diz que no seu tempo havia mais navios mercantes ancorados em Lisboa do que em todos os portos da Italia juntos: que em um só dia e em uma só enchente de maré entraram uma vez 200, e muitas outras 100, 70 ou 50.

As fortificações destinadas a defender o porto de Lisboa são: na barra a Torre de S. Julião (antigamente S. Gião)

[1] A entrada do porto de Lisboa é indicada aos navegantes por 4 faroes, dois nos cabos da Roca e Espichel e dois nas torres de S. Julião e S. Lourenço.

da parte do Norte, e a de S. Lourenço (ou do Bugio) da parte do Sul.

A Torre ou fortaleza de S. Julião da Barra é uma verdadeira praça de guerra, fundada sobre rocha, com 5 baluartes e um revelim para a parte da terra. Foi edificada no reinado de D. Sebastião, ampliada e reforçada com outras novas obras nos reinados de Filippe II e D. João IV[1].

A Torre ou fortaleza de S. Lourenço da Cabeça Seca ou Torre do Bugio é de figura circular, foi começada no reinado de D. Sebastião, e depois de varias interrupções foi reedificada com a sua fórma actual sob o governo de D. João IV.

Na m. d. do rio, desde S. Julião da Barra até á Torre de S. Vicente de Belem, ha os seguintes fortes, pela maior parte desartilhados e em estado de ruina, ou pelo menos precisando grandes reparações.

Santo Amaro.

Forte das Maias.

Paço de Arcos, fundado no seculo XVII, no logar do mesmo nome. Está bem conservado.

Porto Salvo, construido no mesmo seculo XVII, um pouco acima do antecedente. Está egualmente bem conservado.

S. Bruno, proximo ao L. de Caxias, edificado no seculo XVII.

Nossa Senhora do Valle.

Boa Viagem. (S. Francisco da)

Nossa Senhora da Boa Viagem.

Forte da Cruz Quebrada.

S. José de Riba Mar.

Nossa Senhora da Conceição de Pedroiços.

Bateria do Bom Successo, de que já fallámos.

Torre de S. Vicente de Belem, ou mais vulgarmente

[1] Em 1833 construiu-se $^1/_2{}^k$ a N. E da praça de S. Julião um grande reducto (que foi denominado do Duque de Bragança), para difficultar o ataque pelo lado da terra.

Torre de Belem, assombro de belleza de architectura no seu genero, linda e preciosa joia com que o feliz D. Manuel quiz enfeitar e adornar a entrada do porto que devia receber os tributos do Oriente, e os productos e mercadorias de todas as nações: sentinella de muitos seculos ao seu contemporaneo de egual renome e gloria artistica o conv.º dos Jeronymos de Belem.

Para cima de Belem, egualmente na m. d. do rio, mencionam os auctores outros fortes dos quaes hoje nem restam vestigios, á excepção do bonito forte chamado do Porto Franco, na Junqueira, ao fim da Cordoaria, vindo de Belem, e do forte de Alfarrobeira em Alcantara.

Na m. e. do rio desde a barra até ao Pontal de Cacilhas havia tambem os fortes seguintes: hoje quasi todos desartilhados e em estado de ruina.

Forte da Trafaria.

S. Sebastião de Caparica, mandado construir por el-rei D. Sebastião, quasi fronteiro á Torre de Belem; com o correr dos tempos veiu a ter o nome de Torre Velha: proximo foi edificado ha poucos annos o Lazareto do porto de Lisboa.

Forte da Fonte da Pipa.

Forte de Arialva.

Forte ou Castello de Almada, do qual fallámos no conc.º de Almada.

Tem Lisboa 60 praças ou largos, 354 ruas, 216 travessas, 66 calçadas e 119 becos.

Para a designação e conhecimento do local em que se acham estas differentes praças, ruas, etc., ha roteiros proprios, dos quaes o ultimo é impresso n'este anno de 1876.

Entre as praças são dignas de observação as seguintes:

Praça do Commercio, vulgarmente chamada Terreiro do Paço.

«Desde que el-rei D. Manuel fundou os magnificos paços da Ribeira, diz o *D. C.*, o grande espaço descoberto e contiguo teve o nome de Terreiro do Paço.

«Destruidos os aposentos reaes pelo terremoto de 1755, levantaram-se depois os edificios que vemos.

«Os paços ficavam do lado onde está hoje o arsenal da marinha.»

O que ha porém notavel é que apesar da ruina completa d'este palacio, apesar do decreto que deu o nome á nova praça, não obstante achar-se installada effectivamente em nm dos seus torreões a praça do commercio, o povo só a conhece pelo nome de Terreiro do Paço; e de 160:000 habitantes de Lisboa nem a decima parte a designa de outra maneira.

Os 3 lados de N., E. e O. d'esta 1.ª praça de Lisboa são formados por arcadas de bella cantaria, sobre as quaes correm dois andares com suas janellas symetricamente dispostas; e por cima, á beira do telhado, uma balaustrada ou varanda.

As arcadas do nascente e poente correm seguidas sem interrupção alguma, desde a rua Nova da Alfandega e rua Direita do Arsenal, até aos dois grandes e bellos torreões que as rematam; mas a arcada do N. tem 3 intervallos ou aberturas, que são as ruas da Prata, Augusta e do Ouro, dando entrada para a rua Augusta o grande arco de bellissima cantaria, sustentado sobre 4 enormes grupos de columnas[1] rematado por uma especie de plataforma adornada de 3 figuras collossaes, formando um grupo que pesa 145000^{k}. A altura total do arco é de 33^{m}.

No meio da praça avulta a estatua equestre de D. José I, monumento principal de Lisboa, obra magnifica do nosso esculptor Joaquim Machado de Castro, fundida em bronze, no arsenal do exercito e de um só jacto, pelo tenente coronel Bartholomeu da Costa: pesa 500 quintaes (29370^{k}). Ainda se podem vêr no mesmo arsenal, na repartição chamada Fundição de Cima, as enormes formas e o collossal

[1] São massiços de cantaria com apparencia exterior de columnas; mas tem para guarnecer o portico 6 verdadeiras columnas da ordem composita.

modelo de estuque, e no museu da repartição de S.ta Clara o modelo da machina empregada para a levantar e collocar; assim como um lindo modelo, em miniatura, da mesma estatua equestre, feito egualmente de bronze.

O magestoso pedestal da estatua é adornado do lado oriental por um grupo onde sobresae a Fama e diversas figuras allegoricas de mui duvidosa explicação; e do lado oriental por outro grupo que representa o Triumpho.

Orna a frente um baixo relevo tambem de figuras allegoricas, o escudo das armas reaes, e mais abaixo uma moldura oval de 5 palmos de altura com a effigie do marquez de Pombal, 1.º ministro d'el-rei D. José, que suscitou a lembrança da obra e a fez executar.

Na parte do sóco voltada para o caes lê-se a inscripção:

JOSEPHOI
AUGUSTO. PIO. FELICI. PATRI. PATRIAE.
QUOD. REGIIS. IURIBUS. ADSERTIS.
LEGIBUS. EMENDATIS.
COMMERTIO. PROPAGATO. MILITIA.
ET. BONIS. ARTIBUS. RESTITUTIS.
URBEM. FUNDITUS. EVERSAM. TERRAEMOTU.
ELEGANTIOREM. RESTAURAVERIT.
AUSPICE. ADMINISTRO. EJUS. MARCHIONE POMBALIO.
ET. COLLEGIO. NEGOTIATORUM. CURANTE.
S. P. Q. O.
BENEFICIORUM. MEMOR.
A. MDCCLXXV.
P.

A historia da construcção de tão grandioso monumento encontra-se em differentes obras, algumas occupando-se exclusivamente d'este assumpto: e tambem encontrará o leitor curiosos detalhes no *D. C.* vol. II pag. 124 a 129.

O lado meridional da Praça do Commercio é formado pelo magestoso caes chamado das columnas, por duas que

o adornam e que ainda são batidas pelas ondas quando a maré sobe.

É o caes semicircular, vasto, e para os lados o acompanham parapeitos de cantaria com assentos: nas extremidades da praça, pelo lado do S., e já encobertos com os torreões, ficam ao nascente o caes da alfandega, e ao poente o bello caes ou ponte de madeira pertencente á companhia do Caminho de ferro do S. e S. E.

Das 3 ruas que partem da arcada do N. nota-se quanto a duas a mesma singularidade que já notámos a respeito da praça; pois sendo o nome official da que fica mais ao oriente rua Bella da Rainha, o povo só a conhece e denomina rua da Prata, e á 3.ª, do lado do occidente, em vez de rua Aurea chama rua do Ouro.

«Sómente a rua Augusta (diz o *D. C.*) conserva o seu titulo cesareo.»

Estende-se o chamado *arruamento* desde a praça descripta até á do Rocio; correndo as 3 ruas principaes, e outra parallela (a rua dos Fanqueiros, officialmente rua Nova da Princeza) do S. para o N. e sendo cortadas em angulos rectos por sete transversaes, de que as 3 primeiras do lado do Terreiro do Paço se condecoram com o nome de ruas, e o merecem bem, especialmente a primeira, que o letreiro chama rua Nova d'El-Rei e o povo rua dos Capellistas.

O Rocio, officialmente Praça de D. Pedro, é sem contestação a 2.ª praça de Lisboa.

A sua figura é um rectangulo de comprimento quasi egual ao do Terreiro do Paço[1], na direcção N. S. e de metade da largura d'esta praça, em direcção E. a O.

O lado do N. é occupado pelo theatro de D. Maria II, os de nascente e poente por boa e regular casaria, cortada ao meio pela rua do Amparo e calçada do Carmo; e o do S. occupado pelas aberturas das duas ruas Augusta e Aurea e edificios intermedios; vendo-se a egual distancia das ditas

[1] Tem pequena differença para mais.

duas ruas o bello arco chamado do Bandeira, que dá entrada para a rua que o povo, com o seu costumado bom senso, chama tambem do Arco do Bandeira; mas que tem officialmente o nome de rua dos Sapateiros.

Nos 4 angulos da praça, ha outros tantos intervallos ou aberturas, a de S. E. dá principio á rua da Bitesga que conduz á Praça da Figueira; a de S. O. á rua do Principe cortada logo no começo pela rua Nova do Carmo; a de N. E. limita o pequeno largo de S. Domingos; e a de N. O. o pequeno largo do Camões.

No centro vê-se a estatua pedestre em bronze do imperador D. Pedro duque de Bragança, collocada sobre altissima columna de cantaria.

O Rocio é uma bella praça, muito mais concorrida do que o Terreiro do Paço, por estar mais central, e pelo grande numero de lojas e cafés que a rodeiam.

Á noite o effeito da illuminação dos candieiros de gaz, juntamente com as luzes das ditas lojas e cafés é maravilhoso, sobretudo para quem nunca viu Londres nem Paris.

Praça da Figueira, com razão póde considerar-se a 3.ª de Lisboa pela sua grandeza e regularidade.

A sua figura é quasi um quadrado perfeito com os lados respectivamente parallelos aos do rectangulo do Rocio, á excepção do lado do S. que é prolongamento do d'esta praça para o mesmo lado. A superficie é um pouco maior do que metade da do Rocio.

Na Praça da Figueira terminam, da parte meridional as ruas da Prata, dos Fanqueiros, e duas mais estreitas, dos Douradores e dos Correeiros (vulgarmente chamada travessa da Palha), as quaes (assim como a do Arco do Bandeira) não vem do Terreiro do Paço, mas da 3.ª rua transversal a contar d'esta ultima praça, e que tem o nome de Rua da Conceição, vulgo dos Retrozeiros, por ser o maior numero de suas lojas de vendedores de retroz e objectos de sirgueiro.

O centro da praça é onde se faz o grande mercado diario de hortaliças, frutas, etc., e parallelamente aos seus la-

dos correm barracas de madeira para a venda permanente de carnes, aves, caça, frutas, etc., formando as frentes d'estas barracas com as da casaria dos lados correspondentes 4 largas ruas, de grande e continuada concorrencia de povo.

No centro da praça ha um grande pavilhão onde estaciona a força da policia. As portas são 8, duas em cada lado; as do S. ficam fronteiras ás ditas ruas da Prata e Douradores.

A 4.ª praça (á qual tambem chamam largo) do Pelourinho, é quasi um rectangulo aproximando-se muito de um quadrado: fica ao occidente da Praça do Commercio, separada por uma pequena parte da rua do Arsenal.

O lado do S. é occupado pelo edificio do arsenal da marinha; o do nascente pelo edificio ainda hoje em construcção destinado aos paços do concelho ou casa da camara municipal de Lisboa, em substituição de outro que foi destruido por um incendio e estava situado quasi no mesmo local.

N'este lado do nascente começa ao N. a rua dos Capellistas, e ao S. segue para o Terreiro do Paço a dita rua do Arsenal, que vem em linha recta desde a Praça dos Remulares (vulgò Caes do Sodré) fazendo n'esta mesma Praça do Pelourinho uma outra abertura ao S. no lado do poente; este e o do N. é occupado por boa casaria.

No angulo de N. E. da praça, e já fóra do alinhamento, está a bella egreja de S. Julião de que já fallámos.

É menor, mas ainda assim digna de especial menção, a Praça dos Remulares, vulgarmente chamada Caes do Sodré, pelo bello caes d'este antigo nome (que talvez commemora o appellido de individuo que ali morava) o qual caes se prolonga para os lados; para o nascente até á ponte dos vapores da companhia Burnay, e para o poente até ao Caes da Ribeira Nova.

Este Caes do Sodré fica, já se vê, ao S.[1] da Praça dos Remulares; d'esta o lado do oriente é occupado por um

[1] S. S. O. com mais exactidão.

bom predio; e as aberturas communicam, pela banda do rio com o Largo do Corpo Santo, formando o dito caes dos vapores, e pela banda da terra com o mesmo Largo do Corpo Santo, seguindo em uma bella rua (que é a do Arsenal) como já dissemos, até ao Terreiro do Paço.

O lado do occidente[1] tem egualmente um bom predio e duas aberturas que communicam com a a Praça da Ribeira Nova (grande mercado de peixe ha poucos annos construido e em melhores condições hygienicas do que o antigo); da banda do rio pela continuação do caes e da banda da terra por uma pequena rua.

O lado do N. é occupado pela abertura onde começa a formosa rua do Alecrim e por dois predios lateraes.

A rua do Alecrim conduz á Praça de Luiz de Camões, passando sobre a estreita rua do Carvalho e depois sobre a Rua Direita de S. Paulo, formando em cada uma seu arco: ao menor chamam Arco Pequeno, e ao maior Arco Grande ou de S. Paulo.

A ponte que a rua do Alecrim fórma sobre este arco dizem os entendedores ser uma difficil e primorosa obra de arte.

Esta rua é orlada de bons predios, e pouco antes da Praça de Luiz de Camões atravessa o largo chamado do Barão de Quintella, formado em frente do palacio do fallecido conde de Farrobo, filho do antigo barão de Quintella.

A Praça ou largo de S. Paulo, tambem é regular e em fórma de rectangulo, passando ao longo do lado maior do N. a rua Direita de S. Paulo, e occupando o lado menor do poente a egreja parochial de S. Paulo. Ao meio tem um chafariz.

A Praça de Luiz de Camões (pelo monumento ali erigido á memoria do grande poeta), é a continuação para O. do largo chamado do Loreto ou das Duas Egrejas, por ficar entre as do Loreto e Encarnação.

Para dar logar á estatua de Camões, que é de bronze

[1] Mais precisamente O. N. O.

sobre pedestal de cantaria, se expropriaram e derrubaram algumas casas e barracas; e mesmo assim ficou o terreiro acanhado e em rampa.

É rodeado de gradaria de bronze.

A Praça da Alegria, situada na descida das alturas da Praça do Principe Real para o valle de Andaluz, é irregular, mas grande, aprasivel e bem sombreada de arvoredo.

Fica-lhe contigua outra praça onde está a entrada do N. do Passeio Publico do Rocio.

O nome d'estas duas praças é commum.

Ao S. do Passeio Publico ha uma praça onde fica a entrada do mesmo passeio pelo lado meridional; esta praça communica pela rua do Principe com o largo de Camões.

A Praça do Principe Real fica na alta chã de que por vezes temos fallado, e é occupada pelo passeio da mesma denominação, de que adiante trataremos.

Praça das Flores, na descida das alturas da praça do Principe Real para o valle da rua de S. Bento. Não tem edificio algum notavel e parece dever o seu nome a um pequeno mercado de flores que outro tempo ali houve.

Hoje tem um jardim que occupa a sua superficie (que não é muito grande e fórma um quadrilatero) ficando porém desembaraçados os quatro lados exteriores para o transito.

Praça das Amoreiras, um pouco acima e ao N. da Praça do Principe Real.

Para ali conduz a calçada da Fabrica da Loiça, vindo do largo do Rato, de que abaixo fallaremos.

É esta praça um rectangulo perfeito, todo plantado de amoreiras. tendo no centro um chafariz.

Os predios dos tres lados N. O., N. E. e S. E. são todos regulares e de um só andar, o que lhe dá um alegre e desafogado aspecto.

Julgamos que foi construida segundo o plano do M. de Pombal, e havia em roda numerosos teares de seda, industria a que deu grande impulso aquelle celebre ministro.

Pelo lado de S. O. fica uma arcada que vae do grande

e magestoso arco, chamado das Aguas Livres, até ao grande e collossal deposito das mesmas Aguas Livres, de que mais adiante havemos tratar.

Por baixo do dito arco passa uma larga rua a que dava nome, a qual do largo do Rato, e quasi parallela á da Fabrica da Loiça e ao longo da dita Praça das Amoreiras, conduz para as alturas de Campolide, tomando mais acima o nome de rua de S. João dos Bem Casados. Hoje uma e outra tem o nome de rua das Amoreiras, a qual começa no largo do Rato e acaba na porta da cidade chamada do Alto do Carvalhão.

Praça de Alcantara, pouco distante da margem do rio e no limite da cidade para o lado do poente.

É de figura polygonal, mas irregular, de lados mui deseguaes.

Tem do lado de S. O. o novo edificio do quartel dos marinheiros militares, em frente do qual ha um pequeno passêio bem arborisado.

O antigo arco da Rua Velha desappareceu pelas modernas construcções.

Ainda mencionaremos entre as praças menores que se denominam *largos:*

O de Camões no angulo N. O. do Rocio, entre esta praça e a rua do Principe.

Do Carmo, sombreado de arvoredo com elegante chafariz, que tem fama (não sabemos o motivo) de ser o de melhor *agua livre* da cidade: este largo tem fórma rectangular; do lado do nascente vêem-se as magestosas ruinas do Carmo onde está o Museu Archeologico, e o actual quartel general da guarda municipal de Lisboa, com duas companhias, uma de cavallaria e outra de infanteria; do N. fica-lhe a capella da ordem terceira do Carmo; ao S. tem um grande predio do sr. Guimarães Ferreira e ao poente outros grandes predios em um dos quaes está a officina de encadernador do sr. Lisboa, primeiro estabelecimento d'este genero, não só da capital mas de todo o reino.

De S. Roque, pequeno quadrilatero um pouco acima

do largo das Duas Egrejas, ao fim da rua Larga de S. Roque, na encosta suave que desce das alturas da Praça do Principe Real.

Fica-lhe ao N. a bella egreja de S. Roque, de que já fallámos; ao nascente havia d'antes um arco (o qual ainda conheci de pé) que outr'ora foi uma das portas da cidade, como tambem já dissemos.

Em 1506, quando se construiu a pequena ermida de S. Roque, todo o terreno desde Santa Catharina até á Esperança, e desde a margem do Tejo até aos Moinhos de Vento (hoje Praça do Principe Real), se compunha de hortas, olivaes, etc., pertencentes á familia dos Andrades; e só depois da construcção da egreja pelos jesuitas em 1555, se começou este novo bairro a povoar, fazendo-se novas e compridas ruas de N. a S., cortadas por transversaes *(travessas)* de nascente a poente, recebendo o bairro o nome de *Villa Nova de Andrade*, em attenção ao direito senhor de todos esses predios; nome que depois mudou para o de Bairro Alto de S. Roque, como já se vê designado pelos escriptores do principio do seculo XVII: sendo então um dos melhores de Lisboa, quando hoje não é por certo dos mais bonitos.

Quando em 1837 a camara municipal de Lisboa pretendeu fazer n'esta pequena praça um mercado de flores, e se abriu a nova rua da Trindade, foi então que se demoliu o *cubêlo* encostado á antiga Porta do Condestavel, depois chamada Postigo de S. Roque, que era o que restava da velha torre de Alvaro Paes. Desappareceram egualmente os restos do palacio dos descendentes de Vasco da Gama. Em fim nada ficou das antiguidades d'este sitio senão a lapida que Francisco José Caldas Aulete fez embeber na parede de sua casa, da calçada do Duque, em que se lê:

—Este lance do muro que el-rei D. Fernando acabou em 1413 foi conservado e reparado por Francisco José Caldas Aulete em 1840.—

Esta lapida não desappareceu, como parece inculcar o *D. C.*, pela construcção do novo edificio da Escola Acade-

mica, de que é director o sr. Antonio Florencio dos Santos, o qual a elevou mais para não ficar encuberta, mas que se descobre perfeitamente, *não da rua d'onde já d'antes se não via*, mas do terreiro que serve para os exercicios gymnasticos da dita escola.

Para a parte oriental do largo de S. Roque fica hoje o edificio da companhia das Carruagens Lisbonenses; ao S. e poente predios particulares, e ao meio um pequeno jardim e um padrão de cantaria commemorativo do augusto consorcio de el-rei o sr. D. Luiz com a excelsa princeza a sr.ª D. Maria Pia, feito á custa dos italianos residentes em Lisboa.

Do Corpo Santo, largo de figura rectangular, ao fim da rua do Arsenal vindo da Praça do Commercio; tem ao nascente a dita rua, o extremo do arsenal da marinha e bons predios: ao S. o rio; ao poente a egreja do Corpo Santo e duas ruas que vão para a praça dos Remulares e de S. Paulo, o resto são bons predios e bem assim do lado do Norte.

Do Conde Barão, ao fim da rua da Boa Vista, vindo da praça de S. Paulo, podendo bem dizer-se ser a continuação da dita rua até á calçada do Marquez de Abrantes, tão pequena é a sua largura. D'ali partem carros americanos para Belem, estação do caminho de ferro, largo do Intendente e Passeio do Rocio.

De S. Bento, que deveria chamar-se largo das Côrtes, porque fica ao longo do edificio onde funccionam as duas camaras legislativas, entre a calçada da Estrella e uma pequena rampa que dá communicação para a rua de S. Bento. Tambem communica por grande escadaria com a dita rua, como já dissémos.

Do Convento do Coração de Jesus, vulgarmente chamado largo da Estrella, grande e desafogado, mas de figura irregular; tem a S. O. a egreja e mosteiro; a N. E. a frontaria do lindo passeio da Estrella e a Rua Nova da Estrella (antigamente travessa dos Ladrões); a S. E. a abertura da calçada da Estrella, e uma outra calçada chamada

Calçada Nova do Convento Novo do Coração de Jesus, que se prolonga com o mesmo largo, e em subida para Buenos Aires, com gradaria de ferro; finalmente a O. a rua de S.to Antonio que conduz ao pequeno largo da Boa Morte, a qual tem no principio um chafariz.

Largo do Rato, talvez derivado da palavra *Harat*, que em lingua arabe segnifica bairro, no limite da alta chã que vem desde a Praça do Principe Real. N'este largo começa nova subida, do lado do Norte para Campolide, e do poente para Campo de Ourique.

É de figura polygonal, mas irregular; a N. N. E. fica-lhe a rua de S. Filippe Nery, que conduz á porta de Entre-muros; ao N. a calçada da Fabrica da Loiça que vae á praça das Amoreiras a N. N. F. a rua das Amoreiras que segue até á porta do Alto do Carvalhão (entre esta rua e a dita calçada fica o palacio que foi do sr. M. de Vianna): a E. d'esce para a praça da Alegria a extensa rua do Salitre; para O. uma rua larga mas de pouca extensão (rua Direita do Rato) faz communicar o largo com o principio do extremo valle da rua de S. Bento que desce até ao rio; finalmente para S. E. tem direcção a bella rua da Escola Polytechnica, que vae á dita praça do Principe Real.

Largo das Necessidades, irregular e sobre o comprido, em frente do palacio real do mesmo nome.

Tem um formoso chafariz de que mais adiante fallaremos, e pelo lado de S. O. uma muralha com parapeito.

Pelo lado de S. E. dá saída este largo para a rua Direita de Alcantara, e uma calçada larga e extensa, chamada tambem das Necessidades, conduz, seguindo para E. N. E. ao pequeno largo da Boa Morte, em que já fallámos tratando do largo da Estrella.

Pelo lado do poente ficam as cavallariças reaes e uma rua quasi parallela á circumvolução da cidade que vem acabar no sitio chamado a Fonte Santa.

Das Janellas Verdes, com um bello chafariz e um palacio do sr. M. de Pombal que foi habitação da virtuosa imperatriz do Brasil.

Da Abegoaria, quasi parallelo á rua Larga de S. Roque, entre esta e o largo do Carmo; communica pela travessa de Estevão Galhardo com a rua do Chiado, e com o largo do Carmo por outras duas travessas.

De S. Carlos, pequena praça quasi quadrada, perpendicular á rua Nova dos Martyres, a qual da egreja parochial de Nossa Senhora dos Martyres conduz ao largo do Corpo Santo. No lado meridional d'esta praça fica situado o bello theatro de S. Carlos.

Do Caldas, a que vulgarmente chamam dos Caldas, no sitio mais elevado da rua da Magdalena: é pequeno, mas tem excellentes predios.

De S. Vicente, pequeno e acanhado em relação ao magestoso templo de S. Vicente de Fóra que lhe fica ao nascente.

Da Graça, extenso mas de pouca largura e de figura irregular, ao poente do extincto conv.º dos Agostinhos, hoje quartel de infanteria n.º 5.

Do Intendente, ao fim da rua Nova da Palma, vindo do Rocio, entre esta e a rua Direita dos Anjos. Tem a O. N. O. um bom chafariz. É estação dos carros americanos.

De Arroios, na extremidade N. do extenso valle de Arroios, do qual largo partem 3 caminhos em direcção a 3 differentes portas da cidade (as barreiras de Arroios, largo do Leão e calçada de Arroios).

De Andaluz, no extenso valle de Andaluz, tambem chamado antigamente valle da Annunciada, onde começa a mais aspera subida para S. Sebastião da Pedreira.

De S. Sebastião da Pedreira, ao fim da mencionada subida, tendo do lado do nascente a egreja parochial do mesmo nome, e no fim, ao N., o palacio construido pelo conselheiro de estado José Maria Eugenio de Almeida, onde hoje habita a ex.ma sr.a D. Maria das Dores viuva do dito conselheiro e seu filho o sr. Carlos Maria Eugenio de Almeida.

O Campo de Sant'Anna, irregular e sobre o comprido occupa a alta chã situada entre os dois valles de Andaluz

e de Arroios, que Luiz Marinho de Azevedo na sua obra *Grandezas de Lisboa* appellida de monte quasi triangular: tambem na sua parte septentrional tem hoje um pequeno mas bonito passeio ajardinado; com boas arvores de sombra, ficando-lhe contiguo da parte do nascente um chafariz.

O Campo de Santa Clara, para o nascente da egreja de S. Vicente de Fóra, egualmente irregular e sobre o comprido, tem participado dos melhoramentos que as administrações municipaes tem levado a effeito na cidade, nos ultimos 30 annos.

Na parte a mais oriental do campo, em frente do palacio do M. de Lavradio tem hoje um passeio ajardinado que só tinha o defeito de carecer de agua para a rega, mas de que está agora abundantemente provido pelos encanamentos a que procedeu a companhia das aguas lisbonense.

Do lado do S. é sustentado o massiço do terreno por forte muralha.

D'este passeio se desfructa dilatada vista do Tejo e povoações de além rio, mas com razão diz o *D. C.* ter esta vista um tanto de melancholica, devido á grande amplidão do Tejo e pouco movimento de barcos que n'essa paragem o percorrem.

O Campo de Ourique, ao N. da parte a mais occidental da cidade, tem 700^{m} de comprimento e 300^{m} de largura; é rodeado em grande parte pela linha de circumvolução da cidade, e tem ao poente o excellente quartel de infanteria numero 16.

CAES

Tem Lisboa uma serie de caes sobre o rio Tejo, desde a Cruz da Pedra até Alcantara, qual d'elles mais bello e vistoso. Começando do lado oriental vemos o novo caes pertencente á estação dos caminhos de ferro de Leste e Norte o qual se alonga acompanhando os armazens da mesma estação até á *gare* e depois continúa, até proximo ao caes do

Guindaste ou da Fundição, ao S. do edificio do arsenal do exercito.

Segue-se um parapeito com assentos até á praia chamada dos Algarves.

Passada a rua do Jardim do Tabaco e o novo deposito da companhia das aguas lisbonense, fica o extenso caes pertencente ao Terreiro do Trigo, ao S. e pela parte detraz do edificio; continuando para O. vemos o caes de Santarem, no sitio chamado Ribeira Velha, e logo o caes da alfandega municipal, ao qual se segue sem intervallo o da alfandega grande de Lisboa, com boas escadarias e telheiros apropriados.

O pequeno mas boníto jardim da alfandega separa o seu caes do caes das Columnas no Terreiro do Paço, de que já fallámos; assim como do bello caes pertencente á companhia dos caminhos de ferro do S. e S. E.

Um paredão separa este ultimo caes do arsenal da marinha (vulgò Ribeira das Naus) onde ha um conjuncto de bellos caes, um excellente dique para construcção e reparo de navios de guerra, e muitos estabelecimentos dignos de serem detidamente vistos e apreciados.

Passada a rua Direita do Arsenal e ao poente da ultima parede do vasto edificio do arsenal da marinha temos um pouco adiante do largo do Corpo Santo, o caes da companhia de vapores, Burnay, que faz a navegação entre Lisboa e Belem, o qual é de madeira.

Continúa depois uma muralha com parapeito de cantaria e assentos até ao caes do Sodré, que é um dos melhores da cidade.

Segue ainda a mesma muralha e parapeito com assentos até ao caes da Ribeira Nova, ao S. do grande mercado de peixe; e ali começa a famosa obra do *Aterro*, que é um caes continuado na extensão de 1^{k}, e que se projecta fazer chegar até Belem, com logares de espaço a espaço para embarque e desembarque, e um bello passeio orlando a margem do rio.

Quem viu, como nós vimos, este local lodacento, cha-

mado Caes do Tojo e Praia de Santos, onde na baixa-mar iam homens e senhoras por grande espaço ás costas dos barqueiros até ao pequeno bote que os havia levar a Belem, não deixará de confessar que muito deve esta cidade a algumas das camaras municipaes que tem gerido a sua administração desde 1833, e que sob este ponto de vista tem havido grandes e successivos melhoramentos.

Muito amamos o que é antigo e digno de veneração por algum motivo, mas não menos presamos o moderno quando bom e util, como a obra de que estamos fallando.

Depois do *Aterro* não ha caes algum digno de menção até Alcantara, onde ao fundo de um tortuoso beco se sae para a extensa ponte (pois caes se não póde chamar) onde aportam em alta maré os vapores da carreira de Belem.

A margem do rio desde o *Aterro* até Alcantara é occupada por diversos caes particulares, tercenas (grandes armazens de trigo) e alguns pedaços de rocha, sendo a principal a chamada do Conde d'Obidos.

PASSEIOS

Além de muitas praças ajardinadas ou arborisadas, ha em Lisboa 5 passeios publicos que podem bem merecer este nome.

Passeio do Rocio ou Passeio Publico, nome que ficou conservando do tempo em que era o unico: hoje vae sendo usual o designal-o com o simples nome de Passeio, que ainda assim denota excellencia e primazia. Foi outr'ora um parque de grandes e copadas arvores; mas depois que se entendeu que os nossos passeios deviam todos ser *á ingleza* sem consideração á differença do clima trataram de o embelezar como jardim; derrubaram suas velhas arvores que foram substituidas em geral por outras menos copadas e arbustos, embora formosos e raros, que deixam o terreno aberto e franco aos raios do sol, obrigando quem tem de transpor aquelle grande espaço que media entre a praça

da Alegria e o Rocio, no estio e em horas de calor, a preferir o caminhar por qualquer das ruas exteriores que se chamam Oriental e Occidental do Passeio.

Sob este ponto de vista nota-se porém grande differença no mesmo passeio; a metade do S. ou por melhor escolha do arvoredo, porque fosse a primeira de novo arborisada ou finalmente por que haja differença na preparação do terreno, tem muito mais sombra do que a metade do N.

Passeio de S. Pedro de Alcantara, está situado um pouco acima e ao N. do largo de S. Roque, e consta de duas partes, superior e inferior: a superior é um pequeno parque ou alameda ao longo da rua de S. Pedro de Alcantara que conduz á Praça do Principe Real, e data a sua arborisação do anno de 1830; a parte inferior, para a qual se desce por boa escadaria, é sustentada pela grande muralha de que fallaremos ainda quando tratarmos do aqueducto das aguas livres, e está ajardinado pouco mais ou menos no gosto do Passeio do Rocio: o arranjo e arborisação d'esta parte do passeio data de 1835. Tem bella vista sobre a cidade baixa e valle de Andaluz; desfructando-se tambem as alturas fronteiras do Castello, Graça, Monte e Penha de França, assim como boa porção do rio.

Na alta chã de que por tantas vezes temos fallado, que vae desde a rua do Moinho de Vento (nome que deve ao ultimo de entre os mais que houve n'esse local) até ao largo do Rato, se viam ainda em nosso tempo os fundamentos de soberbo edificio; era o erario regio, principiado a construir sobre as ruinas da patriarchal, devorada por pavoroso incendio, e que deu o nome á rua de Patriarchal Queimada: para o poente d'estes alicerces de soberba cantaria descaía o terreno em aspera e perigosa ribanceira para o lado do valle da rua de S. Bento.

A camara municipal de Lisboa depois de longos e bem dirigidos trabalhos, conseguiu transformar este sitio desagradavel em uma bella praça que fez arborisar e ajardinar, dando-lhe o nome de Praça do Principe Real, e pouco a pouco se foram edificando em roda elegantes predios que

a aformoseam. A feia e escabrosa rampa foi substituida por boa e commoda escadaria que desce para a rua da Procissão: emfim hoje é este local dos mais sadios e agradaveis da cidade.

O passeio tem pouca sombra porque as arvores que orlam a rua lateral não chegaram ainda a desenvolver-se completamente.

Tem um bello tanque e repuxo elegante.

Passeio da Estrella, segundo a nossa humilde opinião o melhor da capital; deve-se á influencia do sr. C. de Thomar e á boa vontade do corpo gerente do municipio.

Reune este passeio ás frescas sombras dos antigos parques, as variedades e bellezas do gosto moderno.

Tem grutas, montanhas, ilhas, bosques, lagos, jardins, emfim não era possivel maior variedade em tão pequeno espaço, pois este passeio fica comprehendido entre o largo da Estrella, para onde tem boa gradaria e dois portões de ferro, o edificio do hospital militar da Estrella e rua de S. Bernardo, a rua Nova da Estrella (antigamente travessa dos Ladrões e que bem merecia o nome por pouco segura), o cemiterio dos inglezes, e varias quintas de particulares, para o lado de Sta Izabel; não chegando a sua superficie a 62500^{m} quadrados.

O 5.º e ultimo passeio em ordem de antiguidade é o do *Aterro* da Boa Vista, sobre a margem do Tejo, e contém além da extensa rua arborisada, de que já fallámos tratando dos caes, dois grandes espaços ajardinados.

MERCADOS

A parte de Lisboa chamada *cidade baixa* ou *arruamento* é um mercado permanente de todas as especies de fazenda: e ainda que hoje estão derogadas as leis que obrigavam a estabelecer certas lojas e officios em determinadas ruas; ainda assim, por habito ou mesmo por conveniencia, encontram-se mais geralmente os vendedores de objectos de ouro e de prata nas ruas que tem os nomes corresponden-

tes, os mercadores de tecidos de lã e seda na rua Augusta, os de linho e algodão na rua dos Fanqueiros, as lojas de capella e objectos de modas na rua dos Capellistas, o fato feito na dos Algibebes, o retroz, obra de sirgueiro e bijouterias na dos Retrozeiros.

Além d'este grande e permanente mercado de todas as fazendas, tem Lisboa os da Praça da Figueira e Ribeira Nova, de que já fallámos, e no Campo de Sant'Anna, em todas as terças feiras, um mercado singular, pois ali se vende *tudo:* chama-se-lhe a feira da *ladra,* que segundo o *D. G.* do sr. P. L. é corrupção de feira da *lada.*

CHAFARIZES

A respeito do famoso aqueducto das aguas livres encontramos no *D. C.* detalhadas e curiosas noticias que resumimos por falta de espaço.

Foi el-rei D. Manuel quem primeiro se lembrou de abastecer a capital com o copioso manancial já então chamado *Agua Livre* de Bellas, projecto que não esqueceu no reinado de D. Sebastião, nem mesmo no tempo do governo dos Filippes, e de que tambem se occupou D. Pedro II; porém estava reservada a D. João V a gloria de o levar á execução, lavrando-se um decreto em 26 de setembro de 1729 approvando os impostos para este fim propostos pelo senado, e dando-se começo á obra em 1732.

Levou ella 67 annos de nunca interrompido trabalho, e custando 5227 contos de réis, sobrando ainda mais de 233 contos da quantia que o imposto havia produzido.

D'estes 67 annos, apenas decorreram 16 até chegar a agua ao Arco das Amoreiras, sobre o qual se lia a seguinte inscripção, que d'ali mandou tirar o M. de Pombal.

—No anno de 1748 reinando o piedoso, feliz e magnanimo rei D. João V, o senado e o povo Lisbonense, á custa do mesmo povo, e com summa satisfação d'elle, introduziu na cidade as *aguas-livres*, desejadas pelo espaço de dois seculos, e isto por meio de um aturado trabalho durante

vinte annos, em arrazar, desfazer e furar outeiros, na redondesa de 9000 passos.»

O chafariz das Amoreiras foi o primeiro que se fez, e depois se continuou o aqueducto até S. Pedro de Alcantara, e se fizeram muitos outros ramaes com encanamentos para diversos chafarizes e fontes publicas.

Consta por documentos autenticos ter havido o projecto de fazer um grande deposito d'aguas em S. Pedro de Alcantara, onde se construiu effectivamente a collossal muralha que ainda ali se vê, e que devia sustentar o dito deposito d'aguas, continuando o aqueducto em arcos semelhantes aos das *aguas-livres*, atravessando o grande valle da *cidade baixa* e indo abastecer d'aguas o bairro da Graça e o do Castello, Alfama, etc. Isto porém não teve effeito pela grande despeza que occasionava, e talvez tambem pelos successos politicos que sobrevieram.

O grande reservatorio ou deposito d'aguas das Amoreiras fica no angulo de S. O. da praça d'este nome. A sua fórma exterior é de uma torre quadrangular de boa cantaria, com amplas janellas em volta.

Por cima tem um eirado para o qual se sóbe do interior por uma escada de caracol.

D'ali se desfructa magnifica vista da cidade, por ser este um dos seus pontos elevados.

Dentro ha uma vastissima sala de abobada com paredes de cantaria de 25 palmos de grossura, e o vão occupado por um tanque de 125 palmos de comprido, 107 de largura e 37 de profundidade, onde a agua se precipita com espantoso ruido da boca de um golfinho que se vê ao pé de uma estatua de Neptuno.

Este tanque leva 12463 pipas d'agua e póde abastecer por si só a cidade durante o tempo de um mez.

A cascata occupa um dos lados da grande casa de abobada e as outras 3 tem uma bella e espaçosa varanda sobre o mesmo tanque.

Este grandioso monumento não ficou porém concluido, como hoje se vê, nos 67 annos que dissemos duraram as

obras, ainda que pouco lhe faltava; e esse pouco ainda importou em mais de 13 contos de reis. O complemento da obra é posterior a 1834 e deve-se em grande parte ao administrador que então era da repartição das aguas de Lisboa, o V. de Villarinho de S. Romão.

O total da despeza com a construcção d'este extraordinario deposito d'aguas, que é uma das obras maravilhosas de Lisboa e que todo o estrangeiro curioso deve vêr, foi de um milhão de cruzados.

D'este immenso reservatorio sae agua para os chafarizes do Rato, da rua do Arco, da Praça das Flores (que antigamente estava junto, ao que *parece* arco da rua de S. Bento, mas que é um portico) o da Esperança, o das Janellas Verdes, o das Necessidades, o da Estrella, o chamado das Terras (em Buenos Aires), o da Cotovia (que d'antes estava na Praça da Alegria, ao N. do Passeio Publico), o da rua Formosa, o de S. Pedro de Alcantara (hoje ao lado da calçada da Gloria), o do largo do Carmo, o do Loreto (que hoje está na rua do Thesouro Velho), o do largo de S. Paulo, o de S. Sebastião da Pedreira, o da Cruz do Taboado, e o do Campo de Sant'Anna.

O primeiro manancial d'este aqueducto é na ribeira das *aguas-livres*, d'onde tomou o nome (ainda que temos por muito duvidoso que este fosse o primitivo nome da ribeira), a qual ribeira corre, já com outro nome, junto a Bellas e vae entrar no Tejo no sitio da Cruz Quebrada. Em distancia de 1800 palmos da origem do aqueducto se lhe introduziu outro copioso manancial chamado a Fonte Santa do Leão; e continuando o mesmo aqueducto do lado direito da ribeira até avistar a ponte de Carenque, ali se aparta para o logar da Porcalhota, encostando-se ao outeiro de S. Braz; recebe mais adiante a agua da Fonte de S. Braz, e logo atravessa por baixo da estrada junto á quinta do Galvão, proximo á ermida de S. Antonio da mesma quinta, d'onde salvando sobre uma ponte a ribeira que passa por dentro da quinta, se inclina a buscar a raiz de uma encosta proximo ao logar da Fragosa; continuando pela mesma en-

costa até ao logar de Calhariz: d'ali vae proseguindo por defronte do convento de S. Domingos de Bemfica até ao monte que chamam das 3 cruzes, onde atravessa nos Arcos das Aguas Livres a ribeira de Alcantara (a qual corre, quando corre, mesmo por baixo do arco grande); e acabados os mesmos arcos vae logo depois atravessar a linha actual da circumvolução da cidade, sobre o arco do Carvalhão: penetra na quinta da condessa d'Anadia; e d'ahi passando por baixo da rua direita de S. João dos Bemcasados, atravessa ainda umas terras, e seguindo pelo grande Arco das Amoreiras de que já fallámos vae acabar no grande deposito que descrevemos.

Em todo este grande transito de mais de cinco leguas, sendo tres em linha recta, desde o principio do aqueduto até ao deposito das Amoreiras, corre a agua em aqueducto subterraneo quando tem de atravessar montes ou outeiros e por cima de arcos elegantes quando transpõe valles. Estes arcos são ao todo 127, e os mais notaveis são os 35 chamados por excellencia os *Arcos das Aguas Livres* de que o maior *(Arco Grande)* tem de altura $65^{m},29$ e de largura entre os pegões $28^{m},86$; sendo este arco e mais alguns de fórma ogival, e os outros de volta redonda.

Por cima d'esta formosa arcaria ha dois passeios aos lados do aqueducto, de 7 palmos de largura, com seus parapeitos de cantaria.

Estes passeios estão hoje fechados para evitar os suicidios e outros crimes que ali se prepetravam. Á saída do lado da cidade tem um terreiro ajardinado muito bem tratado e de entrada franca, agradavel passeio nas tardes de verão.

Em toda a extensão do aqueducto se elevam de espaço a espaço, torreões quadrados com janellas, para dar claridade aos encarregados dos concertos e tambem para salubridade das aguas.

A direcção da Companhia das Aguas Lisbonense tem mandado proceder á construcção de outros diversos aqueductos e depositos, de que o espaço de que dispomos, nos não

permitte tratar, sendo o principal o que fica fronteiro ao chafariz de Dentro, da parte do rio, e pelo qual se provê o bairro da Graça, d'antes o mais falto d'aguas de Lisboa, por isso que não chegando ali as do aqueducto das *aguas-livres*, ficava tambem longe dos copiosos mananciaes do monte do Castello que abastecem o bairro de Alfama e a Ribeira Velha, pelos chafarizes de El-rei, de Dentro e outr'ora o da Praia.

Lisboa é uma cidade abundante d'aguas, pois além dos seus 24 chafarizes dos quaes já mencionámos a maior parte, que são os da *agua livre*, tem grande numero de fontes e muitos poços que nunca seccam, sendo alguns de agua potavel.

Quando a cidade não tinha ultrapassado a segunda cêrca de seus muros parece que chegava para o seu abastecimento a agua do chafariz d'El-rei, e ainda depois, segundo diz o *Aquilegio* de Fonseca, medico d'el-rei D. João v, em quanto não houve o chafariz da Praia d'ella bebia a maior parte da cidade.

Esta agua do chafariz d'El-rei, tão gabada por todos os auctores antigos, e entre os quaes Luiz Mendes se Vasconcellos no *Sitio de Lisboa* lhe nota a particularidade de fazer *boa voz e bom carão*, nasce muito proximo da grande arca ou reservatorio do chafariz. A origem do manancial parece ser no monte do Castello, assim como os dos chafarizes de Dentro e da Praia. Esta da Praia, assim como a do chafariz d'El-rei eram preferidas para as aguadas das embarcações por se conservarem muito tempo sem corrupção.

Comtudo a abundancia das aguas de Lisboa data da construcção do aqueducto das *aguas-livres*, excellente apesar do grande espaço que percorre encanada.

Na rua da Boa Vista havia antigamente 3 bicas de que ainda resta a memoria de duas nos nomes das calçadas da Bica Grande e Bica Pequena, e a terceira se conserva correndo pouco e lhe chamam Bica dos Olhos que d'antes se chamava do Artibello, segundo diz o *Aquilegio* de Fonseca, confirmando a sua virtude para as inflammações dos olhos,

tomando-a da bica antes de nascer o sol e lavando depois com ella os olhos em qualquer hora.

Fronteiros ao edificio do Terreiro do Trigo estão os banhos chamados das Alcaçarias, que são dois mui distinctos, mas em pequena distancia. Os banhos do Duque, e os de D. Clara, conhecidos pelos nomes dos seus proprietarios; os do Duque ainda pertencem á casa de Cadaval.

Ambos tem tinas fixas para uma só pessoa com separação de sexos.

As aguas são levemente sulfuricas, a dos banhos do Duque no calor de 87° de Farnheit e a de D. Clara de 86°.

Segundo a descripção das aguas mineraes do reino, dos srs. dr. Lourenco e Schiappa de Azevedo, as aguas das Alcaçarias do Duque brotam mesmo do edificio dos banhos. São sulfureas tepidas, a sua temperatura é de 34 graus centigrados, sendo a do ar ambiente de 27.

As das Alcaçarias de D. Clara tem tal analogia com as do Duque, que bem se podem suppor da mesma origem. Nas mesmas circumstancias atmosphericas marcam 33 graus centigrados.

As aguas do chafariz d'El-rei, situadas a 100^{m} das precedentes brotam de diversas fontes, das quaes duas, reunidas no seu trajecto, alimentam 8 das 9 bicas que constituem o dito chafariz. Duas outras fontes diversas entre si e differentes das antecedentes alimentam dois reservatorios separados que fornecem agua á 9.ª bica, que é a ultima do lado do arsenal do exercito.

As aguas d'estas duas fontes são excellentes como aguas potaveis; as duas primeiras tem pouca differença das aguas das Alcaçarias; porém a sua temperatura é de 29 graus nas circumstancias acima indicados.

As aguas chamadas do Doutor, egualmente proximas ás Alcaçarias, são da mesma origem e da mesma natureza d'estas; porém um pouco mais fracas na mineralisação. A temperatura nas mesmas indicadas circumstancias marca 26 graus na bica e 26,5 no reservatorio.

A agua do chafariz d'El-rei que corre por 9 bicas em

abundancia, tambem tem um tanto ou quanto de mineral, e o seu grau de calor anda por 79° F. nas 7 bicas de O. e 80° nas duas mais a E. que tem differente origem, ainda que todas parecem rebentar do monte do Castello.

A do chafariz de Dentro, um pouco a E. dos ditos banhos, só marca 76°; e pela parte de traz do mesmo chafariz ha os banhos chamados do Doutor que marcam em a origem os mesmos graus, mas no chamado banho pequeno sómente 75° F. no reservatorio.

A do chafariz da Praia, que ficava fronteiro era de 75° e a bica do Sapato, muito mais para E. e proximo a S.ta Apollonia, 65°.

Entre o caes do Tojo e o caes dos Soldados, tambem se encontrou agua thermal e indicios de banhos; esta agua não se aproveitou por ignorancia ou negligencia.

Sobre as aguas thermaes antigas diremos mais alguma coisa ao tratarmos das antiguidades de Lisboa.

No edificio do arsenal da marinha ha tambem uns banhos.

«A nascente d'estes banhos (diz o *D. C.*) appareceu haverá 36 ou 37 annos, junto ao rio, e na parte mais oriental do mesmo arsenal.

«A agua era thermal sulfurica, e fez logo admiraveis curas, pelo que ficou muito acreditada.

«Diversas obras se fizeram para melhor aproveitamento das aguas e uso dos banhos; porém todas mesquinhas: a camara de Lisboa tentou conduzir as aguas para um bom edificio de banhos que edificou por detraz da egreja de S. Paulo, mas não saíu bem da tentativa.»

A nascente tem communicação directa com o rio, e por isso com a enchente e vasante da maré, variam as aguas em quantidade e qualidade. São sulfureas frias. A sua temperatura é de 22,5 graus centigrados, sendo a do ar exterior 27,5.

Por estes breves esclarecimentos que extraímos da descripção das aguas mineraes do reino, tantas vezes citada, parece que J. A. de Almeida se enganou classificando estas do Arsenal como thermaes sulfuricas.

O clima de Lisboa segundo a geral opinião dos nossos antigos auctores, é o melhor e mais temperado de toda a Peninsula; o que tambem se prova pelas tabellas meteorologicas quanto á moderação da temperatura.

Poucos são os dias de calor intenso e ainda menos os de rigoroso frio.

A salubridade não é comtudo tão satisfatoria como se devia esperar d'esta circumstancia, talvez pela inconstancia da temperatura dentro dos limites das variações thermometricas.

Pretendem mesmo que a cidade está hoje mais doentia do que era antigamente, mas nada com certeza se póde estabelecer n'este ponto porque faltam bases estatisticas seguras para a comparação.

Os sitios altos, distantes da parte mais populosa da cidade e afastados da margem do rio são comparativamente os mais saudaveis: notando-se especialmente as FF. de S. Mamede, S. Sebastião da Pedreira, parte das de S.ta Izabel e da Lapa como as de menor mortalidade relativa.

EDIFICIOS PUBLICOS

Já fallámos do Terreiro do Paço, de suas arcadas e torreões.

No torreão do nascente está estabelecida a Bolsa ou Praça do Commercio, e no do poente a repartição de liquidação do ministerio da guerra.

Nos pavimentos superiores das arcadas acham-se installadas as secretarias de estado dos differentes ministerios, o thesouro publico, o tribunal de contas, a junta do credito publico, a direcção geral da telegraphia electrica, e muitas outras repartições subordinadas a estas.

A alfandega e suas repartições occupam o edificio da arcada do lado oriental.

Arsenal da marinha, grande e nobre edificio situado na margem do rio, com a frontaria para o largo do Pelourinho, ficando-lhe ao nascente as costas dos edificios da Praça

do Commercio, e ao lado do poente o largo do Corpo Santo.

O lado do N., onde tem sua entrada com grandioso portico, corre ao longo da rua direita do Arsenal desde as arcadas do Terreiro do Paço até ao largo do Pelourinho, e d'ahi seguindo até ao do Corpo Santo.

Começou a sua construcção em 1759, sobre as ruinas dos antigos paços da Ribeira, sotterrados pelo terremoto.

Contém vastissimos armazens, dois estaleiros, um dique, hoje julgado insufficiente para receber os grandes navios de guerra, muitas officinas, sendo algumas novas e com machinas a vapor, um bonito caes de cantaria chamado da inspecção, um bom observatorio e uma vastissima sala, chamada a *sala do risco*, onde em 1842 se deu um jantar a toda a officialidade da guarnição da capital, festejando a restauração da carta.

É por certo a maior sala de Lisboa: ali estão acommodados e muito á larga diversos modelos de navios e outros objectos pertencentes á nautica, canhoneiras de madeira com peças de artilheria para exercicio e ainda sobra espaço que é occupado por uma corveta para ensino dos alumnos da Escola Naval.

No edificio, da parte da frente, acha-se estabelecido o tribunal da relação.

Já fallámos das aguas thermaes conhecidas em Lisboa pelo nome de aguas do Arsenal.

Fronteiro a uns banhos que ali se fizeram ha um portal, no sitio onde estavam as *galés* que pertencia aos antigos paços da Ribeira.

Arsenal do exercito.

Ainda que esteja officialmente extincta esta denominação que foi substituida pela de direcção geral de artilheria, abrange o pessoal e material d'esta arma, o povo continúa a chamar arsenal do exercito ao conjuncto dos 3 edificios fundição de baixo, fundição de cima e fundição de Santa Clara, mas com mais especialidade á primeira.

O edificio do arsenal do exercito, ou fundição de baixo

está situado na margem direita do Tejo, quasi a egual distancia do Terreiro do Paço e do extremo oriental da cidade.

O primitivo edificio, obra do reinado de D. João v, mas que não chegou a ser concluido, foi destruido pelo terremoto: o actual é do reinado de D. José i.

O frontespicio está voltado ao poente, é magestoso e de boa cantaria, com um portico ornado de columnas da ordem corinthia.

O entablamento é coroado de trophéus militares e aos lados do portico, sobre o sólo, assentam dois grandes morteiros de pedra.

A outra frente é para o sul onde tem um largo portal, e fronteiro o caes chamado do *guindaste.*

O edificio ainda offerece para o lado do poente um muro que fica fronteiro á estação do caminho de ferro do norte e leste. N'esta parte está a torre do relogio.

Para o lado do N. fica a *Calçada Nova* (que foi aberta para dar passagem á estatua equestre) e outro edificio sit.º em maior altura, mas tendo communicação com o de baixo por escadas interiores: n'este se achava estabelecido o extincto collegio de aprendizes do arsenal do exercito; tem frente exterior para a calçada do Relogio e para o interior deita sobre um grande pateo ajardinado.

Na dita calçada do Relogio está uma ermida tambem pertencente ao mesmo arsenal.

No pavimento inferior do grande edificio do arsenal do exercito estão diversos armazens e algumas repartições, e no pateo sobre dormentes grande numero de peças de artilheria, de ferro.

No pavimento superior, para o qual se sóbe por magnifica escadaria, estão a secretaria e mais repartições da actual direcção geral de artilheria, que todas ficam do lado direito da entrada, e para o lado esquerdo correm 5 magestosas salas.

A primeira é chamada *da rainha* e tem no topo o retrato em corpo inteiro da senhora D. Maria ii, de sempre

saudosa memoria, pintura de Joaquim Rafael, professor da academia de bellas artes.

Os paineis do tecto são do pincel de Bruno José do Valle, em 1762.

É guarnecida com doze armaduras antigas, bacamartes, clavinas, pistollas e espadas simetricamente dispostas.

A segunda sala, de *D. José I*, tem o retrato d'este soberano e 4 figuras allegoricas de madeira representando o *Valor, Fidelidade, Marte* e *Vulcano;* tambem a guarnecem bem dispostos cabides de armas.

A terceira, chamada de *D. João V*, por ter o retrato d'este monarcha, com as figuras allegoricas de *Minerva* o *Neptuno*, de madeira e douradas; está semelhantemente guarnecida com cabides de armas.

A quarta sala é a das *Armaduras* porque contém 32 armaduras de ferro antigas; está guarnecida como as anteriores e adornada com os bustos de André de Albuquerque e Duarte Pacheco.

A quinta com a mesma guarnição de cabides de armas, aformoseam-na os bustos de D. Nuno Alvares Pereira, D. Duarte de Menezes, D. Affonso de Albuquerque e D. João de Castro.

Os tectos de todos estas salas tem paineis e ornatos dos melhores pintores de Lisboa d'essa época.

O tecto da escada tem egualmente pinturas de estimação; o painel do centro é obra do mesmo Bruno José do Valle, e as 4 partes do mundo, representadas nos 4 angulos, são de Pedro Alexandrino e de Bernardo Pereira Pegado.

O edificio chamado vulgarmente fundição de cima e hoje fabrica de canhões, por ser onde se fundem as bocas de fogo, fica ao N. do que acabámos de descrever e a pequena distancia. Tem bom frontespicio voltado ao nascente, e fica-lhe contigua a casa da residencia do antigo inspector hoje director geral de artilheria.

Nada tem de notavel para os que são estranhos á arte da guerra, senão as fôrmas e o modelo em gesso da esta-

tua equestre, em grandeza notavel, no qual se podem distinguir os lavores delicados d'aquelle primor da arte.

Outro edificio egualmente dependencia do antigo arsenal do exercito, é o da fundição de S.ta Clara, assim chamado por ficar situado ao nascente do Campo de Santa Clara.

Hoje este estabelecimento recebe o nome de fabrica de armas, porque ali se fabricam as do exercito, tendo por isso modernas e bem construidas machinas e apparelhos, devidas em grande parte ao genio inventivo e á muita applicação e zelo de um digno official de artilheria o sr. Theodoro José da Silva Freire.

Tem além da officina de armas portateis as de equipamento do exercito, de carpinteiros, serralheiros, corrieiros, etc.

O trabalho braçal d'esta repartição assim como o da fabrica de canhões é auxiliado por machinas a vapor.

Em um grande pateo logo á entrada da fundição de S.ta Clara, estão sobre dormentes de ferro as bocas de fogo historicas, dispostas por épocas; collecção digna de ser vista pelos entendedores.

Ali se encontram as primeiras peças, construidas logo depois da invenção da polvora, e se observam os successivos melhoramentos que teve a formidavel arma de artilheria.

Até o grande canhão do Dio, conserva ali o seu logar de honra; n'elle se vê em caracteres arabes uma inscripção, que traduzida diz:

A NOSSO AMO, REI DOS REIS DO PRESENTE SECULO,
VIRIFICADOR DA LEI DO PROPHETA DO MISERICORDIOSO,
ESFORÇADO GUERREIRO NA EXALTAÇÃO DOS PRECEITOS DO ALCORÃO,
HUMILHADOR DO FUNDAMENTO DOS SECTARIOS DO ERRO,
DESTRUIDOR DAS HABITAÇÕES DOS ADORADORES DOS IDOLOS,
VENCEDOR NO DIA DO ENCONTRO DOS DOIS EXERCITOS,
HERDEIRO DO REINO DE SALOMÃO CONFIADO EM DEUS BEMFEITOR,
E POSSUIDOR DAS VIRTUDES, O SOBERANO BAHADUR XAH.
ESTA PEÇA FUNDIDA A 5 DE DUL KAAD DO ANNO 939.
SE DEDICA. (CORRESPONDE A 29 DE MAIO DE 1533).

Depois d'esta ha muitas outras peças que são padrão glorioso de nossas campanhas; de sorte que esta bella collecção de bocas de fogo se torna de grande interesse historico, reunindo tambem grande valor artistico pelos variadissimos desenhos e esculpturas que em muitas se observam.

Tambem n'esta repartição existe o museu que encerra coisas mui curiosas e dignas de attenção dos militares e mesmo de qualquer classe de pessoas.

Armas antigas e modernas, de variados feitios e lavores, algumas de grande merecimento artistico; machinas e modelos de machinas; bocas de fogo estrangeiras offerecidas ao nosso governo, outras nacionaes em miniatura, segundo differentes systemas; reparos, viaturas, equipamentos, arreios, fardamentos das differentes nações; emfim muitos objectos curiosos para a observação dos quaes não é muito tempo o de uma grande tarde de verão.

Não permitte o pouco espaço de que podemos dispor, o descrever miudamente os differentes objectos d'este museu, o que nos seria facil por termos d'elle especial conhecimento: recommendamol-o pois aos curiosos.

Eram dependencias do antigo arsenal do exercito, e o· são hoje da direcção geral de artilheria, a fabrica da polvora, de Barcarena, de refinação do salitre em Alcantara, e o laboratorio de fogos de artificio, (repartição pyrotechnica) estabelecida em Braço de Prata.

A casa da camara de Lisboa, ou como d'antes se chamava paços do concelho, não se sabe com certesa o sitio em que estivesse até ao tempo de el-rei D. Manuel, em que segundo a disposição testamentaria d'el-rei D. João II se edificou casa propria junto á egreja de Santo Antonio da Sé.

O marquez de Pombal, em 1753, mandou construir um novo edificio para o senado da camara de Lisboa, e chegou a ordenar a mudança; mas parece que não se levou a effeito, sendo o dito edificio um dos muitos que desabaram pelo terremoto.

Em 1744 se concluiram, na parte a mais occidental da frente que olha ao N. da Praça do Commercio, as salas em que devia funccionar o senado da camara; mas em 1863 foi todo o edificio, em que tambem se achava estabelecido o Banco de Portugal com frente para a Praça do Pelourinho, victima de um incendio.

Hoje estão muito adiantados os trabalhos da reedificação e segundo mostra deverá ficar, quando acabado, um magestoso edificio.

A imprensa nacional está estabelecida em um vasto edificio na alta chã que vae da Praça do Principe Real até ao largo do Rato: tem frente para a travessa do Pombal e rua da Escola Polytechnica.

Exteriormente nada tem de notavel em architectura; mas possue interiormente todas as accommodações necessarias para o seu fim.

A creação da imprensa nacional data de 1768, e hoje occupa logar distincto entre os mais bellos estabelecimentos d'este genero, merecendo ser detidamente observado em todas as suas officinas, não só pelos nacionaes mas tambem pelos estrangeiros.

A pequena distancia da imprensa nacional, no sitio em que hoje se vê o edificio da escola polytechnica, existiu outr'ora uma casa de noviciado da Companhia de Jesus, a qual, pela extincção d'esta ordem e por determinação regia, do tempo da administração do marquez de Pombal, (1761), passou a intitular-se collegio de nobres porque ali se estabeleceu um collegio de educação para os filhos da nobresa.

Este collegio foi extincto em 1837 pela dictadura de Passos Manuel, e o edificio entregue á escola Polytechnica, que ali se conservou até 1843.

N'esse anno um pavoroso incendio, reduziu o edificio a ruinas; mas foi depois reedificado, orçando a despeza por 200 contos de reis.

Tem um bello portico, onde se vê-em as grandes collumnas que estavam no convento de S. Francisco.

O edificio em que se acha estabelecida a casa da moeda fica na margem do Tejo, na extensa rua que do largo de S. Paulo vae até ao largo do Conde Barão.

Nada tem de notavel exteriormente, porém no interior vêem-se todas as officinas precisas em um estabelecimento d'esta ordem, e que tem recebido nos ultimos tempos consideraveis melhoramentos; possue uma excellente machina de vapor para a cunhagem, e muitas preciosidades archeologicas que merecem ser vistas.

A administração central do correio, vulgarmente chamada correio geral, está em um grande edificio com as accommodações precisas para o serviço a que é distinada; fica um pouco acima da actual egreja parochial de $S.^{ta}$ Catharina, na esquina da rua Formosa, para onde deita uma das frentes do edificio, o qual não tem coisa alguma digna de especial menção.

O terreiro do trigo é um edificio notavel pela sua grandeza e solida construcção: fica situado entre o chafariz de El-rei e a rua do Jardim do Tabaco, ao longo da margem do Tejo, para onde tem um bom caes para embarque e desembarque de cereaes, e no interior as accommodações necessarias para a conservação e commercio dos mesmos cereaes.

Já fallámos da cadeia do Limoeiro, que fica situada um pouco acima da Sé, entre esta cathedral e a ermida de $S.^{ta}$ Luzia.

Carece esta cadeia publica das principaes condicções que em taes edificios se requerem, e por isso ha intenção, segundo dizem, de passar os presos para a penitenciaria que se está construindo em Campolide ($q.^{ta}$ do Seabra) logo que esta se conclua.

Mais abaixo está a prisão chamada do Aljube, destinada ás mulheres: o edificio é antigo e nada tem de notavel.

A prisão dos militares é no Castello do S. Jorge; esta acha-se em melhores condições de salubridade e segurança.

Até ao anno de 1859 abatiam-se as cabeças de gado para

aprovisionamento da capital n'um edificio denominado matadouro que ficava situado no declive do Campo de Santa Anna, sobre o valle de Arroios; porém carecia o mesmo edificio de todas as condições a que devia satisfazer, por isso procedeu a camara municipal á construcção de um novo matadouro no sitio da Cruz do Taboado, continuação da alta chã do Campo de Sant'Anna para o lado do N. até ir encontrar as alturas de S. Sebastião da Pedreira e Campolide.

Importou a construcção em 160 contos de reis, mas ficou obra digna de uma cidade como Lisboa.

Tem boa frontaria voltada ao S. e no vasto espaço que occupa encontram-se todas as officinas proprias de um estabelecimento d'esta ordem, as quaes não podemos detalhadamente descrever; devendo porém affirmar que a regularidade e o aceio estão ali em tal perfeição que muito deve desejar a administração do estabelecimento a visita de nacionaes e estrangeiros que tenham visto analogos edificios nas grandes capitaes da Europa.

Proximo e a S. S. E. do edificio de que acabámos de fallar fica outro egualmente moderno, e tambem com zelosa administração; é o instituto agricola e escola veterinaria. Tem extensa frente para a travessa do Abarracamento da Cruz do Taboado, com espaçosa entrada, magnificas cavallariças, enfermarias, pharmacia, collecções de instrumentos agrarios e tudo o mais que se requer para desempenhar (como effectivamente desempenha) o util fim para que foi instituido.

A estação principal do caminho de ferro de Norte e Leste fica situada na rua do Caes dos Soldados, logo adiante do arsenal do exercito, indo do Terreiro do Paço.

Foi começado o edificio em 1862 e concluido em 1865. Tem 4 frentes que olham aos 4 pontos cardeaes; com pavimento baixo e andar nobre: a *gare* é espaçosa, as salas para recepção dos passageiros com as precisas commodidades segundo as suas classes; e as officinas e dependencias da mesma estação occupam grande extensão de terreno

á margem do Tejo, desde a extremidade oriental da *gare* até proximo ao primeiro arco em Xabregas.

QUARTEIS

Os edificios publicos que em Lisboa servem actualmente de quarteis militares são: o da Graça no extincto conv.º dos eremitas de S.to Agostinho[1]; o abarracamento da Cruz dos Quatro Caminhos[2], que fica entre os montes da Graça e Penha de França; o abarracamento de Valle do Pereiro[3], grande e com boas accommodações para um regimento; o quartel de Campo de Ourique[4], tambem em fórma de abarracamento, mas com duas bellas casas para residencia do commandante e officiaes superiores, dois portões de entrada ao N. e ao S. do quartel, e uma espaçosa parada e campo de manobra do corpo, da parte do poente onde chamam o Campo de Ourique, e que se estende desde o quartel até á linha de circumvolução da cidade: tem este campo um bom chafariz; o novo quartel de Campolide ainda em construcção e destinado á artilheria da capital, hoje occupado pelo regimento de cavallaria num. 4, tem a meu ver o grande defeito de ficarem as casernas em diversos andares ou pavimentos quando havia espaço para se fazer um bom quartel em fórma de abarracamento embora tivesse um andar superior para domicilio de officiaes e officiaes inferiores, secretarias, etc.; pois ser preciso descer grande numero de escadas para se formar em parada e com rapidez qualquer corpo de tropa, é inconveniente reconhecido pelo simples bom senso.

Serve tambem de quartel a um dos corpos da guarnição[5] o extincto convento de S. João de Deus.

[1] Infanteria num. 5.
[2] Batalhão de engenheria.
[3] Caçadores num. 2.
[4] Infanteria num. 16.
[5] Infanteria num. 2.

O quartel do castello de S. Jorge onde hoje está o batalhão de caçadores num. 5, não tem as accommodações precisas; e o da Cova da Moura, occupado pelo regimento de infanteria num. 7, carece tambem de muitas commodidades, e além d'isso fica em sitio baixo, pouco ventilado e por isso pouco saudavel.

O quartel dos marinheiros militares em Alcantara é moderno: tem um bom frontespicio, casernas espaçosas e a proximidade do rio o torna mui arejado, saudavel e apropriado ao especial serviço do corpo que o occupa.

O quartel general da guarda municipal é no Carmo onde tambem se alojam duas companhias, uma de infanteria (1.ª) e uma de cavallaria (2.ª)

As outras companhias da dita guarda municipal estão alojadas: as de cavallaria no Cabeço de Bola (1.ª) e Alcantara (3.ª); e as de infanteria nos Paulistas (2.ª), S.ᵗᵃ Rita (3.ª), rua Nova da Estrella (4.ª), Loyos (5.ª), Alcantara (6.ª)

O quartel general da 1.ª divisão militar está na rua de S. José, proximo ao lyceu nacional.

PALACIOS REAES

El-rei D. Affonso Henriques quando vinha a Lisboa alojava-se em umas casas contiguas á Sé, que se suppõe estavam no sitio em que depois se construiram os paços do bispo.

D. Affonso III foi o 1.º soberano que teve palacio para residencia effectiva na cidade, o qual estava junto ao castello, contiguo á muralha, mas da parte de fóra, communicando por um passadiço com a egreja de S. Bartholomeu.

Os paços da Alcaçova mandados construir por el-rei D. Diniz e onde morou depois D. Fernando, eram differentes do dito palacio, e ficavam dentro das muralhas do castello, junto á cidadella. Um e outros foram por tal modo destruidos pelo terremoto que d'elles não restam vestigios, e até alguns escriptores os confundem.

Não consta quem foi o soberano que fundou os paços da Moeda, chamados depois dos infantes, quando ali habitaram os filhos de D. João I. Sabe-se porém que el-rei D. Manuel estabeleceu ali a casa de supplicação, e a cadeia, que chamou do Limoeiro.

Desabou o edificio pelo terremoto de 1755, mas foi reedificado para o fim especial de cadeia publica na administração do M. de Pombal: ainda conserva do antigo edificio um cunhal com uma hombreira de janella.

Tambem se ignora quem foi o fundador dos paços chamados de S. Christovão, onde por vezes habitaram pessoas reaes. Parece que pertenceram á casa de Bragança, e depois á de Aveiro, da qual passaram para os marquezes de Vagos.

D'este palacio ainda fallaremos mais adiante.

Os paços da Ribeira, em que já temos fallado, todos sabem que eram fundação de D. Manuel.

Parece que no sitio que hoje chamam largo do Contador Mór, por cima do arco que dá entrada para a rua das Damas, houve tambem antiga habitação regia em que por algum tempo residiu D. João II.

O palacio da Bemposta foi fundado pela rainha D. Catharina, viuva de Carlos II de Inglaterra e filha do nosso rei D. João IV, e por isso lhe chamavam paço da Rainha.

Ali residia habitualmente e ali falleceu D. João VI.

Já fallámos em outra parte d'este palacio que foi cedido á escola do exercito, e a sua grande quinta ao instituto agricola.

Na F. de Santos mencionámos o convento de Nossa Senhora das Necessidades, que pertencia á congregação de S. Fillipe Nery, e ali dissemos a origem da primitiva ermida da mesma inv. de Nossa Senhora das Necessidades, como se fundou o convento e mais tarde o palacio real, cuja construcção começou em 1743 e concluiu em 1750.

As primeiras pessoas reaes que n'este paço residiram foram os infantes D. Manuel e D. Antonio filhos de D. João V, e depois do terremoto que poucas ruinas lhe causou, os infantes de Inglaterra, filhos de Jorge III.

Em 1821 ali se reuniram as primeiras côrtes, do novo systema proclamado em 1820.

Em 1833 começou a ser a residencia habitual dos soberanos: n'elle se finaram o principe D. Augusto, 1.º esposo de sua magestade a rainha D. Maria II, e a mesma augusta soberana: e em 1861 presenciou a catastrophe que a historia ha de registar com o titulo de *infausta morte dos principes da casa de Bragança.*

A familia real passou depois a habitar o palacio d'Ajuda, e o das Necessidades ficou sendo residencia especial do sr. D. Fernando e do sr. infante D. Augusto.

Não obstante as muitas obras e melhoramentos que se lhe fizeram em 1845, não tem este palacio todas as condições que exige uma habitação regia.

Dizendo-se que este palacio é a habitual residencia de sua magestade o sr. D. Fernando, escusado parece affirmar que encerra grandes preciosidades artisticas e riquissima livraria.

A q.ta tem espaçosas ruas, abundancia d'agua e de arvoredo, e tudo o mais que é proprio de uma quinta real e de recreio.

Resta-nos fallar dos paços dos *Estáos*, posto não existam já; mas pelo muito que a tal respeito se tem escripto.

Foram estes paços mandados construir pelo infante D. Pedro duque de Coimbra, quando regente do reino na menoridade de D. Affonso V, na parte septentrional da praça do Rocio, ao poente do palacio do conde de Ourem, e separados d'elle pela rua das Portas de S.to Antão, a qual occupava pouco mais ou menos egual entrada e direcção á que hoje tem.

O nome d'estes paços sobre que tanto se tem discutido era *dos estáos* (ou *hostáos* como alguns tambem escreviam) significando *aposentadoria*, porque o seu destino foi receber os principes, embaixadores ou pessoas illustres das nações estrangeiras, que a côrte portugueza houvesse de hospedar em Lisboa: sendo os primeiros que o habitaram os embaixadores de Frederico III, por occasião das nupcias

de D. Leonor, filha de el-rei D. Duarte, com o dito soberano, imperador da Allemanha e rei da Hungria e de Bohemia.

Reinando D. João III instituiu n'estes paços o tribunal da inquisição.

O terremoto de 1755 destruiu completamente este edificio e depois se edificou um novo palacio com o mesmo destino, que foi então adornado com a estatua collossal da fé, obra do nosso artista Joaquim Machado de Castro.

Esta estatua foi apeada em 1820 e levada para a repartição das obras publicas.

N'este mesmo edificio se estabeleceu a regencia do reino quando D. João VI partiu para além-mar em 1807; e em 1820 o governo provisorio.

Desde 1833 até 1836 installaram-se ali diversas repartições do estado, thesouro publico, repartição do papel sellado, etc., até que em 14 de julho de 1836 um terrivel incendio reduziu a cinzas este edificio, em cujo local se vê hoje o theatro de D. Maria II.

O 1.º duque de Bragança, D. Affonso, filho de D. João I parece ter feito sua residencia por algum tempo nos paços de *a par S. Christovão*, no largo de S. Christovão com esquina para a rua do Jardim do Regedor.

Ali habitaram tambem alguns dos seus descendentes, e entre elles D. Alvaro, 2.º filho do duque D. Fernando, o qual D. Alvaro, sendo regedor das justiças, e estendendo-se o jardim do palacio ao longo da estreita rua que do dito largo de S. Christovão vae ao largo dos Caldas, tomou por isso o nome de rua do Jardim do Regedor.

N'este palacio se celebraram pomposas festas por occasião do casamento da infanta D. Leonor com o imperador Frederico III de Allemanha; passou depois á casa de Aveiro e por fim aos marquezes de Vagos, como já dissemos.

Tinha sido reedificado pouco antes do terremoto, que de todo outra vez o arruinou e destruiu; conservavam-se comtudo alguns restos do edificio primitivo na dita rua do Regedor, que eram um lanço de muro e uma porta,

e da reedificação a frente arruinada do largo de S. Christovão.

Ainda vimos estas ruinas que hoje não existem pela recente construcção de novo edificio no msmo local.

O verdadeiro paço dos duques de Bragança, fundado por D. Nuno Alvares Pereira e augmentado por seus descendentes, não era este de que fallámos, mas sim outro que occupava o lado oriental da rua do Thesouro Velho, a actual rua do Duque de Bragança, o hotel de Bragança e o lado occidental da rua do Picadeiro: vasto e nobre edificio onde residiam os duques quando deixando a sua habitação ducal de V.ª Viçosa vinham assistir em Lisboa a alguma grande solemnidade.

Fixando D. João IV a sua habitação real nos paços da Ribeira, ficou o palacio antigo servindo de thesouro e archivo da mesma serenissima casa, e d'ali o nome que mais tarde recebeu a rua onde tinha a entrada principal.

Reinando D. João V procedeu-se a uma reconstrucção, pelo qual perdeu este palacio as suas feições antigas.

N'elle se installou em 1720 a academia real de historia portugueza, creação do mesmo soberano.

Em 1755 o terremoto e o incendio subsequente reduziram a ruinas este grande edificio, perdendo-se joias e alfaias de subido valor e todo o seu precioso archivo.

Não se tratando depois da reedificação, foram-se construindo sobre as ruinas miseraveis casebres e formando-se pardieiros que tornavam este sitio dos menos agradaveis e seguros de Lisboa; até que no anno de 1841 um incendio acabou com esses restos de hedionda apparencia, e no mesmo local se levantaram bellos predios formando as ruas que hoje vemos.

Do primitivo palacio restam apenas algumas escadas subterraneas e algumas cisternas, hoje desentulhadas e aproveitadas; e da reedificação de D. João V algumas paredes com janellas na rua do Thesouro Velho, para um pateo interior e para o largo do Picadeiro.

Dos novos edificios construidos é notavel o hotel de Bra-

gança, onde ordinariamente se hospedam os principes e illustres personagens que visitam Lisboa.

Tem sobre o Tejo e grande parte da cidade uma vista encantadora.

Defronte do hotel está situada a secretaria da serenissima casa de Bragança e quasi todos os predios d'este novo bairro lhe pertencem, como mostram pelo brazão d'armas que os adorna.

THEATROS

S. Carlos. De opera italiana e um dos melhores dos de 2.ª ordem na Europa.

Foi construido no fim do seculo passado sob a inspecção de Sebastião Antonio da Cruz Sobral, pelo architecto portuguez José da Costa e Silva, á custa de uma companhia de opulentos necociantes, sendo os principaes o barão de Quintella, Anselmo José da Cruz Sobral, Bandeira, e Machado.

O intendente Manique fez com que a fundação d'este edificio servisse para commemorar o nascimento da herdeira do throno, a princeza da Beira D. Maria Thereza.

Uma inscripção latina gravada por cima da grande sacada do frontespicio traz á memoria a dita fundação.

A sala do espectaculo è elliptica e tem 120 camarotes em 5 ordens e tribuna grandiosa para o soberano.

Este theatro fica situado como já dissemos no largo de S. Carlos.

D. Maria II. De declamação portugueza, começado em 1842 e concluido em 1847, custando ao estado perto de 400 contos.

A fachada principal fórma o lado septentrional da praça de D. Pedro (Rocio); tem 6 formosas columnas jonicas, sustentando um elegante peristylo. O frontão que a corôa tem no vertice a estatua de Gil Vicente, modelada pelo conselheiro Assiz, lente de esculptura na Academia de Bellas Artes, e executada por Cesarino; e nos acroterios as estatuas de Melpomene e Thalia, modeladas pelo dito professor e pelo professor de desenho da mesma academia, Fonseca:

a esculptura coube aos artistas Lata, Caggiani, Pedro de Alcantara e Eça.

O alto relevo ou timpano representando Apollo e as 7 musas restantes é desenho do mesmo Fonseca e execução de Cesarino, Lata, Caggiani e Aragão.

No attico da fachada vêem-se 4 quadros grandes moldurados, representando as quatro estações do dia, *aurora, meio dia, tarde* e *noite*, desenho do dito Fonseca, modelo de Assiz, e execução de Aragão, Cesarino, Rodrigues, Schiappa Pietra, Caggiani e Lata, discipulos da mesma academia.

No friso por baixo da empena tem relogio de mostrador transparente que se illumina de noite.

No peristylo se abrem 5 portas uma das quaes dá entrada para o camarote real.

Sobre as 17 janellas do andar nobre d'esta fachada vêem-se outros tantos quadros moldurados, com bustos de poetas e escriptores distinctos, em meio relevo.

As frentes que deitam para o largo de Camões e de S. Domingos, em tudo semelhantes, entre si, e analogas á frente principal menos o peristylo e esculpturas: cada uma tem seu vestibulo formado de 5 arcadas que sustentam uma varanda para onde dão saída 5 portas de vidraças: o do largo de Camões é entrada para o theatro e o de S. Domingos para o palco e officinas.

A frente opposta á fachada deita para o Pateo do Regedor, e tambem lhe corresponde em architectura, menos o peristylo e esculpturas.

O interior d'este theatro, que não tem muitos rivaes na Europa, não obstante alguns pequenos defeitos que os entendedores lhe notam, corresponde em magnificencia ao exterior.

Tem espaçoso salão cujo tecto sustentam 4 columnas da ordem dorica, 67 camarotes em 4 ordens, grandiosa sala de espectaculo, decorada com riqueza e bom gosto, explendida tribuna real, além do camarote particular de suas magestades, salas, camarins, gabinetes para toucador, vastissimo palco capaz de apresentar em scena as mais apa-

ratosas composições, camarins para os artistas, e todas as officinas que são precisas em estabelecimentos d'esta ordem.

Em 1858 fizeram-se importantes modificações n'este theatro: os camarotes que eram abertos em fórma de galeria fecharam-se, o tecto de zinco foi substitudo por telha hollandeza de côr cinzenta escura: supprimiu-se uma galeria ou 5.ª ordem de camarotes, e fizeram-se outras obras de menor importancia.

Gymnasio. De declamação portugueza. Este pequeno mas elegante theatro é moderno: fica situado na travessa do Secretario de Guerra.

É de fórma elliptica: as decorações são de gosto; mas sem affectação de riqueza.

As companhias dramaticas que ali trabalham são geralmentes boas, e n'este theatro tem grangeado bem merecidos applausos e a sympathia do publico lisbonense o nosso tão eximio quão modesto actor Taborda.

Principe Real. De declamação portugueza. Situado na rua Nova da Palma; tambem é moderno: tem soffrivel apparencia exterior, e no interior é regular e de fórma elliptica.

Trindade. É tambem um dos theatros modernos: fica situado pouco acima do theatro do Gymnasio.

Tem bom frontispicio, espaçosa sala de entrada, platéa regular, camarotes, e um *balcão*, especie de galeria saliente. Este theatro é pequeno; porém muito elegante e de boas decorações. Tem optimo salão para baile.

Rua dos Condes. Antigo theatro de declamação portugueza, construido em 1770, na rua que lhe dá o nome proximo ao Passeio Publico do Rocio, da parte oriental.

Com quanto acanhado em dimensões, de pouco valiosas decorações internas, e de insignificante apparencia exterior, foi n'este theatro que começou a regeneração da arte dramatica em Portugal; sem protecção, sem auxilio algum do governo e tendo a vencer innumeraveis obstaculos.

Variedades. Chamado antigamente do Salitre por ficar situado ao fim d'esta rua e proximo á entrada septentrional do Passeio Publico do Rocio.

Foi construido em 1782. É de fórma rectangular com soffriveis decorações: o palco é fundo e presta-se ás representações de peças magicas e de grande apparato.

O theatro Occidental na rua de Sant'Anna a Buenos Aires, é pequeno, de moderna construcção, e frequentado geralmente pelas classes menos favorecidas da fortuna.

Além dos theatros mencionados ha outros edificios para differentes generos de distracções populares: entre estes figura em primeiro logar o Casino Lisbonense para concertos, bailes e tambem theatro; o Circo Price e o Novo Circo de Price, este na antiga Praça do Salitre, e aquelle defronte do theatro das Variedades, ambos destinados para companhias de exercicios gymnasticos, acrobaticos e de equitação.

Recreios Whittoyne, estabelecimento ha pouco construido, reune diversas especies de distracções: theatro, exercicios gymnasticos e equestres, etc.

A Praça de Touros do Campo de Sant'Anna para este pouco civilisador divertimento.

HOSPITAES

Além do Hospital Real de S. José e annexos, do Hospital Militar da Estrella (Hospital Permanente de Lisboa), do Hospital da Marinha, que já foram indicados, ha mais alguns pertencentes a varias irmandades e confrarias.

ASYLOS

Além do Asylo de Mendicidade a S.^{to} Antonio dos Capuchos, e do Asylo da sr.^{a} D. Maria Pia (que verdadeiramente não pertence a Lisboa mas sim ao conc.^{o} dos Olivaes) ha na capital muitos asylos da infancia desvalida, sendo um dos principaes o da F. de Sta Catharina, no local em que esteve o antigo convento ou hospicio de S. João Nepomuceno, na calçada do mesmo nome.

CEMITERIOS

Occidental ou dos Prazeres. Proximo á linha de circumvolução da cidade, mas da parte interior, a S. O. do Campo de Ourique.

Tem a ermida de Nossa Senhora dos Prazeres de que já fallámos, boas ruas de arvoredo e riquissimos monumentos funerarios.

Oriental ou do Alto de S. João. Tem uma notavel capella adornada de preciosos marmores; tambem está arborisado, mas em monumentos funebres é inferior ao dos Prazeres.

Dos Cyprestes ou Cemiterio dos Inglezes, situado na rua Nova da Estrella. Pertence aos inglezes do culto protestante. É agradavel passeio e tem ricos mausoléos: a casa de oração é mui decente, e a entrada franca aos domingos.

Cemiterio dos Allemães, situado na rua do Patrocinio á Boa Morte: é pequeno e sem coisa alguma notavel.

Ali tem seu jazigo os allemães de qualquer culto protestante.

REPARTIÇÕES PUBLICAS

As sete secretarias de estado pelas quaes está dividida a gerencia dos negocios publicos occupam diversas arcadas e andares da Praça do Commercio.

Ali se acha tambem estabelecido o thesouro publico, o tribunal de contas e outras repartições de fazenda[1].

A alfandega occupa como já dissemos a arcada do nascente, e a bolsa o torreão correspondente: no outro existe a repartição de liquidação do ministerio da guerra: hoje administração militar.

[1] Em cada um dos D. A. do reino ha uma repartição de fazenda de que é chefe um official do thesouro com a denominação de delegado do thesouro no districto administrativo de...

Lisboa tem alfandega maritima de 1.ª classe com 4 delegações de 1.ª ordem: Peniche, Ericeira, Setubal e Sines, e duas de 2.ª ordem: Cascaes e Cezimbra.

O rendimento d'esta alfandega nos ultimos annos tem augmentado de maneira admiravel. No anno economico findo (1874–1875) foi de 3.170:000$000 réis.

Além d'esta ha tambem em Lisboa uma alfandega municipal com estações nas differentes portas da cidade.

Pertence tambem ao ministerio da fazenda a administração geral da Casa da Moeda e papel sellado.

Em cada um dos tres bairros da capital ha um escrivão de fazenda com a competente recebedoria.

Pertence ao ministerio do reino o supremo tribunal administrativo. O corpo da guarda municipal de Lisboa e o da policia civil são subordinados ao mesmo ministerio.

O corpo da guarda municipal é commandado por um official general e compõe-se de 3 companhias de cavallaria e 6 de infanteria.

O quartel general é no Carmo, e os das companhias nos locaes já indicados.

O corpo de policia civil compõe-se de um commissario geral, 3 commissarios de policia, e 262 policias distribuidos por diversas estações.

A junta consultiva de saude publica do reino pertence ao mesmo ministerio, e tem estações fiscaes ou guardas móres em differentes pontos, um delegado de saude em cada D. A. e 2 subdelegados em cada um dos bairros da capital, um no conc.º de Belem, um no dos Olivaes e um no Lazareto da Trafaria.

Os estabelecimentos de beneficencia publica são:

A Santa Casa da Misericordia e Hospital Real de S. José e annexos, de que já tratámos, a Casa Pia de que fallámos no conc.º de Belem, e os recolhimentos ou collegios do Santissimo Sacramento na rua da Roza, do Santissimo Sacramento e Assumpção ao Calvario, no conc.º de Belem, e Nossa Senhora do Amparo, ao Grillo, no concelho dos Olivaes.

Todos estes recolhimentos são subsidiados pelo governo [1].

Pertencem tambem ao ministerio do reino: a junta consultiva de instrucção publica e todos os estabelecimentos de instrucção que serão ao diante enumerados em seu competente logar, e bem assim a Imprensa Nacional, de que já fallámos, e o Archivo da Torre do Tombo, que será agrupado com os ditos estabelecimentos de instrucção.

Pertencem ao ministerio dos negocios ecclesiasticos e de justiça: o supremo tribunal de justiça, o tribunal da relação, a procuradoria geral da corôa e fazenda, e o tribunal do commercio.

Comprehende o districto da relação de Lisboa as commarcas já indicadas no 1.º volume.

Estão sob a inspecção do mesmo ministerio as cadeias do Limoeiro, do Aljube, e a casa de detenção e correcção estabelecida no ext.º convento das Monicas, á Graça.

Subordinados ao ministerio da guerra, além das direcções e repartições da respectiva secretaria estão em Lisboa:

O quartel general da 1.ª divisão militar e a tropa da guarnição da capital, occupando os quarteis já indicados.

O castello de S. Jorge, de que é governador o commandante do corpo ali aquartelado; tem uma cadeia e um presidio militar.

Estão egualmente sugeitos a este ministerio os seguíntes estabelecimentos:

Direcção geral da arma de engenharia, direcção geral da arma de artilheria, com o deposito geral do material de guerra e estabelecimentos fabris, que comprehende 6 diversas repartições: deposito geral do material de guerra, fabrica de fundição de canhões, fabrica d'armas, fabrica da polvora, repartição da refinação do salitre e enxofre, e repartição pyrotechnica.

O supremo conselho de justiça militar.

[1] Parece que estão de algum modo garantidos e sob a protecção do governo os recolhimentos de Lazaro Leitão, Passadiço e S. Christovão.

A repartição de saude do exercito estabelecida na secretaria do ministerio, o Hospital Permanente de Lisboa no largo da Estrella e a companhia de saude, annexa ao mesmo hospital.

A administração militar sob a direcção de um official general, com duas companhias para o serviço da mesma administração.

São egualmente dependentes do mesmo ministerio todos os estabelecimentos de instrucção militar que ao diante se hão de mencionar.

O ministerio dos negocios da marinha e ultramar está dividido naturalmente em duas direcções. Tem tambem uma repartição de saude naval.

Recebe as ordens d'este ministerio:

O corpo dos officiaes da armada[1].

O corpo de marinheiros militares, que tem o seu quartel em Alcantara.

O Hospital da Marinha.

As capitanias dos portos que comprehendem 3 departamentos: Norte, Centro e Sul.

No departamento do Centro estão 5 capitanias sendo a 1.ª a do porto de Lisboa.

O arsenal da marinha, cordoaria, estabelecimento de Val de Zebro, deposito da Azinheira e o forte de S. Paulo.

São tambem dependencias d'este ministerio os estabelecimentos de instrucção naval que ao diante mencionaremos[1].

[1] A marinha de guerra compõe-se das seguintes embarcações:

A vapor

6 Corvetas.
6 Canhoneiras.
3 Barcos.
2 Transportes.

De vela

Uma fragata.
Um transporte.

Esta força naval é a que está em completo ou em meio arma-

O ministerio dos negocios estrangeiros só tem em Lisboa a respectiva secretaria.

O ministerio das obras publicas, commercio e industria está dividido em duas direcções: de obras publicas e minas, e de commercio e industria. Tem uma junta consultiva de obras publicas e minas, as repartições central, de contabilidade e do archivo e bibliotheca, um corpo de engenharia civil, architectos e conductores de trabalhos.

Tambem pertence a este ministerio a direcção geral dos correios e postas do reino; a direcção de fiscalisação dos caminhos de ferro de Norte e Leste; a direcção geral dos telegraphos[1] e pharoes do reino; a quinta regional de Cintra; o Instituto geral de agricultura; o Instituto industrial e commercial de Lisboa (ha outro no Porto dependente do mesmo ministerio) e a administração geral dos pinhaes e mattas do reino.

mento; porém o quadro total dos navios, segundo o *D. C.* do sr. Bettencourt, é de

8 Corvetas a vapor.
7 Canhoneiras.
1 Transporte a vapor.
11 Vapores diversos.
1 Nau de vela.
1 Fragata idem.
3 Corvetas idem.
1 Brigue idem.
1 Transporte idem.
1 Escuna idem.
3 Hiates idem.
1 Cahique idem.
1 Cuter idem.
Total 40 navios, guarnecidos com 3110 marinheiros.

[1] A estação telegraphica central acha-se estabelecida junto ao ministerio das obras publicas e tem estações em diversos pontos da cidade; Alfandega, rua de S. Lazaro, caes dos Soldados, correio geral, palacio das côrtes, Santa Izabel (ao Rato), Necessidades.

INSTRUCÇÃO PUBLICA

Estabelecimentos de instrucção publica dependentes do ministerio do reino tem Lisboa os seguintes:

Escola Polytechnica, que comprehende 10 cadeiras e 20 lentes.

Além das 10 cadeiras ha uma aula de desenho com um professor e um ajudante.

Escola Medico-Cirurgica a qual comprehende 11 cadeiras e 15 lentes.

Academia Real das Sciencias, aula de historia natural e Instituto Maynense, bibliotheca e typographia.

Curso Superior de Lettras, comprehendendo 5 cadeiras e outros tantos lentes.

Academia Real das Bellas Artes, comprehendendo 6 aulas e outros tantos professores.

Conservatorio Real, comprehendendo 10 aulas e outros tantos professores.

O ensino d'estas aulas versa sobre canto, execução de instrumentos e contra-ponto.

Lyceu Nacional do Districto, comprehendendo 10 aulas e 13 professores.

Escola Normal do Districto, com 3 professores, uma regente e 4 mestras.

De instrucção primaria ha no D. A. de Lisboa 153 professores e 67 mestras, todos pagos pelo estado e com pequenos subsidios pelas respectivas camaras municipaes.

Archivo Nacional da Torre do Tombo, com uma aula de diplomatica.

Bibliotheca Publica de Lisboa, com uma aula de nomismatica.

Museu Nacional de Lisboa.

Observatorio Meteorologico.

Imprensa Nacional.

Dependentes do ministerio da guerra:

Escola do Exercito, com um director (general de di-

visão) 8 lentes, 4 repetidores, 5 instructores, um mestre de inglez, um professor de desenho, um bibliothecario, um picador e um veterinario.

Dependentes do ministerio da marinha:

Escola Naval.

Companhia dos Guarda-Marinhas.

Escola Pratica de Artilheria Naval.

Dependentes do ministerio das obras publicas:

Direcção Geral dos trabalhos geodesicos, topographicos, hydrographicos e geologicos do reino.

Instituto Industrial e Commercial de Lisboa.

Instituto Geral de Agricultura.

Na instrucção particular ha um grande numero de collegios e mui distinctos professores: mencionar todos seria impossivel, indicar os melhores seria expor-nos a commetter involuntariamente injustiças, além de que não faltam obras indicadoras n'este assumpto, cuja acquisição não é difficil.

Incompleta será sempre a enumeração de fabricas e estabelecimentos industriaes e commerciaes de Lisboa pela variação continua que ha em taes objectos e as poucas obras que d'elles exclusivamente se occupam.

Da confrontação das obras mais modernas que podémos consultar, o *D. C.* de Almeida, o *D. G.* do sr. P. L., o *Novo Guia do Viajante* em Lisboa, do sr. Bordalo, e o excellente *Almanak* do sr. Braun Peixoto resultou a convicção de não podermos tratar este assumpto satisfatoriamente.

A maior parte das fabricas disseminadas nos diversos pontos do paiz tem na capital depositos para venda e os respectivos escriptorios de commercio. Das que ficam situadas dentro dos muros de circumvolução da cidade são notaveis, segundo a nossa propria observação:

A de tecidos de seda, de Cordeiro & Irmão ao Rato.

A de productos chimicos (laboratorio), ao Carmo.

A de machinas e fundição de metaes do sr. Peters, á Boa Vista.

A de machinas e fundição de metaes, da Companhia Perseverança, ao Conde Barão.

O gazometro á Boa Vista.

E como estabelecimentos typographicos:

A Imprensa Nacional.

A Typographia da Academia Real das Sciencias.

A Typographia Universal do sr. Thomaz Quintino Antunes, na rua dos Calafates, onde se imprime o *Diario de Noticias*.

A Franco-Portugueza do sr. Lallemand, na rua do Thesouro Velho.

A Lisbonense (*Diario Popular*).

A do *Jornal do Commercio*.

A da *Revolução de Setembro*.

A do *Diario Illustrado*.

A das *Horas Romanticas*.

A da Companhia dos caminhos de ferro portuguezes.

A de Castro irmão, na rua da Cruz de Pau.

A do sr. Sousa Neves, na rua da Atalaia.

A do sr. Mattos Moreira & C.ª, no Rocio.

A do sr. Mattos, na rua Nova do Almada.

Transcrever das obras já citadas a denominação de todas as fabricas, estabelecimentos commerciaes, companhias, associações, bancos, casas bancarias e agencias, parece-nos que seria *avareza litteraria*, visto que essas obras estão á venda e ao alcance de todos, especialmente as duas ultimas pelo seu diminuto preço.

Limitamo-nos pois a apresentar o seguinte resumo que transcrevemos do *D. G.* do sr. P. L.

Ha em Lisboa 112 machinas movidas a vapor; sendo 47 para espingardaria, 19 para moagem de cereaes, 11 para distillação de agua ardente, 5 para lanificios, 6 para fabricas de papel, 3 para aquecer agua, 3 para torcer algodão, 2 para tornear metaes, 2 para lavoura e debulha, 3 para preparar tabacos, 2 para descascar arroz, e 9 para differentes industrias.

Pelo que diz respeito aos bancos só temos a observar

que tem contratos mais ou menos importantes com o governo os seguintes:

Banco de Portugal.
» Luzitano.
» Nacional Ultramarino.
» Alliança.
» União.
» Commercial do Porto[1].
» Mercantil Portuense.

E á Nova Companhia Utilidade Publica.

Póde-se dizer sem grande exageração que relativamente a generos de alimentação Lisboa consome tudo e não produz nada. Consome tudo quanto lhe mandam as provincias e terras cumvisinhas pelas vias ferreas e estradas ordinarias, e nada produz porque póde bem deixar de se attender á pequena quantidade de generos de algumas hortas e quintas intra-muros.

Não obstante é farta e abundante de toda a especie de generos e de mercadorias nacionaes e estrangeiras, quer necessarias, quer de ostentação, e relativamente a outras terras do reino de inferior categoria e muito menor população, póde dizer-se barata, para todas as condições da vida social.

Do *Summario* de C. R. de Oliveira se vê que em 1550 havia em Lisboa 57 fisicos (medicos), 60 cirurgiões, 46 boticarios, 7 mestres de grammatica, 34 mestres que ensinavam a ler, 14 escolas publicas de dança, 4 de esgrima, 620 tratantes (negociantes), 20 tangedores de tecla, 20 charameleiros, 12 tocadores de trombeta, 8 atabaleiros, 150 cantores, 13 homens que se occupavam em buscar oiro nas praias, 36 caminheiros, 23 alfeloeiros, 13 pasteleiros e 552 pobres.

Duas mulheres que ensinavam moças a ler, 23 que faziam alfeloa, 24 que faziam azevinhos, 36 farteleiras, 23

[1] Este e o seguinte pertencem á cidade do Porto mas não deviamos excluil-os da observação.

cuscuzeiras, 28 que faziam letria, 27 que faziam arroz (doce?), 43 manteigueiras, 45 mostardeiras, 50 escamadeiras; 20 cristaleiras, 81 mercieiras, 13 que rapavam pucaros, 22 que pediam com caixa, e 2000 mulheres sem officio.

Não fazemos menção de palacios particulares, pois longa seria a simples enumeração de todos, e para escolha dos mais notaveis não temos bases seguras.

Em varios pontos d'esta imperfeita descripção da cidade encontrarão os leitores noticia de muitos palacios tanto antigos como modernos; e quem mais amplo conhecimento desejar póde consultar as obras que por vezes temos citado.

Lisboa considerada como um só concelho tem analogamente aos outros concelhos do reino:

Superficie, em hectares	1533
População, habitantes	155246
Freguezias, segundo a *E. C.*	34
Predios, inscriptos na matriz	11441

Tem o D. A. de Lisboa:

Superficie, em hectares	760303
População, habitantes	434899
Concelhos	25
Freguezias, segundo a *E. C.*	211
Predios, inscriptos na matriz	202276

A fundação de Lisboa perde-se nos tempos nebulosos da maior antiguidade, e Ullysses, que uns fazem seu edificador outros restaurador, e do qual pretendem derivar o nome da cidade, é do numero dos heroes d'esses tempos semi-fabulosos e semi-historicos, e pertence á grande epopéa do cerco de Troia, cantado por Homero na Illyada.

Em favor da opinião de ser este astucioso grego o fundador da capital do nosso reino, ha comtudo, além d'uma constante tradição, o proprio nome da cidade que foi em principio *Ullysséa* ou *Ullysipolis* e por abbreviação latina *Ullysipo:* depois mudado o *p* em *b*, quando da lingua pura latina se passou para o dialecto chamado lingua romance,

do mesmo modo que o verbo *aperire* se mudou em *abrir*, o nome *vipera* em *vibora* e *aprilis* (mez) em *abril*, *Ullyssipo* se mudaram em *Ullyssibo*, corrupto posteriormente em *Lissibô*, (talvez pelos arabes) *Lissibôa*, e finalmente Lisboa.

Os que fazem Ullysses sómente reedificador da cidade lhe remontam muito mais a antiguidade chegando aos tempos proximos ao diluvio, e dizendo-a fundação de Elisa descendente de Noé. Deixemos porém estas controversias que são um labyrintho de conjecturas sem alguma plausibilidade.

Egual incerteza existe a respeito dos povos que foram seus primititivos habitadores; uns os fazem sarrios, celtas e turdulos, outros gregos ou fenicios.

As primeiras memorias que ha insuspeitas são do dominio carthaginez, o que torna provavel o anterior dos fenicios e mesmo o dos gregos, depois que os focenses devassaram as costas do Oceano Atlantico, 6 seculos depois do cerco de Troia. Os que adoptam esta opinião (seguindo Ptolomeu) regeitam comtudo a fundação de Ullysses, e derivam o nome da cidade de *Ollis-hippon* pela ligeireza das eguas e ginetes que n'esses tempos corriam pelas margens do Tejo, nome corrompido semelhantemente em *Ollysipo* e depois como dissemos em Lisboa.

Do dominio romano ha provas certissimas, e do nome de *Felicitas Julia* que lhe concedeu Cesar, creando-a municipio romano, pela prompta obediencia que lhe rendeu, depois da derrota dos filhos de Pompeu em Munda.

Passou com o resto do reino ao dominio dos barbaros do Norte, caíndo em sorte aos alanos, desapossados depois pelos godos, que a possuiram até á invasão dos sarracenos.

Segundo a opinião de alguns dos nossos auctores antigos, foi Lisboa tomada e retomada aos mouros por differentes vezes; outros porém são de parecer que nunca saiu do poder dos infieis até ao feliz reinado de D. Affonso Henriques, que a restaurou no dia 21 de outubro de 1147:

ainda que M. L. de Andrade na *Miscellanea* pretende mostrar que só foi tomada em 1152; mas vae n'isto de encontro á maioria dos auctores.

D'ahi em deante a historia de Lisboa é commum á do reino, e d'esta não nos devemos occupar pois mais illustres pennas a tem escripto.

O maior flagello da nossa capital tem sido o dos terremotos.

Ha noticias das datas de muitos d'esses horriveis cataclismos.

Os mais antigos são dos annos 377 e 370 antes da era vulgar, e depois d'ella os dos annos 1009, 1117, 1146, 1183, 1290, 1356, 1531 ou 1532, 1575 (este apesar de violento não causou ruinas), 1597 a 22 de julho que subverteu parte do monte de S.ta Catharina com 3 ruas inteiras e 110 moradas de casas, 1598 a 28 de julho tambem mui violento mas de que se não registaram as ruinas, 1699 a 27 de outubro em que a terra continuou a tremer repetidas vezes por espaço de 3 dias, o de 1724 a 12 de outubro; porém d'estes dois ultimos não se faz menção de ruinas: o de 1755 no 1.º de novembro, o mais espantoso desde muitos seculos, em que a terra continuou a tremer com alguns intervallos por tempo de 8 dias.

D'esta horrorosa catastrophe ha historia especial, e á vista temos uma resumida narração de um auctor inglez e as detalhadas e importantes noticias do *Mappa de Portugal* de J. B. de Castro.

O pavoroso incendio que se seguiu aos principaes abalos completou a ruina; ficando reduzidas a montões de entulho as freguezias da Sé, S. Mamede, Magdalena, S.ta Justa, S. Nicolau, Sacramento e S. Julião; a maior parte das de S.to André, S.to Estevão, S. Miguel, S. Pedro, Salvador, S. João da Praça, S.ta Cruz do Castello, S. Jorge, S. Bartholomeu, S. Christovão, S. Lourenço, Nossa Senhora da Pena, Socorro, Anjos, Conceição, Encarnação, Loreto, S.ta Catharina e S. Paulo; soffreram porém pequena ruina as freguezias de S.ta Engracia, S. Vicente, S.to André, S.ta Mari-

nha, S. Thomé, Sant'Iago, S. Martinho (devendo advertir-se que os edificios eram poucos e a população diminuta n'estas duas ultimas FF.), S. José, Mercês, S.ta Izabel e Santos o Velho.

Ficou totalmente isempta de ruinas a unica F. de S. Sebastião da Pedreira.

Caíram pelo terremoto ou ficaram reduzidas a cinzas pelo incendio muitas das egrejas parochiaes, grande numero de outras egrejas, conventos, mosteiros, e ermidas; os paços da Ribeira e a maior parte d'aquelles em que habitava a fidalguia de Lisboa, quasi todas as repartições publicas, estabelecimentos scientificos, bibliothecas, etc.

Perdeu-se uma riqueza fabulosa e monumentos preciosissimos, e finalmente pereceram muitas mil pessoas, não podendo fixar-se o numero certo; o padre Antonio Pereira no seu commentario do terremoto diz que foram 15000, Pedegache na relação da mesma catastrophe 24000, o auctor inglez anonymo, cuja noticia sobre tão infausto successo de que foi testemunha presencial, encontramos no *Class-book*, eleva o numero a mais de 60000, comprehendendo a muita gente tragada pelo rio; quando depois de ter recuado formando temerosa montanha d'aguas, rebentou de novo sobre as praias, para onde se havia refugiado muito povo, e submergiu inteiro o caes do Terreiro do Paço sem que d'elle se vissem mais vestigios!

O brazão d'armas de Lisboa é um escudo coroado, tendo no centro em campo branco com ceu azul, uma nau sobre ondas verdes, com um corvo á proa e outro á popa.

Pelo que diz respeito a inscripções latinas encontradas em diversos sitios de Lisboa mencionam os auctores antigos portuguezes mais de 80, sendo entre estes Rezende o mais digno de consultar-se pela sua vastidão de conhecimentos n'este assumpto.

Porém não podendo n'este trabalho deter-nos em averiguações archeologicas, pois grande parte d'essas inscripções são pelo menos duvidosas, limitamo-nos a transcrever da obra tantas vezes citada do dr. Hübner a noticia sobre as que existem, e são sufficientes para provar a importancia da nossa cidade *Felicitas Julia* sob o dominio dos romanos

«Cinco são as inscripções romanas ainda hoje existentes em Lisboa, diz o dr. E. Hübner; d'ellas se collige que *Olisipo* era a 2.ª cidade da provincia, e immediata a Merida.

«D'estas cinco inscripções romanas pertence a 1.ª ás duas dedicações a Esculapio, uma consagrada por um collegio de *cultores Larum* e a outra por dois *Augustaes*. Esta ultima foi achada em 1770 na rua dos Retrozeiros, n'umas grandes *thermas* de aguas mineraes, e ainda ali existe.

SACRVM
AESCVLAPIO
M·AFRANIVS·EVPORIO
ET
L·FABIVS·DAPHNVS
AVG
MVNICIPIO·DT

«Só póde completar-se DE*derunt* ou DO*mum dant* suppondo que os *Augustaes* houvessem consagrado uma capella a Esculapio no interior das thermas publicas da cidade.

«A outra inscripção a Esculapio perdeu-se.

«Perto d'aquellas thermas devia haver um santuario á *Mater Devm*, porque a pouca distancia se encontraram duas inscripções a elle relativas, e ainda hoje se conservam: uma das ditas inscripções é consagrada á MATRI DEVM MAG(*nae*) IDEAE por uma CERNOPHOR(*a*) FL(*avia*) TICHE e pertence ao anno 108. Esta data determina tambem a época das outras inscripções achadas n'este logar, as quaes se assemelham completamente no caracter da letra e qualidade das lapi-

das. São ellas a outra inscripção de Cybelle, a de Esculapio (acima copiada), a de L. CAECILIVS. L. F. CAELER. RECTVS Questor da Provincia Betica, Tribuno Popular e Pretor, e a seguinte de Mercurio:

MERCVR
CAESA
AVGVST
C:IVLIVS·PHI
PERMISSV♡DEC
DEDIT D

«Talvez seja no completo: MERCURIO ET NUMINI OU MERCURIO PRO SALUTI | CAESARIS | AUGUSTI. P. P. | C. JULIUS PHILADESPOTUS | PERMISSU ♡ DECURIONUM | DEDIT DEDICAVIT.

«Estas quatro inscripções actualmente collocadas na parede de uma casa fronteira á egreja da Magdalena, que pertenceu ao marquez de Pombal, e a de Esculapio, na rua dos Retrozeiros, são as unicas que ainda existem.

«A inscripção de Mercurio não deve confundir-se com outra consagrada ao mesmo Deus pelo *Augustal* C. Julius; a qual segundo affirmam Cunha e Azevedo foi achada junto á Porta do Sol.

«As thermas já mencionadas existiam ainda no tempo de Constantino com o nome de *Thermae Cassianae.*

«A dedicação feita por dois *Augustaes* DIVO AUGUSTO prova que *Olisipo* estabelecera o culto de Augusto, senão antes pelo menos logo depois da morte d'este.

«Em 1798 achou-se uma inscripção entre as ruinas de um theatro na rua de S. Mamede (rua Nova de S. Mamede) mas da qual não resta vestigio algum. Ha tambem outras de Claudio, Vespasiano, etc., dedicadas pelo *Municipio Felicitas Julia Olisipo.* Nenhuma existe.

«Rezende affirma (e outros auctores o copiaram) que em um dos degraus dos antigos paços do Castello de S. Jorge havia tambem uma inscripção

M:PORCIVS·M·F·M·N·CATO.....

«Quando foi demolido o arco da Consolação junto á egreja de S.to Antonio da Sé (em 1782) encontraram-se mais de 20 inscripções romanas. Desappareceram todas sem que d'ellas ficassem vestigios.»

Ao sair do largo de S. Vicente de Fóra pela travessa de S. Vicente, que o vulgo denominava travessa das Bruxas, e conduzia ao largo da Graça, via-se logo ao principio da parte esquerda, onde a travessa fazia um cotovello, um muro velho, e sobre este, e um pouco mais dentro, uma porta com uma inscripção por cima, e outra maior ao lado.

A 1.ª dizia simplesmente PORTA DE HELICHE, tendo uma corôa de conde sobre a dita inscripção e duas estrellas no remate.

A inscripção maior e do lado da porta estava gravada em uma pedra comprida, posta ao alto e embebida no muro.

Esta inscripção vem transcripta no *D. C.* em dois logares differentes, vol. II pag. 137 e no vol. III apendice, pag. 128.

Pela abertura da nova rua que vae do largo de S. Vicente ao largo da Graça, desappareceu completamente (em consequencia das obras) esta inscripção que em tempo vimos.

Na rua de S. Thomé existe um letreiro, em uma lapida mettida na parede, determinando o caminho dos coches na ida e volta para não haver atropellamentos (tal era n'esse tempo o concurso de povo e carruagens n'esse sitio da cidade) e existe um semelhante junto ao Outeirinho da Amendoeira para o mesmo fim. Ainda o vimos e lemos bem dis-

tinctamente, mas pouco depois observámos que o proprietario do predio o cobrira de cal branca, sem que ninguem lhe embaraçasse tal barbaridade, de sorte que hoje pouco se percebe.

O *D. C.* e tambem o *D. G.* do sr. Pinho Leal fazem menção de alguns edificios que não obstante pertencerem a particulares podem considerar-se historicos: taes são, a casa em que habitou Camões, na calçada de Sant'Anna, junto á ermida do Senhor Jesus da Salvação e Paz, o qual predio tem actualmente os numeros 139 e 141.

A *casa dos bicos* na actual rua dos Bacalhoeiros á Ribeira Velha, de muita antiguidade, e que pertenceu a um filho natural do grande Affonso de Albuquerque, chamado Braz de Albuquerque, homem de vasta erudição e que escreveu *os commentarios* do insigne capitão.

Esta casa pertence hoje aos herdeiros do honrado negociante Joaquim Caetano Lopes da Silva.

As casas de João das Regras, ao Poço do Borratem, que ainda se distinguem (diz o *D. G.*) por tres grandes arcos ogivaes, com os quaes corre o primeiro andar.

Finalmente a casa onde morreu Garrett, na rua de S.ta Izabel numero 78, a qual casa tem na parede, do lado da rua, a lapida com inscripção que assim o declara.

Longa seria a enumeração dos varões insignes que tiveram seu berço n'esta illustre capital do nosso reino.

Muitas são as obras especialmente dedicadas a este assumpto, para que d'elle tenhamos de occupar-nos detidamente.

No *Mappa de Portugal* de João Baptista de Castro, se encontram todos os nomes dos que por qualquer titulo merecem ser lembrados ás gerações futuras; e na parte relativa a escriptores publicos, o moderno e utilissimo *Diccionario Bibliographico* do sr. Innocencio Francisco da Silva nos dispensa de *metter fouce em seara alheia*, julgando do que não somos competentes para julgar.

Entretanto ha nomes que tanto sobresaem, que aos menos doutos é permittido repetil-os seguindo a opinião geral e unanimemente approvada.

Basta para illustrar Lisboa o contar entre os seus naturaes em santidade e virtudes, S.[to] Antonio e D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, em honra e valor militar D. João de Castro, em intelligencia e saber Camões, Bernardes e o padre Antonio Vieira.

CONCELHO DA LOURINHÃ

(q)

PATRIARCHADO

COMARCA DE TORRES NOVAS

FRANCOS

(1)

Ant.ª F. de S. Lourenço dos Francos, cur.º da ap. dos freguezes, no T. da V.ª da Lourinhã.

Está sit.ª a egreja parochial (não se encontra o L. de Francos e a *E. P.* dá tambem á F. o nome de S. Lourenço de Miragaia, posto diga estar a egreja isolada. Tambem segundo o mappa topographico está isolada, 1^k a S. S. O. do L. de Miragaia) 1^l para E. S. E. da Lourinhã.

Compr.ᵉ esta F. os log.ᵉˢ de Miragaia, Martelleira, Ribeira, Papagaios (Papa-gouvas no mappa) de Baixo, Papagaios de Cima, Campellos, Cabeça Gorda, Carrasqueira, Val de Lobos; os casaes de Prior, Gesta, Rijos, Grillo, Oliveiras, Pedra, Casalinho; a q.ᵗᵃ da Ribeira dos Palheiros [1] e as H. I. de Perdigão, Junceira, Joaria, Val de Moinhos de Baixo e Val de Moinhos de Cima.

Vem mencionados em Carv.º os log.ᵉˢ de Miragaia, Martelleira, Ribeira dos Palheiros e Joaria.

[1] Aldeia diz o *D. G.* do sr. P. L. e ali menciona o sanctuario de Nossa Senhora da Piedade. Comtudo pelo que se vê no mappa se é aldeia é mui pequena.

P...	C..........		
	A..........	243	
	E. P........	285.............	1137
	E. C...........................		980

N'esta F. existe ainda a ant.ª ponte chamada de D. Pedro. (Vej. F. de Moledo d'este conc.º)

LOURINHÃ

(2)

Ant.ª V.ª da Lourinhã na ant.ª com. de Torres Vedras, de que eram don.^{os} os C. de Monsanto.

Hoje é cab.ª do actual conc.º da Lourinhã.

Está sit.ª em terreno baixo, cercada de montes, excepto pelo N. O. onde tem uma abertura para o mar, de que só dista 2 $^{1}/_{2}$^{k}.

Dista de Lisboa 15^{l} para N. N. O.

Tem uma só F. da inv. de Nossa Senhora da Annunciação, que era reit.ª de concurso synodal e segundo a *E. P.* do padr.º real. Hoje é prior.º

Compr.^{e} esta F., além da V.ª, os log.^{es} de Abelheira, Areia Branca, Atalaia de Baixo, Atalaia de Cima, Capellas, Casal Novo, Marquiteira, Mattas, Merendeiro, Montoito, Nadrupe, Pragança, Ribamar, Seixal, Serra, Sobral, Turcifal de Baixo, Turcifal de Cima, Val de Vigas, Ventosa, Zambujeira; os casaes de Abelheira, Areia Branca, Ventosa, Acharrua (Charrua no mappa), Arraia, Barrozas, Boa Vista, Carvalhaes, Casal Novo do Lourim, Cruz das Mattas, Cruz da Ventosa, Fernão Pires, Fonte Lima, Labrusque, Lagôa d'Areia Branca, Lagôa de Ribamar, Lenteiro, Lourim, Moinho, Monte Branco, Mosteiro, Outeiro, Pai-mogo, Palhagueira, Pedreira, Pia do Mestre, Portella, Portellas, Porto Dinheiro (ou Portinheiro), Rocio, Santo, Seixalinho, Sigano, Val de Medo; e as q.^{tas} de Bolardo (ou Golardo), Cabaça (ou Cabaceira), Cartucheira, Carvine (ou Corvina), Maria Gil, Mendes, Moitalonga, Repentiz, Val de Lagos, S.^{to} Antonio.

Vem mencionados em Carv.º os log.^{es} de Areia Branca,

Atalaia, Casal Novo, Margueteira, Mattas, Montoito, Bragança, Ladrupe, Ribamar, Serra do Calvo (talvez o L. de Serra da *E. P.*) Sobral, Trucifal de Baixo, Trucifal de Cima, Val de Viga, Ventosa, Azambujeira, Abelheira com muitos casaes, e o forte de Pai-mogo.

P. . .	C.	200	
	A.	807	
	E. P.	864	3375
	E. C.		3287

Antes da extincção das ordens religiosas tinha um conv.^{o} de recoletos da ordem de S. Francisco, da provincia dos Algarves, com a inv. de S.^{to} Antonio, fundado em 1598.

A egreja ant.^{a}, fundada junto ás ruinas do castello, a qual está hoje tambem em ruinas, era espaçosa, tinha bellas columnas de marmore e portico de architectura gothica; sabe-se que existia no reinado de D. João I mas ignora-se ao certo por quem foi fundada.

Em 1708 tinha as ermidas de Nossa Senhora dos Anjos, S. Sebastião, S.^{to} André e Sta Catharina.

Tem casa de misericordia e hospital.

Recolhe abundancia de cereaes, vinho, algum azeite, frutas, especialmente maçans saborosissimas. Tem gados sufficientes e muita caça.

É saudavel e muito fresca no verão, e os seus arredores amenos e viçosos, cortados por varias ribeiras.

Tem este concelho:

Superficie, em hectares	17374
População, habitantes	7270
Freguezias, segundo a *E. C.*	7
Predios, inscriptos na matriz	12958

Tem uma feira annual em 7 (ou 16?) de agosto e outra de 3 dias começando no terceiro domingo de setembro; e mercado nos ultimos domingos do mez.

Foi fundada esta V.^{a} por D. Jordão, fidalgo francez, ao serviço d'el-rei D. Affonso Henriques, o qual parece lhe deu foral, ou o dito D. Jordão, e que depois confirmou D. Affonso II.

Tem foral novo de D. Manuel, de 1512 segundo o *D. G.* do sr. P. L.

O seu nome deriva-se da q.^{ta} de Lourim.

As suas armas muito carcomidas, que ainda se vêem na casa da camara, deixam perceber uma flor de liz e a meia lua.

Não encontrámos este brazão no livro respectivo, da Torre do Tombo.

MOITA DOS FERREIROS

(3)

Ant.ª F. de Nossa Senhora da Conceição no L. da Moita dos Ferreiros, cur.º da ap. do prior de S. Pedro da V.ª de Obidos, no T. da dita V.ª

Está sit.º o L. da *Moita dos Ferreiros* em encosta de monte. Dista da Lourinhã duas leguas para E.

Compr.^{e} mais esta F. o L. de Pinhôa; os casaes da Azenha da Varzea, do Rego, da Junceira, da Senhora da Misericordia; e as q.^{tas} de Arneiro, Val do Juncal, Matta, Bom Successo, Novo, Lapa, Seixosa, Rosario, Cantarolla, Fonxe, Val de Poços.

P...	C.	60	
	A.	152	
	E. P.	161	569
	E. C.		626

Tem feira annual de 3 dias (franca) começando no 1.º domingo de setembro, no sitio de Nossa Senhora da Misericordia.

MOLEDO

(4)

Ant.ª F. do Espirito Santo no L. de Moledo, cur.º da ap. do cabido da sé de Lisboa, no T. da V.ª de Obidos.

Está sit.º o L. de *Moledo* 8^{k} para N. E. da Lourinhã.

Compr.^{e} mais esta F. os casaes das Sommas, e os de Barrancos; e a q.^{ta} do Paço.

P...	C.	100	
	A.	93	
	E. P.	108	385
	E. C.		403

«N'esta F. existem ainda as paredes de um palacio onde habitou D. Ignez de Castro[1], hoje pertencente aos morgados Pestanas: proximo se acharam ha tempos dois bracceletes de oiro, do valor de 144 mil réis: tambem existe do dito palacio um pedestal que parece ter sido de grande estatua, tem um brasão d'armas e uma inscripção que ainda não souberam decifrar.» (*D. C.*)

Ainda conserva o nome de Ponte de D. Pedro, uma que segundo dizem ficava no caminho que seguia o principe quando ia visitar a formosa e infeliz dama.

REGUENGO GRANDE

(5)

Ant.ª F. de S. Domingos no L. de Reguengo Grande, cur.º da ap. do prior e beneficiados da F. de S.ta Maria de Obidos, no T. da dita V.ª

Está sit.º o L. de *Reguengo Grande* 12k para E. N. E. da Lourinhã.

Compr.e mais esta F. o L. de Fontellas; e os casaes chamados Casaes Serranos, Casaes das Sommas, Casaes da Sezareda, Casal das Cargas, Casal de Arrife, Casal do Paio, Casal do Leitão; e a q.ta de Villa Viçosa. No mappa vem mais o casal do Engenheiro que parece ser muito moderno.

P...	C.	100	
	A.	231	
	E. P.	265	830
	E. C.		972

[1] Vem no mappa com o nome de Paço de D. Ignez de Castro.

S. BARTHOLOMEU

(6)

Ant.ª F. de S. Bartholomeu (que o *D. C.* chama S. Bartholomeu dos Gallegos, orago de S. Lourenço, e a *E. P.*, F. de Gallegos, orago S. Lourenço) cur.º, no T. da V.ª de Obidos.

Está sit.ª a egreja parochial (que é no mesmo L. de S. Bartholomeu, segundo o mappa topographico) 6^k para N. E. da Lourinhã.

Compr.e mais esta F. os log.es de Feteira, Reguengo Pequeno, Pena Seca, Paço; e os casaes de S. Domingos, Aguaboa, Galhardo, Feijão; e a q.ta da Fonte Real.

Vem mencionados em Carv.º os log.es de Feteira na F. de Moledo, Reguengo Pequeno na F. de Reguengo Grande, e Paço, n'esta F. de S. Bartholomeu.

P...	C..........	100	
	A..........	112	
	E. P........	114	 350
	E. C...........................		501

Tem feira annual em 24 de agosto.

VIMIEIRO

(7)

Ant.ª F. de S. Miguel no L. de Vimieiro (Vimeiro no mappa) cur.º da ap. do reitor de Nossa Senhora d'Annunciação da V.ª da Lourinhã, no T. da dita V.ª

Está sit.º o L. de *Vimieiro* sobre o rio Alcabrichel. Dista da Lourinhã 8^k para o S.

Compr.e mais esta F. o L. de Toledo; e diversos casaes dos quaes menciona os nomes a *E. P.* [1]

Vem mencionado em Carv.º o L. de Vimieiro, que ainda

[1] No mappa vem alguns que não damos por não virem separadas no dito mappa as FF. a que pertencem.

n'esse tempo era simples L. do T. da Lourinhã e não séde de F.; mas que foi ali instituida antes de 1758, pois já se acha como tal no *D. G. M.*

Tambem menciona Carv.º o L. de Toledo, pertencente ao mesmo T. da Lourinhã.

P...	C...........		
	A...........	130	
	E. P........	114...............	461
	E. C............................		501

CONCELHO DE MAFRA

(r)

PATRIARCHADO

COMARCA DE MAFRA

ALCAINÇA

(1)

Ant.ª F. de S. Miguel de Alcainça, prior.º da ap. do don.º (M. de Ponte de Lima), no T. da V.ª de Cintra.

Está sit.ª a egreja parochial em um valle, um pouco ao S. do L. de Alcainça Grande. Dista de Mafra 4^k para E. S. E.

Compr.^{e} esta F. os log.^{es} de Alcainça Grande, Malveira (grande L.), Campo da Feira onde se faz mercado de gado todas as quintas feiras, Venda do Pinheiro (com boa estalagem), Carrasqueira, Lages, Abrunheira (Casaes de Abrunheira no mappa); os casaes Novo, da Pedra, do Moinho, do Loural.

Vem mencionados no *D. G. M.*, os log.^{es} de Alcainça Grande, Carrasqueira, Venda do Pinheiro, Malveira, Casas Novas, Abrunheira, Casaes da Pedra, Moinhos do Loural.

P. . .	C.		
	A.	158	
	E. P.	171	862
	E. C.		697

Tinha esta F. em 1758 um pequeno hospital e duas ermidas, Espirito Santo e S.^{to} Antonio.

Recolhe muito trigo.

AZUEIRA

(2)

Ant.ª F. de S. Pedro dos Grilhões (orago S. Pedro ad vincula) no L. de Azoeira (segundo Carv.º e o *D. G. M.*, Azueira na *E. P.*) cur.º da ap. dos freguezes no T. da V.ª de Torres Vedras.

Em 1840 pertencia esta F. ao conc.º da Azueira, ext.º pelo decreto de 24 de outubro de 1855, pelo qual passou ao de Mafra duas leguas para N. N. E.

Está sit.ª a egreja parochial no L. de *Azueira de Baixo*, o qual fica em valle, entre montes medianos; mas vae subindo o terreno e por isso ha outros log.es de Azueira: sitio ameno, fertil e saudavel.

Dista de Mafra duas leguas para N. N. E.

Compr.e esta F. os log.es de Azueira de Baixo, Azueira do Meio, Azueira de Cima ou Livramento, Bandolhoira, Vermoeira, das Barras, Sevilheira, Almarinho ou Almeirinho, Antas, da Caneira Velha, da Caneira Nova, Aboboreira; os casaes de Fornea, Tourinha, Seiceira, Covão, Palomes, Sendieira, Pão Coito, Chafariz, Pedreira, Carvalhal, Arieiro, da Matta, Moinho, Corvos, da Pestana, S.ta Christina, S.to Antonio, Cerca de Baixo, Cerca de Cima, Pinheiro, Carvalheiro, Boa Vista, Penedo, Chilga, Arrotéa; e as q.tas de Arneiro de Cima, Arneiro de Baixo, Bemposta, Campo, Pato, Barras, Casas Novas, Figoeira, Quinta Nova, Castello, Mornalha.

Vem mencionados no *D. G. M.* os log.es de Vermoeira com 17 fogos, Bandalhoeira com 28, Barras com 13, Aboboreira com 26, Caneiras (Nova e Velha) com 20, Tourinha, Almarinho e Ceiceira.

Vem tambem mencionada tanto em Carv.º como no *D. G. M.* a ermida de Nossa Sonhora do Livramento de grande devoção e romarias, em alegre e espaçosa campina, onde hoje se fazem duas feiras annuaes, sendo uma de 3 dias, no domingo do Espirito Santo e outra no primeiro de no-

vembro, de uma outra ermida de S.ta Christina, falla sómente Carv.o

Não menciona Carv.o a q.ta das Barras, mas sómente o L. das Barras que lhe fica fronteiro; porém o *D. G. M.* já falla d'esta q.ta e diz que pertencia a Antonio José de Barros e Vasconcellos e tinha uma ermida da invocação de S. João.

Esta q.ta ainda se conserva na mesma famillia, sendo seu proprietario o sr. Hemiterio de Barros e Vasconcellos; tambem existe ainda a ermida mas não tem culto, faz parte da casa do dito sr. Hemiterio de Barros, a qual fica sit.a n'um alegre terreiro a pequena distancia do L. das Barras para S. S. O., e da Vermoeira $^1/_2{}^k$ para S. S. E. Ao fundo da q.ta passa a ribeira de Pedrulhos ou do Gradil.

P. . .	C.		
	A.	452	
	E. P.	440.	1600
	E. C.		1895

Recolhe esta F. muito vinho, algum trigo e milho, e azeite para meio anno.

No *D. C.* achamos a noticia de que o L. d'Azueira foi V.a creada depois de 1820, e tambem cab.a do conc.o Talvez por isso lhe chame V.a

CHELEIROS

(3)

Ant.a V.a de Chileiros, segundo Carv.o, Cheleiros na *E. P.*, na ant.a com. de Torres Vedras. Parece que pertencia á casa do infant.o

Em 1840 pertencia esta V.a ao conc.o de Cintra. Passou ao concelho de Mafra pelo decreto de 24 de outubro de 1855.

Está sit.a entre montanhas, em uma baixa, por onde corre o rio de Cheleiros, sobre o qual tem ponte de cantaria na estr.a nova de Lisboa a Mafra: quanto á *formosa* ponte de que falla Carv.o não ha noticias nem vestigios, e

se este auctor se referia a uma que ainda existe sobre a dita ribeira e que dá serventia para algumas q.[tas] e casaes nada tem de formosa.

Dista de Mafra, pelos atalhos, $5\,{}^{1}/_{2}{}^{k}$ e pela estr.[a] real $8\,{}^{1}/_{2}{}^{k}$ para o S.

Tem uma só F. da inv. de Nossa Senhora do Reclamador (Roque Amador no *D. G.* do sr. P. L.)[1] prior.[o] da ap. dos C. da Castanheira e depois da casa do infant.[o]

Compr.[e] esta F., além da V.[a], que o *D. C.* chama V.[a] ext.[a], os log.[es] de Cheleiros com 110 fogos, Brôas com 4, Carvalhal com 38, Serrados com 8, Val-verde com 8, Ribafria com 2.

Vem mencionado em Carv.[o] o L. de Carvalhal com uma ermida de S. Simão.

P...	C...........	120	
	A...........	161	
	E. P.........	170...............	700
	E. C...........................		697

Recolhe em abundancia todos os frutos: tem muitos gados e muita caça.

Teve principio esta povoação em uns casaes que D. Affonso Henriques deu a uma dama que casou com um fidalgo da casa da Castanheira, cujos condes foram depois senhores da V.[a]

«Foi cab.[a] de conc.[o] em antigos tempos e teve uma albergaria. Deu-lhe foral el-rei D. Manuel em 1516.» (*D. G.* do sr. P. L.)

ENXARA DO BISPO

(4)

Ant.[a] F. de Nossa Senhora da Serra, segundo Carv.[o], Nossa Senhora d'Assumpção segundo o *D. G. M.* e *E. P.*, da Enxara do Bispo, vig.[a] da ap. do collegio de S.[to] Antão de Lisboa, e depois da Universidade no T. da V.[a] de Torres Vedras.

[1] Nossa Senhora d'Assumpção no *D. C* do sr. Bett.

Em 1840 pertencia esta F. ao conc.º da Enxara dos Cavalleiros, ext.º pelo decreto de 24 de outubro de 1855 pelo qual passou ao de Mafra.

Está sit.º o L. de *Enxara do Bispo* em limitada planicie na aba de uma pequena serra.

Dista de Mafra 12^{k} para E. N. E.

Compr.^{e} mais esta F. os log.^{es} de Ervideira, Roxa ou Rocha, Jasmim, Mal-forno, Venda das Pulgas, Paços, Tourinha, Poças, Enxara dos Cavalleiros, S. Sebastião, Terreal, Villa Pouca, Villa Franca do Rosario; os casaes de Serra, Cruz, Campos, Carrasqueira, Bom Nomẽ, Fonte d'Além, Forneira, Boa Viagem, Reguengo, Atalaia, Venda da Maia, Sobreiro, Boa-vista e as q.^{tas} do Casal Novo, Sta Barbara, Canto da Vinha, Anjo, Boiças, Olivaes, e as H. I. da Guarda, Sarralha, Xarnaes, Vitoreiro (Monte Bitureira no mappa, mas é engano, pois na localidade todos chamam ao monte Vitoreiro).

Vem mencionados em Carv.º Ervideira, Enxara dos Cavalleiros, Villa Franca do Rosario, S. Sebastião, Terroal, Villa Pouca, Tourinha, Mal-forno, Guarda, Poços.

P...	C..........		
	A..........	485	
	E. P........	456...............	1744
	E. C............................		1958

No *D. G. M.*, vem o L. de Enxara dos Cavalleiros com o titulo de V.ª

O *D. G.* do sr. P. L. diz que foi V.ª á qual deu foral el-rei D. Manuel em 1519.

Em Villa Franca do Rosario ha feira annual no ultimo domingo de setembro.

Ao lado da porta da egreja parochial da Enxara do Bispo ha uma lapida com inscripção que mal se póde ler: tem bastante antiguidade e não a vejo mencionada em auctor algum.

ERICEIRA

(5)

Ant.ª V.ª da Ericeira na ant.ª com. de Torres Vedras, de que eram don.os os C. da Ericeira (depois M. do Louriçal).

Em 1840 pertencia esta V.ª ao conc.º da Ericeira, ext.º pelo decreto de 24 de outubro de 1855, pelo qual passou ao de Mafra.

Está sit.ª na costa do oceano. Dista de Mafra duas leguas para O. N. O.

Tem uma só F. da inv. de S. Pedro, cur.º da ap. de uma das conezias da sé de Lisboa.

Hoje é prior.º

Compr.e esta F., além da V.ª, (que já foi cab.ª de um ext.º conc.º), os log.es de Fonte Boa dos Nabos, Outeirinho, Seixal, Casa Nova; e os casaes de Pallas, Abbadia, Moinho de Baixo, Piolho, Portella do Bravo, Leitões.

Carv.º menciona o L. de Fonte Boa dos Nabos na F. de S.to Izidoro, d'este mesmo conc.º de Mafra.

P.	C.	250	
	A.	870	
	E. P.	850	3500
	E. C.		2091

Tem esta V.ª casa de misericordia e hospital, e em 1708 tinha 4 ermidas: Espirito Santo, Nossa Senhora da Boa Viagem, S.ta Martha, S. Sebastião.

O forte da Ericeira sobranceiro á praia foi mandado construir por D. Pedro II, em 1700; acha-se hoje arruinado.

Ainda restam vestigios do antigo palacio dos condes da Ericeira.

No chafariz chamado a fonte do cabo existe uma lapida com inscripção gothica d'onde consta ter sido construido este chafariz em 1457.

A V.ª da Ericeira é hoje uma V.ª mui regular com ruas bem calçadas, uma praça rectangular, com arvoredo e as-

sentos, e gosando-se de varios pontos dilatada vista do oceano.

É saudavel, porém muito combatida dos temporaes: a sua população é pela maior parte de pescadores.

Recolhe alguns cereaes e algum vinho: é abundante de peixe, especialmente pescadas e corvinas, grandes e saborosas.

Tem estação telegraphica.

Tem 3 fontes de boas aguas.

Deu foral a esta V.ª el-rei D. Diniz e lh'o confirmou el-rei D. Manuel, que a doou a seu filho o infante D. Luiz e d'este passou a seu filho D. Antonio, Prior do Crato.

Sendo confiscada ao sobredito D. Antonio, por Filippe II de Castella, que a deu em satisfação de divida a Luiz Alvares de Azevedo, este a deixou a uma filha, religiosa em Odivellas e a abbadessa d'este mosteiro a vendeu depois a D. Diogo de Menezes da casa dos C. da Ericeira, que é ramo da de Cantanhede.

De um d'estes Menezes (a quem os auctores antigos chamam o grande D. Henrique de Menezes) que foi viso-rei da india, falla Camões no canto X, oit. 54 dos *Lusiadas*.

> Outro Menezes logo, cuja idade
> É maior na prudencia que nos annos

Parece ter recebido esta V.ª o seu nome da abundancia de uns mariscos chamados *ouriços*, e antigamente *eiriços;* e um d'estes ouriços se vê no escudo de suas armas em campo branco. (Não consta dos livros dos brazões da Torre do Tombo).

No anno de 1406 ainda o logar da Ericeira não era séde de parochia, e pertencia á freguezia de Mafra. A sua actual egreja, foi edificada no principio do seculo passado.

FANGA DA FÉ

(6)

Ant.ª F. de S. Domingos da Fanga da Fé (o ***D. G. M.*** diz ser o orago d'esta F., Nossa Senhora da Encarnação, não obstante o titulo de S. Domingos; em Carv.º o orago é S. Domingos, e Nossa Senhora da Encarnação é o de uma egreja do L. de Lobagueira, Lobagueira da Encarnação no mappa; na *E. P* é egualmente o orago S. Domingos, mas dá a séde da egreja parochial no L. da Encarnação) cur.º da ap. do prior de Sant'Iago da V.ª de Torres Vedras, no T. da dita V.ª

Em 1840 pertencia esta F. ao conc.º de Torres Vedras. Passou ao conc.º de Mafra pelo decreto de 24 de outubro de 1855.

Está sit.ª a egreja parochial, segundo o mappa topographico, um pouco ao S. do casal de S. Domingos, junto á ribeira de Safarujo, 4^{k} para E. da costa do oceano. Dista de Mafra 12^{k} para N. N. O.

Compr.^{e} esta F. os log.^{es} de Lobagueira (ou Encarnação), Barril, Azenhas, Cambaia, Quintas; os casaes de Estrada, S. Domingos, Caxouça, Fanga da Fé, Galiza, Vallongo, Maias, Sta Suzana (no mappa só vem um forte com este nome), S. Lourenço, Charneca, Barrecide, Areias, Parola, Togeira, Matta, Ameixieira, Serra, Palhaes, Outeiro, Casal Novo, Rabijeira, Romeirão, Torre da Rainha, Niqueira, Marreiras de Baixo, Marreiras de Cima, Covas; e as H. I. de Genetia, Feiteira.

Vem mencionados em Carv.º Azenha dos Tanoeiros, Barril, Galiza e Fanga da Fé.

P.	C.		
	A.	242	
	E. P.	244	1184
	E. C.		1228

GALLÉS

(7)

Ant.ª F. de S.^{to} Estevão das Gallés, cur.º da ap. dos freguezes, no T. de Lisboa.

Em 1840 pertencia esta F. ao T. de Lisboa. Parece que passou ao conc.º dos Olivaes pela instituição do mesmo; e depois ao conc.º de Mafra pelo decreto de 24 de outubro de 1855.

Está sit.º o L. de *Santo Estevão* (parece pelo mappa que ha ali sómente a egreja parochial isolada, e $^1/_2{}^k$ a E. S. E. do L. das Gallés) a O. de Monte Muro, que tem de altura 429^m.

Dista de Mafra duas leguas para E. S. E.

Compr.^{e} esta F. os log.^{es} e casaes seguintes com os fogos indicados:

Log.^{es}—S.^{to} Estevão 7, Gallés 19, Valduge ou Baldojo 15, Avessada 11, Quintas 35, Rugel 60, Ribeira 5, Monte Muro 60, Choutaria 14, Bocal de Cima 9, Bocal de Baixo 12, Azenhas 7, Monfirme ou Monfirre 21, Sta Eulalia ou Sta Olaia 6 (5 pertencem a Almargem do Bispo), Rio Mau 7, Godinheira 7; casaes—Moxarro, da Serra 13, da Abegoaria 6.

P...	C..........	160	
	A..........	313	
	E. P.......	309................	1268
	E. C............................		1386

Esta F. foi desannexada, antes de 1708, da F. de Sta Maria de Loures.

GRADIL

(8)

Ant.ª F. de S. Silvestre do Gradil, cur.º da ap. do collegio de S.^{to} Antão de Lisboa, e depois provavelmente da ap. da Universidade, no T. da V.ª de Torres Vedras.

Em 1840 pertencia esta F. ao conc.º d'Azueira, ext.º pelo

decreto de 24 de outubro de 1855 pelo qual passou ao conc.º de Mafra.

Está sit.º o L. do *Gradil* em mediana elevação, 1^{k} a O. da estr.ª de Lisboa a Torres Vedras. Dista de Mafra 8^{k} para N. E.

Compr.^{e} mais esta F. os log.^{es} de Carpiteira de Baixo, Carpiteira de Cima, Monte do Touro, Picão, Portella do Gradil, Barroca; os casaes de Boa Vista, Serra, Conceição, Silvanes, Telhadouro, Pedra Que Luz (no mappa vem Pedra Cruz que é o nome que ali lhe dão); e as q.^{tas} de Porot das Barras, do João Nunes, do Moraes ou do Desembargador.

Vem mencionados em Carv.º os log.^{es} de Gradil, Monte de Touro de Cima, Monte de Touro de Baixo, Carapiteira de Baixo, Carapiteira de Cima e Telhadouro.

P...	C..........		
	A..........	238	
	E. P........	250...............	898
	E. C............................		864

Segundo o *D. G.* do sr. P. L. foi outr'ora V.ª e teve foral de D. Manuel.

EGREJA NOVA

(9)

Ant.ª F. de Nossa Senhora da Conceição da Egreja Nova, cur.º Annexo á F. de Sta Maria, da V.ª de Cintra, e depois prior.º da ap. da casa da rainha, no T. de Cintra. Hoje é prior.º

Está sit.º o L. da *Egreja Nova*, pelos atalhos 2^{k} e pela estr.ª real uma legua para S. S. E. de Mafra.

Compr.^{e} mais esta F. os log.^{es}, casaes e q.^{tas} seguintes: Casal do Covão, Carapinheira, Juncal, Serra dos Simões, Casa Velha, Alcainça Pequena, Penedo d'Arrifana, Arrifana, Casa Nova, Casa Nova de Cima, Agua Branca, Quinta da Arrifana, Boa Vista, Louriceira, Quinta das Pêgas, Funxal, Moinhos, Granja da Ramada, Azenha do Paço, Paço de Bel-

monte, Covas, Ribeira dos Tostões, Germeleira, Azenha Nova, Lage, Lexim, Raimonda, Peras Pardas, Matta Pequena, Penedo de Lexim, Ramilo, Casal de Rei, Val de Banho, Matta Grande, Lagar do Azeite da Casa, Cabeço dos Cartaxos, Mortal, Alqueidão, Mean, Arneiras (Arroeiras no mappa), Casal da Serra, Bóco, Valverde, Forno, Redondo, Pipo, Casal das Antas, Casal de V.ª Nova, Ventureira, Casal Novo, Casal Velho, Casal do Moinho.

Vem mencionados em Carv.º os log.es de Alcainça Pequena, Penedo d'Arrifana, Arrifana, Louriceira, Funchal, Moinhos, Paço de Belmonte, Raimonda, Mattas, Penedo de Lechim, Cabeça dos Cartaxos, Alqueidão, Amean, Boco, Val-verde.

P...	C............		
	A............	374	
	E. P.........	409............	1496
	E. C.........................		2091

MAFRA

(10)

Ant.ª V.ª de Mafra, na ant.ª com. de Torres Vedras, de que eram don.os os V. de V.ª N. da Cerveira, depois M. de Ponte de Lima.

Hoje é cab.ª do actual conc.º e da actual com. de Mafra.

Está situada em logar alto (237m) duas leguas a E. do Oceano. Dista de Lisboa 8l para N. O.

Tem uma só F. da inv. de S.to André, que era vig.ª da ap. da mitra. Hoje é prior.º

Compr.e esta F., além da V.ª, os log.es de Cabeços, Pinheiro, Paz, Murgeira, Samóqueira, Cachouça, Barreira Alva, Rocheira, Povoas, Boa Vista, Pizão, Casa Nova, Fonte Santa, Bréjo, Amendoeira, Achada, Caeiros, Arrebenta, Casal da Serra, Paul, Relva, Saibreira, Sobreiro, Perra (ou Aldeia da Perra), Gorcinhos, Fontinhas, Zambujal, Casas Velhas, Montes da V.ª, Almada, Ribeira, Monte Godel; os casaes de Vieiro, Paleime, Casalinho, Poço da Serra, Sa-

móqueira de Cima, Azenha, Matto de Cima, Matto de Baixo, Charrededa, Zambujeiro, Amoreira, Casa Nova, Ervideira, Arriota, Mangancha, Pereiro, Callado, Torre, Quinta do Castanho, Lagariça, Val de Carreira, Cortido, Torrebella, Novo, Salgado, Terra da Pedra, Fancaria, Moinho do Alho, Campa, Architecto, Figueira Brava ou Figueira Branca, Villans, Quinta Nova, Querido, Pombal, Vella de Cima, Vella de Baixo, Casaes do Outeiro; e a q.ta d'Arroçada.

Vem mencionados em Carv.º os log.es de Pinheiro, Murgeira, Cachoça, Roxeira, Povoa, Fonte Santa, Caeiros, Sobreiro, Relva, Grocinhos, Azambujal, Almada, Ribeira, Val de Carreira, Monte Gudel, Amoreira, todos na F. de S.to Izidoro que era do T. da V.ª

P...	C..........	200	
	A..........	1066	
	E. P........	1062..............	5380
	E. C.........................		3337

Antes da extincção das ordens religiosas em Portugal, havia n'esta V.ª um conv.º de religiosos arrabidos, da inv. de Nossa Senhora e S.to Antonio, fundado por D. João V em 1717, anno em que o dito soberano lhe lançou a 1.ª pedra, no dia 17 de novembro, em cumprimento de um voto.

O grande numero de auctores que tem feito a descripção d'este monumento nos dispensa de entrar em grandes detalhes que a indole d'este trabalho não comporta; recorra o leitor que pretender noticia mais completa ao *Gabinete Historico* de fr. Claudio da Conceição, ou ao *Archivo Pittoresco*, vol. IV, pag. 113 e seguintes:

A planta geral do edificio é um quadrado de 112 braças de lado.

A fachada principal olha ao poente e é dividida em 3 corpos; ao meio o templo, ao N. a parte chamada residencia do rei, e ao S. a residencia da rainha: estas partes lateraes tem cada uma 4 pavimentos, que rematam espaçosos terraços, e sobre estes se elevam dois magnificos torreões de cantaria lavrada, de 115 palmos de altura sobre os mesmos terraços.

No corpo do centro se eleva o magestoso zimborio e as duas elegantes torres da egreja.

O zimborio, que dizem ser imitação do de S. Pedro em Roma, rematado por uma cruz de bronze e sobresaindo ás duas airosas torres, dá a esta real basilica uma grandiosa e mui singular perspectiva.

Seis magestosas columnas de 40 palmos entre a base e o capitel formam o portico, adornado de 58 estatuas collossaes de marmore, representando santos fundadores ou reformadores de ordens religiosas.

Sustentam as 6 columnas uma espaçosa tribuna de 3 janellas; aos lados da janella central estão as estatuas de S. Domingos e S. Francisco, e por baixo sobre o frontão do portico as de S.ta Clara e S.ta Izabel princeza de Hungria.

Na cimalha sobre uma grande placa oval, de marmore, insculpidas em baixo relevo as imagens da Santissima Virgem e S.to Antonio, oragos do conv.o

As torres que ficam ao lado do grande zimborio, tem cada uma 57 sinos, dispostos em diversos andares, uns para marcarem as horas e quartos e outros para tocarem harmoniosamente, a que chamam *carrilhões*, e se movem por um systema complicadissimo de arames e de martellos, obra maravilhosa, feita em Liège.

O maior de todos estes sinos (o das horas) dizem pesar mais de 700 arrobas!

Entre salas e quartos contam-se n'este babylonico edificio mais de 800 casas e entre portas e janellas mais de 5000.

Temos observado por vezes este formidavel macisso de cantaria, e sempre nos pareceu que observado muito de perto se perdia um pouco a impressão que a certa distancia causa, e pelo contrario afastando-nos do grande terreiro de Mafra, para sitio em que nada nos embarace a vista, como que vae ganhando proporções mais gigantescas.

Merecem tambem ser vistas, a antiga livraria e as alfaias e paramentos da egreja, os quaes são riquissimos pelo feitio e trabalho.

Este immenso e monumental edificio tem dado alojamento ao collegio militar, ao asylo dos filhos dos soldados, e podia ao mesmo tempo aquartellar um corpo de tropa e servir para habitação de toda a familia real.

No seu magnifico templo está hoje a egreja parochial de S.to André.

Tem a V.a casa de misericordia e hospital.

Recolhe de seus arredores abundancia de cereaes, vinho e azeite, hortaliças, frutas e legumes: tem sufficientes gados e muita caça.

Tem estação telegraphica.

Tem feira annual de 3 dias (franca) começando 30 de novembro.

Tem este concelho:

Superficie, em hectares	27083
População, habitantes	22004
Freguezias, segundo a *E. C.*	14
Predios, inscriptos na matriz	20725

El-rei D. Affonso Henriques tomou aos mouros a V.a de Mafra antes de lhes tomar a V.a e castello de Cintra.

Deu-lhe foral el-rei D. Diniz em 1304.

Tambem tem foral novo de D. Manuel, de 1513, segundo o *D. G.* do sr. P. L.

MILHARADO

(11)

Ant.a F. de S. Miguel do Milharado, cur.o da ap. do prior e beneficiados da F. de S. Nicolau de Lisboa, no T. da dita cid.e Hoje é prior.o

Em 1840 pertencia esta F. ao conc.o da Enxara dos Cavalleiros, ext.o pelo decreto de 24 de outubro de 1855, pelo qual passou ao de Mafra.

Está sit.o o L. de *Milharado* 6k para o N. da Cabeça de Montachique. Dista de Mafra 14k para E.

Compr.e mais esta F. os log.es de Tituaria, Roupada ou Roussada, Juromello, Ceiceira Grande, Ceiceira Pequena,

Venda do Pinheiro (só póde ser parte pois tambem vae na F. de Alcainça), Lapa, Charneca, Povoa, Prezinheira, Casaes da Serra, Sobreira, Rolia, dos Calvos, V.ª de Cannas, Ribeira, Cachoeira; e os casaes de Cartaxaria, Mioteira, Ratoeira, Thesoureira, Roferta, Moinho do Rei, Moinho do Carvalho, Val de Fornos, Lages, Semineira, Cruz de João Vaz, Azenha, Maroucinho, Mardinga, Arneiro, Preguiça, Serra d'Além, Coutada, Coutana, Val Grande, Borras, Chão da Choca, Casal da Cruz, Apostolos, Abbade, Alagôa, Pedroso, Outeiro, Guarda, Caixeiros, Mont'outinho; e as q.tas de S. João, Munhoz, Estrangeiro, S.to Antonio, Val de S. Gião, Matta, Povoa, Val Vagão, Velha (hoje casal).

Vem mencionados em Carv.º os log.es de Bituaria, Juromello, Charneca, Povoa da Gallega, Prizinheira, Sobreira, a da Rolia, a dos Calvos, V.ª de Cannas, Ribeira, Caxoeira, Cartexaria, com uma ermida de Nossa Senhora da Victoria.

P...	C...........	310	
	A...........	579	
	E. P.........	604..............	2587
	E. C............................		2687

N'esta F. havia uma albergaria, onde se dava abrigo e sustento a passageiros pobres, por 3 dias.

REGUENGO DA CARVOEIRA

(12)

Ant.ª F. de Nossa Senhora da Luz, segundo Carv.º, Nossa Senhora da Expectação segundo o *D. G. M.* e a *E. P.*, vulgò Nossa Senhora do Porto[1], prior.º da ap. da egreja matriz de S. Pedro de Torres Vedras, segundo Carv.º, cur.º da ap. dos freguezes segundo o *D. G. M.*, no T. da dita V.ª de Torres Vedras.

Em 1840 pertencia esta F. ao conc.º da Ericeira, ext.º

[1] No *D. C.* do sr. Bettencourt, vem Nossa Senhora do Ó do Porto.

pelo decreto de 24 de outubro de 1855, pelo qual passou ao de Mafra.

Está sit.º o L. da *Carvoeira* proximo ao rio de Cheleiros, 1 $^{1}/_{2}{}^{k}$ a E. do Oceano. Dista de Mafra 6^{k} para O.

Compr.^{e} mais esta F. os log.^{es} de Barril de Baixo, Barril de Cima, Val Bom, Pobral, Urzal, Baleia, Lapa da Serra, Cazalinho, Fonte Boa da Brincosa.

Vem mencionado em Carv.º o L. da Carvoeira.

P...	C..........		
	A..........	177	
	E. P.......	177...............	880
	E. C.........................		634

SANTO IZIDORO

(13)

Ant.ª F. de S.^{to} Izidoro, cur.º da ap. dos freguezes, no T. de Mafra.

Está sit.º o L. de *Figueiredo* séde da egreja parochial, sobre a ribeira do Cuco, 2^{k} a E. da costa do Oceano. Dista de Mafra duas leguas para N. O.

Compr.^{e} esta F. os log.^{es} de Adro da Egreja, Carcavellos, Paço ou Paço de Ilhas, Ribamar, Marvão, Arneiro, Lagôa, Boa Vista, Feteira, Portella, Safaruja, Penegache, Picanceira, Pucariça, Moinho, Pedra Amassada, Quinta Nova, Conceição, Monte Bom, Caneira, Casaes, Gamenha, Bairro Alto, Junqueiros; os casaes e H. I. de Ribeira, Palhaes, Marinha, Piolho, Casal da Cruz, Val de Moreira, Rozario, Serra da Picanceira, Val Grande, Mogos, Monte Gudel de Cima, Monte Gudel de Baixo, Bracial, Muxarro, Carrasqueira de Cima, Carrasqueira de Baixo, Serra e Carido; e as q.^{tas} de Chãos, Serra da Picanceira.

Vem mencionados em Carv.º os log.^{es} de Figueiredo, Picanceira, Penagache, Alagôa, Ribamar de Cima, Ribamar de Baixo, e muitos casaes.

P. . .	C.	160	
	A.	335	
	E. P.	380.	1436
	E. C.		1470

A esta F. chamavam antigamente *as Ilhas.*

SOBRAL DA ABELHEIRA

(14)

Ant.ª F. de Nossa Senhora da Oliveira do Sobral, cur.º da ap. do prior de S. Pedro da V.ª de Torres Vedras, no T. da dita V.ª

Em 1840 pertencia esta F. ao conc.º d'Azueira, ext.º pelo decreto de 24 de outubro de 1855, pelo qual passou ao de Mafra.

Está sit.º o L. do *Sobral d'Abelheira* (a egreja parochial está, segundo o mappa topographico, $^1/_2{}^k$ para o S. do L.) proximo á ribeira de Safarujo. Dista de Mafra 8^k para o N.

Compr.ᵉ mais esta F. os log.ᵉˢ de Monte Gordo, Chanca, Lambedeira, Codeçal, os casaes de Malhado, Remendinho, Ulmeirinho, Pereiro, Portella da Cruz, Romã, Motta, S. Pedro do Rapozeiro, Mosqueiro, Amarellos, Canto do Muro; e as q.ᵗᵃˢ de Abelheira, Fanqueiro, Abrigueiros e Borraz.

Vem mencionados em Carv.º os log.ᵉˢ de Sobral, Codeçal, Chanca, Monte Gordo, Mosqueiro: e no *D. G. M.* os de Sambodeira e Portella.

P. . .	C.		
	A.	253	
	E. P.	262.	1035
	E. C.		969

Proximo ao L. do Sobral ha nascente de agua ferrea.

CONCELHO DA MOITA

(s)

PATRIARCHADO

COMARCA DE ALDEIA GALLEGA

ALHOS VEDROS

(1)

Ant.ª V.ª de Alhos Vedros na ant.ª com. de Setubal. Don.º a ordem de Sant'Iago.

Em 1840 pertencia esta V.ª ao conc.º de Alhos Vedros, ext.º pelo decreto de 24 de outubro de 1855, pelo qual passou ao do Barreiro; e depois ao da Moita, restabelecido por decreto de 18 de setembro de 1861.

Está sit.ª em planicie arenosa, proximo e ao N. da estação do C. de ferro do S. e S. E. denominada de Alhos Vedros, que é a 2.ª da linha do Barreiro ao Pinhal Novo (entroncamento das duas linhas do S. e S. E.) Dista da Moita 3^{k} para O.

Tem uma só F. da inv. de S. Lourenço, prior.º que era comm.ª da ordem de Sant'Iago e da ap. da mesma ordem. Esta egreja foi antigamente matriz das FF. da Moita, Palhaes, Telha e Lavradio. Desde 1833 lhe está annexa a F. de S.^{to} André da Telha.

Compr.º a F. de S. Lourenço, além da V.ª, o L. de Telha (segundo o mappa topographico são apenas dois casaes); varios casaes isolados nos sitios de Arroteias, Cabeço Verde, Rego d'Agua, Brejos, Barra Cheia, ao todo 167; e 32 q.^{tas} com cazeiros. Os nomes d'estas q.^{tas} não constam da *E. P.* nem se vêem no mappa.

P...	C...........	200	
	A...........	232	
	E. P.........	320.............	1192
	E. C.........................		1334

Recolhe cereaes, muito vinho, hortaliças e frutas; tem abundancia de gado, caça, peixe e lenha.

Deu-lhe foral el-rei D. Manuel em 1514.

MOITA

(2)

Ant.ª V.ª da Moita, na ant.ª com. de Setubal.

Hoje é cab.ª do actual conc.º da Moita.

O conc.º da Moita foi annexado ao do Barreiro pelo decreto de 24 de outubro de 1855 e depois restabelecido pelo decreto de 18 de setembro de 1861.

Está sit.ª ao fim de um esteiro do Tejo, navegavel em maré cheia. Dista de Lisboa 2 $^1/_2$ ^{1} para E. S. E.

Tem uma só F. da inv. de Nossa Senhora da Boa Viagem, que era cur.º da ap. dos freguezes.

Compr.ᵉ esta F., além da V.ª, os log.ᵉˢ de Romirinho, Sarilhos Pequenos; a q.ᵗᵃ do Esteiro Furado; e diversos casaes sem nomes especiaes, nos sitios dos Brejos, Cavallinho, Abreu, Broéga, Chão Duro, Alto do Rozario.

Menciona Carv.º os log.ᵉˢ de Sarilhos Pequenos (com 50 fogos e uma ermida de S. Pedro); Esteiro Furado, com uma boa q.ᵗᵃ e uma ermida de S. Geraldo; Nossa Senhora do Rozario, com 7 fogos e uma ermida que fundou Cosme Bernardes de Macedo em 1532, com a inv. de S. João Evangelista, e que depois tomou a de Nossa Senhora do Rozario, provavelmente na reedificação da ermida.

P...	C..........	170	
	A	532	
	E. P.......	602...............	2306
	E. C.........................		3070

Recolhe cereaes, hortaliças, legumes, frutas, muito vinho, e tem abundancia de gado, caça, lenha e peixe.

A estação do C. de ferro do S. e S. E. denominada da Moita, fica 1^{k} ao S. da V.ª; é a 3.ª da linha do Barreiro ao Pinhal Novo (entroncamento das duas linhas do S. e S. E.)

Tem feira annual de 3 dias, começando no 1.º domingo de setembro.

Tem este concelho:

Superficie, em hectares....................	4344
População, habitantes.....................	4404
Freguezias, segundo a *E. C*.......	2
Predios, inscriptos na matriz..............	1182

D. Pedro II elevou o L. da Moita á cathegoria de V.ª e a doou ao C. de Alvor, vice rei da India.

CONCELHO DE OEIRAS

(t)

PATRIARCHADO

COMARCA DE LISBOA

BARCARENA

(1)

Ant.ª F. de S. Pedro de Barcarena, cur.º da ap. do prior de S. Martinho de Lisboa, no T. da dita cid.ᵉ Foi depois vig.ª e hoje é prior.º

Em 1840 pertencia esta F. ao conc.º de Bellas, ext.º pelo decreto de 24 de outubro de 1855, pelo qual passou ao conc.º de Oeiras.

Está sit.º o L. de *Barcarena* sobre a ribeira de Barcarena ou d'Agualva. Dista de Oeiras 6ᵏ para N. E.

Compr.ᵉ mais esta F. os log.ᵉˢ, casaes e q.ᵗᵃˢ seguintes: Ribeira de Cima, Ribeira de Baixo, Leceia, Leião, S. Miguel da Serra, Tercena, Queluz de Baixo, Vallejas, Casal de Cabanas, Casal da Serra de Vallejas, Quinta de Santa Barbara, Quintinha, Quinta da Rainha, Ribeira do Caruncho.

Vem mencionados em Carv.º os log.ᵉˢ de Barcarena com 50 fogos e uma ermida de S. Sebastião, Ribeira de Baixo com 15 fogos muitas q.ᵗᵃˢ e moinhos, Ribeira de Cima com 200 e muitas q.ᵗᵃˢ, Leceia com 22, Leão com 18 e uma ermida de Nossa Senhora, Serra com 20 e uma ermida de S.ᵗᵒ Antonio, Queluz de Baixo com 15, Caruncho e Ribeira com

12 e boas azenhas, Vallejas com 20 e uma ermida de S. Bento.

P...	C..........		
	A..........	392	
	E. P........	357.............	1257
	E. C........................		1355

N'esta F. está sit.^{a} a grande fabrica da polvora, cujas primeiras officinas datam do reinado de D. Manuel. Teve depois melhoramentos em diversas épocas; foi reedificada em 1729 por Antonio Cramer. Em 1774 houve uma grande explosão e foi novamente reedificada por Bartholomeu da Costa. Em 1805 houve outra horrivel explosão que arruinou metade do edificio e fez muitas victimas. Em 1862 houve ainda outra explosão, mas que não causou grande ruina ao edificio; de sorte que vem a ser 3 as que se contam d'esta fabrica, não fallando em outra que foi consequencia da de 1805 e teve logar nos trabalhos de desentulho.

Emprega diariamente mais de 80 operarios, e produz annualmente, perto de 12000 arrobas de polvora, cuja venda produz para o estado um lucro médio de 20 por cento.

O motor de todas as machinas da fabrica é a agua da ribeira de Barcarena ou d'Agualva.

BARRA

(2)

Ant.^{a} F. de Sta Barbara, capellania cur.^{o} da ap. da mesa da consciencia, na fortaleza de S. Julião da Barra.

Hoje o orago d'esta F. é Nossa Senhora da Conceição.

Está sit.^{a} a Torre (Praça ou Fortaleza) de S. Julião da Barra, na foz do Tejo, onde termina a m. d. d'este rio, olhando ao oceano e ao grande porto de Lisboa. Dista de Oeiras 2^{k} para S. O.

Compr.^{e} esta F. unicamente a Praça, e a sua população varia segundo o numero dos presos e a força da guarnição.

P...	C...........	120	
	A...........	27	
	E. P........	21...............	141
	E. C...........................		156

A fortificação d'esta localidade começou no reinado de D. João III, augmentou durante a regencia da menoridade de D. Sebastião, e sobretudo no intruso dominio de Filippe II em que se deu principio ao revelim, que depois se concluiu no reinado de D. João IV, ampliando-se tambem o recinto da Praça para o lado do Sul.

Tem 5 baluartes irregulares, um revelim para o lado da terra, e uma grande bateria rasante para o lado do mar.

Na torre de S. Julião ha estação telegraphica.

CARCAVELLOS

(3)

Ant.ª F. de Nossa Senhora dos Remedios, cur.º da ap. dos freguezes no T. da V.ª de Cascaes. Don.º o M. de Cascaes.

Está sit.º o L. de *Carcavellos* em planicie alegre e vistosa, 1 ½ᵏ para o N. do oceano. Dista de Oeiras 2ᵏ para O.

Compr.ᵉ esta F., além do L. de Carcavellos, 12 q.ᵗᵃˢ de que as principaes são: a do C. da Lapa, com boa casa e jardim; e a do Morgado d'Alagoa, que tem grande palacio de 4 frentes, uma para o pateo onde conduz extensa alameda, duas para a q.ᵗᵃ e a quarta para o jardim, ficando voltada para o oceano. Enfeitam este palacio dois bellos torreões com extensa vista. Tem grandes e ricas salas e ali ia muitas vezes almoçar el-rei D. José quando fazia uso dos banhos do Estoril.

A q.ᵗᵃ chegou a produzir em annos de boa colheita 500 pipas de generoso vinho.

P...	C...........	160	
	A..........	61	
	E. P........	55...............	216
	E. C...........................		210

Recolhe esta F. alguns cereaes, hortaliças, legumes, e boas frutas; porém a sua maior colheita é do famoso vinho conhecido em todo o mundo com o proprio nome de *Carcavellos*.

A molestia das vinhas arruinou este seu importante ramo de commercio e ainda hoje não exporta a decima parte do que em antigos tempos exportava.

CARNAXIDE

(4)

Ant.ª F. de S. Romão de Carnaxide, cur.º da ap. do prior de S.ᵗᵃ Cruz do Castello, de Lisboa, no T. da dita cidade. Hoje é prior.º

Está sit.º o L. de *Carnaxide*, entre montes pouco levantados, que formam lindos valles regados pelas ribeiras de Jamor e de Argeis. Dista da m. d. do Tejo 3 k para o N. e da V.ª de Oeiras 7 k para E. N. E.

Compr.ᵉ esta F. os seguintes log.ᵉˢ com os fogos que lhes vão indicados:

Carnaxide 160, Linda a Pastora 150, Linda a Velha 70,

Quejas 40, Praias 130, Portella 20, Outorella 40, fogos dispersos 30.

Já era F. em 1266.

P...	C..........		
	A...........	612	
	E. P........	660...............	2260
	E. C...........................		2059

Vem mencionados em Carv.º os log.ᵉˢ de S. Romão com 60 fogos e muitas q.ᵗᵃˢ; Jamor (por onde passa a ribeira d'este nome) com 18; Ninha a Pastora com 40, uma ermida de S. João Baptista e 2 q.ᵗᵃˢ; Ninha a Velha com 25 e uma q.ᵗᵃ; Queixas com 18, Outorella com 12 e duas q.ᵗᵃˢ

Recolhe esta F. cereaes, hortaliças, legumes, frutas, e muito vinho.

Tem excellentes aguas e ares muito saudaveis.

Nas visinhanças do L. de Carnaxide, em uma gruta de

rocha, banhada pela ribeira de Jamor, foi descoberta a imagem de Nossa Senhora, bem conhecida em Lisboa, com a inv. de Nossa Senhora da Conceição da Rocha.

A imagem é pequenina e de barro; pouco depois da sua apparição foi transferida para a sé cathedral: na rocha onde appareceu se começaram obras para a construcção de uma egreja, mas depois pararam e por ordem do governo se tapou a gruta com um muro de alvenaria.

OEIRAS

(5)

Ant.ª F. de Nossa Senhora da Apresentação, segundo Carv.º, Nossa Senhora da Purificação na *E. P.*, cur.º da ap. do prior e beneficiados de S. Lourenço de Lisboa, no L. de Oeiras que era do T. da dita cid.^{e} Hoje é prior.º e egreja parochial da actual V.ª de Oeiras, cab.ª do actual conc.º de Oeiras.

Está sit.ª esta V.ª em terreno plano, e pelo meio lhe passa a ribeira de Oeiras, chamada em seu começo Rio de Mouro, sobre a qual tem nobre ponte de cantaria, que dividia antigamente o T. de Lisboa do T. de Cascaes; fica a V.ª $^{1}/_{2}{}^{k}$ para N. N. O. da m. d. do Tejo, e dista de Lisboa 16^{k} para O.

Tem uma só F.. que é a supramencionada, a qual compr.^{e}, alem da V.ª, 13 log.^{os}, 6 casaes e 10 q.^{tas} e H. I. Não vem mencionados os nomes na *E. P*, nem constam do mappa topographico, senão em pequeno numero, que ainda assim não temos certesa de pertencerem a esta F.

Vem mencionados em Carv.º os log.^{es} do Espragal com 6 fogos e uma fonte; Espargueira com 3; Paço d'Arcos com 35, um forte, uma ermida do Bom Jesus dos Mareantes e duas grandes q.^{tas}; Laveiras, por onde passa um rio que tem uma ponte de um só arco, e proximo está o forte de S. Bruno, e da parte do oriente o conv.º dos Cartuxos de S. Bruno, fundação de D. Simôa, no anno de 1598; Murgulhal com 12 fogos, uma ermida de S. João Baptista,

muitos moinhos e uma grande q.ta que chamam o *Jardim;* Terrugem com 15 fogos e uma q.ta com sua ermida que pertence aos V. de Fonte Arcada; Torneiro com 5 fogos e 3 q.tas; Villa fria com 20 fogos e uma q.ta; Porto Salvo com 40 fogos e uma ermida de Nossa Senhora no meio de um rocio, com dnas q.tas e outra q.ta muito grande que chamam a *quintã,* com uma ermida do Bom Jesus; Cacilhas com 10 fogos e uma ermida de S. Pedro; Lage com 4 fogos e uma q.ta com seus moinhos, e outra que chamam o Barril, com uma ermida de S. Bortholomeu; Ceirogato com 10 fogos e uma q.ta que chamam do Goilão; Arieiro com 3 fogos; e mais adiante o casal da Medrosa, e a Feitoria de S. Geão com 4 fogos e uma ermida.

Além d'estes log.es, tinha mais, segundo diz o dito auctor as q.tas de Manuel da Costa Calheiros, com uma ermida de S. José; a de Duarte de Castro do Rio, com uma ermida de Nossa Senhora da Conceição; a de Nossa Senhora do Egypto; e mais 9 q.tas sem nomes especiaes.

P...	C.........	300	
	A.........	638	
	E. P.	720................	2451
	E. C..........................		2457

Paço d'Arcos tem estação telegraphica; é um L. hoje muito populoso e com magnificas propriedades.

O L. de Oeiras foi elevado á categoria de V.a por el-rei D. José: alvará de 7 de junho de 1759, e do dia anterior é o decreto que lhe dá o titulo de condado na pessoa de Sebastião José de Carvalho e Mello, secretario de estado do mesmo soberano.

Segundo o *D. G.* do sr. P. L. tem foral de D. Josè, datado de 25 de setembro de 1760.

N'esta F. e logo á saída da V.a para o lado de S. Julião da Barra, se vêem as duas q.tas do M. de Pombal, separadas pela estrada; na que fica para o S. está o magnifico palacio que encerrava bellezas e preciosidades ds toda a ordem.

Hoje as q.tas estão muito deterioradas, mas ainda são dignas de serem visitadas pelos curiosos.

Oeiras tem feira annual no 4.° domingo de outubro e no domingo seguinte.

Tem este concelho:

Superficie, em hectares	5366
População, habitantes	6237
Freguezias, segundo a *E. C.*	5
Predios, inscriptos na matriz	3227

CONCELHO DOS OLIVAES

(u)

PATRIARCHADO

COMARCA DE LISBOA

AMEIXOEIRA

(1)

Ant.ª F. de Nossa Senhora da Encarnação (que antigamente se chamou do Funchal, por ter apparecido a imagem da Senhora entre uns funchaes) cur.º da ap. do prior da F. do Lumiar, mas que passou depois a ser da ap. da irmandade do santissimo da mesma F. da Encarnação, no L. da Ameixoeira, no T. de Lisboa.

Em 1840 pertencia esta F. ao T. de Lisboa. Passou ao conc.º dos Olivaes pela instituição d'este conc.º (Veja-se Olivaes).

Está sit.º o L. da *Ameixoeira* 9^{k} a N. N. O. de Lisboa, (Terreiro do Paço) em terreno elevado, alegre e de mui bella vista.

Dista dos Olivaes 6^{k} para O. N. O.

Compr.^{e} mais esta F. 16 q.^{tas}, uma d'ellas sem nome especial, e bastante isolada.

As que tem nomes são: Serpa e Quinta Nova, do Ministro, da Castelhana, de S. Bento e do Murta, de S.^{to} Antonio pertencente ao sr. D. Domingos, de S. Gonçalo de Amarante, do Reitor, do Letrado, de Sant'Anna, dos Cantaros, do Cerco, do Loureiro e do Brazileiro.

P...	C.........	100	
	A.........	56	
	E. P.......	52...............	214
	E. C...........................		205

A egreja parochial d'esta F. foi edificada anteriormente ao anno de 1500 e instituida parochia em 1535, em que parece mudou a inv. da Senhora para o titulo do orago. Foi reedificada a egreja em 1664, concorrendo para a obra D. Pedro II, então regente, e o C. de Vimioso.

Adornam esta egreja alguns paineis do pincel do nosso habil artista Bento Coelho.

Menciona J. B. de Castro as ermidas de S.^{to} Antonio na q.^{ta} de Manuel de Foios de Sousa, a de S. Bento na q.^{ta} do dr. Antonio Falcão de Serpa Souto Maior, a de S. Gonçalo de Amarante na q.^{ta} do Cosmographo Mór do Reino, Luiz Francisco Pimentel, e menciona tambem uma albergaria ou hospital para peregrinos, administrada pela confraria de Nossa Senhora.

Recolhe esta F. cereaes, hortaliças, legumes, frutas, vinho e azeite: tem abundancia de gado e alguma caça miuda.

Tem boas aguas.

É das freguezia mais saudaveis dos arredores de Lisboa.

Foram estes sitios muito habitados no tempo dos romanos como bem o provam os cippos e inscripções romanas que se tem encontrado, uma das quaes achada em 1720, vem transcripta no *D. G.* de Cardoso.

Almeida no *D. C.*, falla em duas, uma encontrada no olival da Varzea d'Ameixoeira e outra na azinhaga de Sta Suzana, gravadas em dois cippos de pedra.

APPELAÇÃO

(2)

Ant.^{a} F. de Nossa Senhora da Encarnação, cur.^{o} da ap. *ad nutum* dos Mascarenhas (descendentes dos fundadores da egreja, Bartholomeu de Oliveira Botelho, que ali jaz se-

pultado com sua mulher Anna de Chaves Correia), no L. da Appellação, do T. de Lisboa.

Em 1840 pertencia esta F. ao T. de Lisboa. Passou ao conc.º dos Olivaes pela instituição d'este conc.º (Veja-se Olivaes.

Está sit.º o L. da *Appellação* em uma baixa, cercado de montes.

Dista dos Olivaes 7 k para N. N. O.

Compr.e mais esta F. as q.tas da Roma, de S. Jorge, dos Fartos e de S.to Amaro.

P...	C.	50	
	A.	63	
	E. P.	65	 284
	E. C.		283

A egreja é fundação de 1594[1] e foi instituida a parochia em 1595; antes pertenciam os freguezes á F. de Unhos.

Menciona J. B. de Castro as ermidas de S.to Amaro, na q.ta de Antonio de Abreu do Rego e a de S.to Antonio na q.ta de D. Ursula Pinheiro de Azevedo.

Recolhe cereaes, algum vinho e azeite.

O sitio d'esta F. é ameno e agradavel.

Segundo o *D. G.* do sr. P. L. era reguengo da casa de Bragança.

Em occasião de horrivel epidemia em Lisboa, e terras circumvisinhas, diz o mesmo *D. G.*, esta F. era a mais poupada pelo flagello, e por isso dizia o povo fugindo para ali, *appellamos para Nossa Senhora da Encarnação;* e d'ahi lhe proveiu o titulo de *Appellação.*

ARROIOS (S. JORGE DE)

EXTRA-MUROS

(3)

A parte da F. de S. Jorge de Arroios que fica extra-mu-

[1] Foi porém reedificada em época mui posterior.

ros da linha de circumvolução da cidade de Lisboa, e que hoje pertence ao conc.º dos Olivaes para os effeitos civis; em 1840 pertencia para todos os effeitos á mesma F. de S. Jorge de Arroios, do segundo julgado da capital. Passou esta parte da parochia ao dito conc.º dos Olivaes pela sua instituição. (Veja-se Olivaes)

Compr.ᵉ os casaes, Vistoso, Fonte do Louro, da q.ᵗᵃ do Pina, do Ramalhete e 40 q.ᵗᵃˢ a maior parte das quaes não tem nomes especiaes que as designem [1].

P... { C.........
A......... 98
E. P. (vem junta toda a população da F.)
E. C.......................... 527 }

BEATO

(4)

Ant.ª F. de S. Bartholomeu, vig.ª da ap. do reitor do conv.º de S.ᵗᵒ Eloi (vulgò dos Loios) na cid.ᵉ de Lisboa.

Em 1840 pertencia a F. de S. Bartholomeu de Xabregas ao 1.º julgado da cid.ᵉ de Lisboa. Passou ao conc.º dos Olivaes pela instituição do mesmo conc.º (Veja-se Olivaes).

Esta F. era das mui antigas de Lisboa, pois se sabe com certeza que já existia em 1168: é uma das mencionadas no *Summario* de C. R. de Oliveira com 596 habitantes.

Estava sit.ª no mais alto da cid.ᵉ, proximo ao castello de S. Jorge, da parte do S., e havia um passadiço da egreja para os paços reaes de Alcaçova.

Destruida a egreja pelo terremoto de 1755, foi o parocho estabelecer a F. no sitio do Cardal da Graça, em uma pequena barraca de madeira e depois passou, por ordem do governo, para a egreja de S. Bento dos Loios, vulgo do Beato Antonio.

Pela extincção das ordens religiosas em Portugal foi trans-

[1] Por decreto de 23 de janeiro de 1871 ficou pertencendo a esta F. a Quinta da Palmeira na estr.ª do Arco do Cego.

ferida para o templo do conv.º de Nossa Senhora da Conceição do Monte Olivete, que era de Agostinhos descalços, conhecido entre o vulgo pelo nome de conv.º dos *Grillos*, por estar no sitio do *Grillo*, assim como tambem chamavam most.º das *Grillas* ao de religiosas da mesma ordem e no mesmo sitio.

Está sit.ª a egreja parochial de S. Barthomeu no sitio do Grillo, á esquerda da estr.ª de Lisboa aos Olivaes. Dista dos Olivaes 4k para o S.

Compr.e esta F. os log.es, casaes e q.tas seguintes:

Beato ou Beato Antonio, Chellas, Casas Novas; os casaes do Manteigueiro, da Ilha; e as q.tas dos Pintores, Veigas, S.ta Philomena, Ourives, Conchas, Salgada, Machados, Regueirão, S.ta Catharina, Madeira, S.to Antonio, Propheta, Pinheiro, Carrascal, Sol, Bulhão, Loureiro, Aguias, Ladeira, Embrexado, Olaias, Monte Coxo, Chuchadeiro, Padres Vicentes, Fonte do Louro, Conceição no Alto do Pina, Conceição em Chellas.

Pertence tambem a esta F. o palacio e q.ta que foram da casa de Lafões, e a q.ta da Mitra, hoje propriedade do marquez de Salamanca[1].

P...	C.	80	
	A.	507	
	E. P.	540	2040
	E. C.		2408

No antigo districto d'esta F. havia o conv.º de S.to Eloi, de conegos seculares de S. João Evangelista (vulgarmente chamados Loios) fundado em 1284 ou 1286, e destruido completamente pelo terremoto de 1755; depois, aproveitando-se e reparando-se, estabeleceu-se ali uma estação de policia e serve actualmente de quartel da 5.ª companhia de infanteria da guarda municipal de Lisboa.

Tambem no mesmo districto antigo houve um seminario fundado pelo cardeal infante D. Henrique, quando ar-

[1] O *D. G.* do sr. P. L. menciona mais a Quintinha, propriedade do sr. Mattos Moreira, onde está a escola Casal Ribeiro.

cebispo de Lisboa, com a inv. de S.ta Catharina, o qual se arruinou muito pelo terremoto, e reparado depois, serviu de recolhimento de algumas senhoras piedosas que mais tarde vieram a ser religiosas professas do mosteiro de Sant'Anna.

No actual districto da F. havia, antes da extincção das ordens religiosas, outro convento da mesma congregação de S.to Eloi, com a inv. de S. Bento, chamado vulgarmente o convento de S. Bento dos Loios, fundado em 1455, reedificado em 1600, e que foi cab.a da dita congregação.

A reconstrucção do convento foi devida ao zelo e santidade de um dos conegos, o padre Antonio da Conceição, que obteve para isso numerosas e grandiosas esmolas; e tal era a fama de suas virtudes, que logo depois do seu fallecimento o povo lhe chamou Beato Antonio, o que depois foi confirmado pela bulla de beatificação.

O mesmo nome de Beato Antonio, conferiu o vulgo ao conv.o e ao sitio adjacente, que antigamente era favorito passeio da gente de Lisboa.

Tinha este conv.o uma notavel livraria de 10000 volumes, e uma escada conventual magnifica, toda de marmore branco e côr de rosa, e guarnecida de balaustrada com estatuas.

Pouco depois do terremoto de 1755, estabeleceu-se, como já dissemos, na egreja d'este conv.o a séde parochial de S. Bartholomeu de Lisboa, que em 1834 foi transferida para o ext.o conv.o de Nossa Senhora da Conceição do Monte Olivete.

O templo do ant.o conv.o de S. Bento dos Loios, riquissimo de obras d'arte, de preciosas alfaias e de memorias historicas, foi então profanado, suas primorosas molduras de obra de talha arrancadas, ficando as paredes nuas, as capellinhas da cerca que constituiam o celebre *embrexado* despojadas de seus bellos mosaicos, e arruinada tambem a capella ou gruta em que estava representado em figuras ao natural o passamento do Beato Antonio.

O edificio passou a servir de hospital militar, e algum

tempo depois foi vendido, e tem servido successivamente para differentes officinas.

O conv.º de S.ta Maria de Jesus de Xabregas, da ordem de S. Francisco da provincia dos Algarves, fundado em 1460 por D. Guiomar de Castro, mulher do 1.º C. d'Atouguia, no local em que tinham existido os paços de *Enxobregas*, edificados no reinado de D. Affonso III e incendiados pelos castelhanos quando levantaram o cerco de Lisboa no reinado d'el-rei D. Fernando, e doados, quando já em ruinas, por D. Affonso V á dita D. Guiomar.

O conv.º soffreu estragos pelo terremoto e foi depois reconstruido. A peça mais notavel e que mais atraía ali as visitas do povo da capital era o seu calvario, com grandes figuras em vulto, representando aquelle passo.

Em 1834 sendo ext.º o conv.º, estabeleceu-se depois no edificio, em 1838, a companhia lisbonense de fiação e tecidos de algodão.

Hoje é propriedade da companhia da fabrica de tabacos de Xabregas, como já dissemos.

Mui proximo d'esta fabrica devem os curiosos observar a pequena fonte chamada da Samaritana, por ter em relevo as figuras que entram n'aquelle bello quadro do Evangelho. Foi construida por mandado da rainha D. Leonor, ao mesmo tempo que se construiu o conv.º da Madre de Deus.

O conv.º de Nossa Senhora da Conceição do Monte Olivete, de religiosos Agostinhos descalços, fundado pela rainha D. Luiza, mulher de D. João IV, em 1663, no sitio do Grillo, do lado esquerdo da estr.ª de Lisboa aos Olivaes.

Em 1683 foi arruinada a egreja e parte do conv.º por um grande incendio e reconstruida pouco depois.

Pela extincção das ordens religiosas em Portugal, foi transferida para ali a F. de S. Bartholomeu como já dissemos.

O templo é pequeno e sem coisa alguma notavel.

Compr.e egualmente o actual districto d'esta F. os seguintes most.os

Nossa Senhora da Conceição de religiosas Agostinhas descalças, fundado pela dita rainha D. Luiza em 1663 no mesmo sitio do Grillo, mas do lado direito da estrada.

N'este most.º se recolheu a real fundadora, apenas entregou a seu filho D. Affonso VI o governo do reino, e ali falleceu e tem seu jazigo em rico mausoleu de marmore lavrado.

S. Felix e S.to Adrião, unico most.º em o nosso reino de conegas regrantes de S.to Agostinho, fundado em 1192, segundo parece, para conv.º de religiosos cuja ordem se ignora, mas que em 1271 já pertencia ás conegas regrantes, ou a dominicanas, segundo alguns auctores pretendem. A egreja foi ampliada e melhorada em 1690, e reparada depois do terremoto dos estragos que este lhe causou.

Grande é a antiguidade que os nossos auctores attribuem a este edificio, pois querem fosse em tempo dos romanos templo dedicado a Vesta, habitado e servido por vestaes, arruinado depois pela invasão dos povos do N.; que n'este estado de ruina, e já habitado o sitio por christãos, aportassem ali as reliquias de S. Felix, por isso que o Tejo, n'esses tempos, entrava desafrontadamente pelo valle e banhava os muros do templo.

Que mais tarde, tomada Lisboa aos mouros por D. Affonso III de Leão, doou este ao conv.º ou most.º de S. Felix, as reliquias de S.to Adrião e de outros santos martyres, e então se ficou chamando de S. Felix e S.to Adrião.

Algumas inscripções apresentam os mesmos auctores para comprovar o que deixamos dito; porém da autenticidade das inscripções romanas que transcrevem ha razões para duvidar, e o dr. Hübner, tantas vezes citado, só affirma que em Chellas se encontrou a lapida de um tumulo christão que tem a era de 644.

Dos most.os de Nossa Senhora Madre de Deus e de Santos o Novo já fallámos na descripção de Lisboa (F. de S.ta Engracia), ambos pertencem hoje ao districto d'esta F. de S. Bartholomeu do Beato.

O valle de Chellas, começa na margem do Tejo, no ter-

reno plano que fica entre o most.º da Madre de Deus e a fabrica de tabacos de Xabregas, seguindo em direcção geral para o N.: é todo cultivado, tem boas hortas e olivaes, entremeados de casas de campo, sitio ameno e fresco, que provê de hortaliças a parte oriental da cidade.

Pertencem tambem ao districto actual d'esta F.: o palacio dos D. de Lafões no sitio do Grillo, com uma ermida de Nossa Senhora da Piedade, começado no seculo passado, e que não chegou a concluir-se, a q.ta com bonitos jardins e copados arvoredos é cortada pelo caminho de ferro na extremidade do norte. O arruinado palacio do M. de Olhão logo adiante e do mesmo lado da fabrica de tabacos. O lado opposto da estrada é guarnecido por uma fileira d'arvores ao correr do muro sobre o Tejo, o qual muro finda em um desembarcadouro contiguo ao palacio de D. Gastão, com a ermida de Nossa Senhora do Rosario da Restauração, edificada em cumprimento de um voto de D. Gastão Coutinho da Camara, pela restauração da praça de Cascaes, tomada aos castelhanos em 1644.

Maís adiante caminhando para Lisboa está o antigo palacio dos M. de Niza, no qual edificio, como já dissemos, está o excellente asylo para velhos invalidos, que se deve ao bondoso coração da nossa augusta soberana a senhora D. Maria Pia.

BUCELLAS

(5)

Ant.ª F. de Nossa Senhora da Purificação no L. de Bucellas prior.º da ap., primeiro da corôa, depois da casa dos C. da Castanheira e finalmente da casa do infantado, no T. de Lisboa.

Em 1840 pertencia esta F. ao T. de Lisboa. Passou ao conc.º dos Olivaes pela instituição do mesmo conc.º (Veja-se Olivaes)

Está sit.º o L. de *Bucellas* em terreno plano entre duas serras d'onde brotam varias fontes que formam uma pequena ribeira, que ali chamam *Rio Grande* (Trancão), que

vae entrar no rio de Sacavem. Dista dos Olivaes 18^{k} para o N.

Compr.^{e} mais esta F. os log.^{es} de Freixial, Chamboeira, Serra de Alrota, Bemposta, Villa de Rei, Charneca, Romeira, Villa Nova; os casaes de Torre de Baixo, Torre do Meio, Torre de Cima, Picoto, Serra, Novo, Matto da Cruz, Calhandra, da Cruz, Val Verde, Condado, Boa Vista, Loiro, Boição, do Guedes, Aldeia Velha, do Fernandes, Dona Senhora, Galvões, Fabrica, Cajada, do Lombo, da Ribeira do Bom Nome, do Varatojo, do Avellar, do Arpee, Moça Navia; e as q.^{tas} de Casalinho, Furadouro, Fabrica, Arrotéa, Avellar, Castello Melhor, Duque de Lafões, Barão da Arruda, Gamboa e Liz, Murgas, de Baixo, Boição, Val Verde, do Mello, Nova, Visconde do Rio Seco, do Borges, D. Rosa.

Vem mencionados em Carv.^{o} o L. de Bucellas (com 190 fogos) junto do qual, sobre um grande carvalho, dizem apparecera uma imagem de Nossa Senhora, que por isso chamam Nossa Senhora do Carvalho, e edificaram ali sumptuosa egreja, que veiu com o correr dos tempos a ser parochia, transferindo-se para ella, em 1522, a F. que desde a sua instituição estivera na ermida de S. Roque do L. de Villa de Rei, onde houve o principio da povoação d'esta F. Bemposta com uma ermida de Nossa Senhora da Paz, Villa Nova com uma ermida de Sant'Anna, Freixial com uma de Nossa Senhora da Piedade e Xamboeira. O sitio da Romeira, onde está a q.^{ta} do M. de Arronches (depois D. de Lafões) com uma ermida de Nossa Senhora da Encarnação: e a q.^{ta} de Arrotéa de Baixo, morgado dos Caldeiras Pimenteis, de quem o mesmo auctor traz parte da genealogia.

P...	C...........	412	
	A...........	507	
	E. P........	527.............	2054
	E. C..........................		2074

O templo é espaçoso com 8 columnas que lhe dão certo ar de magestade.

Menciona Carv.^{o} no L. de Bucellas as ermidas de S. Se-

bastião, Nossa Senhora da Boa Morte (que J. B. de Castro dá como pertencente á q.^{ta} de Nicolau Cardoso), Nossa Senhora da Paciencia, e Espirito Santo com um hospital para peregrinos.

Recolhe esta F. cereaes, legumes, hortaliças, e o especial vinho branco, bem conhecido em todo o reino e fóra d'elle, com o proprio nome de vinho de Bucellas, do qual se faz grande exportação para Inglaterra.

Entre as frutas são muito apreciadas as cerejas.

Tem feira annual no terceiro sabbado de julho.

Em J. B. de Castro (vol. 3.º pag. 458) vem transcripta uma inscripção romana, que havia no adro da egreja parochial designada pelo povo com o nome de *Memoria*.

CAMARATE

(6)

Ant.^{a} F. de Sant'Iago Maior cur.º da ap. da irmandade do santissimo da mesma F., no L. de Camarate, no T. de Lisboa. Hoje é prior.º

Em 1840 pertencia esta F. ao T. de Lisboa. Passou ao conc.º dos Olivaes pela instituição do mesmo conc.º (Veja-se Olivaes).

Está sit.º o L. de *Camarate* 3^{k} a O. da m. d. do Tejo. Dista dos Olivaes uma legua para N. N. O.

Compr.^{e} mais esta F. os log.^{es} de Val de Freiras, S. Pedro; os casaes de Morgada, Mór, Corujo, Abreu e Lima; e as q.^{tas} cujos nomes vão mencionados em *NB.* no fim do presente conc.º

P...	C..........	250	
	A...........	138	
	E. P........	161................	572
	E. C...........................		638

Havia no districto d'esta F. um conv.º de carmelitas calçados, da inv. de Nossa Senhora do Soccorro, fundado em 1602, o qual teve principio em uma ermida da mesma inv. que ali mandara edificar em uma sua q.^{ta} o grande condes-

tavel D. Nuno Alvares Pereira. Ext.º este conv.º em 1834 foi vendido com a sua grande cerca em 1835.

Menciona J. B. de Castro as ermidas de S. José, na q.^{ta} de Antonio Salter de Mendonça em Val de Freiras, e S. Pedro Apostolo á entrada do L. de Camarate.

Recolhe cereaes, legumes, hortaliças, boas frutas, algum azeite e excellente vinho.

CAMPO GRANDE

(7)

Ant.ª F. dos S.^{tos} Reis, cur.º da ap. da irmandade do santissimo da mesma F., no sitio do Campo Grande, no T. de Lisboa. Hoje é prior.º

Em 1840 pertencia esta F. ao T. de Lisboa. Passou ao conc.º dos Olivaes pela instituição do mesmo conc.º (Veja-se Olivaes).

Está sit.ª a egreja parochial ao meio do *Campo Grande*, do lado oriental, distante de Lisboa (Terreiro do Paço) 6^{k} Dista dos Olivaes uma legua para O. S. O.

Compr.^{e} esta F. os sitios de Campo Grande, Entre Campos, Estrada do Campo Grande, Palma de Cima com varias q.^{tas} e hortas, Palma de Cima (do lado oriental), Azinhaga do Ferro com a q.^{ta} do Ferro e mais q.^{tas} e hortas, Azinhaga dos Coruxéos com a q.^{ta} dos Coruxéos e diversas q.^{tas} e hortas; as q.^{tas} do Bosque, Santa Anna, Calvanas, Gamella, Farinheira, Quinta Seca, Quintinha, do Lagar, Bella Vista, Torrinha, Ameixiaes, Malpique, Bulhão, Ceboleira e Murada ou do Pote d'Agua; e o recolhimento do Rego (e mais nada no sitio do Rego).

P...	C.	200	
	A.	252	
	E. P.	300	950
	E. C.		1316

A egreja parochial dos S.^{tos} Reis reparada e melhorada em 1866 tem boa capella mór e mais 4 capellas ao gosto moderno.

Pertencem a esta F. o conv.º e recolhimento do Rego, e

a egreja dos Terceiros de S. Francisco, a qual fica além do Campo indo de Lisboa.

Menciona J. B. de Castro no districto d'esta F., as ermidas de Sant'Anna na q.ta do dr. Leal, Nossa Senhora dos Milagres na q.ta do Ceboleiro, Nossa Senhora da Piedade na q.ta da Condessa de Mesquitella, Nossa Senhora da Nazareth em Palma, S.tos Reis na q.ta do Ferro, S. Caetano no Campo Grande, Jesus Maria José, Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora das Mercês, S. João Baptista e S.to Antonio.

Antigamente pertencia o districto d'esta F. á parochia de S.ta Justa de Lisboa, depois passou a fazer parte da de S. João Baptista do Lumiar, até que os freguezes para maior commodidade obtiveram a instituição de uma parochia na ermida dos S.tos Reis que já ali havia.

O Campo Grande chamou-se em outros tempos Campo de Alvallade, porque na demarcação que para o mesmo se mandou fazer disse o rei que n'esse tempo governava *Al vallade* o que fica da parte de fóra, isto é, vallae ou murae para que bem se conheça o terreno marcado para o campo. Assim o diz Bluteau no seu *Vocabulario Portuguez.*

Plantou-se de arvoredo no reinado de D. Maria I, e posteriormente tem tido diversos melhoramentos.

O ultimo é de 1869 mas pararam as obras, e uma projectada lagôa serve de deposito ás aguas fluviaes com prejuizo da saude publica.

Tem de comprimento quasi 2^{k} e de largura 140^{m}: é fechado com um muro baixo e tem 6 portões de ferro; dois em cada um dos lados do N. e S. e um ao meio do Campo em cada um dos lados de E. e O.; além de varias entradas com suas pontes para atravessar as vallas lateraes.

A estr.a real de Lisboa a Torres Vedras, corre ao longo e pela parte de fóra do Campo no lado oriental.

As ruas de arvoredo de um ao outro extremo do Campo são magnificas, tem um jardim, um bello pinheiro com uma especie de mirante de madeira em volta do tronco, um pequeno casal, matta de pinheiros, etc.

Ali se fazem muitas vezes corridas de cavallos, e ha uma feira no segundo domingo de outubro que foi em tempo a melhor do reino: hoje está muito decaída, especialmente depois das ultimas obras do Campo, porque armando-se a feira da parte de fóra, na estrada, perdeu certa graça campestre que attraía muita gente.

A estrada do lado oriental do Campo é orlada de bons edificios entre os quaes são notaveis dois *chalets*, Julieta e Amelia, o asylo de D. Pedro v, e uma fabrica de lanificios.

A rua exterior do lado occidental tambem tem algumas boas casas.

Da extremidade N. O. parte uma estrada para Tilheiras e Carnide: ao meio do lado occidental, correspondendo ao portão do Campo, ha outra estrada que conduz á q.[ta] de Malpique e ahi se bifurca, de um lado para Tilheiras, do outro para Palma de Cima.

Na estrada real e um pouco ao N. do meio do Campo, encostado ao muro do mesmo Campo, ha um bom chafariz, e na extremidade tambem ao N. uma fonte.

No sitio chamado Entre Campos vê-se outro chafariz bem construido e abundante d'agua.

Do sitio do Rego só pertence a esta F. o conv.º, como já dissemos, sendo para notar a irregularidade da divisão das FF. de S. Sebastião e dos S.[tos] Reis, que são limites dos conc.[os] de Belem e Olivaes.

No Campo Grande ha mercado de gado nos primeiros domingos do mez e feira annual de 15 dias (3 dias franca) começando no segundo domingo de outubro.

CHARNECA

(8)

Ant.ª F. de S. Bartholomeu da Charneca, cur.º annual da ap. do prior da F. do Lumiar, no T. de Lisboa. Hoje ê prior.º

Em 1840 pertencia esta F. ao T. de Lisboa. Passou ao

conc.º dos Olivaes pela instituição do mesmo conc.º (Veja-se Olivaes).

Está sit.º o L. da *Charneca* 4 $^{1}/_{2}$ ^{k} para O. N. O. dos Olivaes.

Compr.^{e} mais esta F. os log.^{es} da Portella e Encarnação; e as q.^{tas} cujos nomes vão mencionados em *NB.* no fim do presente conc.º

P...	C.	200	
	A.	193	
	E. P.	198	778
	E. C.		785

A egreja parochial de S. Bartholomeu foi edificada em 1865.

Menciona J. B. de Castro no districto d'esta F. as ermidas de Sant'Anna na q.^{ta} de Balthasar da Silva, Nossa Senhora dos Remedios na q.^{ta} Nova, Nossa Senhora da Saude na q.^{ta} da Granja, edificada com primor em 1749, a qual q.^{ta} era de Domingos de Oliveira Braga, thesoureiro do infante D. Antonio, Sta Luzia, S.^{to} Antonio e S. Sebastião.

Entre as diversas q.^{tas} d'esta F. sobresae em grandeza e bellezas naturaes e artificiaes a do V. de Pereira com um bello palacio e lindos jardins.

Ainda existem n'esta F. as casas pertencentes aos morgados Mesquitas, de mui illustre ascendencia.

O terreno d'esta F. é fertil e o clima muito saudavel.

Tem feira annual em 24 de agosto e mercado nos terceiros domingos do mez.

FANHÕES

(9)

Ant.ª F. de S. Saturnino cur.º da ap. dos freguezes no L. de Fanhões, no T. de Lisboa. Hoje é prior.º

Em 1840 pertencia esta F. ao T. de Lisboa. Passou ao conc.º dos Olivaes pela instituição do mesmo conc.º (Veja-se Olivaes).

Está sit.º o L. de *Fanhões* sobre a ribeira de Pinteus. Dista dos Olivaes 3^{l} para N. N. O.

Compr.^{e} mais esta F. os log.^{es} de Cazainhos, Torre, Cabeça de Montachique, Ribas de Cima, Ribas de Baixo.

Vem mencionados em Carv.º os log.^{es} de Fanhões onde está a egreja, Torre da Bizoeira, Cazainhos, Ribas e a Cabeça de Montachique onde está uma ermida de S. Julião com sua fonte.

P...	C.	150	
	A.	306	
	E. P.	346	1351
	E. C.		1402

Esta F. esteve antigamente unida á de S.^{to} Antão do Tojal.

FRIELLAS

(10)

Ant.^{a} F. de S. Julião e Sta Basilisa, prior.º da ap. do most.º de Odivellas, no L. de Friellas, no T. de Lisboa.

Em 1840 pertencia esta F. ao T. de Lisboa. Passou ao conc.º dos Olivaes pela instituição do mesmo conc.º (Veja-se Olivaes).

Está sit.º o L. de *Friellas* junto á ribeira de Friellas, 9^{k} para N. O. dos Olivaes.

Compr.^{e} mais esta esta F. os log.^{es} de Ponte de Friellas, Mealhada (parte), Casal, Flamenga, Palacio do Bispo; e as q.^{tas} de Boa Vista, Bom Jardim, do Serpa, Ramada.

P...	C.	250	
	A.	75	
	E. P.	75	258
	E. C.		245

A egreja parochial é muito antiga pois consta já existia em 1191.

Mencionam Carv.º e J. B. de Castro uma ermida de Nossa Senhora do Monte, edificada no alto de um monte de admiravel vista, na q.^{ta} da Ramada: foi mandada construir por Lopo de Abreu em 1579, reedificada em 1579, au-

gmentada e aperfeiçoada nos annos de 1686 e 1699. Era das mais notaveis do T. de Lisboa.

Tambem estavam no districto d'esta F. uns paços reaes fundados por el-rei D. Diniz e onde por vezes habitaram outros soberanos.

Foram incendiados pelos castelhanos nas guerras do tempo d'el-rei D. Fernando e acham-se hoje em total ruina.

Esta F. com quanto aprasivel e de ferteis terrenos não é das mais saudaveis d'estes sitios.

LOURES

(11)

Ant. F. de Nossa Senhora da Assumpção (vulgò S.[ta] Maria de Loures) vig.[a] da ap. da mitra e comm.[a] da ordem de Christo (que segundo o *D. G. M.*, pertencia ao M. de Alorna) no T. de Lisboa. Hoje é prior.[o]

Em 1840 pertencia esta F. ao T. de Lisboa. Passou ao conc.[o] dos Olivaes pela instituição do mesmo conc.[o] (Veja-se Olivaes).

Está sit.[o] o L. de *Loures* em amena e alegre planicie (a egreja parochial está isolada 1[k] para O. N. O.) Dista dos Olivaes duas leguas para N. O.

Compr.[e] mais esta F. os log.[es] de Pinheiro, Caneças, a dos Cãos, Alvogas, Barro, Fonte Santa, Granja, a dos Guerreiros, Lagariça, Mealhada (parte), Monte Mór, a dos Moninhos, a dos Minguerrinhos, Murteira, Malha Pão, Pai Joannes, Ponte de Friellas (parte), Ponte de Louza, Palhaes, Sete Cassas, Tojalinho, Torre dos Trotos; os casaes de Ronca, Flamengas, Monte, Bravo, Letrado, Reis, Caldeira, Chacoso, Marnotas, Paradella, Peixeiro, Pena, Freira, Verdelha: e as q.[tas] do Covão, Matta (grande propriedade que foi do M. de Penafiel), Flamenga, Marzagão, Marchão, Pipa, Barruncho, Bom Successo, Varzea, Sacoto, Laranjeiras, Pastelleiras, Terras; e as que vão em *NB.* no fim do conc.[o]

Vem mencionados em Carv.[o] o L. de Loures, onde está a egreja que é de 3 naves e um dos melhores templos do

T. de Lisboa, Alvogas, Mealhada, com um conv.º de arrabidos, Ponte de Friellas, Marnotas, Barro, Pinheiro, a dos Cãos, Murteira, Tojalinho, a dos Calvos, Caneças, Monte Mór, a Granja: as q.^{tas} da Matta (que era do correio mór), da Pipa, que era do C. de V.ª N. de Portimão, a do Covão, (da casa de Avintes), e outras muitas de particulares.

P...	C..........	850	
	A..........	1108	
	E. P.......	983............	3574
	E. C.......................		4515

A egreja parochial é muito antiga pois consta por documentos já existir no anno de 1250. O templo tem tido muitas reconstrucções e a ultima ha poucos annos: é regular, singelo de architectura e muito aceiado.

A imagem da senhora é muito bella e de grande devoção em todos os log.^{es} d'aquelles arredores.

Antes da extincção das ordens religiosas em Portugal havia no districto d'esta F., proximo ao L. da Mealhada, o convento do Espirito Santo, de religiosos arrabidos, fundado em 1575, com boa q.^{ta}; hoje é propriedade do sr. C. de Thomar.

No Rocio ha uma ermida de Sant'Anna, junto da qual se faz uma feira em 25 de julho: na torre da ermida está embebida uma lapida em que se lêem os privilegios concedidos por el-rei D. José á dita feira.

Menciona J. B. de Castro as ermidas de Sant'Anna no L. de Alvogas; Nossa Senhora dos Enfermos no L. de Caneças, na q.^{ta} dos Fetaes; Sta Luzia no L. da Ponte de Louza; Nossa Senhora dos Prazeres, em Palhaes, na q.^{ta} do C. de Castello Melhor; Nossa Senhora do Rozario, no sitio de Paradella, na q.^{ta} que foi de Antonio Wamplate; Nossa Senhora da Rotunda, no L. de A dos Calvos, na q.^{ta} do C. de Valladares; Nossa Senhora da Saude na dilatada eminencia do L. de Monte Mór, a qual é de muitas romarias no 1.º domingo de setembro; a de S. Joaquim e Sant'Anna que nos diz Carv.º estar na q.^{ta} de Diogo Luiz Ribeiro Soares. A ermida de Nossa Senhora da Saude diz o mesmo Carv.º ter sido fundada em 1599 por gente que fugia de

Lisboa, do contagio da peste e que por aquelles sitios se estabeleceu. Quanto á ermida de Nossa Senhora da Rotunda do L. de A dos Calvos, diz ser edificada á imitação do pantheon de Marco Agripa em Roma. Menciona tambem este auctor uma ermida de S.ta Luzia na q.ta da Ponte de Louza, que diz ter muitas e excellentes aguas, grandes mattas e pomares, um bello lago e outras coisas notaveis. O casal que diz pertencer a esta q.ta é o que se encontra na *E. P.*

Hoje sobresae entre todas as q.tas d'esta F. a da Matta, que pertenceu ao sr. M. de Penafiel.

Recolhe esta F. cereaes, legumes, hortaliças, frutas excellentes, especialmente alperches, laranjas e limões, muito vinho e azeite.

Tem abundancia d'aguas que geralmente são boas.

Em Loures ha feira annual, de quatro dias, franca, começando em 24 de julho, e mercado nos quartos domingos do mez.

No L. de Caneças ha feiras annuaes na 1.ª oitava da pascoa, em 29 de junho e no domingo seguinte.

LOUZA

(12)

Ant.ª F. de S. Pedro no L. de Louza, cur.º da ap. dos freguezes, no T. de Lisboa.

Em 1840 pertencia esta F. ao T. de Lisboa. Passou ao conc.º dos Olivaes pela instituição do mesmo conc.º (Veja-se Olivaes).

Está sit.º o L. de *Louza* junto á ribeira de Louza. Dista dos Olivaes 19k para N. O.

Compr.e mais esta F. os log.es de Louza Pequena, Ponte de Louza, Torre Pequena, Fontellas, Carcavellos, Salemas, Montachique, Cabeça de Montachique; os casaes de Oliveiras, Barril, Forno, Freixieira, Monte Gordo, Outeiro das Pegas, Cabeça, e as q.tas de Freixieira e Choupo.

P...	C...........	60	
	A...........	277	
	E. P.........	308...............	1126
	E. C............................		1210

Esta F. esteve antigamente annexa á de S.ta Maria de Lisboa.

Mencionam Carv.º e J. B. de Castro n'esta F., duas ermidas, Espirito Santo e S. Julião.

Recolhe muitos cereaes, hortaliças, legumes, vinho, azeite e muitos vimes.

Tem abundancia de boas aguas.

O clima é saudavel.

LUMIAR

(13)

Ant.ª F. de S. João Baptista do Lumiar, prior.º da ap. do most.º de Odivellas no T. de Lisboa.

Em 1840 pertencia esta F. ao T. de Lisboa. Passou ao conc.º dos Olivaes pela instituição do mesmo conc.º (Veja-se Olivaes).

Está sit.º o L. do *Lumiar* em terreno plano e alto, vistoso, alegre e sadio, povoado de nobres q.tas, palacios, e casas de campo. Dista de Lisboa (Terreiro do Paço) pouco mais de 8k para o N. Dista dos Olivaes 6 ½k para O.

Compr.e esta F. os log.es ou sitios de Lumiar, Paço do Lumiar, Torre do Lumiar, Telheiras de Baixo, Telheiras de Cima (ficam proximos e constituem por assim dizer um só L. de Telheiras), Torre do Fato, Lameiros, Ulmeira, Calvanas de Cima, Calçada de Carriche, Nova Cintra, Senhor Roubado (excepto o padrão ou monumento que pertence a Odivellas), Ponte de Odivellas; e as q.tas do Duque de Palmella, do M. de Angeja, do Espia, da Nazareth, e de S.to Antonio, no Lumiar; dos Padres Hibernios, da Conceição ou do Pastelleiro, e a de Porto Rangel em azinhagas proximas ao dito L. do Lumiar; do Capitão Pinto e a do Trindade em Calvanas de Cima; do Pinheiro, das Mouras,

do Leal, do Bello, e a do sr. Fidié, no sitio das Mouras; das Camelias, das Conchas, da Lameda, do Paula Marques, da Fabrica, das Flores, e a pequena q.^{ta} do Fava, no sitio da Lamêda (na estr.^{a} do Lumiar a Lisboa); do Caldas, da Musgueira, do Joannes, do Abreu, na Torre do Lumiar; do barão da Gloria (2), do Paço do Lumiar, do Villa Lobos, do Pizani, do Domingos Calcagno, do Barão da Costa Veiga, de Mello e Povoas, do Burnay, do Caldas, do Ramos ou do Pataco, no Paço do Lumiar; da Horta Nova, na estr.^{a} da Luz; dos Inglezinhos, na Torre do Fato; de Sta Anna, de S.^{to} Antonio, dos Cyprestes, do Alvito, da Tapada, do Loureiro, da Gloria, dos Rapozeiros, dos Ulmeiros, e o casal e pequena q.^{ta} dos Ameixiaes, em Telheiras; da Faia e a do Pintor, na calçada de Carriche.

Vem mencionados em Carv.^{o} os log.^{es} do Paço do Lumiar com uma ermida de S. Sebastião, e o da Torre.

P...	C..........	400	
	A..........	327	
	E. P.......	86..............	279
	E. C...........................		1391

A egreja parochial é grande e de 3 naves: tem boa capella mór com dois paineis de grande valor artistico.

Ao districto d'esta F. pertencia o ext.^{o} conv.^{o} de Nossa Senhora da Porta do Ceo, de religiosos franciscanos, fundado 1633 por D. João, principe de Candia. Foi ext.^{o} em 1834; hoje é propriedade particular.

«N'este L. do Lumiar (diz J. B. de Castro) teve D. Affonso III uma casa de campo á qual chamavam o Paço, e depois pela possuir D. Affonso Sanches, filho natural d'elrei D. Diniz, chamaram o Paço de Affonso Sanches.

No reinado de D. Affonso IV foram todos os bens do dito infante confiscados para a corôa.

Parece que foi este antigo Paço de Affonso Sanches que depois veiu a chamar-se Paço do Lumiar.

Passados tempos deixou esta propriedade de pertencer á corôa, e veiu ao dominio da casa de Angeja, que haverá 40 annos a vendeu á de Palmella.

Levantado o palacio e aformoseada a q.[ta] pelos M. de Angeja teve o complemento da perfeição depois de pertencer aos D. de Palmella.

O palacio e q.[ta] que foram dos M. de Olhão e por estes vendidos ao C. da Povoa, foram annexados a esta grande propriedade e fizeram-se obras em larga escala. Hoje é uma deliciosa vivenda, onde nada falta para conforto e recreio.

O palacio é espaçoso e com boa frontaria para o pateo e jardim; a parte que deita para a estr.[a] que vae do Paço para o Lumiar tambem é de nobre e regular architectura.

Sobre a collina a pouca distancia do palacio ha uma bonita casa de 4 frentes destinada para hospedes, coroada com uma torre e seu relogio.

Na q.[ta] vêem-se arvoredos seculares, lindos jardins, estatuas, lagos, cascatas, estufas, viveiros de formosas aves, finalmente é uma das mais grandiosas q.[tas] não só dos arredores de Lisboa, mas de todo o reino.

Hoje devemos mencionar no dito L. do Paço do Lumiar o bello palacio dos V. do Paço do Lumiar, onde alcançou melhoras da terrivel febre paludosa o sr. infante D. Augusto.

Outras pessoas reaes tem habitado n'este palacio para mudança d'ares e sempre se tem reconhecido quanto são amenos e saudaveis os que n'este sitio se respiram.

Ha egualmente no dito L. do Paço do Lumiar a bella casa e q.[ta] do sr. Pizani, a boa propriedade do sr. D. Miguel de Mena y Rocio, onde em tempo habitou el-rei D. José como constava de uma lapida com inscripção (que ainda li inteira) desgraçadamente destruida pelas obras de reparação do predio: e outras muitas q.[tas] e casas nobres.

Não devemos deixar em esquecimento n'esta F. do Lumiar o bello sitio da calçada de Carriche, muito concorrido no verão, onde ha o novo hotel da *Esperança*, e mais abaixo o da *Nova Cintra* pertencente ao sr. Theotonio, que ha poucos annos era muito concorrido, e que ainda hoje é vivenda agradavel e de frescas sombras em uma tarde de

estio, por ficar ná estreita garganta entre as duas pequenas serras d'Ameixoeira e Alcoitins.

No sitio da Lameda, ao começo da estr.ª do Lumiar ao Campo Grande, ha a notar as bellas casas dos srs. Xavier da Silva, Pires, Mendonça, etc.

Mais além e quasi ao pé do Campo Grande a bella casa do sr. Fidié, adornada com esmerado gosto, e nas Mouras junto á estr.ª um chafariz de excellente agua.

No terreiro em que está a egreja parochial ha um bom chafariz de duas bicas e de excellente agua.

N'esta F. ha feiras annuaes em 24 de junho e ultimo domingo de agosto, e uma grande romaria a Sta Brigida em 2 de fevereiro.

OLIVAES

(14)

Ant.ª F. de Nossa Senhora dos Olivaes ou Sta Maria dos Olivaes, vig.ª da ap. do reitor do conv.º de S.^{to} Eloi, de conegos seculares de S. João Evangelista (vulgò Loios) da cid.^{e} de Lisboa, no T. da dita cid.^{e}

Em 1840 pertencia esta F. ao T. de Lisboa. Passou a ser cab.ª do actual conc.º dos Olivaes, por decreto de 11 de setembro de 1852.

Está sit.ª a egreja parochial dos *Olivaes* (a qual segundo a *E. P.* fica no sitio chamado Rocio) sobre uma pequena ribeira chamada dos Olivaes, pouco mais de 1^{k} para O. da m. d. do Tejo. Dista de Lisboa 1 $^{1}/_{2}{}^{l}$ para N. N. E.

Compr.^{e} maís esta F. os log.^{es} de Rocio, V.ª Quente, Aldeia, Barocos, Moinhos, Rua Nova, Beirolas, Calçadinha, Casas Novas, Rozal, Rua da Galharda, S. Cornelio, Lage, Castello, Rio de Nossa Senhora, Chelas, Alfenim, Cabecinho, Jardim, Panasqueira, Encarnação, Portella, Braço de Prata, Telhal, Pateo do Valladares, Poço do Bispo, Panellas, Marvilla, Alto de Marvilla, Cruz das Veigas; os casaes de Meirella, Casalinho, Cancellas, Malteza, Carriço, Misericordia, Pocinho, Laranjeira Azeda; e as q.^{tas} de Armando,

Chacão, Conde de Linhares, Pajaes Vermelhos, Fonte Coberta, Fronteira, Feijoeiro, Val da Fonte do Louro, S.ta Cruz, Conceição, Alto da Fonte do Louro, Regueirão, D. Roza, Moz, Armador, S. Pedro dos Peixes, Airolles, Prostes, Farinheira, Ferrão, Fortunata, Malapos, Malapados, Alto da Bella Vista, Romualda, S. José, Alfaiatas, Zurze, Rapoza, Alpoim, Flamenga, Terezinhas, Graça, Belmonte, Forno Novo, Peça, Caldeirão, Val do Alcaide, Antonio do Marcos, Alho, Castello Picão, Contador, Poço de Córtes, Patacões, José Antunes, João Nunes, Cera, Alemtejão, Mont'Alvão, Tenente, Lage, Alvaneo, Chapeleiros, Jardim, Paios, Brincão, Desterro, Amendoeira, Cró, Tintim, Lavado, Peça (2.ª), S. Braz, Cadella, Val Fundão, Ferrão (2.ª), do Lebre, Alfinetes, Fontes, Veiga, Conceição (2.ª), Ferrageiro, Marialva, Duque de Lafões, Marquez de Abrantes, Arranjadinho, Cadellas, Peixotos, Tamanqueiro, Zuzarte, Fome, Secretario, Marquez de Torres Novas, Atouguia, Conceição (3.ª), Quatro Olhos, Val Formoso de Baixo, Inglezes, Mattinha, Lacerda, Antonio Ribeiro, Linho, Medlicotte, Cabo Ruivo, Val Formoso de Cima, Chó, Rozario, Barroca, Centieira, Prego, Recolhimento, Praia, Varandas, Salto, Laranjeiros, Buscavides, S. Bento, Brito, Letrados, S.to Antonio, Conde de Mello, Marcos, Marcos (2.ª), Cabeço, Jogo, Candieiro, Leal, Estudante, Barroqueira, Trindade, Caldas, Torno, Portella, Chouriceira, Archeiro, Palricas, Beirão, S. João, Lagueza de Cima, Lagueza de Baixo, Torre, Serrões, Morgado, Fonte, Gualhada, Alcobios das Casas Novas, Mortorio, Cavallões, Conde d'Arcos, Murteira, Alferes, Visconde de Souto d'El-Rei, Tanque Velho, D. Maria, Carqueija, Conde d'Obidos.

P...	C.	950	
	A.	626	
	E. P.	604	2300
	E. C.		2313

Já existia esta F. em 1420 e recebeu o titulo de Nossa Senhora dos Olivaes, por ter apparecido em uma oliveira a imagem da Mãe de Deus que ali se venera.

Antes da extincção das ordens religiosas em Portugal ha

via no seu districto um conv.º de religiosos arrabidos, com a inv. de S. Cornelio, fundado em 1674.

Segundo nos consta foi ha pouco tempo supprimido por morte da ultima freira, o most.º de Nossa Senhora da Conceição, de religiosas de S.ta Brigida, fundado em 1660, no sitio ou L. de Marvilla.

Menciona J. B. de Castro, as ermidas de S.to Antonio em Braço de Prata, Bom Pastor na Rua Nova, Nossa Senhora do Carmo no Condado, Nossa Senhora da Conceição na q.ta do M. de Marialva, Nossa Senhora da Conceição em Cabo Ruivo, Nossa Senhora da Conceição no sitio do Candieiro, Jesus Maria José na q.ta dos Mózinhos, Jesus Maria José em Marvilla, S. João Baptista na Panasqueira, Madre de Deus em Alfundão (talvez Val-fundão da *E. P.*), Madre de Deus no Cabeço, Nossa Senhora das Mercês na Bella Vista, Nossa Senhora da Purificação na q.ta da Flamenga.

No sitio ou L. de Marvilla, de 30 a 40 fogos, renovou e ampliou o antigo e modesto palacio, ou antes casa de campo e q.ta da mitra, o 1.º patriarcha de Lisboa, D. Thomaz de Almeida.

O palacio reedificado é de regular architectura, tem 4 frentes, deitando a principal que olha ao S. sobre a estr.a real que á beira do Tejo conduz de Lisboa aos Olivaes. O portal é bello, ornado de balaustradas e pyramides. As salas são grandes e a sua mais preciosa ornamentação eram os quadros de auctores portuguezes, todos retocados por Vieira Lusitano, por ordem de D. João v, com curiosos emblemas que mui por extenso descreve J. B. de Castro no *Mappa de Portugal*, vol. III, pag. 481 e seguintes.

São 13 os retratos retocados e completa o numero de 14 o do dito patriarcha D. Thomaz de Almeida, feito pelo proprio Vieira.

Foi este palacio vendido por pouco mais de dez contos de réis, a D. José Salamanca, com o fim de se comprar o palacio do fallecido C. de Barbacena no campo de S.ta Clara para residencia do patriarcha.

Tambem existe hoje no L. de Marvilla a escola normal

para professores de instrucção primaria, estabelecida no palacio dos M. de Abrantes.

O L. do Poço do Bispo (de 60 fogos) tinha d'antes grande importancia no commercio dos vinhos, que muito diminuiu pela molestia das vinhas. Tem estação do C. de ferro que é a 1.ª da linha de Lisboa ao Porto.

Braço de Prata e Cabo Ruivo são dois sitios com varias q.tas e grandes armazens para depositos de vinhos.

A q.ta do sr. V. de Juromenha, em Braço de Prata, tem bom palacio, mirante de fórma acastellada, sobre uma rocha e sobranceiro ao Tejo. Em baixo encostada ás mesmas rochas fica a repartição e officina pyrotechnica militar.

Beirollas, com 8 fogos, tem tambem um armazem de deposito de polvora pertencente ao estado.

S. Cornelio, onde fica o conv.º dos arrabidos; é sitio aprazivel rodeiado de arvoredos: a cerca do pequeno conv.º é hoje passal do parocho d'esta F.

A estação do C. de ferro do N. denominada dos Olivaes, fica ½k a E. do L. dos Olivaes; é a 2.ª da linha de Lisboa ao Porto.

Segundo o *D. G.* do sr. P. L. ha no conc.º dos Olivaes 43 fabricas, as quaes vem especificadas no dito *D. G.;* encontrando-se tambem no mesmo artigo outras interessantes noticias a respeito do referido conc.º (vol. VI, pag. 244 a 249).

No L. dos Olivaes ha feira annual (franca) de 3 dias, começando no 2.º domingo de agosto.

Tem este concelho:

Superficie, em hectares	22995
População, habitantes	25495
Freguezias, segundo a *E. C.*	21
Predios, inscriptos na matriz	9532

Segundo o decreto de 25 de julho de 1860, o brazão d'armas do conc.º dos Olivaes é um escudo coroado e bipartido (em palla): no lado esquerdo da parte superior, em campo azul, a rainha S.ta Izabel tendo á sua direita elrei D. Diniz e á esquerda seu filho D. Affonso; e na parte

inferior, em campo de ouro, duas oliveiras: a metade do escudo do lado direito é occupada pelas armas reaes.

POVOA

(15)

Ant.ª F. de S.^{to} Adrião, cur.º da ap. dos freguezes no L. da Povôa, no T. de Lisboa.

Em 1840 pertencia esta F. ao T. de Lisboa.

Passou ao conc.º dos Olivaes pela instituição do mesmo conc.º (Veja-se Olivaes).

Está sit.º o L. da *Povoa de Santo Adrião* na estr.ª de Lisboa a Torres Vedras, 3^{k} para N. N. E. do Lumiar.

Dista dos Olivaes 8 $^{1}/_{2}$^{k} para O. N. O.

Compr.^{e} mais esta F. o casal de Botelhas e as q.^{tas} do Mineiro, Flores, Bom Successo, S.^{to} Antonio d'Areia, Sete Castellos, Palmeira, Trinité e Quintinha.

P...	C.	80	
	A.	86	
	E. P.	89	299
	E. C.		340

A população d'esta F. foi desmembrada da F. de Loures á qual d'antes pertencia, constituindo uma nova parochia para melhor commodo dos povos.

Menciona J. B. de Castro n'esta F. a ermida de Nossa Senhora do Bom Successo.

Adiante do L., na estrada de Loures, ha uma fonte de boa agua.

Tem feira annual de 3 dias, começando a 10 de agosto.

SACAVEM

(16)

Ant.ª F. de Nossa Senhora da Purificação, prior.º da ap. da casa de Bragança, no L. de Sacavem, no T. de Lisboa. Hoje é prior.º

Em 1840 pertencia esta F. ao T. de Lisboa.

Passou ao conc.° dos Olivaes pela instituição do mesmo conc.° (Veja-se Olivaes).

Está sit.° o L. de *Sacavem* (a séde da egreja parochial é no largo da Victoria) na margem do rio de Sacavem, sobre o qual tem boa ponte na estr.ª real para V.ª Franca (além da ponte da via ferrea que fica $^1/_2{}^k$ para E.) Dista dos Olivaes 3^k para N. N. O.

Compr.e mais esta F. o casal do Moxo, e as q.tas de Ferro, Cangalheiro, Archeiro, Penicheiras, Pinheiro, Prior Velho, Pretas, S.to Antonio da Serra, S. João, C. de Penamacôr, Varzea, Victoria, Mercador, Torre Vedra, Senhora da Saude, Meirinho, Casquilhos, S. José, Manteiga, Fonte, Nova, Couve, Fonte Perra, Nuncio, Chouriço, Roldão, Anjos, Calçada, Rio, Aranha, Francelha de Baixo, Francelha de Cima, Serra, Cabeço, Areias, Malvasia, Condessa, Sequeira, Alta, da Queimada, Quinta Velha, a q.ta chamada Horta do Meio, e outras fazendas sem nomes especiaes.

A estação do C. de ferro do N. denominada de Sacavem fica proxima ao L. de Sacavem: é a 3.ª da linha de Lisboa ao Porto.

P...	C.	300	
	A.	293	
	E. P.	278	1172
	E. C.		1251

Esta parochia é antiga, pois ha d'ella memorias desde o anno de 1191.

Comprehendia no seu districto o most.° de Nossa Senhora dos Martyres, de religiosas capuchas, da 1.ª regra de S.ta Clara, fundado em 1577, por Miguel de Moura, secretario d'estado e escrivão da puridade d'el-rei D. Sebastião, e por sua mulher Brites da Costa, no sitio de uma ant.ª ermida da mesma inv., edificada por el-rei D. Affonso Henriques em memoria de uma gloriosa victoria alcançada sobre os mouros que vinham soccorrer Lisboa, que o dito soberano sitiava.

Este most.° foi ext.° ha poucos annos, existindo uma unica freira que transferiram para outro.

Vem mencionadas em Carv.º e em J. B. de Castro as ermidas seguintes:

S. José na q.ta do C. d'Alvor, Nossa Senhora Madre de Deus na q.ta da Francelha, pertencente a Estevão da Costa Solano, thesoureiro da alfandega de Lisboa (esta ermida não a menciona Carv.º mas sómente J. B. de Castro); S. Sebastião na q.ta do V. de Barbacena (segundo se collige de Carv.º), Espirito Santo, Nossa Senhora da Victoria, antiquissima e que teve a primitiva inv. de Nossa Senhora dos Prazeres, que el-rei D. Affonso Henriques tambem em memoria da victoria já referida mudou para a que hoje tem: o edificio não dá indicios de muita antiguidade por ter sido por vezes reedificado; Nossa Senhora da Saude, que parece teve primitivamente a inv. de S.to André, e fôra hospital de leprosos e albergaria de peregrinos. Por occasião de uma terrivel peste que affligiu Lisboa em 1599, abrindo-se na dita ermida de S.to André a primeira cova para enterrar um morto, pois já não havia espaço na egreja parochial, foi ali encontrada uma imagem de Nossa Senhora, a qual o povo levou devotamente em procissão por todo o L. collocando-a depois na ermida: e como logo em seguida cessasse o horrivel flagello, começou a venerar e festejar a mesma imagem com a inv. de Nossa Senhora da Saude, inv. que veiu tambem a ficar á ermida.

Sobre o rio de Sacavem houve uma bella ponte romana de que ainda se viam vestigios quando Miguel Leitão de Andrade escreveu a *Miscellanea* (1620)[1], depois houve uma ponte de barcas diz o *D. C.* referindo-se a J. B. de Castro; porém este auctor não diz ponte de barcas mas sim

[1] Não diz porém M. Leitão que a ponte fosse romana, e ainda mesmo Francisco de Olanda, auctor de uma obra em manuscripto *Tratado da fabrica que fallece á cidade de Lisboa*, citada por J. B. de Castro, e que a Academia Real das Sciencias vae imprimir, sómente o suppoz e diz ter visto os restos d'ella, principio e fim, e pede a el-rei D. Sebastião que a mande reconstruir para que não tenha de fazer-se um grande rodeio pelo Tojal.

uma barca chamada da carreira que por invenção engenhosa de Bento de Moura, facilita muito a passagem de uma para outra parte.

Em 1840 fez-se uma bella ponte de cantaria em a nova estr.ª real de Lisboa ao Porto, e depois a ponte do C. de ferro do N. e Leste, que veiu feita de Inglaterra e a assentou o engenheiro Black.

Á beira do rio ha vastos armazens que serviram ao grande commercio de vinhos; e proximo da estação do C. de ferro uma boa fabrica de louça.

Tem Sacavem 3 feiras annuaes, uma de 3 dias a começar no domingo do Espirito Santo, outra a 14 d'agosto, e outra a 14 de setembro.

TALHA

(17)

Ant.ª F. de S. João da Talha (orago S. João Baptista), vig.ª da ap. da Universidade, no L. da Talha Grande, no T. de Lisboa.

Em 1840 pertencia esta F. ao T. de Lisboa. Passou ao conc.º dos Olivaes pela instituição do mesmo conc.º (Veja-se Olivaes).

Está sit.º o L. de *S. João da Talha*[1] entre olivaes, vinhas e terras de pão, pouco mais de 1^{k} para O. da m. d. do Tejo. Dista dos Olivaes 7^{k} para o N.

Compr.ᵉ mais esta F. os log.^{es} de Bobadella, Val de Figueira, Talha Grande, Talha Pequena; e os casaes e q.^{tas} da Ponte, dos Remedios, da Bella Vista, do Rio, da Maçaroca, de Cannanas.

Parece que já existia esta F. no anno de 1388 ou pelo menos foi instituida n'esse anno, no L. da Talha Grande, que pertencia ou era F. annexa á de Sacavem.

[1] O parocho no seu relatorio dá a egreja parochial como existente no L. de Talha Grande; porém no mappa não vemos Talha Grande nem Pequena, simplesmente o L. de S. João da Talha.

P...	C..........	300	
	A	75	
	E. P.	96................	467
	E. C.		365

TOJAL

SANTO ANTÃO

(18)

Ant.ª F. de S.^{to} Antão (que o vulgo chama S.^{to} Antonio) do Tojal, orago S.^{to} Antão Abbade[1], cur.º com o titulo de prior.º da ap. da mitra, no T. de Lisboa. Hoje é prior.º

Em 1840 pertencia esta F. ao T. de Lisboa. Passou ao conc.º dos Olivaes pela instituição do mesmo conc.º (Veja-se Olivaes).

Está sit.º o L. de *Santo Antão do Tojal* em planicie cercada de montes, e rodeado de oliveiras que fazem o sitio agradavel, ainda que um pouco melancolico. Dista dos Olivaes 12^{k} para N. N. O.

Compr.^{e} mais esta F. os log.^{es} de Pintêos, Manjoeira, Lebres ou A das Lebres; os casaes de Malhapão, Junqueira, Saraia, Mortal, Matto Redondo, Portella, S. Roque; e as q.^{tas} da Mitra, Farinheira, Casal Ribeiro, Joaquim José de Oliveira, Nova, Velha, Carapichos ou Carrafonchas, V. de Monsão, Boca, e 3 pequenas q.^{tas} sem nomes no sitio chamado Rio do Lago.

P...	C...........	200	
	A...........	246	
	E. P.	235...............	921
	E. C.		968

Menciona Carv.º as ermidas do Espirito Santo dentro do L. de S.^{to} Antão do Tojal, o qual é antiquissimo, Nossa

[1] O parocho no seu relatorio diz:
«Em sua origem chamava-se a F. de Santo Antão do L. de Santo Antonio de Apar do Tojal, hoje Santo Antão do Tojal.»

Senhora dos Prazeres, duas de Nossa Senhora da Conceição, e S. Roque na estr.ª que vae para Loures.

J. B. de Castro, indica as seguintes: Nossa Senhora da Apresentação na grandiosa q.ta de Pintêos, que pertencia ao desembargador Gonçalo José da Silveira Preto, Nossa Senhora do Carmo na q.ta das Carrafoiças, Nossa Senhora da Conceição na q.ta que era dos padres Loios em Pero Viegas, Espirito Santo no sitio o mais desafogado do L. de S.to Antão do Tojal, que antigamente chamavam S.to Antonio do Tojal, S. João Baptista na q.ta do Valle ou do Lago, S. Roque junto á ponte do rio das Gallinhas, segunda d'esta inv. que houve n'este reino.

A egreja parochial, diz o mesmo J. B. de Castro, é antiquissima e n'ella se conserva um *Antiphonario* com missa propria de S.to Antão, que é de tempo immemorial. Em 1554 foi a egreja ampliada pelo arceb.º D. Fernando de Vasconcellos, que tambem fundou o palacio e o jardim, como consta de uma lapida que existe na torre da mesma egreja na face que olha para o chafariz. O cardeal patriarcha D. Thomaz de Almeida fez reedificar completamente o templo, com um nobre frontespicio ornado de estatuas de fino jaspe, feitas em Italia, nova torre de harmoniosos sinos, e na praça e estr.ª fez construir chafarizes, para os quaes vem a agua de longe em aqueducto de muitos arcos.

Estabeleceu o mesmo patriarcha uma collegiada de dois beneficiados e 14 capellães cantores.

Quanto ao palacio da mitra foi pelo dito prelado, accrescentado e enriquecido de modo a tornal-o habitação propria de um principe: o jardim e a q.ta foram embellezados por tal fórma que vieram a ser a maravilha d'aquelles sitios, e só por si ali attraía grande numero de visitantes.

Parece que a primitiva q.ta era de grande antiguidade, pois d'ella faz menção em seu testamento o B. de Lisboa D. Domingos Jardo em 1291, chamando-lhe a sua q.ta de Pero Viegas.

Tem feira em 27 de setembro que dura 3 dias.

TOJAL

S. JULIÃO

(19)

Ant.ª F. de S. Julião, cur.º da ap. do conv.º de S. Vicente de Fóra, de Lisboa, no L. de S. Julião do Tojal, chamado tambem Tojalinho, no T. da dita cid.ᵉ

Em 1840 pertencia esta F. ao T. de Lisboa. Passou ao conc.º dos Olivaes pela instituição do mesmo conc.º (Veja-se Olivaes).

Está sit.º o L. de *S. Julião do Tojal* (ou Tojalinho) 3 $^1/_2{}^k$ a O. da m. d. do Tejo, 2^k a E. da egreja parochial de S.^to^ Antão.

Dista dos Olivaes 12^k para o N.

Compr.ᵉ mais esta F. o L. de Zambujal; os casaes de Val Bom, Pinheiro, Serra, Carrascal, Casaes de S.ta Cruz; as q.tas de Abelheira, Ponte, Cruz, do Outeiro, da Horta, Alamos, Quintanilha, Maduras, Praia; e as H. I. de Moinho Novo, Esteiro de Baixo, Esteiro de Cima.

P...	C.	140	
	A.	261	
	E. P.	325	1250
	E. C.		1269

Menciona Carv.º as ermidas do Espirito Santo, duas de Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora do Soccorro, S. Sebastião.

J. B. de Castro menciona as do Espirito Santo defronte da matriz; Nossa Senhora da Apresentação, na q.ta da Ponte, de José Felix Rebello, escrivão do conselho da fazenda; Nossa Senhora do Carmo, no L. do Zambujal; S. Sebastião na estr.ª que vae para Via Longa, acima do poço publico chamado de S.ta Clara; e Nossa Senhora do Soccorro, na q.ta chamada antigamente do Arraes, hoje (1758) dos padres Vicentes, a qual q.ta é das mais dilatadas, frutiferas e rendosas que ha no T. de Lisboa.

É tradição ter sido fundado o L. de S. Julião do Tojal por um mouro chamado Monte Florido, mas não tem fundamento solido que a sustente, não obstante dizer Carv.º que ha por ali sitios com o mesmo nome, que segundo a nossa humilde opinião nada nos parece ter de mouro.

N'esta F. e proximo á q.ta da Abelheira, fica a fabrica de papel tambem chamada da Abelheira, uma das melhores do reino e que merece ser detidamente observada.

UNHOS

(20)

Ant.ª F. de S. Silvestre de Unhos, prior.º da ap. da casa de Bragança, no T. de Lisboa.

Em 1840 pertencia esta F. ao T. de Lisboa. Passou ao conc.º dos Olivaes pela instituição do mesmo conc.º (Veja-se Olivaes).

Está sit.º o L. de *Unhos* 3 $^1/_2$k a O. da margem direita do Tejo.

Dista dos Olivaes 8k para N. N. O.

Compr.e mais esta F. o L. de Cathejal ou Catojal, 5 casaes e 26 q.tas quasi todas proximo do L. de Unhos; das quaes os nomes não constam do mappa; mas vão mencionados em *NB.* no fim do conc.º

P. . .	C.	150	
	A.	152	
	E. P.	152	503
	E. C.		420

Consta de uma carta de D. Affonso III, que existe no cartorio da F., que esta já existia em 1257, e por isso não deve a sua fundação ao B. de Lisboa D. Matheus como pretende Carv.º

Menciona o dito auctor no districto da mesma F. a ermida de Nossa Senhora da Nazareth no L. de Catojal.

J. B. de Castro menciona mais as ermidas de Nossa Senhora da Esperança, na q.ta da Malvazia, fundada por D. Brites de Velasco em 1599, junto á ribeira, e pertencia

em 1708 a Gaspar Pereira do Lago: Nossa Senhora do Populo na q.ta da Bouça, contigua a Unhos; S. Sebastião proximo do mesmo L., fundada em 1531.

Falla tambem o mesmo J. B. de Castro em um cippo com inscripção romana que ainda foi vista por Antonio Coelho Gasco auctor das *Antiguidades de Lisboa*:

JVLIVS ⁝ ITALICVS ⁝ AVGVSTAL ⁝ H. S. E.

VIA LONGA

(21)

Ant.a F. de Nossa Senhora d'Assumpção de Via-Longa, cur.o da ap. dos freguezes, no T. de Lisboa.

Em 1840 pertencia esta F. ao T. de Lisboa. Passou ao conc.o dos Olivaes pela instituição do mesmo conc.o (Veja-se Olivaes).

Está sit.o o L. de *Via-Longa* (ou V.a Longa segundo J. B. de Castro) 2 $^1/_2$^{k} para N. O. da m. d. do Tejo. Dista dos Olivaes 14^k para N. N. E.

Compr.e mais esta F. os log.es de Cabo, Boca da Lapa, Verdelha, S.ta Eulalia (ou S.ta Olaia), S.ta Cruz, Mogos ou Magos, Morgado, Alpriate, Granja; os casaes de Carriça, Vistosa, Aguieira, Penedo, Monte, Espragal, Cazalinho, Estancos, Pilotas, Moinho; e as q.tas de Alfarrobeira, Buraco, Verdelha, Caniços, Flamenga, Serpa, Alpriate.

Menciona Carv.o o L. de Verdelha, em sitio aspero e fragoso, onde se conserva uma casa em a qual segundo a tradição nasceu o veneravel D. Fr. Bartholomeu dos Martyres: tem o L. uma fonte de excellente agua e na baixa do monte estava o conv.o de Nossa Senhora do Amparo, chamado a Casa Nova da Capucha de S.to Antonio, fundado por Pedro de Alcaçova, fidalgo da casa de el-rei D. João II, em 1546 (ou 1553 segundo J. B. de Castro).

P...	C..........	500	
	A...........	330	
	E. P........	336..............	1188
	E. C...........................		1570

Menciona J. B. de Castro no districto d'esta F. as ermidas de Nossa Senhora da Graça, na q.^{ta} do conde de Val de Reis, a qual tem um nobre palacio; Nossa Senhora das Mercês, na q.^{ta} do duque de Cadaval, no sitio da Alfarrobeira, onde teve logar a infausta batalha em que morreram o infante D. Pedro, e o C. de Abranches que nos legou aquelle nobre apophthegma *fartar, fartar villanagem.*

Antigamente fazia parte este L. de Via-Longa da F. de Santo André de Lisboa, e em 1390 construiram os parochianos uma ermida para terem capellão que lhes ministrasse os sacramentos, (não podendo nós comprehender como podesse até então existir esta povoação dependente para todos os effeitos da parochia de Santo André), e em 1440 supplicaram mais que o seu cura ficasse independente e fosse da apresentação dos freguezes, o que se lhes concedeu mediante o pagamento de certa pensão annual (8$000 réis) ao prior de S.^{to} André; pensão que hoje está abolida.

Comprehendia o districto d'esta F. o já mencionado conv.^{o} de Nossa Senhora do Amparo, ext.^{o} em 1834, e o most.^{o} de Nossa Senhora dos Poderes, de religiosas observantes, da regra de Sta Clara, fundado em 1561 por D. Brites de Castello Branco, filha de Heitor Mendes Valente, alcaide mór de Terena.

Achando-se o edificio em completo estado de ruina, foram as religiosas transferidas em 1838 para outro most.^{o} da mesma ordem.

Na q.^{ta} da Alfarrobeira, diz o *D. C.*, ainda conserva o nome de *arraial* o sitio onde esteve acampado o pequeno exercito do infante D. Pedro, antes de ser atacado pelo do rei D. Affonso v, e observa que se não deve confundir o sitio da Alfarrobeira em que se deu a batalha, com o L. de Alfarrobeira Pequena, dos arredores de Alverca.

NB. Quintas de algumas FF. d'este conc.º dos Olivaes, que não poderam ser incluidas na impressão das respectivas parochias.

F. de Camarate.—Corujo, Salter, S. João, Galvão, S. Pedro, Loureiras, Ferro, Nóra, S. Sebastião, S. Lourenço, Conceição, Portas de Ferro, Redondo, Guarda Mór ou Queimada, Arieira, Perro, Corrieira, Maravilha, Ulmeiro, Flores, Freixo (no Campo do Rio), S.to Antonio, Muxága, Almosteis, Barroca, Mil Fontes, Mattos Grandes, Mattos Pequenos, Ribeirinha (e outra no mesmo sitio), Couceiro, S. João, Herdade, Paraiso, Marcolino, Sant'Iago do Outeiro, Torre, Grandil, Morgada, Quintinha e a do ext.º conv.º

F. de Charneca.—Abelha (do V. de Valmor), Portella (do V. de Benagazil), do Alto (da condessa de V.ª Real), do Braamcamp, do Correio Mór, dos Milagres, de S.to Antonio do Louro, dos Grizos, da Carrapata, do Varatojo, das Almas, do Louro, da Silveria, da Fonte Coberta, da Trindade, do C. de Pombeiro, do Mascarenhas, do Pisa-Pimenta, do Serrado, da Granja, da Vinha Gallega, da Algaravia, do Barracão, da Cova de S.ta Luzia, do Cabral, do Penco, do Prazo, da Confeiteira, do Valle, do Casal do Chitas, do Casal do Belouro, do Galeão, do Reguengo, do Tavares e do Meio Milhão na Portella.

F. de Loures.—Ribeira, Fonte, Trigoso, Gago, Olho de Vidro, Almoinhas, Escrivão do Senado, Pae Affonso, Pedro Dias, Negrão, Sueira, Neves, Matta nas Sete Casas de Cima, Farinheira, Moreira, D. Antonia.

F. de Unhos.—Malvasia, Aleão, Conceição, Bouça, Boa Vista, Miradoiro, Serrada, Palmeira, Cruz, Santo Antonio,

Calçada, Conceição ou do Bello, Quintinha, S. Sebastião, Granjal Grande, Granjal Pequeno, Queimadas, Fonte, Fabrica, Valentim, Papagaio, Manteiga, Flores, da Horta, do Casal do Muro, do Casal do Cathejal.

CONCELHO DE SANT'IAGO DO CACEM

(v)

BISPADO DE BEJA

COMARCA DE ALCACER

BELLA

(1)

Ant.ª F. de Nossa Senhora a Bella (o orago é Nossa Senhora d'Assumpção) capellania da ordem de Sant'Iago, no T. da V.ª de Sant'Iago do Cacem.

Está sit.ª a aldeia de *Nossa Senhora a Bella* sobre a ribeira de Alvallade.

Dista de Sant'Iago de Cacem 2 ½ˡ para E.

P...	C..........	200	
	A..........	249	
	E. P.......	254................	970
	E. C..........................		1085

SANTA CRUZ

(2)

Ant.ª F. de S.ᵗᵃ Cruz, capellania da ordem de Sant'Iago, sendo o capellão freire professo da mesma ordem, no T. da V.ª de Sant'Iago de Cacem.

Está sit.ª a egreja parochial (quanto á F., que é rural, fica parte na encosta de um monte que tem no mais alto um castello arruinado, e a outra parte em valle) 4ᵏ para o N. de Sant'Iago de Cacem.

P...	C..........	100	
	A..........	96	
	E. P.......	88................	324
	E. C............................		412

SANTO ANDRÉ

(3)

Ant.ª F. de S.to André, capellania e comm.ª da ordem de Sant'Iago, no T. da V.ª de Sant'Iago de Cacem.

Está sit.ª a *Aldeia da Egreja* em alto, 6k para N. O. de Sant'Iago de Cacem.

Compr.e esta F. as aldeias da Egreja com 12 fogos, Azinhal 18, do Gis 9, Brescos, onde ha uma lagôa proximo do mar de 12k de contorno; e as H. I. de Alto das Machadas, Arneiro, Arneiro de Brescos, Arneiro de Galiza, Arneiro da Judia, Arneirinho, Areal, Avargas, Bacelos, Baleizão, Barranco, Barranco do Azinhal, Cabeço, Camarinhal Canada, Canas, Capella, Carregueira, Cartaxa, Casa Alta, Casa Nova, Ademas, Amoreiras.

P...	C..........	150	
	A..........	240	
	E. P........	230...............	841
	E. C............................		983

S. DOMINGOS

(4)

Ant.ª F. de S. Domingos, capellania da ordem de Sant'Iago, sendo o capellão freire professo da mesma ordem, no T. da V.ª de Sant'Iago de Cacem.

Está sit.ª a *Aldeia de S. Domingos* entre grandes arvoredos, em uma varzea da ribeira de S. Domingos que passa junto da egreja parochial. Dista de Sant'Iago de Cacem 3 $^{1}/_{2}$l para E. S. E.

P.	C.	160	
	A.	269	
	E. P.	251	856
	E. C.		1177

É F. espalhada e habitada em grande parte por corticeiros.

Tem muita creação de gados, muita caça de toda a qualidade e muitas colmeias.

SANT'IAGO DE CACEM

(5)

Ant.ª V.ª de Sant'Iago de Cacem, na ant.ª com. de Campo de Ourique.

Hoje é cab.ª do actual conc.º de Sant'Iago de Cacem.

Está sit.ª em logar alto, cercada de serras, $2\ ^1/_2{}^1$ a E. do Oceano. Dista de Lisboa 21^1 para S. S. E.

Tem uma só F. da inv. de Sant'Iago, prior.º que era da ordem de Sant'Iago e comm.ª da mesma ordem, da qual o prior era freire professo. A comm.ª pertencia ao M. de Fontes.

P.	C.	200	
	A.	669	
	E. P.	654	2699
	E. C.		2666

Antes da extincção das ordens religiosas havia n'esta V.ª um conv.º da ordem de S. Francisco, da provincia dos Algarves, fundado em 1505, com a inv. de Nossa Senhora do Loreto.

Tem casa de misericordia e hospital.

Ainda existe entre fragosas serras o seu antigo castello hoje arruinado.

É abundante de trigo, centeio, milho, gado e caça.

Tem estação telegraphica.

Tem este concelho:

Superficie, em hectares	90703
População, habitantes	10942
Freguezias, segundo a *E. C.*	8
Predios, inscriptos na matriz	3696

Tem por brazão d'armas um escudo coroado e no centro o apostolo Sant'Iago, a cavallo, empunhando a espada na mão direita e em acção de batalhar, tendo no braço esquerdo o escudo com a cruz da sua ordem: no chão aos pés do cavallo as figuras de mouros prostrados por terra; tudo em campo branco.

Deu-lhe foral el-rei D. Manuel em 1512.

João Baptista de Castro, seguindo Rezende e outros auctores, fixa no local d'esta V.ª a povoação romana de *Merobriga* mas o dr. E. Hübner diz não ter d'esta opinião sufficientes provas.

SERRA

S. BARTHOLOMEU

(6)

Ant.ª F. de S. Bartholomeu, capellania, cur.º e collegiada da ordem de Sant'Iago, sendo o capellão freire professo da mesma ordem, no T. da V.ª de Sant'Iago de Cacem.

Está sit.ª a egreja parochial (a F. é toda de casaes sem nomes especiaes e isolados) 1 ½l para E. de Sant'Iago de Cacem.

P...	C.	120	
	A.	151	
	E. P.	148	624
	E. C.		660

SERRA

S. FRANCISCO

(7)

Ant.ª F. de S. Francisco da Serra, capellania, cur.º e collegiada da ordem de Sant'Iago, sendo o capellão freire professo da mesma ordem, no T. da V.ª de Sant'Iago de Cacem.

Está sit.ª a *Aldeia* (provavelmente de S. Francisco, mas não o diz a *E. P.*) duas leguas para N. N. E. de Sant'Iago de Cacem.

A aldeia onde está a egreja parochial tem 29 fogos e todo o resto da F. são casaes, sem nomes especiaes, dispersos pela serra até á distancia de duas leguas.

P...	C..........	160	
	A..........	159	
	E. P.......	170................	772
	E. C............................		811

SINES

(8)

Ant.ª V.ª de Sines na ant.ª com. de Campo de Ourique.

Em 1840 pertencia esta F. ao conc.º de Sines, ext.º pelo decreto de 24 de outubro de 1855, pelo qual passou ao conc.º de Sant'Iago de Cacem.

Está sit.ª em uma angra ou pequena enseada do Oceano, voltada para o S. Tem estr.as para Alcacer do Sal, para Sant'Iago de Cacem e V.ª N. de Mil Fontes. Dista de Sant'Iago de Cacem $3\ ^1/_2{}^l$ para O. S. O.

Tem uma só F. da inv. do Salvador, prior.º que era comm.ª da ordem de Sant'Iago.

Compr.e esta F., além da V.ª, o L. de Porto Covo.

P...	C.........	500	
	A.........	699	
	E. P......	769...............	3019
	E. C......................	....	3148

Antes da extincção das ordens religiosas em Portugal havia a pequena distancia d'esta V.ª um conv.º da ordem de S. Francisco, da provincia dos Algarves, com a inv. de S.to Antonio, fundado em 1504.

Tem casa de misericordia e bom hospital.

Em 1087 tinha 5 ermidas: Nossa Senhora das Salas, S.ta Catharina, S. Pedro, S. Marcos, S. Geraldo, e além d'estas fóra da V.ª na fortaleza chamada da Ilha, por estar defronte da Ilha do Pecegueiro (que terá 2^k a 3^k de circuito) a ermida de Nossa Senhora da Queimada (á qual dizem puzeram fogo os mouros ficando illesa a imagem) e as de Nossa Senhora dos Remedios e S. Bartholomeu.

Tem junto ao mar um castello com dois baluartes, que ainda conserva um pequeno destacamento de artilheria.

As casas da V.ª de Sines são regulares e formam seis ruas direitas e uma praça.

O porto é pequeno, porém muito abundante de pescaria.

Recolhe muito bom vinho: tem abundancia de gado, especialmente optimos carneiros e tambem de caça, sobretudo de aves aquaticas.

Ufana-se esta V.ª de ter sido o berço de D. Vasco da Gama 1.º conde da Vidigueira.

Tem estação telegraphica.

CONCELHO DO SEIXAL
(x)

PATRIARCHADO

COMARCA DE ALMADA

ALDEIA DE PAIO PIRES
(1)

Ant.ª F. de Nossa Senhora d'Annunciação (ou F. d'Annunciada) cur.º da ordem de Sant'Iago na Aldeia de Paio Pires, no T. da V.ª d'Almada. Hoje é prior.º

Está sit.ª a *Aldeia de Paio Pires* 3ᵏ para S. E. do Seixal.

Compr.ᵉ mais esta F. o L. chamado Fóros de Catampona e 28 q.ᵗᵃˢ isoladas, das quaes não vem mencionados os nomes na *E. P.;* porém segundo o mappa topographico são as seguintes: Gallega, Brejo, Cossena, Marco, Bugio, Leitão, Lima, Cannas, da Ponte, do Braga, da Palmeira (que foi dos frades Jeronymos), Quinta Nova, e as outras talvez pequenas q.ᵗᵃˢ e hortas que não tem nomes especiaes.

P...	C..........		
	A..........	259	
	E. P........	298..............	1065
	E. C..........................		948

No numero dos fogos d'esta F. entram 52 habitados sómente por *maltezes* que vem de fóra, desde o 1.º de outubro até 30 de abril.

A aldeia de Paio Pires, ainda não era séde de parochia em 1758: pertencia á F. d'Arrentella e tinha apenas uma

ermida da inv. d'Annunciada, que pertencia a José Felix da Cunha, a quem egualmente pertenciam os fóros e quintos d'estes sitios.

Da genealogia d'esta familia dos Cunhas descendentes de um irmão do grande Nuno da Cunha, vice-rei da India, trata largamente Carv.º na *Chorographia* vol. III, pag. 310 a 313.

É tradição ser esta aldeia fundação do bravo mestre de Sant'Iago D. Paio Peres Correia, e o seu nome corrupção de Paio Peres.

AMORA

(2)

Ant.ª F. de Nossa Senhora do Monte Sião (unica d'esta inv. em Portugal) cur.º da ap. dos freguezes, no T. da V.ª de Almada. Hoje é prior.º

Está sit.º o L. de *Amora* (a egreja parochial está em Amora de Cima que fica muito proximo de Amora de Baixo, constituindo por assim dizer um só L.) junto a um esteiro do Tejo, onde vem entrar o rio Judeu. Dista do Seixal 2ᵏ para S. O.

Compr.ᵉ esta F. os log.ᵉˢ de Amora de Cima, Amora de Baixo, Foros do Paço do Bispo e Corroios=Fonte de Cima, Lobatos, Casalinho, Cruz de Pau, Paço do Bispo, Charnequinha, Cheira-Ventos, Talaminho, S.ᵗᵃ Martha de Croroios, Casa de Pau e Val de Milhaço; e as q.ᵗᵃˢ de Medideira da Cova, Braz, do Troca, Patrimonio, Inglezinhas ou Inglezinho, Barroca, Atalaia, Loba, da Princeza, Castello d'Arigena, da Agua, S. Pedro, Marialva, do Contrabandista, da Matta, de Niza, de Carapinha, S. Nicolau, Brazileiro, Rouxinol, Borba, Vargeira, do Conde.

NB. A F. de Corroios (orago Nossa Senhora da Graça, com 57 fogos, 154 habitantes, incluidos infra) foi annexada a esta para todos os effeitos em 1852. Isto diz o parocho mas deveria ser antes.

P...	C..........		
	A..........	302	
	E. P........	262................	1000
	E. C............................		1119

«A formosa q.^{ta} d'Amora que foi da sr.^{a} princeza viuva D. Maria Francisca Benedicta e pertenceu depois á sr.^{a} infanta D. Izabel Maria, merece ser visitada: tem um grande lago e no meio d'este uma linda ilha.» (Extraído em resumo do *D. G.* do sr. P. L.)

Menciona Carv.^{o} no districto d'esta F. muitos morgados e q.^{tas} de nobres e antigas familias, sendo os morgados principaes o dos Mellos, na q.^{ta} do conde de Portalegre, o dos Correias Lacerdas, na q.^{ta} Grande ou da Fonte da Prata, o dos condes d'Atalaia, o dos Moraes Cabral no Talaminho, o dos Gamas Lobos, no L. de Cheira-Ventos, e o dos Lobatos, no L. de Lobatos.

Ao L. de Corroios, que n'esse tempo não era ainda séde de parochia e só tinha uma ermida da inv. de Sta Martha, assigna o dito auctor 80 fogos.

ARRENTELA

(3)

Ant.^{a} F. de Nossa Senhora da Consolação no L. de Arrentela, cur.^{o} da ap. dos freguezes, no T. da V.^{a} de Almada.

Está sit.^{o} o L. de *Arrentela* proximo ao mesmo esteiro que passa na Amora, mas do lado opposto e quasi ao fundo do dito esteiro. Dista do Seixal 2^{k} para o S.

Compr.^{e} mais esta F. os log.^{es} de Torre da Marinha e Casal do Marco.

Vem mencionado em Carv.^{o} o L. da Torre e no *D. G. M.* 12 q.^{tas} sem nomes especiaes[1].

[1] Parece quė algumas d'estas são as de S. João, Outeiro, Cavaquinhos, Val de Carros, Boa Vista, Torre, Salema.

P...	C.........		
	A.........	230	
	E. P......	338...............	945
	E. C.........................		1195

Em 1758 a egreja parochial estava fóra do L. de Arrentela e em terreno mais elevado.

Uma das q.^{tas} chamada do Salema, dizem ter sido fundada por D. Vasco da Gama, e que ainda ali se conservam objectos trazidos por elle do oriente, e cedros do seu tempo.

«Proximo ao L. chamado Torre da Marinha, em um terreno que pertenceu aos carmelitas, fez André Durieu um estabelecimento de lavagem de lã, que o governo comprou em 1831, para estabeler ali uma fabrica de mantas para o exercito.

«Tendo-se arruinado os armazens e officinas foram vendidos, depois de 1834, conjunctamente com outros bens da ordem do Carmo, a João Rodrigues Blanco, que os reedificou e empregou em uma fabrica de estamparia de algodão.

«Esta fabrica ainda decaíu e se fechou; até que em 1855, Julio Caldas Aulete e outros socios a compraram, e em 1859 entrando para socio gerente Manuel Egreja lhe deu grande impulso.

«Em 1851 já os seus productos appareceram na exposição industrial do Porto: mesclas finas e ordinarias, castorinas, casimiras, pannos aveludados, tudo escolhido nos seus depositos.

«Tem uma boa machina de vapor, 6 machinas de fiação, 32 teares mechanicos, machinas de lavar, cardar, urdir e lustrar; e as necessarias officinas de carpinteria, serralheria, etc. Emprega ordinariamente 160 operarios, o que tem tornado o L. d'Arrentela, d'antes pobre e falto de trabalho, uma povoação rica e laboriosa.»

Eis o que se lê a respeito d'esta fabrica no *D. C.*

«Por um artigo que vimos publicado no *Diario de Noticias* do corrente anno (1874) sabemos que esta fabrica continúa a progredir e emprega actualmente 390 pessoas, sendo 220 homens e 170 mulheres e raparigas.

A Aldeia de Paio Pires pertenceu d'antes a esta F. de Arrentela e do mesmo modo a V.ª do Seixal.

SEIXAL

(4)

Ant.º L. do Seixal pertencente á F. de Nossa Senhora da Consolação d'Arrentella, onde se instituiu um cur.º da ap. dos freguezes, tomando a nova parochia para seu orago Nossa Senhora da Conceição: foi depois prior.º

Hoje é V.ª do Seixal, cab.ª do actual conc.º do Seixal.

Está sit.ª junto ao esteiro do Tejo que vae a Amora e Arrentella[1]. Dista de Lisboa (por mar) 1 1/2 l para S. S. E.

Tem uma só F. que é a supra indicada, a qual compr.ᵉ, além da V.ª, as q.tas de D. Maria, Paulo Jorge, Trindade; e os armazens pertencentes ao arsenal da marinha no sitio da Azinheira.

Pelo mappa topographico parece deve ter mais as q.tas dos Paulistas e a do Lirio.

P...	C.	400 (com Arrentela e Paio Pires)	
	A.	615	
	E. P.	600	1500
	E. C.		2372

Em Carv.º apenas vem mencionada no L. do Seixal uma ermida e uma grande q.ta que pertencia a Sebastião da Gama Lobo, fidalgo da casa.

No *D. G. M.* vem mencionadas 3 q.tas; a dos Trinos, a do C. de V.ª Nova, e a de D. Maria Thomazia, viuva do capitão Braz de Oliveira.

Diz tambem que n'esta localidade (talvez no sitio da Azinheira) houve uma *ribeira das naus* em tempo d'el-rei D. Manuel.

Tem a V.ª duas ruas principaes, em fórma quasi semi-

[1] Este esteiro assim como outros de que já fallámos em Aldeia Gallega, Moita, etc., são navegaveis para pequenos barcos sómente em prêamar: na vasante tem apenas lodo.

circular, varias travessas e becos, e 3 praças de pequena capacidade.

Recolhe algum trigo e milho, poucas hortaliças, legumes e algum vinho: a sua abundancia é de peixe, pois quasi a totalidade da população é de pescadores.

Tem um poço de muito boa agua e algumas fontes em pequena distancia.

Possue hoje tres fabricas: uma de productos chimicos, de Padrel & Companhia; uma de sabão; e outra de sola que é muito antiga e acreditada.

Tem este concelho:

Superficie, em hectares	9070
População, habitantes	5634
Freguezias, segundo a *E. C.*	4
Predios, inscriptos na matriz	1415

CONCELHO DE SETUBAL

(y)

PATRIARCHADO

COMARCA DE SETUBAL

AZEITÃO

VILLA FRESCA

(1)

Ant.ª F. de S. Simão na aldeia de V.ª Fresca, cur.º da ordem de Sant'Iago, no T. da V.ª de Cezimbra.

Em 1840 pertencia esta F. ao conc.º de Azeitão, ext.º pelo decreto de 24 de outubro de 1855, pelo qual passou ao de Setubal.

Está sit.ª a *Aldeia de Villa Fresca,* hoje chamada V.ª Fresca de Azeitão, em valle aprazivel. Dista de Setubal duas leguas para O.

Compr.^{e} mais esta F. os log.^{es} de Aldeia das Vendas, Pinheiros, Camarate, Castanhos, Bréjos, Louceira, Pixeleiros, Arneiros, Pacheca; muitos casaes sem nomes especiaes na serra; e as q.^{tas} de Bacalhoa, Palhavã de Cima, Palhavã de Baixo, Má Partilha, Amieira, Alcube, Torre.

Vem mencionados em Carv.º Aldeia de V.ª Fresca, Aldeia das Vendas, Aldeia dos Pinheiros, Camarate, Aldeia dos Castanhos, todos no T. de Cezimbra.

P...	C.		
	A.	250	
	E. P.	257	1200
	E. C.		972

Recolhe esta F. cereaes, legumes, hortaliças, entre as quaes couves murcianas de excellente qualidade, frutas, especialisando-se os abrunhos, damascos, pecegos e alperches; tambem recolhe algum vinho e azeite.

Tem feira annual de 3 dias (franca) começando no 1.º de dezembro,

«A egreja parochial é de duas naves fundada por Affonso de Albuquerque filho natural do grande vice-rei da India. O solar d'esta illustre familia é proximo da povoação e pertence hoje aos C. de Mesquitella.

A casa tem a fórma de castello, imitando a fortaleza de Ormuz.» (*D. G.* do sr. P. L.)

AZEITÃO

VILLA NOGUEIRA

(2)

Ant.ª F. de S. Lourenço, na Aldeia de Nogueira, cur.º da ap. dos freguezes, no T. da V.ª de Cezimbra.

Em 1840 pertencia esta F. ao conc.º de Azeitão, ext.º pelo decreto de 24 de outubro de 1855, pelo qual passou ao de Setubal.

Está sit.ª a *Aldeia de Villa Nogueira de Azeitão* em agradavel encosta de verdejante collina, do alto da qual se desfruta uma vista encantadora. Dista de Setubal 12^k para O.

Compr.ᵉ mais esta F. os log.ᵉˢ de Aldeia Rica, Aldeia de Oleiros, Aldeia de Irmãos, Aldeia de S. Pedro, Aldeia da Piedade (vulgo Coina a Velha e com este nome vem no mappa), Aldeia da Portella=Bréjos de Val de Choupos com 21 fogos, Bréjos de Casal de Bolinhos com 10 fogos; os casaes de Nossa Senhora del Carmen, Nossa Senhora da Arrabida (proximo á fortaleza da Arrabida), do Pimenta, do Bispo, total dos casaes 29 fogos; as q.ᵗᵃˢ Nova, Velha (ambas 10 fogos), Torres 3 fogos, Bassaqueira, Hospicio (ambas 5 fogos) S.ᵗᵒ Amaro 1 fogo, Ribeira da Morgada 1 fogo, Arcos 2 fogos, Foes 1 fogo, Conde da Povoa 1 fogo;

e as H. I. de Porto da V.ª 1 fogo, Val de Pereiro 1 fogo, Val Andeiro 1 fogo.

Vem mencionados em Carv.º Aldeia de Nogueira, Aldeia Rica, Aldeia dos Oleiros, Aldeia dos Irmãos, Porto da V.ª, Coina a Velha de Cima, Coina a Velha de Baixo.

P...	C.		
	A.	565	
	E. P.	530	2000
	E. C.		1841

Tem casa de misericordia com hospital em V.ª Nogueira; e na Aldeia da Piedade teve um conv.º da ordem de S. Domingos, da inv. de Nossa Senhora da Piedade, fundado em 1435: e ext.º em 1834.

Tambem mencionaremos no districto d'esta F. por nos parecer a mais apropriada, sem comtudo darmos a certeza de que ao mesmo districto pertencessem os dois ext.os conv.os d'Arrabida e de Alferrara: o 1.º era de religiosos Arrabidos, com a inv. de Nossa Senhora d'Arrabida e fôra fundado em 1542; e o 2.º era de Paulistas, da inv. de Nossa Senhora da Consolação fundado em 1383.

Ha em V.ª Nogueira uma fabrica de tecidos de algodão e estamparia. Segundo o *D. G.* do sr. P. L.

El-rei D. Fernando lhe concedeu grandes privilegios, mas nunca teve foral.

Não obstante foi cab.ª de conc.º e o *D. C.* do sr. Bett. lhe dá ainda o titulo de V.ª

PALMELLA

(3)

Ant.ª V.ª de Palmella na ant.ª com. de Setubal.

Em 1840 pertencia esta V.ª ao conc.º de Palmella, ext.º pelo decreto de 24 de outubro de 1855, pelo qual passou ao de Setubal.

Está sit.ª em logar eminente, na aba da serra que chamam de Palmella, e que é um ramo da serra da Arrabida, pela parte de N. O. Dista de Setubal 8k para o N.

Antigamente e ainda em 1840 tinha duas FF. que eram as seguintes:

S.[ta] Maria, no castello, collegiada, prior.[o] da ordem de Sant'Iago, matriz da V.[a]

S. Pedro, collegiada, prior.[o] da ordem de Sant'Iago.

Hoje só tem uma (porque pelo decreto de 26 de julho de 1851 se annexou a de S.[ta] Maria á de S. Pedro).

S. Pedro, prior.[o], a qual compr.[e], além da V.[a], os log.[es] de Barriz, Quinta do Anjo, Cabanas, Barracheia, Penteado, Carregueira, Venda do Alcaide, Horta; os casaes de Lagôa da Palha, Algeruz, Sesmarias; e as q.[tas] de Aires, da Feia, do Barradas, do José Hilario, do Centeio, de Thomé Dias, dos Acyprestes, das Machadas, dos Bonecos, do Jacob.

Tambem posteriormente a 1862 foi annexada á F. de S. Pedro de Palmella a de Marateca que tinha o orago S. Pedro, a qual comprehendia, além do L. de Marateca, o L. de Aguas de Moura; e os casaes de Reboredo, Ferrarias, Moinho Novo, Pernada, Boa Vista, Fonte Barreira, Pé Claro, Asseiceira, Alagôa do Calvo, Poceirão[1], Amieira, Rio Frio, Moinhola, Agualva, Zambujal, Arrabidas, Seixolinha.

O L. de Marateca (onde houve povoação romana com o nome de *Malececa*) fica mais de 4[l] para E. de Palmella, sobre a ribeira de Marateca.

Tem a V.[a] casa de misericordia e hospital.

Antes da extincção das ordens religiosas em Portugal, havia no seu castello o conv.[o] dos freires, chamados de Palmella, o qual foi fundado em 1423 e concluido em 1482 e era cab.[a] da ordem militar de Sant'Iago, que possuia 60 comm.[as] que produziam o total de mais de 200 mil cruzados de renda.

O castello sit.[o] no alto da serra acha-se arruinado e não tem hoje importancia alguma militar; conserva porém um governador, que é official reformado, e um ajudante.

[1] Proximo fica a estação do Poceirão do caminho de ferro de S. E.): é a 1.[a] a contar do Pinhal Novo (entroncamento dos dois C. de ferro de S. e S. E.)

Defronte do ant.º conv.º dos freires, monumento historico hoje abandonado e entregue aos estragos do tempo e ás devastações da ignorancia, está uma praça espaçosa com 4 cisternas.

Da torre de menagem se descobrem os dois bellos portos de Lisboa e Setubal, a serra d'Arrabida e lindas paizagens.

A V.ª é pequena e as ruas tortuosas.

Recolhe alguns cereaes, hortaliças, legumes, frutas, vinho e azeite: tem abundancia de gado, de caça, colmeias e lenha, e tambem de excellentes aguas.

Tem feira annual em 8 de dezembro e mercado nos segundos domingos de cada mez.

A estação do C. de ferro do S. denominada de Palmella fica $^1/_2{}^l$ a E. da V.ª; é a 1.ª a contar do entroncamento dos dois caminhos de ferro do S. e de S. E.

Dizem os nossos auctores ant.^{os} ser esta V.ª fundação dos sarrios e celtas, amplificada pelo governador romano Aulo Cornelio Palma, que lhe deu o nome de Palmella (palma pequena) para a distinguir de outra povoação com o nome de Palma que anteriormente havia fundado em Hespanha.

Arruinada pelas guerras dos mouros foi tomada por el-rei D. Affonso Henriques e repovoada no reinado de D. Sancho I.

Tem por brazão uma palmeira verde, sobre chão escuro, e saindo do chão um braço vestido de manga azul, cuja mão ampara a arvore; de cada lado da palmeira uma torre de prata, tudo em campo vermelho; e na parte superior do escudo ao centro a cruz de Sant'Iago e aos lados d'esta duas conchas de romeiro, de oiro.

Este é o brazão que vem no livro da Torre do Tombo: em diversos auctores e nos quadros annonymos de que já temos fallado offerece algumas differenças.

Palmella é hoje titulo de ducado da casa Sousa Holstein, familia cuja illustre ascendencia occupa distincto logar em os nossos auctores genealogicos.

SETUBAL

(4)

Ant.ª V.ª de Setubal, cab.ª da ant.ª com. de Setubal.

Hoje é cid.e, cab.ª do actual conc.º e da actual com. de Setubal.

Está situada na raiz da serra da Arrabida (antigamente Promontorio Barbarico) em formosa enseada formada pelo Oceano, onde entra o rio Sado. Dista de Lisboa 7^{l} para S. E.

Tinha esta V.ª e ainda hoje tem a cid.e 4 FF.

Nossa Senhora d'Annunciada (Nossa Senhora Annunciada lhe chama com mais correcção o *D. G. M.*), orago a Annunciação de Nossa Senhora, prior.º que era da ordem de Sant'Iago.

Compr.e, além da parte respectiva da cid.e, os casaes de Araujo e Roboredo; e as q.tas do Brasileiro, dos Mezes, de Brancanes, de Nogueira, do Ferreiro e da Misericordia.

Por decreto de 19 de outubro de 1850 foi annexada a esta F. a de Nossa Senhora d'Ajuda (com 101 fogos, 340 habitantes), a qual era capellania e cur.º da ap. da meza da consciencia, ainda que ao parocho davam o titulo de prior. Ficava èsta F. d'Ajuda extra-muros de Setubal, no sitio da Rasca, e os seus moradores pertenciam ao T. de Palmella.

Tinha a F. d'Annunciada duas ermidas, S. Pedro dos Montes e Nossa Senhora do Rozario da Torre de Outão.

P. . .	C.		
	A.	1587 (incluindo N. Sr.ª d'Ajuda)	
	E. P.	1040 (idem).	4471
	E. C.		4323

S.ta Maria da Graça (ou *á moda do tempo* diz o *D. G. M.*, Nossa Senhora da Graça) prior.º, que era da ordem de Sant'Iago.

Compr.e só a parte respectiva da cid.e

P...	C...........	600	
	A...........	723	
	E. P........	484...............	1542
	E. C........	....	1547

Em 1708 era esta egreja parochial matriz da V.ª, e tinha n'esse tempo duas ermidas S.^{to} Antonio do Postigo, e fóra dos muros a do Anjo da Guarda.

S. Julião, prior.º, que era da ordem de Sant'Iago.

Compr.^{e}, além da parte respectiva da cid.^{e}, as q.^{tas}, hortas e pomares seguintes:

Q.^{tas}—Paraiso, Novaes; hortas—Novaes, S. Joaquim, Sabeira, Pacheco, Cabedo, Teleno, Algodea, Poupinha, Americano, Marco, Rego, Pontinha, duas da Misericordia, e Alfarrobeira; pomares—Cêra, S. Pedro de Alcantara.

P...	C...........	627	
	A...........	1327	
	E. P........	901...............	3608
	E. C........	....	3376

Segundo nos diz Carv.º esta F. é a mais ant.ª de Setubal.

No seu districto havia as ermidas de Nossa Senhora do Soccorro, Nossa Senhora dos Anjos, e Nossa Senhora do Livramento, onde em 1661 se instituiu o conv.º de Sta Tereza, que vae adiante mencionado juntamente com as outras casas religiosas.

S. Sebastião, prior.º, que era da ordem de Sant'Iago.

Compr.^{e}, além da parte respectiva da cid.^{e}, os casaes de S. Domingos, Pedro de Moura; Joaquim Moreira, Azeda de Cima, Azeda de Baixo, Conde de Palma, Borralha, Prestes, Mouca, João Freire, Liz, D. Joanna, José Filippe Pereira, D. Francisca, Sancha Cega, Sereno, 2 de Val de Cobro, Canes, Bem Gordo, D. Juliana, Pinheiro Torto, Val do Judeu, Musgos, Gambia. Sobralinho, Loulé, Travassos, Agualva, Coitada, Motrena, S.^{to} Ovidio, Santas, Casal do Santissimo, Manteigada, Cabeço de Bolota, Casa de Pau, Poçoulos, Serralheira, Pega Manca, Maria Ferreira, Sangra Damas, Cerqueira, Cabelleiras, Graça, João d'Almeida,

Casal do Meio, Damião Alvares, Domingos Antunes, Quintinha, Garim, Peixe Frito, Luiz dos Santos, D. Maria Gertrudes, Cara Feia, Mocho, Confeiteiro, Aguiar, D. Joanna, Ignacio Soares, José Henriques, João Ferreira, Juiz dos Orphãos, Empreiteiro, João Guilheiro, Abbade, Cú de Porco, Caiada, Jorge de Aquino, Poupinha, José Pinto Palma, Galrão, Hilario Gonçalves, Manuel Teixeira, João do Monte, Bruno, Meirelles, José Gabriel, José Thomaz Xavier, Charraz, Luiz Gomes, Nabo, Areia, Braganças, Camarinha, Manuel Ferreira, Capella, e 14 moinhos cada um com seu casal; as q.[tas] de Aranjuez, Cyprestes, Viuva Ferro, Poço de Mouro, Caxofarra, Parvoice, Doutor Simeão, Prostes, Salema, S. João, Azinhaga; e as hortas do Tanque, da Calçada, do Brioso, de S. Domingos, de Manuel Matheus, do Freixo, de Val da Roza, da Cevadeira, do Pote d'Agua, do Meu Rapaz.

Na extensão de duas leguas entre o ant.º T. de Palmella e a ribeira de Marateca ha mais de 80 casebres e palhoças com o nome commum de Brejos.

P...	C..........	870	
	A..........	1317	
	E. P........	1096...............	3861
	E. C..........................		3482

Menciona Carv.º no districto d'esta F. as ermídas de S.[to] Ovidio, Nossa Senhora da Graça, S.[ta] Catharina e Nossa Senhora da Troia, da outra parte do rio.

Entendemos conveniente apresentar agora o total da população da cid.[e]

P...	C...........	2097	
	A...........	5005	
	E. P.........	3521.............	13482
	E. C..........................		12728

Antes da extincção das ordens religiosas havia em Setubal os seguintes:

CONVENTOS

Nossa Senhora do Carmo, de carmelitas calçados,

fundado em 1652 segundo J. B. de Castro, em 1598 segundo a *Chorographia* de Carv.º

Santa Thereza, de carmelitas descalços, fundado em 1661.

S. Sebastião, de dominicanos, fundado por el-rei D. Sebastião em 1566.

S. Francisco, de franciscanos da provincia dos Algarves, fundado em 1410.

Nossa Senhora dos Anjos, de missionarios apostolicos, da mesma ordem de S. Francisco e provincia dos Algarves, fundado em 1682, no sitio de Brancanes, pelo veneravel fr. Antonio das Chagas.

Santissima Trindade, de religiosos trinitarios, fundado em 1699.

Tambem antes da extincção da Companhia de Jesus teve esta em Setubal um collegio com a inv. de S. Francisco Xavier, fundado em 1655.

Tem ainda, segundo nos informam, o seguinte

MOSTEIRO

De Jesus, de religiosas capuchas da 1.ª regra de S.ta Clara, fundado em 1490 por Justa Rodrigues Pereira, que foi ama d'el-rei D. Manuel; o qual se começou no reinado de D. João II e foi concluido no de D. Manuel, obra em tudo digna d'este soberano, executada pelo mesmo architecto do conv.º de Belem.

A egreja é sumptuosa e de 3 naves, mas o que mais sobresae n'este templo é a côr da pedra, atijolada a que davam o nome de *vermelho antiquo.*

Possuia o mosteiro peças de grande valor em vasos sagrados, alcatifas, tapessarias e uma collecção preciosa de quadros, alguns d'elles attribuidos ao celebre pintor Grão Vasco.

Tambem havia um antigo mosteiro de dominicanas, com a inv. de S. João Baptista, fundado em 1529; nas suas ruinas construiram uma praça de touros.

A santa casa da misericordia de Setubal é riquissima e administra dois hospitaes.

Setubal como ponto fortificado, não obstante as suas muralhas e torres antigas, e algumas fortificações mais modernas, carece de importancia militar; os numerosos fortes que lhe ficam em volta, de que os principaes são a torre de Outão (com um pharol), junto á costa do mar e na falda da serra d'Arrabida, e o castello de S. Filippe, proximo á cid.ᵉ para O. S. O., obra do insigne engenheiro Filippe Tercio, sob o governo de Filippe II, acham-se desartilhados e apenas guarnecidos cada um com 4 artilheiros para os tiros de signal[1].

Do porto e barra tratámos na descripção do rio Sado.

Tem a cid.ᵉ 3 pontes, dilatados caes, muitos chafarizes e fontes de boas aguas, 4 praças e muitas ruas e travessas.

O passeio do Bomfim é o melhor da cid.ᵉ e occupa grande parte do formoso campo do mesmo nome, bem arborisado e com um bello chafariz.

A ermida do Senhor do Bomfim, ao fundo do campo é de grande devoção do povo de Setubal, especialmente dos maritimos.

Além d'este campo que tambem chamam Rocio, entram no numero das praças melhores a do Sapal, onde está a cadeia e o monumento a Bocage, o bonito largo de Palhaes, e o largo da Fonte Nova.

Tem hoje a cid.ᵉ um soffrivel theatro chamado de Bocage. Tem um decente cemiterio com boa ermida: e tambem ha outro cemiterio para os protestantes.

A estação do C. de ferro do S. denominada de Setubal fica junto e ao N. da cidade: é a 2.ª e ultima do dito C. de ferro do S. a contar do Entroncamento com o de S. E.

A praia que d'antes era de areia solta tem hoje bellos caes e tornou-se um agradavel passeio.

[1] No mappa topographico ainda se representam: os fortes de Albarquel, no começo da enseada, e a S. O. da cidade, S. Diogo, a O., e o forte Velho a N. O. para o lado de terra.

O novo mercado é obra notavel no seu genero e não desdiz do resto das construcções modernas da cidade, que de dia para dia augmenta e prospera.

A alfandega é egualmente um bom edificio e o movimento commercial importante.

Ha em Setubal diversos estabelecimentos fabris e industriaes, com quanto a *Geographia Commercial e Industrial* do sr. João Felix só mencione as fabricas de cortumes, por serem talvez as unicas no tempo em que escreveu.

É abundante de todos os generos, mas sobretudo de vinho, hortaliças, excellentes frutas, especialisando-se entre estas os limões doces, laranjas, tangerinas, figos, uva moscatel e bastardo: de gado e de caça tem o sufficiente, e grande abundancia de peixe, especialmente salmonetes, linguados, tainhas e mariscos.

As suas bellas marinhas são conhecidas em todo o mundo e a principal riqueza da cidade.

Tambem exporta muito vinho, chegando alguns annos a 40:000 pipas e mais de 80 contos de réis de réis de fruta de espinho, que vae a maior parte para Inglaterra.

Nas immediações da cid.[e] ha marmores e porfidos mui preciosos.

Tem estação telegraphica.

Em Setubal ha feira franca a 25 de julho.

Tem este concelho:

Superficie, em hectares	72307
População, habitantes	21713
Freguezias, segundo a *E. C.*	7
Predios, inscriptos na matriz	8629

A maior parte dos nossos auctores antigos pretendem seja Setubal fundação de Tubal, neto de Noé, e do mesmo fundador lhe derivam o nome; mas que o seu principio foi no sitio chamado Troia.

Outros auctores porém deduzem Setubal de Cetobriga, povoação antiquissima no dito sitio de Troia, cujo nome significava povoação de grandes peixes: *briga* povoação, *cete* peixe grande.

Deixando nós estas opiniões incertas pela escuridão dos tempos, e guiando-nos pelo pharol de mais luminosa critica, só podemos admittir que Setubal era já povoação no tempo em que os phenicios exploravam as costas do Oceano, saindo pelo estreito de Gibraltar ou que foi por elles fundada.

Soffreu com o resto do reino o jugo dos romanos, dos godos e dos arabes, até que d'estes a restaurou el-rei D. Affonso Henriques, e achando-se arruinada e despovoada pelas guerras a fez reedificar e repovoar chamando para isso gente de Palmella.

D. Sancho I lhe deu foral.

Já nos primeiros tempos da monarchia era dividida em tres bairros: V.ª, Troino e Palhaes, o que bem mostra a sua importancia e grandeza n'esses tempos.

O seu brazão d'armas é um escudo coroado tendo ao centro um castello banhado pelo Oceano, e de cada lado sulcando as ondas uma pequena embarcação de pesca, e 5 peixes ao lume d'agua: superiormente, e de cada um dos lados da fortaleza uma cruz da ordem de Sant'Iago; e por cima d'estas, do lado direito uma esphera armillar de oiro e do esquerdo uma concha de romeiro, tambem de oiro.

Por decreto de 19 de abril de 1860 foi elevada á categoria de cid.ᵉ

Entre as antiguidades d'esta notavel povoação chama especialmente a attenção um portico de cantaria que fica na estr.ª de S. João do lado do poente, que pela inscripção gravada na verga do mesmo portico, que é o versiculo do Ecclesiastico—*Vanitas vanitatum et omnia vanitas*—mostra que o edificio a que dava entrada era uma albergaria hospital, ou talvez most.º

Na lingua de terra que fica fronteira a Setubal e a que chamam Troia, tem-se descoberto, vasos, urnas e outros objectos, lapidas com inscripções, e sobretudo restos de edificios que bem provam ter ali existido povoação romana. O proprio dr. Hübner assim o reconhece em sua obra *Noticias Archeologicas de Portugal.*

Setubal é a patria do celebre poeta Manuel Maria Barbosa du Bocage, nascido na rua de S. Domingos, na casa que hoje tem os numeros 17 e 18, em 15 de setembro de de 1765; ao qual a cidade levantou um monumento na praça do Sapal, que desde então tomou o nome de praça de Bocage.

CONCELHO DE TORRES VEDRAS

(z)

PATRIARCHADO

COMARCA DE TORRES VEDRAS

CARMÕES

(1)

Ant.ª F. de S. Domingos de Carmões, que d'antes se chamava de Clamores, cur.º da ap. do prior de S. Pedro de Torres Vedras, no T. da dita V.ª Foi depois reit.ª e hoje é prior.º

Em 1840 pertencia esta F. ao conc.º da Ribaldeira, ext.º pelo decreto de 24 de outubro de 1855, pelo qual passou ao de Torres Vedras.

Está sit.º o L. do *Outeiro* (ou de S. Domingos como vem no mappa) proximo de uma pequena ribeira aff.º do Sizandro. Dista de Torres Vedras 14 $^1/_2$^{k} para E. S. E.

Compr.º esta F. os log.es de Outeiro com 28 fogos, Sitinheira 17, Carmões 13, Crujeira 17, Carrasqueira 28, Alfeiria 28, Braçal 29; os casaes de Subrigal 3, Val de Cavalleiros ou Val de Cavallos 3, Venda ou Tojaes 7, Coutada 1; as q.tas dos Barreiros 1, da Serra 1, e no L. de Carmões ha mais duas q.tas uma que pertencia em 1862 ao sr. Trigo e outra ao sr. Maia.

Vem mencionados em Carv.º os log.es de Carmões, Outeiro, Citinheira, Baracais, Alfeiria, Carrasqueira e Curujeira.

P...	C..........		
	A..........	161	
	E. P........	176...............	583
	E. C.........................		803

CARVOEIRA

(2)

Ant.ª F. de Nossa Senhora da Luz, prior.º da ap. do prior de S. Pedro de Torres Vedras no T. da dita V.ª

Está sit.º o L. de *Carvoeira* na encosta de um monte, junto de um ribeiro que juntando-se a outro vae ao Sizandro.

Dista de Torres Vedras duas leguas para E. S. E.

Compr.ᵉ mais esta F. os log.ᵉˢ de Almagre, Coura, Carvoeiro, A das Carreiras, Corvel, A da Rainha, Panasqueira, Zibreira, Serra de S. Julião, com crystallinas aguas; os casaes de Correia, Paço, Juiz, Regueiro de S.ᵗᵃ Maria, Premicias, Loureiros, Casalinho do Sol, Cruz do Outeiro, Pinhum, Zibreira, Valles, Picoto, Junqueira; e as q.ᵗᵃˢ da Luz, da Gloria, Filha Boa, Rainunes ouArrenunes, Zibreira, Panasqueira, Pendencias, da Rainha, onde se vêem duas lapidas com inscripções romanas.

Vem mencionados em Carv.º os log.ᵉˢ de Carvoeira, Panasqueira, Serra, Filha Boa, Zibreira, do Curval, a da Rainha e Carreiras.

P...	C..........		
	A..........	325	
	E. P........	341...............	1405
	E. C.........................		1511

N'esta F. ha minas de carvão, d'onde deriva o nome, e não da flor de cravo como alguns dizem.

CUNHADOS ou A DOS CUNHADOS

(3)

Ant.ª F. de Nossa Senhora da Luz no L. de Cunhados,

cur.º da ap. dos beneficiados da collegiada de S. Miguel de Torres Vedras, no T. da dita V.ª

Está sit.º o L. de *Cunhados* ou *A dos Cunhados* junto ao rio Alcabrichel, onde tem ponte na estr.ª para a Ponte do Rol e outra na estr.ª para Torres Vedras. Dista de Torres Vedras 9^{k} para N. N. O.

Compr.^{e} esta F. os log.^{es} de A dos Cunhados, Sobreiro Curvo, Maceira, Povoa de Penafirme, Bombardeira; os casaes de Val da Borra, Novo, Figueira, Lapa, Sta Maria, Pinheiro Manso, 2 de Parada, Concelhos, 4 em Taberninha, Marco Grande, Marco Pequeno, Laberco, Charneca, Xofral, 3 na Povoa d'Aquem, 2 de Val de Janellas, Oliveirinha, Franco, Mixilhoeira, Solpilhão ou Serpilhão, Cano, Camarnal, Cerquinha, Serra, Vallongo, 2 de Portella, Boa Vista, 2 de Poupa, Além, Serpigeira, Casalinho, Porto do Rio, Porto Novo, Vargas, Casinhas, Alecrim, 4 em Monte Bom, 2 de Martin Gil, Val do Pereiro, Caria, 8 no Carrascal, Mello, Mosca; e as q.^{tas} de Gallegueira e Piedade.

Vem mencionados em Carv.º os log.^{es} de Cunhados, Maceira, Povoa, Sobreiro Curvo, Martim Gil, Serpigueira, Serpilhão.

P...	C..........		
	A..........	273	
	E. P........	270..............	1167
	E. C...........................		1294

Proximo a o L. da Povoa de Pena-firme estava sit.º o ext.º conv.º de Pena-firme, que era de religiosos agostinhos calçados, fundado em 1226, ou segundo alguns querem reconstruido n'esta data: o edificio é pequeno, sobranceiro ao mar e tem uma cerca de bom arvoredo silvestre. Vendido tudo como bens nacionaes foi comprado pelo vice almirante inglez Sertorius, que depois recebeu o titulo de conde de Pena-firme.

FREIRIA

(4)

Ant.ª F. de S. Lucas da Freiria (que a *E. P.* e tambem o mappa, chama Freiria dos chapeus) cur.º da ap. do prior de S. Pedro de Torres Vedras, no T. da dita V.ª

Em 1840 pertencia esta F. ao conc.º de Azueira, ext.º pelo decreto de 24 de outubro de 1855, pelo qual passou ao de Torres Vedras.

Está sit.º o L. de *Freiria* sobre uma pequena ribeira aff.^{e} da ribeira do Gradil. Dista de Torres Vedras, pelo Turcifal, 13^{k} para S. O.

Compr.^{e} mais esta F. os log.^{es} de Poços, Xaos ou Chãos, Serreira, Sindieira, Mouxaria, Paul, Colloaria ou Coluria, Seiceira; os casaes de Fonte, Arruda, Castelhana, Serra, Mariolla, Fontainhas, Portella, Mouro, Rocio, Mesal, Brabastes; e a q.^{ta} da Matta.

Vem mencionados em Carv.º os log.^{es} de Freiria, Ceiceira, Cháos, Moncharia, Sindieira, Colloaria, Sarreira.

P. . .	C.		
	A.	334	
	E. P.	350.	1389
	E. C.		1480

MATA-CÃES

(5)

Ant.ª F. de Nossa Senhora da Oliveira, cujo prior era um dos beneficiados da collegiada de S. Miguel de Torres Vedras, no T. da dita V.ª

Está sit.º o L. de *Mata-cães* (que tem uma fonte de excellente agua) proximo a uma pequena ribeira afl.^{e} do Sizandro. Dista de Torres Vedras (para onde tem estr.ª) uma legua para E.

Compr.^{e} mais esta F. os log.^{es} de Ordasqueira, Lapas Pequenas, Macheia, Aldeia de Baixo, Aldeia de Cima, Ab-

badia, Sevilheira, Zurragueira; os casaes de Lameira, Espinheira, Bispo, Victorino; e as q.^{tas} de Juncal, Portuxeira, Boavista e Quinta Nova.

Vem mencionados em Carv.^{o} os log.^{es} de Mata-cães, Macheia, Ordasqueira, Lapas Pequenas, Sevilheira, Abbadia, Aldeia.

P...	C..........			
	A..........	239		
	E. P.........	248..............	804	
	E. C...........................		1089	

Ao lado da porta travessa da egreja parochial d'esta F. (que a *E. P.* chama F. do Mosteiro) existe uma lapida com a seguinte inscripção:

D. M.

C .... A .... D

AVITA AN XXVII

H. S. E.

JVLIA. M. F. C.

O *D. C.* diz que o nome de Mata-cães tem origem, segundo a tradição popular, em uma batalha contra os mouros, onde se fez grande matança nos infieis.

MAXIAL

(6)

Ant.^{a} F. de Sta Suzana do Machial, prior.^{o} da ap. dos beneficiados da collegiada de S. Miguel de Torres Vedras, no T. da dita V.^{a}

Está sit.^{o} o L. de *Maxial* (grande L. segundo o mappa topographico) junto ao rio Alcabrichel. Dista de Torres Vedras (para onde tem estr.^{a}) 11^{k} para E. N. E.

Compr.^{e} mais esta F. os log.^{es} de Lobagueira (no mappa são 2 log.^{es} Lobagueira de Baixo e de Cima), Ermigueira ou Ermigeira, Aldeia Grande, Ereira, Villa Seca, Folgueirosa ou Folgarosa, Casaes de S.^{to} Antonio; os casaes de

Boa Vista, Marco, Lapa, Marvilla, Roque, Carrascal, Sistearia ou Sestaria, Povoa, Torres, Fonte d'Abelha, Sobreira, Murado, Barreto, Azeviche, S. Matheus, Barras; e as q.^{tas} de Ermigueira ou Ermigeira, Matta, Mocijana ou Messejana.

Vem mencionados em Carv.^{o} os log.^{es} de Machial, Folgoroça, Ermigeira, Aldeia Grande, Ereira, Villa Seca, Lobagueira.

P...	C..........		
	A...........	296	
	E. P........	300..............	1500
	E. C..........................		1281

No L. da Lobagueira passa um regato formado por nascentes de boa agua que brotam na falda do alto monte de S. Matheus; este regato vae a uma ribeira aff.^{e} do rio Alcabrichel.

MONTE REDONDO

(7)

Ant.^{a} F. do Espirito Santo de Monte Redondo, cur.^{o} da ap. dos beneficiados da collegiada de S. Miguel de Torres Vedras, no T. da dita V.^{a}

Está sit.^{o} o L. de *Monte Redondo* (que tem uma fonte de excellente agua) 7^{k} para E. N. E. de Torres Vedras, para onde tem estr.^{a}

Compr.^{e} mais esta F. o L. de Lapas Grandes; os casaes de Gil, Sobreiro, Fome, Monte de Bois, Malta, Cruz; e a q.^{ta} das Lapas Grandes.

Vem mencionados em Carv.^{o} os log.^{es} de Monte Redondo e Lapas Grandes.

P...	C..........		
	A...........	91	
	E. P........	108...............	583
	E. C..........................		452

Na q.^{ta} das Lapas, pertencente á casa de Alegrete, e que tem a grandeza e magnificencia que corresponde aos seus illustres proprietarios, nasceram os srs. Antonio Telles da

Silva e D. Eugenia Telles da Silva, filhos do 3.º M. de Penalva.

Na dita q ^{ta} das Lapas ha uma copiosa fonte de aguas ferreas, e uma soberba matta, onde se admiram arvores collossaes, especialmente tres medronheiros, cousa rarissima, pois quasi nunca esta especie excede as proporções de um arbusto.

PONTE DO ROL

(8)

Ant.ª F. de Nossa Senhora da Conceição de Ponte do Rol, cur.º da ap. do prior de Sant'Iago de Torres Vedras, no T. da dita V.ª

Está sit.º o L. de *Ponte do Rol* no valle do Sizandro, proximo ao dito rio, onde tem ponte. Dista de Torres Vedras 6^{k} para O.

Compr.^{e} mais esta F. os log.^{es} de Barreiros, Bemfica, Bemposta, Calvos, Fonte Grada, Gondrozeira; os casaes de Arieiro, Azenha do Porto, Boavista, Brejoeira, Eiras, Casalinho, Gallegueira, Gibraltar, Novo, Poços, Sitio, Souto, Telhadouro, Val de Rozas, Verissimo; e a q.^{ta} do Borralho.

Vem mencionados em Carv.º os log.^{es} de Ponte do Rol, Bemfica, Goldrozeira, Barreiro, Fonte Grada d'Além, Bemposta.

P...	C...........		
	A...........	167	
	E. P........	164...............	800
	E. C..........................		762

Um pouco a E. do L. da Ponte do Rol ha nascente de agua ferrea.

RAMALHAL

(9)

Ant.ª F. de S. Lourenço do Ramalhal, cur.º da ap. dos beneficiados da collegiada de S. Miguel de Torres Vedras, no T. da dita V.ª

Está sit.º o L. do *Ramalhal* junto ao rio Alcabrichel, na estr.ª de Torres para Lisboa. Dista de Torres Vedras (pela dita estr.ª) 7^{k} para N. N. E.

Compr.^{e} mais esta F. os log.^{es} de Abrunheira, Amial (que tem ao N. um bosque de castanheiros e abundante nascente), Villa Facaia; os casaes de Barreiras, do Mouro, Baganhas, Paes ou Pae Correia, dos Pinheiros, da Azenha do Paço, da Azenha do Badejo, Casal Novo, Casaes das Pontes, Casaes do Ramalho; e as q.^{tas} da Bogalheira, da Boa-vista e das Pontes.

Vem mencionados em Carv.º os log.^{es} de Ramalhal, V.ª Facaia, Amial, Brunheira.

P...	C..........		
	A..........	182	
	E. P.......	211..........	981
	E. C........................		859

RIBALDEIRA ou DOIS PORTOS

(10)

Ant.ª F. de S. Pedro dos Dois Portos, cur.º da ap. alt.ª dos priores das 4 FF. da V.ª de Torres Vedras, no T. da dita V.ª Hoje é prior.º

Em 1840 pertencia esta F. ao conc.º da Ribaldeira, ext.º pelo decreto de 24 de outubro de 1855, pelo qual passou ao de Torres Vedras.

Está sit.º o L. de *Dois Portos* (a egreja parochial segundo o mappa topographico está isolada $^{1}/_{2}{}^{k}$ para E. do L.) $11^{1}/_{2}{}^{k}$ para S. E. de Torres Vedras, para onde tem estr.ª que passa em Runa.

Compr.^{e} mais esta F. os log.^{es} de Ribaldeira (que hoje dá o titulo á parochia, segundo a *E. C.* de 1864), Caixaria com uma capella de Nossa Senhora dos Prazeres, Furadoiro, Patameira de Baixo, Patameira de Cima, Carvalhos ou A dos Carvalhos, Feliteira, Monguellas, Folgorosa, Maceira, Ribeira da Maria Affonso, Sirol; todos estes com capellas: Portella ou Portella do Bispo, Portella de Baixo, Co-

vas, Murteira, Outeiro, Moncova, De Gallinhas, Granja, Sovellas ou A das Sovellas; os casaes de Peixe, Atagona, Féteira, Boavista, Suzana, Duciclos ou Buciculos, Xambona, Sino, Calhandra, Melgas, Monte d'Eixo, Soalheira, Oliveira, Novo, Andorinha, Furriel, Ramalho, Pinhal, Codorico ou Codorno; e as q.[tas] da Conceição, Hespanhol, Calhorda, Torre, Carrasca, Almoinha, Rocio, Pedrarias, Galharda, Romeiro, Serra, Codorico ou Codorno.

No L. de Furadoiro ha pedreiras de excellentes marmores, d'onde se extraiu grande parte dos que se empregaram na construcção do Asylo de Runa.

Vem mencionados em Carv.º os log.[es] de Dois Portos, Rebaldeira, Cacheiria, Furadoiro Velho, com uma ermida de Nossa Senhora da Guia, Portella do Bispo, Patameira, Filiteira, A dos Sovellas, A dos Carvalhos, a Granja das Gallinhas, Monguellas, Moncova, Maceira, Folgorosa, Murteira, Ribeira de Maria Affonso, Hespanhol, Portella do Ramalho, Outeiro do Garfo, Sirol.

P...	C..........		
	A..........	639	
	E. P........	652...............	2347
	E. C............................		2859

Tem feira annual de tres dias, franca, começando em 8 de setembro.

RUNA

(11)

Ant.ª F. de S. João Baptista de Runa, cur.º annual da ap. do prior de S. Pedro de Torres Vedras, no T. da dita V.ª

Está sit.º o L. de *Runa* junto ao rio Sizandro. onde tem ponte. Dista de Torres Vedras (para onde tem estr.ª) $6 \frac{1}{2}^{k}$ para S. E.

Compr.º mais esta F. os log.[es] de Monte de Rei Grande, Monte de Rei Pequeno (no mappa só observamos um L., é Monte de Rei de Baixo), Penedo; os casaes de Monte Godel, Carcavellos de Baixo, Carcavellos de Cima, Gandra de

Baixo, Pinheiro de Baixo, Pinheiro de Cima, Fixoeira, Espera, Almagreira; as q.[tas] de Gandra, Ponte, Retiro, Princeza, Penedo; e as H. I. de Moinho da Palha, Azenha, Pedra Laios de Baixo, Pedra Laios de Cima.

Vem mencionados em Carv.º os log.[es] de Runa, Penedo, e Monte de Rei.

P...	C.			
	A.	166		
	E. P.	173	....	550
	E. C.			769

No L. de Runa fundou a serenissima princesa do Brasil D. Maria Francisca Benedicta, viuva do principe D. José e irmã da rainha D. Maria I, o asylo de invalidos militares, um dos mais bellos e magestosos edificios de Portugal.

Tem a figura de um rectangulo, com tres ordens de corredores e quartos. Além da parte mais ampla destinada aos invalidos, tem um palacete com excellentes salas e aposentos proprios de uma residencia real.

A capella é vestida de excellentes marmores extraidos das visinhanças, cingida de tribunas niveladas com os diversos andares e ornada de imagens primorosas, obra de esculptores romanos.

Sobre o portico tem o seguinte letreiro:

A SERENISSIMA PRINCEZA DO BRAZIL
A SENHORA D. MARIA FRANCISCA BENEDICTA
VIUVA DO SERENISSIMO PRINCIPE O SENHOR D. JOSÉ
DE SAUDOSA MEMORIA
FILHA DO SENHOR REI D. JOSÉ I
LIBERAL E PIEDOSA
COM OS BENEMERITOS DA PATRIA
FUNDOU ESTE SUMPTUOSO EDIFICIO
A BEM DOS SOLDADOS INVALIDOS.

PRINCIPIOU-SE AOS 18 DE JUNHO DE 1792
ANNO XVI DO REINADO
DA SENHORA D. MARIA I RAINHA FIDELISSIMA
AUGUSTA IRMÃ DE S. A. R.

Concluiu-se o edificio no anno de 1827, e a 25 de julho em que a augusta fundadora contava 81 annos de idade, teve logar a abertura solemne, entrando para o asylo 16 militares invalidos: entregando a serenissima princesa ao governador que para o dito asylo foi nomeado o judicioso regulamento que o devia reger.

A construcção do edificio importou em mais de 600 contos. Tudo á custa da religiosa e illustrada fundadora, modelo de princesas da real casa de Bragança[1], cuja illustre fama nunca poude ser nem levemente offendida, mesmo no meio das maledicencias e calumnias tão usuaes na época em que ella viveu e n'aquella em que nós tambem vivemos....

Foi este seu predilecto asylo o herdeiro de todos os seus bens, os quaes são administrados pelo ministerio da guerra, segundo as disposições e vontade expressa da fundadora.

Segundo se collige da *E. P.*, esta F. formou-se ha mais de 3 seculos com parochianos da F. de S. Pedro de Torres Vedras.

Tem feira annual em 29 de setembro.

S. PEDRO DA CADEIRA

(12)

Ant.ª F. de S. Pedro da Cadeira (Cadeira de S. Pedro em Antiochia, segundo o *D. G. M.*), cur.º com o titulo de prior.º da ap. dos beneficiados da collegiada de S. Miguel de Torres Vedras, no T. da dita V.ª Hoje é prior.º

Está sit.º o L. de *S. Pedro da Cadeira* 1ᵏ ao S. da m. e. do Sizandro, onde tem ponte na estr.ª para a Ponte do Rol, 4ᵏ a E. da costa do Oceano. Dista de Torres Vedras 13ᵏ para O. S. O.

Compr.ᵉ mais esta F. os log.ᵉˢ de Féteira, Barrocas, Mouguellas, Assenta, Cambellas, Soltaria, Azenha Velha, Cou-

[1] Foi confessor d'esta princesa o conselheiro padre Manuel Baptista, tio do auctor da presente *Chorographia;* viveu e morreu pobre.

tada, Silveira, Secarias, Caixeiros, Cerca, Camarnal ou Camarnaes, Branjexa, Sta Cruz, Casalinhos do Alfaiate ou da Alfaiata, Casalinhos de S. Pedro; os casaes de Amoreiras, Assentinha, Azenha da Cruz, Azenha de Baixo, Barreira, Becaria, Belmonte, Boa Vista, Brijeira ou Brejeira, Cabeço do Barro, Carpinteiros, Carvalhaes, Casaes da Cruz, Casalinho, Novo, Novo do Feno, Covas, Coxim, Cravo, Escravilheira, Feijão, Feitaes, Frade, Figueira, Formigal, Gastas ou Gestas, Genetia de Baixo, Genetia do Meio, Gandra, Guimarães, Juncal, Maricota, Mineiro, Monfalim, Monte Ferreiro, Mogos, Monte Guilhão, Nacúlas, Outeiro da Cerca, Paço, Palhaes, Palmeiro, Pedra, Pedrozas, Pendão, Pinheiro, Pizão de Cima, Pizão de Baixo, Portella de Belmonte, Portella do Paço, Portella de Val Verde, Porto, Porto Chão, Poço, Povoral, Queimado, Raposo, Seixo, Sequeira, Timtim, Urmeiro, Val Grande, Val de Martello, Val da Ribeira, Violla, Xixaró, Zimbral; e as q.^{tas} de Areia, Camilla.

No sitio de Rendide, onde chamam os *Olhos d'Agua*, perto do L. de Povoral, ha grande nascente que rompe e agita a areia com violencia, indo depois formar a ribeira que passa no L. de Caixeiros, a qual é aff.^{e} do Sizandro.

Vem mencionados em Carv.^{o} os log.^{es} de S. Pedro da Cadeira, Mouguellas, Solteiria, Assenta, Cambellas, Coutada, Silveiro, Sacarias, Serqua.

P.	C.		
	A.	139	
	E. P.	527	2343
	E. C.		2811

TORRES VEDRAS

(13)

Ant.^{a} V.^{a} de Torres Vedras, cab.^{a} da ant.^{a} com. de Torres Vedras.

Hoje é cab.^{a} do actual conc.^{o} e da actual com. de Torres Vedras.

Está sit.^{a} em terreno plano e cercada de montes, mas que

lhe não estão contiguos, sendo por isso bem lavada dos ventos e mui saudavel. Dista de Lisboa 56k para N. N. O.

Tinha 4 FF. e tem hoje duas, ás quaes se acham annexas as outras duas.

São as duas que actualmente conserva as antigas seguintes. (No *M. E.* ainda vem mencionadas como independentes as 4 FF.[1])

S.ta Maria do Castello, orago Nossa Senhora da Assumpção, antiga matriz da V.a e collegiada; prior.o que era do padr.o real; á qual está hoje annexa, segundo a *E. P.*, a antiga F. de S. Miguel que foi prior.o da ap. dos abb.es de Alcobaça e depois do padr.o real.

Compr.e esta F., além da parte respectiva da V.a, os log.es de Urjariça, Campellos=Casas Novas, Pedrulhos, Cá-te-fica, Rijos; os casaes de Charrino, Carrascal, Adegas, Regueiros, Outeiro, Serra, Gallegueira, Fonte Grada, Souto, Valverde, Roque, Moinho do Vento, 2 de Charneca, 2 de Oliveiras, S. Gião, da Matta, do Rocio: e as q.tas de Calvel, S. Gião, Alfaiata, Gaga.

Vem mencionados em Carv.o os log.es de Urjerica da F. de S.ta Maria, e Serra de V.a (talvez o casal de Serra) da F. de S. Miguel, cuja egreja parochial era fóra dos muros da V.a, na margem do Sizandro.

P...	C..........	80	S.ta Maria	
		30	S. Miguel	
	A..........	213	S.ta Maria	
		160	S. Miguel	
	E. P.........	224	S.ta Maria.....	780
		162	S. Miguel.....	445
	E. G (as duas actuaes)...........			4135

S. Pedro, collegiada, prior.o que era da ap. da casa da rainha; hoje matriz da V.a, á qual F. está annexa, segundo a *E. P.*, a ant.a F. de Sant'Iago, prior.o que foi do padr.o real e depois da ap. da mitra.

[1] No *D. C.* do sr. Bett. vem mencionadas como pertencendo á V.a as 4 FF. que segundo parece considera independentes.

Compr.^{e} esta F., além da parte respectiva da V.^{a}, os log.^{es} de Ponte da V.^{a}, Varatojo, Louriceira, Barro, Olheiros; os casaes da Madeira, 3 do Carrascal, do Lima, Moinho, Sampaio, 2 da Estrella, Freixo, Amoreira, Alcobaça, Pinheiro, Pina, Fonte da Pipa, Val de Lobos, Fonte Santa, Paul, 2 de S. Vicente, 7 da Cruz, Souzeiro, 2 de Val de Rosas, Salgueiral, Murinho, Agua de Ouro (ou Chafariz), 2 no Painel das Almas, 2 de Nossa Senhora do Amial, Oliveira, 2 do Baracho, Lima, Innocencio, Cunha, S. João, Val de Paxis; e as q.^{tas} do Prior, do Convento do Barro (era de arrabidos, hoje é collegio), Rozeiras, do Varatojo (ex-conv.^{o}), Marinha, Monteira ou Monteiro, Paul, Costa, Desembargador; e 5 H. I. sem nomes especiaes.

Vem mencionados em Carv.^{o} os log.^{es} de Varatojo, Louriceira e Barro, da F. de S. Pedro; Figueiredo, Paul e Fonte Grada d'aquem, da F. de Sant'Iago.

Menciona tambem o mesmo auctor as ermidas de Nossa Senhora do Ameal, que foi a 1.ª F. da V.^{a} e era administrada pela santa casa da misericordia; S. João Baptista, que era do senado da camara e onde se faziam grandes festas a 24 de junho; S. Julião que pertencia tambem á misericordia; S.^{to} André que teve antigamente um hospital de gafos; Nossa Senhora do Rozario em um grande terreiro; S. Vicente em um outeiro eminente ao rio Sizandro; Sant'Anna, fóra das portas da V.^{a} e quasi no meio do Rocio.

P.	C.	180	S. Pedro	
		100	Sant'Iago	
	A.	370	S. Pedro	
		222	Sant'Iago	
	E. P.	871	S. Pedro	1723
		220	Sant'Iago	851
	E. C.			

Antes da extincção das ordens religiosas em Portugal havia em Torres Vedras os seguintes

CONVENTOS

Nossa Senhora da Graça, segundo Carv.º, **Santo Agostinho,** segundo J. B. de Castro, de Agostinhos calçados, fundado em 1367. O conv.º foi vendido como bens nacionaes e a egreja dada á irmandade do Senhor dos Passos, que a conserva com muito aceio e decencia no culto.

Santo Antonio, de missionarios apostolicos, fundado em 1470, no sitio do Varatojo ao lado de um outeiro que o esconde da V.ª O L. do Varatojo é pequeno e pobre, e o conv.º condizia com a aldeia na singeleza e humildade do edificio: foi em seu principio da ordem de S. Francisco; mas o veneravel fr. Antonio das Chagas, ornamento da tribuna sagrada e da litteratura patria, n'elle instituiu em 1680, por breve pontificio, o seminario de prégadores da penitencia, chamados missionarios apostolicos. Ainda se conserva ali a humilde cella em que viveu aquelle exemplar religioso. Depois da extincção de 1834 foi o conv.º vendido como bens nacionaes ao V. de Moncorvo, e por morte d'este passou a ser propriedade de um egresso do mesmo conv.º que ali vive com outros padres, que conservam com a maior decencia o culto divino na pequena e singela egreja, que possue não obstante alguns bons quadros antigos. Tem uma boa cerca onde ha uma espessa e formosa matta, um pomar de excellentes limas, e parte do tronco de um sobreiro secular, onde consta ter apparecido uma imagem de Nossa Senhora que se ficou chamando Nossa Senhora do Sobreiro, cuja apparição se festejava annualmente sob a ramada da propria arvore.

Nossa Senhora dos Anjos, de capuchos arrabidos, fundado em 1570, pela infanta D. Maria filha d'el-rei D. Manuel. Pela extincção de 1834 foi vendido: hoje é propriedade particular e acha-se ali estabelecido um collegio dirigido por alguns ecclesiasticos com ensino gratuito; e no templo que é do gosto moderno, mas sem belleza notavel, se conserva com muita decencia o culto divino. Tem tam-

bem uma famosa matta em situação pittoresca. Fica este conv.º a que chamam do Barro, por ser proximo ao L. do mesmo nome, 3 ½ᵏ ao S. de Torres Vedras, entre muitos outeiros e em sitio retirado.

Tem a V.ª casa de misericordia instituida em 1520 com um templo regular e boa sacristia; o seu hospital, estabelecido no edificio onde houve outr'ora o hospital do Espirito Santo e transferido depois para uma casa nobre na rua da Misericordia contigua á egreja, é digno de tal V.ª

Foi antigamente Torres Vedras fechada de muralhas que hoje estão em ruinas ou demolidas, e das suas portas só restam memorias nos nomes dos sitios que se chamam da Porta da Varzea, Sant'Anna e Corredoira.

O castello situado em um monte isolado dos outros e de figura tão regular e porporcionada que mais parece obra da arte que da natureza, cobre e domina a povoação e todas as estradas que d'ella partem.

A sua muralha exterior tem uma unica porta a pouco mais de meia altura do monte. Tem 3 cisternas e um caminho subterraneo para a margem do Sizandro.

Ha memoria de ter sido reparado no reinado de D. Fernando, e por certo o foi no de D. Manuel, porque as armas collocadas sobre a porta, tem a divisa d'este soberano.

Já que tratamos de fortificações, é propria occasião de dar breve noticia das Linhas de Torres Vedras, onde veiu quebrar-se, antes que na Russia, o poder e gloria dos exercitos de Napoleão I.

O chefe que projectou a obra era inglez, mas portuguezes os peitos que a defenderam.

A 1.ª d'estas linhas tinha o seu principio na V.ª d'Alhandra; era composta de fortes e reductos cujos fogos se crusavam, vinha seguindo os cabeços dos montes pelo S. da Arruda e Sobral, depois á Ribaldeira e Cadriceira; passando em frente de Torres onde tinha cinco reductos, o de S. Vicente além do Sizandro, e os mais áquem: seguia pelos montes que lhe são sobranceiros até á foz d'este rio, na

distancia de duas leguas (antigas), em a qual se contam mais 25 reductos.

Estes reductos da primeira linha tinham montadas 306 bocas de fogo, peças de 6, 9 e 12 e obuzes de 5 $^1/_2$ pollegadas.

Á rectaguarda deveria haver uma 2.ª linha que nunca chegou a concluir-se nem guarnecer-se.

Tem ainda Torres Vedras outro monumento notavel na ordem civil, que é o aqueducto e chafariz ou fonte chamada dos *canos*.

É a fonte de architectura gothica e digna da observação dos intelligentes.

O tanque inferior é mais moderno, mas tambem obra mui nobre e regular.

O aqueducto tem de extensão um quarto de legua (antiga) metade subterraneo e metade sobre arcos, uns dobrados outros singellos, d'estes os mais notaveis pela sua altura e construcção cortam a estr.ª de Alhandra e o rio.

A julgar pela inscripção que se lê no chafariz foi este mandado fazer pela infanta D. Maria, filha d'el-rei D. Manuel, em 1561; porém Almeida no *D. C.* apresenta razões para duvidar da data d'esta fundação, mostrando que já então se não usava a architectura gothica mas sim a chamada do *renascimento*.

Tinha esta V.ª da parte exterior de seus muros bons passeios que se destruiram pelas obras de fortificação de 1810; entre estes era sobretudo aprazivel o chamado *Bosque do Jardim*, no plano inferior á *Fonte do Jardim*, onde quiz jantar o principe regente D. João, em 1806, voltando da praça de Peniche.

Hoje ha o passeio da Varzea em situação desaffogada e plantado de arvoredo.

Os arredores da V.ª são aprazeiveis, amenos e de contrastes pittorescos.

Recolhe Torres Vedras de seus ferteis arredores cereaes sufficientes, legumes, hortaliças, frutas em grande quantidade, de excellente sabor, e em tanta variedade que se

contam 58 especies de peras, 26 de maçãs e 8 de peros; tambem recolhe algum azeite, porém a sua principal colheita é vinho, termo medio, 6000 pipas por anno.

Abunda todo o conc.º em pinheiraes e mattas onde ha muita caça, e tambem tem creação de gados especialmente de ovelhas e cabras.

As aguas são em abundancia e muito excellentes.

Além do chafariz dos *canos* de que já fallámos, tem a fonte do jardim com o chafariz de S. Miguel, no qual se vêem em relevo as armas reaes e as da V.ª e a legenda do passo da samaritana:

DOMINE DA MIHI BIBERE

Esta obra é de 1613.

A fonte nova tambem com seu chafariz na estr.ª de Lisboa, data de 1529.

A das *fontainhas* e muitos poços de agua potavel.

No antigo T. d'esta V.ª, contam-se 229 fontes e 323 poços.

Nascentes de aguas ferreas ha tambem no antigo T. da V.ª, e de aguas thermaes as mui approvadas e frequentadas dos Cucos, meia legua para E. de Torres Vedras; e á margem do Sizandro, no sitio dos Coxos, entre a V.ª e os Cucos, outras mui approvadas para molestias de pelle.

Proximo aos ditos banhos dos Cucos, á distancia de um quarto de legua (antiga) proseguindo pela estr.ª de Runa, encontra-se uma gruta aberta em rocha, rodeada de arvoredo silvestre; chamam-lhe a *Gruta da Princesa* por ter sido o favorito passeio da excelsa fundadora do asylo de Runa, quando no tempo do verão ia residir no seu palacio que fazia parte do edificio do mesmo asylo.

A respeito d'estas aguas encontramos na descripção das aguas mineraes do reino, dos srs. dr. Lourenço e Schiappa d'Azevedo o seguinte:

A fonte dos *Cucos* está situada entre Torres Vedras e Runa, 2^{k} distante da V.ª e 3^{k} de Runa. As aguas são al-

gum tanto turvas, levemente salobras e fraquissimamente alcalinas: a sua temperatura é de 32 graus centigrados, sendo a do ar ambiente 22. Brotam no fundo de um fosso oblongo, parallelo ao rio (Sizandro), do qual é separado apenas por um muro natural assás estreito.

O manancial é pobre e a situação (ainda que aprazivel) pouco favoravel para um estabelecimento de banhos.

A fonte chamada de *Torres Vedras* está situada a quasi 50^{m} da estr.^{a} que vae de Runa para Torres Vedras, e pouco mais ou menos a 1^{k} d'esta V.^{a} e a uns 500^{m} da fonte dos Cucos: da qual differe mui pouco na composição e propriedades das aguas. A temperatura achou-se ser egual á da atmosphera na occasião em que foi observada, que era de 21 graus centigrados.

Tem estação telegraphica.

Torres Vedras é das terras do interior da provincia da Extremadura a que tem mais movimento commercial.

Fazem-se 3 feiras annuaes: em 22 de janeiro, 29 de junho e 20 de agosto; e tem mercado todos os domingos, sendo maior o dos 3.os domingos de cada mez.

Tem este concelho:

Superficie, em hectares	35387
População, habitantes	24268
Freguezias, segundo a *E. C.*	16
Predios, inscriptos na matriz	22560

A origem de Torres Vedras é desconhecida, e quanto se queira dizer de sua existencia anterior ao dominio romano tem o caracter de fabuloso. Basta-lhe porém para gloria dos seus annaes o ser povoação d'esses tempos, como se comprova com as lapidas e inscripções que ainda hoje existem.

O nome de *Turres Veteres* foi-lhe dado provavelmente pelos godos, e esse mesmo nome traz comsigo a idéa de remota antiguidade.

Ha tambem vestigios de ter continuado com esplendor sob o dominio dos arabes.

A estes a conquistou D. Affonso Henriques em 1148.

. . . .
Já lhe obedece toda a Extremadura,
Obidos, Alemquer, por onde sôa
O tom das frescas aguas entre as pedras,
Que murmurando lava, e Torres Vedras.

Lus., canto III, oit. 61.ª

Deu-lhe o seu 1.º foral D. Affonso III em 1228, e reformou-o el-rei D. Manuel em 1510.

Foi creada cab.ª de com. em 1533.

Perto do castello no bairro chamado Carcavellos (e não Cascavellos como diz o *D. C.*), existiram os paços velhos em que residiram por vezes el-rei D. Diniz, D. Affonso IV, D. Fernando, D. João I, D. Duarte, o infante D. Pedro na regencia de D. Affonso V, onde reuniu cortes, D. João II por mais de 3 mezes em 1493, e ali recebeu uma brilhante embaixada de Napoles; el-rei D. Manuel em 1496, 1497, e 1518, D. João III em 1525; mas parece que depois d'esta ultima data se foram arruinando de maneira estes paços, ou outros a que chamaram paços novos[1] que já em 1652, D. João IV se alojou nas casas da residencia do prior de S. Pedro.

Esta vinda de D. João IV a Torres Vedras foi a 8 de agosto do dito anno.

A camara foi esperal-o a Valle das Pontes e em Nossa Senhora do Ameal estavam 4 danças de moças bem ornadas e vestidas *contra a mourisca* uma *folia* e 4 *bailarins* com suas *pellas,* trombeta *bastarda*, outras trombetas, etc.

D. João V visitou por duas vezes Torres Vedras, el-rei D. José, uma de passagem para as Caldas; D. Maria I em 1782 em egual jornada; D. João principe regente em 1806 na ida e volta de Peniche, e d'esta ultima vez jantou na q.ta das Fontainhas, de Luiz Antonio Madeira, de que existe lapida commemorativa.

[1] D'estes paços novos ainda restam vestigios no sitio do Açougue.

Foi Torres Vedras por algum tempo do senhorio das rainhas, o qual tambem pertenceu á rainha S.ta Isabel mulher d'el-rei D. Diniz; por vezes tambem foram seus donatarios fidalgos e pessoas principaes; entre estes D. João Soares de Alarcão, alcaide mór do castello da V.a, que tomando o partido de Castella, em 1640 lhe foram confiscados os bens, passando a alcaidaria mór para a casa dos Camaras Coutinhos ascendentes do primeiro conde da Taipa.

Invalidado o titulo de conde de Torres Vedras, dado por Filippe IV ao dito Alarcão, foi muito depois Torres Vedras nobre e bem merecido titulo de marquezado do general Arthur Wellesley que já era conde de Vimieiro e foi depois em Inglaterra duque de Wellington.

O brazão d'armas da V.a é um castello de ouro com 3 torres, sendo a do centro maior. Consta do livro dos brazões da Torre do Tombo.

As lapidas com inscripções, de que acima fallámos, e que comprovam a existencia de uma notavel povoação romana em o local de Torres Vedras são quatro: duas acham-se na q.ta da Rainha, F. da Carvoeira, uma das quaes vem copiada nas *Antiguidades de Lisboa* por Luiz Marinho de Azevedo; outra existe junto do conv.o de Pena-Firme, e a copiou o chronista Purificação; finalmente a 4.a existe ainda na parede exterior, ao lado da porta travessa, da parochia de Matacães.

Torres Vedras é patria de muitas pessoas illustres pela jerarchia, pelas virtudes e pela sciencia.

Citaremos sómente o primeiro de que temos noticia, D. Pedro filho natural d'el-rei D. Diniz, auctor do celebre *Nobiliario*, e o ultimo o padre Manuel Agostinho Madeira Torres, prior da egreja de S.ta Maria do Castello, socio da Academia Real das Sciencias, a quem devemos a descripção historica e economica da V.a de Torres Vedras, inserta nas *Memorias* da dita Academia (tomo VI, parte I), da qual descripção extraímos a maior parte das noticias que apresentamos, corrigindo tambem e ampliando por este meio as de outros auctores.

TURCIFAL

(14)

Ant.ª F. de Sta Maria Magdalena, no L. do Trucifal, segundo Carv.º, Turcifal no *D. G. M.*, *E. P.* e *E. C.* de 1864, cur.º que foi primeiro da ap. do prior de Sta Maria do Castello e depois vig.ª do padr.º real, no T. da V.ª de Torres Vedras. Hoje é prior.º

Em 1840 pertencia esta F. ao conc.º de Torres Vedras; parece que passou depois ao conc.º d'Azueira (mas ignoramos a data d'este decreto) por isso que pelo decreto de 24 de outubro de 1855 a vemos transferida d'este conc.º, então ext.º, para o de Torres Vedras.

Está sit.º o L. do *Turcifal* na estr.ª de Lisboa a Torres Vedras, da qual V.ª dista 7^{k} para S. S. O.

Compr.^{e} mais esta F. os log.^{es} de Freixofeira, Carvalhal, Melroeira, Casal de Barbas, Cadriceira, Mugedeira, Almeirinhos; os casaes de S.^{to} Amaro, Arieiro, Boa Vista, Casanho, Carapau, Casalinho, Portellinha, S.^{to} Antonio, S. Bento, Cotovia, Cruz, Moinho Novo, Ouro, Pinheiro, Pintieira, Pocinhos, Retiro, Moinho das Relvas, Sta Margarida, Semineira, Viscondessa, Zambujeiro, Rosmaninho, Mattinhos, Bica, Saccorreta, Matto, Cavalleiro; e as q.^{tas} de Almeirinhos, Arneiros, Chapuceira, Estrella, Fez, Infesto, Farropeira, Majapão, Pombal, Povoa, Ribeira, Portellinha.

Vem mencionados em Carv.º os log.^{es} de Trucifal, onde está a egreja, Frexufeira, Melroeira, Casal de Barbas, Cadriceira, Mungideira, Simineira, Pinteira e Carvalhal.

P...	C...........		
	A...........	516	
	E. P.........	525..............	2103
	E. C............................		2259

Tem feira annual no ultimo domingo de agosto.

VENTOSA

(15)

Ant.ª F. de S. Mamede da Ventosa, cur.º da ap. do prior de Sant'Iago de Torres Vedras, no T. da dita V.ª Hoje é prior.º

Está sit.º o L. da Ventosa (a egreja parochial segundo o mappa topographico está isolada, 1^k para o S. do L.) 1^k a O. da ribeira do Gradil. Dista de Torres Vedras 6^k para S. O.

Compr.^{e} mais esta F. os log.^{es} de Adegas, Ameiras, Bom Nabal (Bonaval no mappa), Bordinheira, Bogalheira, Cadaço, Castellão, Cova da Moura, Carregueira, Deserto, Estrada, Egreja, Figueiras, Fernandinho, Mantingrão, Murteira, Moça-faneira, Pampilho, Pedra, Recomeira; e os casaes de Almeara Grande, Almeara Pequena, Boa Vista, Boa Vista de Fernandinho, Bemposta, Carrasqueira, Casas Novas, Casal d'Além, Carreiras, Cruz, Casal Novo, Cotovia, Freixo, Grilo, Galazar, Gafanhotos, Guilhalmeira, Galdapeira, Infesta, Mattas, Moxarreira, Mattellas Grandes, Matellas Pequenas, Mazo, Moinho do Frade, Outeiro, Pinheiro Manso, Pastor, Pêgas, Pombal, Rocheira Pequena, Rega, Sobreiral, Serra da Murteira, S. Martinho, Serra, Serapijeira, Urmeiro, Valle, Val de Sapato, Xeira, Xeira-Mattos, Xeira-Campos, Xaranche, Costa d'Agua, Barro Vermelho, Grunheiras, Pinheiro Manso de Baixo.

Vem mencionados em Carv.º os log.^{es} de Ventosa, Adegas, Enfesta, Fernandino, Val de Gallego, Murteira, Cadouço, Recumeira, Outeiro, Pedra, Cova da Moura, Carregueira, Bonaval, Burdunheira, Castellam, Mossa-faneira.

P.	C.		
	A.	471	
	E. P.	500	2197
	E. C.		1904

CONCELHO DE VILLA FRANCA DE XIRA

(w)

PATRIARCHADO

COMARCA DE VILLA FRANCA

ALHANDRA

(1)

Ant.ª V.ª de Alhandra, na ant.ª com. de Torres Vedras.

Em 1840 pertencia esta V.ª ao conc.º d'Alhandra, ext.º pelo decreto de 24 de outubro de 1855, pelo qual passou ao de V.ª Franca.

Está sit.ª em terreno plano na m. d. do Tejo. Dista de V.ª Franca 3^{k} para S. S. O.

Tem uma só F. da inv. de S. João Baptista, que era vig.ª da ap. da mitra.

Compr.^{e} esta F. unicamente a V.ª

Nem a *E. P.* nem o mappa topographico indicam L. algum.

P...	C.	650	
	A.	464	
	E. P.	450	1855
	E. C.		1742

Vem mencionadas em Carv.º as ermidas de Nossa Senhora d'Ajuda, Nossa Senhora da Graça e Nossa Senhora da Guia, e no T. a de S. José de excellente architectura, na q.^{ta} de Pedro Roxas de Azevedo: tambem menciona muitas q.^{tas} nobres no L. de Suserra (que deve ser Sub-

Serra, porém este L. segundo a *E. P.* pertence á F. de S. João dos Montes).

Tem casa de misericordia e hospital.

Defronte de Alhandra ficam as Lezirias, que são ilhas muito baixas e muito ferteis em trigo e pastagens, por serem regadas ou antes inundadas todos os invernos pelo Tejo: occupam estas lezirias uma superficie de mais de 120^{k} quadrados.

A estação do C. de ferro denominada de Alhandra, fica junto á V.^{a}, é a 6.ª da linha de Lisboa ao Porto.

Na V.^{a} ha diligencias para o Sobral de Monte Agraço, Runa e Torres Vedras.

É abundante de todos os frutos e tambem de gado, caça e peixe.

Fabrica muita telha que exporta para Lisboa.

Alhandra tem feira annual em 15 de agosto, e outra no 3.º domingo de outubro, esta dura 3 dias.

Dizem ter tido principio esta povoação em 1203.

Deu-lhe foral D. Sancho I.

O *D. G.* do sr. P. L. diz que teve antes d'este outro foral de D. Soeiro Gomes, 2.º bispo de Lisboa.

ALVERCA

(2)

Ant.^{a} V.^{a} de Alverca na ant.^{a} com. de Torres Vedras.

Em 1840 pertencia esta V.^{a} ao conc.^{o} de Alverca, ext.^{o} pelo decreto de 24 de outubro de 1855, pelo qual passou ao de V.^{a} Franca.

Está sit.^{a} em terreno plano, mas um pouco sobranceiro ao Tejo e na m. d. d'este rio. Dista de V.^{a} Franca 7^{k} para S. O.

Tem uma só F. da inv. de S. Pedro, que era cur.^{o} da ap. do prior de S.^{to} André, de Lisboa. Hoje é prior.^{o}

Compr.^{e} esta F., além da V.^{a}, os log.^{es} de Arcena ou Arceno, Sobral (Sobralinho no mappa), que foi antigamente cur.^{o} da ap. do prior de S. Martinho de Lisboa, orago Es-

pirito Santo, A dos Potes, A dos Melros, Aldeia (Aldeia do Sobralinho no mappa), Adarce, Moinho do Vento, Proverba, Termo ou Ponte, Verdelha, Bom Successo; os casaes de Barreiras, Monte Gordo, Robarias, Valinho, Bandeira, da Polycarpa, do Entroga, da Fonte, da Escolastica, da Boa Vista, d'Alegria, da Pedreira, da Carvalha, da Funxeira, da Regueira, da Tapada, Cova do Fidalgo, Pardieiro, Graciosa, da Oliveira, dos Anjos, de S.^{to} Antonio (S.^{to} Antoninho no mappa), de S. Fernando, Brejo, Moledo, Torres, Drogas, Rio Seco, Carapito, Fonte Santa, Areias, Lages, Portella, Casal Novo, Batoquinho, Moinho d'Além, Carcaça, Tondogos, Pedrosa, Valle ou Gibraltar, Vellosa, Cova da Riba, dos Bastos, das Empardeadas, do Ventoso, da Valentina, da Serra, do Corte, da Mourisca, do Val de D. Maria, Casal Novo da Serra, da Olmeira, do Covão, da Matta, da Costa, Val de Ranas, Vendas Novas; e as q.^{tas} do Duque, Santeiro, Galvão, Cochão, Brandôa, Formigueira, Godinha, Fragosas, Pinheiro, Figueira, Bom Jesus.

P...	C.	350	
	A.	467	
	E. P.	456	1617
	E. C.		1705

Antes da extincção das ordens religiosas em Portugal, havia n'esta F. um conv.^{o} de carmelitas calçados da inv. de S. Romão, fundado em 1600; e outro de capuchos da provincia de S.^{to} Antonio, com a inv. de Nossa Senhora do Amparo, fundado em 1553.

Tem casa de misericordia e hospital.

Vem mencionadas em Carv.^{o} as ermidas de Nossa Senhora da Piedade, Nossa Senhora do Bom Successo, e S.^{to} Antonio.

A estação do C. de ferro do N. denominada de Alverca, fica 1^{k} a E. da V.^{a}; é a 5.ª da linha de Lisboa ao Porto.

Esta V.^{a} é mui fresca e toda rodeada de q.^{tas}

É abundante de trigo, milho, vinho, azeite, frutas, caça e peixe. Tem boas marinhas de sal, proximo a pequenas ribeiras que vão ao Tejo.

Foi cab.ª de condado e deu-lhe foral D. Affonso IV; porém o *D. G.* do sr. P. L. diz que o 1.º foral é de D. Affonso Henriques que a tomou aos arabes em 1147.

Tem por brazão as armas reaes do tempo de D. Affonso IV em campo branco.

Não vem este brazão no livro da Torre do Tombo; mas sim nos quadros anonymos das cid.es e V.as de Portugal.

CACHOEIRAS

(3)

Ant.ª F. de Nossa Senhora da Purificação no L. de Cachoeiras, vig.ª da ap. do prior e beneficiados de S.to Estevão de Alemquer, no T. da dita V.ª

Está sit.ª a egreja parochial, segundo diz Carv.º, no L. de Cachoeiras de Cima, o qual não consta do *D. G. M.* nem da *E. P.;* porém no mappa topographico apparecem sob o nome commum de Cachoeiras dois log.es, um mais baixo e outro mais alto e n'este vem o signal da egreja. O dito L. de Cachoeiras de Cima, fica ½k a S. E. do rio das Cachoeiras, e dista de V.ª Franca uma legua para N. O.

Compr.e mais esta F. os log.es de Fonte, Egreja[1], Quintas; os casaes dos Cheiros, Poças, Bandeira ou Bandarra, Rabasco, Pendricalhos, Covão, Calçada, do Morrinha, Rolim, Burro, da Pimenta, Monte de Loios, da Guimarôa, Portella, da Rocha, Amoreira, Campo, das Fleirinhas ou das Freirinhas, das Maças, da Raposa, do Bardanes, da Quintinha; e as q.tas de Covas, Fidalgo, Marco, Granja, Carnota, Carapinha.

Vem mencionados em Carv.º os log.es de Cachoeiras de Cima, com 60 fogos; Cachoeiras de Baixo com 62, e uma ermida; as q.tas do Rabasco, e as que pertenciam a Francisco de Sousa Pacheco, enviado em Hollanda, e a Manuel da Cunha Pacheco.

[1] Segundo o *D. G. M.* e a *E. P.* parece ser este o mesmo L. de Cachoeiras de Cima.

No *D. G. M.* vem mencionados 3 log.^{es}: Egreja, d'Além, e Monte de Loios.

P...	C.........		
	A.........	148	
	E. P........	172...............	674
	E. C.........................		726

CALHANDRIZ

(4)

Ant.ª F. de S. Marcos, de Calhandriz, cur.º annual da ap. dos freguezes, no T. de Lisboa.

Em 1840 pertencia esta F. ao conc.º d'Alhandra, ext.º pelo decreto de 24 de outubro de 1855, pelo qual passou ao de V.ª Franca.

Está sit.º o L. chamado *Largo da Egreja* ou L. de S. Marcos segundo o mappa topographico, $^{1}/_{2}{}^{k}$ ao N. do L. de Calhandriz. Dista de V.ª Franca 8^{k} para O. S. O.

Compr.^{e} esta F. os log.^{es} de Largo da Egreja, Loureiro, Calhandriz, Matto ou Mattas[1], Adanaia ou Anaia, Pardieiros; os casaes de Matto da Cruz, Matto Forte, Tojaes, Chão da Vinha, Pereiro, Folgar, V.ª Quente, Gallegos, Azeitelhas; e as q.^{tas} da Conceição, Barro, Calçada.

P...	C..........	100	
	A..........	116	
	E. P........	117...............	454
	E. C........................		462

CASTANHEIRA

(5)

Ant.ª V.ª da Castanheira, na ant.ª com. de Torres Vedras. Don.º casa do inf.º

[1] N'esta aldeia, diz o *D. G.* do sr. P. L., nasceu o virtuoso bispo do Algarve D. Francisco Gomes de Avellar, da congregação do oratorio, fallecido em 1816 na cidade de Faro.

Está sit.ª em terreno plano e aprazivel na raiz de uma serra, que no mappa topographico vem com o nome de serra da Tapada (212^{m}), 2^{k} a O. da m. d. do Tejo. Dista de V.ª Franca 4^{k} para N. N. E.

Tem uma só F. da inv. de S. Bartholomeu, que era prior.º da ap. do C. da Castanheira e depois da casa do inf.º

Compr.ᵉ esta F., além da V.ª, os log.ᵉˢ de Fojo[1], Boialvo, Aszelas, Barroca, Jacintho de Oliveira, Quinta do Monte, Quinta do Marco; e as q.ᵗᵃˢ de D. Rita, do Leal, de Sebastião de Almeida, das Areias, da Cevadeira, da Parvoice, da Boa Vista.

P...	C.	500	
	A.	192	
	E. P.	221	820
	E. C.		876

A V.ª está cercada de fontes, hortas e lamedas que a fazem muito fresca e agradavel, sobretudo no verão.

Tem feira annual em 24 de agosto.

Antes da extincção das ordens religiosas em Portugal, tinha um conv.º de capuchos de S.ᵗᵒ Antonio, com a inv. do mesmo santo, fundado em 1402.

Tem um most.º da ordem de S. Francisco com a inv. d'Annunciada segundo Carv.º, mas em J. B. de Castro traz a inv. de Nossa Senhora de Sub-Serra.

Menciona Carv.º a ermida de Nossa Senhora do Tojo, cercada de castanheiros, d'onde a V.ª tomou o nome, e uma sumptuosa egreja chamada de Nossa Senhora da Barroquinha.

Tem casa de misericordia e hospital.

É abundante de todos os frutos, de gado e de caça.

Foi começado a povoar este L. por alguns estrangeiros dos que auxiliaram a D. Affonso Henriques na tomada de Lisboa[2].

[1] Este L. não vem no mappa, mas sim a ermida de Nossa Senhora do Fojo.

[2] O *D. G.* do sr. P. L. diz que já era povoação antiquissima, e que os mouros a abandonaram ao aproximar-se o exercito de D. Affonso Henriques.

D. João III fez conde da Castanheira a D. Antonio de Athaide seu grande valido, titulo que depois passou aos Correias da Silva.

Tem por brazão d'armas o dos Athaides: escudo azul com 4 barras de prata.

Não vem no livro dos brazões da Torre do Tombo.

MONTES

(6)

Ant.ª F. de S. João dos Montes, vig.ª da ap. da mitra, no T. de Lisboa segundo Carv.º, no T. d'Alhandra segundo o *D. G. M.* Hoje é prior.º

Em 1840 pertencia esta F. ao conc.º d'Alhandra, ext.º pelo decreto de 24 de outubro de 1855, pelo qual passou ao de V.ª Franca.

Está sit.ª a egreja parochial de S. João dos Montes (ainda que a *E. P.* não esteja clara n'este ponto, sabemos pelo conhecimento que temos d'estes sitios e pelo mappa topographico, que a egreja parochial está isolada do pequeno L. ou casaes de S. João dos Montes, junto á estr.ª que vae de Alhandra para Arruda) 2^{k} a O. N. O. da V.ª de Alhandra e uma legua para O. S. O. de V.ª Franca.

Compr.ᵉ esta F. 11 log.^{es}, 86 casaes e 16 q.^{tas} Não vem os nomes na *E. P.;* mas segundo o mappa e combinando com os nomes dos log.^{es} das FF. confinantes, podemos dar como pertencentes a esta os log.^{es} de Cotovios, Trancoso, de Baixo, Trancoso de Cima, Loucos (ou A dos Loucos como lhe chama Carv.º); as q.^{tas} de Sub-Serra, Bulhacs (que pertencia e não sabemos se ainda pertence ao sr. conde da Cunha), Repouso (e não Raposo como vem no mappa, a qual q.^{ta} pertencia ao fallecido negociante Caetano Thomaz Pacheco); e os casaes ou q.^{tas}, pois não sabemos ao certo o que são, que no dito mappa tem os nomes de Manassa, Signaes, Peneiro, Athanasio, Algibebe, Bello, Fonte da Oliveira, Formoso, Zibreira, Freire, Carvalho, Carvalho Velho, Parceiro, Bretão, Pedrogão, Barriga.

P...	C...........	550	
	A...........	345	
	E. P........	336...............	1272
	E. C...........................		1383

POVOA

(7)

Ant.ª F. de S.ta Iria, cur.º da ap. do prior de S.to André, de Lisboa, no T. da dita cid.e Hoje é prior.º

Em 1840 pertencia esta F. ao conc.º de Alverca, ext.º pelo decreto de 24 de outubro de 1855, pelo qual passou ao de V.ª Franca.

Está sit.º o L. da *Povoa de Santa Iria*, pouco mais de 1k a E. N. E. da m. d. do Tejo. Dista de V.ª Franca 3l para S. O.

Compr.e esta F., além do L. ou V.ª da Povoa[1], os log.es de Azoia, Povoa de D. Martinho, Piriscoxe ou Piscouxe, Via Rala ou V.ª Rala, Manjões ou Monjões, Bolonha ou Bolonho; os casaes de Vinha dos Padres, Quintaes, Mendonça, Serra; as q.tas de Anaia, Ferral, Pardaleira, Val de Flores, Lagar Novo, Siloque, Bolonha, Piedade, Fervença, Caniços de Baixo, Monteiro Mór; e a H. I. do ext.º conv.º de Nossa Senhora da Conceição da Azoia.

Vem mencionado em Carv.º o L. de Povoa de D. Martinho, que n'esse tempo (1708) era dos C. de V.ª Nova de Portimão, onde havia uma grande q.ta e muitas marinhas de sal, que diziam ser mais alvo e melhor que o de Setubal.

P...	C..........	200	
	A..........	279	
	E. P.......	311...............	940
	E. C.........................		1093

Antes da extincção das ordens religiosas em Portugal

[1] V.ª da Povoa no *D. C.* do sr. Bett. e sempre assim a ouvímos nomear.

havia no L. d'Azoia um conv.º de arrabidos, com a inv. de Nossa Senhora da Conceição, fundado em 1584.

A estação do C. de ferro do N. denominada da Povoa, fica proxima e a E. do L. da Povoa: é a 4.ª da linha de Lisboa ao Porto.

POVOS

(8)

Ant.ª V.ª de Povos na ant.ª com. de Torres Vedras.

Está sit.ª em vistosa planicie 1^{k} a O. N. O. da m. d. do Tejo.

Dista de V.ª Franca 1^{k} para N. N. E.

Tem uma só F. da inv. de Nossa Senhora d'Assumpção, prior.º, que segundo a *E. P.* foi da ap. da casa do inf.º

Compr.^{e} esta F., além da V.ª, que a *E. P.* e *D. C.* considera ext.ª, 6 q.^{tas} a pequena distancia, e 33 casaes e 5 q.^{tas} em maiores e diversas distancias não excedendo porém a 4^{k} da egreja parochial.

Não vem os nomes d'estas q.^{tas} e casaes na *E. P.*, e quanto ao mappa topographico, excluidos os log.^{es}, casaes e q.^{tas} cujos nomes encontramos nas FF. confinantes de Cachoeiras, Castanheira e V.ª Franca, apenas nos ficam os seguintes que podem pertencer e provavelmente pertencem a esta F. de Povos, e são: Nossa Senhora da Boa Morte, Barruncho, Bouça, Cabo, Consolação, Tapada, Tres Portas; porém quaes d'estes são casaes ou q.^{tas} não podemos saber pelo dito mappa.

P...	C.	350	
	A.	87	
	E. P.	89	270
	E. C.		282

Tem casa de misericordia e hospital.

É abundante de trigo, milho, vinho, azeite, frutas, especialmente de espinho, gado, caça e peixe.

Tambem tem abundancia de excellentes aguas,

É esta uma das muitas povoações cuja fundação attribuem ao rei Brigo, no anno 1898 antes da era vulgar, e

e se chamou Gerabrica, como provam, diz Carv.º, as suas armas que são um castello debaixo de uma oliveira.

Floreceu opulenta no tempo dos romanos, imperando Augusto Cesar, que muitos pretendem fosse o seu fundador.

Destruida pelas successivas guerras dos romanos, dos godos e dos arabes, apenas deixou de si memoria em um castello que devia estar sit.º no alto onde depois se fizeram os paços do conde da Castanheira, mas de que hoje não existem nem vestigios. Mandou-a reedificar e repovoar el-rei D. Sancho I em 1194 e recebeu o nome de Povos pelos muitos que a ella concorreram.

Deu-lhe foral.

Carv.º, seguindo Rezende e fr. Bernardo de Brito, pretende que corresponde esta V.ª de Povos á antiga Gerabrica ou Jerabrica dos romanos, que Estaço, Barreiros e Brandão collocam onde é hoje Alemquer; e todos fundando-se nos *Itinerarios* de Antonino.

O dr. Hübner fallando de Alemquer diz simplesmente: «Colloca-se geralmente n'esta localidade ou perto de V.ª Franca a 1.ª estação chamada Jerabriga ou talvez melhor Terabriga.»

Pela nossa parte temos feito quanto possivel para decidir este ponto, supposto duvidoso e, apesar de conhecermos a escacez de nossos recursos archeologicos, reduzindo-nos a empregar os meios topographicos, isto é, a regua graduada e alguns insignificantes calculos numericos, podemos affirmar que entre Alemquer e Povos não póde existir duvida ser a primeira a correspondente á 1.ª estação romana, partindo de Lisboa para o N., chamada Jerabrica nos *Itinerarios* de Antonino; e se Hübner não achou o mesmo resultado é porque não teve sufficiente confiança nos mappas que consultava, e que hoje felizmente já temos.

VILLA FRANCA DE XIRA

(9)

Ant.ª V.ª da com. de Torres Vedras, chamada V.ª Franca de Xira.

Hoje é cab.ª do actual conc.º e da actual com. de V.ª Franca de Xira.

Está sit.ª em terreno plano, na m. d. do Tejo. Dista de Lisboa 7^{l} para N. E.

Tem uma só F. da inv. de S. Vicente, que era vig.ª do padr.º real e comm.ª da ordem de Christo, de que era commendador o M. de Arronches. Hoje é prior.º, e tem o parocho o titulo e encargo de vig.º da vara.

Compr.^{e} esta F., além da V.ª, o L. de A dos Bispos; os casaes de Prilhão da Matta, Conde, Raposa, Carvalheira, Manuel Luiz, Fonte de Baixo, José de Pinho ou do Fidalgo, do José da Casa, João Francisco, Manuel Ramos, Manuel Alves ou do Tivoli, Pedra, S.^{to} Amaro, Remedios, Novo da Estrada, Novo do Prilhão, do Paliart, Prilhão da Estrada, Boa Vista; as q.^{tas} de Sevadeiro, Torres, Paraiso, Sta Catharina, Salgado, Prilhão da Matta, da Fonte, Bom Retiro, Desterro, Pinheiro ou do Paliart, Farrobo, Bairro; as vinhas de José Maria Ogando, Cerquinha, Corrieiro, Torricada, do Bolonha, Caracol de Cima, do Baeta, Barreteira, Torre, Santa Sophia, Lameiros, Boa Vista, do Corvo, Marrouceiro, Bom Proveito, Sta Sophia do Leal, Bulhão, Torrinha, S. João, da Fonseca, Provella, Vinhas no Monte Gordo, Serralheira, Ginja, Bacello do Pontevel, Vinhas na Pedra Furada, Vinhas no Barrão, Rapada, Confeiteira; e os moinhos de Alberto Affonso, e da Boa Vista.

P...	C..........	950	
	A..........	1116	
	E. P.......	1117..............	3530
	E. C...........................		3783

Menciona Carv.º uma egreja junto á matriz, fundada pelos irmãos da ordem terceira de S. Francisco, e as ermi-

das de Nossa Senhora dos Remedios, Nossa Senhora das Mercês, Nossa Senhora do Desterro, S.ta Sophia, S.to Amaro, e S. Sebastião.

É abundante de trigo, cevada, milho, legumes, hortaliças, frutas e entre estas damascos, alperches e pecegos saborosissimos, azeite, vinho, gado, caça e peixe, especialisando-se os camarões por terem os que ali se pescam grandeza e sabor especial.

Tem abundancia d'aguas; um bom chafariz e mais algumas fontes.

A estação do C. de ferro do N. denominada de V.ª Franca é mesmo na V.ª, da parte do oriente, é a 7.ª da linha de Lisboa ao Porto.

Tem este concelho:

Superficie, em hectares	19481
População, habitantes	12052
Freguezias, segundo a *E. C.*	9
Predios, inscriptos na matriz	6383

Tem estação telegraphica.

Tem duas feiras annuaes de 3 dias cada uma; começando a primeira no 3.º domingo de maio e a segunda no 1.º domingo de outubro, esta é franca.

A primeira gente que povoou este L. foram inglezes dos que vieram ajudar D. Affonso Henriques na tomada de Lisboa, os quaes lhe pozeram o nome de Cornualha (diz Carv.º) em memoria da provincia ou condado d'onde eram naturaes (Cornwall).

Depois se chamou V.ª Franca pelas muitas franquezas e privilegios que os nossos primeiros soberanos lhe concederam, no respectivo foral, ou foraes, pois ignoramos quantos teve até ao de el-rei D. Manuel, que é de 1510.

Eram alcaides móres de V.ª Franca de Xira os C. de Pombeiro como representantes da casa de Bellas.

O brazão d'armas da V.ª é o dos mesmos C. de Pombeiro: leão rompente, de ouro, em campo branco.

Não vem no livro dos brazões da Torre do Tombo.

OBSERVAÇÕES E CORRECÇÕES
A FAZER NA MATERIA CONTIDA NO PRESENTE VOLUME

DISTRICTO ADMINISTRATIVO DE SANTAREM

CONCELHO DE FERREIRA DO ZEZERE

A descripção da V.ª de Ferreira do Zezere (pag. 215), vae antes da descripção da F. da Egreja Nova do Sobral (pag. 217) por seguirmos a ordem numerica da *E. C.* de 1864, onde esta ultima vem escripta *Igreja Nova do Sobral;* alterando assim a rigorosa ordem alphabetica para nos conformarmos á orthographia adoptada na typographia da Academia Real das Sciencias.

CONCELHO DE THOMAR

Foram omittidos na descripção da actual F. de Nossa Senhora da Assumpção, da V.ª de Thomar (pag. 292), os log.es, casaes e q.tas que á mesma F. pertencem segundo a *E. P.*, e são:

Log.es—Meijoelho, Carrascal, Val de Donas;—casaes e q.tas—Atalaia, Val de Pereiro, Gandra, Juncaes, Cabeças,

Casal do Marmello, Casal das Varandas, Figueiredo, Estrada Real, Adro de S.ta Maria, Bacellos, Alvito de Baixo, Alvito de Cima, Casal da Segurança, Casaes das Fontainhas, Casal da Laranjeira, Cimo das Calçadas, Casal do Castilho, S.ta Cruz, Barreiro, Palaceiros, Casal dos Mattos, Val Bom, S.ta Martha, Marmelaes, Quintas nas Avessadas, Corredoura do Mestre, Palhavã.

DISTRICTO ADMINISTRATIVO DE LISBOA

CONCELHO DE BELEM

Na descripção da F. de Belem (pag. 417) dissemos, seguindo o *D. C.*, ter sido elevado o L. de Belem a cab.a do conc.o de Belem por carta de lei de 5 de agosto de 1854, quando foi por decreto de 11 de setembro de 1852.

CONCELHO DE CINTRA

Na descripção da V.a de Cintra (pag. 471) mencionámos no palacio real da V.a, seguindo o *D. C.*, a sala dos *crimes*, quando deveriamos dizer sala dos *cysnes*.

CONCELHO DE LISBOA

Na descripção de Lisboa, F. da Pena (pag. 535) mencionámos como existente ainda no mesmo local o recolhimento de **Nossa Senhora da Encarnação e Carmo**, o qual já foi ext.o e entregue o edificio á administração do hospital de Rilhafolles, dependencia do hospital real de S. José.

Na descripção da dita cidade, fallando do largo das Ne-

cessidades (pag. 629) mencionámos ali um chafariz que foi transferido para a praça de Alcantara, ficando sómente no dito largo um elegante obelisco: e tratando dos chafarizes (pag. 638) enumerámos egualmente o das Necessidades, que deveriamos chamar da praça de Alcantara.

FIM DO VOLUME IV

ERRATAS

PAG.	LIN.	ERROS	EMENDAS
11	1	lado mar	lado do mar
33	9	7300	7299
36	14 15	Barroquiquinhas	Barroquinhas
»	»	Carvarvalhas	Carvalhas
58	5	e não o conv.º	e não do conv.º
82	35	38307	37726
83	3	179705	178497
»	5	117	116
85	34	sua Costa	Sua Costa
91	14	Monratos	Mouratos
92	8	*do S. Pedro*	*de S. Pedro*
»	nota	advert os	advertiremos
98	29	L. Famões	L. de Famões
107	37	Rela	Real
125	29	7324	6324
129	6	queiraram	queimaram
136	6	porte	parte
139	9	26910	26374
155	12	Aboreira	Aboboreira
162	5 6	*Tabuccie Ad Fraxinum*	*Tabucci* e *Ad Fraxinum*
164	8	casa	coisa
179	28	a escudo	escudo
180	6	1749	1759
183	9	de uma	da
239	21	Iunco	Junco
244	18	$4\ ^1/_2$	$4\ ^1/_2{}^{i}$
287	35	Casal das Abobereiras Pelmos	Casal das Abobereiras, Pelmos
289	15 16	Corvaceiras (ou Curvaceiras), Pequenas	Corvaceiras (ou Curvaceiras) Pequenas,
290	22	1	2

PAG.	LIN.	ERROS	EMENDAS
300	17	Dista Torres Novas	Dista de Torres Novas
368	28	a dito	o dito
372	29	Riba fria-	Riba-fria,
377	16	Annexa	annexa
390	14	Matto Martinacha,	Matto, Martinacha,
394	33 34	de uma	da
397	18	Perdõe-me	Perdoe-me
399	10 11	N. N.) O.	N. N. O.
400	29	do	ao
417	15	além do	no ant.º
484	14 15	Serodios Loizal,	Serodios, Loizal,
»	»	Novo	Nova
489	8	para F.	para
507	18	achada	achado
533	13	1^k	$1\ {}^1/_2{}^k$
568	1	a ant.ª	e a ant.ª
581	3	contral	central
610	21	alguns negam.	alguns o negam.
629	14	das Amoreiras a N. N. F. a rua	das Amoreiras; a N. N. O. a rua
644	34	abrange	que abrange
646	12	de *Minerva* o *Neptuno*	de *Minerva* e *Neptuno*
647	11	official de artilheria	official superior de artilheria
649	27	de nobres	dos nobres
672	3	se mudaram	se mudou
684	19	Novo	Nova
686	29	dos quaes menciona	dos quaes não menciona
690	7	ao de Mafra duas leguas para N. N. E.	ao de Mafra.
»	16	Bandolhoira	Bandalhoeira
692	9	além da V.ª que o *D. C.* chama V.ª ext.ª, os logares de Cheleiros com 110 fogos	além da V.ª (que o *D. C.* chama V.ª ext.ª) com 110 fogos, os log.es de
698	10 11	Porot das Barras	Porto das Barras
719	2	(u)	(n)
720	22	freguezia	freguezias
728	10	Arpee	Arpeo
734	35	reedificada em 1579	reedificada em 1599

